

GAUDIUM SCIENDI



**NÚMERO 22
DEZEMBRO 2022**

ISSN 2182-7605

**Imagem da capa *A Porta*
Ana Mandillo, 2012**

Sumário

Capa	1-2
Sumário	3-6
MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES. PERFIL DE UMA AMIZADE Luísa Leal Faria	7-22
EDITORIAL Maria Laura Bettencourt Pires	23-26
NOTA DE ABERTURA Ana Costa Lopes Marília dos Santos Lopes	27-28
ACERCA DA MINHA MÃE Maria Alexandre Bettencourt Pires	29-56
Galeria de Fotografias	57-68
Artigos	69-70
THINGS THEY SAID YESTERDAY Miguel Alarcão	71-80
A AUTOBIOGRAFIA AMERICANA COMO TESTEMUNHO E CAUÇÃO DE CIDADANIA Teresa Alves	81-96
ORPHEUS AND EURYDICE REVISITED Gerald Bär	97-108
OS SEKERU-ANKH NO ANTIGO EGÍPTO. PROVENIÊNCIA, TIPOS E FUNÇÕES. - IMPÉRIO ANTIGO E IMPÉRIO MÉDIO José das Sales Candeias	109-130
GO WEST, EVER-YOUNG HUMANITIES	131-148

Teresa Cid

O PAPEL DOS PUZZLES NA NARRATIVA DOS JOGOS DE AVENTURA 149-172

João Sottomayor Fernandes

UM PREFÁCIO INESQUECÍVEL DE MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES 173-178

Pedro Carlos Louzada Fonseca

PEARL: O SIMBOLISMO DA PÉROLA 179-201

Francisca Fonte, Inês Andrade, Irine Semenishcheva

TENDÊNCIAS PROGRESSISTAS E CONSERVADORAS NA IMPRENSA PERIÓDICA 202-222

FEMININA PORTUGUESA DE OITOCENTOS

Ana Costa Lopes

VIAGENS EM CASA. PERCURSOS CONTEMPORÂNEOS 223-237

Marília dos Santos Lopes

A APLICAÇÃO DA JUSTIÇA AO LONGO DA HISTÓRIA. BREVE APONTAMENTO 238-249

Aurora Martins Madaleno

WHEN CHILDREN OF WAR FIGHT FOR THE PAST: MEDIATIONS OF THE 250-259

PORTUGUESE COLONIAL WAR MEMORIES

Adriana Martins

A HARMONIA, O EQUILÍBRIO, A SAÚDE E O BEM-ESTAR 260-270

João Moreira

CAMOENS DE HENRY ST. GEORGE TUCKER – UMA TRAGÉDIA À MEDIDA 271-290

Vitor Oliveira

PORTUGUESE WOMEN PARA-TROOP NURSES (1961-1980) 291-316

Américo Pereira

A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA LITERATURA PARA A INFÂNCIA NA ACADEMIA: UM CONTRIBUTO CENTRAL E CORDIAL DE MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES Cláudia Sousa Pereira	317-328
ENCERRAR” E “DESENCERRAR” OU A ARTE DA CAPEIA EM “UMA CORRIDA DE TOIROS NO SABUGAL”, DE ABEL BOTELHO (1854-1917) Margarida Esperança Pina	329-338
BALLOONS OVER THE VOLCANO: ECOCRITICISM, VENGEFUL NATURE AND APOCALYPTIC ANXIETIES Iolanda Freitas Ramos	339-352
REPRESENTAÇÃO TRANSNACIONAL DE «SÍMBOLOS DE PERTENÇA» EM CONTEXTO MIGRATÓRIO Maria Beatriz Rocha-Trindade	353-378
PARA UMA MUSEOLOGIA DA RELIGIÃO. ANÁLISE DA CARTA-CIRCULAR “A FUNÇÃO PASTORAL DOS MUSEUS ECLESIASTICOS” VINTE ANOS DEPOIS Maria Isabel Roque	379-406
NOTAS SOBRE A GRAVAÇÃO TÉCNICA DO SOM Rogério Santos	407-412
REMARKABLE CREATURES: FICTIONALISING THE ROLE OF WOMEN IN THE ADVANCEMENT OF EARLY-NINETEENTH-CENTURY SCIENCE Gabriela Terenas	413-432
TASTE IT!: PROVAR O MUNDO. (A PROPÓSITO DA VIAGEM DE MAGALHÃES E ELCANO) Inês Espada Vieira	433-434
TESTEMUNHOS E POEMAS	435-436
Ana Costa Lopes e Marília dos Santos Lopes	437-438

Ana Margarida Abrantes	439-442
Edward Loony	443-444
Ivette Centeno	445-448
Manuel Carmo Ferreira	449-450
Maria da Glória Garcia	451-452
Peter Hanenberg	453-454
Alexandra Lopes	455-456
Aurora Martins Madaleno	457-458
Nelson Ribeiro	459-460
José Miguel Sardica	461-462
Informações	465-466
Normas	467-468
Conselho Editorial	469-470
Conselho Consultivo	471-472
Conselho Avaliação	473-474
SEPARATA ABOUT US	475-476
Rules for Publication	479-480
Editorial Board	481-482
Advisory Board	483-484
Blind Peer Review	485

As humanidades estão mais pobres com o falecimento de Maria Laura Bettencourt Pires. Uma mulher suave, apaixonada pela cultura americana e que inspirou gerações de estudantes em três instituições de ensino superior de Lisboa. A Maria Laura conciliava uma generosidade sem limites a uma curiosidade sempre disponível para o diferente e para a inovação. Sentíamos-lhe a melancolia pelo muito que haveria a aprender. Definia-a uma palavra muito rica: professora. Soube sempre que professor é aquele que sente a sua função como privilégio e não como posição ou emprego. Não lhe digo adeus, mas farewell!

Isabel Capelo Gil, Reitora da UCP
Diário de Notícias, 22 de Junho de 2022

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES

Perfil de uma amizade

1 - Conheci a Laura em 1987, por alturas das minhas provas de doutoramento, pedidas no ano anterior à Universidade de Lisboa, através da Faculdade de Letras. Entre a entrega da tese, a nomeação do júri e a marcação das provas poderiam decorrer largos meses, o que aconteceu comigo. E, também no meu caso, o processo arrastou-se porque, após a entrega da tese fui aconselhada a não pedir dispensa das provas complementares. A minha classificação final na tese de licenciatura permitir-me-ia fazê-lo, mas decidi seguir a orientação de quem sempre fora de bom conselho, e preparar, em três meses, uma “mini-tese”, nome por que ficou conhecido o “Estudo Complementar”, um dos três modelos possíveis adoptados para a prova complementar. Estando a minha tese inscrita na recém-criada e muito polémica área de “Cultura Inglesa” a prova complementar teria que se inscrever em área científica afim – não na mesma. A tese, que demorara anos a fazer, incidia sobre a obra de Thomas Carlyle (“Cultura Inglesa”), e a mini-tese sobre as “short stories” de E. M. Forster (Literatura Inglesa). Ao fazer-se a constituição do júri, a Laura, que se tinha doutorado em 1985 em Estudos Anglo-Portugueses pela Universidade Nova, foi convidada a arguir a tese de doutoramento.

Com a amabilidade com que é unanimemente caracterizada, contactou-me, e falou-me em documentação carlyleana depositada em bibliotecas dos Estados Unidos, que me poderia facultar em fotocópia. Não me recordo ao certo quando esse primeiro contacto foi feito, mas de certeza que em nada feriu a ética académica. A tese estava seguramente entregue e a nova documentação em nada a poderia modificar. O que recordo, com carinho, destes primeiros contactos foi a generosidade e a disponibilidade da Professora Maria Laura Bettencourt Pires, com quem eu fazia imensa cerimónia, e me surpreendia sempre por me tratar com uma proximidade afectuosa que eu achava que não merecia. Depois do doutoramento começaram a surgir cada vez mais ocasiões em que o meu percurso académico se cruzava com o da Laura. De Professora Maria Laura Pires passei a dirigir-me e a referir-me a ela por Maria Laura e, mais tarde, Laura, simplesmente.

Os cruzamentos e aproximações aconteciam principalmente em torno de eventos académicos, como júris de mestrado e de doutoramento ou conferências, mas a Laura gostava imenso de cobrir de mimos as amigas, e convidava-me muitas vezes para tomar chá com ela, em lugares muito acolhedores, perto da zona em que ambas vivíamos, em ruas diferentes, mas muito próximas. Não me recordo, infelizmente, de muitas dessas conversas, mas algumas coisas ficaram na minha memória. Uma delas, o seu entusiasmo pelos computadores portáteis, quando apareceram. Dizia-me que não havia nada melhor do que poder estar confortavelmente sentada no sofá da sala, perto do marido, o Hugo, com o computador ao colo, sem precisar de interromper o trabalho para estar, ao mesmo tempo, em família. A ela devo a inspiração para a aquisição do meu primeiro computador, um portátil Bondwell, ainda nos anos oitenta. E nunca mais quis outra coisa.

Além dos chás, a Laura adorava dar flores, e não têm conta os bouquets maravilhosos, ou os vasos de flores frescas, que me mandava no dia dos meus anos, ou quando queria assinalar algum acontecimento académico importante para mim, como ser aprovada em concursos ou quando fiz as provas de agregação, em 2004. Além das flores ou pequenas lembranças alusivas às actividades académicas, tinha um procedimento muito próprio para o envio de mensagens por email: eram acompanhadas por ilustrações, o que tornava às vezes os documentos tão pesados que eu não os conseguia abrir.

A Laura integrou vários dos meus júris de concurso ou provas. Na verdade, do ponto de vista dos interesses de investigação, partilhávamos alguns temas e autores, sobretudo no vasto âmbito dos “Estudos de Cultura”. Recordo, com saudades, os contactos com o Prof. Ian Campbell, que a Laura conheceu no curso das suas investigações sobre Robert Louis Stevenson e que eu conheceu como especialista de Carlyle e Presidente da Carlyle Society. Campbell era um entusiasta dos eléctricos de Lisboa, colecionava miniaturas e toda a informação possível sobre este meio de transporte público. Veio a Lisboa pelo menos uma vez, para fazer uma conferência no âmbito do Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa, em que eu coordenava uma linha de investigação em Estudos de Cultura. Ficou instalado num hotel no Campo Grande, onde sofreu um acidente: escorregou, caiu nas escadas do hotel, e teve que ser hospitalizado. Foi a Laura quem o socorreu, quem lhe deu o apoio necessário no que foi um acontecimento traumático para Ian Campbell. Recordo a genuína preocupação da Laura, os seus incansáveis esforços para resolver os problemas práticos do regresso a Edimburgo, o acompanhamento da situação até ao restabelecimento.

O interesse comum pelos Estudos de Cultura foi uma das razões que levaram ao convite que me foi feito pela Professora Isabel Casanova, então subdirectora da Faculdade de Ciências Humanas da UCP, para fazer a apresentação pública do livro da Maria Laura *Teorias da Cultura*, publicado pela Universidade Católica Editora, em 17 de Novembro de 2004. Penso que essa obra representa muito do pensamento e do estilo de comunicação científica da Laura, pelo que reproduzo, no final desta introdução, o texto que então preparei. No meu exemplar a Laura inscreveu uma dedicatória manuscrita, na sua bela letra, grande e muito bem proporcionada: “When true friends meet in adverse hour. ‘Tis like a sunbeam through a shower. Uso palavras de Scott para dizer o que penso. Um beijinho da Maria Laura.”

2. As actividades académicas da Laura foram descritas com grande clareza e rigor por Mário Avelar, no Preâmbulo do volume por ele coordenado, publicado por ocasião da jubilação, em 2002, da Professora Maria Laura Pires. Intitulado *Viagens pela Palavra: Maria Laura Bettencourt Pires. Miscelânea de Homenagem*, Universidade Aberta, 2005, o volume reuniu então cerca de 24 artigos, de diferentes professores e investigadores,

reflectindo os variados interesses científicos desenvolvidos pela Laura até esse momento. Mas a sua actividade académica estava longe de ter terminado.

Em 2004 iniciei funções como Vice-reitora da Universidade Católica e acompanhei de perto a Faculdade de Ciências Humanas onde a Laura começara a leccionar, por volta do ano de 2001. Também nesse ano fora admitida como membro da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa. Acompanhei, igualmente, as actividades do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, onde a Laura foi investigadora e coordenadora de algumas linhas de investigação. Recordo-me que ela nunca faltava às reuniões de investigadores e, não obstante a sua senioridade e indiscutível prestígio, tomava o seu lugar entre os investigadores, com a maior naturalidade simplicidade.

Através da Universidade Católica Editora publicou, em 2007, na série Campus do Saber, o livro *Ensino Superior: Da ruptura à inovação*. Em 2009, com Vítor Amaral de Oliveira, coordenou a publicação de *Nova lorque: de Topos a Utopos*, resultado de um projecto de investigação do CECC. Na minha abundante troca de correspondência por email com a Maria Laura, de que tenho registos desde 2007, encontram-se alguns dos seus projectos de publicações. Sendo eu responsável pela Universidade Católica Editora, tais projectos passavam por mim. Em 26 de Maio de 2008 escreveu-me referindo: “(...) tenho material para uma publicação que se poderia integrar na colecção Investigação (Ciências Sociais e Humanas ou Nunc) ou noutra. Trata-se do tema dos intelectuais públicos que tenho vindo a investigar há já algum tempo com ênfase especial sobre as mulheres intelectuais no século XX, como Martha Nussbaum ou Mary McCarthy (sobre a qual apresentei uma conferência na última reunião da APEAA em Aveiro).”

Devo ter respondido imediatamente, porque, no dia seguinte, uma nova mensagem da Laura apresentava já os contornos de um livro que iria incidir principalmente sobre as “intelectuais públicas portuguesas”. Ao longo desse ano e do ano seguinte, foram várias as mensagens da Laura em que me falava no progresso do trabalho, intercalado com inúmeras outras actividades académicas – conferências, viagens ao estrangeiro, convites para colaboração em diversas universidades nos Estados Unidos e no Reino Unido – assim como com algumas preocupações com a saúde de membros da sua família, mas também a alegria de ter celebrado, em Junho de 2008, em Oxford, o doutoramento da sua filha. Em meados de 2010 faltava apenas decidir quem escreveria

o prefácio, o que seria concretizado pela Ana Vicente. A 12 de Novembro de 2011 foi feito o lançamento do livro *Intelectuais Públicas Portuguesas: as musas inquietantes*, que também tive o gosto de apresentar. A temática das intelectuais públicas relacionava-se com o projecto "Cultural Wars, Public Intellectuals and the Making of Citizenship", em que a Laura participava, no contexto da linha de investigação Cultura e Conflito, do CECC. Neste âmbito coordenou, com Helena Gonçalves da Silva e Inês Espada Vieira *Intellectual Topographies and the Making of Citizenship*, também publicado pela Universidade Católica Editora em 2011.

Ainda no quadro das actividades do CECC organizou, em 2012, o colóquio Re-contextualizing Science in a Humanistic Perspective, inscrito no projecto de investigação que coordenava, intitulado Epistemological Theories - Ways of Seeing the World, de que resultou a publicação, também pela universidade Católica Editora, em 2013, do volume *As Humanidades e as Ciências: Dois modos de ver o mundo*, que organizou em conjunto com a sua filha, Maria Alexandre Bettencourt Pires.

3 – Em 2011 abraçou um novo projecto: o lançamento de uma revista electrónica, que situou no contexto da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa de que era então Presidente o Professor Manuel José do Carmo Ferreira. No da *Gaudium Sciendi* que agora publicamos, as palavras do Prof. Carmo Ferreira, no seu "Testemunho", evocam o desenho deste projecto, que a Laura concretizou em Março de 2012, com a publicação do primeiro volume da Revista.

Também a este propósito encontrei um grande número de mensagens da Laura para mim, sendo a primeira datada de 03-06-2011, em que me informava ter sido "nomeada Directora da recém-criada Revista On-Line da Sociedade Científica." No dia 16 do mesmo mês, já depois de uma conversa presencial, a Laura escreveu-me uma longa mensagem, onde referia que tinha proposto, para título da publicação, *Meliora*. Enviava-me, também, as linhas gerais de apresentação da revista, que manteve aos longo dos anos, e que transcrevo:

"A revista on-line da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa está acessível electronicamente no site da Sociedade e publica artigos relativos a um amplo leque de temas, tais como religião, artes, humanidades, medicina, música e direito. A

Direcção convida os colaboradores a enviarem textos baseados em investigações realizadas recentemente assim como contribuições de natureza mais analítica ou reflexiva. A Revista compromete-se a publicar não apenas originais com os mais altos níveis de erudição como também a incluir em todos os números matérias que sejam de interesse e utilidade para um público mais vasto. Alguns dos números da Revista poderão ser dedicados a um único tema, sendo nesse caso convidados a participar reconhecidos especialistas na matéria, tanto no mundo académico nacional como internacional.

Cada número da Revista incluirá:

∅ Um artigo de fundo

∅ Debates abertos sobre vários temas, tais como: Eutanásia, As mulheres e a Igreja, a As duas culturas: as humanidades e as ciências exactas, Fé e a Ciência, O acordo ortográfico, As indústrias culturais, A mística do microscópio electrónico.

∅ Recensões críticas

∅ Comentários dos leitores

∅ Biblioteca on-line. Esta secção da Revista funcionará como um arquivo onde se poderão consultar electronicamente números de outras revistas que já não estejam à venda.”

Depois de várias mensagens e reuniões com a Laura sobre outros assuntos, designadamente um projecto de intercâmbio com a East Michigan University, começaram a circular por correio electrónico as mensagens com pedidos de colaboração para o primeiro número da revista que, entretanto, adoptara o título de *Gaudium Sciendi*. No Editorial do nº 1, a Laura explica, em pormenor, o significado deste título. Depois, encontro no meu email, com regularidade, as circulares com pedido de colaboração para o nº 2, em que colaborei com um artigo, bem como as muitas referências a um simpósio organizado pela Sociedade Científica em 2012 sob o tema “A Transversalidade Linguístico-Cultural da Bíblia”, cujas comunicações vieram a constituir o nº 3, apresentado como número temático. E foi apenas o princípio.

Ao percorrer o conjunto dos volumes publicados desde o início, podemos verificar a regularidade das publicações semestrais, não tendo nunca falhado nenhuma ao longo dos dez anos em que a revista foi publicada. Podemos, igualmente, constatar o forte cunho pessoal da Directora, Professora Maria Laura Bettencourt Pires, autora de todos os Editoriais, do *lay-out*, marcado por ilustrações ou diferentes texturas de fundo, bem como de muitos artigos em diversos números.

Quando, em 2016, substituí o Professor Carmo Ferreira na Direcção da Sociedade Científica, o estado de saúde da Laura era preocupante. Em mensagens trocadas ao longo do mês de Abril, fui tendo notícias da gravidade da situação e das dificuldades de recuperação. Também através de mensagens por email e de telefonemas, a Laura foi-me falando sobre a publicação do volume nº 10, que já estava em preparação, e que foi divulgado na net em finais de Julho. Várias vezes tentámos combinar um encontro presencial para trocarmos impressões sobre a Revista, que eu gostaria de ver mais articulada com os projectos da Sociedade Científica. Mas, por uma razão ou por outra, apenas conseguimos concretizar a projectada conversa no Dia da Universidade de 2017, a 3 de Fevereiro. Entretanto, o nº 11 da Revista fora já publicado em Janeiro.

Foi uma conversa muito cordial e muito delicada, em que a Laura evidenciou os dois traços de personalidade que Manuel José do Carmo Ferreira tão bem definiu: “uma firmeza suave e uma persistência serena, marcantes no trato pessoal e na condução do seu trabalho editorial, a que se associava um carácter extremamente escrupoloso, solícito no atendimento das pessoas, meticoloso nas decisões a tomar e respeitador das instituições em que se inscrevia a sua actividade.” No final ficou para mim claro que a Laura não iria modificar em nada o perfil da revista ou as práticas editoriais que vinha seguindo desde 2012. E assim continuou a vida da revista, com total autonomia em relação à Direcção da Sociedade Científica. A cada novo número, com amabilidade desarmante, a Laura escrevia-me, convidando-me a responder a uma entrevista e/ou a colaborar com um artigo. Não veio a acontecer. Enviava-me, também, o Editorial, de sua autoria, através do qual eu tomava conhecimento das linhas gerais do conteúdo da Revista antes da publicação *on line*.

4 – No dia 9 de Março de 2017, recebi uma mensagem da Laura dando-me conhecimento de que tinha sido informada pela Comissão Fulbright de que o seu nome

iria ser proposto para substituir o do Professor João Lobo Antunes na presidência dos Fulbrighters de Portugal. Em 22 de Abril, outra mensagem da Laura informava-me de que tinha sido de novo operada, e que tinha sido convidada para “integrar o Conselho Consultivo de um Projecto da Unesco de criação de uma cátedra intitulada EDUCATING FOR GLOBAL PEACE SUSTAINABILITY”. O convite fora aceite com muita alegria, e a Laura pedia a Deus que lhe desse forças para colaborar condignamente.

A 19 de Abril de 2018 enviava, através da Sociedade Científica, uma chamada para colaboração destinada a um número temático da *Gaudium Sciendi* dedicado ao Programa Fulbright. O volume da revista não se concretizou, mas a Laura publicou, como coordenadora, através das edições Colibri, um volume comemorativo intitulado *Programa Fulbright*, em Março de 2019. Em Abril de 2021 enviava-me o convite para a Conferência "A Relação de Portugal com o Mundo", a primeira do 3º Ciclo de Conferências Fulbright", que organizara nesse ano em Fulbrighters Portugal- Alumni Association. Em Junho organizava "Enfrentar a Emergência Climática num Mundo Urbano: o Papel dos Cidadãos", a 4ª Fulbrighters Portugal Alumni Conference Series, 2021.

No dia 4 de Dezembro de 2021 enviou-me o *flyer* anunciando a 1ª conferência do 4º Ciclo de conferências Fulbright que organizara para 2022, bem como o Programa de todo o ciclo. Este, desdobrava-se em oito conferências, começando no dia 21 de Dezembro de 2021, e encerrando no dia 21 de Junho de 2022, sendo esta última conferência moderada por ela. Enviou-me, em Janeiro, o anúncio da conferência Fulbright “Medicina em Contexto Pandémico”.

As últimas mensagens que trocámos incidiram sobre a *Gaudium Sciendi*: a publicação do nº 21 e o desejo da Laura de celebrar os 10 anos de vida da revista através do nº 22, que preparava para publicação em Junho de 2022. A última mensagem que guardo, datada de 15 de Março de 2022, diz:

“Querida Luísa

Tenho o gosto de a informar que a revista *Gaudium Sciendi* faz este ano 10 anos pois o 1º número foi publicado em Março de 2012. Na minha qualidade de Directora, ficaria muito honrada se a nossa Presidente nos desse a honra de escrever um pequeno texto

a propósito dessa celebração. O número 22 da revista vai ser publicado em Junho de 2022.

Envio um amigo e saudoso abraço

Laura”

O seu falecimento, no dia 20 de Junho de 2022, veio interromper os projectos pelos quais se bateu até ao último dia. Mas o número 22 é agora publicado, consideravelmente expandido para incluir as colaborações de amigas e amigos da Laura, que quiseram, connosco, prestar-lhe uma justíssima homenagem.

Rest in peace.

Luisa Leal de Faria

APRESENTAÇÃO do LIVRO

TEORIAS DA CULTURA de Maria Laura Pires

Por Luísa Leal de Faria

(Universidade Católica, 17 de Novembro de 2004)

O primeiro aspecto a mencionar na apresentação deste livro é o facto de a autora se lhe referir como um "manual". Em meu entender é muito mais do que um manual, como espero vir a demonstrar ao longo desta apreciação — é também uma obra de reflexão sobre o estado da questão da teoria cultural. Mas, porque tem em vista sempre o aspecto instrumental que os manuais devem conter, oscila entre a apresentação, que quer descritiva, e o comentário que é, necessariamente crítico. A autora equilibra as duas perspectivas num texto riquíssimo de informação e, ao mesmo tempo, repassado por um sentido crítico que se revela de várias formas — umas vezes explicitamente, outras apenas implicitamente, nas entrelinhas, nas escolhas selectivas, nas omissões deliberadas.

A obra *Teorias da Cultura*¹ pode, a meu ver, ser lida em vários planos, e ser apreciada a vários níveis. Como "manual", cumpre cabalmente os objectivos que se propõe: ser um "guia acessível, explícito e actual para a realização de uma análise das mudanças de significados inerentes a um estudo alargado das Teorias da Cultura e das grandes questões debatidas em estudos culturais e disciplinas afins" (15). Mas, porque o território das teorias da cultura que se pretende cartografar, é de vastidão e complexidade impossíveis de fazer conter num volume, a Professora Maria Laura Pires reconhece ser "ambição irrealista tentar cobrir todos os aspectos e tópicos" e por isso procede a selecções que determinam quer a dimensão temporal, quer as teorias e os autores que irá privilegiar. Ao fazer estas escolhas, não raro situadas em territórios de ambiguidade, entre fronteiras disciplinares fluidas e imprecisas, a autora encontra-se, afinal, não num espaço de síntese e sistematização do conhecido, como aconteceria se estivesse a escrever um Manual de Teoria da Literatura, por exemplo, mas diante do que chama "uma ciência jovem", que "necessita de definir o seu objecto teórico e de produzir a respectiva metalinguagem por precisar de clarificação", o que transforma este Manual também num "texto de reflexão sobre esta matéria" (16). E aqui que, a meu ver,

¹ Maria Laura Bettencourt Pires, *Teorias da Cultura*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2004. As indicações numéricas entre parêntesis ao longo do texto reportam-se à paginação deste texto.

reside o seu aspecto inovador, aquele que transporta o Manual para um plano crítico que os seus utilizadores menos informados poderão não apreender, nem precisarão, mas que está subjacente, como uma trama imensa e complexa de saberes, que sustenta o desenho de contornos nítidos que emerge com uma simplicidade só aparente ao longo dos capítulos da obra.

Mas vejamos, então, que problemas, de natureza teórica e prática, a autora enfrentou e de que modo os resolveu, para depois podermos apreciar a estrutura do livro e conhecer um pouco do seu conteúdo.

Em primeiro lugar, a cultura não é um objecto de análise limitado, sobre o qual existe consenso. Qualquer discussão do conceito de cultura requer uma apreensão diacrónica dos vários significados que a palavra tem tido ao longo do tempo, dos significados que tem tido em línguas diferentes, bem como a apreciação sincrónica das suas afinidades transversais com muitos outros conceitos, como o de sociedade, de política, de arte, entre tantos outros. Além disso, as aproximações teóricas empreendidas desde há cerca de 150 anos ao conceito de cultura parecem apostadas em obscurecer o seu significado, em vez de o esclarecer, pelo menos no que diz respeito ao universo de língua inglesa: cultura de elite, cultura de massas, cultura popular, subcultura, multiculturalismo, são termos que se acotovelam para reclamar territórios de legitimidade para a análise da cultura, querendo cada um excluir todos os outros. Por isso, a análise da cultura é um campo polémico, onde, nas últimas décadas, se têm travado batalhas verbais, muitas vezes repassadas de acrimónia, onde o politicamente correcto reclama estatuto de verdade e impõe permanentes revisões ao adquirido. A teoria da cultura é, por isso, instável e também não é inocente.

Além da instabilidade intrínseca, a "cultura" como objecto de análise não pode, facilmente, isolar-se de disciplinas já estruturadas em teorias amadurecidas ao longo de décadas. A cultura reside na literatura, na sociologia, na filosofia, nas artes, na política, na economia, no direito, nas tecnologias - é transdisciplinar, o que leva alguns a desvalorizá-la como objecto de estudo, por entenderem que os estudos de cultura, a existirem, devem proceder dentro das disciplinas tradicionais. Outros, ao invés, reconhecem que o estudo da "cultura" tem vindo a autonomizar-se, tem, como todas as disciplinas em formação, começado a reunir um acervo de estudos sem dúvida diferenciados, polémicos, porosos — mas estudos que têm contribuído decisivamente para interpelar o mundo contemporâneo com um conjunto de instrumentos de análise e crítica que têm vindo a abrir novas e fecundas perspectivas para melhor

compreendermos as mudanças radicais ocorridas no mundo nas últimas décadas e imprimir revisões e reapreciações à cultura de épocas passadas.

A fim de começar a fazer a demarcação possível deste território em formação, o livro *Teorias da Cultura* começa, justamente, por discutir o que se entende por "teoria" e por "cultura". Não é possível, nesta apresentação, percorrer todos os argumentos avançados. Mas importa mencionar que a autora se detém na apresentação etimológica dos termos, na contextualização do seu uso sobretudo nas últimas décadas, entrelaçando a dimensão descritiva do acontecido com a dimensão crítica da problematização. Ao falar de "teoria" e de "cultura" a Professora Laura Pires mergulha desde logo o leitor no confronto de ideias, desde a gênese até aos nossos dias, percorrendo, com notável capacidade de síntese, um imenso universo histórico e teórico. No que se refere especificamente ao conceito de cultura, preocupa-se em dotar o leitor de um conjunto de instrumentos de trabalho, fundamentais para a análise da cultura, que vão da definição de categorias à apreciação das diferentes teorias construídas desde finais do século XIX, e às relações da cultura com a História, a Antropologia ou a Tecnologia.

O segundo capítulo do livro é dedicado à discussão da "modernidade". Aqui também não se introduzem rupturas temporais, como se a "cultura" fosse um fenómeno surgido apenas nos últimos séculos ou décadas. De novo a autora procura as raízes das palavras "moderno" e "modernidade", refere as variações no seu uso ao longo do tempo e à luz de diferentes autores e movimentos estéticos e sociais, estabelecendo ainda a diferença entre "moderno" e "modernista". Depois, no terceiro capítulo, discute o "Iluminismo". A um leitor menos avisado, que percorra rapidamente o índice da obra, poderia parecer estranho encontrar o Iluminismo entalado entre a modernidade e a pós-modernidade, objecto de estudo no capítulo seguinte. Mas a modernidade é o grande quadro temporal e conceptual onde o Iluminismo se situa com características paradigmáticas, que irão modificar definitivamente a cultura ocidental. Como os capítulos anteriores, o Iluminismo é tratado no plano do enquadramento histórico e da produção de teoria, que se problematiza com um subcapítulo dedicado à crítica ao Iluminismo.

A pós-modernidade e o pós-modernismo são o objecto do quarto capítulo da obra. Aqui, a autora confronta-nos com a instabilidade e imprecisão dos conceitos, e com a instabilidade da própria época que a pós-modernidade designa. Com imensa segurança, confronta o pensamento de Lyotard e Habermas, comenta as teses de Frederic Jameson e de Anthony Giddens, de Foucault ou de Baudrillard, de Lacan ou de Derrida. Parece-me ser este o capítulo charneira de toda a obra, onde culminam e se perspectivam no presente as considerações

anteriormente desenvolvidas. Procurando a precisão, define a pós-modernidade como um período ao qual corresponde a "construção de uma teoria cultural, social e filosófica recente que desfaz as divisões "cartográficas" da modernidade, que tinham sido artificialmente construídas e legitimadas em discursos e narrativas ideológicas patentes, por exemplo, nas noções de estado-nação, fronteiras nacionais, disciplinas académicas e formas de cultura hierarquizadas. Para iluminar a dinâmica do momento actual, requer-se uma estrutura transdisciplinar e perspectivas múltiplas em que se abandonam as premissas e os procedimentos da teoria moderna e se vai ao encontro das teorias emergentes" (92).

Se, nos capítulos anteriores, a obra evidencia a segurança de um saber eclético estruturado nas matrizes culturais do Ocidente, agora a autora tem que ousar aventurar-se em terras ignotas, por assim dizer. Continuando a usar a metáfora geográfica da cartografia, os novos territórios a explorar são particularmente difíceis, senão mesmo hostis. O objecto de análise, a cultura contemporânea, e a produção de teoria sobre cultura nas últimas décadas estão repassados de contradições, e a proximidade tende a dificultar a objectividade. Mas a Professora Maria Laura Pires confronta as ambiguidades, as contradições, os paradoxos, com uma imensa lucidez, enraizada na segurança com que domina uma extensa bibliografia actual, que problematiza com apurada inteligência, conseguindo reagrupar as partes, ordenar as diferenças, enquadrar as divisões. Obedecendo às mesmas matrizes organizadoras do texto que marcaram os capítulos anteriores, também neste usa a perspectiva histórica para descrever e problematizar os caminhos da pós-modernidade, repensando a racionalidade do iluminismo, a organização dos saberes na modernidade, o surgimento de novas tecnologias, as consequências do relativismo cultural associadas ao questionar da noção de "verdade". No subcapítulo sobre o enquadramento da pós-modernidade, percorre um extenso leque de posições críticas associadas à análise social e económica, desde as que caracterizaram os *New Times*, a sociedade pós-industrial, o capitalismo pós-fordista, ou o capitalismo desorganizado. As rupturas operadas pelo pós-modernismo relativamente aos conceitos modernos e iluministas são apreciadas, bem como as críticas que começam a surgir de vários quadrantes, que vêm lembrar a importância dos referenciais e dos valores de uma cultura multissecular, a cultura ocidental. As expressões do pós-modernismo nas artes — em especial na arquitectura, uma temática muito cara à autora — na literatura, no conhecimento, na ciência, nas novas tecnologias, são outros tantos tópicos abordados no essencial. A síntese final deste capítulo sistematiza as grandes questões e contradições contemporâneas, como a globalização e a insistência na "diferença", o relativismo, o cepticismo e a incerteza, o enfraquecimento da

autoridade social, a valorização da marginalidade, o questionar, afinal, das "grandes narrativas".

Por último, o capítulo quinto apresenta uma síntese do pensamento dos teorizadores mais determinantes na construção das teorias da cultura na pós-modernidade. Ao serem apresentados por ordem alfabética de apelidos, verifica-se que cada entrada, ou "ficha informativa", como a autora lhes chama na Introdução, constitui um subcapítulo autónomo, recheado de informação sobre cada um dos autores: Adorno, Althusser, Bakhtin, Baudrillard, Benjamin, Castells, Derrida, Foucault, Giddens, Gramsci, Guattari e Deleuze, Habermas, Jameson, Lyotard, Oakeshot, Vattimo, Virilio, são as referências a quem a Professora Maria Laura Pires decidiu dar maior proeminência. Relativamente a esta lista, importa referir que ela contempla autores frequentemente mencionados ao longo dos capítulos anteriores, mas nem por sombras esgota um quadro de referências muito mais extenso, que pode ser apreendido, desde logo, no índice remissivo, ou na bibliografia.

Dito isto, não resisto a comentar rapidamente o significado destas escolhas, correndo embora o risco de a minha interpretação não corresponder à intenção da autora. Desde logo, gostaria de acentuar o carácter plural desta selecção: encontramos teóricos alemães, franceses, italianos, ingleses, um espanhol, um americano. Nas referências ao pensamento de cada um, percebemos o entrecruzar de ideias, os diálogos implícitos, as polémicas que percorrem um âmbito não apenas geográfico, mas também temporal extenso, que não se fixa apenas nos anos sessenta/setenta em diante, mas recua aos anos trinta do século XX, e consolida referências feitas ao longo do texto. Nestas escolhas vejo ainda a preocupação de abrir o texto a várias vozes que construíram as principais variantes das teorias da cultura, referenciando as mais estáveis e fecundas, e evitando privilegiar esta ou aquela linha de análise. Aqui, os silêncios são tão reveladores como as afirmações. De uma forma subtil e elegante, ao longo de todo o texto, e neste capítulo de forma mais explícita, a autora evitou o enfeudamento fácil a posições altamente persuasivas, como as de Raymond Williams ou de Stuart Hall (várias vezes mencionados ao longo do texto, mas não destacados na selecção final) que poderiam, no entanto, vir introduzir uma perspectiva redutora por demasiado vinculada a uma "escola", numa obra que se quer "aberta".

O carácter didáctico que o texto se obriga a ter fica elucidado na introdução, à qual regresso para concluir. Se é verdade que me parece que *Teorias da Cultura* é muito mais do que um manual, também é verdade que na ordem imposta aos tópicos tratados, na simetria dos conteúdos apresentados nos quatro primeiros capítulos, no carácter elucidativo da introdução

a cada conceito, no cuidado posto na organização da bibliografia, a autora se preocupou em construir um instrumento de trabalho que, para usar as suas palavras, deverá motivar "os estudantes a refletirem e a debaterem as grandes questões que o tema implica" (19). Não tenho dúvidas de que, com este livro, serão alcançadas as metas descritas pela autora: "ministrar noções essenciais e conhecimentos básicos sobre Teoria da Cultura; ajudar os estudantes a desenvolverem capacidades de pensamento crítico, claro e lógico para interpretar os materiais e a resolverem problemas e elaborarem a sua interpretação pessoal, olhando criticamente para os debates contemporâneos sobre o tema em estudo; apresentar ao leitor um mapa do "território" para estudo tal como ele existe hoje em dia assim como um guia para esse mapa contendo referências aos conceitos e às ideias fundamentais em relação aos seus significados e origens" (id.).

Não tenho dúvidas de que o livro vai cumprir essas metas — como permanente estudante de teorias da cultura, eu já aprendi muito com este livro. Apresentá-lo aqui foi um privilégio que agradeço à Professora Isabel Casanova; mas sobretudo agradeço à Professora Maria Laura Pires por nos ter dado, a todos, um texto de qualidade e rigor, que desbrava caminhos e abre horizontes no novo território das teorias da cultura.



Celebramos este ano o 10^o aniversário da *Gaudium Sciendi*, festejando assim o seu primeiro decénio na qualidade de revista da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa. A revista foi criada em 2012, por sugestão da actual Directora e com o beneplácito do então Presidente da Sociedade Científica, Prof. Doutor Carmo Ferreira, que sempre a patrocinou. Desde então, a *Gaudium Sciendi* tem logrado progressos significativos, podendo-se, nesta área, destacar várias realizações, que contribuíram para cimentar a sua posição como revista universitária de vanguarda em Portugal.

Gaudium Sciendi é uma revista electrónica da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa publicada, desde 2012, com periodicidade semestral e acesso gratuito. Foi concebida para ser lida em formato digital num computador, num *tablet* ou noutro dispositivo móvel. A publicação da *Gaudium Sciendi* através da Internet permite chegar a leitores em todo o mundo. Cria também novas oportunidades, que incluem poder ser lida a qualquer hora e local, tanto em bibliotecas nacionais como estrangeiras. Poderá, obviamente, também - se o leitor assim preferir - ser impressa e encadernada e lida como um livro.

Para assinalar este marco significativo, antes da pandemia, a Direcção da *Gaudium Sciendi*, com a aprovação da Reitora, Prof.^a Doutora Isabel Gil e da actual Presidente da Sociedade Científica, Prof. Doutora Luísa Leal de Faria, tinha planeado um programa visando celebrar as múltiplas acções da primeira década de vida da publicação, reflectindo sobre a sua trajectória e traçando o seu percurso futuro.

A fim de reflectirmos sobre a ideia que tínhamos quando lançámos o 1^o número em Março de 2012 e também sobre o tipo de investigação que gostaríamos de encorajar os

nossos colaboradores a publicarem no futuro, inicialmente, antes do surto epidémico, tínhamos pensado organizar algum tipo de festividade para que convidaríamos os autores que têm vindo a colaborar regularmente com a nossa revista ao longo destes dez anos, durante os quais publicámos artigos “free to read, free to publish”, isto é, de acesso livre, o que, segundo consta, é mais tempo do que muitas outras revistas multidisciplinares.

Na verdade, ao escrever este Editorial, verificámos que, desde 2012, e sendo a revista semestral, publicámos 22 volumes com 315 artigos, cerca de 15 por número, e, o que é mais relevante, fizemo-lo sem que isso implicasse qualquer despesa aos autores.

Segundo o RCAAP¹ a *Gaudium Sciendi* é uma revista electrónica semestral, de acesso livre, publicada pela Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, que aceita contribuições sobre um múltiplo leque de assuntos de diferentes áreas científicas e de investigação. Os artigos são submetidos, anonimamente, ao Conselho de Avaliação, constituído por professores universitários especialistas nos diversos temas (*double-blind peer review*). A revista tem várias secções, tais como Editorial, Artigos, Recensões Bibliográficas, Debates, Críticas, Poesia, Entrevistas e Cartas à Directora.

A *Gaudium Sciendi* pretende ser um instrumento de divulgação dos objectivos e dos valores da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa (SCUCP). Segue uma política editorial que tem também como um dos seus propósitos actuar como um constante vector de promoção do encontro entre investigadores, autores, estudantes e leitores, nos diversos momentos da sua vida científica e de formação académica. Outro dos seus intentos é promover oportunidades para uma reflexão crítica e um diálogo sobre os temas apresentados e proporcionar ocasiões de debate intelectual e de cooperação académica, numa perspectiva interdisciplinar, que contribuam para desenvolver a formação e o interesse pela investigação científica dos seus leitores, sobretudo dos mais jovens. Para atingir essa meta, gostaria de contar com contribuições regulares dos associados das diferentes "Secções" da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, que incluem áreas tão variadas como: Ciências das Artes, Filosofia, Direito, História, Economia,

¹ Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal. O portal RCAAP tem como objectivo a recolha, agregação e indexação dos conteúdos científicos em acesso aberto (ou acesso livre) existentes nos repositórios institucionais das entidades nacionais de ensino superior, e outras organizações de investigação e Desenvolvimento.

Ciências do Ambiente, Literatura e Linguística, Educação, Teologia, Ciências Exactas e Naturais, Ciências Aplicadas e Engenharia, Ciências e Tecnologia da Saúde, Ciências Sociais e Políticas e Ciências da Comunicação e Informação. A revista aceita igualmente - e acolhe com muito gosto - colaborações de académicos de outras instituições, desde que sigam as políticas directivas da *Gaudium Sciendi* e as normas de submissão de artigos.

Outra das missões da *Gaudium Sciendi* é contribuir para manter os seus leitores - quer sejam associados da Sociedade, professores, actuais ou antigos, estudantes ou investigadores da Universidade Católica - ligados à sua *alma mater*. Essa ligação pode fazer-se não apenas através da leitura regular, mas também enviando artigos para a revista ou, de forma mais intervencionista, textos mais breves para as Secções "Debate", "Cartas à Directora" e "Entrevistas".

A revista pretende ainda, dentro das suas possibilidades, contribuir para demonstrar publicamente – através das colaborações que recebe - que todos os que estão associados tanto à Sociedade Científica como à Universidade Católica têm orgulho de pertencer a estas instituições. Ao manter os leitores informados sobre resultados de pesquisas científicas em curso ou sobre o sucesso profissional de antigos alunos ou investigadores, assim como com a publicação de textos relacionados com eventos organizados pela Sociedade Científica e pela Universidade Católica, a *Gaudium Sciendi* pretende também contribuir para demonstrar como ambas as instituições têm influência na academia tanto em Portugal como no estrangeiro.

Para atingir os seus vários objectivos a revista *Gaudium Sciendi* oferece acesso livre e imediato ao seu conteúdo. Segue, assim, o princípio de que disponibilizar gratuitamente a informação científica ao público-leitor lhe proporciona a "alegria do saber", que está, aliás, implícita no seu título e contribui para uma maior democratização do conhecimento. Apesar disso, segue a directiva de privacidade em relação aos endereços e contactos dos autores.

A actividade editorial da revista rege-se por princípios que visam assegurar a liberdade de iniciativa e de cooperação e, por isso, como já referido, a *Gaudium Sciendi* aceita e incentiva a colaboração de todos os membros da Sociedade Científica, assim como a de académicos da Universidade Católica Portuguesa e de outras instituições,

nacionais e estrangeiras, vocacionadas para a investigação, para o ensino e para a cultura, desde que pretendam servir os mesmos objectivos e valores que a norteiam, procurando assim motivar o intercâmbio interinstitucional.

Ao escrever este Editorial, e ao completar uma década de inovação e criatividade, e tendo em consideração o que fizemos nestes dez anos, em que completámos uma década de inovação e criatividade, olhamos com esperança para o futuro e esperamos que os nossos colaboradores continuem a apoiar-nos e a ajudar-nos a construir com sucesso o porvir da nossa revista de forma a que o número dos nossos leitores continue a aumentar, como até agora, assim como a nossa visibilidade nos meios de comunicação social.

Encorajamos, por isso, não só os nossos leitores mas também os colaboradores, a continuarem a enviar-nos originais, que contribuirão para celebrar a longevidade da revista e a dar apoio aqueles que a produzem, a fim de que o futuro da *Gaudium Sciendi* seja, pelo menos, tão bom como o passado, garantindo assim uma publicação científica de qualidade inquestionável, que contribui para a disseminação do conhecimento e da informação, além de incentivar a produção científica e de estabelecer vínculos com organizações congéneres nacionais e internacionais com a finalidade de fortalecer a sua área de actuação.

A Directora da *Gaudium Sciendi*

Maria Laura Bettencourt Pires

NOTA DE ABERTURA

Ana Costa Lopes

Marília dos Santos Lopes

A figura delicada e esguia da Professora Maria Laura Bettencourt Pires escondia uma determinação férrea e a convicção profunda de uma missão em prol do saber. Assim, no ano de 2012, numa iniciativa inovadora propôs levar a cabo na Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa uma revista *online* com programático título de *Gaudium Sciendi*, título acordado e sugerido pelo então Presidente da Sociedade Científica, Prof. Doutor Carmo Ferreira. Conhecida pela sua inesgotável vontade em desenvolver projetos e pelo seu compromisso intelectual e ético, a iniciativa da Professora Maria Laura Bettencourt Pires foi bem acolhida e rapidamente se criou uma rede de autores e colaboradores de diferentes universidades, nacionais e estrangeiras, que a sua diretora soube acolher, estimular e solicitar para a colaboração da revista. Hoje, completando dez anos de existência, e o inicialmente inimaginável número de vinte e um volumes, a *Gaudium Sciendi* tem o seu nome associado à grande persistência, determinação e dedicação de uma estudiosa capaz de fomentar alianças e comunhão pelo saber.

Foi neste folgo de partilha que nos envolveu institucionalmente, a partir do oitavo volume, em julho do ano de 2015, como membros do conselho editorial. Desde a decisão de organizar volumes temáticos ou de teor livre, à busca de autores, passando pela leitura dos textos e sua definitiva formação foram alguns dos pequenos contributos que podemos repartir e partilhar para a feitura desta revista cuja imagem a Professora Maria Laura Bettencourt Pires formou. Sempre com uma energia contagiante e um gosto permanente, a sua dedicação em torno da revista foi, até ao fim da sua vida, a de procurar incessantemente conhecer, organizar, partilhar. É, pois, com grande gratidão e amizade que a recordaremos. Saudamos a amizade, recordando a Professora Maria Laura Bettencourt Pires como alguém sempre sorridente, disponível, capaz de atender às pessoas e à universidade. Que a sua partida não nos leve a esquecer a riqueza que foi a sua presença, o seu trabalho, o seu carinho e o seu testemunho. Fica a nossa dívida de

gratidão, pelo que procuraremos honrar a sua memória, dando assim corpo ao seu labor e entusiasmo.

Os artigos de Miguel Alarcão, João Moreira, Américo Pereira e os poemas de Yvette Centeno ainda foram recolhidos pela Professora Maria Laura Bettencourt Pires para o que intencionava ser o número 22 da revista. De igual modo, dando conta do seu modo de trabalhar, já deixou preparado um editorial que aqui incluímos. Apresenta-se assim um volume de homenagem e, ao mesmo tempo, de testemunho de um trabalho contínuo e dedicado *in memoriam* Maria Laura Bettencourt Pires.

Uma palavra de profunda gratidão à Maria Alexandre Bettencourt Pires que, com tanto amor, elaborou a nota biográfica e uma lista dos seus trabalhos científicos. O nosso obrigada à Dália Guerreiro que, como sempre, cuidou da versão *online*. A todos os autores agradecemos vivamente os contributos para este volume de homenagem.

**ACERCA DA MINHA MÃE,
MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES**

[10-01-1932 – 20-06-2022]



Signum scientis est posse docere. Aristóteles

É costume dizer-se, ao mencionar a perda de alguém muito amado, que tanto ficou por dizer. No entanto, no caso vertente, de uma relação materno-filial de grande proximidade e intensidade emocional, nenhum dos parâmetros dessa frase se aplica. Por um lado, sendo ambas boas comunicadoras e sempre presentes, nestes últimos tempos já nem sentíamos necessidade de falar, e pequenos gestos ou sinais de cumplicidade comunicavam tudo o necessário. Por outro lado, e por essa mesma cumplicidade e presença constante, aprendi com a Mãe a preparar o vazio trazido pela sua ausência, com a alegria de quem sabe que não sofre perdas, se mantiver permanente gratidão pela Vida e pelos ensinamentos de como guardar o máximo respeito pelo amor dos que nos rodeiam, sempre com alegria, serenidade e doçura. Essas simples palavras definem com a melhor exactidão, o longo percurso de vida da minha Mãe, tanto em termos pessoais, como familiares ou académicos (“inteligência”, “amor” e “alegria de vida”).

Aquele sorriso lindo, que lhe conhecemos desde a mais tenra juventude, expressava com facilidade e honestidade, a par da tão generosa capacidade empreendedora e comunicativa. Apenas tive o privilégio de “conhecer” a minha Mãe quando ela já contava 28 anos, mas sei por testemunhos familiares, que esses epítetos com que tento definir um seu retrato, sempre pautaram a sua personalidade.

Nascida de uma família honesta, de raízes multiculturais, cedo aprendeu a expressar-se em diversas línguas e a valorizar a comunicação e a cultura, com a singular facilidade que lhe reconhecemos em termos académicos, até ao final da vida. O Pai, Luíz de Mendonça Soares de Bettencourt, natural da ilha de S. Jorge, nos Açores, descendente de família nobre da Normandia, falava muitas vezes em francês alternando regularmente com a língua portuguesa. Viajou ainda jovem para Lisboa, para terminar os estudos secundários e prosseguir para a Faculdade de Ciências onde cursou primeiro Biologia, vindo depois a transitar para a Faculdade de Medicina, num diletantismo próprio da época, e pela “avidez” de quem se ressentia de permanente insatisfação intelectual. À data do nascimento da filha em **1932**, trabalhava como docente de Biologia, na primeira Faculdade onde estudou, sendo a vida caracterizada pela diversidade de interesses culturais e pela insatisfação intelectual que o movia a procurar inovações. Foi em Lisboa que conheceu a minha Avó materna, Maria Emília, ainda muito jovem, de rara beleza, neta

de uma família germânica emigrada para Portugal aquando da vinda do Príncipe D. Fernando para Sintra. Essa variedade cultural familiar terá influenciado os interesses multiculturais e linguísticos da minha Mãe. A outra figura familiar que fortemente a influenciou foi a sua Avó materna, igualmente chamada Laura, que se encarregou de a educar. Ensinou-lhe as primeiras letras, com forte cunho anglo-saxónico de “educação vitoriana”, de que a minha Mãe se orgulhava, com saudade.

Nasceu e foi educada na Freguesia do Sacramento em Lisboa até por volta dos 5 anos, data em que a família viajou para Bruxelas, onde frequentou a escola primária, na sequência da deslocação profissional do Pai. Não terá sido fácil a viagem de barco, nem tão pouco a adaptação a uma nova língua e nova cultura, em idade tão tenra. Mais difícil, porém, viria a ser o regresso intempestivo a Lisboa, perante o início da II Grande Guerra, em **1939**. A Mãe relatou-nos muitas vezes essas lembranças de tempos conturbados da primeira infância, e a marca que lhe ficou de ter adquirido o *accent belge*, que a levaria a evitar falar em francês. Mais difícil terá sido a intercorrência do súbito falecimento da sua Mãe quando contava apenas nove anos, pouco após o regresso a Lisboa... (terá sido nessa época de tão difíceis circunstâncias que muito cedo aprendeu a sobrepôr com serena simplicidade, os obstáculos que a vida lhe foi colocando. Apenas superou com forte apoio e carinho de toda a família materna.) Recordava-nos muitas vezes das dificuldades de reintegração que sentiu, no regresso a Lisboa, quando a inscreveram na École Française de Lisbonne, no bairro onde residia, na Rua da Escola Politécnica, enquanto o pai reiniciava trabalho como docente. Foi na École Française do Pátio do Tijolo que travou amizade com a boa amiga Regina Pires, irmã daquele que viria a ser o seu futuro marido, que conheceu numa festa de família pelos 13 anos. Terá sido esse o primeiro e grande amor da vida da Mãe, com quem acidentalmente travou conhecimento em casa da amiga. (Apenas casaram mais tarde, após conclusão dos estudos universitários respectivos, e do serviço militar do noivo, em 1956).

Entre **1950** e **1955**, estudou Filologia Germânica, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, escolhendo a literatura inglesa como tema de monografia de licenciatura, orientada pela Prof.^a Maria de Lourdes Belchior Pontes¹ que lhe conferiu influentes marcas culturais e de honestidade e inteligência em todo o seu próprio percurso de docência. Outros grandes Mestres da época de Faculdade, como Vitorino Nemésio, deixaram influências indeléveis para a vida académica futura. Dessa época de estudante universitária guardou valiosas amizades, entre colegas e mestres, sempre muito presentes. Até ao final da vida, foi mantendo forte ligação à Faculdade de Letras de Lisboa, com permanentes amizades, entre colegas e corpo docente.²

¹ Vide *Walter Scott e o Romantismo Português*, Lisboa, 1979; ou *William Beckford e Portugal*, 1987

² Segundo a sua colega e amiga de sempre, Lia Correia Raitt, um outro importante marco nas suas vidas de estudantes terá sido o curso de Verão em visita de estudo a Inglaterra, logo no 1º ano de Faculdade, por ocasião do *Festival of Britain* em **1951**, com patrocínio do Instituto Britânico de Lisboa. Citando do vívido relato da doce companheira Lia Raitt, “visitaram Oxford e Eton, percorriam Londres a pé, andaram na grande roda em Battersea Park, pernoitando em *Bedford College*, em Hyde Park. Viviam dos enlatados oferecidos pelo industrial Souza Uva, amigo do Dr. Estorninho do Instituto Britânico. Recorreram ao Dr. Livermore do British Institute of London, onde sequiosas, esfomeadas e poeirentas, aceitaram como um maná, o chá e biscoitos oferecidos por um *butler* de libré azul e dourados...” Da memória indelével desse curso de Verão, resultou certamente a influência de escolha dos estudos culturais ingleses que viria mais tarde a inspirar futuros caminhos académicos. Terá certamente também despertado por essa época, o gosto pelas viagens e pelas actividades multiculturais, nesse curso de Verão no

Uma vez terminado o Curso Universitário, em **1955**, optou por recusar o honroso convite da Prof.^a Maria de Lourdes Belchior Pontes para prosseguir como docente na Universidade de Lisboa, preferindo dedicar-se por inteiro ao noivado e preparação do casamento marcado para o mês de Fevereiro seguinte. Igualmente o meu Pai, por essa época completou o tirocínio do curso de engenharia química, preparando um estágio prático de gestão industrial na empresa multinacional onde trabalhou até à reforma. Tal implicou deslocação para França, logo após o casamento, onde residiriam, primeiro na região industrial de Lille e depois em Paris durante 2 anos. A par da dedicação incondicional aos afectos, com a inteligente doçura, amor e alegria de vida, com que se adaptou às fases iniciais da vida de recém-casados, deslumbrada pela riqueza cultural de Paris nos anos '50, interpôs-se, como sempre, a avidez intelectual e permanente empreendedorismo cultural que a conduziram a ocupar os dias com a frequência de diversos cursos na *Faculté de Lettres* da *Sorbonne Université de Paris*. Aí, ao longo do ano de **1956-57**, frequentou cursos de Humanidades (Literatura e Artes), de Teologia Católica, e até de “Nouvelle Cuisine” (com saboroso usufruto futuro de toda a família!)

Alongo-me um pouco mais do que o esperado, nestes apontamentos acerca da juventude da minha Mãe, não só porque o restante percurso de vida adulta será mais facilmente acessível ao domínio público, mas sobretudo porque nestes seus primeiros passos (que relato da memória do que me foi sendo transmitido na infância), se encontra muito do “embrião” de influências das suas escolhas e trajectórias académicas enquanto futura *Schollar* de excepção.³

Ao longo dessa estada de mais de dois anos em Paris, aproveitou as diversas deslocações do meu pai a complexos industriais na Europa para conhecer algumas das principais universidades europeias, como Heidelberg na Alemanha, que sempre recordou com vívida admiração.

exterior do País, em esboço de *Programa Erasmus “avant-la-lettre”...*

https://www.telegraph.co.uk/news/picturegalleries/uknews/8448698/The-1951-Festival-of-Britain-on-the-South-Bank-in-London-in-pictures.html?WT.mc_id=tmgoff_psc_ppc_dsa_news&gclid=Cj0KCQiA-oqdBhDfARisAO0TrGExpthxgVi3UIK_87J3p2yx2FLCgE3BTg1IcyLvYZc7D-6niemOUDkaAsVKEALw_wcB

³ Precisamente a propósito de alguns episódios de juventude que lhe influenciaram escolhas futuras, relembro um incidente que muitas vezes nos referiu, como exemplo dos seus interesses e empenho pela “causa Feminina” e da defesa dos Direitos das Mulheres. Com efeito, logo no início dessa deslocação a Paris, confrontou-se com um paradoxo típico da legislação restrictiva da época do Salazarismo em Portugal, nesses primeiros tempos de vida adulta. Tendo o noivo viajado uma semana mais cedo para preparar condições de habitação e conforto para a reunião em França, quando a Mãe se deslocou ao aeroporto de Lisboa com voo marcado, foi impedida de embarcar por não ser possuidora de atestado de autorização marital. (Insolitamente, teriam quebrado o costume de que uma viagem de núpcias se devesse efectivar na companhia de ambos, ao invés do que haviam preparado, para uma estadia mais longa... E de nada servia a autorização paterna, desde a data do casamento.) Nenhuma mulher tinha permissão de viajar sem autorização masculina, ou do pai, ou do marido. Graças a bons contactos do meu Avô; e à ímpar capacidade de sereno diálogo diplomático, o incidente foi resolvido, e a Mãe nesse dia, já com malas do enxoval embarcadas, refere ter sentido “na pele” os piores dissabores de uma sociedade misógina, que mais tarde a levariam a empreender com empenho o interesse pelos estudos feministas e de defesa da causa dos Direitos das Mulheres. Assinalo a este propósito, como sempre presenciei a inteligente doçura e serenidade académica que caracterizaram as suas “causas”. Apesar do cariz muitas vezes “politizado” dos conceitos inerentes à causa dos Direitos Femininos, a “arte” com que a minha Mãe tratou desses assuntos, resumia-se à simples evocação de factos, salvaguardando qualquer opinião conclusiva para a inteligência pessoal dos seus eventuais leitores. Assim foi “navegando pela vida, sempre com honesto respeito por opiniões alheias...

No regresso a Lisboa, dedicou-se plenamente à vida familiar, agora com o maior empenho perante o nascimento do filho primogénito, João Nuno, em **1958** e, escassos 20 meses depois, de mim própria.

Relembro, agora com memória presencial, uma família saudável e divertida em que a livre comunicação de ideias era a regra. Relembro o empenho da nossa Mãe na educação e na transmissão de valores intelectuais e morais, sempre evocados com doçura e nunca por imposição. Rememoro vividamente, o modo terno como nos embalava à hora de dormir, com a leitura diária de algumas páginas de contos lidos no idioma original dos autores, apenas traduzindo intermitentemente alguns dos parágrafos ou palavras que considerasse mais complicadas de entender. Assim ouvíamos os autores em idiomas variados, desde Grimm a Enid Blyton, passando depois a Kenneth Grahame, Tolkien ou Saint-Exupéry, para além de alguns contos tradicionais de anónimos portugueses que levariam a Mãe a construir uma recolha histórica da literatura infantil, como publicou mais tarde.⁴



Maria Laura Pires, na companhia dos netos Leonor e Frederico

O terceiro filho, Luís, nasceu 8 anos mais tarde e fomos sempre mantendo a figura materna muito presente e inteiramente dedicada à família, até à entrada do Luís na Escola. Apenas quando sentiu a família mais independente, em **1973-74**, optou por dar início à actividade docente, para que se sentia especialmente vocacionada. Inscreveu-se como docente de Língua Inglesa no então denominado “Liceu” de Passos Manuel, onde se dedicou plenamente a actividades pedagógicas, com acréscimo de entusiasmo perante a dificuldade inerente ao facto de essa Escola Secundária ter a experiência inovadora de “inclusão” de alunos invisuais no quadro discente regular de um bairro lisboeta com carências socioeconómicas. Lembro-me bem de presenciar a entusiástica dedicação da minha Mãe a essas honrosas tarefas, procurando incessantemente documentar-se em termos pedagógicos sobre experiências do ensino “inclusivo” a portadores de deficiência⁵. Graças a esse entusiástico empenho e capacidade criativa, atravessou nessa primeira instituição de Ensino público, os tempos conturbados da convulsão sociocultural inerente à Revolução de 25 de Abril de **1974** em Portugal.

Após essa enriquecedora experiência lectiva, conseguiu transferência para o Liceu de Pedro Nunes, em **1975-77**, mais próximo da residência em Lisboa, facilitando assim a manutenção do apoio familiar. Aceitou leccionar em horário vespertino, pós-laboral, deixando-nos ao final do dia, preparados para dormir, após os cuidados de higiene e do jantar familiar, transferido para horário mais precoce. Deslocava-se a pé para essas aulas, mas pouco depois, por diversas vezes,

⁴ Vide *História da Literatura Infantil Portuguesa*, 1987;

⁵ De novo, em termos pessoais e familiares, de modo quase premonitório, ninguém saberia do quanto essas experiências lhe viriam a ser úteis, quando escassos 5 anos mais tarde, necessitou de apoiar a sua própria filha a persistir nos estudos, acometida de doença fortemente incapacitante, em 1979!

o nosso Pai “embarcava” os 3 filhos, já em pijama, num divertido trajecto de automóvel de resgate da Mãe para regresso a casa, pelas 22h00.⁶

O início do ano de **1977**, marca em termos académicos e pessoais, a maior mudança de vida, com o honroso convite para integrar o quadro docente no arranque inaugural da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, na recém-criada Universidade Nova de Lisboa. Recordava-nos persistentemente, como a enriqueceram, intelectual e culturalmente, esses tempos de preparação multidisciplinar para inauguração da “nova” Faculdade, caracterizada por obrigação estatutária, à “inovação “académica, tanto em termos curriculares como da promoção vivencial das correlações interpessoais, requisitos estatutários que haveriam de conduzir muitos candidatos a optar pela Universidade como primeira escolha. Foram certamente esses os tempos de maior entusiasmo académico da minha Mãe, caracterizados pelo permanente fervilhar intelectual, num período de intensa actividade em termos de publicações, participação em conferências e colóquios, conducentes à preparação de Doutoramento. Datam dessa época de preparação do ano lectivo inaugural, alguns dos mais antigos e fortes laços de amizade e admiração académica que sempre a acompanharam até ao fim da vida.⁷

Nos anos de **1977-78**, acumulando com as tarefas docentes na UNL, aceitou o honroso convite do Prof. Armando da Rocha Trindade, para integrar o quadro de preparação e lançamento de uma outra experiência pedagógica inovadora em Portugal, como membro da Comissão Pedagógico-científica do “Ano Propedêutico” (na transição entre o “Serviço Cívico” e o 12º Ano” do ensino público), e na raiz visionária do que viria a ser o “embrião” da criação da Universidade Aberta, de “ensino a distância”, alguns 15 anos mais tarde. Relembro o entusiasmo e particular empenho com que a Mãe se dedicou a essas tarefas, e muito particularmente em resultado do seu especial interesse na promoção de correlações transdisciplinares, a nível académico.

Interpôs-se pouco após o início destas tarefas universitárias, em **1979**, a grave doença da sua filha, a qual agora aqui recorda com particular emoção e admiração, esses tempos em que a Mãe conseguiu manter uma trajectória académica ininterrupta, apesar de nunca falhar no apoio

⁶ Foi Nessa Escola que preparou, com a intensidade intelectual que a caracterizava, toda a documentação para “Estágio” de Progressão na Carreira Docente.

⁷ Abstendo-me de citar a todos, por medo de inevitavelmente olvidar algum nome importante, considero fundamental num esboço de retrato biográfico, citar alguns dos que, desde essa época, passaram a frequentar as reuniões familiares com amigos, como a Mãe tantas vezes preparava: Leonor Machado de Souza (colega dos tempos de Faculdade de Letras, a quem se deveu o convite para integrar o quadro docente da Univ. Nova); Adriano Duarte Rodrigues; Ana Vicente; António de Oliveira Marques; Artur Nobre de Gusmão, Artur Teodoro de Matos; Elizabeth Évora Nunes; Graça Almeida Rodrigues; José António Esperança Pina; José Augusto França; José Esteves Pereira; José Mattoso; Lopes do Rosário; Teolinda Gersão; Teresa Rita Lopes, Vitorino Magalhães Godinho; Yvette Kace Centeno; - colocados por ordem alfabética, da lista de endereços que consultei ... - A esse propósito, seria igualmente injusto olvidar os nomes de alguns dos seus alunos mais brilhantes, igualmente frequentadores assíduos das suas tertúlias, muitos dos quais viriam no futuro a integrar com brilho o corpo docente da FCSH, como Miguel Alarcão, Iolanda Ramos, Zulmira Castanheira, ou Rui Zink. (com todos se foi entendendo, com admiração e afecto, independentemente da cor política ou ideológica, tal o respeito da Mãe pelo intelecto alheio). Relembro ainda, nessa época, como a minha Mãe foi recebendo e acolhendo na Universidade, alguns ilustres Professores visitantes, deslocados através do Programa *Fulbright*, e com os quais manteve relações de amizade e intercâmbio cultural, até ao final da vida. Penso nos Profs René Garay, Larry Hassmann (*Huck*), António Simões, Onésimo Teotónio de Almeida, John Russell Wood, ou Randy Crawford. Data também dessa época, estreita amizade com o então Adido Cultural da Embaixada Americana, Dr. Dennis Shaw.

maternal e familiar. Desdobrava-se entre afectos e cuidados permanentes, tendo muitas vezes que incluir a filha como companheira das suas obrigações académicas. Já por época dos anos de **1980'**, ainda aceitou o honroso encargo da eleição como Presidente do Conselho Pedagógico da FCSH, sempre avisando em termos familiares de que esses excessos de zelo académico se tornavam essenciais para manter o espírito ocupado, e não se dedicar a “carpir as agruras inerentes às dificuldades da vida pessoal”

Bem mais grave, e constituindo-se como um obstáculo quase intransponível, foi certamente em **1983**, a intercorrência do falecimento do seu filho primogénito aos 25 anos, em vésperas de a Mãe terminar a redacção da tese de Doutoramento. Apesar do longo “treino” de vivenciar e ultrapassar as mais diversas “agruras” e obstáculos plantados ao longo da vida, presenciei por essa ocasião, a mais excruciante dor moral a que um ser humano pudesse ser submetido. Não sendo aplicável qualquer hipótese de resiliência alternativa, com toda a família inevitavelmente transtornada, pôde contar com o inestimável apoio e incentivo dos colegas e amigos constantes, dos mais variados quadrantes da comunidade académica da Universidade Nova que, por recurso à sua inteligência e apelo ao inato empreendedorismo, a induziram a lentamente retomar tarefas, conducentes ao Doutoramento⁸. Para além do apoio de tantos e bons amigos que lhe deram o bom conselho de prosseguir a dedicação plena às actividades académicas, para sobrepor essa tão grande dor inerente à perda familiar, a Mãe relatou-nos sempre a necessidade que sentia em redigir e comunicar os resultados das suas investigações, de modo quase contínuo ao longo de todos os dias, como modo de se manter sempre lúcida e positiva, apesar da imensa tristeza que sentia. A outra actividade que lhe foi servindo de impulsor de vivacidade, foi o grande prazer proporcionado por inúmeras viagens ao exterior do País, muitas vezes sozinha, por motivos académicos. Em **1984-1985**, deslocou-se a convite do Prof. Ian Campbell, como *visiting researcher* da Universidade de Edimburgo na Escócia, para preparação do trabalho complementar de Doutoramento, sobre literatura escocesa do séc. XIX (Robert Louis Stevenson), de onde regressou com “renovação” de entusiasmo e enriquecimento intelectual.⁹

Datam de **1985**, as provas de Doutoramento em Literatura e Cultura Inglesa, na Universidade Nova, em que foi aprovada com Distinção e Louvor, por unanimidade. Contando já a essa data com impressionante extensão e variedade do currículo académico, escassos três anos mais tarde, em **1988**, inscreveu-se no Concurso para Professor Associado da Universidade Nova de Lisboa, em Estudos Ingleses e Americanos, sendo, de novo, aprovada por unanimidade.

⁸ No longo trajecto de preparação e redacção da tese de Doutoramento, para além da inesperada morte do filho primogénito, intercorreu uma outra grave perda, com o falecimento do primeiro orientador, o Prof. Fernando de Mello Moser, que mesmo assim lhe conferiu fortíssima influência, tanto na redacção dos trabalhos, como pelo exemplo de académico excepcional, ou em orientações futuras, como a minha Mãe tanto se orgulhava de referir. Foi depois substituído pelo Prof. João de Almeida Flôr, em co-orientação com a Prof.^a Maria Leonor Machado de Sousa.

⁹ Mais tarde, em 1989-1990, por concurso a uma das primeiras bolsas *Fulbright* em Portugal, iniciaria um longo ciclo de viagens aos Estados Unidos da América, sempre com o intuito de aprofundar investigações em bibliotecas, com usufruto do intercâmbio cultural internacional, como tanto amou e divulgou. No ano lectivo de 1989-90, foi *Fulbright Scholar* e *Visiting Researcher*, na Universidade de Georgetown, em Washington. De lá trouxe importante bibliografia e experiências que a impulsionaram a iniciar os Estudos Americanos em Portugal, poucos anos depois.

Aceitou depois, o convite do Prof. José Esteves Pereira para integrar o quadro docente do Departamento de História das Ideias, na mesma Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, onde foi nomeada coordenadora desse Departamento, nos anos de **1993** e **1994**. Nessa época de nova viragem intelectual e académica, de mudança interdisciplinar dentro da mesma instituição, foi-se dedicando a novos horizontes de pesquisa cultural, como os estudos sobre mulheres, ou as teorias da Cultura, sobre os quais viria a publicar diversos livros, artigos e capítulos de livros, para além da coordenação de vários colóquios.

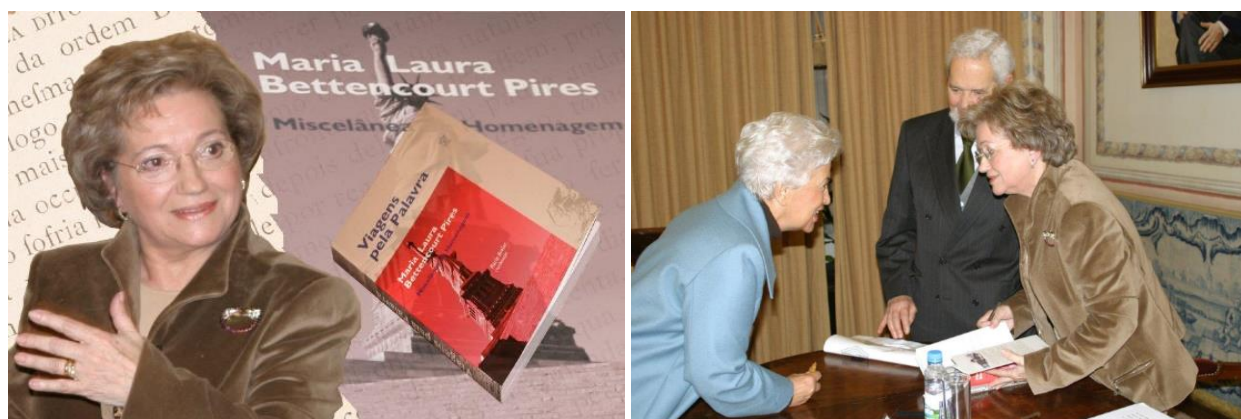
Numa incessante prova de inquietude espiritual e avidez intelectual, veio a aceitar em **1994**, novo convite de mudança, agora para o quadro docente da Universidade Aberta, pela mão do Reitor, Armando da Rocha Trindade. Aí, lecionou a disciplina de Cultura Americana, para a qual supervisionou e gravou documentários em vídeo, muitos dos quais projectados na televisão nacional, e sempre acompanhados por vasta referência bibliográfica, sob a forma de roteiros didáticos.¹⁰ Foi nomeada Directora do Instituto de Ensino à Distância, o que a levou a ampliar o seu já vasto leque de viagens, agora em representação da Universidade Aberta de Lisboa nos diversos encontros internacionais da *Open University*. Aí fundou o primeiro “Mestrado em Estudos sobre as Mulheres”, no Instituto de Estudos Pós-Graduados, em 1994, fortalecendo os já antigos laços de amizade com a Prof.^a Maria Beatriz da Rocha Trindade, com a preparação de diversos colóquios e tertúlias académicas na Universidade Aberta.¹¹ Data também dessa época, com a expansão do Instituto de Ensino à Distância, que dirigia, a contratação da Prof.^a Ana Maria Monteiro Ferreira, como secretária de excepção, à qual a ligaram progressivos laços de amizade, ainda mais fortalecidos com a deslocação desta investigadora para a Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, onde completou provas de Doutoramento com distinção, sob orientação da minha Mãe. Mantiveram-se como visitas constantes, ora nos Estados Unidos, ora em Lisboa, e renovada amizade, até ao súbito falecimento da Prof.^a Ana Maria Monteiro Ferreira, o que muito a transtornou mais uma vez.

Aproximando-se já a data do seu 70º aniversário, e inevitável Jubilação no ensino público, culminou a carreira na Universidade Aberta, com as Provas de Agregação (Estudos Ingleses e Americanos-Cultura Americana), com aprovação por unanimidade, em **1999**.

Seguiu-se o Concurso para Professora Catedrática (Estudos Ingleses e Americanos-Cultura Americana), ainda na Universidade Aberta em **2001**, em que foi, de novo, aprovada por unanimidade, como em todas as provas académicas a que se submeteu.

¹⁰ Vide *Webgrafia*

¹¹ Foi impressionante assistir às indecisões e enorme tristeza da minha Mãe, quando já muito incapacitada, nos últimos meses de vida, teve de optar por recusar o desafio e convite da amiga Maria Beatriz da Rocha Trindade, para participar das comemorações dos 25 anos de fundação do Mestrado de Estudos sobre Mulheres.



Homenagem de despedida na Universidade Aberta, 2005

Perante a característica inata de permanente inquietude intelectual e, não sentindo o espírito preparado para suspensão dos trabalhos académicos, que tanto prazer e entusiasmo lhe iam trazendo, aceitou com reconhecimento, o honroso convite para integrar o corpo docente da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica, a que permaneceu ligada por fortes laços académicos e de reconhecido afecto, por mais de 20 anos, desde **2002**. Aí, integrou-se como docente dos cursos de licenciatura, de Mestrado e de Doutoramento, leccionando Estudos de Cultura, de Gestão Cultural e de Cultura Americana. Avisou-nos por inúmeras instâncias, ser esta a instituição de Ensino onde melhor se integrou, empenhando-se com infindável entusiasmo em todas as tarefas académicas e extracurriculares ali proporcionadas.¹²

Dedicou-se com elevado e entusiástico empenho intelectual ao Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC) da Universidade Católica, como “investigadora sénior”, pelas mãos do Prof. Peter Hanenberg, participando activamente em todas as premissas académicas do Centro de Investigação.¹³ Publicou abundantemente, nessa época, e organizou e participou em diversos colóquios, sempre com jovial empenho.



Lançamento de Livro, Universidade Católica, 2013

Interpôs-se em **2016**, gravíssima doença muito incapacitante que a conduziu a prolongada hospitalização. Lembro por essa altura, aos 85 anos, o seu estranho, mas permanente lamento por se sentir “em falha” com as suas “obrigações” académicas, o que muito divertia o seu médico cirurgião, o qual prosseguiu terapêuticas com a convicção de residir nesse seu entusiasmo e

¹² Relembrei sempre com encanto e saudade, o entusiasmo da minha Mãe quando participámos de viagem de peregrinação à Jordânia e Petra, sob a superior orientação do Sr. Padre João Lourenço da Universidade Católica. A indelével influência espiritual dessa deslocação marcaria ambas as nossas vidas, para sempre.

¹³ Ligou-se desde então, com profundos laços de amizade e respeito, aos Profs. Marília e Peter Hanenberg, os quais acompanhava em actividades extracurriculares, como peregrinações, ou os “Encontros com o Cardeal-Patriarca”, Magno Chanceler da Universidade. De igual modo, e a exemplo de todas as antecedentes passagens por todas as instituições académicas onde trabalhou, permaneceu intensa ligação de amizade e admiração reconhecida por todos os Reitores com quem foi lidando, como Manuel Braga da Cruz, Maria da Glória Garcia, Isabel Capelo Gil, na Universidade Católica, como havia sucedido antes com Esperança Pina na Universidade Nova, ou ainda Rocha Trindade, na Universidade Aberta.

apego à vida, a maior hipótese de cura. Relembro como, pouco após a alta hospitalar, se reergueu num impressionante voo de “Fénix”, omitindo as sequelas de doença e, do alto dos seus 86 anos, lentamente retomou todas as tarefas académicas que lhe fossem proporcionadas.

Dedicou-se com espantoso empenho e sucesso a prosseguir edição e publicação da revista electrónica *Gaudium Sciendi*, órgão oficial da Sociedade Científica da Universidade Católica, que havia iniciado em 2012, por honroso convite do Prof. Manuel do Carmo Ferreira¹⁴. Manteve a publicação bianual até às vésperas da derradeira hospitalização, em Março de 2022, deixando o último número totalmente pronto a publicar.¹⁵

Coincidiu, por essa data de **2016**, o convite da Presidência da Comissão Fulbright, por mãos da Dra. Lénia Godinho Lopes, para suceder, por falecimento do Prof. João Lobo Antunes, ao cargo de Presidente da Direcção da *Fulbright’s Alumni Association*, que assumiu após eleição.

A estas novas tarefas, tão do seu agrado, de acordo com a longa vocação para comunicação cultural, multidisciplinar e internacional, dedicou-se com impressionante entusiasmo, nos últimos 6 anos de vida. Organizou diversos colóquios e reuniões culturais, de entre os quais o Colóquio de Comemoração do Programa Fulbright em Portugal, de que resultou o legado de interessante publicação patrocinada com o apoio da FLAD e da Embaixada dos EUA em Lisboa, e em que a Mãe ainda participou com fundos próprios, tal o entusiasmado empenho dedicado a essa derradeira publicação (Edições Colibri, 2019).¹⁶



Nessa, e em variadas outras situações académicas em que a acompanhei em deslocações após a grave doença que a acometeu desde 2016, foi muito impressionante verificar o quase invencível impulso de ocultar fraqueza ou doença, tal era o empenho e entusiasmo de poder participar plenamente em todas as actividades académicas e sociais que lhe fossem sendo proporcionadas.

¹⁴ Permaneceu sempre grata ao Prof. Carmo Ferreira pelo honroso convite, e à Prof.^a Luísa Leal de Faria, pela manutenção do interesse pela publicação da Revista, e ainda às Profs. Marília dos Santos Lopes e Ana Costa Lopes, que a foram assessorando como co-editoras da Revista. Manteve-se ainda persistentemente grata à Dra. Dália Guerreiro, pela permanente disponibilidade no apoio à edição e colocação em plataforma informática. (E quantas vezes, necessitou de interromper as épocas festivas do Natal ou da Páscoa, para reinserção e revisão do material!). A infindável listagem de ilustres colaboradores seleccionados por entre amigos e contactos do mais elevado nível académico, são bem o espelho da inesgotável riqueza espiritual da minha Mãe.

¹⁵ O próprio título da Revista. “A alegria do Saber”, resume de modo singular, em duas palavras, a permanente postura académica e pessoal da Editora.

¹⁶ Em **2017**, viajou, ainda muito doente, a Cagliari, na Sardenha, para participar num *Meeting* internacional de Presidências de Fulbright Alumni Commissions, estabelecendo forte ligação de amizade e colaboração com Massimo Cogusi, à data presidente da European Network of American Alumni Associations (ENAM).

Raras vezes recusou convites, enquanto invencível guerreira, digna representante do *soft power* académico.

Porém, na manhã do seu 90º aniversário, a 10 de Janeiro de 2022, veio a sofrer o derradeiro e mais rude golpe da sua vida pessoal, com o falecimento do marido, a quem tanto se dedicou, ao longo de 66 anos. Perante esta nova perda, inevitavelmente sucumbiu.

Não desistiu de tentar lutar, mas impressionantemente, ao longo dos seis meses seguintes, desenvolveu instalação de nova doença oncológica, derradeiramente sem alternativa terapêutica. Passei a acompanhá-la diariamente, com grande proximidade, nesses últimos meses, e posso testemunhar enquanto médica, como, de facto, simplesmente sucumbiu do *Mal d'Amour*.

Relembrei para sempre como, num extraordinário exemplo de entusiasmada dedicação académica, já muito doente, enfraquecida e triste, em vésperas do último internamento hospitalar, em Março de 2022, me pediu apoio para se manter sentada e poder assistir à palestra da colega e amiga de sempre, Prof.^a Teresa Alves, no 4º Ciclo de conferências *Fulbright*, no invencível ensejo de que ninguém reparasse que se encontrava fatalmente acometida de doença.

Na mesma semana, desdobrou-se em novos esforços de empenho, para não faltar ao honroso convite de palestrar durante cerca de 2 horas, via “zoom”, como oradora de Aula Magna inaugural do curso de Mestrado e Doutoramento sobre “Pós-modernismo e Interculturalidade”, no Campus Universitário de Bragança, Amazónia, da Universidade Federal do Pará, no Brasil. Por essa ocasião, foi necessário recorrer igualmente à presença física e perspicácia do meu irmão, para a conseguirmos aconchegar e incentivar, nesse seu inamovível desejo de se manter intelectualmente activa e brilhante, academicamente interventiva, até aos últimos dias de vida.¹⁷

Afinal, contrariamente aos nossos hábitos de comunicação materno-filial com escassas lacunas, no presente caso de tentativa de esboço de retrato biográfico de tamanha riqueza, muito terá ficado por dizer e, mesmo perante enorme esforço de concisão e respeito pela recatez e pudor auto-biográfico da minha Mãe, ficará muito por completar numa tentativa de retrato, pintado a ténue aguarela que o tempo se encarregará de eventualmente fazer esvoaçar. Fica-nos, porém, a certa garantia de que o Mundo ficou melhor e culturalmente mais rico, com a sua passagem por aqui.

¹⁷ Transcrevo, de seguida, em forma de anexo, a listagem (incompleta...) das diversas actividades constantes do percurso académico. A listagem não poderá ser considerada como definitiva, uma vez que ali faltam todos os registos anteriores ao concurso para Professora Associada, em 1988, uma vez que, por insuficiência a recurso informático, o CV foi entregue dactilografado, e policopiado, não subsistindo registo electrónico. Fica também por completar a vasta listagem de artigos publicados, desde 2019, data à qual refere o último registo de listagem curricular a que a minha Mãe dedicou atenção.

Verifiquei ainda, com inevitável sorriso, ao consultar diversas versões guardadas de listagem biográfica e bibliográfica, de como nos últimos anos de vida, a Mãe ia apagando, mais do que acrescentando itens ao seu vasto currículo, numa demonstração de preferir qualidade, em detrimento da quantidade. (Afinal, foi essa a regra que me tentou transmitir, quando me aconselhava a não comprar roupa nova, sem antes oferecer ou desfazer-me de outras peças em desuso...)

Não terá falecido de “doença prolongada”, mas antes, pelo seu excesso de Amor, no dia **20 de Junho de 2022**.

A minha Mãe foi boa Pessoa, e simultaneamente uma pessoa Boa.

Maria Alexandre Bettencourt Pires (MD; PhD)

Janeiro, 2023

Curriculum Vitae

NOTA BIOGRÁFICA – Maria Laura Bettencourt Pires é [professora catedrática](#) especializada em [Estudos Ingleses e Americanos](#), área na qual foi pioneira, leccionando na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa. Doutorou-se em [Estudos Anglo-Portugueses](#), na especialidade de Cultura Inglesa, na [Universidade Nova de Lisboa](#). Na década de 1980, desenvolveu importantes trabalhos na área da Crítica da Literatura Infantil.^[1]

Tem desenvolvido a sua actividade científica e pedagógica nas áreas de Cultura Inglesa, Cultura Americana e Teoria da Cultura, tendo exercido funções na [Faculdade de Ciências Sociais e Humanas](#) e na [Universidade Aberta](#) assim como nas universidades americanas de [Georgetown \(Fulbright Scholar\)](#) e [Brown \(Gulbenkian Fellow\)](#).



Na FCH, além da actividade docente a nível de Licenciatura e Mestrado nos cursos de Línguas Estrangeiras Aplicadas, Tradução e Comunicação Social, foi coordenadora do curso de Mestrado em Comunicação Social e do Curso de Formação para Jornalistas dos PALOP. Coordena também uma Linha de Investigação do Centro de Investigação em Línguas e Literaturas. Entre as suas publicações, destacam-se: *Teorias da Cultura* (2004), *Ensaio-Notas e Reflexões* (2000), *Sociedade e Cultura Norte-Americanas* (1996), *William Beckford e Portugal* (1987), *História da Literatura Infantil Portuguesa* (1982), *Portugal Visto pelos Ingleses* (1980), *Walter Scott e o Romantismo Português* (1979). Além de publicar vários artigos e ensaios em revistas científicas, colaborou também em enciclopédias e dicionários.

HABILITAÇÕES LITERÁRIAS E PROFISSIONAIS

- Professora Catedrática (Estudos Ingleses e Americanos-Cultura Americana. Universidade Aberta Aprovada por unanimidade. (Desde 2001)
- Agregação (Estudos Ingleses e Americanos-Cultura Americana. Universidade Aberta. Aprovada por unanimidade, 1999
- Concurso para Professor Associado, Estudos Ingleses e Americanos, Universidade Nova de Lisboa, 1988. Aprovada por unanimidade.

- Doutoramento em Estudos Anglo-Americanos-Cultura Inglesa. Universidade Nova de Lisboa. Aprovada por unanimidade com Distinção e Louvor, 1985

Maria Laura Bettencourt Pires é Professora Catedrática de Estudos Ingleses e Americanos e Directora da Revista *Gaudium Sciendi* da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa. Entre as suas actividades destacam-se: a docência (Estudos de Cultura, Gestão Cultural e Cultura Americana) e a coordenação (cursos de Mestrado e Doutoramento; Secção Ciências Sociais e Políticas da Sociedade Científica; Projectos de Investigação do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura: "Epistemological Theories-Ways of Seeing the World", 2011--; "Cultural Wars, Public Intellectuals and the Making of Citizenship", 2007-2009; "New York- From Topos to Utopos", 2003-2007); Estudos Europeus na Universidade Aberta, 1999-2002; Depart. História das Ideias, Universidade Nova, 1993-4). Ensinou também nas Universidades: Nova e Aberta e, nos Estados Unidos, Georgetown, Brown e Fairfield. Foi Gulbenkian Fellow, "John Carter Brown/National Endowment for the Humanities Research Fellowship", 1991; Fulbright Scholar e Visiting Researcher em Georgetown University, 1989-90. Publicações: *Intellectual Topographies and the Making of Citizenship*, (coeditora) 2011, *Intelectuais Públicas Portuguesas - As Musas Inquietantes* (2010); *Ensino Superior: Da Ruptura à Inovação* (2007), *Teorias da Cultura* (³2010, ²2006; ¹2004), *Ensaio-Notas e Reflexões* (2000), *Sociedade e Cultura Norte-Americanas* (1996), *William Beckford e Portugal* (1987), *História da Literatura Infantil Portuguesa* (1982), *Portugal Visto pelos Ingleses* (1980), *Walter Scott e o Romantismo Português* (1979), além de prefácios, ensaios e artigos em volumes de homenagem, revistas e enciclopédias.

ACTIVIDADE DOCENTE

- Cursos de Licenciatura, Mestrado e Doutoramento em Estudos de Cultura, Gestão Cultural e Cultura Americana, Universidade Nova de Lisboa (1977-1993), Universidade Aberta (1992-2000) e Universidade Católica (desde 1998)
- Coordenação de cursos de Mestrado e Doutoramento e Arguição e Participação em júris, Universidade Nova de Lisboa, Universidade Aberta e Universidade Católica
- Coordenadora do Departamento de História das Ideias, Universidade Nova, 1993-1994.
- Organização do Curso "What's Europe?" para a European Association for Distance Teaching Universities, 1998-2002
- Coordenação de Cursos de Mestrado e de Pós-graduação em "Media Studies" para Jornalistas africanos, Universidade Católica Portuguesa, 2014.
- Mestrado em Estudos Americanos, Instituto de Estudos Pós-Graduados, Universidade Aberta, 1991-1997
- "Mestrado em Estudos sobre as Mulheres", 1º curso a nível nacional, Instituto de Estudos Pós-graduados, Universidade Aberta, 1994
- Membro da Comissão Organizadora do Ciclo de Conferências "Self Determination of East Timor and the Democratization of Indonesia: The Need of Internation....."

ACTIVIDADES ACADÉMICAS

CARGOS ACADÉMICOS:

- Presidente da Direcção de Fulbrighters Portugal – Alumni Association (por eleição). Coordenação das actividades, e organização de eventos, desde 2016
- Secretária, Fulbrighters Portugal – Alumni Association (por eleição). Coordenação das actividades, 2012-2016.
- Coordenador da Secção de Ciências Sociais da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, 2014.
- Investigador Sénior do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da Universidade Católica Portuguesa, cuja investigação está integrada na Linha "Culture and Conflict", desde 2012.
- Directora e Editora da Revista *Gaudium Sciendi* da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, desde 2012
- Professora Catedrática, Universidade Católica Portuguesa, desde 2001
- Directora do Instituto de Ensino a Distância, Universidade Aberta, 1996
- Coordenadora Geral de Avaliação, Universidade Aberta, 1996
- Directora do Centro de Estudos Americanos, Universidade Aberta, 1995
- Directora do Departamento de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Aberta, 1994
- Directora do Curso de Mestrado em Estudos Americanos, Instituto de Estudos Pós-Graduados, Universidade Aberta, 1994
- Secretária, Centro de Investigação de Estudos Comparados de Línguas e Literaturas Modernas, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1988-1990

ORGANIZAÇÃO DE COLÓQUIOS:

- 4º Ciclo de Conferências Fulbright, Fulbrighters Portugal-Alumni Association, Janeiro a Dezembro de 2022.
- 3º Ciclo de Conferências Fulbright, Fulbrighters Portugal-Alumni Association, Janeiro a Dezembro de 2020.
- 2º Ciclo de Conferências Fulbright, Fulbrighters Portugal-Alumni Association, 2014.
- 1º Ciclo de Conferências Fulbright, Fulbrighters Portugal-Alumni Association, 2012.
- " A Transversalidade Linguístico-Cultural da Bíblia ", Sociedade Científica, Universidade Católica, 2013.
- *Re-contextualizing Science in a Humanistic Perspective*, Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC), Universidade Católica, 2012.
- "The Cultural Life of Money", Universidade Católica Portuguesa, 2012.
- "Encruzilhadas Transatlânticas-*Transatlantic Crossings*", Centro de Estudos Americanos, Universidade Aberta, 1998.
- "Europa e América-Mitos e Confrontos", Fundação Calouste Gulbenkian, 8, 9,10 e 11 de Janeiro de 1997.

- Coordenação do 3º Ciclo de Palestras sobre Literatura e Cultura Americanas subordinado ao tema *The Beat Generation*, Centro de Estudos Americanos, Instituto de Estudos Pós-Graduados, Universidade Aberta, 1997.
- Coordenação do 1º Ciclo de Palestras (Janeiro a Fevereiro) e do 2º Ciclo de Palestras (Maio a Junho) sobre "Literatura e Cultura Americanas, Centro de Estudos Americanos, Instituto de Estudos Pós-Graduados, Universidade Aberta, 1996
- "Portugal e a América nos Anos 50", Fundação Calouste Gulbenkian, 7 a 11 de Janeiro de 1991
- "Imagens da América nos Anos Vinte", Instituto de Estudos Americanos, Faculdade Ciências Sociais e Humanas, 1988
- Membro da Comissão Organizadora do Ciclo de Conferências "Self Determination of East Timor and the Democratization of Indonesia: The Need of Internation" ...

COMUNICAÇÕES APRESENTADAS EM CONFERÊNCIAS E COLÓQUIOS:

- "O Programa Fulbright e a sua Influência, palestra gravada no Vídeo "Faces of Fulbright", Comissão Fulbright, 10 Dezembro 2019.
- "O 3º Ciclo de Conferências Fulbright" palestra apresentada na Faculdade de Ciências e Tecnologia, 3 de Dezembro de 2019.
- "Walter Scott – Duzentos Anos de Longevidade" Biblioteca Nacional. Por convite, 9 Outubro 2019.
- "Apresentação do Programa Fulbright" - palestra apresentada na reunião do Conselho Consultivo da UNESCO Chair on Education for Global Peace Sustainability, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP), 13 Maio 2019.
- "Palestra de Lançamento de *Programa Fulbright - Volume Comemorativo*" - Comissão Fulbright, 19 Abril 2019.
- "Palestra de Lançamento de *The Demise of the Inhuman – Afrocentricity, Modernism and Postmodernism*" de Ana Maria Monteiro Ferreira, Universidade Aberta, Lisboa, 13 de Julho 2018.
- Palestra de apresentação no lançamento da colectânea intitulada *Orações de Sapiência* na cerimónia inaugural das celebrações dos 25 anos da refundação da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, por convite da Reitoria, Setembro 2016.
- "Apresentação", Simpósio 6 "A Cronística Luso Brasileira e Estrangeira sobre o Brasil Colonial: Literatura, História e Imaginário", Universidade Federal de Goiás, Brasil, 2013.
- "Palavras Introdutórias", Seminário Interdisciplinar "A Transversalidade Linguístico-Cultural da Bíblia", Sociedade Científica da Universidade Católica, 2013.
- "Dois Modos de Ver o Mundo - A Cronística Luso-Brasileira e Emmanuel Lévinas", IV Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil, Julho 2-5, 2013.
- "Walter Scott e *The Lady of the Lake* de Rossini. Convite da Fundação Fronteira, Palácio Fronteira, 2013.

- "Women and Money—Consumerism, Masquerade or Seduction?", Colóquio "The Cultural Life of Money", Universidade Católica Portuguesa, 2012.
- "A Versatilidade Linguístico-Cultural da Bíblia", Sociedade Científica, Universidade Católica, 2012
- "Mary McCarthy-Success and Failure", 29th APEAA Conference, Abril 2008.
- "William Beckford e Portugal", Associação Amigos de Monserrate, Novembro 2008.
- "Art Collectors-A Forgotten Aspect of American Culture", Viseu, Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, 8 de Abril de 2000.
- "Europa e América-Mitos e Confrontos", Acarte, 8 Janeiro 1997.
- "Walter Scott and Portugal", British Historical Society of Portugal, Abril 1997.
- "Palavras de Abertura" e "Palavras de Encerramento", Colóquio "Europa e América-Mitos e Confrontos", Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1997 .
- "Portuguese Representations of the Americas", comunicação apresentada a Fulbrighters Portugal-Alumni Association, Universidade Aberta, Lisboa, 1994.
- "Henry James e Robert Louis Stevenson", Instituto de Cultura Inglesa, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 1993.
- "A Ideia de Cidade na Cultura Americana", comunicação apresentada no Colóquio "A Cidade- Jornadas Inter- e Pluridisciplinares", Universidade Aberta, Lisboa, 1993.
- "Portugal and Portuguese Culture", palestra apresentada a estudantes americanos do Department of Study Abroad de George Washington University, Universidade Aberta, Lisboa, 1993.
- "Portuguese Discoveries and Modern Day Portugal", Grand Circle Travel, Torre de Belém, Lisboa, 1992 .
- "Portugal e a América nos Anos Cinquenta", Acarte, 7 de Janeiro de 1991.
- "América e Portugal nos Anos Cinquenta" e "Palavras de Encerramento", Conferência Internacional "Portugal e a América nos Anos Cinquenta", Instituto de Estudos Americanos, Fundação Gulbenkian, Lisboa, 1991.
- "Modern Day Portugal", comunicação apresentada em "Iberian Ways", viagem de estudo organizada pelo Smithsonian Educational Travel Program, Lisboa, 1990.
- "Révolution... à l'Anglaise", Mesa-Redonda "As Comemorações da Revolução Francesa", International Society for 18th Century Studies, Lisboa, 1989.
- "William Beckford and Portugal", British Historical Society, Embaixada Britânica, Lisboa, 1987.
- "Imagens de Portugal na Obra de William Beckford", II Congresso Internacional de Sintra sobre o Romantismo, "Imagens de Portugal na Europa Romântica", Sintra, 1987.
- "William Beckford and Portugal-An Exhibition at Queluz", The British Historical Society, Palácio de Queluz, Sintra, 1987.
- "Os Aspectos Interculturais do Ensino de Línguas Vivas para Fins de Comunicação no Ensino Secundário", Projecto Nº 12 do Conselho de Europa, Lisboa, 1986.
- "Uma reavaliação da Vida e da Obra de William Beckford em Portugal", Colóquio comemorativo da VI Centenário do Tratado de Windsor, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 1986.
- "Anglo-Portuguese Relations", British Historical Society of Portugal, Lisboa, 1982.

- "Portugal in English Travel Literature", British Council, Lisboa, 1980.

COORDENAÇÃO DE PROJECTOS DE INVESTIGAÇÃO

- Supervisão do trabalho de investigação pós-doutoramento de Márcia Maria de Melo Araújo, Professora-Pesquisadora do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade, 2018-2019.
- Membro do Conselho Consultivo de Unesco Chair on Education for Global Peace Sustainability, Universidade de Lisboa (por convite), desde 2018.
- Coordenação das actividades e organização de eventos da "Fulbrighters Portugal-Alumni Association" (por eleição). Coordenação das actividades e organização de eventos, desde 2016.
- "Epistemological Theories – Ways of Seeing the World", Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, Universidade Católica, 2012-2016.
- Coordenação da Secção de Ciências Sociais da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, 2014.
- "A Transversalidade Linguístico-Cultural da Bíblia", Seminário Interdisciplinar, Sociedade Científica, Universidade Católica, 2013.
- "Cultural Wars, Public Intellectuals and the Making of Citizenship", Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, Universidade Católica, 2007-2011.
- "Estudos Europeus", Universidade Aberta, 1999-2002.
- "New York-From Topos to Utopos", Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, Universidade Católica, 2003-2007.

ACTIVIDADE CIENTÍFICA NO ESTRANGEIRO

DOCÊNCIA E INVESTIGAÇÃO:

- ❖ Visiting Researcher, New Hampshire University, 2016
- ❖ Visiting Researcher, Eastern Michigan University, Ypsilanti, Mi., USA, 2014
- ❖ Visiting Researcher, Eastern Michigan University, Ypsilanti, Mi., USA, 2013
- ❖ Visiting Professor, Fairfield University, Connecticut, USA, 1994
- ❖ Responsável por um Programa de Intercâmbio entre a Universidade Aberta e Fairfield University, 1994
- ❖ Gulbenkian Fellow, Brown University, "John Carter Brown/National Endowment for the Humanities Research Fellowship", 1991
- ❖ Visiting Researcher, Howe Library, University of Vermont, Burlington, USA, 1990
- ❖ Fulbright Scholar e Visiting Researcher, Georgetown University, 1989-1990
- ❖ Researcher, Institute for Advanced Studies in the Humanities, University of Edinburgh, U.K., 1984-1985
- ❖ Researcher, University of Edinburgh (Scottish Literature, XIX Century), Biblioteca da Universidade de Edimburgo, National Library e arquivos particulares, Edinburgh, U. K., 1984

- ❖ Researcher (British Culture, 18th and 19th Culture), University of Oxford (New College) e University of London (King's College) e em bibliotecas e arquivos privados em Londres, 1979-1984

INVESTIGAÇÃO BIBLIOGRÁFICA:

- ❖ Library, New Hampshire University, 2016
- ❖ Halle Library, Eastern Michigan University, USA, 2014
- ❖ Halle Library, Eastern Michigan University, USA, 2013
- ❖ Biblioteca, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil, 2013
- ❖ Biblioteca, Universidade Pontifícia de São Paulo, Brasil, 2012
- ❖ John Carter Brown Library, Brown University, 1991
- ❖ Lauinger Library, Georgetown University, 1989-91
- ❖ DiMenna-Nyselius Library, Fairfield University, 1994

COMUNICAÇÕES APRESENTADAS EM CONFERÊNCIAS NO ESTRANGEIRO:

- ❖ "Pósmodernismo e Interculturalidade", *Aula Magna*, Universidade Federal Do Pará, Campus Universitário De Bragança na Amazônia, Brasil, Março 2022.
- ❖ "Connecting Hearts and Minds for Global Change", Fulbright Association, Arlington, VA, USA, (Aceite para publicação por impossibilidade de comparência), 24-26 de Outubro, 2019.
- ❖ "Two Ways of Seeing the World – Luso-Brazilian Chronicles and Emmanuel Lévinas", IV Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. Por convite da Universidade Federal de Goiás, Brasil, Julho 2013.
- ❖ "Apresentação", Simpósio 6 "A Cronística Luso Brasileira e Estrangeira sobre o Brasil Colonial: Literatura, História e Imaginário", Universidade Federal de Goiás, Brasil, 2013.
- ❖ "Imagens e Políticas de Representação dos Índios em Portugal: da Colónia à Actualidade, comunicação integrada no painel "Imagens e Políticas de Representação da Natureza e da Realidade Brasilíndia: da Colónia à Actualidade", 4º Congresso Internacional BRASA subordinado ao tema central *Brazilian Identity and Globalization*, Washington, D.C., USA, 1997.
- ❖ "Portuguese Images of American Women", Colóquio *Images of America through the European Looking Glass*, Vesalius College, Brussels, 1996.
- ❖ "European Perceptions of American Women", Graduate School of Education, Fairfield University, Conn., USA, 1994.
- ❖ "The American Dream, its Realization and Distortion", Department of Sociology, Fairfield University, Conn., USA, 1994.
- ❖ "Portugal and the Rights of the Indians", European Association of American Studies, Sevilha, Espanha, 1992.
- ❖ "Europe and America: Myths and Confrontations", International Society for the Study of European Ideas, Viena, Austria, 1992.
- ❖ "William Beckford and his Portuguese Friends", Eighth International Congress on the Enlightenment, University of Bristol, U. K., 1991.
- ❖ "Portuguese Perceptions of American Women", Smithsonian Institution, Washington, D.C., USA, 1991.

- ❖ "William Beckford and Portugal", Bath International Festival, Holburne Museum, Bath, U. K., 1990
- ❖ "Portugal in the Americas-A Cultural Confrontation", The John Carter Brown Library, Brown University, Providence, USA, 1990.
- ❖ "European Perceptions of the Americas in the Age of Explorations", Department of English, University of Vermont, Burlington, USA, 1990.
- ❖ "Portuguese Perceptions of the Americas in the Age of the Navigators", Congresso Internacional "Spain and Portugal of the Navigators-The Iberian Peninsula Countries, Europe and New Horizons", Georgetown University, Washington D.C., USA, 1990.
- ❖ "Portugal and the Discovery of the Americas", American Studies Association, Toronto, Canada, 1989.
- ❖ "Europe Discovers the American Cultural Confrontations in North and Latin America", *Workshop* organizada com o Prof. Thomas Brown (University of Alabama), American Studies Association, Toronto, Canada, 1989.
- ❖ "Swift and the Accommodation of Theology to Culture", University of Guelph, Guelph, Canada, 1989
- ❖ "A Re-examination of William Beckford's Life and Accomplishment in Portugal", American Society for 18th Century Studies, Williamsburg, Virginia, USA, 1989.
- ❖ "Vathek in Portugal, VIII International Congress on the Enlightenment", Budapest, Hungria, 1987
- ❖ "Scotland and Portugal", Institute for Advanced Studies in the Humanities, University of Edinburgh, U.K., 1984.
- ❖ "Portuguese Architecture and the Earthquake of 1755", Institute for Advanced Studies in the Humanities, University of Edinburgh, U.K., 1984.
- ❖ "Sir Walter Scott and the Reception of his Work in Portugal", Department of Hispanic Studies, University of Edinburgh, U.K., 1984.

ENTREVISTAS:

- ❖ Entrevista "A Influência do Programa Fulbright", Instituto Camões, 2019 (Gravado em Vídeo)
- ❖ "Entrevista sobre "Hillary Clinton e a política americana", conduzida pelo Vice-Director Leonídio Ferreira e publicada no *Diário de Notícias* de 11 de Novembro de 2016, p. 32.
- ❖ Entrevista concedida pela Senhora Reitora da Universidade Católica Portuguesa, Prof.^a Doutora Maria da Glória Garcia, quando da tomada de posse e publicada em *Gaudium Sciendi*, Nº 7, Janeiro 2015, pp. 239-241.
- ❖ Entrevista concedida pela Presidente da Assembleia Geral de Fulbrighters Portugal-Alumni Association, Dra. Lénia Godinho Lopes e publicada em *Programa Fulbright-Volume Comemorativo*, Lisboa, Edições Colibri, 2019, pp. 141-144.

ORGANIZAÇÃO DE SIMPÓSIOS INTERNACIONAIS:

- ❖ 3º Ciclo de Conferências Fulbright, Fulbrighters Portugal-Alumni Association, Janeiro a Dezembro de 2020.
- ❖ "Re-contextualizing Science from a Humanistic Perspective", Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, Universidade Católica, 2013.
- ❖ "A Transversalidade Linguístico-Cultural da Bíblia", Sociedade Científica, Universidade Católica Portuguesa, 2012.

PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA:

ACTIVIDADE EDITORIAL:

Directora e Editora da revista electrónica *Gaudium Sciendi* da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa. Realização de todo o trabalho editorial, incluindo os convites aos articulistas, a revisão e triagem dos artigos a publicar, a selecção das imagens e ilustrações, o *lay out* e organização da revista e a redacção em todos os números de "Notas Introdutórias", "Editoriais", "Informações" e "Apresentação das diferentes secções", desde 2012.

LIVROS

- ✓ *Walter Scott e o Romantismo Português*, Lisboa: Universidade Nova, 1979.
- ✓ *Portugal Visto pelos Ingleses*, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1981.
- ✓ *História da Literatura Infantil Portuguesa*, Lisboa: Vega, 1982.
- ✓ *William Beckford e Portugal*, Lisboa: Edições 70, 1987.
- ✓ *Sociedade e Cultura Norte-Americanas*, Lisboa: Universidade Aberta, 1996.
- ✓ *Ensaio-Notas e Reflexões*, Lisboa: Universidade Aberta, 2000.
- ✓ *Landscapes of Memory-Paisagens da Memória*, (coeditora), Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004.
- ✓ *Teorias da Cultura*, Lisboa: Universidade Católica Editora (³ 2010 reimpressão, ² 2006; ¹ 2004). Revisão de todo o texto e actualização da bibliografia para a 3ª edição de 2010.
- ✓ *Ensino Superior: Da Ruptura à Inovação*, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2007.
- ✓ *Nova Iorque de Topos a Utopos*, (coeditora), Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009.
- ✓ *Intelectuais Públicas Portuguesas - As Musas Inquietantes*, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2010.
- ✓ *Intellectual Topographies and the Making of Citizenship*, Coordenação com Helena G. da Silva e Inês E. Vieira, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011.
- ✓ *As Humanidades e as Ciências – Dois Modos de Ver o Mundo*, (Coordenação com M. Alexandre Bettencourt Pires, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2013.
- ✓ *Programa Fulbright – Volume Comemorativo*, (Coordenação), Lisboa: Edições Colibri, 2019.

COLABORAÇÃO EM DICIONÁRIOS E ENCICLOPÉDIAS

- Ilídia Adelaide Duarte Ribeiro, João Esteves, Zília Osório de Castro, *Feminae-Diccionario Contemporâneo*, Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, 2013, ISBN 978 972 597 372 1\978 972 597 373 8 (pdf), pp. 358-379.
- *Literature of Travel and Exploration-An Encyclopaedia*, 2003.

PREFÁCIOS

- Prefácio, Pedro Carlos Louzada Fonseca, *Bestiário e Discurso de Gênero no Descobrimento da América e na Colonização do Brasil*, ISBN 978-85-7460-374-2, Baur: EDUSC, 2011, pp. 9-14.
- Palavras Prévias, *Nova Iorque – De Topos a Utopos*, M. Laura Bettencourt Pires, Vitor A. De Oliveira, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009, ISBN 978-972-54-0395-9, pp. 7-8.
- Foreword, *Landscapes of Memory – Paisagens da Memória*, 2004, ISBN 972-54-0079-8, pp. 10-11.
- Prefácio, Álvaro Martins, *O Idealismo Wilsoniano – Utopia e Realidade*, ISBN 972- 700-398-2, Lisboa: Universitária Editora, 2002, pp. 7-14.
- Prefácio, Maria Filipa Palma dos Reis, *A Universidade nos Finais do Século XX – Autovisões e Altervisões da Universidade - O Romance Académico como Documento Cultural*, ISBN 972 700 328 1, Lisboa: Universitária Editora, 2001, pp. 13-20.
- Prefácio "Hillary Clinton: Saint or Sinner?", Alice Garcia van Raamsdonk, *Hillary Rodham Clinton. De Activista Liberal a Arquétipo do Poder Feminino*, ISBN 972 700 302 8, Lisboa: Universitária Editora, 2000, pp. 9-14.
- Preface, António Simões, *The Room*, ISBN 970 3437 0 1, Braga: APPACDM, Luso-American Publishing Company, 2000, pp. 7-10.
- Prefácio, António Simões, *O Quarto*, ISBN 970 3437 0 1, Braga: APPACDM, Luso-American Publishing Company, 2000, pp. 7-11.
- Prefácio, Maria Laura Bettencourt Pires, c, pp. 9-11.

COLABORAÇÃO EM LIVROS DE HOMENAGEM

- Do Museu Mausoléu ao Museu Imaginário sem Paredes, *A Arte da Cultura – Homenagem a Yvette Centeno*, Alda Maria Jesus Correia (Coord.), Lisboa: Edições Colibri, 2011, pp. 567-577.
- Reflexões sobre um Mito Pós-Moderno: *The Matrix, Partíamos como se Não Fôssemos – Homenagem a Horácio Peixoto de Araújo*, Inês Espada Vieira, José Alfaro, Maria dos Anjos Guincho, ISBN 978-989-8060-10-5, Lisboa: Digital XXI, 2010, pp. 311-326.
- "Outros Poderes" em Portugal e nos Estados Unidos em 1872, *Liberdade e Compromisso – Estudos Dedicados ao Professor Mário Fernando de Campos Pinto*, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2008, pp. 219-242.
- As Mulheres e a Universidade, *"So Long Lives This, and This Gives Life to Thee" - Homenagem a Maria Helena de Paiva Correia*, Lisboa: Edições Colibri, 2006, pp. 583-602.
- Reflexão sobre a Evolução de "A Ideia de Universidade", *"And Gladly Wolde (S)he Lerne and Gladly Teche" – Homenagem a Júlia Dias Ferreira*, Lisboa: Edições Colibri, 2006, pp. 531-547.
- A América no Imaginário Europeu, *Estudos de Arte e História – Homenagem a Artur Nobre de Gusmão*, Lisboa: Vega, 1995, pp.425-429
- Europe and America - Myths and Confrontations, *O Amor das Letras e das Gentes- In Honor of Maria de Lourdes Belchior Pontes*, João Camilo dos Santos, Frederick G. Williams (Coord.), ISBN 0 942 208 28 5, University of California at Santa Barbara, 1995, pp. 418- 424.

ENSAIOS E CAPÍTULOS EM LIVROS:

- "Vathek in Portugal", in *Vathek & the Escape from Time-Bicentenary Revaluations*, New York: AMS Press, 1990, pp. 225-246.
- "Treasure Island: Um Tesouro Inesgotável" in *RUN- Communities and Collections*, Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1990-91, pp. 119-160.
- "Europe and America-Myths and Confrontations", in *O Amor das Letras e das Gentes*, University of California at Santa Barbara, 1995, pp. 418-424.
- "Every Woman an Island: The Insular Dream of Men", in *Engendering Identities*, Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 1996, pp. 149-160.
- "Portuguese Images of American Women", in *Images of America: Through the European Looking Glass*, Brussels: VUPPRESS, 1997, pp. 37-46.
- "Prefácio", in *Hillary Rodham Clinton- De Activista Liberal a Arquétipo do Poder Feminino*, Lisboa: Universitária Editora, 2000, pp. 9-14.
- "Preface", in *The Room*, New York: Luso-American Publishing Company, 2000, pp. 7-10.
- "Prefácio", in *O Quarto*, New York: Luso-American Publishing Company, 2000, pp. 7-11.
- "Art Collectors-A Forgotten Aspect of American Culture", in *Actas – XXI Encontro da APEAA*, Viseu: Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, 2000, pp. 313-320.
- "Prefácio", in *A Universidade nos Finais do Século XX*, Lisboa: Universitária Editora, 2001, pp. 13-18.
- "Prefácio", in *O Idealismo Wilsoniano – Utopia e Realidade*, Lisboa: Universitária Editora, 2002, pp. 7-14.
- "William Beckford and Portugal: A Case of Mutual Attraction", in *William Beckford and the New Millennium*, New York: AMS Press, 2004, pp. 131-163.
- "Reflexão sobre a Evolução de 'A Ideia de Universidade' – de Kant a Dérriada", in *And gladly wolde she lerne and gladly teche*, Lisboa: Edições Colibri, 2006, pp. 531-547.
- "Ideia, Missão e Transformação da Universidade", in *Lisboa, Saúde e Inovação do Renascimento aos Dias de Hoje*, Lisboa: Gradiva, 2008, pp. 127-134.
- "A Esfera Pública e as Mulheres", in *Representações*, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2008, pp. 123-134.
- "'Outros Poderes' em Portugal e nos Estados Unidos em 1872" in *Liberdade e Compromisso*, Vol. I, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2008, pp. 219-242.

- "Mary McCarthy-Success and Failure", in *Success and Failure-Essays from the 29th APEAA Conference*, Universidade de Aveiro, 2009, pp. 135-142.
- "As Mulheres e a Universidade", in *So Long lives this, and this gives life to thee*, Lisboa:.
- "William Beckford e Portugal", in *Contributos para a História de Monserrate*, Sintra: DPI Cromotipo, 2009, pp. 43-55.
- "Simone de Beauvoir: A Primeira Intelectual Pública", in *Simone de Beauvoir-Olhares sobre a Mulher e o Feminino*, Lisboa: Vega, 2010, pp. 239-248.
- "Reflexões sobre um Mito Pós-Moderno: *The Matrix*", in *Partíamos Como Se Não Fôssemos*, Lisboa: Editora BonD, 2010, pp. 311-326.
- "Prefácio". In *Bestiário e Discurso do Gênero no Descobrimento da América e na Colonização do Brasil*, pp. 9-14, Bauru: EDUSC, 2011.
- "Do Museu Mausoléu ao Museu imaginário sem Paredes", in *A Arte da Cultura*, Lisboa, Edições Colibri, 2010, pp. 567-577.
- "Portuguese Women as Public Intellectuals", in *Intellectual Topographies and the Making of Citizenship*, pp. 295-314, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011.
- "Passado, Presente e Futuro dos Intelectuais Públicos", in *Formas de Ver e Dizer*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2011, pp. 11-29.
- "O tempo presente e o tempo passado – Estão ambos talvez presentes no tempo futuro", in *A Scholar for all Seasons*, Volume de Homenagem ao Prof. João de Almeida Flor, pp. 685-692, Lisboa: Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2012.
- "Ilidia Adelaide Duarte Ribeiro", in *Feminae- Dicionário Contemporâneo*, Lisboa: Comissão para a Igualdade de Género, 2013, pp. 358-359.
- "Introdução", in *As Humanidades e as Ciências – Dois Modos de Ver o Mundo*, pp. 13-23, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2013.
- "In Memoriam", in *As Humanidades e as Ciências – Dois Modos de Ver o Mundo*, pp. 167-168, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2013.
- "Friendship Over Seas For a Better World", aceite para publicação no "Livro de Homenagem a Teresa Ferreira Alves e Teresa Cid", 2020.

ARTIGOS EM REVISTAS

- ✓ "Is There a Santa Claus?", *Gaudium Sciendi*, Nº 17, Dezembro 2019– pp. 7-11.

- ✓ "Comemoração de Duzentos Anos da Publicação de *Ivanhoe*", *Gaudium Sciendi*, Nº 17, Dezembro 2019– pp. 97-115.
- ✓ "Recensão Crítica – o Anibaleitor", *Gaudium Sciendi*, Nº 17, Dezembro 2019 – pp. 121-122.
- ✓ "A Relação Médico Doente: Um Contributo da Ordem dos Médicos", Sugestão de Obras para Leitura, *Gaudium Sciendi*, Nº 17, Dezembro 2019– p. 120-121.
- ✓ "A Amizade", *Gaudium Sciendi*, Nº 16, Junho 2019– pp. 7-11.
- ✓ "Informações sobre *Gaudium Sciendi* ", *Gaudium Sciendi*, Nº 16, Junho 2019 – pp. 135-143.
- ✓ "About Us", *Gaudium Sciendi*, Nº 16, Junho 2019 – pp. 147-155.
- ✓ "Um Editorial Famoso de Thomas Paine", *Gaudium Sciendi*, Nº 14, Junho 2018 – pp. 5-9.
- ✓ " Walter Scott – Sempre Presente ou Desconhecido e Esquecido? *Gaudium Sciendi*, Nº 14, Junho 2018 – pp. 172-188.
- ✓ "Informações", *Gaudium Sciendi*, Nº 14, Junho 2018 – pp. 189-194.
- ✓ "Conselho Editorial", *Gaudium Sciendi*, Nº 14, Junho 2018 – pp. 195-196.
- ✓ "Conselho Consultivo", *Gaudium Sciendi*, Nº 14, Junho 2018 – pp. 197-198.
- ✓ "Conselho de Avaliação", *Gaudium Sciendi*, Nº 14, Junho 2018 – pp. 199-200.
- ✓ "About Us", *Gaudium Sciendi*, Nº 14, Junho 2018 – pp. 202-204.
- ✓ "Rules for Publication", *Gaudium Sciendi*, Nº 14, Junho 2018 – pp. 205-206.
- ✓ "Editorial Board", *Gaudium Sciendi*, Nº 14, Junho 2018 – pp. 207-208.
- ✓ "Advisory Board", *Gaudium Sciendi*, Nº 14, Junho 2018 – pp. 209-210.
- ✓ "Blind Peer Review", *Gaudium Sciendi*, Nº 14, Junho 2018 – pp. 211-212.
- ✓ "D'où Venons Nous? Que Sommes Nous? Où Allons Nous? - Breve Reflexão Sobre o Sentido da Vida", *Gaudium Sciendi*, Nº 13, Dezembro 2017– pp. 101-120.
- ✓ "Informações sobre *Gaudium Sciendi*", *Gaudium Sciendi*, Nº 13, Dezembro 2017– pp. 133-144.
- ✓ "About Us", *Gaudium Sciendi*, Nº 13, Dezembro 2017– pp. 145-155.
- ✓ "Editorial – 5º Aniversário", *Gaudium Sciendi*, Nº 12, Junho 2017– pp. 5-12.
- ✓ "João Lobo Antunes – A Ciência e a Arte", *Gaudium Sciendi*, Nº 12, Junho 2017– pp. 177-188.
- ✓ "Editorial", *Gaudium Sciendi*, Nº 11, Janeiro 2017– pp. 7-16.
- ✓ "Nosce Te Ipsum – Reflexões sobre o Sentido da Vida", *Gaudium Sciendi*, Nº 11, Janeiro 2017– pp. 33-50.
- ✓ "Sugestões de Obras para Recensão Crítica-Lembranças e Afectos - A Amizade também é Memória; *Writing New Worlds; História das Mulheres*", *Gaudium Sciendi*, Nº 11, Janeiro 2017– pp. 153-158.
- ✓ "Despedida e Boas Vindas", *Gaudium Sciendi*, Nº 10, Julho 2016 – pp. 3-16.

- ✓ "Debates"; "Entrevistas"; "Cartas à Directora"; "Conselho de Arbitragem" (*Blind Peer Review*);
- ✓ "Dois Modos de Ver o Mundo - A Cronística Luso-Brasileira e Emmanuel Lévinas", *Gaudium Sciendi*, Nº 10, Julho 2016 – pp. 81-112.
- ✓ "Conselho Consultivo" (*Advisory Board*), *Gaudium Sciendi*, Nº 10, Julho 2016.
- ✓ "Despedida e Boas Vindas", *Gaudium Sciendi*, Nº 10, Julho 2016 – pp. 3-16.
- ✓ "Dois Modos de Ver o Mundo - A Cronística Luso-Brasileira e Emmanuel Lévinas", *Gaudium Sciendi*, Nº 10, Julho 2016 – pp. 81-112.
- ✓ "Editorial – Estudos sobre as Mulheres", *Gaudium Sciendi*, Nº 9, Dezembro 2015– pp. 4-9.
- ✓ "In Memoriam – Ana Vicente", *Gaudium Sciendi*, Nº 9, Dezembro 2015– pp. 107-123.
- ✓ "Informações", *Gaudium Sciendi*, Nº 9, Dezembro 2015 – p. 4.
- ✓ *Gaudium Sciendi*, Nº 9, Dezembro 2015, pp. 161-181.
- ✓ "Editorial", *Gaudium Sciendi*, Nº 8, Julho 2015 – pp. 10-15.
- ✓ "As Humanidades e As Ciências - Dois Modos de Ver o Mundo", *Gaudium Sciendi*, Nº 8, Julho 2015 – pp. 144-165.
- ✓ "Informações", *Gaudium Sciendi*, Nº 8, Julho 2015 – pp. 192-211.
- ✓ "As Múltiplas Literacias", *Gaudium Sciendi*, Nº 7, Janeiro 2015 – pp. 25-37.
- ✓ *Gaudium Sciendi*, Nº 7, Janeiro 2015, pp. 4; 5-9; 10-12; 13-14; 15-16; 17-18; 19; 20-21, 22.
- ✓ "Women and Money – Consumerism, Masquerade or Seduction?", *Gaudium Sciendi*, Nº 7, Janeiro 2015 – pp. 216-231.
- ✓ "Recensões Críticas – *The Demise of the Inhuman-Afrocentricity, Modernism and Postmodernism; Imagens da Mulher na Imprensa Feminina de Oitocentos e Das Motiv des Doppelgängers als Spaltungphantasie in der Literatur und im deutschen Stummfilm*", *Gaudium Sciendi*, Nº 7, Janeiro 2015 – pp. 232-237.
- ✓ "Entrevista da Senhora Reitora da Universidade Católica Portuguesa", *Gaudium Sciendi*, Nº 7, Janeiro 2015 – pp. 239-241.
- ✓ "Editorial - O Conceito de Alma", *Gaudium Sciendi*, Nº 6, Junho 2014 – pp. 21-41.
- ✓ "O Conceito de Alma na Poesia Romântica Inglesa", *Gaudium Sciendi*, Nº 6, Junho 2014 – pp. 248-269.
- ✓ "Nota Introdutória", *Gaudium Sciendi*, Nº 5, Dezembro 2013 – p. 5.
- ✓ "Editorial", *Gaudium Sciendi*, Nº 5, Dezembro 2013 – p. 9-21.
- ✓ *Gaudium Sciendi*, Nº 5, Dezembro 2013, pp. 171-172; 173-174; 175-176; 191-192; 193.
- ✓ "Diálogos – O Mestrado em Estudos sobre as Mulheres" coautora com M. Beatriz Rocha Trindade, in *Faces de Eva – Estudos sobre as Mulheres*, Nº 30, pp. 115-126, Lisboa: Edições Colibri, 2013.

- ✓ "Nota Introdutória", *Gaudium Sciendi*, Nº 4, Julho 2013 – p. 4.
- ✓ "Informações", *Gaudium Sciendi*, Nº 4, Julho 2013 – p. 5.
- ✓ "Editorial", *Gaudium Sciendi*, Nº 4, Julho 2013– pp. 6-19.
- ✓ "Nota Final", *Gaudium Sciendi*, Nº 4, Julho 2013 – p. 232.
- ✓ "Nota Introdutória", *Gaudium Sciendi*, Nº 3, Janeiro 2013 – p. 4.
- ✓ "Informações", *Gaudium Sciendi*, Nº 3, Janeiro 2013 – p. 5.
- ✓ "Editorial", *Gaudium Sciendi*, Nº 3, Janeiro 2013– p. 8-16.
- ✓ "Apresentação". In *Gaudium Sciendi*, Nº 3, Janeiro 2013, p. 33.
- ✓ "Nota Introdutória ao Discurso de Posse da Magnífica Reitora da Universidade Católica", *Gaudium Sciendi*, Nº 3, Janeiro 2013 – p. 18-19
- ✓ "A Bíblia Hebraica", Apresentação, *Gaudium Sciendi*, Nº 3, Janeiro 2013 – p. 34-35.
- ✓ " A Versão King James da Bíblia", *Gaudium Sciendi*, Nº 3, Janeiro 2013 – p. 103-123.
- ✓ "Nota Final", *Gaudium Sciendi*, Nº 3, Janeiro 2013 – p. 147.
- ✓ "Apresentação", *Gaudium Sciendi*, Nº 2, Julho 2012 – p. 4.
- ✓ "Editorial", *Gaudium Sciendi*, Nº 2, Julho 2012 – pp. 6-23.
- ✓ "Fans and Celebrities at the University", *Gaudium Sciendi* Nº 2, Julho 2012, pp. 65-87.
- ✓ "Apresentação", *Gaudium Sciendi*, Nº 1, Março 2012 – p. 1
- ✓ "Informações", *Gaudium Sciendi*, Nº 1, Março 2012 – p. 2.
- ✓ "Editorial", *Gaudium Sciendi*, Nº 1, Março 2012 – pp. 5-12.
- ✓ "Public Intellectuals – Past, Present and Future", *Comunicação & Cultura*, Nº 5, Primavera-Verão 2009 – pp. 115-130.
- ✓ "The Reception of William Beckford in Portugal", *Signótica*- Universidade Federal de Goiás, Vol. 21, Nº 1, Janeiro/Junho 2009, pp. 139-168.
- ✓ "Walter Scott and Portugal", *Twenty Third Annual Report and Review*, Lisboa: The British Historical Society of Portugal, pp. 13-19.
- ✓ "Reflexões sobre a Dor", *Comunicação & Cultura*, Nº 5, Primavera-Verão 2008 – pp. 123-138.
- ✓ "Europe and America – Myths and Confrontations", *History of European Ideas*, Vol. 20, Nº 1-3, 1995, pp. 615-620.
- ✓ "Treasure Island – Um Tesouro Inesgotável?", *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, Nº 5, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, pp. 119-160.
- ✓

TRADUÇÕES

- ✓ Declaração de Política Inglesa ← *Libelle of Englishe Polytye*, 1436. *Political Poems and Songs Relating to English History*, p. 15.
 - ✓ Vida e Estranhas e Surpreendentes Aventuras do Marinheiro Robinson Crusoe de York, que Viveu 28 Anos Sozinho numa Ilha Deserta ← Daniel Defoe, *The Life and Strange Surprising Adventures of Robinson Crusoe of York...*, 1719, pp. 17-18.
 - ✓ Viagens a Várias Nações Longínquas do Mundo em Quatro Partes... ← Jonathan Swift, *Gulliver's Travels*, 1726, pp. 19-21.
 - ✓ Diário de uma Viagem a Lisboa ← *Journal of a Voyage to Lisbon*, 1755, pp. 23-26.
 - ✓ Itália, com Descrições de Espanha e Portugal ← William Beckford, *Italy, with Sketches of Spain and Portugal*, 1834, pp. 27-33.
 - ✓ Memórias da Vida e Obra de Luís de Camões ← John Adamson, *Memoirs of the Life and Writings of Luís de Camões*, 1820, pp. 35-38.
 - ✓ Diário de uma Estadia de alguns Meses em Portugal e Vislumbres do Sul de Espanha ← Dora Wordsworth (Mrs. Quillinan), *Journal of a Few Months Residence in Portugal and Glimpses of the South of Spain*, 1895, pp.39-41.
 - ✓ Catarina de Bragança, Infanta de Portugal e Rainha Consorte de Inglaterra, com Retratos e Ilustrações ← Lillias Campbell Davidson, *Catherine of Bragança-Infanta de Portugal and Queen Consort of England*, 1908, pp. 41-46.
 - ✓ Rita, A Portuguesa ← M. P. Guimarães, *Rita, The Portuguese*, sem data, pp. 47-50.
 - ✓ Tratado de Tagilde ← *The Anglo-Portuguese Treaty of 1373*, baseada na leitura de Dr. Silva Pinto (1944), pp. 55-56.
 - ✓ Tratados de Paz e Aliança com a República Inglesa, 10 de Junho de 1654 ← *Treaty of Westminster (1654)*, pp. 57-58.
 - ✓ Proclamação Real ← *By the King, A Proclamation, 1660*, pp. 59-60.
 - ✓ Tratado de Whitehall ← *Whitehall Treaty, 26-6-1661*, pp. 61-62.
 - ✓ Tratado de Aliança de 1703 (Tratado de Methuen) ← *Methuen Treaty*, pp. 63.
 - ✓ Tratado entre a Rainha Senhora D. Maria I e Jorge III Rei da Grã-Bretanha. 17 de Novembro de 1792 ← *Anglo-Portuguese Alliance*, pp. 65-66.
 - ✓ Batalhas e Cercos Ingleses na Península ← William Napier, *History of the War in the Peninsula and in the south of France from the year 1807 to the year 1814*, pp. 71-73.

 - ✓ A Guerra da Península e as Campanhas de Wellington em França e na Bélgica ← H. R. Clinton, *The War in the Peninsula, and Wellington's Campaigns in France and Belgium*, pp. 75-76.
 - ✓ Diário de um Oficial de Cavalaria na Guerra Peninsular e na Campanha de Waterloo 1809-1815. ← James Tomkinson, *The Diary of a Cavalry Officer in the Peninsular War and Waterloo Campaign, 1809-1815*, pp. 77-78
 - ✓ Cartas da Península – 1808-1812 ← Sir William Warre, *Letters of the Peninsula*, 1909, pp. 79-82.
 - ✓ Brougham e os seus Amigos – Cartas a James Lach 1798-1809 ← R. H. M. Atkinson, G. A. Jackson, *Brougham and His Early Friends: Letters to James Loch, 1798-1809*, pp. 83-85.
 - ✓ Uma Carta escrita de Goa, A Principal Cidade de Todas as Índias Ocidentais ← Thomas Stevens, *Voyages and Documents of Richard Hakluyt*, 1985, pp. 91-94.
-

- ✓ As Principais Navegações, Tráfegos, Viagens e Descobertas da Nação Inglesa feitas por Mar e Terra aos mais remotos e Distantes Cantos da Terra, em Qualquer Altura Dentro dos Limites destes 1500 Anos ← Richard Hakluyt, *The Principal Navigations, Voyages and Discoveries of the English Nation, 1589*, pp. 95-96.
- ✓ Memórias de Lady Fanshawe ← Anne Morrison, *Memoirs of Lady Fanshawe*, pp. 97-104.
- ✓ Descrição da Corte de Portugal no Reinado de D. Pedro II, com algumas Considerações. ← John Colbatch, *An Account of the Court of Portugal under the Reign of the Present King Dom Pedro II, 1700*, pp. 105-108.
- ✓ Viagens Através de Várias Províncias de Espanha e Portugal ← Richard Croker, *Travels through several provinces of Spain and Portugal, 1799*, pp. 109-112.
- ✓ Diários de uma Estadia em Portugal, 1800-1801 e uma Visita a França 1838 ← Robert Southey, *Journals of a Residence in Portugal 1800-1801 and a Visit to France 1838, 1960*, pp. 113-115.
- ✓ Cartas Particulares de Robert Southey ← Robert Southey, *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal, 2001*, pp. 117-120.

TEXTOS LANÇADOS NO REPOSITÓRIO DIGITAL DA UNIVERSIDADE ABERTA (2010-2014)

- ❖ Importância e Evolução da Literatura Infantil
- ❖ Reflexões sobre Literatura Infantil
- ❖ Tolkien e a Reabilitação da Imaginação
- ❖ Robert Louis Stevenson: Tusitala, o Contador de histórias
- ❖ Henry James e Robert Louis Stevenson
- ❖ A Ambiguidade de Alfred Tennyson
- ❖ Lady Gregory e o Movimento Dramático Irlandês
- ❖ Carlyle, *The Victorian Sage*
- ❖ Imagens de Alcobaça e Batalha na Obra de William Beckford
- ❖ William Blake e a Arte Apocalíptica
- ❖ Swift e a Acomodação da Teologia à Cultura
- ❖ Thomas Pynchon, *The Author Who Isn't*
- ❖ Debates Feministas nos Estados Unidos
- ❖ Hemingway, *The Observing Ego*
- ❖ Representações Simbólicas da Liberdade nos Estados Unidos
- ❖ Percepções Portuguesas dos Índios no Período Colonial
- ❖ Dois Jesuítas no Novo Mundo
- ❖ Católicos e Protestantes no Continente Americano

TEXTOS ENTREGUES PARA PUBLICAÇÃO (à data de Março de 2020):

- ❖ "The Reception of William Beckford in Portugal". In Elianor Shaffer, (Ed.), *William Beckford in Europe: Essays in Literature, Architecture, and the Fine and Decorative Arts*, Cambridge: Open Book.
- ❖ "A Universidade em Tempos de Transformação", *Signótica - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística*, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás.
- ❖ "Dois Modos de Ver o Mundo – A Cronística Luso-Brasileira e Emmanuel Lévinas", texto da comunicação apresentada no IV Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa em Goiás, Brasil, Julho de 2013.
- ❖ "William Beckford e Sintra", in *Antologia de Sintra*, Lisboa: Center for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies.
- ❖ Excerpts of *Italy: with Sketches of Portugal and Spain*, tradução e notas para o volume *Antologia de Sintra*, Lisboa: Center for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies.

- ❖ "Idea, Mission and Transformation of the University". Tradução inglesa do ensaio anteriormente publicado em Português na obra de Constantino Sakellarides & Manuel Valente Alves (Eds.), *Lisboa: Saúde e Inovação - Do Renascimento aos Nossos Dias*, Lisboa: Gradiva, 2008, pp. 127-13 e que aguarda publicação em Inglês.
- ❖ "Editorial", *In Gaudium Sciendi*, Nº 17, que vai ser publicado em Julho 2020.

WEBGRAFIA

- As mulheres e a intelectualidade portuguesa; <https://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/convidados/interior/as-mulheres-e-a-intelectualidade-portuguesa-1721546.html>
- "Não penso que Hillary tenha acabado a carreira política", <https://www.dn.pt/mundo/nao-penso-que-hillary-tenha-acabado-a-carreira-politica-5492036.html>
- "A Fulbright é instrumento de política externa americana mas também portuguesa", <https://www.dn.pt/mundo/a-fulbright-e-um-instrumento-de-politica-externa-americana-mas-tambem-portuguesa-10714695.html>
- Intellectual Topographies and the Making of Citizenship, <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/34090>
- Passado, Presente e Futuro dos Intelectuais Públicos, <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/34087>
- Teorias da Cultura, <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/34080>
- Reflexões sobre literatura infantil, <http://hdl.handle.net/10400.2/434>
- Sociedade e Cultura Norte-Americanas, <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/5198>
- 31 publicações disponíveis no repositório da Universidade Aberta, <https://repositorioaberto.uab.pt/browse?type=author&value=Pires%2C+Maria+Laura+Bettencourt>



Alvor, férias, 2020

GALERIA DE FOTOS



EUA



Lisboa, UCP, Júri, 2015



Lisboa, comissão Fulbright, 2017



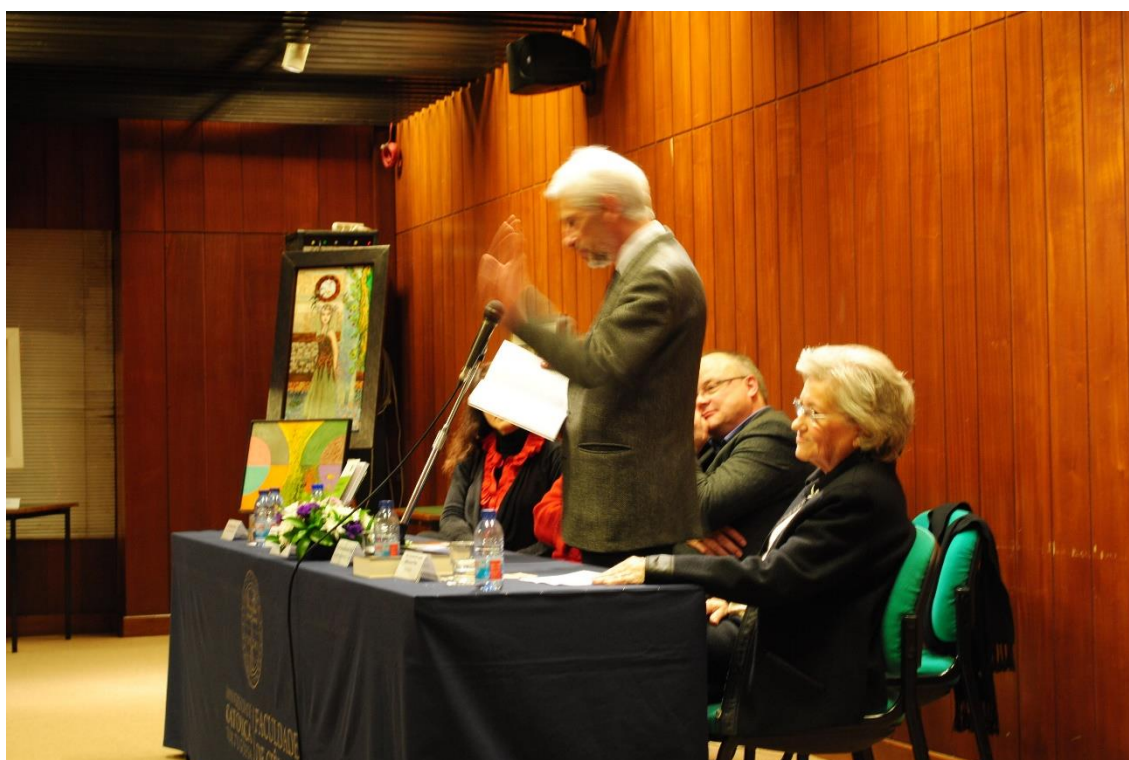
Lisboa, lançamento volume comemorativo do programa Fulbright, 2019



Lisboa, lançamento volume comemorativo do programa Fulbright, 2019



Lisboa, feira do Livro, 2008



Lisboa, UCP, lançamento de livro, 2013



Miembros del Jurado del Premio "Andrés Bello" 1994 (sentadas, iz. a der.): María Laura Bettencourt Pires (Portugal); Berta Perelstein de Braslavsky (Argentina); (de pie, iz. a der.) Carlos Paldao (PREDE/OEA); Dr. César Gaviria, Secretario General de la OEA; Dr. Luis Gámez Jiménez (México); y Boris Edimigio Ruíz Medina (Venezuela). (Foto: Roberto Ribeiro)

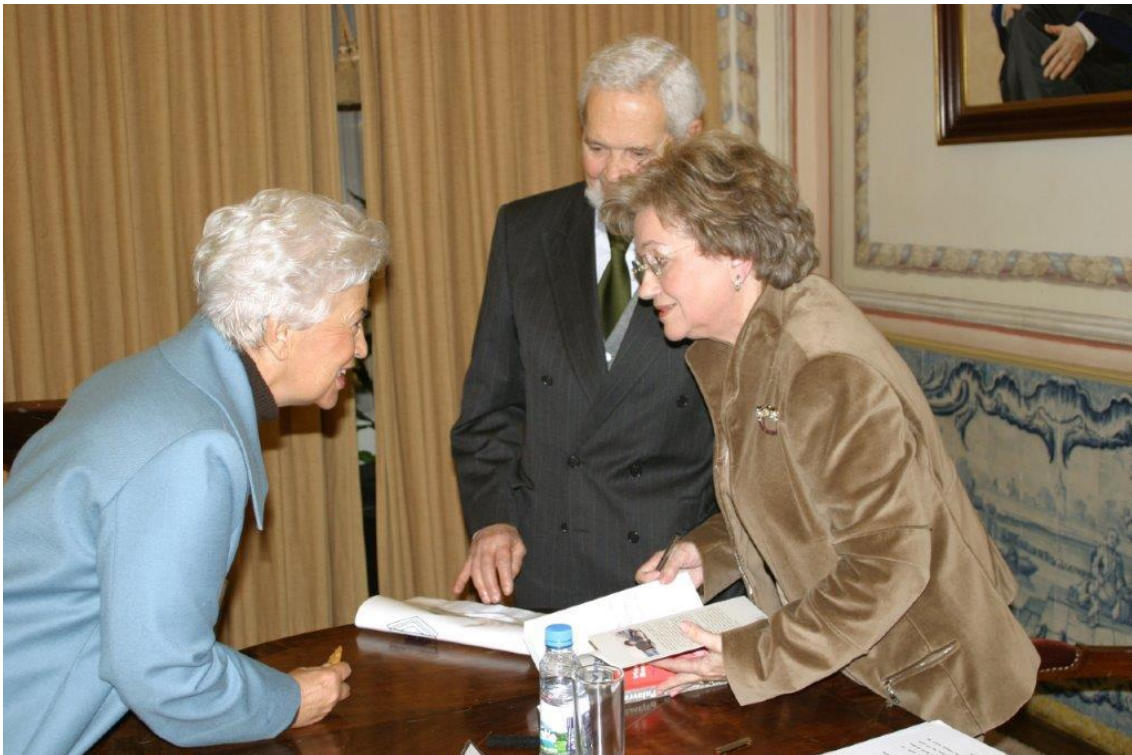
Argentina, 1994



Lisboa, UCP, 2006



Lisboa, Universidade aberta, anos 90 do séc. XX



Lisboa, Universidade aberta, Homenagem, 2005



Lisboa, Universidade aberta, Homenagem, 2005



Lisboa, Universidade aberta, Homenagem, 2005



Lisboa, Universidade aberta, Homenagem, 2005



Lisboa, Universidade aberta, Homenagem, 2005



Lisboa, Universidade de Lisboa, Júri, 1987

ARTIGOS

THINGS THEY SAID YESTERDAY¹

Miguel Alarcão
NOVA FCSH/CETAPS²

In 2000 I took part in the IVth International English Culture Conference, organized by the University of Lisbon Centre of English Studies (ULICES), with a paper on *Robin Hood and His Crew of Souldiers*, a short anonymous play performed in Nottingham on 23rd April 1661, Charles II's coronation day. As stated in the abstract,

“What I will try to do (...) is (...) to suggest how in the early 1660s (...) literature and (...) propaganda have joined forces offering through the Robin Hood legend an apology for the need to replace revolution with restoration, thus healing a nation deeply divided in the previous decades.”

One may wonder what connections can possibly be established between a play from the **1660s** and the most iconic British band of the **1960s**. The answer lies in the message of (re)conciliation (although admittedly an ambiguous and controversial one...)³ patent in the opening I chose all those years ago: The Beatles, “Revolution” (1968).⁴

Having said that, my present purpose is basically to suggest, through other videos available in YouTube, how some issues, features and feelings, whether personal or social, of today's world --- indifference, insensibility, alienation, exclusion, isolation, loneliness, frustration, suffering, grief and pain, etc. --- were, so to speak, musically **and verbally** ‘translated’ by the Beatles in(to) their songs, which I will be using visually as clickable primary sources. After all, as Kenneth Womack and Todd F. Davis remind us,

¹ Paper presented at the International Conference “It Was Fifty Years Ago Today. An Academic Tribute to The Beatles”, organized by CETAPS and held at UNIV. NOVA (17th-18th June 2021). Our title is obviously inspired by, and based upon, “Things We Said Today” (1964).

² CIÊNCIA ID 3913-2142-7^a5F; ORCID 0000-0002-0831-1941; RESEARCHER ID M-1052-2016.

³ See MacDonald, pp. 280-286, pp. 287-291 and pp. 295-296 and Philo, pp. 136-138.

⁴ See <https://www.youtube.com/watch?v=BGLGzRXY5Bw>.

“(...) their [The Beatles’] songs (...) concern themselves with the human condition and the dilemmas (...) regarding the interpersonal relationships that mark our lives.” (p. 2)

Notwithstanding the subjective nature of every selection,⁵ the first piece we have selected for comment is “The Fool on the Hill” (*Magical Mystery Tour*, 1967):

<https://vimeo.com/249450727>

This song, with its rising melody, has already been described as

“(...) an airy creation, poised peacefully above the world in a place where time and haste are suspended. (...) The timeless appeal of THE FOOL ON THE HILL lies in its paradoxical air of childlike wisdom and unworldliness, an effect created by a (...) revolving harmony in which the world turns in cycles of struggle and rest, shadowed by clouds drifting (...) across the sky.” (MacDonald, p. 271)⁶

An interesting dialogical exercise might perhaps correlate this “(...) man with the foolish grin (...)”, whom “(...) nobody wants to know (...)”, “(...) nobody ever hears (...)” and “(...) nobody seems to like (...)”, with William Wordsworth’s characters somehow connected with idiocy or lunacy,⁷ not to mention the attraction of the English romantic poets and painters towards mountains and clouds as literary and artistic tropes,⁸ as well as some oil paintings by Caspar David Friedrich (1774-1840), namely “Morning Fog in Mountains” (1808),⁹ “Morning in the Mountains” (c.1822-23)¹⁰ and “The Wanderer above the Mists” (c.1818):¹¹

⁵ Thus we will not be discussing, for instance, “Nowhere Man” (*Rubber Soul*, 1965), whose protagonist, “(...) sitting in his nowhere land,/making all his nowhere plans/for nobody.”, might easily recall many elderly and marginalized people of today’s societies.

⁶ According to Hunter Davies, “(...) it’s about (...) an apparent foolish person who is in fact pretty wise, a notion that has appeared in literature down the centuries.” (p. 238), whereas Sean Egan adds that “Paul (...) posits the question of whether it’s society or the title character that is foolish.” (p. 153)

⁷ For example, “The Idiot Boy” in *Lyrical Ballads* (1798).

⁸ See, for instance, Brennan, Nicolson, and Watson.

⁹ Rudolstadt, Staatliche Museen, Heidecksburg Castle (Wolf, p. 27).

¹⁰ Sampetersburg, Hermitage Museum (*Ibidem*, p. 72).

¹¹ Hamburg, Hamburger Kunsthalle (*Ibidem*, p. 58).





Curiously enough, João Garcia, the first Portuguese alpinist to climb the Everest, entitled his book *A Mais Alta Solidão* (2002).¹²

The next song, from the album *Revolver* (1966) and released as a single on the B side of *Yellow Submarine*, was described by A. S. Byatt as having “(...) the minimalist quality of a Beckett story.” (*Apud* Egan, p. 117)

“Eleanor Rigby”;

<https://www.youtube.com/watch?v=HuS5NuXRb5Y>

This image of the rice, scattered through the church floor after a wedding and swept by a lonely woman, who, presumably, not only lacks love in her life but “lives in a dream”, is a powerful and disturbing one, much like Father McKenzie’s behaviour,

¹² In English, *The Highest Loneliness (or Solitude)*. On mountains, mountain-climbing and romantic geography, see Tuan, pp. 41-49 and Dora.

“wiping the dirt from his hands as he walks from the grave”, after Eleanor’s funeral. To Ian MacDonald,

“Eleanor Rigby dies alone because unable to tell anyone how she felt. McKenzie’s sermon won’t be heard --- not that he cares very much about his parishioners --- because religious faith has perished along with communal spirit. (...). Often represented as purveyors of escapist fantasy, The Beatles were, at their best, more poignantly realistic about their society than any other popular artists of their time.” (p. 204)

Finally, the implicit lack of intergenerational dialogue, negotiation and understanding, probably due to very different sets of values and changing(ed) ways of life since the end of the Second World War, underlies this slow waltz inspired by Melanie Coe, a 17 year old British girl, reported in the *Daily Mirror* (27th February 1967):

“She’s Leaving Home” (*Sgt Pepper’s Lonely Hearts Club Band*, 1967);

<https://www.youtube.com/watch?v=Dlc8TnrC9tQ>

However, in MacDonald’s words, “(...) where Eleanor’s tragedy is stark and final, the failure of the (...) parents to understand their child (...) is at least recoverable, rendering the track’s heart-tugging sentiment entirely apt. Indeed, for some, this is the single most moving song in The Beatles’ catalogue.” (p. 245)¹³ In both compositions, the lyrical mode is conveyed and enhanced by stringed instruments (mostly violins and cellos, besides the harp in *She’s Leaving Home*), but perhaps we may also read Paul’s performance in the Red Square, Moscow (May 2003), as a subtle political statement and message on (the right to) democracy and dissent. If so, this is something that Vladimir Putin, sitting on the front row, has notoriously failed to listen and attend to...

More than half a century on, many of the issues artistically dealt with by the Beatles remain with us and, needless to say, there are no swift, ready-made solutions to the

¹³ “The Greek chorus in the background of the wailing parents, as sung by Paul and John, (...) is especially poignant.” (Davies, p. 234) Rob Sheffield draws attention to a crucial point in the evolving history of the band, claiming that “(...) There is pathos in the overlapping John/Paul dialogue. (...) Paul speaks for the girl, John for the parents, neither really hearing the other --- two men staring at each other, lifelong friends who want to communicate but aren’t sure how anymore.” (p. 167).

problems they still (re)present to contemporary societies.¹⁴ However, taking up utopianism as a “structure of feeling” so deeply characteristic of the Sixties,¹⁵ may I add that, prior to John Lennon’s “Imagine” (1971), the band as a whole did show us a way in “All You Need is Love” (*Magical Mystery Tour*, 1967).¹⁶ To say nothing of the pacifism expressed by Lennon and the Plastic Ono Band in “Give Peace a Chance” (1969), George Harrison’s philosophical, existential, and mystical leanings and beliefs, Ringo Starr’s “Peace and Love” slogan and gestures or Paul McCartney’s waving of the Ukrainian flag in concerts held as part of his 2022 world tour.

I will conclude, endorsing David Charles’s question (and answer):

“Why, out of all the Liverpool groups, all the British groups, all the artists in the world even, why would The Beatles be the most successful and sell the most records and, even after all these years, still be selling (...)?”

The answer is simple. They wrote and performed *great* songs.

Yes, they also made cracking records, they had a brilliant producer, a highly competent manager, a superb road crew, they looked cute, played as well as anyone else in the land, and were (...) very professional. But all of this would have been meaningless if they didn’t have great songs for their foundation. They certainly (...) wouldn’t be selling records today in the volumes they do, because of fashion, or coolness, or clever marketing. When was the last time you saw an advertisement for a Beatles record? But people, old and young, still react to the phenomenal body of work which they left and it will, I believe, serve as their testament for ever after – and a bit more.” (p. 50)¹⁷

¹⁴ “The sixties unleashed conflicts within (...) new areas of concern --- over affirmative action, abortion, homosexuality, drugs, rock lyrics, [and] air pollution, many of which still preoccupy us today.” (Stark, p. 4)

¹⁵ “The Beatles celebrate love and peace and freedom, the pursuit of spiritual fulfillment, self-expression, and sex, drugs and rock’n’roll, and decry war and violence, materialism, conformity, hierarchy, and authority. One would be hard put to find a song that is not consistent with these values, and of course they were adopted as the values of the 1960s, and a large portion of the generation who came of age during that era.” (Ian Marshall in Womack e Davis, eds., p. 26)

¹⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=csyHN3LoRJ4>. “It was probably more of a chant than a song, but a very infectious chant and one with a message. A message which if, had it been taken to heart, would have made the world a much better place.” (Charles, p. 67)

¹⁷ According to Shawn Levy, “(...) there was nothing, truly, ever like the Beatles: the personalities, the songwriting, the freshness of their look and sound, the palpable exuberance they radiated on stage, on record or simply talking off the cuff. Pop music had not known the like since (...) Elvis Presley. And no British act had ever come remotely close to generating the same degree of heat, hysteria and pan-cultural recognition.” (p. 89) Likewise, Stephen Stark argues that “The Beatles became historical forces for reasons that transcended their songs. (...) To understand

References and further reading:

Primary sources:

The Beatles, "Eleanor Rigby" (1966).

<https://www.youtube.com/watch?v=HuS5NuXRb5Y> (c. 2:11). Access 19.07.2022.

---. "Revolution" (1968). <https://www.youtube.com/watch?v=BGLGzRXY5Bw> (3:27). Access 19.07.2022.

---. "She's Leaving Home" (1967). <https://www.youtube.com/watch?v=Dlc8TnrC9tQ> (2:38). Access 19.07.2022.

---. "The Fool on the Hill" (1967). <https://vimeo.com/249450727> (2:55). Access 19.07.2022.

Secondary sources:

Alarcão, Miguel, "A Hero for all Seasons or, Signs of the Times: Robin Hood from Republican to Restoration England". *Anglo-Saxónica. Revista do Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa*. Lisboa: Edições Colibri/Centro de Estudos Anglisticos, Série II, nº 20 (2003), pp. 39-52. Web <<http://run.unl.pt/handle/10362/14981>>.

Alarcão, Miguel, ---. "Ten years that shook the world: representations of youth(s) in some musical hits from the British Sixties". *Gaudium Sciendi*. Revista da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa. Lisboa: SCUCP, nº 13 (Dezembro de 2017), pp. 57-66. Web http://www2.ucp.pt/resources/Documentos/SCUCP/GaudiumSciendi/GaudiumSciendi_N13/09ma_Youth_13.pdf>.

Brennan, Matthew, *Wordsworth, Turner, and Romantic Landscape. A Study of the Traditions of the Picturesque and the Sublime*. Columbia, South Carolina: Camden House Inc., "Studies in English and American Literature, Linguistics, and Culture", vol. V, 1987.

Charles, David, *The Beatles*. Harpenden, Herts: Pocket Essentials, 2003.

this group, one has to grasp the larger cultural forces they triggered and came to represent that enabled them to make their mark." (p. 2)

- Collins, Marcus, *The Beatles and Sixties Britain*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022 (2020).
- Davies, John Hunter, *The Beatles Book*. London: Ebury Press, 2016.
- Dora, Veronica della, *Mountain: Nature and Culture*. London: Reaktion Books Ltd., "Earth Series", 2016.
- Egan, Sean (ed.), *The Mammoth Book of The Beatles*. London: Constable & Robinson Ltd., 2009.
- Levy, Shawn, *Ready, Steady, Go. Swinging London and the Invention of Cool*. London and New York: Fourth Estate, 2003 (2002).
- MacDonald, Ian, *Revolution in the Head. The Beatles' Records and the Sixties*. 2nd revised edition. London: Vintage Books, 2008 (S.l.: Fourth Estate, 1994).
- Nicolson, Marjorie Hope, *Mountain Gloom and Mountain Glory. The Development of the Aesthetics of the Infinite*. Seattle and London: University of Washington Press, "Weyerhaeuser Environmental Classics", 1997 (1959).
- Philo, Simon, *British Invasion. The Crosscurrents of Musical Influence*. Lanham, Maryland/Boulder/New York/London: Rowman & Littlefield, "Tempo", 2015.
- Pregnall, Andrew *et alii*, *Welcome to The Beatles*. Blacksburg, Virginia: Virginia Tech, Department of History in association with VT Publishing, 2018.
- Sawyers, June Skinner (ed.), *Read the Beatles: Classic and New Writings on the Beatles, Their Legacy and Why They Still Matter*. Foreword by Astrid Kirchherr. Harmondsworth: Penguin Books, 2006.
- Sheffield, Rob, *Dreaming the Beatles. The Love Story of One Band and the Whole World*. N.p.: Dey Street Books, 2018.
- Stark, Stephen D., *Meet the Beatles: A Cultural History of the Band that shook Youth, Gender, and the World*. New York: William Morrow - Harper Collins Publishers, 2006 (2005).
- Thompson, Gordon. *Please Please Me: Sixties British Pop, Inside Out*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- Tuan, Yi-Fu, *Romantic Geography in search of the sublime Landscape*. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 2013.
- Watson, J. R., *Picturesque Landscape and English Romantic Poetry*. London: Hutchinson Educational Ltd., 1970.

Weber, Erin Torkelson, *The Beatles and the Historians. An Analysis of Writings About the Fab Four*. Jefferson, North Carolina: McFarland & Company, Inc., 2016.

Whiticker, Alan J., *British Pop Invasion. How British Music Conquered the 1960s*. London/Sydney/Auckland: New Holland Publishers Pty Ltd., 2018 (2014).

Wolf, Norbert, *Friedrich. Caspar David Friedrich, 1774-1840. O Pintor da Quietude*. Köln/London/Los Angeles/Madrid/Paris/Tokyo: TASCHEN GmbH, 2003.

Womack, Kenneth (ed.), *The Cambridge Companion to The Beatles*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

Womack, Kenneth and Todd F. Davis (eds.), *Reading The Beatles. Cultural Studies, Literary Criticism, and The Fab Four*. Albany, New York: State University of New York Press, 2006.

BIONOTE

Miguel Alarcão (1959-) holds a BA in Portuguese and English Studies (1981), a MA in Anglo-Portuguese Studies (1986) and a PhD in English Culture (1996), awarded by NOVA - New University of Lisbon, where he lectures as Associate Professor. He was also Colloquial Assistant in Portuguese at the University of Birmingham (Late 1980s), Director of the Central Library (2001-2009) and Co-Coordinator of the Faculty's earliest research group on Medieval Studies (1999-2004). Author of *Príncipe dos Ladrões: Robin Hood na Cultura Inglesa (c. 1377-1837)*. 2001 (out of print) and *This royal Throne of Kings, this sceptred lisle': breve roteiro histórico-cultural da Idade Média inglesa (Séculos V-XV)*, 2014, plus 5 co-editions and around 80 articles in Festschriften, proceedings and academic journals.

ABSTRACT

My purpose is to illustrate, through videos available in YouTube, how some issues, features and feelings, whether personal or social, of today's world --- indifference, insensibility, alienation, exclusion, isolation, loneliness, frustration, suffering, grief and pain, etc. --- were musically and verbally translated by the Beatles in their songs, which I will therefore be using visually as primary sources.

KEYWORDS

The Beatles; Social awareness and concerns; “The Fool on the Hill”; “Eleanor Rigby”; “She’s Leaving Home”.

RESUMO

O meu objectivo é o de ilustrar, através/a partir de vídeos disponíveis no YouTube, como questões, traços e sentimentos, pessoais e/ou sociais, do mundo actual --- indiferença, insensibilidade, exclusão, isolamento, solidão, frustração, sofrimento, dor, etc. --- foram musical e verbalmente traduzidos pelos Beatles nas suas composições, que usaremos aqui como fontes primárias.

PALAVRAS-CHAVE

Os Beatles; Consciência e preocupações sociais; “The Fool on the Hill”; “Eleanor Rigby”; “She’s Leaving Home”.

A AUTOBIOGRAFIA AMERICANA COMO TESTEMUNHO E CAUÇÃO DE CIDADANIA

Teresa F. A. Alves
Universidade de Lisboa

Ao abordar este tema não posso deixar de referir o desafio que todas as histórias individuais sempre representaram na minha vida e, por isso, ter-se afigurado especialmente adequado escolhê-lo para homenagear Maria Laura Bettencourt Pires, cuja vida tive oportunidade de acompanhar de perto, que me merece toda a consideração e amizade, ambas fortalecidas pelo convívio frequente destes últimos anos. A Laura foi uma admirável lutadora e, a nível profissional, uma incansável divulgadora da cultura que nesta breve reflexão é encarada como fundamental para o relacionamento da autobiografia com a questão da cidadania. Aliás, a ela devo o retomar deste assunto apresentado numa das sessões das Conferências Fulbright Alumni 2022, que modelarmente organizou.

Decorridos muitos anos a debruçar-me sobre a autobiografia americana, tornou-se fulcral a noção de que a experiência do Novo Mundo fora decisiva para atrair a escrita do “eu” à esfera da cidadania. Prosseguindo a busca neste campo surgiram várias interrogações, a mais crucial, sem dúvida, a da cidadania americana nas suas múltiplas vertentes se relacionar com registos dedicados à auto-representação, ou seja, aquela estratégia textual em que o “eu” do escritor assume a primeira pessoa, ligando-a à sua vida pessoal. É verdade que, esteja esse “eu” onde estiver, os confrontos com as ocorrências do quotidiano são determinantes para o progresso e desenvolvimento da identidade, mas como é que esse mecanismo de autoconhecimento transborda para a esfera colectiva de modo a tornar-se um traço constitutivo e culturalmente específico? Novas interrogações decorrentes desta inicial e que me obrigaram a procurar razões na própria história dos EUA foram relevantes para prosseguir a investigação. Serão mesmo as autobiografias americanas tão distintas das que se escreveram e escrevem noutras culturas? E não será o sentimento de que o “eu” é singular e único, um traço partilhado

pelas autobiografias de todo o mundo? Encontramos, por exemplo, na cultura francesa um número considerável de autores praticantes desta modulação literária e, talvez, por isso mesmo, um notável *corpus* crítico. Certamente que a diferença e originalidade se fazem sentir como traço dominante da história de cada uma das vidas retratadas. Regressando ao paradigma originário – *Confissões* de Santo Agostinho (século V 397-401?) ou à sua modificação, treze séculos mais tarde, por *As Confissões* de Jean Jacques Rousseau, torna-se manifesto o longo e significativo percurso deste género de escrita, sempre intrigante pelas especificidades de tempo e lugar que nela afloram.

Tanto Agostinho como Rousseau vão buscar aos exercícios espirituais da vida cristã, justamente caracterizados pela auscultação do “eu”, o título para as suas autobiografias. Ambos partilham a crença na inviolabilidade desse mesmo “eu”, ainda que à sua escrita trouxessem a ligação dele a um Absoluto que transcende a vida individual. No século V a “Criação Divina” é esse Absoluto, substituída pela “Natureza” em oposição à “Cultura” no século XVIII. Poderemos pensar o Absoluto como uma forma de cidadania? Tanto em Agostinho como em Rousseau o Absoluto tem existência numenal, situada, portanto, no domínio do espírito, da mente, do pensamento. Consequentemente não existe fora da esfera do “eu” retratado a vislumbrar espaços ideais sem existência material.

Uma realidade bem diferente é, por exemplo, a de John Winthrop, primeiro governador da colónia de Massachusetts Bay, quando, no ano da graça de 1630, avista a bordo do *Arbella*, a costa de Nova Inglaterra e exorta a tripulação de colonos puritanos a construírem a “cidade sobre o monte”.¹ É verdade que a cidade de que fala o primeiro Governador é tão figurativa como a Cidade de Deus de Santo Agostinho, mas, ao contrário desta, a de Winthrop virá a ter tradução toponímica no Novo Mundo e, para aqueles que na altura o escutavam, virá a ter uma existência física e concreta, tão concreta e tão real como a vida de cada um deles.

¹ Em *A Model of Christian Charity* (1630), Winthrop estabelece a conotação com a cidade celestial, “a cidade sobre o monte”, que percorre a cultura americana como motivo inspirador e que, na esfera política, sobressai exemplarmente na alocução de John F. Kennedy intitulada “City Upon a Hill Address” dirigida ao Massachusetts General Court do Estado que o elegera como Senador em 9 de Janeiro de 1961, dez dias antes de assumir a Presidência dos EUA.

Na metafórica cidade sustentada por tempo e espaço reais, as dificuldades climáticas e outras hostilidades com que os novos colonos se defrontam raramente ofereceram o espaço utópico com que os europeus haviam sonhado. No entanto, transportaram-no a um espaço aberto e fluido, onde todos aqueles que tinham respondido ao desafio de lutar pelas suas convicções ou de procurar melhores condições de sobrevivência encontraram um campo propício ao desenvolvimento dos seus desejos. E falar de desejo não se me afigura despropositado. É o desejo de uma vida melhor equacionado com a ideia de felicidade que legitima na Declaração de Independência americana a inclusão de “the pursuit of happiness” como um dos direitos a adquirir.

A História propriamente dita da escrita do “eu” em idioma americano é inaugurada por *The Autobiography* (1791) de Benjamin Franklin, ainda que, no período colonial, Jonathan Edwards, voz notável do Revivalismo Evangélico no século XVII, e Cotton Mather, descendente da teocracia dinástica puritana, possam ser referidos como dignos precursores e como integrando, segundo Daniel B. O’Shea, uma espécie de pré-história do género: Edwards por registar em *Personal Narrative* (1765) uma vocação religiosa operante no mundo dos seus concidadãos e das respectivas comunidades; Mather pelo uso que faz em *Magnalia Christi Americana* (1702) do distanciamento do narrador em relação aos protagonistas, estratégia em que acentua as ambivalências da sua própria identidade.

Mais do que inaugurar, *The Autobiography* de Benjamin Franklin oferece um paradigma inovador a vários níveis. Salta à vista a utilização da palavra “autobiografia” para título da obra, escolha do editor e não do autor que sempre se lhe referiu como *memoirs*. Mas há uma diferença clara entre *memoir* e autobiografia e, neste caso, o editor sabia melhor do que o autor o que estava em causa, não apenas como uma mera evocação do passado, mas como registo de uma vida a correr ao sabor dos acontecimentos. Em segundo lugar, a autobiografia de Franklin inova no que diz respeito ao âmbito do conceito de cidadania quando desloca a acção dos domínios da Providência Divina para a substituir pelo engenho e o trabalho individual como meios de acesso a uma posição social de relevo. O *self-made man* tão benquisto e emblemático da civilização americana tem como protótipo a história de Benjamin Franklin.

Uma brevíssima excursão pela obra permite ilustrar o conceito de representatividade que, na cultura americana, assume contornos estruturantes significativos, e, à sua luz, repensar o singular convívio entre a vida individual e a comunidade. O livro divide-se em três partes que correspondem a três fases da vida do autor. Na primeira, o protagonista é o jovem e audaz Benjamin, determinado a traçar o seu destino, otimista e com um sentido da oportunidade muito desenvolvido. Na segunda, o protagonista é um homem de espírito empreendedor, marcado pela crença no progresso e nas virtualidades da jovem nação americana, onde, pelas múltiplas facetas do seu engenho, personifica o “homem dos sete ofícios”. A vida em comunidade, simbolizada pela Associação da “Junto”, uma espécie de célula representativa da democracia nacional, ocupa boa parte deste segmento narrativo. Por último e na terceira parte da obra, o protagonista de quarenta e dois anos, é o auto-didacta que se permite o luxo de se entregar ao cultivo do espírito. As missões mais tardias que consagram Benjamin Franklin como cidadão do mundo e obreiro da autonomia nacional, essas não cabem em *The Autobiography*.

Estamos longe de um processo de mera secularização da odisseia de espírito e muito próximo de definir a ideia de representatividade em função do homem comum respondendo às circunstâncias do quotidiano. O de Benjamin Franklin é utilitarista e, por isso, desenvolve-lhe o talento de “inventor de engenhocas”; sobressai o pendor para arquitecto de incipientes planos urbanísticos e para todo o tipo de esquemas adequados à emergente civilização americana. Esteve ligado a serviços de bombeiros, seguradoras, hospitais, bibliotecas, para além da sustida relação com o mundo da edição e publicação, em diversos ofícios. Leitor experimentado, Franklin não desconhece os efeitos apelativos da epistolografia e, por isso a usa repetidamente como estratégia mediadora. É o caso da carta dirigida ao filho, que inaugura o livro. Além das curiosas ressonâncias suscitadas pela invocação de Deus e da sua benévola Providência, introduz um modelo de vida que viria a inspirar um sem número de “histórias de sucesso”, popularizadas nas conhecidas histórias de Horatio Alger.²ⁱ No início da segunda parte reforça a estratégia da carta

² É pouco natural que o autobiógrafo destinasse este legado ao filho de quarenta e tal anos, ao tempo governador de New Jersey e fervoroso adepto da causa inglesa. Destina-o certamente às gerações vindouras e à democracia americana. A modulação da escrita do “eu” pela estratégia epistolar, tal como Benjamin Franklin a usa, viria a gozar de considerável fortuna até aos dias de *Gaudium Sciendi*, Nº 22, Dezembro de 2022

dentro da carta e acentua aquilo que porventura é a forma mais eficaz de mediação, a do dialogismo autobiográfico, ou seja, a interpelação do leitor por parte do narrador, decorrente do texto que encena o “eu” obrigatoriamente dirigindo-se ao “tu” que o lê. Talvez seja oportuno ponderar as razões pelas quais a autobiografia nos EUA se prestou como nenhuma outra forma literária a testemunhar e caucionar a cidadania do ser comum. Jean-Yves Tadié na sua *Introduction à la vie littéraire du XIX Siècle* defende que “todo o século XIX fala na primeira pessoa” (11; minha tradução). O culto do “eu” aparece assim associado ao Romantismo e é uma prática que mais cedo ou mais tardiamente se alarga a toda a Europa. Não esqueçamos a ligação dos Estados Unidos à cultura dominante de raiz anglo-saxónica e, ainda, o facto de o século XIX, que colhe os frutos da independência política no século anterior, poder ser considerado a “Idade Clássica” da cultura dos Estados Unidos, no sentido lato do termo, ou seja, enquanto configuração de especificidades que associamos a um modo de ser e estar culturalmente bem definido. Nestes termos, o registo da experiência individual e a sua modelação como “narrativa na 1ª pessoa” advêm de circunstâncias históricas e de época. Escritores tão significativos como Emerson e Thoreau verteram-se em seus textos na primeira pessoa e *Walden* (1854) havia de se tornar no breviário da juventude do seu tempo. O contraste com Benjamin Franklin não podia ser maior quando nos debruçamos sobre a autobiografia de Henry David Thoreau, cujas deambulações pelo mundo exterior carecem de ser entendidas como metáfora do seu percurso de vida interior. Não se imagine, contudo, que elas se alheiam das vivências reais do autobiógrafo. Muito pelo contrário! O olhar que dirige em seu redor é microscópico, absolutamente laboratorial e transforma-se em exercício de linguagem que nos devolve as circunstâncias em que o autor escolheu viver. Seguindo de perto o argumento de Jane Varner Gunn, a “imersão” de Thoreau no famoso lago que serve de título à sua autobiografia assemelha-se a um mergulho metafórico na temporalidade de toda uma existência vivida em diálogo consigo mesma, mas sem desse diálogo alienar o mundo que a rodeia. Nesta acepção a autobiografia funciona como sinónimo e sinédoque da realidade. Mais importante,

hoje, nos EUA, como, por exemplo, atesta *Always Running. La Vida Loca: Gang Days in L. A.* (1993) de Luis J. Rodriguez .

talvez, para o desenvolvimento do tema central desta reflexão é a descoberta de que, ao ler-se *Walden*, se revela um universo alternativo ao de *The Autobiography*, e que tal alternância introduz a complementaridade indispensável ao entendimento dos Estados Unidos como um todo formado por mundo urbano e rural, funcionando a obra de Thoreau complementarmente em relação à de Franklin. Significativamente, as referências aos sons e imagens em Henry David Thoreau relacionam muitas vezes o mundo natural com o das culturas autóctones. Entrevistas como sombras na densa folhagem dos bosques visitados pelo narrador, elas permanecem como enigma deixado em aberto até à hora da sua morte, pois, segundo consta, as últimas palavras inteligíveis que Thoreau então pronunciou terão sido “moose” e “Indian”.

Até ao momento debrucei-me sobre autobiografias de autoria masculina, mas uma interrogação pertinente é a que se relaciona com a incursão feminina na esfera da cidadania. Não serão os registos de autoria de mulheres tão mediadores como os dos homens da sua geração? Nos tempos coloniais há alguns testemunhos escritos na primeira pessoa, as célebres *Narrativas de Cativoiro*. Estas, contudo, não ultrapassam as suas circunstâncias históricas e a identidade das suas autoras forja-se nos papéis de esposa e cuidadora atribuídos à mulher por consenso masculino, ainda que nas observações sobre o mundo das suas vivências, esses registos possam seguir posições algo heréticas como, por exemplo, na simpatia que deixam transparecer por alguns usos e costumes das populações autóctones.

Só no Século XIX viria a autobiografia feminina a tornar-se representativa dos dilemas comuns ao seu género. Cabe a Sarah Margaret Fuller Ossoli, dar voz aos desafios do seu tempo, nomeadamente no que concerne os papéis atribuídos pela sociedade aos géneros masculino e feminino. O seu ensaio *Woman in the Nineteenth Century* (1845) é considerado a matriz do feminismo americano do século XIX, no qual destaco as figuras de Elizabeth Cady Stanton, autora de uma célebre “Declaration of Sentiments” (1848) proclamada em Seneca Falls Convention, Susan B. Anthony, famosa pelas suas posições sufragistas, e um número considerável de figuras ligadas ao Transcendentalismo literário, nomeadamente Louisa May Alcott, autora de *Little Women* (1868, 1869), obra de vanguarda pelo protagonismo dado à busca da identidade feminina juvenil moderna.

Margaret Fuller, nome por que é conhecida, foi a primeira editora do periódico transcendentalista, *The Dial* (1840-44) e, além do papel desempenhado na sua época, é frequentemente reconhecida como insigne precursora dos “Movimentos de Mulher” nos anos sessenta e setenta do século XX. Prematuramente desaparecida aos 40 anos num naufrágio à vista da costa dos Estados Unidos quando regressava de Itália (1850), deixa um incompleto e reduzido testemunho autobiográfico, publicado postumamente por Emerson sob o título de *Autobiographical Sketch* (1852).

Nesta autobiografia inacabada, sublinho a bifurcação do universo narrativo entre dois espaços fundamentais, a biblioteca e o jardim, respectivamente associados pela narradora às figuras paterna e materna. De início, sugerem a oposição entre os pesadelos provocados pela exigência intelectual do pai e o deleite na memória da mãe, que a narradora associa ao azul do céu, ao orvalho e à passarada folgazã. Ressonâncias transcendentalistas emergem da dicotomia criada entre natureza e cultura, mas, curiosamente, o texto estabelece a dialéctica entre o que começa por ser antagónico, uma vez que a narradora admite que a leitura se torna um hábito e uma paixão, e o jardim lhe estimula a veia imaginativa. Fuller, que de perto conviveu com o Transcendentalismo emersoniano, apropria-se deste para modelação da identidade e jamais transforma o exercício da escrita em auto-reflexão narcisista, antes nele revelando o que verdadeiramente norteou a busca da identidade. Nos vários ofícios de professora, primeira crítica literária a tempo inteiro, jornalista ou autora, inscreve a “diferença” de perspectiva e atitude em relação ao mundo masculino do seu tempo. E não só porque, em Itália para onde foi como primeira correspondente do sexo feminino, se envolveu na Revolução Italiana, aliando-se a Giuseppe Mazzini, político revolucionário e membro da Carbonária.

Não causará estranheza a apropriação da autobiografia e do autobiográfico como modo de testemunho e caução de cidadania por autores vindos da cultura dominante, dita WASP. Certamente inesperado é o uso de tais modelações em idêntica caução da cidadania por parte daqueles que representam uma cultura espoliada dos seus direitos ou uma cultura oprimida pela escravatura. E, no entanto, é o que se passa quando analisamos a vida de William Apess ou de Frederick Douglass que na “época clássica

americana” se socorreram da autobiografia para se emanciparem da tutela indesejada e a configuraram como forma de protesto e de reivindicação dos seus direitos de cidadãos americanos.

Como sucede com *The Autobiography* de Benjamin Franklin, também *A Son of the Forest de William Apess, A Pequot* (1829) inaugura a muito nobre linhagem da autobiografia índio-americana e *Narrative of the Life of Frederick Douglass* (1845) desempenha papel idêntico na não menos nobre linhagem da autobiografia africano-americana. Talvez mais curioso seja ainda a popularidade de que gozou a narrativa de Douglass em relação, por exemplo, a *Walden* (1854) ou a obras ficcionais como *The Scarlet Letter* (1850), *Moby Dick* (1851) e a celebrada epopeia do “eu” versificada em *Leaves of Grass* (1855). Quando comparamos o número de exemplares vendidos por cada um destes autores, verificamos que a autobiografia de Douglass foi um verdadeiro *best-seller* do seu tempo. Logo em 1829, ou seja menos de 40 anos após a publicação de Benjamin Franklin e vinte e tal anos antes da de Henry David Thoreau, *A Son of the Forest* do pregador metodista William Apess usa a linguagem e a retórica evangélica cristã – tem, aliás, algumas semelhanças com a autobiografia espiritual do tempos coloniais – por intermédio da qual legitima o texto aos olhos da sociedade dominante, ao mesmo tempo que indirecta mas explicitamente dá corpo ao protesto e à denúncia do genocídio da raça índia, removida das suas terras e aparentemente em vias de extinção, ou abertamente fala do aviltamento da condição humana pelo sistema escravagista. Por vezes, o protesto é explícito, mas camuflado com a subtilidade de quem não desconhece o poder de retaliação e de silenciamento que assiste aos dominadores. Quer pela apropriação dos estilos literários do seu tempo, quer por recurso a estratégias de oralidade características da cultura índia, a narrativa de Apess, oferece o testemunho da hibridização que, por um razão ou outra, transparece nos textos autobiográficos assinados por autores provenientes das culturas marginais no século XIX. *A Son of the Forest* cria, por assim dizer, uma dupla legitimação: reconhece, por um lado, a existência dos direitos da cultura autóctone, que insere num contexto político mais alargado; e, simultaneamente, nesse contexto, expande a noção de cidadania a uma efectiva integração cultural, ainda que, inicialmente, esse fenómeno seja maioritariamente de natureza literária.

Um fenómeno paralelo decorre de *Narrative of the Life of Frederick Douglass*, subtitulada *Written by Himself*, numa assunção clara da intencionalidade e da autonomia do autor. Diferentemente de Apess que se socorre da retórica religiosa da sociedade dominante, Douglass vai buscar à tradição muito rica de narrativas de escravos, além do estilo, dois temas básicos, o da liberdade e o da literacia. Tal como em Franklin, os conflitos de ordem espiritual do protagonista são, quando muito, acessórios ao progresso da narrativa, essencialmente centrada na construção da cidadania que, em Douglass, parte do grau zero – a escravatura. O paralelismo, porém, é apenas um ponto de partida, já que o tema central é o da passagem da situação da escravatura à condição de emancipado, a par da crescente consciência de que tal condição não subsiste sem a aquisição de literacia. Como o texto atesta, é excelente o domínio vocabular do autobiógrafo, a variedade de figuras de estilo e o hábil manejo da retórica pela qual se torna mediador representativo da sua comunidade, e, simultaneamente, arquétipo da liberdade enquanto necessidade absoluta. Nesta reside a legitimidade cívica de modo tão expressivo como o livre arbítrio de Benjamin Franklin ou dos *Puritan Fathers*, a que remontam as origens da nação americana.

Cerca de duas décadas mais tarde surge a réplica feminina pela mão de Harriet A. Jacobs e, também, o arquétipo complementar da personagem heróica masculina associada à plantação. Em síntese, nasce a personagem doméstica feminina, vítima do assédio sexual do dono dessa mesma plantação. *Incidents in the Life of a Slave Girl. Written by Herself* (1861) opta por um subtítulo igual ao de Douglas, mas, curiosamente, aproxima-se mais de Margarret Fuller ao colocar a tónica na reacção aos conditionalismos e preconceitos da sociedade do seu tempo. Como Fuller, desafia os estereótipos sociais e oferece o testemunho da identidade feminina configurada em função das suas vivências. Os seus universos abrem generosamente a emoções e relacionamentos, que são chamados a desempenhar um papel fulcral nos registos autobiográficos de ambas as autoras. Porém, enquanto geradora do arquétipo feminino que emergirá num sem número de obras literárias, Harriet A. Jacobs distancia-se de Fuller, mais focada em influências de ordem intelectual, e, em *Incidents in the Life of a Slave Girl*, Jacobs valoriza

o papel da mulher africano- americana como pedra angular da família, figura de sustento tanto espiritual como material, obreira da concórdia e união no seio familiar.

São também bastante curiosos os paralelismos formais entre Margaret Fuller e a autobiógrafa índio-americana Gertrude Bonin que, em 1921, adota o nome Lakota de Zitkala-Sa, em tradução “Pássaro Vermelho”. Sobre os *sketches* desta última, intitulados “Impressions of an Indian Childhood”, “The School Days of an Indian Girl”, “An Indian Teacher Among Indians”, “Why I am a Pagan” (1900-1902) poderia ser dito muito do que foi escrito sobre os paralelismos de Fuller com Jacobs, enquanto textos representativos da condição feminina nos EUA. Na sua qualidade de expressões individualizadas, os *sketches* de Zitkala-Sa, como os de Fuller ou a autobiografia de Jacobs, registam as particularidades de uma condição também essencialmente diferenciada pelas ligações às diversas culturas de onde as autoras são originárias. Neste contexto, a presença da cultura ancestral autóctone inscreve nítidas diferenças em relação à cultura dominante ou àquela que é proveniente da escravatura.

São frequentemente porosas as fronteiras entre a memória individual de Zitkala-Sa, assumidamente centradas nas vivências do “eu”, e a memória colectiva que transparece ao longo de toda a sua obra. A estratégia procura estabelecer a secundarização da subjectividade face à cultura índia originária, cultura marcada pela situação relacional de todos os seus elementos, e em que a individualidade funciona inevitavelmente como sinédoque da comunidade. É uma cultura de correspondências e reciprocidades que a cultura de cariz antropocêntrico como a ocidental desconhece ou, pelo menos, não associa às narrativas autobiográficas. Em Zitkala-Sa, a presença recorrente da narradora que assume autoritariamente o relato dos seus dias de escola, a experiência como professora de crianças índias e, por fim, a justificação do seu “paganismo”, é expressiva da sua condição índia e americana que, inevitavelmente, acarreta formas de hibridização anteriormente referidas a William Apess, Frederick Douglass e Harriet Jacobs.

Uma outra obra, também de autoria feminina, carece de ser chamada a esta análise da autobiografia como testemunho e caução de uma cidadania específica. Mary Antin, em *The Promised Land* (1912), recicla justamente o paradigma da autobiografia que conta uma história diferente sobre a imigração para os Estados Unidos. E recicla-o como a

confirmação de que a diversidade oitocentista, em que se gera o carácter multifacetado da nação americana, vai, ao correr do século XX, acomodar culturas de todo o mundo, integrando-as como uma espécie de manta monumental tecida nas mais distintas formas e nos mais variados tons, sem deixar de concorrer num padrão singular, o da cidadania americana.

A obra de Antin surge na sequência da terceira vaga de imigração para os Estados Unidos, entre 1890 e 1914, quando cerca de 15 milhões de emigrantes do Sul e do Leste da Europa, nomeadamente de Itália, Rússia e Áustria-Hungria, chegam à sua Terra Prometida, alterando substancialmente o perfil étnico que caracterizara a imigração anterior, maioritariamente anglo-saxónica, irlandesa, germânica e escandinava. Esta última vaga caracteriza-se pela concentração nos centros urbanos onde começam a formar-se diferentes comunidades étnicas como *Jew Town*, *Chinatown*, *Little Italy*, pequenas cidadelas na grande urbe, sempre em tensão com *The American Town*, versão histórica da “cidade sobre o monte” habitada pelos “eleitos” que, por sua vez, vivem também em tensão aguda com as “Harlems” urbanas onde habitam os descendentes dos escravos. Entre si, porém, as pequenas cidadelas também entram em conflito “territorial”, como ainda recentemente tivemos ocasião de recordar na nova versão de *West Side Story*, assinada por Steven Spielberg (2021).

A viagem no espaço físico, simbólica da do espírito, alinha a autobiografia de Mary Antin com um modo de auto-representação característico da experiência de migração para os Estados Unidos, ao mesmo tempo que, pela imagística em torno da qual se vai articulando a narrativa, *The Promised Land* ecoa a viagem arquetípica para o Novo Mundo, adensando as implicações históricas pelas de carácter mítico. Não me alongarei sobre a controvérsia gerada em torno desta autobiografia, que os mais críticos na segunda metade do século XX interpretaram como um modelo de assimilação à cultura dominante. A disputa forneceu ampla ocasião para se debaterem conceitos como os do conservador “cadinho de culturas” ou os do progressista “multiculturalismo”, este último alimentado pelas diversas Renascenças étnicas e a explosão autobiográfica que as mesmas suscitaram.

Ainda que mascarada pelo tom entusiástico com que a narrativa se inaugura e se conclui, eu diria que a diversidade cultural está bem presente em Mary Antin e, também por isso, incluo a sua história como matriz da autobiografia da imigração enquanto fenómeno constitutivo de cidadania. Aliás, logo no segundo parágrafo da sua Introdução e a despeito do simbolismo salvífico em ressonância com a retórica puritana, Antin assume a importância da unidade geracional que considera “mais satisfatória do que uma vida singular” (xix; minha tradução). Fundamento este argumento na arquitectura e na configuração da dualidade cultural que caracteriza *The Promised Land*, cuja narrativa se divide em dois segmentos de extensão sensivelmente igual, cada um deles referido aos anos vividos na Rússia e nos Estados Unidos. Sigo ainda a opinião crítica de Betty Bergland quando argumenta que o facto de as secções sobre a vida em Polotzk (Rússia) e em Boston serem ilustradas precisamente com o mesmo número de fotografias não poder deixar de reforçar a aludida dualidade. Enquanto textos visuais, todas as fotografias oferecem testemunhos de natureza ideológica e são susceptíveis de concentrar numa imagem única páginas de comentário verbal, não esquecendo que tanto elas como as suas homólogas narrativas providenciam um ângulo de visão específico. No equilíbrio instável entre tensões contraditórias e na ambivalência por ele suscitado, reside, em meu entender, a chave de uma vida que, como a de qualquer imigrante, se organiza entre as memórias do país de origem e as vivências do país de adopção.

Seguir a história colectiva dos Estados Unidos por intermédio das suas autobiografias individuais é um desafio que oferece a oportunidade de analisar questões culturais e civilizacionais muito próprias e dificilmente apreendidas nos manuais convencionais. Uma das mais curiosas é a de raramente podermos situar o “eu” autobiográfico americano na esfera da heroicidade, mesmo que o registo da sua vida cause admiração. Seria desconhecer o fenómeno da representatividade que o irmana com o cidadão comum, de inspiração benjaminiana, e que surge consolidado ao correr dos tempos. Esta é, sem dúvida, a herança que, desde o início, atravessa a cidadania americana até aos dias de hoje e que é cimentada nos seus dois séculos e meio de existência pela escrita

do “eu”, como atestam exemplos bem próximos de nós. Atentemos nas palavras com que encerra o primeiro volume de *Uma Terra Prometida* de Barack Obama:

O helicóptero iniciou a suave curva para norte, sobrevoando a Alameda. O Monumento a Washington materializou-se de repente de um lado, parecendo que quase podia tocar-lhe; do outro lado vi a figura sentada de Lincoln, escondido na sombra atrás das colunas de mármore do memorial. O *Marine One* começou a trepidar um pouco, de uma forma que agora já conhecia muito bem, a assinalar a descida final, quando se aproximou do relvado virado a sul, e olhei para a estrada lá em baixo, ainda com o trânsito de hora de ponta – *pensei que eram pessoas que vinham do emprego, como eu, ansiosas para chegarem a casa* (780; meu itálico).

Obama olha os heróis Washington e Lincoln como qualquer transeunte os olharia e evoca no título escolhido a obra matriz da autoria de uma jovem imigrante, uma cidadã-comum. As ressonâncias não se ficam por aí. Acomodam como as da sua antecessora a retórica de salvação presente desde o início nos registos dos primeiros imigrantes que aportaram às costas do Novo Mundo. Tal retórica, como há-de ser recordado, destinase a todo um povo e não apenas ao condutor desse povo.

Transcrevo também o parágrafo final de *Aquilo Em Que Acreditamos* de Kamala Harris pois não desejo alimentar a ideia muito em voga de que a autobiografia é um género literário eminentemente masculino. Talvez o seja noutras culturas. Mas não na dos Estados Unidos.

Daqui por alguns anos, *os nossos filhos e netos levantarão a cabeça para nos olharem nos olhos*. Perguntar-nos-ão onde estávamos neste tempo de tão grandes desafios. Perguntar-nos-ão como foi. Não quero que lhes digamos apenas o que sentimos. Quero que lhes digamos o que fizemos. (p. 358; meu itálico)

Os Agradecimentos da autora encerram com um parágrafo que é simultaneamente uma homenagem à Mãe falecida há uma dezena de anos. Começa assim: *“Mãe tu és a estrela deste livro, pois foste a razão para tudo.”* (p. 363; meu itálico)

Passou mais de um século sobre o reconhecimento de que a unidade geracional se alia à história singular, reforçando nesta última a condição de representatividade. É uma faceta que associamos frequentemente à autobiografia escrita por mulheres, mas não podemos esquecer que já em Benjamin Franklin ela aparece na carta que escreve a seu filho e que funciona como testemunho do enraizamento e compromisso comunitário, que o autor passa às gerações vindouras, independentemente, da proveniência e afiliação cultural dos praticantes deste tipo de escrita ou dos leitores a quem se destina.

(Escrevo de acordo com a antiga ortografia)

TEXTOS CITADOS

Antin, Mary. *The Promised Land*. 1912. With a Foreword by Oscar Handlin. Boston: Houghton Mifflin Company, 1969.

Apess, William. *A Son of the Forest*. 1829. *A Son of the Forest and Other Writings by William Apess, a Pequot*. Ed. e Intr. Barry O'Connell. Amherst: U of Massachusetts P, 1997: 3-56.

Bergland, Betty. "Postmodernism and the Autobiographical Subject". *Autobiography & Postmodernism*. Ed. Kathleen Ashley. Leigh Gilmore, Gerald Peters. Amherst: U of Massachusetts P, 1994: 130-166.

Douglass, Frederick. *Narrative of the Life of Frederick Douglass, an American Slave, Written by Himself*. 1845. *Autobiographies: Narrative of the Life of Frederick Douglass, an American Slave; My Bondage and My Freedom: Life and Times of Frederick Douglass*. New York: Library of America—68, 1994: 1-102.

Franklin (1771-89); *Frederick Douglass, Narrative of the Life of Frederick Douglass, An American Slave, Written by Himself (1845)*; *Mark Twain, Old Times on the Mississippi (1875)*; *Zitkala-Sa (Gertrude Bonnin), "Impressions of an Indian Childhood," "The School Days of an Indian Girl," "An Indian Teacher Among Indians," "Why I Am a* Franklin, Benjamin. *The Autobiography*. 1791. *Writings Boston and London, 1722-1726; Philadelphia, 1726-1757; London, 1757-1775; Paris, 1776-1785; Philadelphia, 1785-1790; Poor Richard's Almanack, 1733-1758; The Autobiography*. New York: Library of America—37, 1987: 1305-1469.

Fuller, Margaret. *Autobiographical Sketch*. 1852. *The Portable Margaret Fuller*. Ed. Mary Kelley. New York: Penguin Books, 1994: 1-21.

Gunn, Janet Varner Gunn. *Autobiography: Towards a Poetics of Experience*. Philadelphia: U. Pennsylvania P, 1982.

Harris, Kamala. *Aquilo em que acreditamos. A autobiografia da vice-presidente dos Estados Unidos da América*. Trad. Susana Sousa e Silva. s/l: Penguin, Random House, Grupo Editorial, 2021.

Jacobs, Harriet. A. *Incidents in the Life of a Slave Girl: Written by Herself*. Edited by L. Maria Child. 1861. Ed. e Introd. Jean Fagan Yellin. Cambridge: Harvard UP, 1987.

Obama, Barack. *Uma Terra Prometida*. Trad. Manuel Marques e José Remelhe. s/l: Penguin, Random House, Grupo Editorial, 2020.

Pagan (1900-1902). Ed with Introd. William L. Andrews. New York: Penguin Books, 1992.

Tadié, J-Y. *Introduction à la vie littéraire du XIX siècle*. Paris: Bordas, 1970.

Thoreau, Henry David. *Walden; or Life in the Woods*. 1854. *A Week on the Concord and Merrimack Rivers; Walden; or Life in the Woods; The Maine Woods; Cape Cod*. New York: Library of America—28, 1985: 321-587.

Zitkala-Sa. *Four Autobiographical Narratives of Zitkala-Sa*. 1900-2. *Classic American Autobiographies: Mary Rolandson, A True History of the Captivity and Restoration of Mrr. Mary Rowlandson (1682); Benjamin Franklin, The Autobiography of Benjamin*

NOTA BIOGRÁFICA DA AUTORA

Teresa F. A. Alves é professora jubilada de Estudos Americanos e investigadora do Grupo de Investigação 3 “Interfacing Cultures and Identities” no CEAUL/ULICES, Universidade de Lisboa. As suas publicações reflectem o interesse na produção literária Norte-Americana e em abordagens culturais interdisciplinares. Mais recentemente tem vindo a ocupar-se da literatura e cultura de imigrantes portugueses e seus descendentes nos Estados Unidos, tendo publicado ensaios sobre as obras autobiográficas de Laurinda C. Andrade, José Rodrigues Miguéis, Charles Reis Felix e Josephine B. Korth, bem como sobre a ficção de Miguéis e Frank X. Gaspar, e a poesia deste último. É autora de *Cânone e Diversidade* (Lisboa 2003) e co-autora de *Feminine Identities* (2002) e *Literatura Norte-Americana* (Lisboa, 1999). Co-editou, entre outros, *Portugal Pelo Mundo Disperso* (2013), *Narrating the Portuguese Diaspora: Piecing Things Together* (2011), *From the Edge: Portuguese Short Stories/ Onde a Terra Acaba: Contos Portugueses* (2006), *And gladly wolde [s]he lerne and gladly teche*: Homenagem a Júlia Dias Ferreira (2007), *Ceremonies and Spectacles: Performing American Culture* (2000). Traduziu dois romances de Nathanael West (1985), e poemas de Ralph Waldo Emerson (2003) e Frank X. Gaspar (2013). Integra a Direcção da Society for the Study of the Short Story-SSSS e da Fulbrighers Portugal-Alumni Association.

Teresa F. A. Alves is Emeritus Professor and Researcher in the American Studies Research Group “Interfacing Cultures and Identities”, at the University of Lisbon International Center for English Studies – CEAUL/ULICES. Her published work reflects her interests in the American literary production and in interdisciplinary cultural approaches. She is presently engaged in researching Portuguese American literature and culture, having published essays on autobiographical works by Charles Peters, Laurinda C. Andrade, Rodrigues Miguéis, Charles Reis Felix and Josephine B. Korth, as well as on the short fiction by Rodrigues Miguéis and on Frank X Gaspar’s poetry and fiction. Her publications include *Cânone e Diversidade* (2003), and she is a co-author of *Feminine Identities* (2002) and *Literatura Norte-Americana* (1999). She co-edited, among others, *Portugal Pelo Mundo Disperso* (2013), *Narrating the Portuguese Diaspora: Piecing Things Together* (2011), *From the Edge: Portuguese Short Stories/ Onde a Terra Acaba: Contos Portugueses* (2006), *And gladly wolde [s]he lerne and gladly teche*: Homenagem a Júlia Dias Ferreira (2007)

and Ceremonies and Spectacles: Performing American Culture (2000). She also translated two novels by Nathanael West (1999) and poems by Emerson (2003) and Gaspar (2013). She is a Board member of the Society for the Study of Short Story-SSSS and of the Fulbrighers Portugal-Alumni Association.

RESUMO

A atracção da autobiografia à esfera da cidadania americana constitui o foco deste ensaio escrito em homenagem a Maria Laura Bettencourt Pires que, em boa parte da sua ensaística e prática docente, se empenhou a fundo na cultura americana. A interligação entre a escrita do “eu” e a questão da cidadania é desenvolvida por recurso a uma série de textos assinados por autores e autoras das várias culturas dos EUA, nomeadamente a cultura dominante e outras que, a par dela e no seu seio, alcançaram expressão. Abrange um arco temporal em que tal vertente literária floresce, moldada por desígnios que aparentam emular os da Declaração da Independência (1776), onde se firmam os direitos inalienáveis de cada indivíduo confrontado com uma nova identidade política. Ao correr do texto, são analisadas as autobiografias de Benjamin Franklin, Henry David Thoreau, Margaret Fuller, William Apess, Frederick Douglass, Harriet A. Jacobs, Gertrude Bonin/ Zitkala-Sa e Mary Antin. É dado relevo ao modo singular e único de entrelaçamento de cada uma das vidas analisadas com as circunstâncias sociais e políticas do seu tempo. Complementarmente, considera-se o impacto que tiveram nessas mesmas circunstâncias e a forma como contribuíram para a configuração do conceito de representatividade americana e a sucessiva redefinição desse conceito.

PALAVRAS-CHAVE:

autobiografia, cidadania, cultura dominante, culturas-outras, homem e mulher americanos representativos.

ABSTRACT

This essay focus on the alignment of autobiography with American citizenship, a subject that suits a piece written in homage to Maria Laura Bettencourt Pires who heartily dealt with American culture in many of her essayistic works and teachings. The interweaving of literary autobiography with the question of citizenship is discussed by accessing texts authored by men and women writers from several cultural denominations in USA, namely those from the dominant culture as well as those from other-cultures which thrive within it and with it describe a temporal arch suitable to the flourishing of a literary modulation that apparently emulates the 1776 Declaration of Independence by upholding the inalienable rights of the individual in face of a new political identity. The analysis of texts by Benjamin Franklin, Henry David Thoreau, Margaret Fuller, William Apess, Frederick Douglass, Harriet A. Jacobs, Gertrude Bonin/ Zitkala-Sa and Mary Antin, focus on the singular and unique entwining of each of the lives under scrutiny with his/her social and political circumstances. Further, the impact of those lives on the above-mentioned circumstances is emphasized, as well as their contribute to the formulation of the concept of the American representative man or representative woman, as well as to the successive redefinition of such a concept.

KEYWORDS:

autobiography, citizenship, dominant culture, other-cultures, American representative man and representative woman.

ORPHEUS AND EURYDICE REVISITED

Gerald Bär
Universidade Aberta

In pre-pandemic times, long before the Russian threat to European civilization, Prof. Laura Bettencourt Pires had invited me to write a contribution for *Gaudium Sciendi*. It appeared in issue nº 6 (2014): “Representações Cinematográficas da Alma de Méliès a *Matrix*”. Revisiting this text is remembering Prof. Laura.

I’ve forgotten the word I meant to say.
A blind swallow returns to the palace of shadows
On clipped wings, to play with transparent things.
A night song’s sung in unconsciousness.
[...]
To love and know are mortals’ powers,
Sound, too, will flow into their fingers,
But I’ve forgotten what I meant say,
And disembodied thought returns to the palace of shadows.
(From: “The Swallow” (1920) by Osip Emilyevich Mandelshtam)

According to Mandelshtam (1891-1938), sound, words unspoken and disembodied thought may reside in “the palace of shadows”. The swallow, a stand-in for the orphic word, returns to the Underworld where music plays an important role, not only in the myth itself but also in its transmediation.¹

A journey to the Underworld, meeting the deceased, bringing them back, questions of eternal life ... and love: impressive narratives that can be traced in world literature since Homer’s *Ulysses*. The myth of Orpheus and Eurydice combines these elements to what I consider the most powerful and sublime narrative of human desire, vision and ephemeral beauty. Its quintessential meaning can be expressed, or shall we say, minimalistically reduced to a ‘fleeting glimpse’.²

¹ For example *L’Orfeo* (Claudio Monteverdi, 1607), *Orfeo ed Euridice* (Christoph Willibald Gluck, 1762), *L’anima del filosofo, ossia Orfeo ed Euridice* (Joseph Haydn, 1791), Franz Liszt’s symphonic poem (1854), *Orphée aux Enfers* (Jacques Offenbach, 1858) Igor Stravinsky’s ballet *Orpheus* (1948), *From the Underworld* (The Herd, 1967) or the two operas by Harrison Birtwistle: *The Mask of Orpheus* (1973–1984) and *The Corridor* (2009).

² Quite rightly, Jean-Michel Roessli (2000: 17-18) lists at least eight important components of the orphic myth, in which this particular aspect plays a minor part. In a footnote he refers to the beautiful versions of Vergil (*Georgica* IV, 450-529) and Ovid (*Metamorphoseis* X, 1-85), but, regarding other sources, adds: “Nicht immer ist Orpheus deswegen in die Unterwelt gegangen, um seine Frau zurückzubringen. Nach dem Zeugnis gewisser literarischer (OT 69) und ikonographischer (apulische Vase des 4. Jh. V. Chr.) Quellen und besonders nach verschiedenen dem Orpheus zugeschriebenen Schriften hat er diese Reise aus rein religiösen Gründen, unabhängig von seinem Liebesleben, angetreten, ... (Roessli, 2000: 17).

'fleeting' / *Oxford Advanced Learner's Dictionary* online: "lasting only a short time; synonym: brief; a **fleeting glimpse/smile** a **fleeting moment of happiness**"

'glimpse' / *Cambridge English Dictionary*: "an occasion when you see something or someone for a very short time; I only **caught** (=had) a **fleeting glimpse** of the driver of the getaway car, but I know I would recognize her if I saw her again; a quick idea or understanding of what something is like".

In his study "Nature et signification du Mythe d'Orphée dans le *De Consolatione Philosophiae* de Boèce" Jean-Michel Roessli (1999: 20) reminds us of the fatal look's semantical Latin background: "Dans sa version du mythe d'Orphée, Virgile évoque le regard en arrière du chanteur thrace en recourant au verbe *respicere* (*Georg.* IV 491). Sénèque, Horace et d'autres ont suivi son exemple." Depending on the context, the verb, from *re-* ('back; again') + *spicere* ('to observe, to look at'), can have several meanings: to look behind, to look back at or upon, to look to, to look around and having regard for, to consider and to respect.

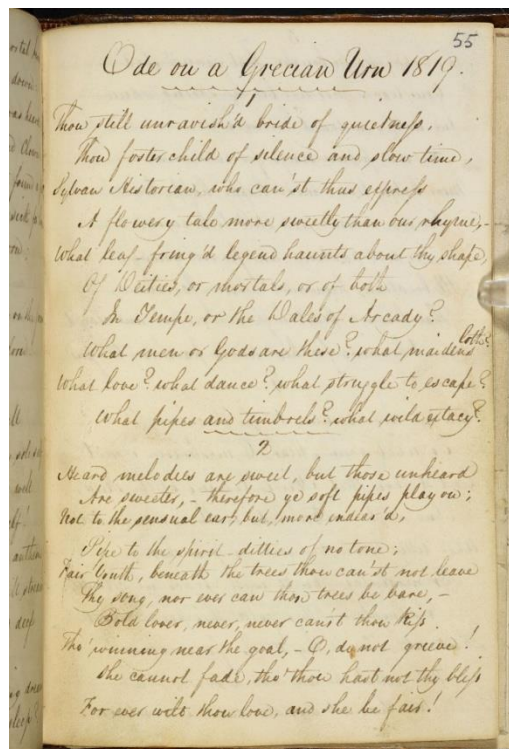
On a pictorial level, Eurydice's tormenting feelings when exposed to Orpheus' fatal look back are usually depicted by male painters and poets, but there are some exceptions:



Catharine Adelaide Sparkes (1842-1891): *Orpheus and Eurydice*

Catherine Adelaide Sparkes, née Edwards, studied at the Lambeth and Royal Academy schools of art. She was illustrator, genre and flower painter; later also designer, tile and porcelain painter. In Sparkes' interpretation of the orphic scene, the 'fleeting glimpse' has turned into a gaze. Eurydice's fragile shrouded figure is hovering, not touching the ground of the cave that leads to the Underworld. After catching a glimpse of daylight, her ghostly appearance is about to be brought back by several shrouded phantoms whose features, in contrast to Eurydice's, are neither distinct, nor recognizable.

Karoline von Günderrode (1780-1806) also vanished at the age of twenty-six. She took her life like lovers often do. In the Romantic age, her works did not get the recognition they deserve. Her posthumously published collection of poems *Melete* (1906) dealing mainly with love and death, contains an Orphic Song ("Orphisches Lied", written in 1806). In this poem Günderrode imagines that Orpheus' magical music should remind the Goddess of the Underworld of her own "forgotten pains" to evoke empathy for Eurydice's fate and let her see the daylight again.³



John Keats: "Ode on a Grecian urn". Copied by his brother George Keats, 1820

³ "Lehre vergessene Schmerzen mich wecken im Busen der Göttin, / Die ein zu strenges Gebot dem düsteren Herrscher vermählet, / Dass sie erbarmend sich zeige dem Schwestergeschick der Geliebten, / Wieder ihr gönne zu schau des Tages sonnige Klarheit, ..." (Günderrode, 1922: 171).

“Ode on a Grecian Urn”, written by John Keats (1795 – 1821) in May 1819 and first published anonymously in *Annals of the Fine Arts for 1819*, also refers to the secret power of music: “Heard melodies are sweet, but those unheard / Are sweeter; therefore, ye soft pipes, play on; Not to the sensual ear, but, more endear’d, / Pipe to the spirit ditties of no tone: ... (lines 11–14). This sound of silence may be soothing the soul’s worldly desires, displayed by the characters on the urn, but never to be fulfilled:

Bold Lover, never, never canst thou kiss,
Though winning near the goal—yet, do not grieve;
She cannot fade, though thou hast not thy bliss,
For ever wilt thou love, and she be fair! (lines 17–20).

In November of 1817, John Keats wrote to his friend Benjamin Bailey, that he was “certain of nothing but the holiness of the Heart’s affections and the truth of the imagination. What imagination seizes as Beauty must be truth”.⁴ This passage was transformed into the concluding lines of “Ode on a Grecian Urn”: “‘Beauty is truth, truth beauty’ – that is all / Ye know on earth, and all ye need to know” (lines 39-40). Not exactly a Brechtian approach, but comparable to the orphic temptation to seize the essence of the fading lover in a ‘fleeting glimpse’. Is this attempt of appropriation in line with the optimistic suggestion of the ‘German Sterne’, Jean Paul [Richter] (1763-1825), who declared that memory is the only paradise from which we cannot be expelled?⁵ Or rather with the pessimistic modernist approach of Fernando Pessoa (1888-1935) who, in his poem “Elegia na Sombra” (1935), asks: “Quem nos roubou a alma?” (Pessoa, 1973: 125):

Tanta beleza dada e glória ida!
Tanta esperança que, depois da glória,
Só conhecem que é fácil a descida
Das encostas anónimas da história!

Tanto, tanto! Que é feito de quem foi?
Ninguém volta? No mundo subterrâneo
Onde a sombria luz por nula dói,
Pesando sobre onde já esteve o crânio,

Não restitui Plutão [a ver?] o céu

⁴ Keats’s letter to Benjamin Bailey, dated 22 November 1817, in Bate (1964: 632).

⁵ “Die Erinnerung ist das einzige Paradies, aus dem wir nicht vertrieben werden können”. *Jean Paul’s Geist; oder Chrestomathie, Vierter Theil* [4th part], Weimar/Leipzig, 1816.

Um herói ou o ânimo que o faz,
Como Eurídice dada à dor de Orfeu;
Ou restituiu e olhámos para trás? (Pessoa, 1973: 126-7)

Leaving individual experience and ontological questions behind, Pessoa associates this orphic symbolism to concepts of nostalgia, nation and race: “Povo [português] sem nexo” and “raça sem suporte” (Pessoa, 1973: 127).

While in Portugal the ‘Geração Orpheu’ adopted the myth’s connotations in a programmatic sense, many other European writers and artists contributed to its longevity through poetic recreation and transmediation, for example Oskar Kokoschka (1886-1980), Austrian artist, poet, playwright, and teacher best known for his intense expressionistic portraits and landscapes, and Ivan Goll (1891-1950) bilingual French poet and translator who published in French and German.

Oskar Kokoschka’s play *Orpheus und Eurydike* was written in 1918 but only premiered in 1921. He conceived it in 1915 during his convalescence from a head injury that he received in World War I, while waiting many months for transport home. Spatially isolated and having lost all sense of time and feeling, memories of the past would haunt him:

I saw the woman from whom I had so painfully parted standing before me. I felt myself succumbing to her power of attraction, as if I could never part from her. The head wound had impaired my power of locomotion and my vision, but the words of my imaginary conversations with her phantom impressed themselves so vividly on my mind that without having to write anything down I could progressively expand them in my imagination to create whole scenes. My play *Orpheus und Eurydike* grew out of the repeated hallucinations I experienced in the camp ...⁶

Later, he wrote the play down from memory, not only expressing the painful separation from his lover Alma Mahler⁷, but also the terror he felt in his state of limbo after being wounded, in the warzone, in a kind of Hades scenario, “with flies everywhere”. Already in 1917, Kokoschka had created a painting entitled *Orpheus und Eurydike* which preceded a life-sized

⁶ Oskar Kokoschka, *My Life*, New York: Macmillan Publishing Co., Inc., 1974, p. 96.

⁷ Alma Maria Mahler Gropius Werfel (1879 –1964) was an Austrian composer, author, editor, and socialite. She became the wife of composer Gustav Mahler, who was not interested in her compositions. After his death, she married the founder of the Bauhaus, Walter Gropius (1915) and some years after their separation the Austrian poet and playwright Franz Werfel (1929). In 1938, after the *Anschluss*, Alma and her husband, both Jews, were forced to emigrate.

doll, a fetish, to overcome, or rather to continue the exceedingly passionate relationship with the composer's widow.



Kokoschka doll representing Alma Mahler (photo of 1919)

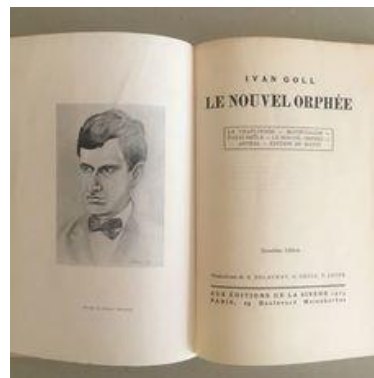
In fact, the artificial Alma, ordered from the Munich doll maker Hermine Moos in 1918, was closely related to Kokoschka's personal appropriation of the myth, as he confirms on its arrival: 'The packing-case was brought into the house by two men. In a state of feverish anticipation, like Orpheus calling Eurydice back from the Underworld, I freed the effigy of Alma Mahler from its packing' (Kokoschka, 1974: 117). This doll was made as human-like as possible, and yet Kokoschka was afraid to create a monster. Although his fetish was destroyed (poured over with red wine, decapitated and dumped in the garbage), there is an extant *Self-Portrait with Doll* (1920-21); possibly an attempt to distance himself from the obsession.

Kokoschka's Expressionist, psychological treatment of the Orpheus myth appealed to the German composer Ernst Krenek who adapted the play as an opera between 1923 and 1926, condensing it by a third in the process, and setting it to an atonal score. From the second act onwards the plot development differs substantially from the traditional rendering of the myth: Eurydice is restored to life through Orpheus' and Psyche's intervention but has to confess that she yielded to Hades' seduction during the seven years spent in the Underworld. In a fit of jealous rage Orpheus murders Eurydice. In his analysis of Kokoschka's drama, Schvey (1882: 93) emphasizes that 'Both Hades and Mahler loom as unseen powers which either exert a powerful attraction or pose a threat to the lovers even after death'.

Another modernist adaptation of the orphic myth turned into a musical experiment:

Ivan Goll's publication *New Orpheus* (*Der neue Orpheus. Eine Dithyrambe*), in 1918, was sponsored by the Expressionist periodical *Die Aktion*. Written in short paragraphs of varying length, dithyrambic as the subtitle indicates, the poem betrays the influence of Nietzsche and Whitman (cf. Vilain / Chew, 1997: 99).

It reappeared as a French version in 1923, entitled *Le nouvel Orphée*, with illustrations by R. Delaunay, G. Grosz and F. Léger and as a substantially revised German edition in Goll's collected poems: *Der Eiffelturm, Gesammelte Dichtungen* of 1924 (again with illustrations of Delaunay and Léger).



One year later, Kurt Weill turned it into a cantata for soprano, solo violin and orchestra: *Der neue Orpheus*, Op. 16 (1925). It was first performed on 2 March of 1927, in Berlin. Robert Vilain and [G.] Chew (1997) compare these versions in their essay "Ivan Goll and Kurt Weill: *Der neue Orpheus* and *Royal Palace*". The edition of 1918 introduces Orpheus as the "world's eternal poet" ("der ewige Dichter der Welt", p. 5), who, in his bucolic and romantic tradition, gathered the flora and fauna around him, but had forgotten the humans ("Aber die Menschen hatte er vergessen", p. 5):

Die Menschen hockten drunten in Fusel und Armut. Sie kannten Orpheus nicht. Ihr dunkles Rinnsal quoll durch die grauen Städte. [...] Er fühlte sie fern wie die Geliebte in der Unterwelt. Als Gott der Kunst mußte er sie befreien. Und Orpheus stieg in die menschliche Unterwelt (Goll, 1918: 6-8). The humans sat below in rotgut and poverty. They did not know Orpheus. Their dark trickle welling through the grey cities. [...] He sensed them far like the lover in the Underworld. As god of the arts he had to free them. And Orpheus descended into the human Underworld.

Instead of classicist tropes and forms or (neo-)romantic nostalgia, Goll's expressionist interpretation of the myth emphasizes social aspects and irony, exposing Orpheus' somewhat Brechtian alienation from the real world. Vilain and Chew (1997: 107) notice that the dimension of mankind almost eclipses the individual tragedy and the fleeting glimpse of the lost soul:

In legend, Orpheus was responsible for losing Eurydice because of his impatience, which the dithyrambic version preserves: 'Orpheus hatte sie [die Menschen] zu schnell befreien wollen. Er hatte sich zu sehr nach der Geliebten umgeblickt (1918, p. 23). This is the only point at which a Euridice figure surfaces in this poem; the humanity that Orpheus is set to redeem is referred directly as just that, not symbolized by the female figure of the myth. In the later versions the name Eurydice regains her symbolic role: in the French she is made to represent 'la foule', or the masses, and in the German she is elevated to the status of 'unerlöste Menschheit'.

Kurt Weill found the poem's humour and its parodist approach a suitable vehicle for his musical ironies. However, the individual factor of loss, grief, obsession and transgression would also play a significant role in a more recent poetic approach.

The myth's most enigmatic scene, the look back and the subsequent vanishing of the beloved one, can certainly be read as a metaphor for human memory that is slowly fading. Romanian-born German-language poet and translator Paul Celan (1920-1970) had to face the problem that his memory linked to the Holocaust was not fading. It's easy to associate Keats to his poem "Der Sand aus den Urnen" (*The Sand from the Urns*, 1948) which gave the title to Celan's first published collection of poetry. The first line "Mould Green is the House of Forgetting",⁸ is an expressionist illustration of his ambivalent approach.

Contrary to Jean Paul's assumption memories can haunt you. Considering his traumatic experience, Celan couldn't possibly bear being constantly tormented by an accurately functioning memory. It is still present, hidden but threatening behind the hermetic symbolism of his poetry. In his poem "Corona" (1948), the title of which attracted interest during our pandemic times, Paul Celan seems to transmit this wonderful conceptual relationship: "My eye descends to the sex of the beloved: / we look at each other, / we tell each other dark things, / we love each other like poppy and memory".⁹ A decisive clue to the orphic theme of these lines is provided by the poem "Im Regen" (In the Rain), written seven years earlier, where a harp playing appears in a similar situation (cf. Schmid, 2014: [5]): "... does not your frightened dance step gently tell that I am to blame for one dying, / because I came like harp playing and surrounded myself a long time / in the poppy field with darkness" ("... sagt dein erschrockener Tanzschritt nicht sacht, daß ich ein Sterben verschulde, / weil ich wie Harfenspiel kam und mich lang im Mohnfeld mit Dunkel umgab ...").

⁸ "Schimmelgrün ist das Haus des Vergessens" (Celan, 1991: 17).

⁹ "Mein Auge steigt hinab zum Geschlecht der Geliebten: / wir sehen uns an, / wir sagen uns Dunkles, / wir lieben einander wie Mohn und Gedächtnis" (Celan, 1991: 28).

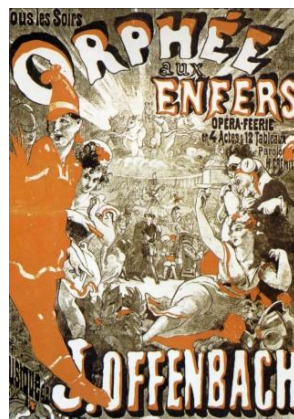
Celan's early poems transmit a thoroughly traditional image of Orpheus as reconciliation between life and death. Love, death, forgetting and remembering are interwoven, reminding us of the protective function of memory, or rather of the lack of it. His productive reception of Mandelstam's poems in the late 1950s, resulted in the translated collection *Ossip Mandelstamm: Gedichte* (1959), in the dialogue for radio *Die Dichtung Ossip Mandelstamms* (1960) and in the inspiration for his own poetry: *Die Niemandsrose* (*The No-One's Rose*, 1961) is dedicated to Mandelstam. In a 1911 poem that begins "Why is the soul so melodious" Mandelstam mentions the "vast Orphic wind", asking: "And death will really come?"¹⁰

Celan too, took his life like lovers often do ...

But what about "frightened dance steps"?

"Dance, who talks about dancing here? Why my darlings, you don't understand what dancing is now-a-days. Down below is the only place where they understand it ..."

(*Orphée aux enfers*. An operetta in four tableaux by Jacques Offenbach)



1874 playbill from a French production of *Orpheus in the Underworld*

¹⁰ "(Why is the soul so melodious,/ And why so few dear names,/ And why is the momentary rhythm only happenstance,/ An unexpected Aquilon?// It raises a cloud of dust,/ Rustles the paper foliage/ And won't ever return—or/ Will return completely different...// O vast Orphic wind,/ You will depart to watery realms, —/ And, cherishing the uncreated world,/ I forgot the unneeded "I."// I wandered in a toy thicket/ And discovered an azure grotto.../ Can it be true that I'm real/ And death will really come?) The poem contains two moments of questioning, one in the first stanza and one in the last. The first laments the disharmony between the soul, which is naturally melodious, and the paucity and unpredictability of the elements that give it substance and form as poetry, [...] In between these moments stand the poem's middle two stanzas, which describe an encounter between the poet and the "Aquilon," the "Orphic wind," which is metonymous for the creative breath or spirit which blows between the uncreated and created worlds. This "wind" uses the poet as conduit: the poet inhales it as wild-creative (Dionysian) impulse and exhales it as form-granted (Apollonian) poetry ..." (Schnairsohn, 2013: 26-27).

Literature

Bär, Gerald (2014). "Representações Cinematográficas da Alma de Méliès a *Matrix*". *Gaudium Sciendi*, 6 (Junho, 2014), Lisboa: Revista *Gaudium Sciendi*, Sociedade Científica, Univ. Católica, 53-84. ISSN: 2182-7605.

Bate, Walter Jackson (1964). *John Keats*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

Celan, Paul (1991). *Die Hand voller Stunden. Gedichte* (ed. and selection Michael Krüger). München: DTV.

Goll, Yvan (1918). *Der neue Orpheus. Eine Dithyrambe*. Berlin: Verlag Die Aktion.

Günderrode, Karoline von (1922). *Dichtungen* (ed. Ludwig V. Pigenot). München: Hugo Bruckmann Verlag.

Kokoschka, Oskar (1974). *My Life*. New York: Macmillan Publishing Co., Inc.

Pessoa, Fernando (1973). *Novas Poesias Inéditas*. (Direcção), recolha e notas de Maria do Rosário Marques Sabino e Adelaide Maria Monteiro Sereno). Lisboa: Ática.

Roessli, Jean-Michel (1999). "Nature et signification du mythe d'Orphée dans le *De Consolatione Philosophiae* de Boèce". *Archivum Bobiense* 21, pp. 27-72.

Roessli, Jean-Michel (2000). "Orpheus, Orphismus und Orphiker". In *Philosophen des Altertums, I. Von der Frühzeit bis zur Klassik* (ed. M. Erler & A. Graeser). Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, pp. 10-35 (Portuguese translation in *Filósofos da Antiguidade. Dos primórdios ao período clássico* [Rio de Janeiro, 2002]).

Schmid, Walter Fabian (2014). "Das Scheitern des zersungenen Orpheus. Lied und Gesang bei Paul Celan". *Signaturen. Forum für autonome Poesie* (wf-schmid_das-scheitern-des-zersungenen-orpheus.pdf (signaturen-magazin.de))

Schnairsohn, Leeore (2013). *The poem at the border of translation: Osip Mandelstam, Paul Celan, and the lives of the word*. A dissertation presented to the faculty of Princeton University in candidacy for the degree of doctor of philosophy recommended for acceptance by the department of comparative literature. Schnairsohn_dissertation (princeton.edu).

Schvey, Henry (1982). *Oskar Kokoschka, the Painter as Playwright*. Detroit: Wain State University Press.

Vilain, R. and Chew, G. (1997). "Ivan Goll and Kurt Weill: Der neue Orpheus and Royal Palace". In *Ivan Goll – Claire Goll Texts and Contexts* (ed. Eric Robertson and Robert Vilain). Amsterdam & Atlanta: Rodopi.

Gerald Bär é atualmente Professor Auxiliar na Universidade Aberta em Lisboa e membro do Centro de Investigação em Comunicação e Cultura (CECC) / Universidade Católica Portuguesa. É professor nas áreas de Estudos Alemães e Literatura Comparada. As suas publicações incluem vários artigos e livros sobre Ossian e sobre o motivo do *Doppelgänger* / Duplo em literatura e cinema. As suas publicações mais recentes nesta área são: “Hybrid Identities: John Henry Mackay and Houston Stuart Chamberlain between Englishness and Germanness”. In: *Literary Translation, Reception, and Transfer*. XXI. Congress of the ICLA – Proceedings. Vol. 2. Berlin: De Gruyter, 2020, pp. 425–440 (online) and “Mehrsprachigkeit und die Kunst des Sich-Selber-Sehens”. In: *Übersetzen. Theorien, Praktiken und Strategien der europäischen Germanistik*. Akte der Jahrestagung des italienischen Germanistenverbandes – 13. bis 15. Juni 2019. Bern, Berlin, Bruxelles, New York, etc.: Peter Lang, 2021, pp. 187-202.

NOTA BIOGRÁFICA

Gerald Bär is currently Assistant Professor at the Universidade Aberta in Lisbon and member of the Research Centre for Communication and Culture (CECC) / Universidade Católica Portuguesa. He teaches in the areas of German Studies and comparative Literature. His publications include several articles and books on Ossian and on the motif of the *Doppelgänger* in literature and film. His most recent publications in this field are: “Hybrid Identities: John Henry Mackay and Houston Stuart Chamberlain between Englishness and Germanness”. In: *Literary Translation, Reception, and Transfer*. XXI. Congress of the ICLA – Proceedings. Vol. 2. Berlin: De Gruyter, 2020, pp. 425–440 (online) and “Mehrsprachigkeit und die Kunst des Sich-Selber-Sehens”. In: *Übersetzen. Theorien, Praktiken und Strategien der europäischen Germanistik*. Akte der Jahrestagung des italienischen Germanistenverbandes – 13. bis 15. Juni 2019. Bern, Berlin, Bruxelles, New York, etc.: Peter Lang, 2021, pp. 187-202.

RESUMO:

O mito de Orfeu e Eurídice foi perpetuado durante séculos pela literatura, pintura, música e cinema. É impossível analisar todos os processos da transmissão (oral / versões escritas e transmediação) deste mito. Todavia, ao revisitar o tema órfico, relembro o particular interesse que a Professora Laura mostrou por meu artigo previamente publicado na revista *Gaudium Sciendi*. Por isso, o ponto de partida deste contributo é a retrospectiva, destacando obras relacionadas de modernistas como Goll e Kokoschka, mas também de autores como Keats e Celan.

PALAVRAS-CHAVE:

Mito, Orfeu, Goll, Kokoschka, Celan

ABSTRACT:

The myth of Orpheus and Eurydice was perpetuated during centuries in literature, painting, music and cinema. It is impossible to analyse all of this myth's processes of transmission (orally / written versions and trans-mediation). However, revisiting the Orphic theme reminds me of the particular interest Professora Laura had shown in my article previously published in the journal *Gaudium Sciendi*. Therefore, this contribution begins with a retrospective, focusing on related works by modernists such as Goll and Kokoschka, but also by authors such as Keats and Celan.

KEYWORDS:

Myth, Orpheus, Goll, Kokoschka, Celan

**OS SEKERU-ANKH NO ANTIGO EGIPTO.
PROVENIÊNCIA, TIPOS E FUNÇÕES
- IMPÉRIO ANTIGO E IMPÉRIO MÉDIO**

José das Candeias Sales
(Universidade Aberta; CHUL)

As fontes textuais e plásticas egípcias transmitem amiúde uma visão unificada da civilização faraónica, parecendo deliberadamente destinadas à posteridade, apresentando, talvez por isso, uma interpretação própria, específica, da época da sua produção, frequentemente realçando uma tradição histórica oficial que sistemática e categoricamente afirma a superioridade da autoridade, da actuação e da figura real, qual expressão física de uma ordem sobrenatural pré-inscrita no funcionamento do Cosmos e que tende a repetir-se *ad aeternum*. Uma expedição ao estrangeiro simboliza o poder universal do faraó. A sua esperada vitória um desígnio divino obrigatório. As oferendas cultuais aos grandes deuses do panteão daí resultantes uma exigência constante a cumprir zelosamente. Estas são as conclusões que se podem retirar da historiografia egípcia plasmada nos documentos escritos e na decoração dos monumentos, onde perpassa claramente uma visão teológica da guerra e das suas componentes.

Não obstante este intencional carácter panegírico que a documentação egípcia patenteia, nela ecoam, de forma mais organizada ou mais fragmentária, mais simples ou mais complexa, acontecimentos ocorridos no Egito ou nos lugares vizinhos que nos permitem escrutiná-los e estabelecer nexos entre eles na procura daquilo que têm valor real, fictício ou ritual, embora sempre do que foi, em todas essas dimensões, historicamente relevante.

Paralelamente, a concepção egípcia de “inimigo” (*khefeti*), “estrangeiro” (*chemau*), “prisioneiro” (*sekeru*) entra na esfera da ideologia, relegando-os a todos, por norma, para categorias de inferioridade, submissão, desordem e rebaixamento existencial, em contraste com os esforços egípcios no campo de batalha que são quase sempre destacados de forma superior, ordenada, laudatória e empolada. O

soberano egípcio emerge como personagem onipotente, promotor insubstituível da ordem e garante da estabilidade permanente.

A fazer fé nos repertórios iconográficos e nos testemunhos textuais que chegaram até aos nossos dias, desde o Império Antigo que o antigo Egito conheceu, a par da população egípcia regular, contingentes de prisioneiros de guerra estrangeiros, designados por *sekeru-ankh* (“prisioneiros/ cativos vivos”), assim integrados no seio da comunidade egípcia.

De facto, logo no início da IV dinastia, os relatos oficiais da chancelaria real mencionam os prisioneiros de guerra trazidos para o Egito pelo faraó Seneferu. Durante o seu reinado (2613-2589 a.C.), este faraó terá conduzido expedições militares, nomeadamente na Núbia e na Líbia, com o objectivo de conseguir gado, matérias-primas e cativos, estes destinados a aumentar a força de trabalho disponível. A doutrina de poder da época, hipercentralizada na autoridade real, fazia do faraó o herdeiro dos deuses e o verdadeiro responsável por todos os actos humanos, competindo-lhe assegurar as funções alimentares, legislativas e militares.¹

Os anais de Seneferu, inscritos na “Pedra de Palermo”, registam os factos considerados mais relevantes de cada ano de reinado. Trata-se, pois, de um registo administrativo oficial dos acontecimentos estatais. Aí encontramos estes dois apontamentos:

O ano em que se fabricou o barco "louvor de dois países", 100 côvados de madeira-méru, e 60 “barcos 160 (côvados?) do rei”. Arrasar o país dos Núbios. Trazer prisioneiros: 7.000; bovinos grandes e pequenos: 200.000. Construir a fortaleza do Alto e do Baixo Egito, “os domínios de Seneferu”. Trazer 40 barcos cheios de pinheiros. Nível do Nilo: 2 côvados e 2 dedos.²

O ano da entronização do rei, quarta corrida do touro Ápis, e de colocar no mundo em ouro (a estátua) do Hórus Nebmaat, e de gravar para os deuses (os hieróglifos). Trazer, da terra dos Líbios, prisioneiros: 1.100; bovinos grandes e pequenos: 13.100. Vir arrasar a fortaleza de Ida (?)³

¹ Cf. Valbelle, 1990, 35.

² Roccati, 1982, 39; Breasted, 1906, 65, 66; Valbelle, 1990, 34.

³ Roccati, 1982, 40.

*Sechat, funcionária na casa dos escritos divinos e funcionária na escola da nobreza: escrever o número de soldados prisioneiros trazidos de todos os países ... (países) Decher, Baket ...*⁹



Fig. 1. A deusa Sechat registrando número de prisioneiros líbios trazidos pelo faraó Sahuré. V Dinastia.

Os guerreiros líbios vencidos são facilmente reconhecidos pelas suas longas cabeleiras e barbas, pelos seus típicos colares, *écharpes* (cingindo o tronco) e estojos fálcos.¹⁰ Na cena de triunfo participam igualmente outras divindades egípcias: além de Sechat, a secretária divina responsável pelo registo, surgem Set, o deus do Alto Egípcio, com a sua característica cabeça de animal fabuloso, e Sopedu, "senhor dos países estrangeiros", divindade do deserto.¹¹ Historicamente esta representação é relevante por se tratar da primeira figuração egípcia de prisioneiros da guerra - Fig. 2.

⁹ Roccati, 1982, 58.

¹⁰ Cf. Adam, Ziegler, 1999, 180; Verner, 2004, 51.

¹¹ Cf. Adam, Ziegler, 1999, 180; Borchardt, 1913, Blatt 5-7.

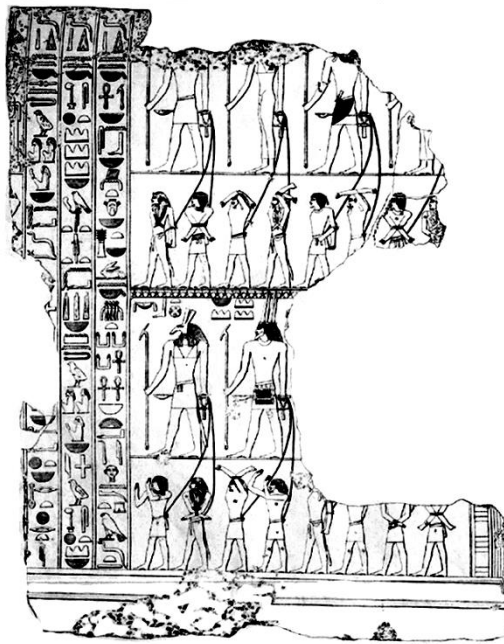


Fig. 2. Fragmento de relevo do complexo da pirâmide do faraó Sahuré.
Os deuses (Set e Sopedu) levam os prisioneiros ao rei. V Dinastia.

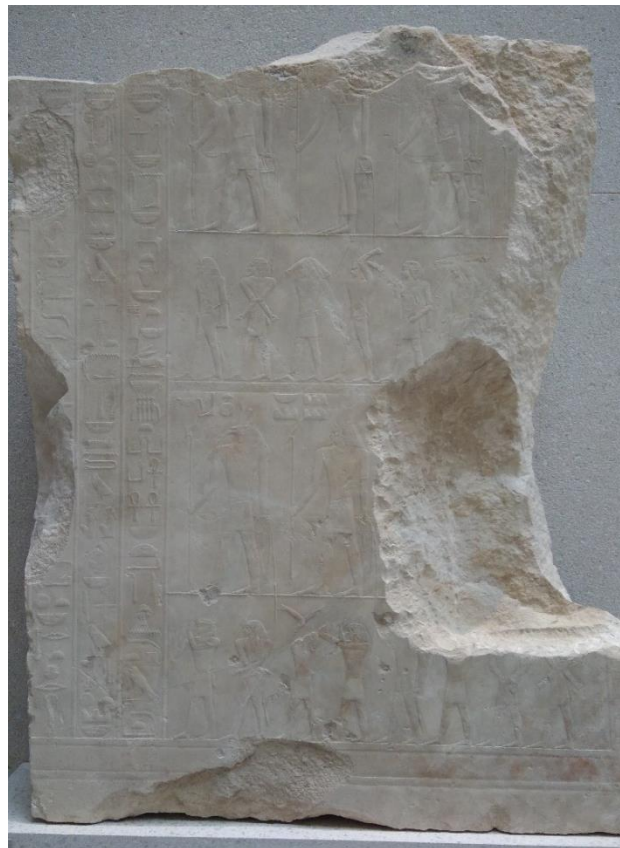


Fig. 3. Detalhe de fragmento de relevo do complexo da pirâmide do faraó Sahuré.
V Dinastia. Calcário. Foto do Autor.

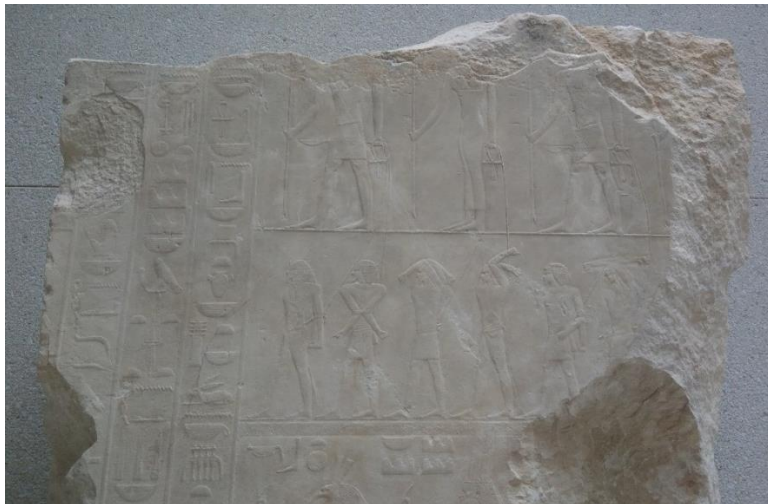


Fig. 4. Detalhe de fragmento de relevo do complexo da pirâmide do faraó Sahuré. Registo superior. V Dinastia. Calcário. Foto do Autor.



Fig. 5. Detalhe de fragmento de relevo do complexo da pirâmide do faraó Sahuré. Registo intermédio. Deuses Set e Sopedu. V Dinastia. Calcário. Foto do Autor.



Fig. 6. Detalhe de fragmento de relevo do complexo da pirâmide do faraó Sahuré. Registo inferior. V Dinastia. Calcário. Foto do Autor.



Fig. 7. Detalhe de fragmento de relevo do complexo da pirâmide do faraó Sahuré. Registo inferior. V Dinastia. Calcário. Foto do Autor.

Em sinal de aprovação, os deuses conduzem os aprisionados líbios e afirmam enfaticamente sobre o faraó: *"Dou-te todos os povos hostis com todas as provisões que existem em todos os países estrangeiros"*. A vitória de Sahuré é celebrada com um eloquente hino laudatório, supostamente entoado por Egípcios e Líbios: "Glória a ti, Sahuré, amado de Tot, senhor dos países estrangeiros; Glória a ti, Sahuré, deus dos vivos, nós contemplamos a tua perfeição; Glória a ti, Sahuré, temos visto ...; Glória a ti, Sahuré, tu és o nosso guia; Glória a ti, Sahuré, perfeito é Hórus, senhor de todo o país".¹²

A V dinastia inaugura um modo original de figuração das vitórias reais nos complexos funerários dos faraós. No caso de Sahuré, mais do que valor simbólico-ideológico, parece estarmos perante o registo de um acontecimento real, de uma histórica actividade militar e de uma política militar coerente e sistemática assumida e conduzida pela Casa Real.¹³

Na dinastia seguinte, com os relatos privados, amplia-se a nossa compreensão da natureza, alcance e objectivo das intervenções armadas egípcias no estrangeiro.¹⁴ Pela "biografia de Uni" (Fig. 8), somos informados das campanhas vitoriosas no Sinai e em Canaã, decididas por Pepi I (2332-2283 a.C.) e dirigidas por Uni, alto personagem da corte de Mênfis, *imakhu*, "venerável", que puseram fim,

¹² Roccati, 1982, 60.

¹³ Cf. Valbelle, 1990, 66.

¹⁴ Cf. Valbelle, 1990, 66.

durante algum tempo (até ao fim da VI dinastia), às pequenas guerras do deserto, sobretudo na fronteira nordeste do país, permitindo a segurança das pistas caravaneiras que vinham dos longínquos países mesopotâmios ou da Arábia.¹⁵

Confidente e favorito do faraó Pepi I, com inúmeras funções na administração civil, militar e religiosa do Estado menfita, Uni fez uma consistente ascensão na hierarquia administrativa¹⁶ e relata na sua biografia, com detalhe, como foi colocado à frente de um importante exército, compreendendo recrutas originários de todas as regiões do Egipto, de cinco tribos da Núbia (Irtjet, Medja, Yam, Uauat, Kaau) e de uma da Líbia (Tjemeti).

As suas seis vitoriosas campanhas contra os beduínos asiáticos (“habitantes da-areia”) são devidamente elogiadas naquele que é considerado o primeiro verdadeiro poema de vitória.¹⁷ Com efeito, o regresso vitorioso do seu exército é anunciado literariamente com um ritmo e uma cadência que prefiguram a marcha triunfal dos soldados vencedores. Aliás, a habilidade e o ritmo que se desprendem de toda a composição biográfica fazem dela um monumento literário único, que encerra em si qualquer coisa de maravilhoso e por onde perpassa a personalidade do seu autor e o carácter de documento histórico de todo o registo.¹⁸

¹⁵ Embora destinados à posteridade, protegendo o nome dos seus proprietários do esquecimento ou seja, como se dizia em egípcio, destinadas a «fazer viver os seus nomes”, estas autobiografias de particulares, inscritas nas paredes das capelas funerárias das mastabas ou dos túmulos das necrópoles e registando, quase sempre, factos precisos, isolados, pessoais, são textos muito úteis pelos informes que nos fornecem e que permitem o cruzamento e as conexões com factos mais gerais, de interesse regional, nacional e/ ou internacional (Cf. Erman, 1971, 108; Lalouette, 1981, 8, 9, 22, 23, 25; 1991, 14; Sales, 2001a, 128, 129).

¹⁶ Uni teve uma longa carreira: iniciou-a sob o faraó Teti (2345-2333 a.C.), continuou durante todo o reinado de Pepi I (2332-2283 a.C.) e terminou já sob Merenré (2283-2278 a.C.) - Cf. Lichtheim, 1975, 18; Lalouette, 1984, 323, nota 11.

¹⁷ Para James Henri Breasted, o relato de Uni “is the largest narrative inscription and the most important historical document from the Old Kingdom” (Breasted, 1906, 134).

¹⁸ A relação dos factos foi reencontrada esculpida num bloco de calcário monolítico (1,10 m de altura; 2,70 m de largura) que fazia parte do muro da capela exterior da mastaba de Uni, em Abidos. O bloco tem 51 colunas verticais, precedidas por uma linha horizontal, e está hoje no Museu Egípcio do Cairo (Cairo Museum nº 1435). Esta mastaba foi inicialmente escavada por Auguste Mariette, em 1860 (Cf. Roccati, 1982,188; Lalouette, 1984, 323, nota 11; Bonhême, Forgeau, 1988,108).

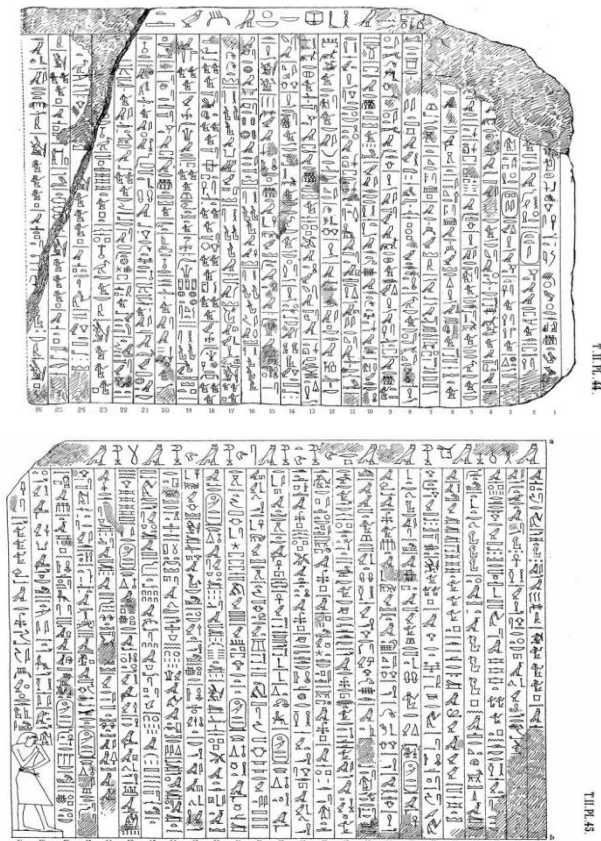


Fig. 8. Bloco de granito com “Biografia de Uni”. Museu Egípcio do Cairo (nº 1435).

Os elementos recolhidos na biografia de Uni são extremamente significativos e fazem uma alusão explícita a uma tentativa de invasão ou pelo menos a um ataque suficientemente sério no norte da Palestina, com recrutamento militar na Núbia e na Líbia.¹⁹

Sua Majestade repeliu os Âamu que-vivem-na-areia, tendo recrutado um exército muito numeroso de todo o Alto Egípcio, das regiões a Sul de Elefantina a Norte do nomos de Afroditópolis, das duas unidades administrativas do Baixo Egípcio, de Sedjer e de Khensedjeru, dos núbios de Irtjet, dos núbios de Medja, dos núbios de Yam, dos núbios de Uauat, dos núbios de Kaau, bem como da terra dos Tjemeti [Líbios]”. (...). “Este exército regressou em paz, após ter arrasado o país dos habitantes-da-areia. Este exército regressou em paz, após ter saqueado o país dos habitantes-da-areia. Este exército regressou em paz, após ter derrubado as suas cidades fortificadas. Este exército regressou em paz, após ter

¹⁹ Cf. Valbelle, 1990, 49, 50. As forças egípcias ter-se-ão dividido em duas partes: uma seguiu por mar, comandada por Uni, e a outra pela rota setentrional do Sinai. É de realçar o facto de esta expedição, o mais considerável exército levado a combater fora do Egípcio no Império Antigo, ter sido comandada por um civil (Cf. Valbelle, 1990, 67, 68).

cortado as suas figueiras e as suas videiras. Este exército regressou em paz, após ter dizimado muitos soldados. Este exército regressou em paz, após ter trazido muitos dos seus soldados como prisioneiros.²⁰

Deve salientar-se que nesta época não existia ainda um exército regular e que o levantamento/ recrutamento das tropas constituía, por isso, um facto impossível fora dos quadros de um Estado e de uma sociedade estratificada que não usasse, em seu proveito, o trabalho daqueles que se encontravam “dependentes” (*mertu*) ou “ao serviço de” (*bak*).²¹ Um aspecto a valorizar é que empresas similares à que Uni relata deviam seguramente realizar-se no Egipto desde há séculos, mesmo se na altura não faziam ainda parte dos temas narrativos historiografados e apresentados num túmulo.²²

Ainda no Império Antigo, a “biografia de Pepinakht”, relata as duas missões de firme pacificação da agitação na Núbia chefiadas por este “o intendente dos países estrangeiros”, príncipe de Elefantina e chefe do exército egípcio que viveu no final da VI dinastia sob o reinado de Pepi II (2278-2184 a.C.), feitas à custa do aprisionamento dos chefes das tribos núbias e dos seus soldados.²³

A Majestade do meu senhor enviou-me (1ª missão) a esmagar o país de Uauat e de Irtjet. Executei-o de tal forma que o meu senhor recompensou-me. Matei muitos (homens), dos quais os filhos do governador e o director das tropas capazes [tropas de elite]. Trouxe de lá um grande número para a Residência como soldados prisioneiros, enquanto estive à frente de numerosos e poderosos soldados como um valente.[...].²⁴

A Majestade do meu senhor enviou-me (2ª missão) ainda a submeter estes mesmos países estrangeiros. Procedi de tal maneira que o meu senhor recompensou-me de uma forma excelente. Trouxe os dois

²⁰ Cf. Roccati, 1982, 193, 194; Breasted, 1906, 142-144; Wilson, 1969, 227, 228; Gardiner, 1961, 95, 96; Lichtheim, 1975, 19, 20; Lalouette, 1984, 165, 166; Valbelle, 1990, 45, 48, 49.

²¹ Estes grupos de soldados, autóctones ou estrangeiros, estavam, seguramente, numa condição de sujeição que caracterizava, no Império Antigo, o trabalho dependente. Eram «dependentes» (*mertu*) ou «trabalhadores ao serviço» (*baku*). O termo *bak* sugere a existência de uma forma de coerção central e designa a dependência do rei, de uma forma genérica, a que estavam sujeitos, portanto, praticamente todos os Egípcios.

²² Cf. Roccati, 1982, 189.

²³ O relato das suas duas expedições encontra-se esculpido no seu túmulo, em Elefantina (Qubbet el-Haua), entre os túmulos de Herkhuf e de Sabni, embora num texto menos original e mais curto do que, por exemplo, o de Herkhuf (Cf. Roccati, 1982, 208; PM, 1937, 236, 237). Cf. Breasted, 1906, 161, 162.

²⁴ Roccati, 1982, 209, 210; Breasted, 1906, 163.

governadores destes países estrangeiros à Residência em paz e os bois e os bezerros vivos. Eles foram seleccionados para a Residência com os filhos do governador e o director das tropas que estavam com eles.[...].²⁵

Esta firme pacificação das tribos núbias fez-se à custa dos chefes das suas tropas de elite e dos seus soldados que foram mortos e/ ou aprisionados e trazidos como cativos estrangeiros para o Duplo País. Muitos desses cativos iriam engrossar as fileiras dos contingentes armados ao serviço da Residência (= Palácio Real = Estado egípcio). No Primeiro Período Intermediário vamos encontrá-los já integrados na sociedade egípcia, nos contingentes militares, como arqueiros, e num novo corpo de polícia (os Medjaiu), embora conservando alguns sinais exteriores da sua própria cultura.²⁶

Dominique Valbelle chama a atenção para um aspecto demográfico-sociológico significativo subjacente aos aprisionamentos egípcios no Império Antigo: “Pour une population évaluée à environ 1,5 million, introduction successive de 7000 Nubiens et de 1100 Lybiens sous Snéfrou, de 17000 Nubiens au cours de la IV^e ou de la VI^e dynastie et de beaucoup d’autres dont le nombre ne nous est pas conservé - soit comme prisonniers, soit comme mercenaires - ne devait pas passer complètement inaperçue.”²⁷

Os *Anais*²⁸ de *Amenemhat II* (Fig. 9), indubitavelmente o mais importante texto do reinado de Amenemhat II (1929-1895 a.C.), da XII dinastia, já no Império Médio, com um formulário de recorda em muito os Anais da VI dinastia, evocam uma expedição militar à Ásia, uma expedição comercial ao Sinai, as caçadas (rituais) do faraó, as doações às divindades e aos templos, as listas de estátuas e de edifícios, as recompensas atribuídas por Amenemhat II, provavelmente no final da sua primeira década de reinado, e salientam a chegada de prisioneiros de guerra em resultado dessas incursões exteriores²⁹:

²⁵ Roccati, 1982, 210; Breasted, 1906, 163.

²⁶ Cf. Valbelle, 1990, 45, 70, 82.

²⁷ Cf. Valbelle, 1990, 44.

²⁸ Em egípcio *genut*, «registo diário».

²⁹ Cf. Callender, 2000, 163. Conhecida desde 1974, após a sua descoberta em Mit-Rahina, por Gerhard Haeny, a inscrição deste bloco de granito rosa, o maior dos fragmentos dos *Anais de Amenemhat II*, com 41 colunas de incisos hieróglifos, foi editada pela primeira vez em 1980 por Sami Farag, na época Director dos Serviços de Antiguidades em Mênfis e Sakara – o fragmento é, por isso, muitas vezes, designado como «fragmento de Farag». O bloco,

Enviar um exército a Khenty-che [...] todos os serviços impostos destinados ao rei, colocados (?) sob a responsabilidade (?) de Sekhem-Amenemhat. Enviar um exército com o responsável da infantaria do exército (?) para destruir (o país) Iua de Sétjet. [...].

Fazer uma estátua em madeira do responsável dos camponeses Ameny, que será colocado por ele em Djéfa-Amenemhat. [Vindo baixando a cabeça dos filhos dos soberanos de Ka]ch e Ubat-sepet encarregues dos seus tributos. Eles trouxeram nos seus braços [Lista de tributos].

Vindo baixando a cabeça dos filhos dos soberanos de Setjet. Eles trouxeram: em prata, 220 deben, (...) cabras (?), que fazem 56 cabeças de gado miúdo; 1002 Aamu, chumbo, 6 deben; branco de chumbo, 55 deben. (...)

Vindo baixando a cabeça dos....(?) de Tjempau. Eles trouxeram nos seus braços: chumbo, 238 deben $\frac{1}{4}$.

[Retorno do exército e do responsável da] infantaria enviados para devastar luai e lasy: número de cativos trazidos destas duas regiões montanhosas, 1554 Aamu; de bronze e de madeira, 10 machados, 33 foices, 12 punhais; [lista de tributos continua]

[Regresso do exército enviado a Khenty-che em dois barcos. Eles relataram: de dinheiro, (...); de bronze (...); de cobre, (...); de branco de chumbo (...); de mármore, (...); (...); (...); 65 Aamu; (...).

O rei descansou no palácio de Ta-che, no sul da ilha do rei do Alto e do Baixo Egito Kheperkaré. Sua Majestade puxou uma rede de 12 côvados de comprimento à sua porta, caçando na companhia dos seus senhores. Relataram-se 4000 patos (...). Nunca algo semelhante ocorrera sob os deuses que existiam antes. (...).

Conceder uma recompensa consistindo em) servos, campos, ouro e todos os tipos de coisas boas em grandes quantidades para o responsável da infantaria, para o controlador dos recrutas e os recrutas que regressaram depois de ter em devastado luai e lasy e que trouxeram

com 1,92 m de altura x 2,49 de comprimento x 48 cm de espessura, foi encontrado sob a base de uma estátua de Ramsés (SCHISM 3701), erigida na entrada meridional do templo de Ptah, em Mênfis, e deveria ser parte de uma inscrição parietal do templo e não uma estela (Cf. Farag, 1980, 75-82; Goedicke, 1991, 89, 90; Málek, Quirke, 1992, 13, 18; Obsomer, 1995, 595; Callender, 2000, 163; Baines, 2008, 19; Tallet, 2009, 482). A referência ao vizir Ameny, cuja nomeação para o cargo só aconteceu depois do 8º ano de reinado de Amenemhat II, em substituição de Senuseret, permite estabelecer como datação precisa dos acontecimentos narrados o final da primeira década de reinado do faraó (Cf. Tallet, 2009, 482, Obsomer, 1995, 196).

carregamentos de Khrep-Amenemhat graças aos cativos [...] destas duas regiões montanhosas

Exigir os bens das mulheres Aamet dos cativos (?) para os filhos reais, para os senhores do rei, para os chefes do palácio da caça real (...).³⁰

O texto está incompleto, mas sugere que faria parte de um relato mais extenso.³¹ Ainda assim, a expedição militar é descrita como totalmente vitoriosa. Comprovam-no o espólio-tributo de várias espécies recebido dos subjulgados povos e das dominadas cidades, bem como os prisioneiros efectuados.

Também aqui se menciona explicitamente o número de cativos estrangeiros, neste caso, no total, apelidados de “Aamu”, isto é, Asiáticos ou Semitas ou Palestinos, resultantes da destruição das cidades de Iuai e Iasy, que Wolfgang Helck identifica com Ura, na moderna Turquia, e Alasia, em Chipre, respectivamente³².

Os prisioneiros, supostamente homens, mulheres e crianças, foram deslocados para o complexo funerário ou para a cidade de Sekhem-Amenemhat, muito provavelmente para trabalharem na construção da “Pirâmide Branca” de Amenemhat II, no planalto de Dahchur. É curiosa a informação sobre o confisco dos bens das “mulheres Aamet dos cativos” feito em proveito da família e dos agentes reais egípcios. No final da dinastia, muitos destes prisioneiros de guerra estavam misturados e integrados na população egípcia.

³⁰ Obsomer, 1995, 597-601.

³¹ Cf. Goedicke, 1991, 89, 90.

³² Se estas identificações estiverem correctas, as campanhas militares egípcias terão atingido áreas geográficas bem mais distantes do que aquelas que inicialmente se supunha (Altenmüller, 2015, 297-306).

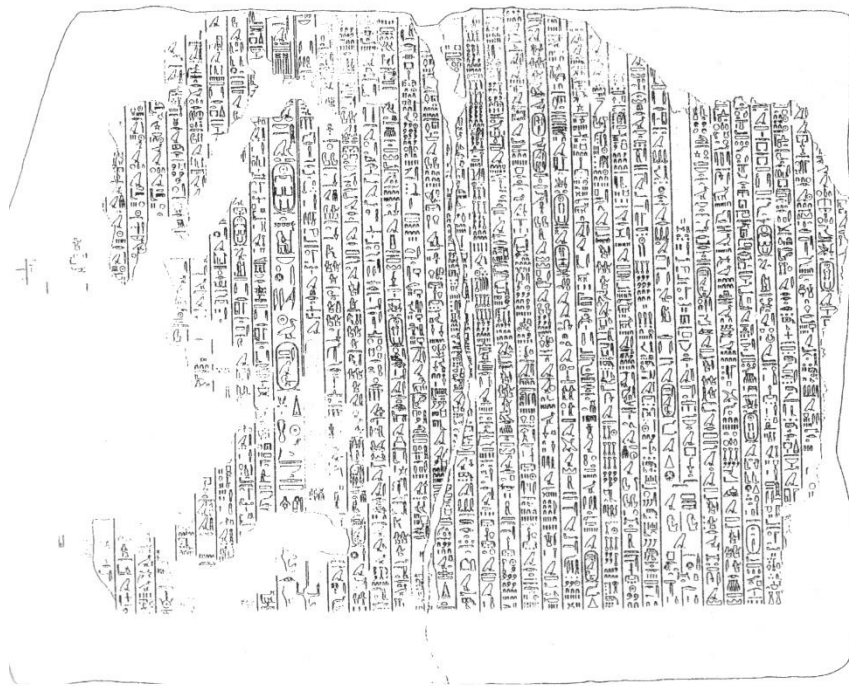


Fig. 9. Anais de Amenemhat II, XII dinastia, Império Médio.

Conclusão

Sabemos as precauções com que os grandes textos históricos e as suas ilustrações iconográficas, egípcias como estrangeiras, devem ser tratados, sobretudo quando são constituídos por relatos de vitórias e listas de países conquistados.³³ Sabemos que frequentemente as composições oficiais textuais e visuais estão repletas de justificações retóricas, vanglória e hipérboles (“Nunca algo de semelhante se havia feito”, *n sp ir.t(w) mitt*) claramente favoráveis aos vencedores e, por outro lado, de omissões e distorções que, por isso, deformam os factos. Nem sempre, portanto, se destrinça com clareza a linha de demarcação entre o que é histórico, real, e o que é ideológico, ficcional. No entanto, há “linhas de força” que se podem extrair das análises efectuadas.

Assim, desde logo, a maioria das acções militares egípcias de carácter ofensivo foram justificadas como respostas organizadas a movimentos de rebelião das forças hostis (os “rebeldes”, *xen, betenu, sebi reku besetetiu*³⁴) e, em consequência, procuravam simultaneamente cumprir dois objectivos: pacificar as regiões rebeldes,

³³ Cf. Valbelle, 1990, 12.

³⁴ Cf. Grimal, 1986, 649-651.

por um lado, e capturar os seus bens, por outro. Uma campanha (*udjit*) era vitoriosa (*nakht*) quando conseguia atingir estes objectivos.

É no âmbito deste segundo objectivo que se insere a captura de prisioneiros de guerra que, por sua vez, permitia garantir vários desideratos: desde logo, reduzir ou aniquilar a capacidade de resposta dos povos vencidos contra o Egipto; por outro, ampliar os recursos humanos disponíveis para a reprodução da riqueza egípcia e, finalmente, agradecer as divindades egípcias pela sua decisiva ajuda e protecção durante as campanhas militares, como verdadeiros autores das vitórias e senhores dos êxitos militares e políticos.

Concomitantemente, o registo escrito e plástico dos triunfos militares e da captura dos *sekeru-ankh* dos Impérios Antigo e Médio (na Núbia, na Líbia, no Sinai e em Canaã) satisfaziam os intuitos de poder do faraonato, ajudando a construir uma hábil feição intimidatória, para o interior e para o exterior do Egipto, capaz de dissuadir quaisquer futuros desafios à autoridade real egípcia. À luz da mentalidade egípcia, o seu país encontrava-se no centro cósmico, rodeado de povos inferiores e caóticos (“Nove Arcos”) passíveis e possíveis de serem conquistados, explorados, ordenados. Devido à sua agressividade inata, os inimigos exigiam a atenção e a acção avassaladora do faraó e dos seus exércitos, qualitativamente superiores e agentes das divindades, para os combater, destruir e aprisionar. Pela sua incansável, heróica e audaz conduta militar, vigilante e protectora, os faraós mantinham o universo ordenado, rechaçando permanente e continuamente as forças hostis.

No antigo Egipto, a captura de inimigos de guerra foi, portanto, um útil processo na dupla estratégia de submeter completamente os povos derrotados (os rebeldes) e de proclamar o papel regularizador e ordenador do Cosmos desempenhado pelo faraó egípcio. O carácter real, simbólico e profiláctico da captura de prisioneiros vivos é enorme e tinha, em qualquer das vertentes que consideremos, como função neutralizar os inimigos reais ou potenciais do Egipto, assimilados, por isso, às potências do caos.

Bibliografia

Adam, Jean-Pierre; Ziegler, Christiane, 1999, *Les pyramides d'Égypte*, Paris, Hachette Littératures.

Altenmüller, Hartwig; Moussa, Ahmed M., 1991, "Die Inschrift Amenemhets II. aus dem Ptah-Tempel von Memphis, ein Vorbericht" in *Studien zur Altägyptischen Kultur* 18 (SAK), pp. 1-48.

Baines, John, 2008, "On the evolution, purpose, and forms of Egyptian annals" in Eva-Maria Engel, Vera Müller, Ulrich Hartung (eds.), *Zeichen aus dem Sand. Streiflichter aus Ägyptens Geschichte zu Ehren von Günter Dreyer*, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, pp. 19-40.

Benson, Douglas S., 1995, *Ancient Egypt's Warfare*, Ohio, Bookmasters.

Bonhême, Marie-Ange; Forgeau, Annie, 1988, *Pharaon – Les secrets du pouvoir*, Paris, Armand Colin.

Borchardt, Ludwig, 1913, *Das Grabdenkmal des Königs Saḥure^c, Band II. Die Wandbilder*, Leipzig, J. C. Hinris'sche Buchhandlung.

Breasted, James Henry, 1906, *Ancient Records of Egypt, Volume I. The first to the Seventeenth Dynasties*, Chicago, The University of Chicago Press.

Callender, Gae, 2000, "The Middle Kingdom Renaissance (c.2055-1650 BC)" in Ian Shaw (dir.), *The Oxford History of Ancient Egypt*, Oxford, Oxford University Press.

Carreira, José Nunes, 2001, "Legitimação do poder no Egípto faraónico" in *Clio* 5, pp.19-33.

Clayton, Peter, 1995, *Chronique des pharaons. L'histoire règne par règne des souverains et des dynasties de l'Égypte ancienne*, Paris, Casterman.

Cottrell, Leonard, 1968, *The warrior pharaohs*, London, Evans Brothers.

Derchain Philippe, 1962, "Le rôle du roi d'Égypte dans le maintien de l'ordre cosmique" in *Le Pouvoir et le Sacré*. Bruxelles, Université Libre de Bruxelles, pp. 61-73.

Erman, Adolf, 1971, *Life in Ancient Egypt*, New York, Dover Publications.

Farag, Sami, 1980, "Une inscription Memphite de la XIIe dynastie", *RdE* 32, pp. 75-82, pls. 3-5.

Frandsen, P. J., 197), "Egyptian Imperialism" in M.T. Larsen (ed.), *Power and Propaganda: A Symposium on Ancient Empires (Mesopotamia 7)*. Copenhagen, Akademisk Forlag, pp. 167-190.

_____, 1961, *Egypt of the Pharaohs. An introduction*, Oxford, Oxford University Press.

Goedicke, Hans, 1991, "Egyptian Military Actions in "Asia" in the Middle Kingdom", *RdE* 42, pp. 89-94.

_____, 1988, *Histoire de l'Égypte ancienne*, Paris, Fayard.

Hall, Emma Swan, 1986, *The pharaoh smites his enemies. A comparative study*, Munique-Berlin, Deutscher Kunstverlag.

Lalouette, Claire, 1981, *La Littérature Égyptienne*, Paris, PUF.

_____, 1984, *Textes sacrés et textes profanes de l'ancienne Égypte. I. des pharaons et des hommes*. Paris: Gallimard.

_____, 1985, *L'empire des Ramsès*, Paris, Fayard.

- _____, 1986, *Thèbes ou la naissance d'un Empire*, Paris, Fayard.

_____, 1991, *Au royaume d'Égypte. Le temps des rois-dieux*, Paris, Fayard.

Leclant, Jean, 1980, "Les "empires" et l'impérialisme de l'Égypte pharaonique" in AAVV, *Le concept d'empire*. Paris, PUF, pp. 49-68.

Lichtheim, Miriam, 1975. *Ancient Egyptian Literature. A book of readings. Volume I: The Old and the Middle Kingdom*, Berkeley-Los Angeles-London, University of California Press.

Málek, Jaromír; Quirke, Stephen, 1992, "Memphis, 1991: Epigraphy" in *JEA* 78, pp. 13.18.

Manley, Bill, 1998, *Atlas historique de l'Égypte ancienne. De Thèbes à Alexandrie: la tumultueuse épopée des pharaons*, Paris, Éditions Autrement.

Martínez Babón, Javier, 2008, *Faraones Guerreros. Historia militar de Egipto desde la dinastía I hasta la XXVI*, Barcelona, Llibreria Mizar.

McDermott, Bridget, 2004, *Warfare in Ancient Egypt*, Gloucestershire, Sutton Publishing Ltd..

Moussa, Ahmed M.; Altenmüller, Hartwig, 1991, "Die Inschrift Amenemhet II. aus dem Ptah-Tempel von Memphis, ein Vorbericht", *SAK* 18, pp. 1-48.

Nardo, Don, 2002, *The history of weapons and warfare. Ancient Egypt*, San Diego, Lucent Books.

Newberry, Percy H., 1980, *Warrior pharaohs: the rise and fall of the Egyptian Empire*, London, Book Club Associates.

Obsomer, Claude, 1995, *Sésostris Ier. Étude chronologique et historique du règne*, Bruxelles, Safran.

O'Connor, David; Silvermann, David P., 1995, *Ancient Egyptian Kingship*. Leiden, Brill.

Partridge, Robert B., 2002, *Fighting pharaohs. Weapons and Warfare in Ancient Egypt*, Manchester, Peartree Publishing.

Pérez Largacha, Antonio, 2018, "Preservación del orden versus propaganda; "Cultura de la guerra" o "Culto a la guerra" en los textos militares faraónicos" in Fernando Carmona Fernández e José Miguel García Cano (eds.) e José Javier Matinez García (coord.), *Guerra y Violencia en la Literatura y en la Historia*, Murcia, Universidad de Murcia, pp. 7-15.

Porter, Berta; Moss, Rosalind (=PM), 1937, *Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. V. Upper Egypt: Sites* (1st ed.), Oxford, Griffith Institute/ Ashmolean Museum.

_____(=PM), 1974, *Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. III. Memphis. Part 1. Abû Rawâsh to Abûsîr* (2nd ed.), Oxford, Griffith Institute/ Ashmolean Museum.

- Posener, Georges, 1960, *De la divinité du pharaon*. Paris, Cahiers de la Société Asiatique 15.

Roccati, Alessandro, 1982, *La littérature historique sous l'Ancien Empire Égyptien*, Paris, Les Éditions du Cerf.

Sales, José das Candeias, 1997, *A ideologia real egípcia e académica. Representações do poder político pré-clássico*. Lisboa, Editorial Estampa.

_____. 2001a, "Autobiografias" in Luís Manuel de Araújo (dir.), *Dicionário do antigo Egipto*, Lisboa, Editorial Caminho, pp. 128-129.

_____. 2001b, "Prisioneiros" in Luís Manuel de Araújo (dir.), *Dicionário do antigo Egipto*, Lisboa, Editorial Caminho, pp. 211-212.

_____, 2008a, *Poder e Iconografia no antigo Egipto*, Lisboa, Livros Horizonte.

_____, 2008b, "O massacre ritual dos inimigos nos templos ptolomaicos" in António Ramos dos Santos e José Varandas (Coord.), *A Guerra na Antiguidade II*, Lisboa, Editora Caleidoscópio, pp. 61-87.

_____, 2012, "The smiting of the enemies scenes in the mortuary temple of Ramses III at Medinet Habu" in *Oriental Studies – Journal of Oriental and Ancient*

History 1, Lisboa, Instituto Oriental da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, pp. 79-110.

_____, 2018, “Os Impérios da História do Antigo Egito: em torno do conceito de “Império”” in Delfim Leão, José Augusto Ramos, Nuno Simões Rodrigues (coords.), *Arqueologias de Impérios*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 37-55.

Sethe, Kurt, 1933, *Urkunden des Alten Reichs. Erster Band*, Leipzig.

Shaw, Ian (dir.), 1991, *Egyptian warfare and weapons*, Aylesbury, Shire Publications.
_____, 2000, *The Oxford History of Ancient Egypt*, Oxford, Oxford University Press.

Tallet, Pierre, 2009, “Amenemhat II et la chapelle des rois. A propos d’une stèle rupestre redécouverte à Sérabit al-Khadim” in *BIFAO 109*, pp. 473-493.

_____, 2015, *Sésostris III et la fin de la XII^e dynastie*, Paris, Pygmalion.

- Tarancón Huarte, Nerea, 2012, “Después de la batalla: el trato al enemigo en el contexto militar del Egipto faraónico”, *ArqueoUCA: Revista Digital Científica Independiente de Arqueología*, nº2, pp. 29-41.

- Tresson, Paul, 1919, *L’inscription d’Ouni*, Caire, Imprimerie de l’Institut Français d’Archéologie Orientale.

- Valbelle, Dominique, 1990, *Les neufs arcs. L’égyptien et les étrangers de la Préhistoire à la conquête d’Alexandre*, Paris, Armand Colin.

- _____, 1998, *Histoire de l’État pharaonique*, Paris, PUF.

- Verner, Miroslav, 2003, “The pyramids of the fifth dynasty” in Zahi Hawass, *The treasures of the Pyramids*, Cairo, The American university in Cairo Press, pp. 237-259.

- _____, 2004, *Pyramids. The mystery, Culture, and Science of Egypt’s Great Monuments*, Cairo/ New York, The American University in Cairo Press.

- Vernus, Pascal, 1986, “Le concept de monarchie dans l’Égypte ancienne” in E.L. Ladurie, dir. *Les monarchies*. Paris, PUF, pp. 29-42.

- _____ (2011), “Los barbechos del demiurgo y la soberanía del faraón. El concepto de “imperio” y las latencias de la creación” in M. Campagno, J. Gallego, C. G. Garcia Mac Gaw, comps., *El Estado en el Mediterráneo antiguo. Egipto, Grecia. Roma*, Buenos Aires, Miño y Dávila, pp. 13-43.

- Wilson, John A., 1969, “Egyptian Historical Texts” in James Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts relating to the Old Testament, Third edition with supplement*, New Jersey, Princeton University Press, pp. 227-264.

RESUMO

Através de *raids* de intervenção em territórios vizinhos, de missões de firme pacificação de áreas limítrofes ou sob administração egípcia, por determinação do poder central ou de altos funcionários regionais, ou de vitoriosas campanhas militares planeadas pelo Estado, desde o Império Antigo que chegaram ao Egípto contingentes humanos que se integram na categoria de prisioneiros de guerra (*sekeru-ankh*, “prisioneiros/ cativos vivos”).

Qual a proveniência dos prisioneiros de guerra no Império Antigo e no Império Médio? Que tipos de prisioneiros existiram nestes dois períodos mais recuados da história egípcia? Que funções lhes estavam destinadas?

Pelas fontes disponíveis, de carácter narrativo-literário e/ ou plástico-iconográfico, podemos perceber esta realidade social e o seu enquadramento no universo demográfico e mental egípcio, responder a estas questões e traçar uma panorâmica diversificada dos prisioneiros de guerra, sempre enquadrada por um conceito egípcio de História em que a realeza, a ideologia e a legitimação influíam directamente na arte da guerra.

Palavras-chave:

Prisioneiros, textos, iconografia, Império Antigo, Império Médio.

ABSTRACT

Through intervention raids in neighboring territories, missions of firm pacification of bordering areas or under Egyptian administration, by determination of the central power or high regional officials, or victorious military campaigns planned by the State, since the Old Kingdom that arrived in Egypt human contingents that fall into the category of prisoners of war (*sekeru-ankh*, “prisoners/living captives”).

Where did prisoners of war come from in the Old Kingdom and the Middle Kingdom? What types of prisoners were there in these two earliest periods of Egyptian history? What functions were assigned to them?

From the available sources, of a narrative-literary and/or plastic-iconographic nature, we can understand this social reality and its framework in the Egyptian demographic and mental universe, answer these questions and draw a diversified overview of prisoners of war, always framed by a Egyptian concept of History in which royalty, ideology and legitimation directly influenced the art of war.

Keywords:

Prisoners, texts, iconography, Old Kingdom, Middle Kingdom.

"GO WEST, EVER-YOUNG HUMANITIES"

Teresa Cid
University of Lisbon, School of Arts and Humanities,
CEAUL/ULICES

In the mid-nineteenth century, the politician and editor of the *New-York Tribune* Horace Greeley challenged his young countrymen to move forward and search further by continuing the journey of the then also very young USA into the future. "Go West young man" became a widespread motto to which many (both men and women) would respond to by traveling geographically into the vast expanses of the American West, mentally into the possible fulfillment of aspirations, and spiritually into an "errand into the wilderness" hopefully meant to reach the promised land.¹

Maria Laura Bettencourt Pires, in her own way, also went West in her exploration of the vast culture of the USA, doing so with unusual stamina and determination. The following pages are my modest way of acknowledging her long life-voyage of American explorations, to which Laura brought her sense of humanity and her belief in knowledge as an ever-moving frontier.

I recall a meeting of the League of European Research Universities (LERU), which took place in Barcelona, on the subject of "European Research Universities – Guide and Engine for Europe 2050," on 9-10 May 2012, when the discussion about the European research funding policy was at its peak.² In this meeting, all the speakers belonged to the so-called hard sciences disciplinary fields but not even one failed to include a vehement statement on behalf of the Humanities and the need to support them. So much so, that I remember thinking at the time that the Humanities had already acquired the status of endangered species.

¹ "Errand into the Wilderness" was used by Samuel Danforth's in an election sermon of 1670 in Massachusetts – "A Brief Recognition of New-Englands Errand into the Wilderness." It was later taken by Perry Miller as the title of his book of 1956 on the basic reason why early colonists went to America.

² Cf. <http://www.10yearsleru.org>

At stake was indeed a realization that without cultivating these not so luridly economic-- or profit-oriented disciplines all the edifice of education and communication would not only suffer but fail, because the basics for individual and shared knowledge growth, as well as critical thinking, would be weakened to the point of un-sustainability. Interesting defenses of the Humanities have appeared both before and after 2012,³ but even though a little more space was given in European funding to the fields cultivated by the Humanities, it has continued to be anything but nurturing.⁴ Hence the realization that we need “new forms of representation and new ways of reading”⁵ if we are to avoid the trap of simply preaching to the converted or that other trap of curtailing the blooming of thought by narrowly defined sterilizing discourses.

The West of the imagination, even more than the material American West, lent itself in the eighteen hundreds to all sorts of constructions, such as the one encapsulated by Horace Greely in the expression I appropriated for the title of these pages. So I shall draw on his inducement to go West, to try yet another look into “errand[s] into the wilderness” and briefly delve into the complexities that those who pursue studies in the Humanities are faced with.

Concerns with the Humanities and their status in the USA are not new. Suffice it to quote Ralph Waldo Emerson’s words in his Harvard commencement address

³ Cf., for example, Martha Nussbaum’s *Not for Profit. Why Democracy Needs the Humanities* (2010).

⁴ In 2015, the Portuguese Scientific Council for the Social Sciences and Humanities issued a formal comment on the document that defines the “Research and Innovation Strategy for an Intelligent Specialization (“Estratégia de Investigação e Inovação para uma Especialização Inteligente”). It is a strong condemnation of the fact that previous recommendations of the council were in no way taken into consideration in the final text and that both the Social Sciences and the Humanities are present only as subsidiary and marginal fields in a research environment that privileges the relations of research to industry and their expected almost immediate economic return. Martha Nussbaum, in her book above mentioned, had already strongly alerted to the risk of distancing or dismissing the Humanities from the formative space of a person or citizen.

⁵ I quote from the subject title of the Portuguese Association for Anglo-American Studies (APEAA) meeting convened at Vila Real (2015), where I presented an earlier version of this piece as a guest speaker.

delivered to the Phi Beta Kappa Society at Harvard in 1837, an address that became the essay “The American Scholar.” He daringly argued that

Our-anniversary is one of hope, and, *perhaps, not enough of labor*. We do not meet for games of strength or skill, for the recitation of histories, tragedies, and odes, like the ancient Greeks; for parliaments of love and poesy, like the Troubadours; nor for the advancement of science, like our contemporaries in the British and European capitals. Thus far, our holiday has been simply a *friendly sign of the survival of the love of letters amongst a people too busy to give to letters any more*. As such, it is precious as the sign of an indestructible instinct. Perhaps the time is already come, when it ought to be, and will be, something else; when the *sluggard intellect* of this continent will look from under its iron lids and fill the postponed expectation of the world with something better than the exertions of mechanical skill. (20) (my emphasis)

It may seem a provocation to imply a similarity between our times and those of Emerson’s audience, but may we not imaginatively place ourselves amidst his audience if one considers the “continent” Emerson refers to as that of the Humanities rather than the, at the time, so young USA? Can we say with no qualms whatsoever that we have unrelentingly exercised our strength and skills to try and meet the expectations of the world in what concerns the place and role of the Humanities? Perhaps not always. After all, to hope is sometimes easier than to labor. It also seems to me relevant to recall the practical sense observable in the biblical proverbs which would be quite familiar to Emerson’s audience, thus justifying his intelligent and effective rhetorical use of words such as “sluggard”, a term not so common in usual parlance.

Proverbs

6:9 How long wilt thou sleepe, O sluggard? when wilt thou arise out of thy sleepe?

13:4 The soul of the sluggard desireth, and *hath* nothing: but the soul of the diligent shall be made fat.

20:4 The sluggard will not plow by reason of the cold; therefore shall he begge in haruest, and haue nothing. ⁶

1611 King James Bible ⁷

⁶ On the biblical use of the term sluggard, see, for instance, Deffinbaugh.

⁷ Proverbs, King James Bible,

<https://www.kingjamesbibleonline.org/search.php?hs=1&q=sluggard>

The sluggard appears to be characterized as someone who does not have the energy to go the extra mile (maybe not even those miles preceding the extra mile) to reach the desired goal, preferring to find reasons (or excuses) for not doing so.⁸ If one chooses to focus on the “cold” conditions facing the Humanities’ rather than investing in their care, the result, as the proverb affirms, will be hunger rather than plenty.

About a century after Emerson delivered his address, the modernist William Carlos Williams would implicitly embrace his call to his fellow citizens to “look from under [their] iron lids” and pay a more consistent attention to the realm of poetry (Emerson’s “letters” or the Humanities), in the USA. Williams did insist, indeed, on the need of using what might be called a clinical eye to carefully and perceptively look at the world, thus making possible both the personal enrichment of the viewer and the transmutation of what is seen (and humanely internalized) into poetry. To exemplify this concern, we may recall two of his earlier poems, “By the road to the contagious hospital” and “So much depends,” included in *Spring and All* (1923) and a late one, “Asphodel, that Greeny Flower” (*Journey to Love*, 1955). This late poem was written at a time of great personal suffering due, among other reasons, to Cold War politics, which involved “the bomb,” both the nuclear threat itself and all forms of “avarice / breeding hatred / through fear.” As such, it is not surprising that in it violence and oppression at all levels significantly figure. This is a poem that though not perfect is, and I quote from Ann Fisher-Wirth, “a great poem. It was written by a man in his 70s who had to type it with the fingers of one hand, who could sometimes barely see. Yet it is one of those extraordinary utterances that prove the truth of

⁸ These proverbs and others in the same vein actually remind me of a 2008 song about procrastination (or laziness), “Movimento Perpétuo Associativo,” do album *Canção ao Lado* by the Portuguese *Deolinda* group:

Agora sim, damos a volta a isto!
Agora sim, há pernas para andar!
Agora sim, eu sinto o optimismo!
Vamos em frente, ninguém nos vai parar!
-Agora não, que é hora do almoço...
-Agora não, que é hora do jantar...
-Agora não, que eu acho que não posso...
-Amanhã vou trabalhar...[...]

Keats' contention that the world is a 'vale of Soul-making.' As a young man, in *Spring and All*, Williams wrote, 'Life is valuable--when completed by the imagination. And then only.' Thirty years later, 'Asphodel, That Greeny Flower' reveals a life completed by the imagination. Despite the ruin of the body, the made soul shines out indestructibly."

Both this poem and those of his early life as a poet express the confidence in the crucial role of poetry. This despite his acute awareness that poetry in his day and age is more often than not unacknowledged by the people who, like Emerson had affirmed, continue to be "too busy to give to letters" the attention they deserve, frequently failing to perceive the complexities and nuances of the life that is unfolding before everyone's eyes:

I
By the road to the contagious hospital
[...]
[...] Beyond the
waste of brown, muddy fields
[...]
Lifeless in appearance, sluggish
dazed spring approaches—
[...]

XXII
so much depends
upon
a red wheel
barrow
glazed with rain
water
beside the white
chickens

William Carlos Williams, *Spring and All*, 11-12, 74

There is something
something urgent
I have to say to you
[...]
Of asphodel, that greeny flower,
I come, my sweet,

to sing to you!

My heart rouses
 thinking to bring you news
 of something
 that concerns you
 and concerns many men. Look at
 what passes for the new.
 You will not find it there but in

 despised poems.
 It is difficult
 to get the news from poems
 yet men die miserably every day
 for lack
 of what is found there.
 Hear me out

 for I too am concerned
 and every man
 at peace in his bed

 besides.

William Carlos Williams , “Asphodel, that Greeny Flower”, *Journey to Love*

For Williams, in poem “I” of *Spring and All*, spring (and all that goes with it such as the springing of life), rather than emphasizing cruelty (as Eliot would affirm at the beginning of his poem *The Waste Land*, published in 1921), may be happily contagious for the reader if the promises of renewed life are perceived as being present, albeit concealed within a “waste of brown, muddy fields”.⁹ The same might be said for the so simple rural scene of poem “XXII”, which may be seen as a call to making the effort of paying attention to the beauty of common things, pregnant with ideas that depend on our observant vision for unfolding themselves. Similarly, as the later poem urgently stresses, “despised poems” may be, after all, crucial channels for receiving the most important news, those that actually allow for life to manifest itself. It is this concern with the value of poems (i.e., the Humanities is general and, for Williams, the American literature in particular), that drives this poet

⁹ Williams expressed a vehement refusal of Eliot’s stance, which he considered the more damaging because of the high quality of Eliot’s writing: “Eliot had turned his back on the possibility of reviving my world. And being an accomplished craftsman, better skilled in some ways than I could ever hope to be, I had to watch him carry my world off with him, the fool, to the enemy.” *The Autobiography*, Chap. 30: 174.

to his defense of poetry, conceived as an art deeply rooted in the soil of everyday life, meant for the present moment without discarding history and, above all, humane. No sluggard attitude, quite the opposite.

About a decade ago (actually in the same year of the LERU meeting above mentioned), the Renaissance scholar Jennifer Summit, acknowledging the growing concern with the status of the Humanities, established the connection with a “growing body of scholarship [that] ha[d] been re-examining the origins and meanings of Renaissance humanism.¹⁰ In her 2012 address, delivered at Stanford, and in its companion essay, she proposes to inquire what that scholarship can contribute to our current understanding of the Humanities, their purposes and functions, as well as their future, and challenges. Drawing on the historian of philosophy Paul O. Kristeller, she proposes a return to the concept of *studia humanitatis* and clarifies that

“The *humanitas* at the term’s heart doesn’t refer to a pre-existing ‘human’ quality (like ‘human dignity’ or ‘the human experience’) but to the classical Latin meaning of *humanus* as both ‘benevolent’ and ‘learned’– [which] is not ‘discovered’ but deliberately cultivated through education.[...]”

Rather than studying the human *qua* human, *studia humanitatis* signified ‘the humane studies or the studies befitting a human being,’ as Kristeller defines it, in his own words, and the study befitting humans above all else was the knowledge and skilled use of language and letters (98). Humanists – that is, *humanistae*, the individuals who taught the *studia humanitatis* – were ‘professional rhetoricians, and their goals were both idealistic and practical: to build students’ character through liberal learning (the meaning of *paideia*) and to prepare them for a world of massively expanded literacy and immense complexity, where the skills of communication, interpretation, and negotiation of practical ethical problems were of paramount importance. The *studia humanitatis* took their meaning and rationale, in other words, not simply from their objects of study but from what they did and tried to do in the classroom and beyond.” (667)

To define the Humanities as the disciplines that offer knowledge on human beings is today ever more problematic since, as Summit adds, “No more is ‘the human’ the unique commitment of the humanities. The question ‘what does it mean to be human?’ is today receiving searching new analysis in the non-humanities disciplines

¹⁰ Summit, Jennifer, “Renaissance Humanism and the Future of the Humanities.”

of the social and natural sciences". (Ibidem) And she adds: "If the category 'humanities' is to remain relevant for the disciplines it comprises, we need to reexamine its long and dynamic history and accept that disputes over self-definition will not threaten but rather allow its survival into the future." Furthermore, Summit proposes that

Putting 'humanitas' back into the humanities asks us to define and defend not what we study ('what does it mean to be human?') but what we want an education grounded in the humanities to be and do. Seen as a vital component of a larger educational project, rather than an isolated and embattled interest group, the humanities could thus be positioned not against the natural and social sciences but as part of an interlocking system, in which the vital question is not what the humanities are that the other disciplinary formations are not, but what they bring to a collective and collaborative enterprise of learning and knowledge." (668)

A renewed focus on reading, writing, speaking, and interpretation, now faced with "technological and cognitive change," is a part of this equation. "This synergy of knowledge and skill extends to the humanist ideal of a life that balances 'virtue and wisdom,' the highest products of practical and theoretical knowledge". (670)

The school was, understandably "the primary locus of the *studia humanitatis*", being a place, which offered privileged occasions for the interaction of minds, development of critical thinking and learning that was to be put to practical use, as Jean Louis Vives cited by Summit, argues: "This, then, is the fruit of all studies; this is the goal. Having acquired our knowledge, we must turn it to usefulness, and employ it for the common good" (Vives, 284, apud Summit, 671).

Though this purpose may be debatable, in our context of an enhanced need to reconsider the main role of the Humanities as perhaps that of cultivating *humanitas*, tentatively defined as a combination of learning and benevolence, a sense of civility and empathy, slow narratives have been acquiring a new relevance. I have on previous occasions argued that they are especially significant in our days of ever-faster lives (despite the temporary slow-down caused by the recent pandemic), and how important it is that not only they challenge us but that we allow ourselves to be challenged. These slow narratives, going against the fast or flash reading practices induced by social media that tend to severely shorten our attention span, demand

from us that we relate to them in a way that engages sight and insight, that enhances the perceptive act, fostering a close attention to physical, tangible details, as much as to the contemplation of the mystery of life in its many forms albeit hidden under the surface.

Returning to the title and the beginning of this text, that is, accepting the invitation to travel West (in this case in the literary and cinematic imagination of the USA), I propose to briefly revisit Mark Twain's *Adventures of Huckleberry Finn* (1885), a novel that for Hemingway marked the beginning of American literature, and whose narrator chooses to go West at the end of his tale; and also to look into two recent films, namely *Meek's Cutoff* (2010), directed by Kelly Reichardt, and *The Homesman* (2014), directed by Tommy Lee Jones. The next paragraphs will sketchily look at some compelling features of these stories that draw us into the open field of *humanitas*.

In different ways, all present a Via Dolorosa, a sort of Pilgrim's progress, or a search for a kind of promised land that seems so close and yet eludes the characters at every turn, like it did the settlers who searched it in the first years of American colonization. Pain comes in many ways – persecution and the need to hide from immediate dangers, or severe lack of water, utter loneliness, loss of dear ones, among others – but so does *humanitas*, knowledge and empathy becoming ever more present as the narratives progress. It should be noted that Twain's novel, despite the excellent humor and irony it exhibits and which the two films manifestly lack, is no less violent and painful than these.

In *Adventures of Huckleberry Finn*, Twain repeatedly asks us to open our minds to the beauty of the interconnectedness of all things as an effective way to counter discrimination and indifference to suffering or violence. And also to learn empathy, depth of feeling, attention towards the other, a genuine concern for humanity. Huck learns to commiserate, not only with Jim, when he realizes the pain his pranks have caused him, but even with the scoundrels that have plagued him and Jim when they eventually get tarred and feathered. Huck does indeed feel pity for them as his empathic comment that “people can be mighty cruel to each other” clearly shows.

In *Meek's Cutoff*, the film by Kelly Reichardt, the plot draws inspiration from a specific historical event, that of a journey gone wrong in the mid-nineteenth century Oregon overland trails. A wagon train of three families who hired mountain man Stephen Meek in 1845 to guide them over the Cascade Mountains will face tragedy due to an irresponsible decision from the man who should be their guide in a safe journey. Deciding to take a short-cut, Meek takes these families on an unmarked path across the desert, becoming lost and subjecting all to hunger, acute thirst and high anxiety, extreme exhaustion and lack of confidence in each other, not to mention the painful loss of cherished objects and even family members. This is the setting of the quest for the achievement of dreams of families we might call Victorian, in values as in mores, of a middle-class background, who will be faced with a wilderness that not only pushes them to the brink of total disaster and annihilation but is, moreover, inhabited by cultures, in this case the cultures of American Indians, that strikingly differ from that of the newcomers and which present a challenge and a threat to their beliefs.

What would supposedly be a shortcut for a speedier arrival at the intended destination gradually becomes a journey into desperation. This literalized “errand into the wilderness” does not even lack a Moses-like mock-figure, becoming an errand which will offer no sighting of any promised land, either to the characters or to the film viewers.¹¹ *Meek's Cutoff* unusual narrative style – with extremely thin action, very long takes and scenes mostly defined by silence – does bring about a sense of uncanniness that demands from viewers much more than what is usually expected from watching a satisfying story unfold on the screen for a little over 100 minutes. What is perhaps harder to endure in the so slow progress of the travel, as much as of that of the narrative itself (purposefully sluggish cinematic pace?), is the

¹¹ For present-day viewers who live, and often also love, high speed in their ways of life, there is little room for the kind of thoughtfulness that requires slowness, such as the time to read a text that takes more than a couple of minutes. This does not mean that slowness is not needed in our world, just that we have forgotten that we need it and that we prefer not to be reminded of our forgetfulness. When I watched *Meek's Cutoff*, in Washington.D.C, the young woman sitting next to me could not endure the experience. She fell asleep, only waking up every now and then to check that, as she would later say, “nothing was happening”, not realizing that this “nothing” was, if one was paying attention, really a lot.

lack of a tool with which the characters (and also the film viewers) may decipher the world. This difficulty is enhanced by the actual presence of two languages (English and the language of the Native American character), a difficulty which is visually made explicit in both the real and metaphoric limits to sight and vision these travelers have to endure.

Nevertheless, in this dismal prairie setting (we may recall Williams's "waste of brown, muddy fields"), a long and hard journey of self-discovery and the discovery of others will supervene, unusual relationships with one another and with nature will arise, and a sense of the transcendent will even start to emerge. What might be seen as a mere progress in loss manifests itself as possibly a new way of realizing that "so much depends" on one's way of opening up to new realities and to ways of humanely seeing and living.

The Homesman, directed by Tommy Lee Jones, is based on a 1988 novel of the same name by Glendon Swarthout. It is an extremely peculiar film, what we might call a Western in reverse, since it presents a travel from West to East, from the pristine Nebraska territory to Iowa. In keeping with this reverse trajectory, the storyline turns the usual virile hero of traditional Westerns into a reluctant helper of a New York teacher who had travelled West searching for her promised land, a woman who, because no man would take this job, is the guide in charge of leading a group of frail, mentally unstable women across the Western wilderness to an hospice in a small town by the edge of the sluggish Missouri River. But this long, dangerous and highly painful voyage of return to civilization, which is partly reached in the final section of the film, is not a return to a safe haven either. For the Homesman, who is confronted with a loss he did not anticipate, desolation gives place to an awareness of fragility combined with an unexpected empathy for those he had previously despised but not exactly a sense of security; the travel will resume, and the West and what it represents in terms of possibility and creation of a self-fulfilling path will continue to make its call powerfully heard.

Both films are new Westerns with a strong focus on women who are at one time resilient and frail, that is, only human. Similarly, the men that interact with them no longer embody the stereotypical cowboy-like figure. In fact, both women and men

are presented as much more complex creatures than those found in traditional films of this genre. But they also pay increased attention to the difficulty of communication, to the effort one needs to engage in to move forward in the understanding of the world and one another. The vast expanses of the Western lands are here monotonous and merciless places, testing the limits of endurance. Nonetheless, at times, they will also explode in flashes of unadulterated beauty, the pristine beauty of American nature, verging on the sublime, but also that of faulty human beings that find in themselves and in their relation to fellow men and women the capacity to go the extra mile and somehow act for the common good.

At the end of Twain's novel, Huck Finn refers to the exertion that being a storyteller represents – writing his book has been an arduous task and he would not have begun it had he known it would be that hard. Nevertheless, we, the readers, know that he is just flexing his muscles to proceed with his life of humane labor and personal fulfillment. He will light out for the Territory, i.e. the American frontier, to go on with his search for riches that go much beyond those that Judge Thatcher has been judiciously keeping for him and Tom Sawyer. That same Territory that will eventually include the Oregon trails and the Nebraska region explored in the two films of Kelly Reichard and Tommy Lee Jones, full of hardships but fraught with the idea of possibility, of new and better reconfigurations of the self and community. Because of all that Huck Finn has, as a young narrator, unwittingly or obliquely told the readers about his educational process, we know that he will find anywhere he goes a way of building a raft (“You feel mighty free and easy and comfortable on a raft”, 107¹²), that is, a mighty comfortable community of equals in dignity and respect that will allow all to grow and continue to pursue their dreams, not only in individual but also in fruitfully shared ways, in which no one will be ignored or simply dismissed, not even if he be Satan.¹³

¹² Twain, *Adventures*, Chapter XVIII: 107

¹³ Twain will later place this demanding question, attributing it to his mother, a woman of the kindest and most considerate heart: “But who prays for Satan? Who, in eighteen centuries, has had the common humanity to pray for the one sinner that needed it most [...]?” *Autobiography*.

Both Twain's novel and the new Westerns above mentioned are indeed narratives that want the viewer to labor, to feel discomfort and ponder, rather than just to read or watch and forget about them in the next hour. And they achieve this, not so much because of their subject matter but mostly due to the way of the telling itself, the slowing narrative aesthetics they embrace. Such an aesthetics demands that readers or viewers slow down and engage in a different way of storying the world, where reflection is mandatory and an awareness of living on a frontier is inspirational. They represent for me a call to the need of bringing a new light to ways of seeing and living in our world of pain in order to properly appreciate the blessed moments and even miracles it also contains, hidden as they may sometimes be. They place the idea of *humanitas* at the center of poetic (broadly understood) creation and pressingly invite us to pursue our studies in the Humanities in a really humane way, intent on a common good.

Rethinking the role of the Humanities is not synonymous with finding easy solutions. However, we live in a time in which it is urgent to find ways of bringing at least a cup of water to the thirsty, so that they may go on and continue to move forward, rather than give up and succumb on the road, hard as it may be.

A most inspiring invitation to embark on such a path of study translated into action is offered by Pope Francis. As such, to conclude these notes, I borrow at length from one of his letters which also refers to a frontier, addressed on 3 March 2015 "To my Venerable Brother Cardinal Mario Aurelio Poli, Grand Chancellor of the Catholic University of Argentina," hoping that we may draw inspiration from his words:

Dear Brother,

The celebration of 100 years of the Faculty of Theology of the Catholic University is an important moment for the Church in Argentina. This anniversary coincides with that of 50 years from the closing of the Second Vatican Council, which was an updating, a re-reading of the Gospel from the perspective of contemporary culture. It produced an irreversible movement of renewal which comes from the Gospel. And now, we must go forward.

How, then, do we go forward? Teaching and studying theology means living on a frontier, one in which the Gospel **meets the needs of the people** to whom it should be proclaimed in an understandable and meaningful way. We must guard against a theology that is exhausted in academic dispute or one that looks at humanity from a glass castle. You learn so as to live: theology and holiness are inseparable.

[...] At this time theology must address conflicts: not only those that we experience within the Church, but also those that concern the world as a whole and those which are lived on the streets of Latin America. Do not settle for a desktop theology. **Your place for reflection is the frontier.** Do not fall into the temptation to embellish, to add fragrance, to adjust them to some degree and domesticate them. Even good theologians, like good shepherds, **have the odour of the people and of the street** and, by their reflection, pour oil and wine onto the wounds of mankind. (my emphasis)

References

- Danforth, Samuel and Royster, Paul [transcriber & editor] "A Brief Recognition of New-Englands Errand into the Wilderness: An Online Electronic Text Edition" (1670). Faculty Publications, UNL Libraries. 35.
<https://digitalcommons.unl.edu/libraryscience/35>
- Deffinbaugh, Robert. *The Way Of The Wise: Studies In The Book Of Proverbs*. Chap. 6.
<https://bible.org/seriespage/6-sluggard>
- Emerson, Ralph Waldo. "The American Scholar," *Essays by Ralph Waldo Emerson*. New York, Charles E. Merrill Co., 1907.
<https://www.gutenberg.org/files/16643/16643-h/16643-h.htm>
- Fisher-Wirth, Ann, Williams's "Asphodel, That Greeny Flower", *Encyclopedia of American Poetry: The Twentieth Century*,
<https://www.writing.upenn.edu/~afilreis/88/asphodel.html>
- Francis. *Letter Of His Holiness Pope Francis to The Grand Chancellor of the "Pontificia Universidad Católica Argentina" for the 100th Anniversary of the Founding of the Faculty of Theology*. Libreria Editrice Vaticana. 3 March 2015
https://www.vatican.va/content/francesco/en/letters/2015/documents/papa-francesco_20150303_lettera-universita-cattolica-argentina.html
- King James's Bible*. <https://www.kingjamesbibleonline.org>
- Nussbaum, Martha C. *Not for Profit. Why Democracy Needs the Humanities*. Princeton. Princeton UP., 2010
- Summit, Jennifer, "Renaissance Humanism and the Future of the Humanities." *Literature Compass*, Volume 9, Issue 10: 665–678, October 2012.
<https://compass.onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1741-4113.2012.00921.x>
- Twain, Mark. *Adventures of Huckleberry Finn*. 1885. Oxford, New York. Oxford UP, 1999.
- Mark Twain's Autobiography* (1924)
<http://gutenberg.net.au/ebooks02/0200551h.html>
- Williams, William Carlos. *Spring and All*. Paris : Contact Publishing Co., 1923.
https://archive.org/details/spring_and_all/page/n17/mode/2up
- *The Autobiography of William Carlos Williams* [New York, 1951] New Directions Paperback, 1967.
- *Journey to Love*, New York: Random House, 1955.

Films

Reichard, Kelly. Director. *Meek's Cutoff*. 2010.

Jones, Tommy Lee. Director. *The Homesman*. 2014.

NOTA BIOGRÁFICA

Teresa Cid é professora associada jubilada de Estudos Americanos. Leccionou na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tendo sido, ainda, Directora do Centro de Estudos Anglísticos-CEAUL e do Instituto Confúcio da Universidade de Lisboa. As suas principais áreas de interesse nos Estudos Americanos são Estudos Luso-americanos, Modernismo, Cinema e Cultura Popular. As suas publicações incluem: "Preferring not to: Bartleby's NO in...Silence!" (Lisboa, 2013), "Walking the Lisbon Night Through with Johnny Guitar" (Lisboa, 2009), "Lively Modernism(s): the Comic Strip as/and Modern American Art" (Bern, 2008), "Fate, Diaspora and the Melody of Storytelling: The Portuguese-American Fado/Blues of Katherine Vaz" (Lisboa, 2007), "Antigas Raízes e Novos Rumos: o fado/blues de Katherine Vaz e a Diáspora Portuguesa nos EUA" (Rio de Janeiro, 2001). Foi co-autora ou co-organizadora das publicações Portugal Pelo Mundo Disperso (Lisboa, 2013), Narrating the Portuguese Diaspora: Piecing Things Together (New York, 2011), Ceremonies and Spectacles: Performing American Culture (Amsterdam, 2000) e Literatura Norte-Americana (Lisboa, 1999).

Teresa Cid is retired associate professor of American Studies. She taught at the University of Lisbon, School of Arts and Humanities, and was Director of the University of Lisbon Centre for English Studies (CEAUL-ULICES) and Director of the Confucius Institute of the University of Lisbon. Her main research interests are Portuguese-American Studies, Modernism, Cinema, and Popular Culture. Her publications include: "Preferring not to: Bartleby's NO in...Silence!" (Lisbon, 2013), "Walking the Lisbon Night Through with Johnny Guitar" (Lisbon, 2009), "Lively Modernism(s): the Comic Strip as/and Modern American Art" (Bern, 2008), "Fate, Diaspora and the Melody of Storytelling: The Portuguese-American Fado/Blues of Katherine Vaz" (Lisbon, 2007), "Antigas Raízes e Novos Rumos: o fado/blues de Katherine Vaz e a Diáspora Portuguesa nos EUA" (Rio de Janeiro, 2001). Selected co-authored or co-edited volumes include Portugal pelo Mundo Disperso (Lisbon, 2013), Narrating the Portuguese Diaspora: Piecing Things Together (New York, 2011), Ceremonies and Spectacles: Performing American Culture (Amsterdam, 2000), and Literatura Norte-Americana (Lisbon 1999).

ABSTRACT

The mid-nineteenth century politician and editor of the New-York Tribune, Horace Greeley, challenged his young countrymen with a forceful pronouncement, "Go West young man." Inspired by this assertion to move forward and search further by creatively continuing the journey into the future, I appropriate this call to action to the realm of the Humanities. Thus, the following pages propose to briefly reflect on the value of the Humanities as well as on the challenges they have met in the USA and elsewhere, especially in our own time, and the ways they may contribute to a better understanding of the complexities of being human and, above all, humane, as argued in the work of Jennifer Summit on the future of the Humanities.

The reference to the concerns of Ralph Waldo Emerson and Williams Carlos Williams with the role of the Humanities in their different times, and their defense of literary imagination will be complemented by a reexamination of the richness of the American West, more specifically as a locus for historical and creative dialogues with the spiritual journey towards a much searched-for promised land, known since Puritan colonial times as an “errand into the wilderness.” Examples of this search for humane responses to human dire predicaments are discussed via two films, *Meek’s Cuttof* (2010), directed by Kelly Reichardt, and *The Homesman* (2014), directed by Tommy Lee Jones, both new Westerns which, in their own way, follow up on the ethical citizen concerns present in Mark Twain’s novel *Adventures of Huckleberry Finn* (1885). The call for an active involvement in the social and educational realms in order to aim at building a more humane world is also a deep concern of a major figure of our time, Pope Francis.

The mid-nineteenth century politician and editor of the *New-York Tribune*, Horace Greeley, challenged his young countrymen with a forceful pronouncement, “Go West young man.” Inspired by this assertion to move forward and search further by creatively continuing the journey into the future, I appropriate this call to action to the realm of the Humanities. Thus, the following pages propose to briefly reflect on the value of the Humanities as well as on the challenges they have met in the USA and elsewhere, especially in our own time, and the ways they may contribute to a better understanding of the complexities of being human and, above all, humane, as argued in the work of Jennifer Summit on the future of the Humanities.

The reference to the concerns of Ralph Waldo Emerson and Williams Carlos Williams with the role of the Humanities in their different times, and their defense of literary imagination will be complemented by a reexamination of the richness of the American West, more specifically as a locus for historical and creative dialogues with the spiritual journey towards a much searched-for promised land, known since Puritan colonial times as an “errand into the wilderness.” Examples of this search for humane responses to human dire predicaments are discussed via two films, *Meek’s Cuttof* (2010), directed by Kelly Reichardt, and *The Homesman* (2014), directed by Tommy Lee Jones, both new Westerns which, in their own way, follow up on the ethical citizen concerns present in Mark Twain’s novel *Adventures of Huckleberry Finn* (1885). The call for an active involvement in the social and educational realms in order to aim at building a more humane world is also a deep concern of a major figure of our time, Pope Francis.

KEYWORDS:

Humanities, Western, W.C.Williams, *Meek’s Cuttof*, *The Homesman*

RESUMO

Horace Greeley, político americano de meados do século XIX e editor do *New-York Tribune*, desafiou os seus jovens compatriotas com um imperativo “Go West young man”. Inspirada por esta asserção de incentivo a ir sempre mais longe, continuando criativamente a viagem em direcção ao futuro, aproprio-me deste apelo à acção, trazendo-o para o campo das Humanidades. Assim, as páginas seguintes propõem uma breve reflexão sobre a importância das Humanidades, bem como sobre os desafios com que se confrontaram os seus cultores nos EUA e noutros países, também no nosso tempo, e a forma como aquelas podem contribuir para uma melhor compreensão das complexidades do ser humano que se quer,

acima de tudo, solidário, como defendido na ensaística de Jennifer Summit sobre o futuro das Humanidades.

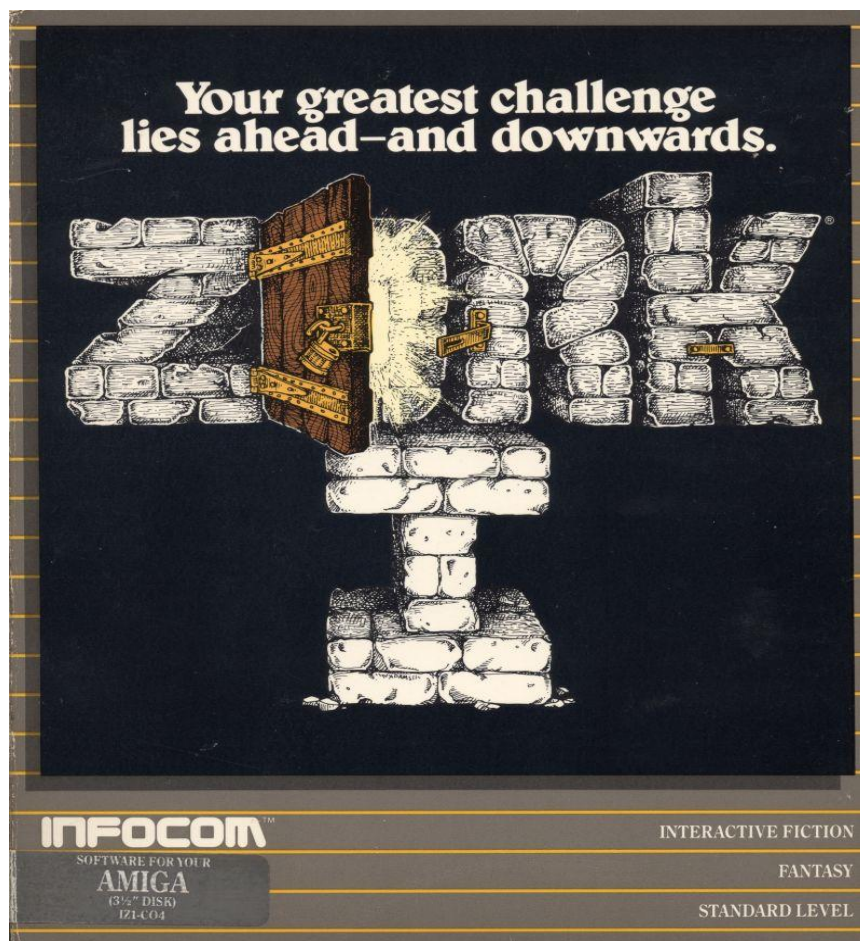
A referência às preocupações de Ralph Waldo Emerson e Williams Carlos Williams com o papel das Humanidades nos seus próprios tempos e à sua defesa da imaginação literária será complementada por uma reavaliação do Oeste americano, mais especificamente encarado como espaço de diálogos históricos e criativos com a viagem espiritual rumo à muito almejada "terra prometida", conhecida desde os tempos coloniais puritanos como "demanda no deserto". Exemplos desta procura de respostas solidárias a situações humanas difíceis são discutidos por meio de dois filmes, *Meek's Cutoff* (2010), de Kelly Reichardt, e *The Homesman* (2014), de Tommy Lee Jones, ambos novos westerns que, à sua maneira, dão corpo à preocupação com uma cidadania ética também presente no romance de Mark Twain, *Aventuras de Huckleberry Finn* (1885). O seu apelo a um envolvimento activo nos domínios social e educativo, visando a construção de um mundo mais solidário é também uma profunda preocupação de uma figura maior do nosso tempo, o Papa Francisco.

PALAVRAS CHAVE:

Humanidades, Western, W.C.Williams, *Meek's Cutoff*, *The Homesman*

O PAPEL DOS PUZZLES NA NARRATIVA DOS JOGOS DE AVENTURA

João Jorge Capelo Sottomayor Spínola Fernandes
Universidade Nova de Lisboa



Introdução¹

Com a invenção dos videojogos, é possível enviar as pessoas para universos nos quais confrontam situações, objetos e personagens que jamais encontrariam na vida real. Desde os comandos típicos das consolas às pistolas dos jogos *arcade* e aos ecrãs tácteis, fomos testemunhando um nível de interação cada vez mais apurado com este mundo virtual.

Para além de jogos mais populares como os de ação e desporto, existe um género que consiste

¹ Nota Biográfica: João Jorge Capelo Sottomayor Spínola Fernandes é licenciado em Estudos Portugueses e Ingleses (2015) e um mestrado em Literatura e Cultura Inglesa e Norte-Americana (2018). Também tirou um curso em Técnicas de Comunicação Oral em 2016. Escreveu dois outros trabalhos para a *Gaudium Sciendi*, sendo o primeiro sobre os processos mentais responsáveis pela resolução de puzzles.

maioritariamente em exercitar as nossas capacidades intelectuais, nomeadamente as aventuras. O que estas têm de único é que contam uma história através da apresentação de obstáculos, que consistem em puzzles, bem como da sua resolução por parte do jogador. Ao invés do que ocorre com outros géneros de videojogos, os protagonistas das aventuras não se distinguem tipicamente pela sua força física sobre-humana nem por poderes sobrenaturais, possuindo geralmente características mais realistas e contando com a sua inteligência para resolver os seus problemas.

No presente trabalho, explicaremos mais detalhadamente o que são jogos de aventura e discutiremos como são (e como evoluíram) os puzzles que encontramos nestes. Uma vez que as obras impressas relativas a estes videojogos são muito escassas, as nossas pesquisas consistiram principalmente em explorar os próprios jogos.

Não existem categorias ditas oficiais atribuídas aos diferentes puzzles interativos. Como tal, os nomes que atribuímos aos géneros de quebra-cabeças são aqueles vulgarmente utilizados pelos próprios jogadores (exceto quando não existem, pelo que utilizaremos termos nossos).

Frisamos que, sendo o foco principal da presente obra os quebra-cabeças, destacaremos certos jogos não pelo seu impacto na evolução do género da aventura, mas sim por conterem os puzzles que descrevemos em cada subcapítulo.

Capítulo I- O que são os jogos de aventura?

Segundo Ernest Adams (2014), o nome do género consiste num diminutivo de “*adventure-type game*”, isto é, provém do 1º jogo de aventura alguma vez lançado, o *Colossal Cave* (do qual falaremos mais no capítulo seguinte), também conhecido pura e simplesmente por *Adventure*.

Num jogo de aventura, o jogador tipicamente progride através da resolução de problemas e da interação com outras personagens. O tipo de quebra-cabeças mais comum nestes jogos é o de inventário (do qual falaremos mais aprofundadamente no capítulo III).

Apesar da criatividade que encontramos nos melhores jogos de aventura, muitos dos puzzles destes normalmente não surgem de uma visão distorcida de como a realidade funciona. Todos nós já tivemos de resolver problemas para os quais não havia solução intuitiva, utilizando objetos. Pois, daí provêm os "puzzles de inventário". Por outro lado, também já empurrámos ou puxámos peças de mobiliário a fim de as subirmos para alcançar algo que se encontra a uma altitude elevada. Situações como esta originaram grande parte dos quebra-cabeças de manipulação do ambiente. Mesmo quando confrontamos seres fictícios ou situações irrealistas, a solução de qualquer puzzle bem programado será sempre lógica (ou, pelo menos, fará sentido no mundo do jogo).

É necessário ter em conta que a própria natureza do protagonista influencia a resolução dos puzzles. Até agora, temos falado de como resolver quebra-cabeças partindo sempre do princípio de que estamos a controlar um homem ou uma mulher vulgares. Tal não é sempre o caso nos jogos de aventura. Por exemplo, no jogo *Space Quest V* (1993), o protagonista humano transforma-se numa mosca a dada altura. Ora, um inseto pode voar e alcançar mais facilmente altitudes elevadas. Além disso, também poderá passar por baixo de uma porta trancada. No entanto, não pode pegar em objetos nem realizar qualquer ação para a qual seja necessária a força de um ser humano. Ter em consideração as capacidades e limitações dos protagonistas é uma parte intrínseca da resolução de puzzles de aventura (tal como é para nós quando resolvemos um problema da vida real).

Capítulo II- Uma breve História dos Jogos de Aventura

As aventuras mudaram imenso com o passar dos anos.

Segundo Anastasia Salter (2014, p. 33), “The adventure game genre's roots are interwoven from imagined stories cowritten by players around a dinner table, gamebooks with “you” as the protagonist, and worlds of interactive fiction”. Ou seja, estes videojogos surgiram de tentativas de proporcionar interatividade a obras de ficção literária.

Tal como foi referido, o 1º jogo de aventura foi criado por Will Crowther em 1976 e chama-se *Colossal Cave* ou *Adventure*. Este videojogo não tinha nem animações nem qualquer tipo de imagem, contando apenas com descrições textuais das áreas do mundo do jogo e dos objetos presentes. (Salter, p. 23) Era necessário escrever com o teclado o que queríamos que a personagem principal efetuasse. Além disso, convinha desenhar um mapa com todas as áreas que encontrávamos e tomar nota de como regressar às mesmas no futuro, pois a ausência de gráficos resultava em imensas confusões a nível da orientação.

Mais tarde, as aventuras que seguiam o exemplo de jogabilidade de *Colossal* passaram a ser conhecidas como *Text Adventures* ou *Interactive Fiction*. (*Ibid.*, p. 25) No fundo, jogar uma aventura de texto é muito semelhante a ler um livro, mas somos nós que avançamos a história, através da realização das ações corretas.

Nos anos 80, os jogos de aventura mais conhecidos eram aqueles lançados pela companhia *Sierra*, tais como as séries *King's Quest*, *Space Quest* e *Leisure Suit Larry*, que foram também entre as primeiras aventuras gráficas alguma vez feitas. Devido à popularidade e evolução do género, o

período de tempo entre os anos 80 e o ano 2000 é conhecido como a "*Golden Age of Adventure Games*". (Kalata 2011)

```
to get back up.
>w

A little dwarf just walked around a corner, saw you, threw a little
axe at you which missed, cursed, and ran away.

You are in a secret canyon which exits to the north and east.
There is a little axe here.
A huge green fierce dragon bars the way!
The dragon is sprawled out on a persian rug!!
>get axe

Okay
>kill dragon

With what? Your bare hands?
>yes

Congratulations! You have just vanquished a dragon with your bare
hands! (Unbelievable, isn't it?)

You are in a secret canyon which exits to the north and east.
There is a persian rug spread out on the floor!
The body of a huge green dead dragon is lying off to one side.
>_
```

Imagem de *Colossal Cave*- Matar o dragão com as mãos.

No entanto, os quebra-cabeças criados pela *Sierra* muitas vezes não faziam sentido, e cometer um erro resultava ocasionalmente na impossibilidade de concluir o jogo (discutiremos este último ponto mais pormenorizadamente no subcapítulo 3.7.1), ou, com maior frequência, na morte da personagem principal. Um exemplo cómico pela sua absurdez é ser possível matar um dragão com as nossas próprias mãos em *Colossal Adventure*.

Outro muito mais frustrante consiste em adivinhar o nome de um gnomo na primeira aventura gráfica de sempre, *King's Quest* (1984). Ora, quem conhece a história dos Irmãos Grimm pensaria que a personagem em questão se chamaria Rumpelstiltskin. No entanto, a solução não é esta. Os jogadores tinham de ler um papel no jogo que aparenta não estar relacionado com este puzzle e que sugere "ver as coisas ao contrário". No entanto, a resposta também não é Nikstlitslepmur. Em vez disso, a solução era encontrada escrevendo o abecedário de frente para trás e abaixo de trás para a frente desta forma:

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

ZYXWVUTSRQPONMLKJIHGFEDCBA

Agora, era uma questão de encontrar a letra no abecedário inverso que correspondia a cada letra de Rumpelstiltskin. Assim, a 1ª letra do nome do gnomo era I por estar abaixo de R, a 2ª era F por estar sob U e assim em diante. Se isto nos parece desnecessariamente críptico, não o era menos na altura do lançamento do jogo.



Imagem de *King's Quest*. No meio, podemos ver o gnomo.

Nos anos 90, a companhia *Lucasarts* lançou muitas das melhores aventuras do género, entre as quais a série *Monkey Island*, *Grim Fandango* e *Sam&Max Hit the Road*. Estes jogos trouxeram uma série de alterações bem-vindas, nomeadamente:

- 1) Era impossível cometer um erro que tornasse o jogo inacabável;
- 2) O protagonista não podia morrer em nenhuma situação;
- 3) Os puzzles eram geralmente lógicos e havia pistas suficientes para os resolver.

Devido à sua maior acessibilidade, os jogos da *Lucasarts* podem, na sua maioria, ser jogados sem ser necessário recorrer a um guia, o que não sucede geralmente com os jogos da *Sierra*.

No fim dos anos 90, o género entrou num capítulo negro da sua História. O fracasso tanto a nível da crítica como das vendas do jogo *Phantasmagoria: A Puzzle of Flesh* (devido à má qualidade do seu enredo e dos seus quebra-cabeças) foi parcialmente responsável pelo abandono dos jogos de aventura por parte da *Sierra*. (Salter, pp. 75-76). A sua última aventura lançada foi *Gabriel Knight 3: Blood of the Sacred, Blood of the Damned*, em 1998. Neste mesmo ano, a *Lucasarts*

lançou *Grim Fandango*. Apesar de ter sido aclamado pela crítica, o jogo teve poucas vendas. (Ibid. pp. 79-80) A isto, seguiu-se o cancelamento da produção do jogo *Sam&Max: Freelance Police* em 2004, não obstante ter sido quase completado.

Não se entenda com o que acabou de ser referido que os jogos de aventura deixaram de ser produzidos a partir desta altura. Muito pelo contrário, podemos encontrar dúzias de videojogos deste género lançados em cada ano até aos nossos dias. A sua popularidade, por outro lado, nunca mais voltou a ser tão elevada. No entanto, fala-se de uma espécie de "renascer" do género com o surgimento da companhia *Telltale Games*. (Kalata) Esta chegou a realizar três sequelas entre 2006 e 2011 do jogo *Sam&Max Hit the Road*, bem como a 5ª parte da série *Monkey Island* em 2009 (aliás, o sexto jogo desta foi lançado este mês, Setembro de 2022).

Nos últimos anos, testemunhámos o ressurgimento de várias séries clássicas graças ao website *Kickstarter*, entre as quais *Leisure Suit Larry Reloaded* (2013), *Tex Murphy: Tesla Effect* (2014), e o lançamento por episódios do novo *King's Quest*, entre 2015 e 2016.

Capítulo III- Os Puzzles dos Jogos de Aventura

3.1 Os Puzzles de Inventário

Os puzzles de inventário consistem na utilização de um (ou vários) objetos com uma finalidade tornada explícita ou implícita pela situação da personagem jogável.

Estes quebra-cabeças existiram desde o tempo das primeiras aventuras de texto, sendo, como já foi referido, os mais comuns neste género de videojogos. No entanto, as interações possíveis com os objetos variam de jogo para jogo.

Nas aventuras de texto, podemos, mediante um teclado, mandar a personagem jogável pegar em certos objetos, guardá-los no dito "inventário" (o local virtual no qual se encontra tudo o que possuímos no jogo) e posteriormente examiná-los a fim de receber mais informação sobre os mesmos. Além disso, na maior parte dos jogos de aventura, também podemos "combinar" dois objetos, como um fio e um íman para apanhar algo metálico que se encontre fora do alcance do protagonista.

Uma regra-chave deste processo é apanhar tudo o que o jogo permitir e que não estiver preso à parede (excetuando, por exemplo, se estiver aparafusado e tivermos uma chave de parafusos).

As evoluções deste tipo de puzzles não se sentiram tanto no seu processo de resolução (ações como "usar", "examinar" e "apanhar" existem desde *Colossal Cave*), mas sim no NA no *interface*,

ou seja, na forma como damos a entender ao jogo o que pretendemos que o protagonista efetue.

Nos jogos de aventura até cerca de 1987, quer de texto, quer gráficos, temos de escrever sempre no teclado exatamente o que queremos fazer. Assim, se tencionamos cortar um fio com uma tesoura, temos de escrever "*cut wire with scissors*". Para além disto, algumas aventuras de texto "conheciam" mais palavras do que outras, pelo que podíamos ter de escrever diversas ações como "comer", "beber", "abrir", "fechar", "empurrar", "puxar", "tecer", "colocar" e "ir".

Ora, por volta de 1987², surgem as primeiras aventuras "*point and click*" como a *Maniac Mansion* da *Lucasarts*. Este *A interface* (utilizado até os nossos dias) limitou consideravelmente o número de ações possíveis, mas também facilitou a interação virtual com os objetos do jogo. Deixa assim de ser necessário lembrarmo-nos de verbos ocasionalmente obscuros a fim de resolvermos um puzzle ou termos de repetir de uma ponta à outra uma frase devido a um erro de escrita. No jogo *Maniac Mansion*, verificamos 15 ações possíveis. Em vez de escrevermos no teclado, escolhemos com o rato a ação que pretendemos e posteriormente carregamos no objeto do jogo com o qual tencionamos interagir. Com o passar dos anos, os verbos do *A interface* tornaram-se mais gerais, diminuindo ainda mais o número dos mesmos. Por exemplo, em *Simon the Sorcerer 2* (1995), temos 8 ações representadas por imagens: empurrar/puxar, examinar, falar, vestir, abrir/fechar, apanhar, usar e dar. Já em *Curse of Monkey Island*, lançado apenas 2 anos mais tarde, temos apenas 3 ações representadas pelas figuras de uma mão (usar/pegar) uma caveira (observar) e a cabeça de um papagaio (falar/comer/beber).

² Não conhecemos nenhuma aventura com este *A interface* anterior a esta data.
Gaudium Sciendi, Nº 22, Dezembro de 2022

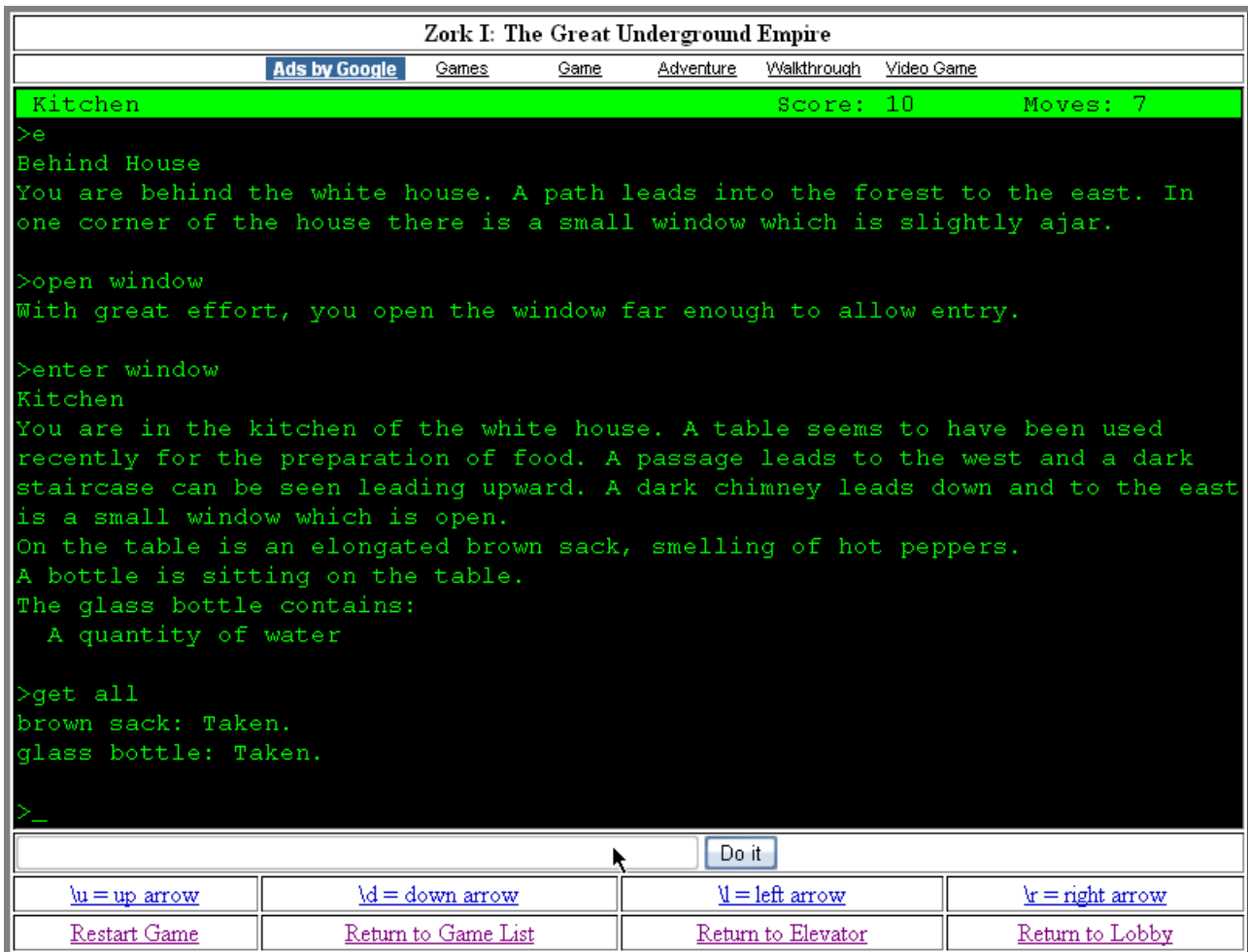


Imagem do jogo Zork I. Temos de escrever todas as ações com o teclado.



Imagem de Maniac Mansion. Podemos ver 15 ações possíveis.

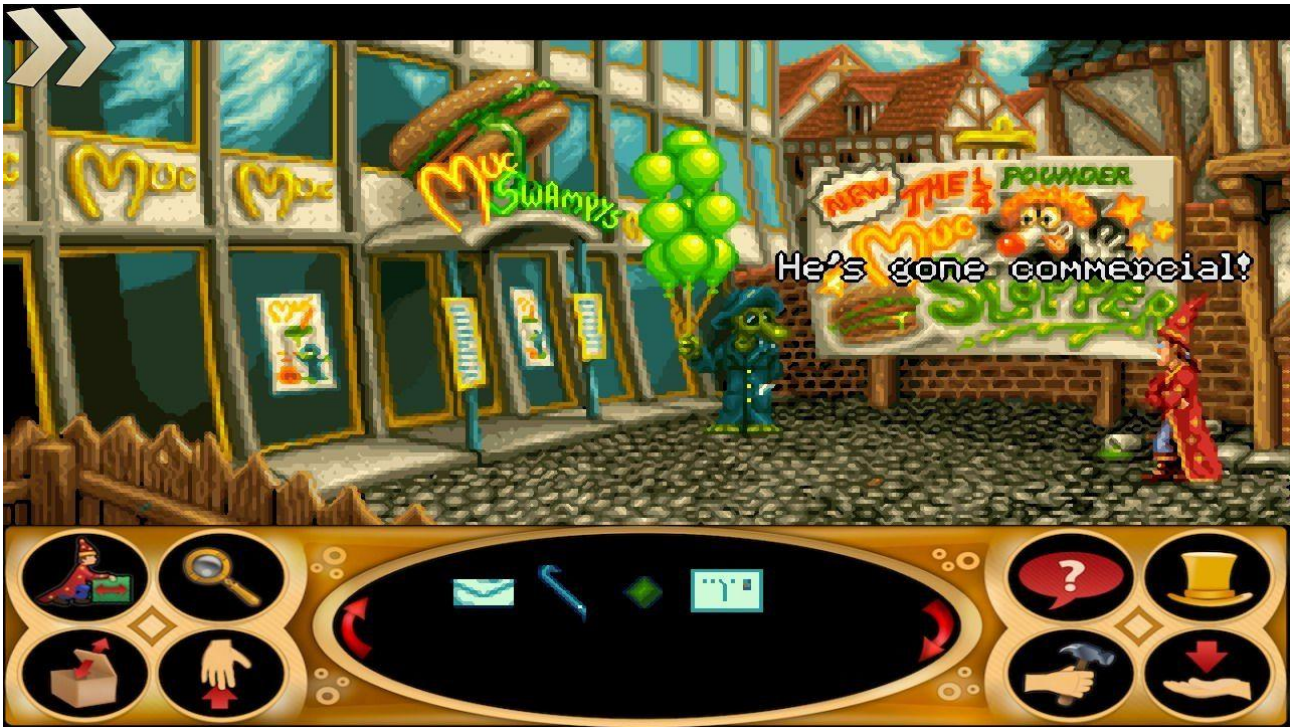


Imagem de *Simon the Sorcerer 2*. Vemos 8 ações possíveis, quatro de cada lado do inventário.



Imagem de *Curse of Monkey Island*. Temos três ações possíveis, presentes na moeda.

Para concluir este subcapítulo, é necessário frisar que falamos especificamente da evolução de *interface* dos jogos "point and click" na 3ª pessoa que enfatizam a resolução de puzzles de inventário. É certo que o jogo *Myst* (que referiremos mais afincadamente no subcapítulo 3.3) foi lançado em 1994 e possibilita apenas uma ação, que depende do objeto com o qual interagimos. No entanto, não contamos com esta aventura na evolução que traçamos, uma vez que não possui puzzles de inventário.

Estimamos que os primeiros jogos com este gênero de quebra-cabeças e apenas uma ou duas ações possíveis (nomeadamente, examinar e pegar/usar) surgiram em 1995, tomando em consideração o lançamento de *Discworld* nesse mesmo ano e não termos encontrado exemplos anteriores a este. Contudo, este tipo de *interface* era a exceção nesta época e apenas se tornou na regra a partir do início do século XXI.

3.2 Os Puzzles de Manipulação do Ambiente

Os puzzles de manipulação do ambiente (tradução portuguesa que fazemos da expressão “*Environmental Puzzles*”, tendo em conta a sua forma de resolução) são, grosso modo, quebra-cabeças cuja solução consiste em alcançar um lugar ou objeto. Tipicamente, diferem dos puzzles de inventário acima referidos porque requerem a interação não com pequenos objetos que podemos examinar e combinar, mas sim com objetos de média dimensão que podem ser empurrados, puxados e ocasionalmente carregados a fim de serem colocados noutra local.

O exemplo mais típico consiste em deslocar caixas num lugar relativamente estreito e que não permite grande margem de manobra.

É difícil estimar ao certo quando encontramos pela 1ª vez este tipo de puzzles, pois não são exclusivos dos jogos de aventura. Devido à sua simplicidade geral, este género de quebra-cabeças é geralmente encontrado em híbridos de ação/aventura, que enfatizam mais o combate e menos o desafio intelectual, possivelmente para dar alguma variedade ao conteúdo dos jogos. Um exemplo bem conhecido é a série *Tomb Raider* (criada em 1996), principalmente os jogos mais antigos, nos quais é necessário empurrar certos blocos para alcançar plataformas mais elevadas ou pressionar pontos de pressão no chão.

Um exemplo um pouco mais original é encontrado no jogo *Amnesia: Dark Descent* (2009) e consiste em passar um corredor bloqueado partindo uma janela com uma cadeira e caminhando lentamente nos parapeitos.

Em 2007, foi lançado o jogo *Portal*, que consiste na utilização de uma espécie de pistola que lança 2 portais de cada vez (entrar num deles leva-nos ao local do outro). Além disso, também podemos usá-los para transportar outros objetos, destruir robôs que disparam *lasers* e projetar-nos muito depressa para uma plataforma mais elevada.



magem de Portal. Vemos o portal laranja no chão e o azul na parede.

O estilo de *Portal* (principalmente a ênfase nos fenômenos físicos) inspirou não só uma sequência em 2011, como também outros jogos, como *Quantum Conundrum* (2012), *Magrunner: Dark Pulse* (2013) e o aclamado *The Talos Principle* (2014), cada um com os seus desafios e características próprios.

Para ser específico, *Quantum Conundrum* permite-nos escolher entre 4 dimensões, cada uma com o seu efeito específico no ambiente, incluindo a que torna os objetos leves como penas (o que nos permite carregá-los) e a que os torna extremamente pesados (para quebrar vidros).

Magrunner enfatiza o uso do magnetismo, principalmente para deslocar plataformas e cubos de dimensões tanto pequenas como grandes. O impulso, tão importante em *Portal*, também desempenha um papel crucial neste jogo, pois se magnetizarmos um objeto com um polo diferente do outro, um ou ambos serão lançados para o ar de forma violenta.

Finalmente, *The Talos Principle* terá talvez os puzzles mais únicos devido à originalidade dos instrumentos de resolução. Estes incluem um aparelho que neutraliza campos de forças, outro que grava e repete as nossas ações, ventoinhas que nos permitem levitar e cristais colocados em cima de tripés que refletem *lasers* a fim de abrir portas. Além disso, temos de evitar a ativação de bombas flutuantes que podem, no entanto, ser usadas como plataformas, ou para rebentar com obstáculos.

3.3 Os Puzzles de Documento

Os puzzles de documento (nome que inventámos para este género) resolvem-se, como o próprio nome indica, através da interpretação de documentos. Estes podem ser papéis, livros, imagens, fotografias e até vídeos. Por conseguinte, as pistas neles incluídas podem ser operações aritméticas, cifras, códigos, adivinhas, ou uma combinação de todos estes.

Tal como os puzzles de inventário, estes puzzles existem desde o tempo das primeiras aventuras e estavam muitas vezes presentes nos mesmos jogos que os primeiros. Contudo, não passaram por nenhuma evolução propriamente dita. Ainda assim, há jogos que contêm estes quebra-cabeças quase exclusivamente. O exemplo mais conhecido é o *Myst*. Neste, abundam máquinas bizarras, códigos, botões e alavancas, sendo necessário uma boa dose de leitura, estudo de mapas e projeções áudio-visuais a fim de fazer sentido dos quebra-cabeças à nossa volta.

Por exemplo, no início do jogo, existe uma espécie de projetor que funciona quando selecionamos certos números presentes num canto da máquina. Ora, segundo um papel localizado perto do aparelho, um dos códigos consiste no número de marcadores ativados por alavancas à volta da ilha. A solução deste puzzle em particular é simples, mas permite-nos observar a natureza indireta e críptica dos quebra-cabeças de documento, pois este podia realisticamente explicitar a resposta em vez de nos obrigar a fazer um esforço intelectual para a descobrir. Uma forma de complicar mais o puzzle seria exigir, por exemplo, que o número de marcadores fosse multiplicado pelo número de árvores. Assim, também se verificaria uma vertente aritmética.

O estilo de *Myst* inspirou não só quatro sequelas, mas também séries de jogos como *Aura* (2004) e *RHEM* (2003). Além disso, influenciou direta ou indiretamente inúmeras outras aventuras que contêm puzzles de documento. De facto, comparações entre *Myst* e videojogos semelhantes muitas vezes resulta nestes últimos serem chamados "*Myst clones*" (se bem que esta expressão aparenta ser usada como uma crítica e não um elogio).



Imagem de Myst- A sala do projetor de hologramas.

3.3.1 Os "Puzzles de Manual"

Estes são talvez os puzzles mais raros dos jogos de aventura e o nome que atribuímos à categoria fomos nós que inventámos tendo em conta a sua conceção. São essencialmente uma variação dos puzzles de documento acima referidos.

Ora, o método que a companhia *Sierra* utilizou para evitar que as pessoas fizessem cópias dos seus videojogos e os jogassem sem pagar foi colocar informação no manual sem a qual se tornava impossível progredir no jogo. Esta consistia geralmente em um simples código que era solicitado sempre que se iniciava uma partida, mas alguns criadores foram mais longe, incluindo pistas essenciais para certos quebra-cabeças.

Talvez os melhores exemplos destes puzzles sejam os que encontramos em 2 jogos de Al Lowe, o criador da série *Leisure Suit Larry* e de *Freddy Pharkas, Frontier Pharmacist*.

O manual do jogo *Leisure Suit Larry 3* (1989) tinha a aparência de uma brochura de viagens com uma série de anúncios de estabelecimentos de lazer e atividades. Apesar de todas estas informações parecerem aleatórias (principalmente tendo em conta que é impossível visitar a maioria dos locais anunciados no manual), quase todos os quebra-cabeças deste jogo têm uma relação com algo que encontramos na "brochura".

Podemos encontrar um exemplo destes puzzles quando o protagonista do jogo, Larry Laffer, rouba um cartão de membro de um *Health Club* a uma mulher. O objetivo do quebra-cabeças é

encontrar tanto o número do cacifo da mulher como o código. Ora, a 1ª parte da solução é encontrada escrevendo com o teclado "look at back of card" ("olha para o inverso do cartão"). Contudo, para além do número do cacifo, encontramos o nome de três estabelecimentos. Apesar de não encontrarmos estes no mundo do jogo, anúncios dos mesmos estão presentes no manual e o código do cacifo consiste no número das páginas nas quais estão inseridos.



Duas páginas do manual do jogo *Leisure Suit Larry 3*.

No jogo *Freddy Pharkas, Frontier Pharmacist* (1993), o protagonista começa por receber uma série de receitas na sua farmácia e necessita de fazer os medicamentos. Neste caso, o manual consiste numa lista cómica dos ingredientes dos remédios.

Naturalmente, esta forma de proteção contra cópias tornou-se obsoleta com o surgimento da Internet e da possibilidade de digitalizar documentos. O último jogo que conhecemos que incluía a pista para um puzzle no seu manual foi o *Space Quest VI* (1995).

3.4 Os Puzzles de Resolução de Crime

Como o próprio nome indica, este género de puzzles consiste em analisar provas e deduzir como ocorreu um determinado crime, bem como quem o cometeu. A natureza destes puzzles não é homogénea, isto é, diferentes jogos envolvem diferentes procedimentos que levam à resolução do mistério.

Os jogos *Police Quest* (1987-1998) da *Sierra* contêm provavelmente os exemplos mais antigos deste género de puzzle. Cada jogo implica seguir à risca o procedimento policial numa série de situações (entre as quais desarmar um suspeito armado e protegido por um carro, investigar uma cena do crime e multar contra-ordenações).

Outro exemplo também relativamente antigo é o jogo *Sherlock Holmes: Consulting Detective* (1991). Neste, podemos consultar jornais e ficheiros, e enviar Holmes ou os *Baker Street Irregulars* para interrogar um suspeito. No entanto, não nos é permitido participar nem na investigação da cena do crime nem nas interrogações. A nossa pontuação final depende do número de ações que efetuámos para resolver o caso.

Já na série *Law&Order*, inspirada pela série de televisão, a jogabilidade é muito mais variada. Para além de recolhermos pistas em diversos locais no jogo (tendo de distinguir as relevantes daquelas que não o são), podemos interagir com estas e com os suspeitos de 4 formas: enviar as provas para uma análise laboratorial, efetuar uma pesquisa de computador e submeter um suspeito a um exame psicológico ou vigiá-lo (se bem que não participamos ativamente em nenhuma destas ações). Após preencher um mandado de captura com as provas relevantes, o jogo muda quase totalmente, pois torna-se necessário desempenhar o papel de acusador no tribunal. Assim sendo, temos de chamar as testemunhas corretas, fazer perguntas relevantes e protestar contra qualquer questão da defesa que viole as regras de interrogação num julgamento (como levar uma testemunha a uma conclusão ou insultá-la). Finalmente, o júri declarará o réu culpado ou inocente consoante as decisões do jogador.

O exemplo mais popular será talvez a série *Ace Attorney* (conhecida no Japão como *Gyakuten Saiban*, que significa "Tribunais da Reviravolta") da *Capcom*, criada em 2001. Nesta, assumimos o papel de um advogado de defesa (geralmente, o protagonista Phoenix Wright) e temos de provar a inocência do nosso cliente, encontrando o verdadeiro culpado de um homicídio. Com esta finalidade, temos frequentemente de recolher e examinar provas, interrogar as testemunhas (que mentem quase sempre), apontar as contradições no seu testemunho e chegar às conclusões certas relativamente à forma como o crime ocorreu.

Mais recentemente, foi lançado o jogo *Sherlock Holmes: Chapter One* (2021). No papel de um

jovem Holmes, exploramos cenas do crime, examinamos objetos, pesquisamos informação, deduzimos de que forma o crime foi cometido e ligamos pistas relacionadas a fim de descobrir a identidade do criminoso.



Imagem do jogo *Sherlock Holmes: Chapter One*. Reconstrução do crime.

3.5 Os Puzzles de Pesquisa

Estes tomam geralmente a forma de perguntas cuja resposta requer a interpretação de pistas (que podem ser imagens, documentos escritos ou vídeos), bem como pesquisas tanto na Internet como em enciclopédias.

Jogos com este tipo de puzzles são raros, mas o mais popular é provavelmente *The Black Watchmen* (2015). Para além das pistas acima referidas, são-nos fornecidas informações relativas a técnicas de descoberta de palavras-passe alheias e de *social engineering*. Um exemplo consiste em aceder a uma página do website de uma companhia farmacêutica. O código da mesma é-nos fornecido por uma das doutoras se lhe enviarmos um email fingindo partilhar os interesses dela, que encontramos na sua conta de facebook (sublinhamos que a companhia em questão não existe exceto no jogo referido, pelo que não estamos a cometer nenhuma ilegalidade no mundo real).

The Black Watchmen pode ser jogado por uma só pessoa, mas permite interações entre vários jogadores, que trabalham em conjunto para resolver os puzzles. Tal é ocasionalmente necessário, uma vez que as pistas podem dizer respeito a temas demasiado complexos, exceto para pessoas

que, devido à sua formação académica, já tinham estudado os mesmos.

A forma de resolver estes puzzles constitui um treino eficaz das técnicas de pesquisa do jogador, até porque ensinam formas mais eficientes de utilizar ferramentas de busca, como adicionar aspas numa procura do Google a fim de obter apenas resultados exatos e não aproximados.

3.6 Os Puzzles de Diálogo

Os puzzles de diálogo aparecem em situações nas quais o protagonista do jogo está a falar com uma personagem. A certa altura, é-nos dado um conjunto de possíveis linhas de diálogo, das quais temos de escolher a que nos permitirá alcançar o nosso objetivo (geralmente, persuadir uma pessoa a nos fazer um favor ou a nos dar uma certa informação).

Um exemplo clássico é a chamada *Insult Sword Fighting* do jogo *Secret of Monkey Island* (1990). O sucesso no duelo de espadas desta aventura depende não de alguma habilidade especial, mas sim do conhecimento de insultos e das respostas aos mesmos. Assim, se o nosso adversário nos disser "*You fight like a dairy farmer*", a resposta ideal será "*How appropriate. You fight like a cow*". No 3º jogo da série, *Curse of Monkey Island*, os insultos e as suas respostas até tinham de rimar, como no exemplo "*Your mother wears a toupée; Oh, that is so cliché*".

Encontramos outro exemplo no jogo *Law&Order: Criminal Intent* (o 4º da série, lançado em 2005). Na série de televisão, o detetive Robert Goren utiliza frequentemente a psicologia para levar os suspeitos a revelar o que sabem. No jogo em si, interrogar as personagens frequentemente requer fazer as perguntas de uma forma nem sempre direta. De facto, Goren pode colocar a mesma questão de 5 formas diferentes: simples, empática, lisonjeadora, agressiva e ardilosa. Apenas uma delas resulta na revelação da informação que necessitamos, enquanto que as outras resultam numa reação hostil ou defensiva por parte do suspeito.

Finalmente, um puzzle de diálogo exclusivo do jogo *Gyakuten Kenji 2* (que significa "Acusador da Reviravolta"), é o chamado "xadrez da lógica". Este é jogado sempre que a personagem principal do jogo (o acusador Miles Edgeworth) necessita de informação de uma testemunha agressiva ou relutante. O puzzle consiste em fazer perguntas à personagem (que resultarão numa reação defensiva qualquer por parte do suspeito) e escolher depois a resposta de Edgeworth. Frequentemente, a solução correta é não dizer nada, o que leva o suspeito a baixar a guarda e revelar algo inadvertidamente, que podemos utilizar subsequentemente para outra questão. Cada vez que Edgeworth provar que a testemunha lhe está a mentir, esta perde uma peça de xadrez.

Quando perder todas, confessa a verdade ao acusador.

3.7 Os Puzzles Musicais

Estes puzzles consistem em tocar um instrumento musical a fim de os resolver. Normalmente, são exercícios de memória auditiva, ou seja, temos de reproduzir uma determinada melodia que ouvimos. Encontramos um exemplo disto no jogo *Tex Murphy: Overseer* (1998). A certa altura, temos de descobrir um código de botões coloridos, cada um tocando uma nota diferente. A solução consiste em reproduzir um vídeo num ecrã e prestar atenção à melodia que ouvimos, repetindo-a posteriormente. Este tipo de quebra-cabeças costuma exigir imensa tentativa e erro.

Os puzzles musicais talvez mais comuns consistem em tocar algo no piano. Por esse motivo, costumamos encontrar um documento qualquer que explicita a letra correspondente a cada tecla do piano (C,D,E,F,G,A,B,C), e subsequentemente o que devemos tocar.

No entanto, em vários videojogos, tocar um instrumento surte um certo efeito sobre o mundo do jogo. Um exemplo popular disso é a ocarina dos jogos de ação e aventura *The Legend of Zelda: Ocarina of Time* (1998) e *Majora's Mask* (2000), lançados para a *Nintendo 64* e mais recentemente para a *Nintendo 3DS*.

Talvez a aventura mais conhecida pelos seus puzzles musicais seja o jogo da *Lucasarts*, *Loom* (1990). Ao contrário do que ocorre na vasta maioria dos jogos de aventura, a jogabilidade consiste não em utilizar um inventário cheio de objetos (porque tal não existe neste jogo), mas sim em aprender e tocar uma série de melodias. Estas têm uma série de efeitos, tais como tornar o protagonista invisível, assustar inimigos, curar, pintar animais e encher/esvaziar algo. Além disso, tocar qualquer melodia ao contrário terá o efeito oposto sempre que tal exista.

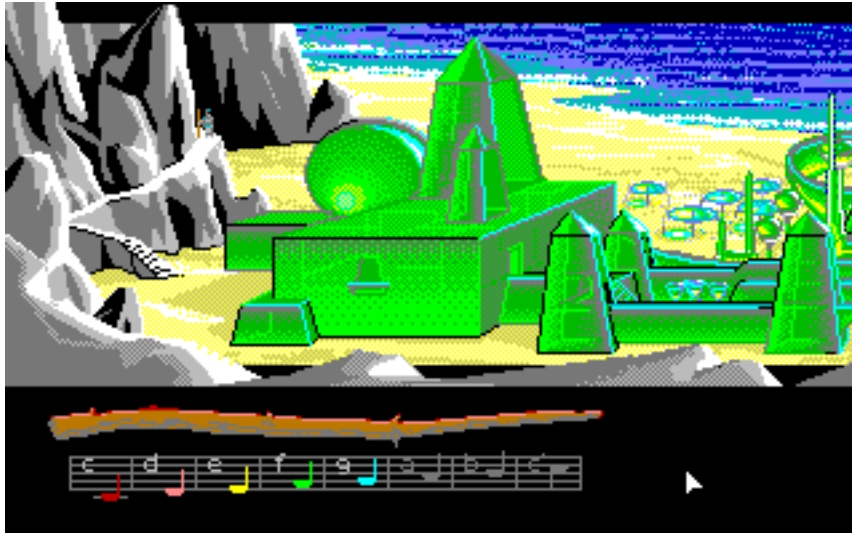


Imagem de *Loom*. As notas tocadas em sequência realizam feitiços

Loom é único em termos de jogabilidade, uma vez que não teve nem sequelas nem um legado significativo no gênero da aventura.

3.8 Outras Características dos Puzzles de Aventura.

3.8.1 Os Puzzles Cronometrados

Os puzzles cronometrados (chamados "*Timed Puzzles*" em inglês) consistem numa série de ações que devem ser efetuadas dentro de um tempo limite. Isto pode ser algo muito simples como interagir com um determinado objeto ou mais complexo como resolver um (ou vários) quebra-cabeças de inventário ou de documento.

Neste tipo de puzzles, o fracasso é punido com a repetição desde o início de todos os passos que conduzem à resolução dos puzzles e, em certos contextos, resulta na morte da personagem principal (o conhecido *game over*).

Estes quebra-cabeças estão presentes já nos primeiros jogos de aventura, mas a forma de medir a passagem do tempo mudou desde essa altura até aos nossos dias.

Nas aventuras não-animadas, o tempo passa apenas quando realizamos uma ação, pelo que se não fizermos nada, podemos refletir calmamente acerca de como devemos proceder. Uma vez que, na prática, o tempo que levamos é irrelevante, estes puzzles não suscitam nenhuma sensação de urgência.

Nas aventuras gráficas, este problema deixa de existir, pois já se torna possível cronometrar a

tempo real os quebra-cabeças, existindo geralmente um temporizador num dos cantos do ecrã.

3.8.2 Os "dead ends"

Os *dead ends* ("becos sem saída") consistem em situações nos jogos de aventura nas quais se torna impossível resolver um puzzle, o que impossibilita alcançar o desfecho do jogo. Como se tal não bastasse, os videojogos muitas vezes não davam a entender que tal tinha ocorrido, pelo que o jogador podia passar horas a tentar encontrar uma solução que não existe.

Apesar de parecer inacreditável nos nossos dias que algo tão frustrante tenha sido intencionalmente colocado numa forma de entretenimento, os *dead ends* eram bastante comuns em aventuras dos anos 80 e início dos anos 90, tanto nas de texto como nas gráficas.

Um exemplo verdadeiramente infame encontra-se no jogo *The Hitchhiker's Guide to the Galaxy* (inspirado pelos romances de Douglas Adams e escrito pelo mesmo), chamado o puzzle do peixe de Babel. O processo de resolução do puzzle é o seguinte: o jogador tenta receber o peixe de uma máquina. Contudo, esta atira o peixe para um buraco, dentro do qual se perde (será necessário constatar que a máquina tem um número limitado de peixes, pelo que se acabarem, o jogo torna-se impossível de concluir). Para resolver o problema, temos de pendurar um roupão num gancho por cima do buraco, pelo que o peixe atingirá o roupão e cairá no chão. Contudo, acabará por cair num cano, que tem de ser tapado com uma toalha e é levado por um robô de limpeza. A forma de solucionar isto de uma vez por todas é meter cartas numa pasta a fim de ocupar ambos os robôs presentes. Devido à sua solução deveras bizarra, chegaram a ser vendidas T-Shirts que diziam precisamente "*I got the babel fish*".

No entanto, o jogo com o maior número de *dead ends* será provavelmente o *King's Quest V* (1990). Tornar este jogo impossível de concluir era frequentemente apenas uma questão de nos deslocarmos ao lugar errado na altura errada, o que desencorajava consideravelmente a exploração.

Devido ao vasto número de jogos de aventura, não é possível descobrir em que ano é que os "*dead ends*" deixaram completamente de existir. No entanto, em termos gerais, a partir da 2ª metade da década de 90 já eram muito raros e ter-se-ão tornado obsoletos no início do novo milénio.

Conclusão

Não há dúvida de que os puzzles que encontramos nos videogames evoluíram consideravelmente nos últimos 30 anos. O surgimento dos gráficos possibilitou o desenvolvimento de um número vasto de tipos de quebra-cabeças cuja existência seria inconcebível antes da criação do mundo virtual. Aliás, se os gêneros de puzzles já são bastante diversos, os exemplos que encontramos de cada um em cada aventura podem ser ainda mais, consoante o seu enquadramento na história do jogo e a imaginação dos autores.

As obras de ficção interativa conseguiam ser frustrantes, porque muitas vezes não era claro o verbo que tínhamos de utilizar para progredir no jogo. Além disso, havia sempre a possibilidade de não repararmos em informação importante no texto, ou de realizarmos uma ação que impossibilitaria a resolução de um puzzle (algo que as aventuras de texto nem sempre indicavam), a não ser que carregássemos uma partida gravada anteriormente.

Ao longo dos anos, estes elementos frustrantes foram desaparecendo, permitindo aos jogadores explorar o mundo do jogo e experimentar diferentes ações sem medo de inadvertidamente cometer um erro que não pode ser solucionado.

Seja como for, é necessário sublinhar que quase todos os puzzles que vemos nos jogos atuais são versões gráficas e modernizadas de ideias que já existiam na ficção interativa. As aventuras de texto inspiraram direta ou indiretamente as histórias e quebra-cabeças que vemos nas aventuras dos nossos dias. Por sua vez, jogos do gênero de *Colossal Cave* foram baseadas em contos e romances de fantasia e aventura. Verificamos assim uma evolução que iniciou nas obras impressas e culminou no mundo virtual.

Referências Bibliográficas

Adams, Ernest. *Fundamentals of Adventure Game Design*. New Riders, 2014. Kindle.

Kalata, Kurt et al. *Hardcore Gaming 101 Presents: The Guide to Classic Graphic Adventures*.

CreateSpace Independent Publishing Platform, 2011. Kindle.

Salter, Anastasia. *What is your Quest? From Adventure Games to Interactive Books* Iowa: University of Iowa Press, 2014

Webliografia

https://4.bp.blogspot.com/-lWntAkYs_KQ/VYlbbqOMyZl/AAAAAAAAABlw/HBEUA-jWKf0/s1600/AdvDragon.png

<http://larrylaffer.net/copyprotection/nontoonyt-10.jpg>

<https://www.mobygames.com/game/dos/kings-quest/screenshots/gameShotId,318604/>

<https://www.mobygames.com/game/dos/space-quest-v-the-next-mutation/screenshots/gameShotId,738373/>

<https://www.mobygames.com/images/promo/l/643659-gyakuten-kenji-2-screenshot.png>

<https://www.mobygames.com/images/promo/l/700495-myst-screenshot.jpg>

<https://www.mobygames.com/images/promo/l/810903-sherlock-holmes-chapter-one-screenshot.jpg>

<https://www.mobygames.com/images/shots/l/961892-loom-amiga-screenshot-it-s-the-emerald-city-we-re-off-to-see.png>

<https://www.mobygames.com/images/shots/l/607444-maniac-mansion-atari-st-screenshot-pool.png>

<https://www.mobygames.com/images/shots/l/439430-portal-macintosh-screenshot-an-energy-ball-diverted-through.jpg>

<https://www.mobygames.com/images/shots/l/802157-simon-the-sorcerer-ii-the-lion-the-wizard-and-the-wardrobe.jpg>

<https://www.mobygames.com/images/shots/l/784692-the-curse-of-monkey-island-windows-screenshot-this-golden.png>

<https://www.mobygames.com/images/shots/l/309154-zork-the-great-underground-empire-browser-screenshot-surely.png>

Resumo

A evolução tecnológica trouxe-nos uma forma interativa de contar uma história, nomeadamente o jogo de aventura. Este costuma estar repleto de quebra-cabeças que põem à prova a criatividade e imaginação do jogador.

No presente trabalho, procuramos identificar todos os géneros de puzzles que podemos encontrar nos videojogos, descrevemos as suas características e traçamos a sua evolução desde as primeiras aventuras de texto, muito semelhantes a livros de ficção, aos jogos gráficos, que permitiram um maior nível de imersão no mundo do jogo.

Palavras-chave

Puzzles; Videojogos; Aventura; Narrativa

Abstract

Technological evolution brought us an interactive way to tell a story, namely the adventure game. The latter is usually full of puzzles that test the player's creativity and imagination.

In the present essay, I shall endeavour to identify every kind of puzzle that can be found in adventure videogames, describe their characteristics, and trace their evolution from the first text adventures (very similar to fiction works) to the graphic games, which allowed for a greater degree of immersion in the game world.

Key-words

Puzzles; Videogames; Adventure; Narrative

UM PREFÁCIO INESQUECÍVEL DE MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES

Pedro Carlos Louzada Fonseca
Faculdade de Letras –
Universidade Federal de Goiás (Brasil)

Memórias póstumas são sempre muito dolorosamente recordadas e sentidas, mas tornadas de necessário reconhecimento quando se trata de fazer um tributo à excelência de uma trajetória de vida marcada pelo compromisso intelectual e ético com o conhecimento, com uma incansável dedicação e zelo pelo saber, sua transmissão e ensino, cuja formação profissional não obliterou o sagrado gosto de instruir a promoção da vida e da história dos indivíduos. Essa é uma modesta sinopse do que foi Laura Pires em sua profícua vida intelectual e de notável pesquisadora na área do conhecimento das ciências sociais e humanas.

Era o ano de 1999, quando me desloquei para Lisboa para auferir dos doutos conhecimentos da professora Laura Pires como supervisora de um estágio pós-doutoral na Universidade Aberta de Lisboa, cujo produto foi a publicação de um livro, do qual, com muita saudade e respeito, transcrevo o prefácio com o qual tive a honra de ser agraciado pela saudosa professora:

«The subject implied by the texts of insurgency can only serve as a counter possibility for the narrative sanctions granted to the colonial subject in the dominant groups. The postcolonial intellectuals learn that their privilege is their loss. In this they are a paradigm of the intellectuals.
Gayatri C. Spivak.

Conhecendo há vários anos a qualidade intelectual do trabalho de Pedro Carlos Louzada Fonseca e todo o empenhamento e rigor científico com que se dedica à investigação e à escrita, foi com muito prazer que aceitei o convite para escrever este prefácio para a sua obra intitulada *Bestiário e Discurso do Gênero no Descobrimento da América e na Colonização do Brasil*. Antes de fazer algumas referências ao conteúdo deste volume, decidi reflectir um pouco sobre as características que deveria ter o texto que me tinha sido solicitado. Como é de regra, para minha orientação, comecei por procurar

definições e, com esse intuito, consultei dicionários, tais como o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2005) e o *Oxford English Reference Dictionary* (Pearsal; Trumble, 1996). Pude assim verificar que se entendia por prefácio um texto preliminar de apresentação, geralmente breve, escrito pelo autor ou por outrem, que era colocado no começo do livro, com explicações sobre o seu conteúdo e objectivos ou sobre a pessoa do autor. Analisando a etimologia latina da palavra, constatei também que prefácio significa “acção de falar no princípio de”. Embora os retóricos gregos e romanos tenham identificado os *topoi* recorrentes dos prefácios clássicos ou exórdios, isto é, as formas de modéstia convencionais para criar a *persona* pública do autor, os prefácios modernos, por outro lado, reflectem as actuais concepções de escritor e respeitam a sua individualidade privada e não incluem descrições pessoais. Deste modo, um prefácio pode limitar-se a referir as circunstâncias factuais relativas à criação da obra, ao seu desenvolvimento e publicação, tal como Charles Dickens fez nos prefácios a *The Pickwick Papers* (1837 e 1847) ou Henry James nos dezoito prefácios que escreveu para a edição de Nova Iorque das suas obras completas ou George Bernard Shaw, cujos anteâmbulos para as suas peças teatrais esclarecem os leitores sobre as suas ideias. Pode considerar-se que, paradoxalmente, estes famosos prelúdios transcendem o habitual estatuto secundário dos prefácios e são na realidade ensaios críticos independentes, tal como sucede com o texto introdutório de Joseph Conrad para *The Nigger of the Narcissus* (1897) ou o conhecido prefácio de Wordsworth para as *Lyrical Ballads* (1798). Ocorreram-me a este propósito preâmbulos famosos a obras literárias, como o Prefácio de Victor Hugo a *Cromwell*, publicado em 1827, que é considerado um texto fundamental do Romantismo, e no qual o autor adverte que tanto as notas como o antelóquio podem, por vezes, ser um método conveniente para aumentar o volume de um livro e contribuir, pelo menos, aparentemente, para elevar a sua importância. Nos nossos dias, Jacques Derrida foi um dos teóricos que se debruçou sobre esta questão. Paradoxalmente, embora considere o prefácio “uma concha vazia e inútil”, escreveu uma introdução, classificada como “Hors Livre”, para a sua conhecida obra *La Dissimulation*, publicada em 1972. Neste texto, o autor afirma, ironicamente, que os prefácios negam o seu estatuto, pois precedem aquilo que se deveria apresentar a si próprio. Decerto por esse motivo, refere-se-lhes, alternativamente, como “Outwork,” “Hors d’œuvre,” “Extratext” e “Foreplay”. Derrida – tal como também me sucedeu –

interroga-se sobre o tipo de prefácio que poderia escrever e declara que não deveria ser explicativo e saturado de saber acadêmico, à maneira de Hegel ou Lacan, como tradicionalmente acontece, mas considera que pode exceder ou suplantar a obra, opinião com a qual não estou, obviamente, de acordo. Em relação às críticas aos prefácios, como a de Jacques Derrida, recuando no tempo, verifica-se que já Aristóteles, na Retórica, afirmava que as introduções eram populares com aqueles que eram fracos. Constatei, então, que tal não era, de forma alguma, o que sucedia com a presente introdução, pois o estudo de Pedro Carlos Louzada Fonseca, que se segue, tem a sua própria e inegável importância tanto científica como de conteúdo e estilo, bem como de contribuições e perspectivas inovadoras sobre o tema. Na sequência destas reflexões, considerei que, em relação à obra *Bestiário e Discurso do Gênero no Descobrimento da América e na Colonização do Brasil*, o prefácio, embora escrito por outra pessoa, considerado formalmente deveria constituir uma parte preliminar do livro e, tal como a introdução, a dedicatória e outros prolegómenos, ter também uma relação com o texto que apresentava, com o autor que o escreveu e até, de certo modo, com o leitor implícito que o vai ler. Consequentemente, deveria conter noções preambulares que levassem o leitor a tomar consciência da sua originalidade e interesse científico, relevantes para a apreciação que é devida a este estudo. Feita uma leitura reflexiva e analítica da obra, verifiquei que tinha como objectivos principais examinar em pormenor o imaginário medieval e a sua influência, exercida através de imagens, figurações e ideias. Neste âmbito, faz referências aos *Physiologi* gregos e latinos e aos livros bestiários, seus derivados, florescidos principalmente no século XII. Na sua análise rigorosa dos relatos e das iconografias referentes ao descobrimento da América e ao Brasil dos primeiros tempos coloniais, Pedro Fonseca faz um levantamento das influências motivacionais do tema da bestialização e da sua ordem política e ideológica. Faz, igualmente, referências à exploração baseada na alteração da economia e no deslocamento da população nativa exercidas pela “escravocracia” dos colonizadores, devido à qual tanto sofreram os seres humanos como a natureza, pois as “açucocracias” esgotavam os solos e as produções locais devido a grandes extensões de monoculturas intensivas e extensivas que levavam as populações e a terra a ficarem sem meios de subsistência natural. Para além de nos falar da saída da prisão intelectual da Idade Média durante o Renascimento e daquilo a que, no Iluminismo, os Enciclopedistas do século

XVIII se referem como religiosidade repressiva, defendendo a crença na razão e a marcha para um estado de progresso e perfeição, o tema central, e que distingue esta obra pela sua grande originalidade, são as referências aos animais e ao discurso do género no bestiário medieval, que corresponde à animalização e demonização do feminino na Idade Média como marcas tanto do bestiário como da medievalidade na cronística colonial, e que se viria a transformar nas tropologias da conquista da natureza feminina americana. Na parte final do estudo, o autor enceta a análise das visões fundadoras da bestialização da antropofagia ameríndia referindo-se a Hans Staden e à retórica do canibalismo. Pedro Fonseca, ao longo desta obra, no seu estilo extremamente cuidado e pessoal, conduz-nos numa viagem por terras americanas representadas por várias modalidades de registo pictórico ou discursivo. Tanto os textos como as representações pictóricas focavam com grande interesse, entre outros aspectos, a representação da fauna americana e incluíam, numa espécie de inventário descritivo, tipos e espécies zoológicas, cuja realidade empírica, tal como nos bestiários medievais, não impedia que contivessem também descrições imaginárias de monstros que fascinavam os leitores e espectadores pelo seu exotismo, devido ao estranho aspecto físico e comportamental. Vemos como a novidade da América foi “descoberta”, encontrada ou inventada desde Colombo e como, segundo as palavras do autor, o processo de legitimação material e institucional das terras e das gentes americanas revelou modelos epistemológicos fundamentais à mentalidade, cultura e ideologia religiosa e secular dos europeus, que, embora provenientes de diferentes países, tinham uma forma mentis que os identificava e correspondia às intenções culturais que constituíram o projecto colonizador. Todos eles, cheios de orgulho, pensavam que eram possuidores de um ideal de superioridade civilizacional e espiritual. Consequentemente, os conquistadores dirigiam-se à América com uma disposição hegemónica e consideravam-se detentores de poder perante uma realidade que reputavam inferior e sem cultura nem ideais de progresso. Deste modo, o Americano tinha um estatuto de diferença, era “o Outro” não europeu, levantando-se assim, a questão da alteridade. Segundo nos diz o autor de *Bestiário e Discurso do Género no Descobrimento da América e na Colonização do Brasil*, a América, que era totalmente desconhecida na sua existência concreta, foi inicialmente retratada, nos registos narrativos, historiográficos e iconográficos, por meio de um processo de transliteração. Desse modo, as terras

americanas, desde os primeiros tempos do seu encontro, tiveram a representação da sua realidade decalcada em textos e em representações imagísticas já largamente utilizadas pela tradição europeia para construir outras realidades, cujo desconhecimento, ainda que parcial, era suprido pela efabulação. Os relatos dos descobridores, viajantes e colonizadores quiseram representar a realidade americana, mas a imaginação esteve sempre presente, entretecendo-se necessariamente nos registos documentais e pragmáticos das novas terras e gentes quando o exótico, o estranho e o espantoso impediam uma avaliação racional baseada na realidade e na lógica europeias e na formação mental e religiosa do homem medieval. Como acima referido, um dos aspectos mais originais da obra *Bestiário e Discurso do Gênero no Descobrimento da América e na Colonização do Brasil*, para além da análise da actuação conquistadora e colonizadora exercidas por esse logocentrismo europeu, é o estudo das relações que tal actuação e projecção estabeleceram em termos de discurso do género, isto é, nas palavras de Pedro Fonseca, “direcionadas à questão da representação da alteridade do conquistado e do colonizado inferida por conotações sexuais” e que são de significativa importância estratégica. Neste âmbito, que considero extremamente relevante na avaliação da obra, o autor relata-nos como desde as mais antigas formas da civilização europeia esse discurso foi tradicionalmente instituído com base numa ordem política ideológica concebida a partir da assunção hierárquica do masculino sobre o feminino, da virilidade épica do cultural e do civilizado sobre a inferioridade do natural e da incompetência da barbárie. É justamente nesta perspectiva que não só muitas das representações incluídas nos bestiários tradicionais, mas também em obras mais modernas, como no caso das crónicas coloniais, se figuravam em termos de discurso do género. Tratava-se de um discurso androcêntrico cujos meandros e manipulações retóricas podem ser estrategicamente identificados nos vários tropos, com os quais se construíram os relatos e as narrativas sobre a América dos tempos da descoberta e da conquista e nos quais a sua realidade zoológica e de outros aspectos da sua vida natural e etnoantropológica foram descritos, recorrendo a conotações específicas para designar os termos natureza e barbárie, representados numa relação secundária e antitética aos termos cultura e civilização da Europa. Houve como que um fenómeno epistemológico daquilo que o autor desta obra classifica como “des-representação” da América devido ao facto de a sua realidade ter sido, desde os primeiros relatos, representada de acordo

com modelos europeus, tendo, conseqüentemente, havido uma alienação da sua realidade que era comparada com o familiar e com o concreto da experiência europeia. Nas palavras de Pedro Fonseca, o que se propõe, neste livro, como exame da influência do imaginário bestiário medieval relacionado com a presença do discurso do gênero nos relatos de viagem coloniais, tem como objectivo não só a consideração das fontes desse imaginário, mas também a abordagem de aspectos significativos que compõem a visão, não menos imaginária, dos mecanismos retóricos através dos quais o androcentrismo europeu se exerceu na representação da realidade americana. O autor, num texto cuja riqueza de informação revela toda a rigorosa investigação realizada, analisa a ordem estrutural e funcional desse imaginário. Debruça-se, igualmente com o mesmo rigor, sobre a influência das imagens, das figurações e das ideias cultivadas pela fantasia medieval no tema da bestialização e da sua ordem política e ideológica, que configuraram a composição dos relatos e das iconografias referentes ao descobrimento da América e ao Brasil dos primeiros tempos coloniais.

Maria Laura Bettencourt Pires Professora / Catedrática da Universidade Católica Portuguesa»

PEARL: O SIMBOLISMO DA PÉROLA

Francisca Fonte
Inês Andrade
Irine Semenishcheva
(NOVA FCSH)

“Things may be as they seem,
but are also more than they seem”
(Sarah Stanbury)

I

Do grego *Symbolon*, os símbolos representam algo abstrato, sendo elementos essenciais na comunicação, uma vez que são formas de linguagem, encontram-se difundidos pelo quotidiano nas mais variadas vertentes do saber, bem como das vivências e experiências humanas. Ajudam a entender o nosso passado e o funcionamento do mundo que nos rodeia, conferindo uma misticidade a uma entidade ou um objeto. Observando um tridente, para alguns de nós viriam à mente as forças malignas ou um ceptro do Diabo, pois coincide com a maior parte das representações desta figura. Mas o que diria Poseidon ou Neptuno sobre isto? O seu tridente é conhecido pelo poder que detém, surgindo constantemente nos relatos míticos. De facto, segundo Gerhart B. Ladner, “symbols were believed to represent objectively and to express faithfully various aspects of a universe that was perceived as widely and deeply meaningful.” (*Apud* Tambling, p. 39), podendo assumir-se, nomeadamente graças ao poema medieval *Piers Plowman*,¹ que tudo é simbólico no que toca à criação.

Compreender o passado determina ativamente a nossa capacidade para interpretar o presente, que, como pudemos ver pelo exemplo acima, permite uma multiplicidade

¹ “*Piers Plowman* is a late 14th-century dream-vision. The poem is a sequence of 22 dream-visions, called ‘passus’, which means ‘step’ in Latin. In these visions, the narrator, Will, meets a series of allegorical characters. The poem is an exploration of Christian faith, as the narrator strives to uncover how to live a good Christian life.” (British Library, 2022)

de visões. Como distinguimos a verdade da crença? Como é que escrevemos a nossa história e com isso definimos o nosso ser? Existirá alguma verdade ou tudo depende da perspectiva e do significado que atribuímos a algo, movidos pelas nossas emoções, histórias individuais e vontades? Contemplamos a vida como se através de um véu que nos ‘protege’ da realidade e distorce a percepção, possibilitando a cada ser humano uma infinidade de convicções e princípios. Existem mistérios do Universo e da Natureza que estão, de certa forma, vedados; porém, Boccaccio atribui a responsabilidade de assimilar os acontecimentos a cada um: “When things perfectly clear seem obscure, it is the beholder’s fault. To a half-blind man, even when the sun is shining its brightest, the sky looks cloudy, some things are naturally so profound that not without difficulty can the most exceptional keenness in intellect sound their depths.” (*Apud* Tambling, pp. 28-29)

Embora existam símbolos internacionais, outros só são compreendidos dentro de um determinado grupo ou mesmo por uma só pessoa ou contexto - religioso, cultural, entre outros, assumindo assim infinitas alterações e interpretações.

II

A fonte primária de nosso estudo é o poema medieval *Pearl* (Pérola), sendo o enredo integrado num sonho. Identificar os autores de textos literários desse período histórico é frequentemente difícil e os sonhos eram muito populares na literatura da época, permitindo aos poetas ilustrar ideias que, de outra forma, seriam impossíveis de expressar. O autor utilizou a visão onírica para retratar uma experiência difícil de descrever, assumindo que se possa tratar da perda de um ente querido.

Os poemas sob a forma de sonhos aparentam, de facto, ser uma estrutura comum dos tempos medievais, à qual Jeremy Tambling se refere como “special form of allegory” (*Ibidem*, p. 7), dando o exemplo do *Roman da la Rose*, escrito por Guillaume de Lorris e Jean de Meung. O poema francês parece partilhar a ideia da procura de um ser amado, como *Pearl*, sendo que no primeiro se trata da busca de uma mulher cobiçada, enquanto no segundo, como já mencionado, a conquista seria a reunião com a pessoa amada.

Sendo ambos sonhos alegóricos,² demonstram a importância do nosso inconsciente, estudado por Sigmund Freud, para o qual “The interpretation of Dreams is the royal road to a knowledge of the unconscious activities of the mind” (*Goodreads.Com*, 2021) e revelam apego ao que aparenta ser melhor do que a realidade. W. B. Yeats expressa, a este propósito: “for we love nothing but the perfect, and our dreams make all things perfect” (Jeremy Tambling, p. 80). Simultaneamente, os sonhos alegóricos sugerem a presença do engano e do jogo de palavras, o que nos leva a confirmar a constatação de que “all dreams are ironical- saying one thing but meaning another- in the way that poetic allegories are ironical” (*Ibidem*, p. 8).

Mais do que uma composição lírica, *Pearl* revela ser uma elegia, subgênero que se pensa ter surgido na Grécia Antiga, *circa* século VII, altura em que os poetas dedicavam as suas criações à guerra, como forma de luto. Assim, maioritariamente, as elegias relatam uma perda ou algum acontecimento trágico, ao mesmo tempo que serviriam de consolo para os que estivessem a vivenciar eventualidades semelhantes. Sendo um desabafo de alma, esta lírica contempla temas quotidianos, como a consciência da brevidade da vida, a instabilidade e fragilidade do que é humano, a perda ou o fortalecimento da fé, dados a angústia e o saudosismo, a especulação face ao destino e a procura de respostas. Notamos a tradição proveniente dos autores gregos, como Sólon (“Procura dentro de ti, na tua cabeça; e aí encontrá-lo-ás.”), Teógnis de Mégara, defensor do lema *carpe diem* e Mimnermo, conhecido pelos seus lamentos face à efemeridade da vida.

Datando do século XIV, a elegia *Pearl*, cujo título se originou a partir da parábola bíblica “Pérola ou Pérola de Grande Valor”, que ilustra o valor do Reino dos Céus, tem um total de mil duzentos e doze versos (1212), sendo doze o número mítico da Jerusalém Celestial. Os números constituintes do poema e a sua simbologia são algo de extrema relevância: são vinte conjuntos de cinco estrofes, fazendo um total de cem, o número universal da perfeição. A simetria numérica está constantemente presente; contudo, há uma curiosa adição de uma estrofe extra num dos conjuntos, totalizando

² “This relation of dream to allegory, also present in Bunyan’s *The Pilgrim’s Progress*, extends to Freud’s *The Interpretation of Dreams* (1900), which interprets dreaming allegorically, since the images which persist through the extended action of the dream stand for other psychic agencies, which, repressed in the unconscious, can only appear in a figurative mode.” (*Ibidem*, pp. 7-8)

cento e uma estrofes - cento e um, número que sugere novos inícios depois de uma queda. Este número é recorrente em diversos poemas medievais como, por exemplo, no conhecido poema *Sir Gawain and the Green Knight*.

Das vinte secções do poema, as quatro primeiras são dedicadas, principalmente, à apresentação do estado de espírito do sonhador, à descrição do cenário e da própria Pearl. O argumento e a exposição ocupam as doze secções centrais e as quatro últimas contêm novamente uma descrição, desta vez da Nova Jerusalém, e terminam com as reflexões do poeta. O esquema métrico subdivide o poema em secções menores e, ao mesmo tempo, interliga todas as partes numa só sequência, formando um segundo padrão. Uma palavra-chave ou frase no último verso de uma estrofe é sempre ecoada no primeiro da estrofe seguinte, o que significa que as secções estão interligadas, e o eco produz o efeito de um círculo completo, pretendendo talvez sugerir a ideia de uma pérola.

Em *Pearl*, o narrador, apresentado como um joalheiro, encontra-se num jardim, lamentando a perda de uma pérola que, à medida que a leitura avança, se revela ser algo muito maior e imensamente prezado, e não um mero objeto. Curiosamente, o espaço em que o narrador se encontra poderá ter sido escolhido por associação ao jardim do Antigo Testamento no *Cântico dos Cânticos*, que se pensa ser símbolo da virgindade feminina e, conseqüentemente, da pureza; além disso, no século XII, o monge Bernardo de Clairvaux declarou o jardim como uma representação alegórica da Virgem Maria, da Igreja ou do Paraíso (Jeremy Tambling, 2010 p. 32). Todos estes temas são fulcrais na análise do poema em questão, aproximando-se ou fazendo parte da resposta para os simbolismos aí presentes.

Jeremy Tambling afirma que há mais desafios na atribuição de significados do que o que se pensa; porém, são os simbolismos que conferem encanto a este período da história, assim como à vida: “it should be noted how the capacity to articulate the whole of creation in symbolic terms is at the heart of medieval allegory” (Tambling, 2010, p. 39). Tudo à nossa volta é uma alegoria, no sentido em que, se imaginarmos o cenário da Alegoria da Caverna, percebemos que, à semelhança dos homens que observavam as sombras projetadas nas paredes, somos igualmente meros espectadores da realidade que nos é apresentada e será assimilada de formas distintas por cada um, uma vez que

"Allegory describes one thing under the image of another, or speaks one thing while implying something else." (*Ibidem*, p. 6)

Esta ideia advém dos escritores romanos, com o conceito de *Allegoresis*, que sustenta a prática de "consciously writing one thing and meaning another." (*Ibidem*, p. 20). No seguimento desta ideia, Dante distingue duas formas de alegoria: "the allegory of poets" e "the allegory of theologians" (*Ibidem*, p. 25), frisando que, na primeira, a pedreira ("quarry"), sendo um local de onde são extraídas pedras e outros materiais rochosos, surge comparada à verdade "hidden under a beautiful fiction" (*Ibidem*, p. 25). As alegorias necessitam, assim, de uma 'tradução'; porém, o essencial é dar a devida atenção ao nível literal da história. A interpretação alegórica deve basear-se numa compreensão completa do sentido literal primário. A simbologia de um texto precisa do seu plano literal, de onde são retirados os argumentos necessários à sua assimilação, e, portanto, ao ascender em direção ao seu plano espiritual.

Na obra aqui estudada, assim como em muitos poemas-sonhos medievais, surge uma "artificial nature" (*Ibidem*, p. 35) que obriga tanto o narrador como o leitor a abandonar o mundo real e material. A partir desse momento, tudo o que o narrador vive e vislumbra, assim como todas as identidades presentes no seu sonho, são alegóricas (*Ibidem*, p. 35). Dentro do seu sonho, o sujeito encontra-se num lugar que não reconhece. Os escritores devocionais medievais usam regularmente o sono e o sonho como imagens para descrever experiências espirituais. Quando sonhamos, a memória de todas as coisas externas e físicas é completamente eliminada, sendo como que uma passagem para um lugar de contemplação divina. O sujeito insiste que não seria possível vivenciar num estado físico a Jerusalém Celestial, uma vez que essa visão o teria matado, pois os sentidos humanos não seriam capazes de suportar tal esplendor. Ele sabe, então, que a sua experiência não lhe ocorreu no corpo, mas em espírito. Dá-se um aumento da consciência num outro nível e não a perda de consciência; daí a imagem do sonho ser tão apropriada para descrevê-lo: uma evocação para um mundo mais fresco e vigoroso do que a vida é capaz de despertar.

Assim, ao adormecer, o joalheiro acede a um sonho fantástico, onde surge num cenário paradisíaco ao lado de um rio. Do outro lado da corrente, observa quem lhe parece ser familiar, num vestido de pérolas branco e com uma reluzente coroa na cabeça, tratando-se da sua amada pérola. Os dois conversam em lados distintos do rio:

ele tenta entender a privação da sua vida presente, enquanto ela procura revelar os mistérios da vontade de Deus.

Pearl foi escrito, claramente, para uma audiência muito específica e alguns dos seus símbolos e referências tornam-se para nós, leitores contemporâneos, barreiras para a compreensão. Os estudiosos de literatura medieval têm uma ligação restrita com o contexto de surgimento dos seus objetos de estudo, uma vez que muitas das obras que se mantiveram desde o período medieval são anónimas e desconhece-se, frequentemente, quando foram escritas, qual o seu propósito ou público-alvo, o que lhes confere um cariz enigmático. Em *Validity in Interpretation*, E. D. Hirsch referencia testes que consistiram na apresentação de poemas a alunos de Cambridge sem menção de título ou autoria, resultando no insucesso dos alunos na interpretação dos mesmos e argumenta que a nossa capacidade de decifrar corretamente os significados em obras literárias é prejudicada quando não temos evidências externas que nos guiem. Certos modos de significação são desconhecidos para o leitor moderno, cuja interpretação é facilmente distorcida.

A literatura da Idade Média, em comparação a outros períodos, é muito consistente no plano da ideologia religiosa. *Pearl* veicula valores comuns do ensinamento cristão, como o princípio de que os homens se devem submeter à vontade de Deus, podendo esperar pela Sua graça e ganhar uma recompensa celestial. São ideias das quais o sonhador precisa de ser lembrado, já que, embora as conheça em teoria, não percebe em plenitude as suas implicações na vida prática.

A heterogeneidade na interpretação do que é ou será esta pérola, para além da metáfora, sustentada e desenvolvida,³ para uma jovem vida que foi retirada deste mundo, exige uma observação cautelosa da mensagem que o narrador tenciona passar. A complexidade das emoções humanas, os seus conflitos interiores, assim como a limitação do ser humano perante o Universo e a conseqüente incapacidade de ter tudo sob controlo, obriga ao uso de formas concretas, tal como a pérola, para descrever ideias abstratas e imperscrutáveis, para que se tornem mais claras (“providing concrete forms for complex, abstract ideas which it makes recognizable.” como nota Tambling, 2010, p. 5). Assim sendo, a abstração de uma realidade não palpável, acaba por estar

³ “A metaphor sustained, and developed, is *allegory*.” (Tambling, 2010 p. 6)

lado a lado com o concreto, uma realidade material. A concepção do que é concreto e abstrato é definido como “either to what is tangible or to qualities not accessed through the senses.” (*Ibidem*, p. 12) Podemos comprovar esta percepção através do exemplo do discurso de Macbeth, que relembra o assassinato do rei Duncan, enquanto este se encontrava imerso no seu sono, personificando a palavra ‘*sleep*’, ao transformar uma ideia abstrata numa pessoa. O que ocorre em *Pearl* parece ser algo similar, existindo uma constante alomorfia: um sentimento, evidentemente incorpóreo, de perda, sofrimento e hesitação, é depositado numa pedra preciosa, passando a ser tangível.

À medida que avançamos, percebemos que a pérola é uma referência a algo imensamente amado, mas que foi perdido e eventualmente ‘encontrado’ num cenário improvável. Há, por isso, uma constante alteração entre a dimensão espiritual e material. Segundo o Novo Testamento, deve existir uma dualidade na forma como vemos e interpretamos, literal e espiritualmente, o que nos circunda, de modo que objetos e ocorrências do dia-a-dia representem uma realidade eminente e dissimulada (*Ibidem*, p. 16). É-nos revelada a supremacia de uma leitura espiritual e figurativa em detrimento da literal, objetiva, pois através da primeira acedemos a mensagens implícitas (*Ibidem*, p. 14).

Vejamos excertos da primeira estrofe do poema, na tradução de Bill Stanton, em inglês moderno:

“Pearl, to delight a prince's day,
Flawlessly set in gold so fair
In all the East, I dare to say,
I have not found one to compare.
So round, so radiant in array,
So small, so smooth her contours were,
Wherever I judged jewels gay
I set her worth as truly rare.
...
I mourn that pearl without a spot.” (I)

Temos inicialmente a referência ao vocativo “Pearl” como sendo redonda, pequena e de contornos delicados. À partida, não identificamos nada de incomum, pois é assim que caracterizamos esta jóia; porém, estas características são comuns à criança da qual se trata, igualmente miudinha, encantadora e frágil. O narrador insiste em salientar,

além do seu aspeto físico, o facto de ser tão rara que dificilmente encontraria uma ao mesmo nível, pois o seu valor é incomparável.

Sabemos que as pérolas têm reputação pela sua pureza e esta particularidade é, sem dúvida, primordial, já que a criança metaforizada pela pérola se adequa a este retrato: as pérolas simbolizam a feminilidade, a virgindade e a inocência. É justamente assim que acaba a primeira estrofe - “I mourn that pearl without a spot.”, demonstrando que a sua pérola não tinha “marcas”, não tendo sido manchada pela vida, o que aponta para a sua beleza e perfeição. Por outro lado, a dualidade da palavra “spot” pode transportar-nos para um espaço físico: a jóia foi levada para uma dimensão imaterial e transcendente, deixando o narrador “without a spot”.

Além de a pérola poder simbolizar uma jovem vida, se nos recordarmos que o poema foi inspirado numa parábola bíblica, percebemos que a jóia poderá personificar uma entidade superior: para os Cristãos, Jesus Cristo e o seu Reino. Como consta na parábola, o negociante teria vendido todas as pérolas em sua posse, em troca de apenas uma, cujo valor era imensurável; a pérola, neste contexto, à semelhança da interpretação anterior, é considerada uma riqueza. Assim, a sua índole torna-se ainda mais religiosa: a crença numa divindade, em algo inexplicável, seja Jesus Cristo ou não, está depositada num objeto reluzente, demonstrando que a fortuna que pensamos ter é enganadora e superficial. A parábola desvenda que a fé é suficiente para se ter o verdadeiro tesouro, que será também o caminho para o Paraíso.

Deste modo, identificamos um subgénero de alegoria – a alegoria bíblica - que, parafraseando Jeremy Tambling, torna o herói, o cristão, na sua jornada para a cidade celestial (p. 69), um modelo para o leitor seguir e imitar. A Bíblia é caracterizada como uma “allegory of theologians”, onde ambos os níveis, literal e alegórico, coexistem. Os dois níveis possuem quatro significados distintos: literal, alegórico, moral ou tropológico e anagógico (*Ibidem*, p. 26), que correspondem à tríade das qualidades espirituais, incluídas na epístola de S. Paulo aos Coríntios (13.13), sendo estas a fé, esperança e caridade (*Ibidem*, p. 27). Estas virtudes são descritas como regras que permitirão ascender a um ideal de perfeição: “Faith appears in the allegorical meaning, which tells you what to believe, charity in the tropological, which tells you how to behave lovingly towards others, and hope in the anagogical, which tells you what you can expect in the future.” (*Ibidem*, p. 27)

A apóstrofe “Earth, you have marred her purity” (I) demonstra que a terra é capaz de arruinar a candura, evidenciando, mais uma vez, a superioridade da Providência, onde tudo é sublime. Será esta ‘terra’ o túmulo ou uma crítica à humanidade que a habita? De qualquer modo, podemos afirmar que, apesar de quem narra achar que a pureza foi corrompida, a essência é eterna, semelhantemente a uma pérola, retirada de ambientes lamacentos, mas que mantém a aparência e o valor. Outrossim, a sua magistralidade é proveniente da natureza, o que significa que é uma riqueza de valor infindável para o narrador, porque lhe traz deleite e alegria (“And charge my very soul with glee”). Indubitavelmente, assume-se que é a maior das fortunas (“Richer than any diadem ... No man might praise it or condemn,/Its worth would surely overawe.”, IV); nenhum homem poderia retirar a sua grandeza, não só por ser eminente o prestígio desta pedra, mas por ser amada (“whose price was dear”).

Apoiando-se no facto de que as pérolas são criadas por reacção a corpos estranhos, podemos assumir que a escolha desta jóia, mais uma vez, não seria despropositada, visto que a vida da filha e do narrador foi perturbada e alterada. Por ser sensível, a pérola exige cuidados para a sua preservação, assim como um ser indefeso e delicado necessitava de protecção - algo que não foi possível de garantir, por razões incógnitas.

Esta pérola é forte e vigorosa, repleta de luz infindável, que não se compara à luz da lua (“A pearl from which light radiates, .../Each street so gleams and coruscates/It needs no light from moon or sun.”, XVIII),[...] tão pura, incomparável e poderosa que o brilho irradiava por todas as partes (“Its glowing radiance without peer,/So dear to me that splendour bright.”, II) [...]. Inclusive, o seu fulgor possuiria dons quase mágicos, devido à autenticidade, primor e vernaculidade que caracterizavam a pérola e, conseqüentemente, a criança; mesmo após o seu “desaparecimento”, coisas boas proviriam da terra, pois a sua essência não iria cessar:

“Flower and fruit can ne'er be dead
Where that pearl slipped into the clay,
For grass will grow from seed once shed
Or grain could not be stored away,
And good will always good repay.
This comely seed shall perish not,
And spices will their fruit display
From that dear pearl without a spot.” (I)

A maioria das parábolas do Novo Testamento são alegorias proféticas, tendo o exemplo mais conhecido o do semeador que destaca a importância de um terreno arável e propício para semear, de forma que dê frutos, mas dependente também da Natureza, imprevisível e que se rege pelas próprias leis (MacQueen, 1970 p. 23). Segundo o Evangelho, os diferentes tipos de solo representam distintas categorias de homens, enquanto a semente simboliza uma adição divina. A interação entre o solo e a semente é decisiva para a colheita (ou a falta dela). Por vezes, a adição da semente poderá originar algo transcendente. “The seed . . . represents a divine addition to the raw material of humanity” (*Ibidem*, p. 25) - em *Pearl*, a semente é, evidentemente, a própria joia (“dear pearl”), que fará com que o bem prevaleça. Em inúmeras parábolas, a menção à fruta ou colheita é associada ao reino de Deus (*Ibidem*, p. 25), confirmando a constatação “the divine purpose had and would operate in history” (*Ibidem*, p.37).

Curiosamente, em algumas culturas, acredita-se que a pérola é criada a partir de uma gota de água de orvalho que atinge a superfície da concha, processo que é correlacionado com o nascimento. No seguimento desta linha de raciocínio, evidencia-se o poder divinal da pérola e, por conseguinte, da criança, para criar vida (frutas, flores, etc), pois, tal como é referido no poema, “And good will always good repay”. Não obstante, associamos ainda o condão de se manter viva e presente, uma vez que uma alma deste carácter nunca se poderia desvanecer efetivamente. Haveria um propósito supremo reservado especialmente para a sua alma?

“She was a rose which could not choose
But bloom and fade by laws austere.” (IV) [...]

Segundo estes versos, identificamos novamente parecenças entre a pérola e a jovem vida à qual é associada: ambas formosas, sublimes e graciosas. Não é por acaso que, nesta parte do poema, surge o nome “rose” – flor que remete para a perfeição, a pureza, a alma e o renascimento. Nesta perspetiva, segundo o processo natural, tanto de uma flor como de um ser humano, o que se espera é o seu nascimento, desenvolvimento e perecimento; porém, esta lei é considerada severa (“laws austere”), especialmente para alguém que ainda tinha tanto para vivenciar. A natureza, ao mesmo

tempo que é capaz de criar e gerar vida, é destrutiva, face à passagem do tempo e imprevisibilidade. A pérola, em oposição, tem a existência ilimitada, uma vez retirada do seu meio para servir outros fins, dados a beleza e valor inequívoco. Será audacioso constatar que poderá ter sido retirada deste cosmos porque a sua bondade e o seu encanto eram almejados noutra dimensão, numa tentativa, talvez, de preservar a sua inocência? Não é por acaso que Ralph Waldo Emerson afirma que “Nature is the symbol of spirit” (*Apud* Tambling, 2010 p. 86), o que prova a escolha de um elemento da natureza como um meio de transparecer a criação de Deus (a Natureza) e, simultaneamente elevar a própria pérola a um patamar supremo. De facto, é-nos dito que qualquer homem daria tudo o que tem para alcançar uma pérola assim, tal como o narrador faria o possível e o impossível para a ter de volta:

“Who bear this pearl upon the breast.
To quarrelling we give no thought
Who bear of spotless pearls the best.” (XV) [...]

Quando o narrador adormece, viaja ao Paraíso, onde as maravilhas se multiplicam de maneira a construir um lugar impossível de reproduzir pela mão humana, um lugar que nunca iria magoá-lo. Dessa forma, a pérola transporta a sua alma ao lado mais espiritual, místico. A elegia explora assim as possibilidades de um sonho nos levar até um reino glorificado nos céus. O brilho que provém da pérola é o brilho do Paraíso (“glorious splendour bright”, II). Retirada deste mundo sem aviso, o Paraíso torna-se numa estratégia de acalmar a mágoa do narrador, aconchegando-o (“Its glowing radiance without peer,/So dear to me that splendour bright.”, II) [...]. Nesse lugar, ele encontra a sua preciosidade, adornada em pérolas e com um véu:

“I thought her purpose spiritual cheer
With hanging sleeves so wide and clean
The pearl is a gem, is a two-year old child,
And double rows of pearls so bright beautiful young woman,
is the immortal soul, is the heavenly
With precious pearls richly bedight. singly
With wimple’s edge in pearls bedight
With whitest pearl, no other gem,
And gleaming white the dress she wore” (IV) [...]

Nesta estrofe é possível encontrar um dos principais simbolismos da pérola, já mencionado: o da inocência. A pérola é uma riqueza, presumivelmente, uma criança, correlacionada com a felicidade, a ingenuidade e virgindade. Aparece com um véu e vestido brancos, talvez porque, no mundo físico, nunca cresceu para se tornar uma noiva, uma mulher. Na Jerusalém Celestial surge adornada de pérolas, mantendo o espírito inocente e juvenil com que deixou a Terra, apesar de mais velha e madura. A inocência de uma pérola é algo que deveria ser comum à raça humana; Cristo quer homens e mulheres sem pecados, pérolas sem defeitos. Além disso, a positividade de uma pérola é algo presente nos abençoados, moradores do reino dos céus - “I looked and saw in that array/That everlasting joy they wore./Then saw I there my daughter gay”, que se deve àquilo que vivem e assistem no paraíso.

A sua joia é nomeada pelo narrador de rainha do Paraíso, a mais bela, mais poderosa e capaz de feitos honrados. O homem descreve a sua infelicidade sem a filha e pergunta, na esperança de obter respostas para o seu coração inquieto: “What fate did now my pearl betide/And left me here in grief and care?”. Indignado e curioso com o destino, vê a sua filha feliz; sendo sempre lembrado de que já não a poderia ter (“To say your pearl has fled away”) é, ao mesmo tempo, frisada a paz e alegria em que habita. Dessa forma, para qualquer joalheiro que possui a sua preciosidade, a perda e o sofrimento não são justificáveis. A sua atitude perante a perda de um ser humano é como a de um joalheiro perante a perda de uma pedra preciosa: uma atitude possessiva e egoísta.

É ao ver o Paraíso que, naturalmente, nasce o desejo, por parte do narrador, de lá habitar; perto da sua pérola e naquele mesmo cenário, seria um homem feliz (“I'd be a joyful jeweller”). Deveremos julgar esse desejo? “To find, then lose, is loss complete”. Após a sua perda, nunca o narrador teria imaginado voltar a vê-la; porém, sendo cristão, deveria acreditar na sobrevivência da alma humana após a morte. O joalheiro sabe que tamanha dádiva não se voltará a repetir; não sendo capaz de a manter consigo, irá perdê-la eternamente. Assim sendo, deverá aceitar uma vida de ruína e privação? O seu sofrimento nunca conheceu qualquer tipo de alívio porém, foi suavizado pelo que vislumbrou. Esta ânsia é reforçada quando deixa claro que não teme a morte ou a aflição que terá de passar para se juntar à filha. Sabe que, para lá ficar, terá de morrer “That none could keep me from my dear /Though with my life I needs must pay”, XX). Este

desejo vai contra o intento de Cristo (“my Prince”) e os Seus planos, que devem obedecer ao tempo a que estão designados: “Against his will my soul conspires (...)/This was not as my Prince desires/It pleased him not that I should throw/My body headlong in that way” (XX). Apesar da vontade de continuar no Paraíso e de estar novamente reunido com a luz da sua vida, deverá esperar pelo momento certo: a altura em que vai merecer esse lugar.

O sonhador não se converte a um estado de espírito diametralmente oposto, mas deixa para trás a angústia desesperada que enfrentava. Sabe que a pérola está perdida, mas está agora mais perto de se reconciliar com a perda, feliz pelo facto de a sua pérola ter agradado a Deus e ciente das limitações impostas ao desejo humano.

Este processo de iluminação é apresentado por meio de um diálogo entre um mortal, que busca, e um ser celestial, outrora um mortal amado, que possui o conhecimento para responder, em virtude de sua posição no Céu. A compreensão do mortal foi resultado da revelação divina, sendo o “instrutor” a *Pearl*, enquanto o instruendo permanece propenso à agitação. O sonhador transporta para o mundo sobrenatural do seu sonho os valores e as expectativas que pertencem à sua vida acordado.

Este contraste entre o materialismo do sonhador e a natureza espiritual do mundo em que se encontra é um dos motivos centrais do poema. No mundo celestial, o sujeito falha persistentemente em entender o que vê e aprende. Começa por ter dificuldade em compreender a posição da pérola nesse mundo celestial, presumindo a respectiva hierarquia em termos terrenos e achando, por isso, que para a pérola se ter tornado rainha, Maria teria de ter perdido a sua coroa. Seguidamente, a sua ideia de justiça é terrena, faltando-lhe compreender que a graça de Deus - um tema importante do pensamento teológico do século XIV (e não só) - é suficiente para a salvação. Também a sua conceção de casamento é terrena, por achar que por a pérola ser a noiva do Cordeiro, é a sua única noiva. Os repetidos mal-entendidos do sujeito pertencem ao mundo familiar e material de valores e suposições quotidianos que partilhamos com ele; a ordem celestial permanece um mistério, incrivelmente bela e, ainda assim, resistente à compreensão humana.

A incapacidade do sonhador para receber plenamente a mensagem do sonho atinge o seu cume no momento em que, através de um ato impulsivo, ele põe fim ao sonho. A sua motivação é limitada pela natureza e é o amor, um amor possessivo e egoísta, típico do homem terreno, que o impele a tentar juntar-se à sua pérola na Jerusalém Celestial, lamentando depois a possibilidade que perdeu de uma experiência visionária mais profunda.

Mais tarde, o narrador evidencia a graciosidade da Virgem Maria (“Queen of heavenly grace”, VIII), momento em que o simbolismo da pérola ganha volume, através de uma referência ao poder espiritual desta figura. Ora, a metáfora em torno da pérola é uma referência ao espírito da filha do joalheiro, sendo-nos dito, então, “All spiritual power doth embrace” (VIII), o que aponta para a espiritualidade, incontornável e divina, de todas as almas serem um só: cada alma cristã vive como discípula de Deus, unindo-se não só a Cristo como também aos seus irmãos crentes.

A referência à água e ao sangue (“Water and blood from gaping wound”, XI) permite estabelecer um contraste entre os dois elementos – a água, génese da criação da pérola, assim como o seu *habitat*, e o sangue como representante da morte da mesma. A água é um símbolo sagrado, ligado ao Baptismo, à verdade e inocência. A água e a pérola, sendo puras, deveriam ter sido poupadas das manchas de sangue, tal como a inocência, segundo a razão e os justos, deveria ser salva (“Innocence is ever safe by right”). Se, por um lado, não tendo mácula, a sua filha não merecia o destino mortal, por outro, o destino ofereceu-lhe um lugar nos Céus, onde foi coroada rainha. Dessa forma, poderá ter sido recompensada pela sua qualidade de pérola – mesmo no Paraíso, ainda o é. O Paraíso é o reino descrito em *Mateus 14: 45-46*: “The kingdom of heaven is like the merchant seeking valuable pearls, who, when he had found a pearl of great price, went and sold all that he had, and bought it.” Aqui vemos as pérolas como, figurativamente, destinadas ao reino de Deus, o Paraíso reservado para os puros: “Then Jesus them most sweetly taught: / “Let them all come within my sight-, / My Kingdom is where they consort.” / The innocent are safe by right.” (XII).

Deparamo-nos com versos que confirmam a descrição da pérola, enaltecendo a sua falta de pecados e o seu valor extremamente precioso:

“The innocent, true, and undefiled,
Without a spot or stain of sin,
These, when they knock, are not reviled;
Quickly do men the gate unpin.
Joys will not cease that there begin,
So precious pearls the jeweller sought
Sold all his goods, and cloths akin
To buy a pearl without a spot
This spotless pearl, whose price was dear,
For which that man gave all he could,
Is like the realm of Heaven clear” (XII)

Isto leva-nos a outro tema de extrema relevância: a secessão do corpo e da alma como duas entidades distintas (*Fédon*) A alma sobreviverá após a morte do corpo físico, que é efêmero, estando a alma num parâmetro superior. Platão sugeriu até que o corpo seria um obstáculo para a alma, ofuscada pelas necessidades do corpo (That spot my spirit fled apace/And let my body dreaming lie./My soul set forth in God's good grace/To range where marvels multiply.”, II). Ou seja, o espírito é separado do corpo para poder continuar a sua ‘aventura’ e ‘missão’ no Céu. Tal fenômeno é possível somente quando a capa exterior for abandonada: o corpo que nos prende e limita, pois a verdade habita em plenitude no interior mais íntimo. Deixada a concha, a pérola revelou-se uma esfera sem defeitos, de supremo encanto e, por isso, dotada de perfeição.

Cristo comparava o céu a uma pérola de grande preço, sendo conhecido que as portas da Jerusalém Celestial eram constituídas por doze pérolas. A sabedoria está também ligada à pérola, sendo o nosso espírito, no Céu, mais sábio e primoroso. Estaremos a aproximar-nos da explicação para o destino da pérola nesse lugar divinal; na verdade, está agora a viver o seu real propósito, livre de obstáculos. Mais uma vez, o narrador terá uma razão para invejar os moradores de Jerusalém.

As estrofes seguintes são dedicadas à ideia desse lugar, nomeando mesmo a pérola como parte dos cordeiros de Jerusalém. Os crentes e abençoados são o rebanho de Deus trazido à luz, reunindo-se em Jerusalém como um todo. O Cordeiro, que poderá representar Jerusalém no seu conjunto, tem uma cor: branco luzente que espelha a total limpidez e inocência.

“They are redeemed, brought to the light
As first fruits who to Him are due,
In the gentle Lamb they all unite,
Like to Himself in form and hue,
Never do lies or tales untrue
Corrupt their tongues, whate'er the stress,
None separates that spotless crew
From that peerless Master, nonetheless.” (XV)

A descrição do espaço passa também pela exposição de uma sala cheia de pedras preciosas e dos portões da cidade, ambos constituindo provas do imenso valor do reino dos Céus (“Their portals graced with splendid plates. /Each held a pearl of high degree./A pearl from which light radiates”, XVIII). É constante a referência à graciosidade, ao esplendor, à preciosidade e à iluminação radiante do local, ao longo do poema: a luz, sendo a criação de Deus, o criador de tudo, e o Cordeiro, sendo a sua lanterna, instrumento de boas obras. Nas pérolas do portão estão escritas as datas de nascimento das crianças de Israel, homenageando a importância individual. De seguida, surge uma ideia intrigante:

“But sorely wounded was he on
His breast, so that all eyes could find
On his white breast blood ran entwined.
To take in such cause some delight?” (XIX)

O Cordeiro tem marcas de sangue no seu peito. Para chegar ao Paraíso, teve de passar pela morte no mundo mortal, sendo isso que o sangue simboliza. Apesar do sangue e da amargura vivida, o Cordeiro e os Seus seguidores estão num lugar deleitoso, de paz e harmonia; o sangue levou-os até à verdadeira salvação. Os moradores do reino de Deus tiraram proveito da morte e da perda da vida material, tendo-se afirmado como merecedores dessa ‘recompensa’.

“And I was filled with wild dismay.
I stretch, and all my hope expires;
And sighing, to myself I say,
'Let it be as my Prince desires.'”

For I have found him day and night
A God, a Lord, who ever can
Upon this hill me guide aright
In pity for that pearl which ran
(...)
Those precious pearls my Prince desires.” (XX)

Neste excerto, é enaltecida a crença em Deus, a fé que se deposita na Sua vontade, no Seu poder e no destino que traça para cada um (“Let it be as my Prince desires.”). O último verso retoma a ideia de que tudo está sob o controle de Deus; Deus deseja as pérolas, os perfeitos moradores dos Céus, porque é quem merece verdadeiramente esse lugar, para ser salvo e estimado. A pérola “desapareceu” da terra porque foi nomeada para o Seu reino: “The New Jerusalem”, o último local que o narrador visita no seu sonho.

Uma metáfora central do poema é o processo de transformação da pérola, que acaba por ser, de certo modo, simples: a pérola é uma pérola e manteve essa característica. O narrador continua, ao longo do poema, a chamá-la como tal, sendo esta pedra preciosa um detalhe constante no mundo espiritual (estão no rio, na roupa, na pele e no cabelo da filha, nos portões da Nova Jerusalém, entre outros). A filha entrou na Jerusalém Celestial e lá amadureceu da forma mais graciosa.

Quando o joalheiro acorda, medita acerca da indubitável glória de Deus, terminando com as palavras “Amen. Amen.”, palavras sagradas da oração, indicando que a sua meditação (e, na verdade, todo o poema) tem um caráter de religiosidade que não pode ser refutado nem perdido, à semelhança de tudo o que existe e acontece dentro de nós, como, por exemplo, os sonhos.

III

Não nos dispersando muito do poema, sabemos que a pérola é um dos materiais mais cobiçados a nível mundial. Apesar de desvalorizada por alguns, sempre teve um valor incalculável para os especialistas, sendo atualmente admirada em diversas áreas como na joalheria e na indústria de roupa, preferencialmente de luxo. Como é usual,

surtem imitações e réplicas deste material, que não é facilmente acessível, por ser considerado raro, extremamente valioso e até sumptuoso.

Por ser uma pedra preciosa de elevada delicadeza e formosura, encontramos obras associadas à imagem da pérola no ramo da literatura, do cinema e da pintura, entre outros. Assim, o quadro “A rapariga com o Brinco de Pérola” (“Meisje Met de Parel”, na língua original) do pintor holandês Johannes Vermeer, datado de 1665, é um relevante



vestígio do simbolismo da pérola ao longo do tempo, podendo ser facilmente relacionado com o poema *Pearl*, obra base deste ensaio. Trata-se de um retrato de uma jovem, de aspeto angelical, cujo estado emocional não nos é claro. Ainda assim, as cores utilizadas, como o azul ciano, amarelo e o fundo preto, transportam-nos para uma visão aparentemente enegrecida e de desânimo, sendo o azul, muitas vezes, associado à quietação.

Esta pedra preciosa, em tempos, era considerada pelos europeus a cura para diversos problemas psiquiátricos, tais como a melancolia. Esta ocorrência está igualmente presente no poema *Pearl*, visto que o narrador, sendo um pai que perdeu a filha, relaciona-a com a pérola; a alegria do reencontro (“Now I have found it, great my glee;”, IV) é a cura e solução para a melancolia insaciável que o corroía.

Ainda no que concerne às cores escolhidas pelo pintor, subsiste uma relação de equilíbrio entre o tom do ouro (cor da roupa da rapariga), que corresponde à descrição da pérola na obra *Pearl* (“Flawlessly set in gold so fair”, I); e o alabastrino brilhante da pérola (que faz parte do brinco que utiliza), surge com o mesmo brilho evidenciado no poema. A pérola, ainda que discreta, não passa despercebida, nomeadamente face ao contraste evidente entre as vestimentas modestas da jovem e o acessório faustoso que lhe confere uma certa elegância.

A expressão facial serena da protagonista é interpretada como um sinal de virgindade, que poderá estar relacionado com a pérola que carrega, transparecendo a sua pureza, simbólica de algo ou alguém, como já foi dito, perfeito e não corrompido. A jóia é também associada ao corpo e órgão genital feminino. Este último fator pode ser interpretado a partir da relação que existiria, segundo alguns autores como Tracy

Chevalier, entre Vermeer e a jovem: uma espécie de amor proibido. Sendo de classes sociais distintas, não era comum nem aceitável existir uma relação entre ambos, para além da diferença de idades. Assim, manifesta-se outra associação entre a pérola e o quadro: este material raro e de difícil obtenção assemelha-se ao amor e à beleza da jovem de dezassete anos, prezados pelo pintor. Deste modo, a pérola representa, mais uma vez, algo de difícil alcance, por ser preciosa e se encontrar longe da vista e das possibilidades do Homem.

Para dar seguimento ao estudo do simbolismo da pérola ao longo do tempo, decidimos apresentar uma obra mais recente, da área do cinema, um clássico da nossa geração: *Barbie: The Pearl Princess*.

Conhecida pela maior parte de nós, Barbie é uma célebre boneca do mundo de animação e lazer infantil, a nível mundial. Criada originalmente em 1959, é uma das marcas mais famosas, tendo uma grande influência nas crianças por carregar mensagens subentendidas, como lições de moral.

O valor e a importância da pérola aparecem, tal como o título indica, de forma constante neste filme. Baseia-se na história de uma sereia que vive com a sua tia no fundo do mar, ou seja, existe aqui, desde o início, um paralelismo entre o facto de o mar ser o sítio onde se podem encontrar as pérolas e, simultaneamente, onde a personagem principal vive, tendo maior contacto e mais facilidade em se deparar com este tesouro. No entanto, no filme, as pérolas continuam a exibir o seu carácter excepcional e raro, não se encontrando ao alcance de qualquer um, por serem consideradas uma recompensa digna de apenas verdadeiros merecedores. Podemos, simultaneamente, estabelecer uma comparação com *Pearl*, com base na cena em que a Barbie coroa a sua amiga como rainha dos oceanos e lhe entrega várias pérolas como símbolo da realeza e singularidade, assim como através da revelação do poder mágico da jovem, proveniente das pérolas, que não deveria usar sem sensatez, uma vez que “é muito valioso e propício de ser roubado”. Tal como vem sendo alegado, a pérola é ingenuidade e inocência - precisamente a imagem que Barbie nos transmite, metaforizando a pureza e perfeição da pérola: “[ainda] sem marcas da vida”.

O filme termina quando, num baile da realeza, Barbie descobre que é filha dos Reis dos Oceanos; à semelhança da nossa pérola, rainha do paraíso, é-lhe concedido o título de princesa. É perceptível a admiração por parte da plateia que assiste à cerimónia,

devido ao poder que a personagem detém, cobiçado por todos: algo tão precioso como uma pérola.

IV

A imagem que se deve reter após o estudo deste texto lírico é talvez: “*Pearl is one of the jewels in the crown of medieval English poetry: a real gem of a poem*”, sugerido no blogue “Interesting Literature”.

Um dos aspectos a salientar é a dúvida acerca de Deus, do Seu poder superior e da efemeridade de uma vida. Não é uma surpresa que a literatura medieval seja conhecida pelos seus temas eternos e por uma seriedade e veemência que nos transporta a assuntos esculpidos para qualquer época e lugar.

Foi neste sentido que decidimos confrontar obras díspares que retratavam o mesmo objeto - a pérola - e, apesar de partilharem aspectos, persistem pormenores que farão com que cada criação seja autêntica à sua maneira, pura por si só, sem que nenhum olhar possa alterar a sua alvura. Talvez cada uma destas obras seja precisamente como uma pérola, que mantém a sua insígnia de perfeição e não se desvanece; independentemente do surgimento de novas interpretações, cada uma mantém-se imune a olhares alheios, pois é suprema a sua essência.

Bibliografia consultada

“A Short Summary of the Medieval Poem *Pearl*”. *Interesting Literature*. An Elite Cafemedia Publisher. Web.

<https://interestingliterature.com/2016/02/a-short-summary-of-the-medieval-poem-pearl/>

“Barbie: The Pearl Princess”. Ezekiel Norton. 2013. Idem.

"British Library: Medieval Collection Items". Bl. Uk, 2022. <https://www.bl.uk/collection-items/piers-plowman>.

Burrow, J. A. *Essays on medieval Literature*: Oxford University Press, 1984.

Burrow, J. A. *Medieval Writers and their work. Middle English Literature and its background 1100-1500*. Oxford/New York: Oxford University Press, "Opus", 1987.

"Elegia." *Dicionário Priberam*, 2021. Web.

Everett, Dorothy. *Essays on Middle English Literature*. Ed. by Patricia Kean. Oxford: Clarendon Press, 1955.

Lage, Rui. "A Elegia Portuguesa nos séculos XX E XXI: Perda, Luto e Desengano". *RepositorioAberto.Up.Pt*, 2021.
<<https://repositorioaberto.up.pt/handle/10216/50420>>

MacQueen, John. *Allegory*. New York: Methuen & Co., 1970.

"Pérola". *Dicionário de símbolos: Significado dos Símbolos e Simbologia*. 7Graus, 2008.
Web. <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/perola/>

"Pearl: Introduction". University of Rochester. Sarah Stanbury, 2001.
<https://d.lib.rochester.edu/camelot/creator/sarah-stanbury>

"Pearl". *Modern Translation*, Bill Stanton. Idem

"Pearl". *Linguagem perdida do simbolismo*. Harold Bayley, s.d. Idem

"Pearl": Poem Review". *A Literary life*. Emily Weather, 12Jun.2017. Idem

Spearing, A.C. "Pearl" in *Medieval Dream-Poetry*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

Tambling, Jeremy. *Allegory*. New York: Routledge, "The New Critical Idiom", 2010.

"The Interpretation of Dreams Quotes by Sigmund Freud". *Goodreads.Com*, 2021.
<https://www.goodreads.com/work/quotes/1758256-die-traumdeutung>.

"The Strange Power of a Medieval Poem About the Death of a Child". *The New Yorker*. Josephine Livingstone, 16Jun.2016. Web.

Resumo:

O objeto de estudo do presente ensaio é o poema medieval *Pearl* (séc. XIV) e irá focar-se na simbologia deste valioso material, utilizado como adorno há mais de 6.000 anos. A pérola foi a pioneira das gemas na Antiguidade, uma preciosidade escondida sob uma capa - a concha, que requer esforço e cuidado para ser adquirida, o mesmo que é exigido para alcançar a Verdade ou o Conhecimento. Iremos argumentar no sentido da definição deste poema como, simultaneamente, uma alegoria e uma elegia.

Adicionalmente, considerámos relevante estabelecer uma analogia com o significado e proeminência noutras obras e, por fim, concluiremos se existe ou não uma metamorfose do simbolismo ao longo dos tempos, assim como as disparidades e semelhanças em diferentes formas de representação desta gema.

Palavras-chave:

Pearl; Pérola (Simbologia); Alegoria; Elegia; Jerusalém Celestial.

Abstract:

The object of study of this essay is the medieval poem *Pearl* (14th century), which will focus on the symbology of this valuable material, used as an adornment for over 6,000 years. The pearl was the pioneer of gemstones in Antiquity, a preciousness hidden under a cover - the shell prerequisites effort and care to acquire it, the same as to attain Truth or Knowledge. We will briefly argue for the definition of this poem as both an allegory and an elegy.

Additionally, we considered it relevant to establish an analogy with meaning and proeminence in other works and, finally, we will conclude whether or not there is a metamorphosis of symbolism over time, as well as the disparities and similarities in different forms of representation of this gem.

Keywords:

Pearl; Pearl (Symbology); Allegory; Elegy; Heavenly Jerusalem.

A nossa Querida Colega e Amiga, a Prof.^a Doutora Laura Bettencourt Pires esteve sempre, ao longo da vida, muitíssimo interessada e ligada aos estudos de género, reflectindo várias vezes, sobre esta questão. Por isso, me lembrei de lhe prestar homenagem através deste texto que reflecte a difícil e díspar luta das portuguesas de Oitocentos pela igualdade.

TENDÊNCIAS PROGRESSISTAS E CONSERVADORAS NA IMPRENSA PERIÓDICA FEMININA PORTUGUESA DE OITOCENTOS

Ana Costa Lopes¹

A História das Mulheres de outros países, tal como a portuguesa, estará, durante muitos anos, por escrever, como nos têm vindo a demonstrar investigadoras e investigadores destas áreas nos seus múltiplos trabalhos.

Ao tratarmos nesta apresentação dos periódicos femininos portugueses, entendemos, por isso, todos os dedicados a este sexo, independentemente da direcção deles ser masculina ou feminina. Cingimo-nos ao período de 1807 a 1890 e aos disponíveis nas bibliotecas. Guiámo-nos inicialmente pelo levantamento de Ivone Leal (LEAL, 1992) ao qual acrescentámos outros durante a nossa pesquisa (LOPES, 200: 673-4). Apenas destacaremos, deste longo período, por motivos óbvios, algumas das muitas personalidades e publicações periódicas que se evidenciaram mais pelas ideias progressistas pois as conservadoras eram a tónica dominante; também serão aludidas.

Apesar de nos centrarmos, aqui, exclusivamente, na imprensa periódica feminina oitocentista, esta está intimamente ligada à masculina e por diversos motivos. Não cabe desenvolver agora esta questão capital; apenas recordaremos que se deve aos Românticos e às ideias da Revolução Liberal de 1820, entre outros factores, a democratização da imprensa periódica para os dois sexos e as metamorfoses a ela ligadas. Garrett e Herculano transgrediram as normas dos intelectuais de Setecentos,

¹Docente e investigadora (do CEEC, CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa sendo-o também do ICS, Universidade de Lisboa (2019-2021). O presente texto foi apresentado no V Encontro Luso-Afro-Brasileiro: As Mulheres e a Imprensa Periódica. 2017 e publicado na revista *Miscelânea*, Assis, v. 24, p. 27-43, jul. dez. 2018. ISSN 19842899. Agradeço ao Prof. Doutor Álvaro Simões e à sua equipa o consentimento na republicação deste artigo.

deveras elitistas e, ao fazê-lo, tornaram-se os promotores de uma grande mudança da cultura e da mentalidade vigentes.

Estes escritores, seguindo as novas tendências da época, e traindo as velhas, não privilegiaram o livro como única forma de divulgação da cultura; abandonaram a rigidez dos cânones e das formas e géneros convencionados e as necessárias referências culturais greco-romanas para poderem contactar de forma simples e directa a população, em geral, mais concretamente, como eles diziam, “o povo”. O objectivo era ilustrá-lo acercando-se dele com matérias de carácter enciclopédico. Mas, de facto, como sabemos, era a pequena e grande burguesia que os lia, a mesma a consultar os periódicos femininos, pois lamentavelmente o analfabetismo grassava, como os dados estatísticos o revelam, e as medidas tomadas para o erradicar nunca foram suficientes. Iniciaram eles sistematicamente a colaboração e/ou direcção de periódicos. AO *Panorama* e à *Revista Universal Lisbonense* se associaram uma plêiade de seguidores, os notáveis de então. E estes, dos menos aos mais conhecidos de ambos os sexos, passaram a exercitar a sua arte, sem peias, em muitas outras publicações, pelo país fora; uma grande conquista destes autores.

Garrett e Herculano tinham como missão instruir e atingir um público cada vez mais alargado. Conseguiram o segundo objectivo com muito êxito em *O Panorama*. Comprova-o, por exemplo, o substancial aumento de leitores e leitoras nos 5.000 exemplares vendidos, em 1837.

Muitos consideram e, com razão, o periodismo uma verdadeira revolução. Na verdade, distinta é não só a novidade da utilização da imprensa periódica, mas também as questões veiculadas. Deste modo, Garrett e Herculano introduzem e vulgarizam múltiplos temas como os ligados à educação; à história, ciência, arte, agricultura, de entre tantas outras áreas. Também os textos de ficção dos autores consagrados, alguns inéditos, passaram a surgir, pela primeira vez, nos periódicos.

Para além das muitas dívidas àqueles escritores temos ainda de mencionar o facto de se dever a Garrett a publicação de um periódico feminino, em 1822. Mas não nos podemos também esquecer das nossas Setecentistas. Não se intimidando com nada e adaptando-se facilmente aos novos tempos deram elas, logo no início de Oitocentos, o seu contributo em muitas dessas folhas, primeiramente só de direcção masculina. Paralelamente continuavam a dirigir os seus salões literários, a escrever os seus livros

ou a traduzir. Todas estas posturas femininas motivaram muitas; e muitas lhes seguiram este caminho. Podemos conhecê-las na imprensa periódica do século XIX feminina ou masculina e também nos gráficos realizados especialmente para este Encontro.

À laia de resumo podemos dizer que os três gráficos abaixo colocados nos dão imediatamente uma visão das oscilações do movimento do periodismo feminino português de 1807 e 1890; as barras cinzentas indicam o nascimento de periódicos no ano referido e a barra laranja a indicação numérica dos cargos ocupados pelo sexo feminino. Como se pode ver há um grande hiato, no início do século, de 1807 a 1821, e de 1824 a 1835 saindo apenas 5 periódicos. Mas de 1836 a 1849 aparecerão mais do dobro: 12. Só no ano de 1836 vieram a lume 5. A partir do meio do século até 1870 contabilizámos 17, mas o do último ano é um almanaque. Este número crescente tem que ver com o maior número de mulheres a colaborar na imprensa periódica e de diversas maneiras o que não aconteceu de 1871 a 1876, apesar de já estarem bem à vontade neste empreendimento. Nas duas últimas décadas contabilizámos 27 periódicos.

Apesar de não termos quantificado as colaboradoras num gráfico, tarefa que exigia outro tratamento informático, podemos assegurar, pelos milhares de textos consultados, existirem elas às centenas. Começaram a exercitar as suas penas na imprensa periódica masculina para depois transitarem para a feminina. Não sabemos se estas primeiras colaboradoras serão, de facto, transgressoras, pois fazem-no a convite dos intelectuais amigos, retribuindo, afinal, as invitações para os seus salões. Posteriormente, foram, de facto, infractoras.

Sabemos, a este propósito, das ideias conservadoras do jovem Garrett e de muitos outros a este propósito, pois, no princípio do século, defendiam para as mulheres os velhos tradicionais papéis femininos e estas ideias iam ganhando força, o que não era nada difícil, como se pode constatar nos artigos da imprensa. Será que a ausência de periódicos femininos entre 1824 e 1835 reflecte também isso? Certo é duas mulheres contrariarem esta corrente ao assumirem cargos “masculinos” nas publicações de 1836 como veremos adiante. Uma delas dirige-a durante muito tempo e com eficácia e sucesso, colocando um forte alicerce na história do periodismo feminino, apesar de uma nova irregularidade na curva do gráfico até 1849 como já se referiu.

A partir daqui e até 1869, os periódicos proliferaram com muito sucesso e com gente muito ousada para logo decrescerem na década de 70, principalmente nos 6 primeiros anos, aquando da erupção da Geração de 70. Concluindo diremos que, se o início do século foi parco em publicações femininas, na década de 70 também o foi, apesar de haver mais uma; só gradou um almanaque feminino, o de Guiomar Torrezão, em 1870. Isso coincide com a repressão, hegemonia e hostilidade da Geração de 70 contra as intelectuais, mas não só; afinal, contra quem a ela se opusesse.

Até ao final de 1890 há um tímido ressurgir dos periódicos femininos para um aumento significativo como pode ser observado nos gráficos abaixo colocados.



Figura 1. Gráfico acerca da presença feminina em periódicos e almanaques nos anos de 1807 a 1839. (não contando com as colaboradoras.)

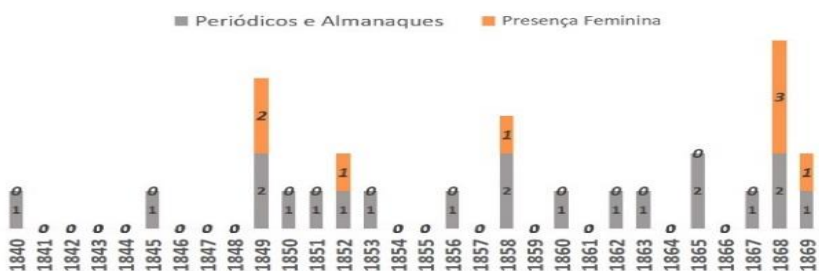


Figura 1. Gráfico acerca da presença feminina em periódicos e almanaques nos anos de 1807 a 1839. (não contando com as colaboradoras.)

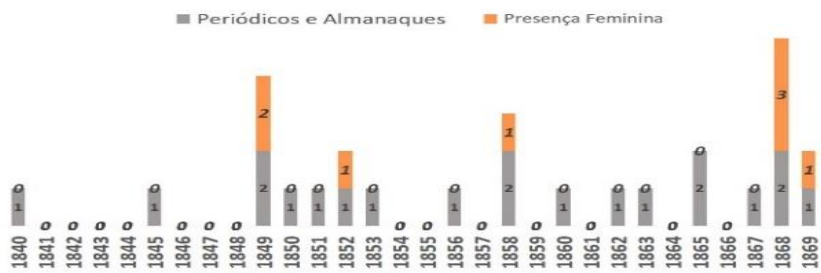


Figura 2. Gráfico acerca da presença feminina em periódicos e almanaques durante as décadas de 1840 a 1860. (não contando com as colaboradoras.)

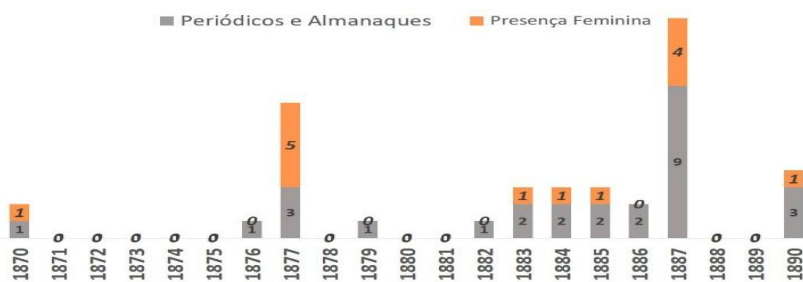


Figura 3. Gráfico acerca da presença feminina em periódicos e almanaques nos anos de 1870 a 1890 (não contando com as colaboradoras)

Mais um outro gráfico, abaixo, dá conta do comportamento modelar das periodistas de 1807 a 1890, pois conseguiram igualar-se nas funções e cargos ao outro sexo apesar das muitas dificuldades existentes. Podemos observar todas as funções por elas exercidas e, apesar de serem todas muito importantes, as de proprietária e directora eram de maior responsabilidade e poder. Na verdade, não foi fácil a conquista destas funções por mor da mentalidade vigente. Tudo era transgressão nesta época e é necessário ter sempre isso presente.

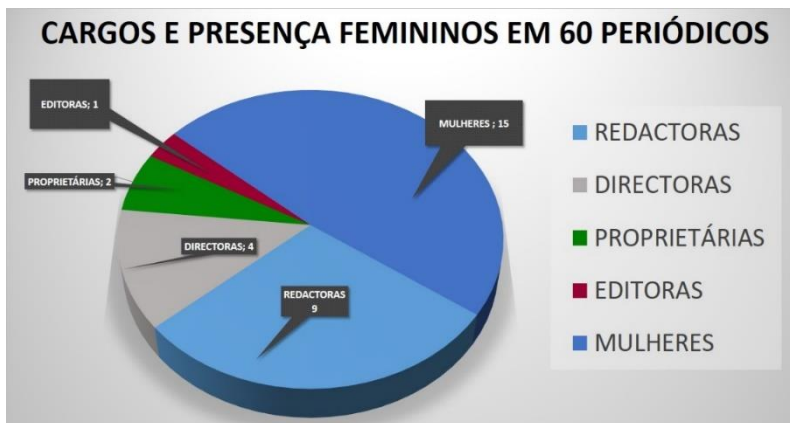


Figura 4. Gráfico acerca dos cargos e da presença das mulheres em periódicos e almanaques.

Por questões de espaço não podemos mostrar todos os gráficos e esquemas que fizemos especialmente para este nosso Encontro e nos quais identificámos os periódicos, datas e local de procedência, seu nascimento e morte; seus directores/as e redactores/as; respectivas intervenientes, suas ocupações e a sua expansão por Portugal e outros países.

Fica clara a múltipla actividade das mulheres na imprensa periódica feminina de 1807 e 1890. Privilegiámos o *Correio das Modas* (1807) por ser o 1º periódico dedicado ao sexo feminino e com responsabilidade masculina. Folheámos os seus cinco números com figurinos e “secções recreativas” e ficámos elucidados quanto ao tipo de mulheres que abarcariam.

E se nesta publicação não há colaboração feminina ela aparecerá, na imprensa masculina, umas vezes com pseudónimos, não sendo o caso da *Exortação às Nobres e Ilustres Damas Lisbonenses e Brasilienses e ao Sexo Feminino de Todas as Classes manifestando o seu patriotismo*, em 1809, da autoria de Dona F. J. R. e S., facilmente descodificável, na sociedade de então. Outras deixam o seu nome gravado para memória futura, como é o caso da notável Mariana Maldonado ao identificar as suas poesias no *Investigador Portuguez*, no *Jornal Poetico*, em 1812, e no *Portuguez Constitucional*, em 1820. Dedicou ainda uma ode a Gomes Freire de Andrade aquando da sua morte. Outro caso é o da não menos insigne Viscondessa de Balsemão que deixa um Soneto assinado ... *Pela Feliz aclamação de sua Majestade ...* no dia 4 de Julho de 1823,

em livro. A partir de 1835, Maria José Canuto ou “Por uma Lisbonense”² (Cruz, 2017) fez sair um soneto em *A Guarda Avançada* (61) para logo, em 1836, publicar em *O Procurador dos Povos* e *O Democrata*. Não mais pararia.

Passados 15 anos do aparecimento do *Correio das Modas* surgem duas publicações, em 1822, a *Gazeta das Damas* e *O Toucador*, deveras importantes por serem como que o prenúncio das ideias antagónicas deste século. A primeira, célebre folha, sem política, como insistem os seus fundadores, Garrett e Luís Midosi, seguem uma visão conservadora do papel da mulher, remetendo-a para o próprio toucador como o título indicia. As rubricas “Bailes”, “Jogo”, “Modas”, “Namoro”, “Passeios” e “Teatro” encaminham-nas para as actividades mundanas, para as rendas e fatos e embelezamento, qual ornamento de salões, objectos de luxo; mulheres ociosas. Ignora Garrett as cultas setecentistas com quem conviveu e ainda convivia, aliás a quem tanto devia a nível intelectual como é o caso da Marquesa de Alorna.... Mas o seu livro sobre a Educação e também as cartas à sua filha não deixam qualquer dúvida sobre o seu lado conservador aqui expresso ao de leve.

Esta folha sem qualquer colaboração feminina rivaliza neste e, em muitos outros aspectos, com a *Gazeta das Damas*, 1822, apesar de também ter uma facção mais conservadora. Proclama-se ser “um periódico com política” para instrução das “tão benévolas leitoras dos negócios políticos.” As mulheres surgem como comentadoras e também como críticas do *status quo* existente, algo de inédito a nível público. Insurgem-se contra a prepotência intelectual masculina, contra a misoginia e defendem a igualdade das capacidades intelectuais de ambos os sexos apresentando inteligentes argumentos. Chamam a atenção às suas conterrâneas para estes aspectos. Aconselham ainda as do seu sexo a estudar e a pensar reclamando os benefícios e não os perigos da instrução como lhes era transmitido, mote este amplamente glosado em todo o século, por ser grande preocupação e objeto de luta dos e das liberais. A instrução, estavam elas conscientes, permitiria outros avanços e horizontes.

²Informação retirada do livro de Eduardo da Cruz. *Maria José da Silva Canuto 1812-1890, Estudo e Antologia, Coleção Senhoras do Almanaque*, (dir.) Isabel Cruz Lousada e Vânia Pinheiro Chaves. Lisboa: CLEPUL, CICS.NOVA, Biblioteca Nacional de Portugal, 2017.

Expõem também estas colaboradoras preocupações sociais para com as pensionistas, um grupo deveras desprotegido, ao longo dos tempos, e intercedem a seu favor tal como Antónia Pusich o fará na década de 50 nas Cortes, hoje Assembleia da República. Passado um ano nascerão mais dois periódicos: o *Diálogo das Duas Velhas* e *O Periódico das Damas*, ambos da responsabilidade masculina, mas o último com colaboração do outro sexo. Em 1836, o gráfico surpreende-nos com a quantidade de periódicos vinda a lume (5) e mais ainda com a qualidade e a novidade de 2 deles que serão, provavelmente, responsáveis por alterações significativas na imprensa periódica feminina. Até finais da década de 60 assistiremos a um grande empenhamento das mulheres na imprensa periódica e a grandes mudanças num crescer até 1870. Apesar dos condicionalismos existentes muitos intelectuais as aceitaram e elogiaram. Vemos, assim, nascer, em 1836, a *Abeille* de Catherine de Andrada e *As Tardes de Verão ou o Divertimento das Damas*. O relevo do segundo deve-se ao facto de ter sido o primeiro periódico a ser dirigido por uma senhora, garantia de Silva Pereira, em 1883, em *A Mulher*. A Directora de *As Tardes* mostra inédita coragem, em 1836, e determinação com o seu procedimento. Apenas tivemos acesso a um número onde se manifestam os objectivos da publicação e mais nada há a assinalar. O mesmo se não pode dizer da *Abeille*.

Depois das muitas colaborações pontuais do sexo feminino surge-nos, durante quatro anos (1836; 1840-1843) este periódico feminino, em língua francesa dirigido, na sombra, por Catarina Douthat de Andrada e com a sua participação. Apesar do seu marido, Francisco de Andrada se arrogar como Director da *Abeille* certo é a sociedade portuguesa saber ser o cargo desempenhado por sua mulher quando ele, por graves motivos políticos, se ausentava do país por longos períodos. É a primeira vez que uma mulher assume empreendimentos novos de tal envergadura, exigentes e diferentes dos usuais para o sexo feminino e, durante tantos anos, assistindo, mesmo ao lado, ao fenecimento de periódicos dos seus colegas, logo ao primeiro número. Na verdade, desde a primeira hora, ela levou a cabo as diversas tarefas a que uma publicação obriga e com muito profissionalismo e sucesso. As responsabilidades assumidas com o periódico, com o público e as matérias introduzidas valeram-lhe os maiores encómos de colegas do ofício, de entre os quais os do *Correio de Lisboa* e da *Revista Universal Lisbonense*, sem nos esquecermos, a outro nível, de outros prestigiados intelectuais

como Garrett e Silvestre Pinheiro, que também a encomiaram, promovendo-a na área da docência. Ciente dos perigos de todos estes louvores públicos a ela atribuídos no *Correio de Lisboa* escreve estrategicamente o seguinte:

Sr. Redactor: Acabo de ver, no seu estimável jornal de hoje, um artigo que diz respeito ao jornal francês — *A Abeille* — muito lisonjeiro, por certo; mas a menção que aí faz do meu nome paralisa-me infinito; porque não pode uma senhora ver o público ocupar-se dela, e menos a ausência do marido. Ainda que verdadeiramente grata pelo interesse que V. mostra pela *Abelha*, peço-lhe se sirva de inserir sem falta, na sua folha de amanhã (20-10-1841) esta minha carta (ANDRADA, 1841: 175).

Mais explica não ter sido, a seu pedido, a inclusão do seu nome. No entanto, os redactores que sobre ela escreveram legitimaram a justiça das aferições feitas. O marido excluído não gostou dos enaltecimentos e resgata o seu nome como director da publicação. De pouco lhe valeu, pois todos o sabiam ausente. O grande sucesso na demonstração de atributos em que se igualava ao outro sexo nos aspectos intelectuais foi estrategicamente gerido por ela face às reacções negativas do consorte conservador e violento. Mas o ambiente estava propício à afirmação do sexo feminino e, talvez, por isso, também se tenha assumido, em 1842, como directora de pleno direito da publicação. É nesta data que agradece ao público todo o apoio extraordinário que recebeu recolhendo os louros do seu trabalho.

Mostra inaudito denodo ao transgredir os convencionais papéis femininos e procedendo como se não houvesse áreas privilegiadas de actuação continuando o posicionamento das suas antecessoras. Não se deixando condicionar e intimidar pela opressão do marido, soube gerir estrategicamente os *timings* da sua actuação, algo comum a muitas. Outras lhe seguiriam os passos.

Catherine introduziu nas páginas da *Abeille* artigos ou excertos de livros inabituais, desconhecidos do grande público, em Portugal, e este também foi um acto arrojado, pois alguns deles não eram textos de mero entretenimento, mas muito de reflexão sobre as mulheres e provocatórios por negarem as opiniões do outro sexo. Deu cautelosamente visibilidade a algumas das matérias apresentadas oscilando entre posições progressistas e conservadoras. Os autores ou autoras, utilizando, por vezes, o anonimato como convinha, reflectiam sobre a condição do sexo feminino; sobre uma

novíssima história das mulheres, nem estandardizada, nem homogênea, nem falocrata, mas por elas pensada e redigida. A autora com grande lucidez equaciona o modo como esta devia ser pensada e escrita pois devia ter-se em conta a influência da educação, dos costumes, dos comportamentos, entre outros dados. E embora sintetizada, ela está cheia de reflexões que apontam para problemas acerca da condição das mulheres que viriam, mais tarde, a ser discutidos à exaustão. Veja-se a pertinência disto. Podemos ainda ler, no artigo “De la condition sociale des femmes au dix-neuvième siècle”, o percurso das setecentistas mostrando-se também a redactora ciente da situação e das obras saídas no estrangeiro, assim como das posições das mais esclarecidas. É importante referir como o casamento e a instrução aqui tratados serão também temas glosados, na imprensa periódica feminina, ao longo de todo o século, e de maneira detalhada. Ela adverte as leitoras que a instrução as livraria de muitos problemas, inclusive de casamentos desastrosos, que, como sabemos, era o dela. De facto, estas questões são o prenúncio de batalhas futuras ligadas também à emancipação, ideia referida nesta revista, outro *leit-motiv* deste século.

Num outro artigo, intitulado “Les femmes d’esprit et les femmes savantes”, alude às bem-sucedidas intelectualmente como Madame de Stäel, Madame de Sévigné, Madame Dudeffant, entre tantas, e sublinha que, para além de uma vida de estudo e reflexão, discutiam em público múltiplas questões como o outro sexo. Estas transgressões coabitam no periódico com as ideias conservadoras do género das defendidas por Garrett sobre a exclusividade das funções de mãe, esposa e dona de casa, ideologia que regressará em força com os seguidores de Proudhon: com a Geração de 70. Mas, por enquanto, vivia-se uma época de aceitação de diversas ideias e posições. Catherine, por precaução, inclui vozes das mais progressistas: “A mulher é livre! Nem o seu corpo nem a sua alma estão carregados de nenhuma peia, sujeitos a nenhuma dependência! [...] Livre diante de Deus, diante dos homens, diante da lei” (*Abeille*, 1836: 501) encaminhando-as, logo de seguida, para casa. Mas os procedimentos de Catarina são o oposto disto, pois assume as funções da *Abeille*, primeiramente na invisibilidade. Não fez mais do que propagandear os dotes intelectuais das mulheres, elevando a publicação a outro patamar. Cortou a ideia estereotipada e sexista de que os periódicos femininos deveriam ser preenchidos com futilidades pelas matérias introduzidas oscilando entre posições progressistas e conservadoras, provavelmente adequando-se

aos tempos em que vivia. Para ela os periódicos são porta-voz de multifacetadas ideias e também actualizam as leitoras sobre estas questões.

Esta francesa será, para além do mais, responsável por uma grande viragem na imprensa periódica feminina pelos cargos que assumiu corajosa e abertamente. Foi um exemplo a seguir. A sua publicação com uma longevidade invejável terminou por questões financeiras.

Mencionámos, no nosso Encontro, o *Correio das Damas* (1836-1846; 1849-1852), dirigido pelo sexo masculino durante 13 anos, e o *Beija-Flor* (1838-1842), ambos com colaboração feminina, e no ano do primeiro periódico referido aparece também *O Mundo as Avestas* (1849), na continuação do espírito de Catarina de Andrada, mas à laia de uma brincadeira. Sonham as colaboradoras com o exercício do poder feminino. Para tal invertem completamente a ordem de tudo, e tudo é permitido graças ao uso de pseudónimos.

As intervenções femininas vão-se diversificando muito nas diferentes publicações sendo algumas ousadas para a época. Se as colaboradoras de *O Mundo às Avestas* precisaram daqueles subterfúgios para se expressar livremente, o mesmo não acontecerá com Antónia Pusich (1805-1883). Esta encara a igualdade com naturalidade e frontalidade e assume tudo indiferente a qualquer contrariedade ou oposição. Inaugura uma nova era na continuação do trabalho e caminho da francesa, sua antecessora e amiga. Pusich dedicou-se à literatura — escreveu romances, poesias e peças de teatro — e deixou importante legado cultural.³ Foi pianista e compositora, em suma, mulher de talentos múltiplos e de força inabalável. Consciente do seu valor e do seu papel na sociedade, afirma-se sem peias sem nunca desistir de nada. Parece ter pertencido à Primeira Loja Maçónica Portuguesa Feminina.

Para além disso, responsabiliza-se, entre 1849 e 1859, por três periódicos: *A Assembleia Literária* (1849-51); *A Beneficência* (1852-55) e *A Cruzada* (1858-59). Será proprietária deles, mais outra grande inovação e conquista, tendo assim o poder de decisão sobre os seus textos, as suas folhas e colaboradores; exerceu simultaneamente os cargos de redactora, directora e colaboradora. Muito elogiada pelos da sua época, tal

³ O último texto conhecido até agora, *Homenagem a Luiz de Camões*, 1880.

como Catarina, foram os seus textos e as suas atitudes ora apreciadas, ora rejeitados pelos mais conservadores.

Considerada a primeira jornalista portuguesa, leva muito a sério este seu ministério, que encara como missão. Assume com responsabilidade este seu cargo perante os leitores. Identifica-se sempre, manifesta a sua opinião sobre qualquer assunto, menoscabando as discriminações existentes face às mulheres. Mais afirmativa publicamente do que as antecedentes, continua o caminho da igualdade e da visibilidade das do seu sexo, mas de forma mais agressiva. Domina o espaço da imprensa com nobres empreendimentos, como o da instrução dos e das mais desfavorecidos. Ligada ao grupo de Castilho, grande promotor da vida intelectual das mulheres e do voto para estas, tinha por meta, seguindo este mestre, a irradiação do analfabetismo, projecto que levou muito a sério com Maria José Canuto e Catarina de Andrada, entre tantas fazendo um notável trabalho.

Com tais objectivos, ela e os seus colaboradores de ambos os sexos tratarão destas questões. Lutam contra os progenitores que proíbem a alfabetização das filhas por considerarem ser um acto perigoso e danoso; pugnam contra a falta de escolas e de docentes em todo o país. Analisam a situação e a docência em colégios, asilos ou ensino público, estudando cada um dos casos e demorando-se nos *curricula* dos professores, nas disciplinas a estudar e a mudar. Lastima ela as péssimas condições de trabalho dos docentes, a falta de qualificação de alguns e os magérrimos honorários. Apresenta soluções para reverter tudo isto. Queixa-se ainda da má gestão de verbas que prejudica sempre os mais desfavorecidos e apresenta diversas soluções.

Para o cumprimento desta cruzada segue, divulga, elogia e aconselha o *Método Repentino de Leitura* de Castilho para educação de todas as classes, principalmente das menos favorecidas. Encomia a corajosa opção de Maria José Canuto pela metodologia referida, pois arriscava o seu lugar de professora e o seu sustento. Apesar de ter elevado apreço pelo Mestre, Pusich é tão honesta, imparcial, independente e corajosa que lhe critica alguns aspectos do *Método* na sua publicação, fundamentando e esclarecendo sempre logicamente a sua atitude. E, responsável como a conhecemos, assina o artigo.

As transgressões não se ficam por aqui. Muito sensível à injustiça social atreve-se a denunciar, nas suas folhas, as irregularidades e falta de transparência nas instituições públicas de que conhecia os podres, como a corrupção do Conservatório mostrando as

contas irregulares e acusando os seus administradores. Fez também das suas páginas um local de acusação destas anomalias pois incomodavam-na. Nada lhe escapa.

A sua vertente social é ampla e está presente em todas as revistas. É, por isso, gratificante ver a sua solidariedade relativamente ao enxame de crianças pedintes e abandonadas à sua sorte, em Lisboa; às irmãs de caridade expulsas dos conventos, por ordem dos liberais, para quem, na sua publicação, pede auxílio monetário para além de expor a situação miserável delas. Na mesma condição de pobreza estava a sua amiga Catarina de Andrada. Para ela faz festas para angariação de fundos.

A jornalista defende ainda, sem tréguas, a restituição das pensões, em atraso, às pensionistas órfãs e viúvas na indigência. Reclama os seus direitos. Fá-lo, nas Cortes, hoje denominada Assembleia da República, num local destinado ao público feminino, *A Galeria das Senhoras*, pressionando diariamente os deputados com a sua presença e a do seu grupo. Posteriormente envia um Requerimento para a solução do problema. Age como uma cidadã de hoje com os mesmos direitos do outro sexo reivindicando tudo a que tinha direito; algo de inabitual, de excêntrico. E como desfecho, são humilhadas por certos deputados. Pusich defende-se no opúsculo *A Galeria das senhoras na Câmara dos Senhores Deputados ou as minhas Observações*, publicado em 1848. Encara o poder instituído com grande coragem e frontalidade; não se intimida com nada, nem se subalterniza ao outro sexo. No seu texto denuncia e avalia desapiedadamente a atividade dos Deputados; ridiculariza-os e descredibiliza as reuniões na Assembleia da República e muito do que lá se passava. Insurge-se com veemência contra um sistema político e social que discriminava as mulheres; que permitia, nas próprias Cortes, o exercício da calúnia com juízos ofensivos para a honra e dignidade delas quando elas lutavam pelos seus direitos. E, à falta de punições, identifica ainda os caluniadores daqueles actos indignos reveladores de uma desmedida prepotência e incivilidade pouco próprias de quem exercia cargos máximos da nação. Enfrenta os difamadores inteligentemente com a sua pena, afinal, na época, as armas do outro sexo. Guerra moral, guerra de comportamentos e de sexos, cada vez mais comum neste século.

Com certas acções e posições, das mais às menos radicais, Pusich e as suas colegas de ofício conseguiram impor-se junto dos mais conservadores dizendo, de múltiplas maneiras, que “existiam” e tinham um modo próprio de pensar; deram visibilidade aos seus pensamentos e acções. Dominou este espírito até ao final da década de 60, e isto

foi possível graças ao apoio de alguns desta geração como Alexandre Herculano e Castilho, de entre os muitos admiradores dos dois sexos, mas também devido a uma ímpar solidariedade entre as mulheres.

Estas continuaram a sua porfia em muitos periódicos como *A Ilustração Feminina* de 1868, um dos nove vindos a lume, na década de 60, e dos quais seleccionámos apenas três. Esta *Ilustração...*, para além das já habituais lutas pela igualdade, trata de matérias novéis e inabituais como a divulgação de uma associação feminina e a pugna de uma classe sem privilégios. O elenco feminino não é identificado na sua redacção. Ainda neste ano surge o primeiro jornal feminista português *A Voz Feminina* (1868-1869), seguindo-se *O Progresso* (1869), continuação do primeiro e com o mesmo cariz, da responsabilidade do casal Wood, Francisca e William. O primeiro teve uma vida atribulada a começar pela recusa de colaboração de algumas das notáveis como Maria Amália Vaz de Carvalho e Amélia Janny por não se identificarem com as ideias destas progressistas e, por certo, com receio de perder privilégios, isto é, a posição no grupo intelectual a que pertenciam. De facto, os Wood e algumas das colaboradoras serão ainda mais ousados, mordazes, e contundentes do que Pusich. Mas é preciso ter em conta ser já outra época, passados mais de 20 anos dos periódicos desta tão afoita jornalista. Os Wood traziam outros conhecimentos e experiências recentes de Inglaterra, onde tinham vivido e contactado com intelectuais progressistas. Sem complexos e numa posição de igualdade para com os parceiros do outro sexo, qual Pusich, voltam a dissecar juntamente com as colaboradoras a situação do atraso das portuguesas e, como ela, comparam instrução, hábitos e costumes de outros países em múltiplos aspectos; defendem a diminuição do elevado analfabetismo; batalham pela instrução de todas as gerações independentemente da idade e do sexo. Pugnam pela igualdade do ensino, por idênticas disciplinas para os dois sexos de modo a obter resultados equivalentes; desmistificam todas as desigualdades existentes entre os sexos e reivindicam a igualdade. Apontam, com muita objectividade, por vezes, de maneira crua os impedimentos concretos ao progresso intelectual feminino, criticando a educação doméstica e ridicularizando as fúteis como Pusich e muitas o fizeram.

Apresentam diversos projectos e soluções e pedem o parecer, no jornal, do público leitor: dialogam como Pusich e outras o tinham feito. Para além disso, querendo pôr o público a par destas ideias e movimentos modernos, incluíram debates, notícias e

opiniões, cartas; discussões e testemunhos internacionais sobre múltiplos aspectos vedados ao sexo feminino como a emancipação e a condição das mulheres. Muito do material é oriundo de França, Estados Unidos e Inglaterra como os textos de Stuart Mill, Lemonier, Jules Terry, Marie Goegg, Hugo, Léon Richer, André Leo, entre tantos, dando conta das actividades destes. Difundem as discussões e iniciativas a nível internacional sobre o direito ao voto. William Wood, qual Castilho, quis levar ao Parlamento uma petição para obter o sufrágio feminino, mas as diligências foram infrutíferas, pois nem os estrangeiros aderiram.

De facto, Francisca Wood e as colaboradoras exorbitaram todas as competências atribuídas ao outro sexo com muito sucesso pessoal, mas nem a população nem a maior parte dos intelectuais estavam preparados para a mudança. Ainda receavam o exercício intelectual da igualdade e a maneira desabrida e desafiadora dos Wood foi pouco eficaz.

O final da década de 60 representa um momento de viragem muito peculiar pois assistimos, cada vez mais, ao avanço e afirmação da progressista Geração de 70. Ela defende e difunde com grande hostilidade um ultraconservadorismo face ao sexo feminino. O gráfico é explícito como já vimos. Os Eças, Ramalhos e outros quejandos desta Geração, ao contrário da anterior, enviaram, à exaustão, as mulheres para casa para tratar exclusivamente da família e das tarefas domésticas, fazendo jus ao seu mentor, Proudhon. Inverteram sistematicamente tudo o que os e as progressistas tinham defendido e afirmado a nível da emancipação, da igualdade, da educação e instrução femininas. Aproveitam todas as folhas para as guerrear e ridicularizar de modo misógino, mas muito lúdico, captando, assim, a atenção do público e inviabilizando ou contendo qualquer outro avanço intelectual feminino. E eles impuseram-se de tal forma em toda a imprensa e fora dela que, durante anos, os periódicos femininos ou escassearam ou não nasceram. Assim se votaram os veiculadores do progresso ao ostracismo, sendo completamente ridicularizados e passando à invisibilidade. É o caso dos Wood e de tantos, resgatados no século XX, mas não o de Maria Amália Vaz de Carvalho, por todos venerada e com inaudita visibilidade. Aliada da Geração de 70 segue escrupulosamente todas as directivas deles. Talvez pela adesão a esta missão, a esta cruzada, a esta ideologia contra o progresso intelectual feminino defendido por muitas outras colegas, teve a oportunidade de escrever livremente nos periódicos e publicar quantos livros quis; uma excelente estratégia. Mas, diga-se, em abono da objectividade

e da verdade: pensava e escrevia bem, era boa psicóloga e aproveitou e valorizou de forma magistral a história ancestral das “fragilidades femininas” para remeter as jovens aos tradicionais papéis femininos. Valia a pena desenvolver esta questão dada a importância da sua influência e intervenção na sociedade portuguesa, mas esta não é a ocasião de o fazer.

Perante esta tão negativa conjuntura, a única publicação a vir a público e apenas anualmente foi o *Almanaque das Senhoras*, propriedade de Guiomar Torrezão, 1870-1928.⁴

O facto de ter tanto poder como proprietária, editora, directora e colaboradora, reunia todos os poderes de decisão no seu almanaque sobre editores, colaboradores, tipógrafos; sobre o formato da publicação, as litografias, os textos; sobre os locais de venda, não só em Portugal Continental, mas também nas Ilhas, Angola, Brasil, Inglaterra, Espanha, mas além-fronteiras e de modo tão provocatório irritou, por certo, e muito, os seus opositores, a Geração de 70. Nada pior para eles do que um testemunho vivo de tudo o que rejeitavam.

Graças a uma tão alargada distribuição por tantos locais temos ao dispor uma panóplia de textos de portugueses, brasileiros e africanos, sendo muitos os colaboradores dos dois sexos, ao longo de 28 anos. Com uma iniciativa ímpar e assaz corajosa promove não só o *Almanaque*, mas também a sua imagem através da divulgação de textos laudatórios recebidos de colaboradores de renome. Não se coibiu de pedir participação a um dos adversários, Oliveira Martins. Este responde-lhe, em 1885, que apesar de a aceitar como intelectual, uma excepção, não deixa de resumir perentoriamente o papel que o sexo feminino deveria ter: “de um modo sumário [...] o seu destino comum [...] é cozinhar bem a panela a seus maridos, saberem lavar os filhos e remendar-lhes os calções” (MARTINS, 1885: 216). A panela e a agulha em vez da pena. Mas foi a primeira a imperar nesta publicação feminina contrariando esta geração.

Guiomar transgride como sempre fez no passado, num longo percurso de colaboração em muitos periódicos, inclusive nos de Francisca Wood, para além de ter

⁴Guiomar Torrezão estreia-se como autora, em 1869, com o romance *Uma alma de mulher*, primeiramente publicado em folhetim em 1868, no jornal feminista *A Voz Feminina*. Livro de novelas e contos intitulados *Rosas Pálidas* (1872). Um romance histórico *A família Albergaria* (1874), *Meteoros* (1875), contos e crónicas. *No teatro e na sala* (1881.); *Idílio à inglesa* (1886); *As batalhas da vida* (1892).

sido Directora e Redactora de muitos. Terá várias polémicas, uma delas com Ramalho Ortigão nestes tempos difíceis, de guerra. Lutará pela igualdade intelectual e pelos direitos das mulheres.

Da década de 80 apenas referiremos uma outra publicação, *A Mulher*, saída semanalmente, e logo no início, em 1883-1885, intitulada com os seus 103 números. Nada faria prever o arrojo da leiriense Elisa Curado que, em tempos ainda difíceis, assume a direcção da sua folha lutando desta maneira contra a maré de conservadorismo existente. Elisa faz com os textos, aqui inseridos, um compromisso entre a vertente conservadora e progressista. E se nos seus artigos defende o papel de mãe, certo é também pugnar pela instrução das do seu sexo. A revista apresenta um leque muito variado de autores, alguns estrangeiros, outros portugueses e também de matérias que pretendem ser de carácter enciclopédico.

Mas a reivindicação básica desse jornal continua a ser a instrução e a educação femininas, na sequência das suas antecessoras, criticando os mesmos aspectos, e acusando o outro sexo do estado em que as mulheres estavam, como já tinha sido feito. Recorda e critica o papel das mulheres como musas inspiradoras, divas, criaturas passivas, portanto, espectadoras de tudo o que as rodeiam. Mas a parte mais interessante é a referente às crónicas que defendem a igualdade civil e política que inclui o voto, manifestando-se os seus autores e autoras contra a opressão. Ficamos ainda a par dos mais recentes livros, periódicos, notícias, eventos, personalidades que se distinguiram a favor da emancipação das mulheres. Escolhe as personalidades mais conhecidas como Marie Deraismes, M. Godin, Victor Hugo, Léon Richer, George Sand, Hubertine Auclert,...⁵ Difunde conhecimentos, dá conselhos. Fica-se a par dos movimentos internacionais sobre a paridade. Na verdade, Elisa Curado, nesta época, deseja que as mulheres evoluam e saiam da letargia em que estavam, tal como as anteriores colegas. O objectivo é o mesmo de há décadas: consciencializar as mulheres dos seus direitos e despertá-las para a luta.

⁵ Estamos presentemente a trabalhar para publicação esta faceta progressista internacional representada por diversas mulheres e homens; movimentos, factos, notícias. etc. que se encontra em *A Mulher* de Elisa Curado.

Mostra como é possível progredirem e ocuparem os mesmos lugares políticos, profissionais e intelectuais que certos homens têm há séculos. Mas precisam de se instruir, de trabalhar muito e ter muita coragem para enfrentar todas as dificuldades.

CONCLUSÃO

A imprensa periódica, qual rede social ou *internet* de hoje, valiosa e imprescindível aliada das mulheres, foi um fenómeno importantíssimo por lhes abrir uma infinidade de possibilidades em áreas desconhecidas e proibidas. Acercou classes, anulou a distância geográfica, permitindo um riquíssimo intercâmbio cultural e ideológico e, neste caso, o exercício de todas as funções nos periódicos, das mais simples como as de colaboradoras, por sinal, às centenas, às mais complexas como proprietárias, editoras, directoras e redactoras, assumindo todos os cargos do outro sexo. Transgrediram o único género literário consentido, a poesia, e renegando as proibições existentes experimentaram todos os outros. Quiseram vulgarizar na imprensa periódica a instrução para o sexo feminino de qualquer idade; e todos os outros actos ligados ao pensamento.

Na verdade, muitas das Oitocentistas portuguesas, na continuação das suas antecessoras, perceberam imediatamente o alcance deste eficaz meio de comunicação, deste poderoso aliado. Entenderam que podiam combater o isolamento intelectual e a invisibilidade a que estiveram votadas durante séculos, saindo elas e os seus textos, as suas acções da esfera do privado. Divulgaram publicamente a nível nacional e internacional, nas publicações periódicas femininas ou não, as suas ideias e opiniões; difundiram infinitas questões e temas, até então proscritos, afinal todos e ainda puderam influenciar o público leitor de ambos os sexos. Lutaram por uma nova condição feminina, pela igualdade, por novas formas de luta e de solidariedade, congregando-se em movimentos de defesa dos direitos das mulheres ou o oposto. O intercâmbio entre vários países foi uma estratégia fundamental.

De facto, muitas mulheres mostraram não mais querer estar presas à imagem conservadora para elas criada, a de musas passivas e inspiradoras; inverteram-na e mostraram-no ao longo do século. Sempre houve conservadoras, mas, curiosamente,

depois de 1870 assistimos, por parte de algumas, à defesa da subalternidade para as suas conterrâneas, mas não para elas.

Os fluxos progressistas existiram paralelamente aos dos conservadores na imprensa periódica, e ambos com múltiplas variantes de acordo com as circunstâncias, as personalidades e os grupos ideológicos dominantes; ora imperando uns ora outros, ora os dois em simultâneo, mas evidentemente com visibilidade diferente. Fizeram-se diversos caminhos ora no sentido das ideias de D. Francisco Manuel de Melo ora no de Stuart Mill, estabelecendo-se a base de um pré-feminismo assumido, preparando o feminismo de novecentos.

Depois de algumas tentativas isoladas de afirmação das progressistas na imprensa periódica feminina, logo em 1822, salta uma ousada voz, a de Catherine de Andrada, 1836, seguida por muitas outras, assaz poderosas e afirmativas, formando um grande e decisivo coro até ao final do século; este nunca mais pararia de aumentar e de bradar as letras da mudança, da igualdade, de forma sistemática; repetiria os benefícios da transformação para todas e todos, mesmo a meia-voz, quando a isso foi obrigado, na década de 70, pela Geração que pontificava na altura. Mas na década seguinte retomariam a voz para nunca mais parar. E essa é uma das grandes diferenças dos séculos anteriores, não a luta de uma pessoa isolada, mas de muitas e com visibilidade e força; uma fantástica *sisterhood* presente, em todo o lado; uma presença que se impôs.

Fica muito por dizer desta longa e complexa história feita de múltiplas histórias de retrocessos e avanços, mas certo é as progressistas terem construído uma consistente história; as sucessoras não o desmentiram.

Bibliografia

- Andrada, Catarina de. 1841. Correspondência extraída de *O Correio de Lisboa*. *O Correio das Damas*, ano 4, n. 22, p. 175.
- Cruz, Eduardo da. *Maria José da Silva Canuto 1812-1890*. 2017. Estudo e Antologia, Coleção Senhoras do Almanaque, (dir.) Isabel Cruz Lousada e Vânia Pinheiro Chaves. Lisboa: CLEPUL; CICS.NOVA; Biblioteca Nacional de Portugal.

- Leal, Ivone. 1992. *Um século de periódicos femininos: arrolamento de periódicos entre 1807 e 1926*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.
- Lopes, Ana Maria Costa. 2005. Apêndice, Fontes. In: *Imagens da mulher na imprensa feminina de Oitocentos, Percursos de modernidade*. Lisboa: Quimera, pp. 673-674.
- Lopes, Ana Maria Costa. 2018. «Tendências progressistas e conservadoras na imprensa Periódica Feminina Portuguesa de Oitocentos». In Simões, Álvaro S. Jr., Ana Costa Lopes, Mussolini, Dayane (Orgs.) *Miscelânea, Revista de Literatura e Vida Social*. Assis: Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, v. 24, Dez. pp. 27-49.
- De la condition des femmes au dix-neuvième siècle. L'Abeille*. 1841. n. 11, p. 501.

NOTA BIOGRÁFICA

Ana Costa Lopes tem o Mestrado em Estudos Luso-Asiáticos (Variante Literatura), Universidade de Macau, 1994. É doutorada em Língua e Cultura Portuguesas pela Universidade Católica Portuguesa, Lisboa. É investigadora do CECC- Centro Estudos e Comunicação e Cultura, do CEPCEP - Centro dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa e foi incluída num Projecto do ICS sobre as Associações femininas em Portugal e um outro no CEPCEP sobre Elisa Curado, uma escritora e jornalista dos século XIX-XX.

RESUMO

A imprensa periódica feminina do século XIX foi, em Portugal, palco da luta pela afirmação das mulheres contra a desigualdade de género e contra a discriminação. Pugnaram as oitocentistas contra tabus e preconceitos de ambos os sexos que impediam a igualdade de direitos civis e políticos, as diversas “emancipações”, a paridade na instrução e o exercício de uma profissão. Ao contrário destas, outras colaboradoras defenderam posições conservadoras. Este artigo pretende mostrar aspectos do diálogo entre estas duas tendências, privilegiando a primeira.

PALAVRAS-CHAVE:

Imprensa Periódica Feminina; Progressistas e Conservadoras

ABSTRACT

The nineteenth-century women's periodical press was in Portugal the scene of the struggle for the affirmation of women against gender inequality and against discrimination. These women fought against taboos and prejudices of both sexes that prevented equal civil and political rights; the various “emancipations” parity in the

education and practice a profession. Contrary to these, other contributors defended conservative positions. This communication intends to show aspects of the dialogue between these two tendencies, favoring the first.

KEY-WORDS:

Women's Press; Progressive and Conservative Women

VIAGENS EM CASA.
PERCURSOS CONTEMPORÂNEOS

Marília dos Santos Lopes
Universidade Católica Portuguesa

In memoriam
Maria Laura Bettencourt Pires¹

Em 2001, num artigo sobre “*Viagens na nossa terra*”. *Construções de identidade nacional e definições de portugalidade na narrativa não-ficcional portuguesa contemporânea*, a investigadora e docente universitária, Jacinta Maria Matos, apurava que:

Se assim entendermos a literatura de viagens, como assumindo uma viagem literal (e não simplesmente metafórica) e como tendo necessariamente de incluir um olhar (antes de mais físico e não puramente reflexivo) sobre a realidade na sua existência material, imediatamente teremos de reduzir a muito poucas as obras que cabem nesta definição genológica. (Matos, 2001: 474)

Poucos eram, segundo a autora, os relatos baseados em viagens realizadas em Portugal. Na verdade, e sabendo de uma tradição modelar iniciada com as *Viagens na minha Terra*, surpreendia o facto de as narrativas de viagens em terras portuguesas não se refletirem nos volumes editados nos inícios de um novo século. Talvez a razão de tal facto, e tendo em consideração o ensaísta Eduardo Lourenço no seu *Labirinto da Saudade* se devesse a:

Que o português médio conhece mal a sua terra – inclusive aquela que habita e tem por sua bem sentido próprio – é um facto que releva de um mais genérico comportamento nacional, o de viver mais a sua existência do que compreendê-la. (Lourenço, 1978: 55)

¹Este texto surgiu de um desafio lançado pela Professora Doutora Maria Laura Bettencourt Pires, para proferir uma conferência no âmbito da *Fullbright Association*. A comunicação teve lugar no dia 8 de abril de 2022. Infelizmente, já doente não pode estar presente, mas ainda viu o vídeo como amável e generosamente me partilhou. Com grande gratidão e amizade decidi concluir e publicar a comunicação em sua homenagem com saudades de uma colega e amiga singular, estimada e querida, de quem sentimos muita falta.

Se estes argumentos podem ter algum fundamento, o certo é que as obras referenciadas pela autora, em especial duas delas, se viriam a tornar um marco determinante na escrita de viagens sobre Portugal e poucos anos depois um novo ciclo de publicações viria a lume, dando vivacidade e brilho a este género histórico-literário.

A primeira destas obras nasceu de um convite endereçado pela editora Círculo dos Leitores ao escritor José Saramago que, aceitando o desafio, iria percorrer o país de norte a sul, nos anos de 1979-1980. Dando especial relevância a lugares menos conhecidos e menos percorridos, José Saramago iria reconhecer um país e, em especial, um povo que o faria reencontrar-se entre as histórias, as caminhadas, o património visto e sentido, como irá formular na apresentação do livro. Com a plena percepção de que a viagem é uma viagem em torno da sua cultura e identidade, o escritor afirma: “O viajante viajou no seu país. Isto significa que viajou por dentro de si, pela cultura que o formou e o está formando (...)” (Saramago, 1986: 20). A viagem física entrecruza-se com a viagem cultural de um povo, onde emergem permanentes encontros com individualidades, legados, histórias, objetos, em suma, com os seus vestígios, o seu património. Assim, naturalmente, muitas serão as referências literárias, em busca de uma possível intertextualidade e desejada confrontação de olhares. Neste sentido, irá prestar homenagem, entre outros, a Almeida Garrett, iniciador deste género literário, chamando-o mestre dos caminhos na dedicatória que lhe dirige logo no início do livro.

A outra obra mencionada é o resultado do trabalho de uma equipa interdisciplinar, o que, à partida, se reveste de grande significado. Os autores são o reconhecido historiador José Mattoso, a geógrafa Suzanne Daveau, que fez de Portugal a sua casa, e o fotógrafo Duarte Belo. Tornando-se público no âmbito da Expo 98, este livro deveria apresentar Portugal aos portugueses, e a quem o visitasse, na sua história e geografia, cabendo à fotografia dar visibilidade e contorno ao percurso histórico-cultural português. Já o título *Portugal: Sabor da Terra* espelha um programa ilustrativo e formativo do seus intentos e ensinamentos.

Estas obras marcaram indelevelmente os inícios do século XX e nunca deixaram de ter uma forte presença até à atualidade, como teremos oportunidade de ver.

Depois de alguns anos, será o jornalista e escritor Paulo Moura quem irá deixar um testemunho sobre viagens em Portugal. Em 2007, com *Longe do mar*, uma viagem pela estrada nacional 2 e, em 2016, virá a lume, *Extremo Ocidental*. Ambos os livros realçam o seu grande gosto em contar histórias, percorrendo assim quilómetro a quilómetro à procura de histórias originais e, muitas vezes, insólitas. *Extremo Ocidental*, deixando soar heranças, será considerado um livro singular, como, aliás, a própria viagem realizada de mota ao longo do litoral português. Distinguido pela Associação Portuguesa de Escritores, esta obra é vista como uma redescoberta do país junto ao litoral, e são-lhe reconhecidas características singulares e sobriedade encantatória na sua escrita.

A editora considera o livro "uma colecção de achados de viagem" que "[...] pode ser lido como um guia das praias e dos caminhos, um diário de aventura, ou um ensaio sobre a identidade portuguesa". Não será, pois, de admirar que, no ano de 2018, lhe seja atribuído o Prémio de Literatura de Viagens Maria Ondina Braga.

Quatro anos mais tarde, em 2019, o nome do já reconhecido escritor, Afonso Reis Cabral, associar-se-á aos escritos sobre viagens em Portugal. Desta vez a opção é inovadora: o viajante irá fazer 738 quilómetros a pé e partilhar em tempo real este seu caminho. Já outros o teriam antecedido, como, Nuno Ferreira que, em 2008, palmilhara Portugal a pé, sonho que o acompanhava nos seus vinte anos de jornalismo e que se expressaria em *Portugal de Perto*, obra que Reis Cabral menciona. Não obstante não seja o primeiro a fazê-lo a pé, o facto de procurar companhia através dos novos media, fará desta viagem um sucesso mediático.

Percorrendo a estrada nacional nº 2, de Chaves a Faro, Afonso Reis Cabral escolhe o caminho mais longo para chegar ao mar. Em sintonia com Herman Melville (1819-1891) na busca de nova vitalidade junto à água, Reis Cabral recorda como no capítulo denominado Miragens, da obra *Moby Dick*, a população nova-iorquina se dirige para perto da água em busca da vida: "À volta da cidade, pelas ruas que levam ao oceano, centenas de homens mortais fixam a água. Procuram um reflexo, olham mais para dentro do que para fora, em busca do fantasma da água." (Cabral, 2019: 9). Também o viajante vai em busca da água, do mar.

Mas aquela que foi uma opção particular e individual, possivelmente também de olhar para dentro, tornar-se-á uma viagem de amplo impacto, quase um acontecimento nacional, dado que a irá relatar todos os dias na sua página do Facebook. Já antes da partida, o caminhante anuncia oficialmente a viagem, a fim de não ter desculpas em relação a este projeto arrojado e desafiante para quem nunca fez caminhadas.

Só esperava não ficar pelo caminho, o que era bem possível, embora um bom falhanço também fosse uma coisa boa; (...) para o conter, propus-me publicar um diário do caminho (Cabral, 2019: 21).

Assim, de 22 de abril a 15 de maio de 2019, durante 24 dias, Afonso Reis Cabral irá percorrer “ [...] onze distritos, trinta e cinco concelhos, onze cidades, dezenas de aldeias e localidades, várias serras e muitos rios” (Cabral, 2019: 10) numa descoberta de uma via de ligação que, em prol das autoestradas, perdeu o seu lugar entre as principais vias de deslocação.

Maravilhado pela viagem, pelas paisagens, mas, em especial, com as pessoas que encontra e que o apoiam e ajudam a gerir dificuldades e obstáculos de um caminhante de longo curso, Afonso Reis Cabral irá percorrer os 738 km com milhões de seguidores que o incentivam, socorrem e acompanham, juntamente com aqueles que conhece, com ou sem Facebook, durante a sua viagem. A sua jornada revela-se um fenómeno mediático, pois a presença dos media se irá fazer em tempo real, transformando permanentemente a experiência do caminhante ao longo da sua rota, como Arjun Appadurai notificara no seu livro *Modernity at large: cultural dimensions of globalization* (1996).

Num mundo dependente da tecnologia, qualquer ato cultural terá sempre mediações e implicações mediáticas e digitais, pois, como escreve o antropólogo, são os media eletrónicos que determinam cada momento, o “aqui e agora”, numa permanente e duradoura alteração das rotinas e praticas diárias, e mais da perceção e conceptualização do dia-a-dia. A presença do digital irá, sobremaneira, transformar a experiência do estar fora, modificando o contacto verbal e visual com os que ficaram em casa, que agora se mantem persistente e ininterrupto.

O relato de caminho de Afonso Reis Cabral irá, neste sentido, ser partilhado diariamente e assim todos podem seguir, acompanhar, intervir na programação dos seus dias,

cabendo aos seus seguidores e acompanhantes muito do seu planeamento e quotidiano. São palavras de encorajamento, ofertas de almoços, promessas de guarida e muito outros gestos de solidariedade, apoio, entreaajuda, convívio, incentivo que se podem encontrar nos infindáveis comentários escritos na sua página de Facebook.

Revelador é que a escrita encontra aqui também o seu lugar, estabelecendo um diálogo diário e familiar com o seu leitor. “Que belo texto” e “Que bom é ler a primeira página deste diário de bordo.” (Cabral, 2019: 31). “Que bom ler-te” (Cabral, 2019: 63) são alguns dos comentários. A escrita, como meio de comunicação, transpusera-se de uma experiência individual para uma identificação coletiva, pois a leitura fará com que os leitores se sintam em viagem, bem ao sabor da escrita de viagens: “Tenho acompanhado a sua viagem e também eu tenho viajado com os seus textos [...] todos nós viajamos consigo.” (Cabral, 2019: 83).

Outros partilham, desde já, as saudades que irão ter da leitura assídua e interpeladora, que dá ritmo ao dia e, ao mesmo tempo, à vida. O gosto da partilha, do saborear de experiências são parte integrante do diálogo. Este *feedback* irá acalentar as, cada vez mais, reduzidas forças, feridas e magoadas, pela dureza do caminho e o caminhante encontra nestes amigos um motivo para caminhar e alcançar o seu propósito. Acalentado, o caminhante irá conseguir chegar ao fim da sua meta. Apesar das dores, bolhas, e outras mazelas físicas, o calor humano, a partilha e a solidariedade terão grande peso no rumo a percorrer. Ao longo do texto sente-se permanentemente a interferência, em tempo real, das reações, das observações de pessoas que estão a acompanhar e a seguir este seu percurso.

Assim, conta episódios como o do iogurte pelo qual ficara conhecido:

Fui buscar um iogurte líquido e a mulher da caixa não mo vendeu porque só vendiam o pacote de seis. Incapaz de levar os seis, fui-me embora. [...] Quinhentos metros depois, um carro acelerou na minha direção, apitou, o vidro desceu. Era uma senhora que assistira à cena do supermercado. Uma senhora com um iogurte na mão. [...] Mal acabei de o beber, outro carro com outra senhora trouxe-me outro iogurte. [...] Qual inveja das quatro patas do burro - estas pessoas é que são invejáveis. (Cabral, 2019: 27).

Mas muitos outros se poderiam aludir. Esta estreita e quase íntima relação que estabelece com os seus leitores e seguidores, virá a conhecer, mais tarde, uma versão

em papel, o *Leva-me contigo*, um feliz e apropriado título para a viagem de Afonso Reis Cabral, mas também para o que está em causa e caracteriza a escrita de viagens, versão esta em que se editam também vários comentários do Facebook inaugurando uma relação dialogante entre o texto e os respetivos comentários. Surgirá, ainda, um documentário cuja feitura se deve aos pequenos vídeos que o escritor executou ao longo da sua viagem, tendo assim, através destas duas linguagens e formatos, chegado aqueles que não se tinham dado conta da sua viagem em tempo real.

Assim, e se a narrativa de Afonso Reis Cabral comunga com a escrita de viagens, a noção permanente de descoberta e de estar a construir uma nova geografia do olhar, o seu olhar particular, o certo é que a partilha e comunhão sempre almejada pelo narrador de viagens que interpela permanentemente o seu leitor, bem visível desde as *Viagens na minha Terra*, Reis Cabral transforma este ato já ao longo da sua viagem num diálogo real e duradouro.

Paralelamente à viagem enriquecedora e surpreendente que o autor irá experienciar:

Naveguei neste grande rio que desce Portugal, vendo na sua água de asfalto o que nunca tinha visto, encontrando quem nunca tinha encontrado. Comi banquetes de iogurtes. Dormi sozinho em albergues que guardavam a memória de peregrinos e caminhantes. Acordei em camas alheias no cume de serras. Visitei olarias onde a forma do barro revelava a forma da mão. Aprendi a ser bicho da chuva e do sol. Soube andar quando só era possível descansar e descansar quando só era possível andar. (Cabral, 2019: 163).

Surgir-lhe-á o inesperado, o insólito e o excepcional:

Mas sobretudo espantei-me: a estrada foi mesmo um rio que me levou às margens de novas pessoas, novas histórias. Também me espantei com o entusiasmo por este diário do caminho, dentro e fora do Facebook. E com tanto apoio. O que agora escrevo já estava escrito em forma de saudade antes de chegar ao marco simbólico dos 738 quilómetros (Cabral, 2019: 163).

Eis o espanto, fonte inesgotável da escrita de viagens (Lopes, 2021), que leva Reis Cabral ao encontro de novas pessoas, novas histórias, do entusiasmo partilhado dentro e fora do Facebook. Afonso Reis Cabral não estava à espera de poder contar com muitos seguidores, como se pode ler num dos comentários no Facebook: “[...] muitos leitores deste lado. Vamos consigo” (Cabral, 2019: 143).

Nesta comunhão real e literária, a viagem, entendida como solitária, tornar-se-á uma viagem de grande partilha, também nos media. Esta a novidade que o caminhante, Afonso Reis Cabral, introduz no seu relato de viagem: levar a escrita de viagens a ganhar seguidores, a dar outros passos, a ocupar outros espaços.

Neste sentido, e como se pode ler no comentário do escritor Mário Cláudio:

Textos assim, indiferentes ao suporte, confortam-nos na certeza do futuro da escrita PORTUGUESA. Os antigos, cansados de tanto “escritório”, dormem muito melhor depois de os lerem (Cabral, 2019: 49).

Reis Cabral representa a renovação da escrita de viagens, e em particular, da escrita de viagens sobre Portugal. Na verdade, poder-se-á constatar que alguns jovens vão, precisamente, utilizar os novos media para conhecer, refletir e dar a conhecer Portugal. Apenas dois exemplos.

O primeiro de João Kopke que já, entre 2017-2019, tinha produzido alguns documentários, com a cooperação da TAP, intitulados *Riding Portugal*. Na sua página *online* poder-se-á ler:

Portugal é um país onde mito e história vivem lado a lado. As suas pessoas são únicas, as suas comidas as melhores do mundo e podemos visitar culturas totalmente diferentes percorrendo poucos quilómetros. É um pedaço de terra mágico. E, claro, Portugal são ondas incríveis. O RIDING PORTUGAL é isso mesmo – uma procura por surf que pretende descobrir o que está escondido no caminho para tubos e aéreos. Quem vamos conhecer? O que vamos ver? O que podemos provar e viver? Nesta missão por ondas, o que mais vamos encontrar? Vem descobrir os caminhos por onde nos pode levar uma prancha de surf. (Kopke, 2017-2019)

Com este seu interesse e paixão pelo surf, Kopke não deixa, contudo, de ir mais longe e sempre em cada episódio contar histórias, aspetos, temas que possam melhor dar a conhecer a perceber a cultura portuguesa. Assim, em 2020, e a braços com a pandemia, Kopke realiza uma outra viagem por Portugal, desta vez, de bicicleta que apresenta segundo o mote de “Viver coisas novas” no seu blog:

Quase sempre é o meu objetivo quando olho para um pedaço de tempo que a vida me dá.

Normalmente, o Verão quer dizer isso mesmo – só que em lugares distantes. Mas acontece que este ano, os lugares distantes estavam vedados por um vírus que ameaçou a forma como todos aproveitamos o tempo.

No começo, foi um problema. Dos grandes. O meu próprio modo de estar no mundo (isto de contar histórias) estava em risco. Mas, depois, foi uma oportunidade. A de me obrigar a pensar em como fazer algo novo no meu país que já vou conhecendo. E Portugal, de Norte a Sul numa bicicleta, à procura de ondas e de histórias pareceu-me precisamente isso – um desafio imenso e novo. (Kopke, 2020)

Reconhecido este período como uma oportunidade: a de o obrigar a pensar de modo original sobre Portugal. Nasce, pois, a ideia de percorrer de modo mais próximo, mais particular, o país de Norte a Sul, numa bicicleta, também ele, à procura de ondas e de histórias. Daqui irão surgir 7 interpeladores episódios sobre Portugal.

Também recorrendo à mesma opção de realizar uma viagem de bicicleta por Portugal, Luís Simões irá pedalar, mas também, desenhar Portugal. No ano de 2021 e, durante 113 dias, Luís Simões vai percorrer o país e dar conta dos seus percursos e desenhos na revista *Fugas* do jornal Público, uma revista dedicada precisamente a viagens. Assim, e como se apresenta: “Vê tudo em papel e é assim que vai ver Portugal”. Ao contar as suas histórias em textos e desenhos, o seu olhar por Portugal projeta-se pelas páginas do jornal, quer impresso, quer *online*, aliciando quem o quiser seguir nesta redescoberta afetiva e visual do seu país.

Estes são dois exemplos, por um lado, da vontade de fazer viagens em casa nestes últimos anos, por outro lado, do desejo de inovar essa leitura e mediação com novas abordagens, na sua maioria, recorrendo ao mundo digital para dar maior visibilidade à viagem e aos suportes daí resultantes, qualquer o formato que tiverem.

A terminar, dois caminhantes cujo trabalho já é conhecido e reconhecido. Trata-se, por um lado, de Gonçalo Cadilhe, um nome largamente associado à escrita de viagens contemporânea, uma vez que tem viajado pelo mundo e tem deixado registo do seu viajar, tendo contribuído sobremaneira para uma maior presença e visibilidade da escrita de viagens. (Lopes, 2018)

Muitos são, pois, os títulos que Gonçalo Cadilhe editou sobre as suas viagens, mais de uma dezena e meia, mas aquele que importa aqui referenciar, é o seu último livro publicado em 2020, e que trata de uma viagem que fez em terras portuguesas. Uma das vertentes e características da escrita de viagens deste viajante, tem a ver com um grupo de viagens que o viajante já levou a cabo na sequência de viagens anteriormente

realizadas por outros viajantes. Ou seja, Gonçalo Cadilhe vai nas pegadas, ou nos passos, como o próprio denomina, de outros viajantes, como já fez, por exemplo, com Fernão Mendes Pinto, ou também de Fernão Magalhães. Ora, neste caso, o viajante irá, no centenário do nascimento de Santo António primeiro seguir a rota de Santo António de Lisboa até à Itália, passando pelo Norte de África, e posteriormente, no relato que importa aqui referir ele irá fazer aquela que provavelmente terá sido a sua primeira viagem: a caminhada de Lisboa a Coimbra, onde irá estudar. Na sequência de *Nos passos de Santo António*, Cadilhe vai consequentemente fazer esta viagem a pé entre Lisboa e Coimbra, deixando um testemunho em livro intitulado *Por este Reino acima* que num possível jogo de palavras e ideias, faz recordar o álbum de Fausto *Por este Rio acima*, alusivo às viagens de Fernão Mendes Pinto, entrecruzando de novo estes primeiros viajantes portugueses.

Por este Reino acima conta histórias e peripécias de um percurso a dois tempos, a dois registos, pois ao mesmo tempo que vai narrando as suas impressões e observações, o viajante vai procurando imaginar o que o jovem, então chamado Fernando, ainda monge agostinho, pensaria ao percorrer este percurso entre Lisboa e Coimbra num tempo diferente e num ambiente diverso - uma característica muito particular de seu viajar, a de seguir nas pegadas, nos passos de outros viajantes num cruzar de tempos, de heranças e legados, mas também de mudanças e mutações.

Por fim, e como a que fechar um inusitado ciclo, reaparece um dos autores com que iniciamos esta viagem, mormente, Duarte Belo. Neste Viagens em casa, gostaríamos de aludir a uma viagem, e publicação, mormente a Duarte Belo e o seu *Caminhar Obliquo*.

Já nos tínhamos cruzado com o seu trabalho de fotografia, em *Portugal: Sabor da Terra*, mas agora e apesar de a fotografia ser um decisivo e importante motivo para as suas viagens, o certo é que o fotógrafo vai dando lugar ao viajante, e fundamentalmente, ao escritor. Desde 1997 que o fotógrafo Duarte Belo não deixou de percorrer o país sempre com a câmara fotográfica na mão e sempre, através dela, a deixar retratos inesquecíveis de diferentes tempos em diferentes espaços. Este gosto pela paisagem leva-o a percorrer inúmeras vezes o país à procura dos seus contornos e traços, ou ainda à procura daqueles que souberam tornar em saber as suas digressões por estas terras, como foi o caso do geógrafo Orlando Ribeiro, a quem Duarte Belo já dedicou vários

trabalhos e viagens.² Este gosto vai-se espraçando, para além das fotografias, em textos, inicialmente breves, mas a caminhada vai exigir cada vez mais um apontamento escrito, a memória cuidada e anotada de um registo e assento do seu caminhar, em especial, como afirma:

Há também um certo gosto pelos caminhos que nunca ninguém terá feito de um determinado modo, longe dos trilhos turísticos, das instituições de massas, longe de qualquer olhar, apenas como desejo de silêncio para melhor escutar a voz da terra. (Belo, 2020).

Longe dos trilhos turísticos, das instituições de massas, longe de qualquer olhar, ele busca o silêncio para melhor escutar a voz da terra. Assim, ao longo de duas semanas a caminhar pelo país, numa rota particular, que vai de entre o Penedo Durão, perto de Freixo de Espada à Cinta ao Cabo da Roca, uma rota em que se pode reconhecer a rota traçada por Orlando Ribeiro entre o Portugal Mediterrâneo e o Portugal Atlântico. O seu objetivo foi atravessar a longa diagonal montanhosa do centro de Portugal que divide o Portugal Atlântico, a norte, daquele outro meio país, a sul, sob influência climática da bacia do Mediterrâneo. Percorrer essa linha imaginária que, de forma indelével, distingue duas realidades que se entrecruzam num território relativamente pequeno, mas de extraordinária diversidade paisagística. Sozinho e sem telemóvel, que levou, mas não usa, só para as vezes enviar uma mensagem a tranquilizar a família, ele procura percorrer a geografia da nação, diligência estar numa simples comunhão com a natureza. Assim, como diz: “Este é o relato sumário dessa travessia, da sempre procurada, na terra, reinvenção, redescoberta, de um país” (Belo, 2020: 9) e no final afirma:

Transformei-me em alguém que lê a terra como uma sucessão de dias e noites no ininterrupto caminhar, na procura de água, de alimento, de um ponto de equilíbrio, de uma pacificação. (Belo, 2020: 248)

Sabemos, que os seus interesses pelas viagens se prendem muito com um desejo forte de mapeamento fotográfico do espaço português e a construção de artefactos de comunicação, como sejam livros, exposições, ou textos que reflitam esse movimento

² Em obras como Belo, Duarte. 1999. Orlando Ribeiro: seguido de uma viagem breve à Serra da Estrela: suivi d'une visite à Serra da Estrela. Lisboa: Assírio & Alvim ou Belo, Duarte. 2012. Portugal, luz e sombra: o país depois de Orlando Ribeiro. Lisboa: Temas e Debates.

sobre a terra. As viagens que faz são, sobretudo, viagens de conhecimento dos lugares, da relação das pessoas com os espaços que as envolvem, com a natureza, geológica e biológica, mais do que lúdica.

A viagem será de uma especial dureza e solidão. “Há uma beleza dura na caminhada” (Belo, 2020: 249), pelo que nem toda a gente estaria disposta a abdicar de um quotidiano mais ou menos previsível, para se lançar sobre as cumeeiras do centro de Portugal, sem qualquer apoio, e passar os dias a caminhar com uma mochila pesada, a comer pouco, algumas vezes com sede, muitas noites mal dormidas, enfim, privações de vária ordem. Também porque viajar sozinho é, sobretudo, a vivência de uma grande liberdade e autonomia. Há também a questão de poder ficar o tempo que bem desejar em qualquer lugar sem ter ninguém à espera que termine o registo do troço de um rio, ou a cumeeira de uma montanha, uma aldeia, o conjunto de alguns bairros de uma grande cidade.

Em toda a caminhada, a escrita ganha um lugar particular e impõe-se como fio condutor do visto, sentido, vivenciado. A escrita como um meio, um instrumento essencial da viagem, faz parte integrante do caminhar e da descoberta e redescoberta do país e, automática e involuntariamente, do olhar do seu observador. Nada poderá ser esquecido. O registo minucioso e detalhado tem este papel de apreender e arquivar a memória de uns dias, singulares e únicos, numa comunhão entre natureza e caminhante.

No final do ano de 2021, e no centenário de José Saramago, veio a lume uma nova edição da obra *Viagem a Portugal* de José Saramago, edição esta com fotografias de Duarte Belo. Eis o reencontro de dois autores com forte marca e presença na escrita de viagens a Portugal, que se entrecruzam nesta publicação. Em 2021, o panorama editorial projeta-se assaz diferente do de há vinte anos, em 2001, enunciando e expressando um irreconhecível regresso da escrita portuguesa de viagens sobre Portugal.

Neste retorno, poder-se-á constatar uma particularidade: o forte traço do caminhar e, por isso, do caminhante. Os últimos exemplos de escrita de viagens são, de facto, de autores que optaram por fazer a sua viagem a pé. Neste sentido, e recordando os mestres de caminho de que falava José Saramago em homenagem a Almeida Garrett,

estar-se-á presumivelmente em condições para poder reconhecer neles novos mestres do caminho que, recorrendo a outras tecnologias, a outras rotas, a outras reflexões e abordagens, visam, em múltiplas viagens, e através dos seus passos e olhares, dar a conhecer e a redescobrir o país percorrido: Portugal.

Bibliografia

- Appadurai, Arjun. 1996. *Modernity at large: cultural dimensions of globalization*. Minneapolis Minn.: University of Minnesota Press.
- Belo, Duarte. 1999. *Orlando Ribeiro: seguido de uma viagem breve à Serra da Estrela: suivi d'une visite à Serra da Estrela*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Belo, Duarte. 2012. *Portugal, luz e sombra: o país depois de Orlando Ribeiro*. Lisboa: Temas e Debates.
- Belo, Duarte. 2020. *Caminhar oblíquo*. Lisboa: Museu da Paisagem.
- Cabral, Afonso Reis Cabral. 2019. *Leva-me contigo. Portugal a pé pela Estrada Nacional 2*. Lisboa: D. Quixote.
- Cadilhe, Gonçalo. 2020. *Por este reino acima: No primeiro "trekking" da história de Portugal*. Lisboa: Clube do Autor.
- Ferreira, Nuno. 2014. *Portugal de perto*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Kopke, João. 2017-2019. *Riding Portugal*. <https://joaokopke.com/riding-portugal/> consultado a 17/9/2022.
- Kopke, João. 2020. *Viver coisas novas*. <https://joaokopke.com/de-norte-a-sal> consultado a 17/9/2022
- Leal, Maria Luísa. 1999. "«Viaje a Portugal»: os passos do viajante". In: *Colóquio Letras*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, n.151/152, p. 191-204. <https://coloquio.gulbenkian.pt/cat/sirius.exe/issueContentDisplay?n=151&p=191&o=p>
- Lopes, Marília dos Santos. 2021. *Andar, ver e escrever: narrativas de viagem-narrativas em viagem: À Volta da Viagem*. Lopes, Marília dos Santos & Santos, Luísa (eds.). Lisboa: Stolen Books, pp. 12-29.
- Lopes, Marília dos Santos. 2018. *Do diário de bordo à ciberliteratura de viagens*, in: *Património Cultural e Transformação Cultural*. Ilharco, Fernando, Hanenberg, Peter & Lopes, Marília dos Santos (eds.). Lisboa: Universidade Católica Editora, pp. 43-60.
- Lourenço, Eduardo. 1978. *O labirinto da Saudade: psicanálise mítica do destino português*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Matos, Jacinta Maria. 2001. "«Viagens na nossa terra»: construções de identidade nacional e definições de portugalidade na narrativa não-ficcional portuguesa contemporânea". In: *Ramalho, Maria Irene e Ribeiro, António Sousa (Orgs.). Entre*

Ser e Estar: raízes, percursos e discursos de identidade. Porto: Edições Afrontamento, pp. 473-502.

Mattoso, José, Suzanne Daveau e Duarte Belo. 1997. Portugal - o sabor da terra. Lisboa: Pavilhão Portugal-Círculo de Leitores.

Moura, Paulo. 2013. Longe do mar: uma viagem pela Estrada Nacional 2. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Moura, Paulo. 2016. Extremo ocidental: uma viagem de moto pela costa portuguesa, de Caminha a Monte Gordo. Amadora: Elsinore.

Onfray, Michel. 2009. Teoria da Viagem. Trad. Sandra Silva. Lisboa: Quetzal.

Saramago, José. 1981. Viagem a Portugal. Lisboa: Círculo de Leitores.

NOTA BIOGRÁFICA

Marília dos Santos Lopes é doutorada em História pela Universidade de Bamberg, Alemanha. De 1986 a 1995 foi colaboradora e bolseira de investigação no Instituto de História Moderna da Universidade de Bamberg, de 1997 a 2001 membro da Direção da Faculdade de Letras da UCP, e até 2006 coordenadora da área de História na Faculdade de Letras da UCP, em Viseu. Atualmente é Professora Associada com agregação da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa em Lisboa e investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC). Entre 2014 e 2017 foi Senior Fellow na Herzog August Bibliothek em Wolfenbüttel, Alemanha. Realizou e publicou, em Portugal e no estrangeiro, vários livros e artigos como bolseira do DAAD (Deutscher Akademischer Austauschdienst), ICALP, Günther-Findel-Stiftung (Wolfenbüttel), Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e DFG (Deutsche Forschungsgemeinschaft).

RESUMO

Nos últimos anos assiste-se a um regresso da Literatura de Viagens, cuja temática aborda narrativas com pano de fundo em Portugal segundo novos paradigmas do viajar. *Viagens em casa. Percursos contemporâneos* procura, por conseguinte, percorrer obras editadas nestas duas últimas décadas, salientando temas, propósitos, ou ainda a recorrente presença e visibilidade no mundo digital.

PALAVRAS-CHAVE:

Literatura de viagens, Portugal, caminhar a pé, transformação digital

ABSTRACT

In recent years we have witnessed the return of Travel Literature, which deals with narratives set in Portugal against a backdrop of new paradigms of travel. *Viagens em casa. Percursos contemporâneos* seeks, therefore, to go through works published in these last two decades, highlighting themes, purposes, or even the recurring presence and visibility in the digital world.

KEYWORDS:

Travel literature, Portugal, walking, digital transformation

A APLICAÇÃO DA JUSTIÇA AO LONGO DA HISTÓRIA

BREVE APONTAMENTO

Aurora Martins Madaleno
Universidade Católica Portuguesa

I - Em Israel

Em Israel havia três tipos de tribunais: o real, o religioso e o civil.

No Tribunal real o rei era o Juiz supremo que julgava as causas mais graves e actuava como tribunal de 2.^a instância.

O civil e o religioso andavam de mãos dadas. O Sinédrio era um tribunal misto de religioso e civil. Se presidia o sumo sacerdote, o assunto era religioso. Se presidia o chefe da casa de Judá, era matéria civil, mas integrado por sacerdotes e membros civis.

Jesus foi julgado no tribunal religioso, por se ter feito Filho de Deus.

O tribunal era composto apenas por Juízes.

Todo o processo era oral e a prova era testemunhal.

II - Os Gregos

A Grécia tinha uma cultura avançada pelo que a justiça evoluiu muito.

Os tribunais (*dikasteria*) tinham poderes judiciais e políticos. Não havia separação de poderes. Os tribunais tratavam dos casos de justiça e as suas decisões também eram importantes no aspecto político.

Os Gregos tinham tribunal popular (Heliastas – davam sentenças ao sol) e Areópago que era o tribunal supremo. Havia ainda o *Palladion*, o *Delphinion* e o *Phreattús* mais rudimentar com o tribunal constituído pelo rei e pelos reis das tribos.

O Areópago era o mais alto tribunal na hierarquia de Atenas. Julgava os crimes de homicídio. As sentenças podiam ser a condenação à morte, o exílio e o confisco de bens.

Em Atenas, a Helieia (*Halia*) era um tribunal popular muito importante em que o povo se juntava à volta dos juízes que ouviam o acusador e o acusado, advogados, logógrafos e testemunhas e decidiam pronunciando-se a favor ou contra a acusação. O Tribunal era composto por membros escolhidos por sorteio.

As provas eram mais elaboradas que em Israel.

Apareceram os “Advogados” oradores que desenvolviam a arte de persuasão.

III - Os Romanos

Os Romanos eram mais práticos. Desenvolveram a justiça ao ponto de podermos dizer que os nossos tribunais são um legado seu, quer na composição, quer no modo de actuação.

A princípio, a *jurisdictio* era exercida pelos magistrados com *imperio* (rei, cônsules e ditadores). Com a expansão romana, os cônsules passaram a nomear pretores para os substituírem na administração da justiça. Assim, o *Pretor* passou a ser o magistrado que exercia as funções de Juiz, embora pudesse exercer também funções civis e militares. Houve, mesmo, necessidade de criar pretores para as várias províncias onde exerciam funções não só de Juiz mas também de comandante e de governador. Podemos dizer que, desde 366 a. C., o Pretor urbano era o especial responsável pela administração da justiça em Roma. A partir de 242 a. C., a afluência de povos estrangeiros a Roma levou à criação do chamado *praetor peregrinus* a quem passou a ser entregue a autoridade judicial sobre as questões entre Romanos e estrangeiros e destes entre si.

A princípio a administração da justiça era mais costumeira que jurídica ou constitucional. Os julgamentos eram feitos em lugares públicos e os juízes eram escolhidos pela vontade das partes, por sorteio ou por indicação do magistrado ou pretor. Com a introdução *legis actio*, são nomeados juízes com competência para julgarem as acções. No que respeita ao tribunal, diremos que entre os Romanos havia dois tipos de juízos: os privados e os públicos. Nos juízos privados, que existiam em Roma desde o século III, actuava um Juiz que era uma pessoa privada, escolhida por mútuo acordo ou por nomeação do Magistrado. Na justiça pública, numa fase posterior, a justiça passou a ser do Estado.

No processo havia a designação do Juiz, a exposição dos factos (*demonstratio*), o que se pretendia e pedia ao tribunal (*intentio*) e a sentença (*condemnatio*).

Foram os Romanos que criaram as excepções, as réplicas, as prescrições, o processo escrito, os recursos, apelações e muitos outros temas jurídicos.

S. Paulo como cidadão romano apelou para o imperador.

IV – Na época actual

Actualmente, há tribunais estaduais, tribunais canónicos, tribunais internacionais especiais, o Tribunal Internacional de Justiça, o Tribunal Penal Internacional, tribunais que têm por função resolver, imparcialmente, litígios ou conflitos que surjam entre os membros da mesma sociedade ou entre a sociedade e cada um dos seus membros.

O Juiz é o elemento fundamental do Tribunal, mas existe ainda o Ministério Público, que representa o Estado e defende os seus interesses assim como o das pessoas colectivas e o dos menores. A característica essencial do Tribunal e nomeadamente do Juiz é a independência.

Há o Tribunal Europeu dos Direitos do Homem, com sede em Estrasburgo, que é um tribunal internacional que interpreta a Convenção dos Direitos do Homem e ouve petições contra o Estado violador de direitos humanos.

O Tribunal de Justiça da União Europeia, com sede no Luxemburgo, é o órgão judicial da União. É composto por duas instâncias: o Tribunal de Justiça composto por um Juiz de cada Estado-Membro e 11 Advogados; o Tribunal Geral composto por um conjunto de Juízes dos Estados da UE, sendo dois Juízes por cada Estado-Membro.

Ao Tribunal de Justiça compete zelar pelo cumprimento do direito comunitário, na interpretação e aplicação dos tratados constitutivos. Na sua acção, o Tribunal é assistido por Advogados-gerais, que emitem conclusões.

O Tribunal de Justiça e o Tribunal de Primeira Instância proferem acórdãos, isto é, decisões que põem termo a um processo contencioso.

Os acórdãos do Tribunal de Justiça não são recorríveis. Os acórdãos do Tribunal de Primeira Instância são recorríveis para o Tribunal de Justiça.

O Parlamento Europeu, o Conselho, a Comissão ou um Estado-Membro podem solicitar o parecer do Tribunal de Justiça sobre a compatibilidade de um acordo entre a Comunidade e países terceiros ou organizações internacionais com as disposições do Tratado CE.

V – Em Portugal

Em Portugal, a justiça era dispensada pelo rei e pelos detentores do poder político, muitas vezes sem diferenciação de órgãos próprios especificamente destinados a tal tarefa. Localmente, a justiça era administrada por Juízes eleitos anualmente nos

municípios (os *Juízes ordinários*) ou designados pelo senhor da terra. Verificou-se uma luta constante da justiça real contra a justiça senhorial e popular. O rei procurava impor os *Juízes de fora*, a correição dos Juízes locais por Juízes reais, destes dependendo a fiscalização e a disciplina daqueles, e a reserva de causas ao Tribunal real. Consta que o rei D. Afonso II cobriu o território do Reino de Portugal de Juízes de nomeação régia, para que todos fossem sempre julgados por ele e por todos os seus sucessores, e que, desde o reinado de D. Afonso III, os Juízes de origem local foram substituídos por *Juízes de fora* ou *Juízes de fora parte*.

O certo é que houve paralelamente Juízes eleitos e Juízes de fora até à organização judiciária constante do Decreto n.º 24, de 1832, que dividiu o País em comarcas cada uma com um Juiz de direito. A justiça central era exercida pelo próprio rei ou pela cúria que o cercava. Havia o Tribunal da Corte, ou Tribunal da Casa do Rei, que acompanhava o Rei e a corte pelas suas digressões, e a Casa do Cível que se fixou em Lisboa.

Em 1521, o Tribunal da Corte dividiu-se em Desembargo do Paço e Casa da Suplicação. O Desembargo do Paço foi extinto por decreto de 3 de Agosto de 1833. Foi o antecedente do Supremo Tribunal de Justiça, instituído pelo Decreto n.º 24, de 16.4.1832, e posto a funcionar pelo decreto de 14.9.1833. Era composto por Juízes letrados, nomeados pelo rei, mediante proposta do Conselho de Estado. Desde a criação tem a sua sede em Lisboa e a sua jurisdição abrange todo o reino e dependências. Funciona em tribunal Pleno e por Secções. O Supremo Tribunal de Justiça é, fundamentalmente, um tribunal de revista que julga, em definitivo, a violação da lei substantiva. A Casa da Suplicação é o antecedente do Tribunal da Relação de Lisboa.

A Casa do Cível foi transferida para o Porto, tomando o nome de Casa do Porto e deu origem ao Tribunal da Relação do Porto. Em 1918, pelo Decreto n.º 2450, de 8 de Maio, foi criado o Tribunal da Relação de Coimbra. Em 1973, pelo Decreto-Lei n.º 202/73, de 4 de Maio, foi criado o Tribunal da Relação de Évora. Houve, também, Tribunal da Relação em Goa desde 1544, na Baía em 1609, no Rio de Janeiro em 1751, em Luanda e em Lourenço Marques.

Hoje, há em Portugal uma complicada máquina judicial. Há tribunais cíveis, penais e administrativos. Há tribunais de família, do comércio e do trabalho. Há tribunais de 1.ª, 2.ª e 3.ª instância. Há tribunais arbitrais, estes criados *ad hoc* para resolver certo litígio pelas partes, tribunais de pequena instância e julgados de paz.

Os tribunais superiores são o Supremo Tribunal de Justiça e o Supremo Tribunal Administrativo. Os Tribunais da Relação e os Tribunais Centrais Administrativos são tribunais de 2.ª instância.

Fora desta normal estrutura judicial existe ainda o Tribunal Constitucional, para julgar questões respeitantes à fiscalização da constitucionalidade das leis e da sua interpretação face à Constituição da República Portuguesa, e o Tribunal de Contas, para julgar as contas dos órgãos e instituições do Estado.

VI – Igreja Católica - Os Tribunais Eclesiásticos

Introdução

A Igreja como comunidade organizada (*societas*) sempre teve meios para a protecção e cumprimento das leis. Serviu-se do Direito Romano, Germânico e Feudal aos quais juntou elementos próprios.

Herdou o legado da justiça greco-romana. No início, não havia processo. O tribunal era a autoridade da Igreja. (Pedro condenou Ananias e Safira por mentirem ao Espírito Santo.) Depois, passou a seguir-se o processo Romano e o Germânico aos quais a Igreja junta as suas leis e instituições como, por exemplo, o procedimento secreto, o patrocínio gratuito, as provas periciais, etc.

Experiência única e muito rica foram as decisões conciliares e sinodais. Os grandes problemas (heresias, cismas, matérias disciplinares graves) eram decididos em conjunto pelos Bispos de uma região ou em Concílio Ecuménico. Lembremos, por exemplo, os célebres Concílios de Toledo da Península Ibérica onde os Bispos e príncipes decidiram sobre as mais diversas matérias do Reino Visigótico.

Desde o século V que os tribunais eclesiásticos detinham a prerrogativa de julgar os membros da Igreja. Esse importante benefício é conhecido por *privilégio de foro*. Trata-se de competência em razão da pessoa. Julgavam os eclesiásticos, os cruzados e as *miserabile persona*.

Para além da legitimidade dos tribunais para julgarem em razão da pessoa, tinham também competência em razão da matéria. Julgavam as matérias relativas à disciplina interna da Igreja e da Fé, à apostasia, à feitiçaria e as causas relativas ao matrimónio.

Julgavam, ainda, as causas relativas a coisas sagradas e a bens eclesiásticos, à usurpação da jurisdição da Igreja e relativas ao direito de asilo.

O Papa Clemente V (1303) criou o processo sumário que foi uma revolução na justiça. O Concílio de Trento¹ reformulou os tribunais e exigiu que houvesse o tribunal diocesano e um tribunal de 2.ª instância. Os Juízes eram eleitos no Sínodo Diocesano.

O chamado Código Pio-Beneditino de 1917 compulsou todos os elementos, para que a justiça pudesse funcionar na Igreja. E o Papa João Paulo II, ao promulgar o actual Código de Direito Canónico, em 25 de Janeiro de 1983, expressava o desejo de que «a nova legislação canónica se tornasse um meio eficaz para que a Igreja possa aperfeiçoar-se, de acordo com o espírito do Vaticano II, e cada dia esteja em melhores disposições de realizar a sua missão de salvação neste mundo»². Este Código, no seu conjunto, corresponde à anterior ordenação processual e reconhece as normas orgânicas acerca da constituição de tribunais.

São objecto de juízo a defesa e reivindicação dos direitos das pessoas físicas ou jurídicas, ou a declaração de factos jurídicos, os delitos, no que respeita à aplicação ou à declaração da pena. As controvérsias provenientes de um acto do poder administrativo só podem deferir-se ao Superior ou ao tribunal administrativo. Com a introdução da chamada justiça administrativa na Igreja, completa-se o sistema de protecção judicial no ordenamento canónico. Nenhuma matéria jurídica sujeita ao poder jurisdicional da Igreja, e sobre a qual possa surgir pretensão de um sujeito perante outro, fica impedida de obter satisfação do órgão judicial competente. As causas de canonização dos Servos de Deus regem-se por lei pontifícia peculiar.

Há Tribunais Diocesanos e Interdiocesanos, Metropolitanos e Tribunais da Sé Apostólica.

Tribunais Diocesanos

Actualmente, em cada Diocese a Igreja tem um Tribunal Eclesiástico (Diocesano) a que preside o Bispo por direito próprio, nomeando em seu lugar um Vigário Judicial, outrora denominado oficial da Cúria Diocesana. O Vigário Judicial tem poder ordinário igual ao do Bispo para todos os casos em que o Bispo tem competência. Os Vigários Judiciais são

¹ O Concílio Ecuménico de Trento decorreu de 1545 a 1563. Foi o 19.º Concílio Ecuménico e ficou conhecido também como Concílio da Contra-Reforma.

² Constituição Apostólica *Sacrae disciplinae leges*: AAS 75 (1983), Pars II, p. XIII.

nomeados por períodos de 5 anos. Na Diocese de Santarém ainda não foi criado tribunal eclesiástico, pelo que continuam as causas dos seus diocesanos a ser julgadas no Tribunal do Patriarcado de Lisboa³.

As Dioceses de Évora, Beja e Algarve, considerando a densidade populacional, entenderam criar o Tribunal Eclesiástico Interdiocesano de Évora, único para as três Dioceses. Mais recentemente, também as Dioceses de Vila Real, Lamego e Bragança-Miranda criaram o seu Tribunal Interdiocesano. Esse Tribunal foi constituído ao abrigo e nos termos do cânone 1423.

O Tribunal Eclesiástico é colegial e integram-no um elenco de Juízes, um Promotor de Justiça (Fiscal) e, para os casos matrimoniais, o Defensor do Vínculo que tem a missão de defender a validade do matrimónio. Há, ainda, os Notários e os Advogados e Procuradores. O Notário ou Actuário redige as actas e autentica todos os documentos. Existe Tribunal Eclesiástico de 2.ª Instância, ou seja, o da Província Eclesiástica (que abrange várias Dioceses), chamado Tribunal Metropolitano, ou seja, Tribunal Eclesiástico do Arcebispado de que as outras Dioceses da Província Eclesiástica são sufragâneas. Em Portugal são três: Arcebispado de Braga, Arcebispado de Évora e Arcebispado (também denominado Patriarcado) de Lisboa.

A Província Eclesiástica de Braga (Norte) abrange as Dioceses de Braga, Vila Real, Bragança-Miranda, Lamego, Viseu, Porto, Viana, Aveiro e Coimbra.

A Província Eclesiástica de Lisboa (Centro) abrange as Dioceses de Lisboa, Guarda, Portalegre-Castelo Branco, Leiria-Fátima, Santarém, Setúbal, Funchal e Angra do Heroísmo.

A Província Eclesiástica de Évora (Sul) abrange as Dioceses de Évora, Beja e Algarve.

Ora, sempre que o direito canónico imponha que a mesma causa seja julgada em duas instâncias ou haja recurso da 1.ª instância, o Tribunal Eclesiástico da Diocese do Porto julga em 2.ª instância as causas da Diocese de Braga e o Tribunal Eclesiástico Interdiocesano de Évora (que é também Metropolitano) julga em 2.ª instância as causas do Patriarcado de Lisboa.

³ D. Manuel Clemente é o 17.º Patriarca de Lisboa.

Tribunal da Rota

O Romano Pontífice é Juiz de todos os fiéis do orbe católico. Tem poder judicial ordinário, directo e supremo sobre quaisquer causas eclesiásticas e em qualquer grau do juízo. É o Juiz supremo e julga por si mesmo ou por meio dos tribunais ordinários da Sé Apostólica ou por meio de Juízes por si delegados. (cânone 1442)

O Tribunal da Rota Romana é o Tribunal ordinário constituído pelo Romano Pontífice para receber apelações. Diremos que é um Tribunal Pontifício para Apelações. Cumpre ordinariamente a função de instância superior em grau de apelação perante a Sé Apostólica. É um tribunal colegial ou colectivo. Os Juízes são nomeados directamente pelo Papa escolhidos das várias partes do mundo. Em 1472, o Papa Sisto IV fixou em 12 o número de Auditores da Rota Romana. Preside o Decano nomeado por um determinado período pelo Sumo Pontífice que o escolhe de entre os mesmos Juízes.

Já no século XII, os Papas confiavam aos Capelães as causas que lhes chegavam para resolver. Os Capelães passaram a denominar-se Auditores. No século XIII, os Auditores formaram um tribunal colegial. O Papa Pio X, pela Constituição *Sapienti Consilio*, de 29 de Junho de 1908, restaurou esse Tribunal e deu-lhe a sua *Lex propria*. O Papa Paulo VI ampliou as suas competências.

O Tribunal da Rota Romana julga as causas que lhe estão reservadas pelo direito, por exemplo julgar os Bispos em causas contenciosas e o Abade superior de uma congregação monástica. Pode julgar uma causa que um católico entenda propor directamente para a Sé Apostólica e pode julgar as causas que já tiverem sido julgadas pelos tribunais ordinários diocesanos e metropolitanos e que sejam levadas à Santa Sé por apelação legítima. Julga, ainda, as causas já conhecidas pela mesma Rota Romana ou por quaisquer tribunais, a não ser que já tenham transitado em julgado, e as causas que o Romano Pontífice *motu proprio* ou a instância das partes tiver avocado ao seu Tribunal e confiado à Rota Romana. Provê à unidade da jurisprudência e serve de ajuda aos outros tribunais ordinários da Igreja.

O Papa Bento XVI, pelo MP *Quaerit Semper*, de 30 de Agosto de 2011, criou um novo Departamento no Tribunal da Rota Romana atribuindo-lhe competência para as causas de nulidades das Ordens Sacras e os processos de dispensa de casamento rato e não consumado.

Assinatura Apostólica

A origem do Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica (*Signaturae Apostolicae*) remonta ao século XIII. Tem este nome porque instruía e preparava as causas a submeter à sentença ou *assinatura* do Papa. O Código Pio-Beneditino de 1917 delineou a Assinatura Apostólica como colégio judicial, distinto em absoluto das Sagradas Congregações. Este Tribunal supremo julgava com poder ordinário e a ele se podia recorrer contra as sentenças da Rota Romana. O Papa Paulo VI acrescentou-lhe uma nova secção para os recursos contencioso-administrativos.

O actual Código de Direito Canónico de 1983, no seu cânone 1445, prevê quais as matérias que o Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica conhece: em matéria judicial, em matéria contencioso-administrativa e em matéria administrativa. Na Constituição *Pastor Bonus*, de 29 de Junho de 1988, a competência do Tribunal *Signaturae Apostolicae* consta nos artigos 121.º a 125.º. Como Supremo Tribunal tem poder judicial puro e poder administrativo e judicial conjunto, sendo a sua competência ilimitada em razão do território. Provê à recta administração da justiça na Igreja. Tem outras atribuições resultantes do Ordenamento jurídico do Estado da Cidade do Vaticano e de normas concordatárias com outros Estados.

Este Supremo Tribunal da Sé Apostólica tem a sua própria regulamentação orgânica e processual. Consta de Cardeais, Arcebispos e Bispos nomeados pelo Santo Padre.

Penitenciaria

Para o foro interno, há na Cúria Romana a Penitenciaria Apostólica (*Poenitentiaria Apostolica*). Concede as absolvições, as dispensas, as comutações, as sanções, as remissões e outras graças. Também lhe é atribuído tudo o que concerne à concessão e uso das indulgências. É o Tribunal mais antigo da Santa Sé. Começou por haver, no século XII, um Cardeal Penitenciário, nomeado pelo Papa, a quem foram dados penitenciários auxiliares sob a dependência do Cardeal que passou a chamar-se Penitenciário-Mor (*Poenitentiarius maior*). No século XIII, este Tribunal tinha já um Datário, encarregado de datar os documentos, um teólogo, um canonista e outros oficiais (*correctores, scriptores, distributores e sigillator*). O Penitenciário-Mor preside ao Tribunal.

O Cardeal Mauro Piacenza sucedeu no cargo de Penitenciário-Mor ao Cardeal português D. Manuel Monteiro de Castro.

Processo e justiça

O Código de Direito Canónico prevê que os leigos possam desempenhar a justiça, reservando o cargo de Presidente e de Juiz único para um clérigo. Todos os outros cargos (Advogados, Notário *ad casum*) podem ser laicais. Os Tribunais de Lisboa, Porto e Braga já integraram Juízes leigos, entre os quais algumas mulheres.

A Igreja julga, por direito próprio e exclusivo, todas as causas que respeitam a coisas espirituais ou com estas conexas e a violação das leis eclesiásticas. Na prática, as causas mais habituais são: processo de nulidade de matrimónio, beatificação e canonização dos santos, dispensa de ordens sagradas, sendo a principal regra da Igreja “a salvação das almas”. (cânone 1752)

No processo canónico, a contestação da demanda resulta da resposta escrita da Parte Demandada aos fundamentos invocados pela Parte Autora contidos no Libelo, ou levados ao seu conhecimento na notificação do Decreto de citação, feito pelo Juiz, e dá-se precisamente pela fixação da Dúvida ou dúvidas pelo Juiz em forma de decreto. (cânones 1507 e 1513). Na discussão da causa são respeitados os princípios de direito processual, designadamente o princípio do contraditório e os meios de prova.

Católica, professora, advogada, canonista. Foi funcionária pública, dirigente, assessora jurídica. Gosta da vida em família, de ler e escrever. Publicou: *Os 50 anos da Universidade Católica - Revista Gaudium Sciendi* n.º 16, Junho 2019, pp 85-116; *Instituto de Direito Canónico - História da Universidade Católica Portuguesa*, Universidade Católica Editora, 2018, pp. 655-698; *Os ex-votos - Revista Gaudium Sciendi*, número 12, Junho 2017, pp.107-128; *Comentário ao Caso Lautsi - Revista Gaudium Sciendi*, número 12, Junho 2017, pp.129-154; *Breve introdução ao estudo das leis canónicas - Revista Gaudium Sciendi*, número 4, Julho 2013, pp. 69-99; *O Benefício eclesiástico e a cóngrua como rendimento dos clérigos que se dedicam ao ministério eclesiástico - Breve introdução - Revista Gaudium Sciendi*, número 4, Julho 2013, pp. 100-124; *A CÚRIA ROMANA à luz da história e do direito*, edição Casa da Cultura António Bentes, São Brás de Alportel, Julho 2012; *PROCRIAÇÃO - Regime jurídico*, edição Casa da Cultura António Bentes, São Brás de Alportel, Julho 2012; *NATAL*, edição Casa da Cultura António Bentes, São Brás de Alportel, Maio 2012; *VilAdentro - Quem pergunta quer saber*, edição Casa da Cultura António Bentes, São Brás de Alportel, Abril 2012; *No Centenário da República (1910-2010) - Saneamento e Reintegração*, edição Casa da Cultura António Bentes, São Brás de Alportel, Abril 2012; *DIREITO DO ENSINO RELIGIOSO - Legislação civil e canónica, pareceres e jurisprudência*, Vol. I e Vol. II, Universidade Católica Editora, Lisboa 2012; *Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Forum Canonicum*, vol. III/2, ISDC (2008); *A Propósito da Clonagem, Árvore do Saber*, ULTI (2003);

Liberdade de Educação, Árvore do Saber, ULTI (2002); Súmulas das Lições de Direito, ULTI (2001 e 2002); Fiscalização da Constitucionalidade das leis na Constituição, OA (1982).

**WHEN CHILDREN OF WAR FIGHT FOR THE PAST:
MEDIATIONS OF THE PORTUGUESE COLONIAL WAR MEMORIES**

Adriana Martins
Universidade Católica Portuguesa
Research Centre for Communication and Culture

Décadas após a mobilização, o inimigo é o esquecimento/
Decades after demobilization, the enemy is oblivion.¹
Maria José Lobo Antunes

This essay discusses the cultural memory related to the Portuguese Colonial War, one of the most controversial issues in Portugal's history in the twentieth century. Having lasted for thirteen years, between 1961 and 1974, and happening at three fighting fronts simultaneously from 1964 until its end,² it is estimated that around one million and five hundred thousand men³ were drafted during the long conflict, which impacted most Portuguese families who had someone involved with the war directly or indirectly.

My interest in the Colonial War derives from the fact that it is one of the most complex, repressed and tragic events in contemporary Portugal⁴, which gives it an undefined historiographic position. This historiographic indefiniteness results from (i) the official silence on the event for several years, and (ii) the geopolitical reformulation of the country taking into account the decolonization processes thereof derived.⁵

The veil of silence related to the Colonial War started to be addressed mainly from the late 1970s onwards through literary and filmic mediations that problematized the conflict from the perspective of former combatants and of their relatives through

¹ Otherwise indicated, all translations are the author's responsibility.

² The Colonial War started in Angola in 1961 opposing the Portuguese and two insurgent groups (the MPLA, The People's Movement for the Liberation of Angola; and the UPA, the Union of Peoples of Angola). These groups merged, thus forming the FNLA, the National Liberation Front of Angola. In 1963, the conflict started in Guinea-Bissau, the former Portuguese Guinea, where the Portuguese had to face the guerrilla fighters of the PAIGC (African Party for the Independence of Guinea and Cape Verde). In 1964, the war started in Mozambique where the struggle for independence was led by FRELIMO (Liberation Front of Mozambique).

³ On this estimate, see Sardica (2008).

⁴ On this issue, see, among others, Quintais (2000 a, b).

⁵ On the historiographic void related to the Colonial War, see, among others Pimenta (2010), Ribeiro (2004), Vecchi (2010), and Aguiar (2019). On the public memory of the Portuguese Colonial War and on the postwar silence, see Campos (2017). With the loss of an empire that lasted for centuries, Portugal had to reorganize as a nation circumscribed to its geographical limits in the European continent together with the archipelagoes of Azores and Madeira. Even if Macau remained under Portuguese rule until December 1999, when it was transferred to China, the territory had no impact on the aforementioned need to reorganize Portugal's geopolitical position.

the remembrance of war episodes or accounts of the difficulties faced by the military to readapt to and reintegrate civilian life after twenty-six months of mandatory military service.⁶

The undefined historiographic position and the consequent politics of memory (or of silence?) related to the event can be explained by the singularity of the April 1974 Revolution that overthrew almost five decades of authoritarian regime.⁷ The silence related to the Colonial War lies in the fact that the men who led the Revolution were the same that had fought the violent Colonial War.⁸ Besides the Portuguese people's inability to deal with a painful legacy of violence, with the loss of the empire and the arrival of thousands of returnees to Portugal,⁹ there was the need to forget the old regime and forge a new beginning, so that a new nation could be built in democratic times.¹⁰ As Antunes aptly points out, the aftermath of the April 1974 Revolution corresponds to a period of "identity transit" (*trânsito identitário*) for the nation, during which, in a post-colonial context, the nation "negotiated between the ruins of the empire and European possibilities" (Antunes 2015, 331).

In this essay, my aim is to examine a different mediation of the memories of the Colonial War that is neither literary nor filmic, as I analyze Maria José Lobo Antunes's Ph.D. dissertation, whose adapted version entitled "Returns Almost Perfect. Memories of War in Angola" (*"Regressos Quase Perfeitos. Memórias da Guerra em Angola"*) was published in book form in 2015. Antunes's work interests me for two reasons: (i) the topic of the return to a disputed period of national history; and (ii) the author's methodological option for an ethnography of war memories, which sheds new light on most of the representations of the event so far made. The author's methodological option gains even more relevance when one considers the author's background. Maria

⁶ Ribeiro (1998, 2004), Campos (2017), Carneiro (2019), and Martins (2020), among others, provide references to the discussion of the Colonial War in literature and cinema.

⁷ Antunes refers to the "singular mnemonic statute of the Colonial War" (2015, 25).

⁸ On the silence related to the Colonial War in the aftermath of the April 1974 Revolution, see, among others, Medeiros (2000), Ribeiro (2004), Campos (2017), and Martins (2020).

⁹ "Returnees" (*retornados*) is the term assigned to former Portuguese settlers, their descendants and some of the Africans who worked for them, who came to Portugal in 1975, when the former Portuguese colonies acquired their independence. Estimates indicate that around half a million people came to Portugal and many were evacuated in special airlift operations, mainly from Angola and Mozambique. Many returnees were born in Africa and had never visited Portugal. Most believed, however, that they were going to a place where they belonged to. Their integration proved to be difficult and contentious, as they felt that they were not welcome by the Portuguese society and that they were discriminated against. They were very often associated with the authoritarian regime, which created several moments of tension in a period of political and ideological turmoil in Portugal. On returnees, see, among others, Peralta (2019). On returnees and airlift operations, see Ribeiro (2018). In her essay, Ribeiro lists an array of works (documentaries, books of essays, novels, installations, among others) that address returnees' experiences (336).

¹⁰ Medeiros (2000, 202) notes that "[t]he revolution, inasmuch as it is seen as a factor which has enhanced national identity, has been assimilated and historicized, whereas the colonial war, with its inherently complex and largely negative connotations, has been largely avoided".

José Lobo Antunes can be considered a “child of the war”, the heir of a “remarkable wound” (Ribeiro 2013, 30).¹¹ She is the eldest daughter of the Portuguese novelist António Lobo Antunes, who fought in Angola.¹² She lived in Angola for a short period as a child during the war, and participated in many of the regular meetings of the members of her father’s platoon, the CART 3313 1970, years after the end of the conflict.

Because Maria José Lobo Antunes was particularly interested in understanding the modes according to which the Colonial War was remembered and forgotten (and not in what had happened during the conflict), in her ethnography of the war, she dealt with two main research objects: former combatants’ personal memories and the official reports describing the events in which her father’s platoon was involved and that are compiled in the *History of the Unit BART 3835*.¹³ As these research objects comprise different types of narratives and temporalities, their analysis and confrontation reveal the ambiguities and contradictions of the reported events, as they are portrayed, on the one hand, under the emotional recollections decades after the occurrence of the events,¹⁴ and, on the other hand, in conformity with an allegedly “neutral” tone characteristic of bureaucratic and descriptive accounts that not only summarize the operations of the units of the Artillery Battery 3835, but also reveal the rhetoric of the regime as far as the characterization of the enemy is concerned.

Because memory is always reformulated and reconfigured, it is of the utmost importance to examine the convergence and divergence of various versions, and of what is told and what is silenced. This “exercise” becomes particularly relevant when one thinks that the conflict lost its meaning with the fall of the regime and decolonization, which explains to a certain extent the silence officially imposed on the conflict. It is my contention, however, that the collective amnesia as far as the Colonial War is concerned mirrors what can be considered as a sociopolitical and epistemological gap. This gap, translated into repression and denial,¹⁵ derives from Portuguese people’s inability to accept that the long-lasting and violent conflict did not result in a victory to the nation, but led to the end of the empire. Moreover, as aptly observed by Medeiros (2000, 208), “the Portuguese colonial wars have been displaced by the events of the revolution in Portugal. Consequently, Portuguese soldiers never really faced public condemnation for

¹¹ I borrow the expression “child of the war” from The Project MEMOIRS (“Children of Empires and European Postmemories”) that “focuses on the intergenerational memories of the children and grandchildren of those involved in the decolonization processes of colonies held by France, Portugal and Belgium”. For further details on the project, see <https://www.uc.pt/research/ERCs/ERCs/MEMOIRS>.

¹² António Lobo Antunes was mobilized to Angola as a doctor in 1970. He was a psychiatrist, but during the conflict he performed diverse tasks as a doctor, having participated in many rescue operations of seriously wounded soldiers and performed many amputations.

¹³ The *History of the Unit BART 3835* can be found in the Historical Military Archive in Lisbon.

¹⁴ A group of former combatants gathered in a restaurant in Fátima in 2001, thirty years after embarking on the vessel *Vera Cruz*. From then on, they have met regularly together with their families.

¹⁵ See Medeiros (2000, 206) while commenting Cruzeiro’s phrasing when addressing the silence related to the Colonial War.

their actions in war, and were celebrated instead as the heroes who had rescued the nation from authoritarian rule". The problem is that the traumatic memories of the conflict continue haunting former combatants, preventing them from attaining closure. In other words, what has been a fight *with* the past should be converted into a fight *for* the past. As Murphy (2019, 157) recalls, "[a] fight for the past is not an effort to change the events of the past. (...) Rather, it is the effort to remember, to engage with, and to learn from the past, with all the complexities that such an endeavor entails, in order to foment the conditions for more just and safe futures (...)."

I contend that Antunes's ethnography of war is an attempt to unveil and problematize this sociopolitical and epistemological gap. Inspired by Murphy's theorization of memory mapping,¹⁶ I claim that Antunes's work constitutes a memory mapping project that "produce[s] new temporal and spatial arrangements of knowledge and memory in the present that function[s] as a counterpractice to the official narratives that often neglect or designate as transgressive certain memories or experiences." (Murphy 2019, 10) In other words, I draw on Murphy's work to discuss how Antunes's ethnography of the war, by exploring the intersection between former combatants' memories and the public representation of the Colonial War, embodies a new and singular mediation of the Colonial War memories, through which the "place" of the conflict in the Portuguese public narrative is renegotiated (Antunes 2015, 38).

Antunes assumes that her attempt to access a problematic past is a mapping project, as she tried to draw the "possible map of a world that does not exist anymore" (2015, 383) through the narratives of those who experienced it. This possible map rests on the collage of fragments of different types (former combatants' accounts, literary texts written by Antunes's father,¹⁷ the *History of the Artillery Battery 3835*). According to Antunes, the combatants' accounts years after the events took place reveal aspects that do not find evidence or correspondence in her father's texts or in the *History of the Artillery Battery 3835*. This mismatch epitomizes how the "dislocation of memory" transforms the experienced events into an "imprecise mass of disconnected images that retrospective narratives try to confer meaning on" and unveils the "creative nature" underlying remembrance processes (2015, 382).¹⁸

One key element to Antunes's memory mapping and attempt to tackle with the sociopolitical and epistemological gap already mentioned is affect. In her ethnography

¹⁶ In her book, Murphy focuses her attention on contemporary visual works that address "both a new era of Latin American memory politics and the affective and performative power of visibility in relation to memory and human rights." (2019, 10).

¹⁷ Antunes resorted to two texts written by her father, the novelist António Lobo Antunes: the autobiographical novel *Os Cus de Judas [South of Nowhere]* (1979) and the letters her father wrote to her mother during his military service. The author and her sister Joana compiled the letters twenty-six years after the publication of *Os Cus de Judas* in a book published in 2005, *D'este Viver Aqui N'este Papel Descrito*. For a discussion on how the volume of letters sheds new light on *South of Nowhere* and represents a relevant unofficial source about the Colonial War, see Martins (2010).

¹⁸ On the dislocation of memory, see also Antunes (2015, 220-221).

of war, Antunes highlights two remembrance processes: the public and the private. While public remembrance is solemn, rhetorical, and politically correct, private remembrance is personal, intimate and framed by the affective impact of war on former combatants' lives. Within the framework of the remembrance processes, it is possible to devise two distinct types of private remembrance that complete each other. The first one is related to the interviews the researcher made with former combatants. The second one has to do with what she observed at lunches that brought veterans and their families together, when excerpts from António Lobo Antunes's texts were read aloud and episodes of the months in Angola were recalled.

The interviews Antunes made revolve around the association of the military service with a threefold discovery of: Africa, the self and the homeland. The discovery of Africa has to do with the awe experienced with luxuriant landscapes and diverse cultural habits. Many of the veterans had never visited Portugal's capital before being drafted, as they had humble origins that led many to leave school early to work and contribute to support the family. The military service enabled them to experience different realities which they were not aware of due to the authoritarian regime's decades of isolationism and censorship. The discovery of the self is associated to a forced maturity that the participation in the conflict brought, aspect that gains relevance when one considers the severe morals that characterized Portugal's patriarchal society. The experience in African lands also contributed to a diverse experience of sexuality, the deconstruction of several taboos imposed by the conservative society, and the suffering resulting from long periods of loneliness and despair. The discovery of the homeland is closely related to the discovery of Africa and the self. If combatants were led to believe that they were going to fight for the integrity of Portuguese overseas territories, the interaction with Africans, the violence of the conflict, and the endurance of a wide range of hardships (ill-preparation for the conflict, nutritional problems, lack of all sorts of supplies, friends' deaths, among others) led them to question the underlying reasons of the war, the fairness of the conflict, and, ultimately, the existence of the Portuguese empire. In other words, the politicization of the military, with a few exceptions, started during their missions in African soil. Regardless the convergence of veterans' subjective accounts in terms of these three discoveries (that make their personal memories gather their fear and memorable events, whose description does not necessarily correspond to the official representation), the interviews revealed, on the one hand, the longevity and the efficacy of the Lusotropicalist rhetoric to defend the singularity of the nation, and, on the other, the difficulties that many veterans have faced until now to accept the loss of the empire and the independence of former colonies.¹⁹

¹⁹ Lusotropicalism was a doctrine proposed by the Brazilian sociologist Gilberto Freyre. Through the analysis of the plantation society in Brazil, he claimed that the Portuguese colonization was an example of "cordial colonialism", evinced in the miscegenation of the Portuguese colonizers with black slaves. In the 1950s and 60s, Salazar's regime resorted to Lusotropicalism to persuade the international community who claimed for the independence of former colonies that Portugal was not an empire, but a pluricontinental and pluriracial nation, whose territories extended to the so-called "overseas provinces". On Lusotropicalism, see, among others, Castelo

If Antunes's interviewees, despite talking to the daughter of a fellow man (which could facilitate the return to the past), had problems to address more painful memories, as attested by the silences that blocked the progression of their memories, the private remembrance process gained another dynamic when collective. I am here referring to the lunches that have brought together combatants and their families since 2001, events in which the author participated. The singularity of these occasions lies in the fact that they serve to "materialize" and celebrate the bonds of affection that cemented the relationships among men from diverse social strata and backgrounds, reminding them that, despite all the war suffering, they survived and should celebrate life. In other words, in the realm of private collective remembrance, affect and camaraderie trigger former combatants' anamnesis and help them to appease not only the ghosts that still assault them, but also their discontent towards what they consider to be the insufficient acknowledgment of their role in Portugal's history decades after the end of the conflict. Lunches can, therefore, be considered as therapeutic and even redemptive, but in a different way from the therapeutic sessions for patients with PTSD. The difference lies in affect. If it is true that therapy (be it individual or collective) aims at facilitating a work of mourning that paves the way for the access to a tumultuous past that may (or may not) lead to healing, its main focus is on mourning, which implies the recall of suffering. Veterans' lunches, however, constitute, first and foremost, moments of celebration of friendship and the possibility of life after the end of the conflict. If it is true that melancholy is present mainly when those who died are honored and the veterans' unattended claims for state's social protection are recalled, fellowship is the motor that enables the conversion of the past into a realm where it is possible to return, regardless of pain and suffering associated to it.²⁰ Thus, lunches constitute an opportunity to "celebrate the denial of forgetfulness" (2015, 368) through a careful management of language and silences as a way of preventing disruptive and painful topics.²¹

I would like to return to the ideas of "fighting with" and "fighting for" the past to underline the importance of Antunes's ethnography of war memories. If veterans have tried to fight *with* their past by taming their ghosts and fears, at the beginning of the 21st century, younger segments of the Portuguese society (mostly second and third generations of former combatants, including the author of *Regressos Quase Perfeitos. Memórias da Guerra em Angola* have fought *for* addressing a silenced or elided past, as demonstrated by a wide range of processes of memory mediation translated into literary works, films, exhibitions, blog posts, installations and Antunes's ethnography. All these outputs stem from the confrontation of new generations with their relatives'

(1998). On how Salazar's regime appropriated the Lusotropicalist rhetoric, see Santos (2002), Ribeiro (2009), and Almeida (2008).

²⁰ Antunes (2015, 362) draws the attention to the fact that, in veterans' yearly meetings, "the narrative return to the past is the exact opposite of therapeutic sessions of groups of combatants diagnosed with PTSD. (...) The common history that is built in that site of memory is an history of remission of evil and suffering, an history made only with appeasing episodes."

²¹ Antunes (2015, 392) notes that the language used in yearly lunches can be considered as a language of "the family" in opposition to the "lexicon of the nation" used in public commemorations.

objects, letters, photos, films and testimonies that have been dormant and expectant of the chance to let the past speak from diverse perspectives as an attempt to filling in the sociopolitical and epistemological gap of the Colonial War in the history of the nation. In their fight *for* the past, both veterans and the new generations know that, despite the fact that the past cannot be changed, the negotiation, recreation and reconfiguration of the representation of past memories are the best weapons against oblivion, the ultimate enemy to defeat in search for healing.²²

References

- Aguiar, Pedro Beja. 2019. De Restos do Passado a Rastros do Presente: Uma Perspectiva da Historiografia Portuguesa sobre a Guerra Colonial em Angola. *Revista Escrita (PUCRJ. Online)*, 2019: 1-18.
- Ahmed, Sara. 2014. *The Cultural Politics of Emotion*. 2nd. Ed. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Almeida, Miguel Vale de and mvda. 2008. "Portugal' s Colonial Complex: From Colonial Lusotropicalism to Postcolonial Lusophony."
- Alves, Fernanda, Sofia Tavares, Ricardo Soeiro and Daniela Di Pasquale. eds. 2010. *ACT 20. Filologia, Memória e Esquecimento*. Ribeirão: Húmus.
- Antunes, António. 1983. *South of Nowhere*. Translated by Elizabeth Lowe. New York: Random House.
- Antunes, Maria José Lobo. 2015. *Regressos Quase Imperfeitos. Memórias da Guerra em Angola*. Lisboa: Tinta-da-China.
- Campos, Ângela. 2017. *An Oral History of the Portuguese Colonial War. Conscripted Generation*. London: Palgrave Macmillan.
- Cardina, Miguel and Bruno Sena Martins. ed. 2018. *As Voltas do Passado: A Guerra Colonial e as Lutas de Libertação*. Lisboa: Tinta da China.
- Carneiro, Mariana. 2019. Guerra Colonial na Literatura e Cinema, available on <https://www.esquerda.net/dossier/guerra-colonial-na-literatura-e-cinema/6374>, last accessed on December 27, 2021.
- Castelo, Cláudia. 1998. *O Modo Português de Estar no Mundo. O Luso-Tropicalismo e a Ideologia Colonial Portuguesa (1933-1961)*. Porto: Eds. Afrontamento.

²² Antunes's work has paved the way for new avenues of investigation: in line with Sarah Ahmed (2014), it will be interesting to reflect on how and to what extent affect, the circulation and sociability of emotions, can influence veterans' remembrance processes, a topic to be developed within the framework of another essay.

- Cordero-Hoyo, Elena and Begoña Soto-Vásquez. eds. 2020. *Women in Iberian Filmic Culture. A Feminist Approach to the Cinemas of Portugal and Spain*. Bristol, UK/Chicago USA: Intellect.
- Cruzeiro, Maria Manuela. 1994. Guerra Colonial: Entre o Recalcamento e a Denegação. *Vértice* 58: 5–7.
- Martins, Adriana Alves de Paula. 2010. “António Lobo Antunes’s War/Love Letters: Framing the Memory of the Colonial War”. In *ACT 20. Filologia, Memória e Esquecimento*. Ribeirão: Húmus.
- Martins, Adriana. 2020. “Murmuring Colonial Ghosts in Margarida Cardoso’s Filmography”. In *Women in Iberian Filmic Culture. A Feminist Approach to the Cinemas of Portugal and Spain*. Bristol, UK/Chicago USA: Intellect.
- Medeiros, Paulo de. 2000. Hauntings: Memory, Narrative, and the Portuguese Colonial Wars. *Cadernos de Literatura Comparada* 1: 47–76.
- Murphy, Kaitlin. 2019. *Mapping Memory. Visuality, Affect, and Embodied Politics in the Americas*. New York: Fordham University Press.
- Peralta, Elsa. 2019. “Descolonização e retorno à antiga metrópole: a memória difícil do fim do império”, available on <https://www.esquerda.net/dossier/descolonizacao-e-retorno-antiga-metropole-memoria-dificil-do-fim-do-imperio/63808>, last accessed on December 27, 2021.
- Pimenta, Fernando Tavares. 2010. “Perspectivas da Historiografia Colonial Portuguesa (Século XX)” In *Outros Combates pela História*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Project MEMOIRS. Children of Empires and European Postmemories. https://memoirs.ces.uc.pt/index.php?id_lingua=2.
- Quintais, Luís. 2000 a. Memória e Trauma numa Unidade Psiquiátrica. *Análise Social* XXXIV, n. 151-152: 673-684.
- Quintais, Luís. 2000 b. Trauma e Memória: Um Exercício Etnográfico. *Etnográfica* IV, n. 1: 61-88.
- Ribeiro, Margarida Calafate. 1998. Percursos Africanos: a guerra colonial na literatura pós-25 de Abril. *Portuguese Literary & Cultural Studies* 1: 125-152.
- Ribeiro, Margarida Calafate. 2009. "Between Europe and the Atlantic: Portugal as semi-periphery". *Prospettive degli Studi Culturali*: 163 -179.
- Ribeiro, Margarida Calafate. 2004. *Uma História de Regressos: Império, Guerra Colonial e Pós-Colonialismo*. Porto: Edições Afrontamento.
- Ribeiro, Margarida Calafate. 2018. “Ponte aérea da TAP.” In *As Voltas do Passado: A Guerra Colonial e as Lutas de Libertação*. Lisboa: Tinta da China.

- Ribeiro, Maria Manuela Tavares. org. 2010. *Outros Combates pela História*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Santos, Boaventura de Sousa. 2002. Between Prospero and Caliban: Colonialism, Postcolonialism and Inter-Identity. *Luso-Brazilian Review* 39, 2: 9-43.
- Sardica, José Miguel. 2008. *Twentieth-century Portugal. An Historical Overview*. Lisbon: Universidade Católica Editora.
- Vecchi, Roberto. 2010. *Exceção Atlântica: Pensar a Literatura da Guerra Colonial*. Porto: Edições Afrontamento.

NOTA BIOGRÁFICA

Adriana Martins é Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Católica Portuguesa e fez a agregação em Estudos de Cultura na mesma instituição. Na Faculdade de Ciências Humanas, coordena a área científica de Estudos de Cultura e é membro sénior do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC), integrando a linha de investigação “Cultura, Arte e Conflito”. Foi coordenadora de Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Humanas entre 2011 e 2019. É autora de várias publicações sobre Estudos de Cultura, Estudos Pós-Coloniais, Estudos Fílmicos e Literatura Comparada.

RESUMO:

Este ensaio discute como Maria José Lobo Antunes, uma “filha/criança” da Guerra Colonial portuguesa, para além de refletir sobre como o conflito tem sido renegociado pela narrativa pública em Portugal, propõe um processo distinto de mediação do evento através de uma etnografia da guerra. O meu objetivo é demonstrar como a sua etnografia se constitui num projeto alternativo e aproximado de uma cartografia do conflito (Murphy, 2019), através do qual Antunes desafia a amnésia coletiva relacionada com o controverso evento e luta contra o esquecimento, o derradeiro inimigo na busca pela cura e reconciliação.

ABSTRACT:

This essay discusses how Maria José Lobo Antunes, a “child of the Portuguese Colonial War”, besides reflecting on how the conflict has been renegotiated in Portugal’s public narrative so far, proposes a diverse process of mediation of the event through an ethnography of war. My aim is to demonstrate how her ethnography constitutes an alternative and tentative memory mapping project of the conflict (Murphy, 2019), through which Antunes challenges the collective amnesia related to the controversial event and fights against oblivion, the ultimate enemy to defeat in search for healing and reconciliation.

A HARMONIA, O EQUILÍBRIO, A SAÚDE E O BEM-ESTAR

João Moreira

Admiro, respeito e nutro pela Laura o maior dos afectos, ela sempre foi e será para mim uma fonte de inspiração, alegria e saber. A Laura, era si própria, detinha uma visão optimista e positiva do mundo, mantendo a sua verdade interior, a sua maior riqueza, a sua lucidez, consciência, honestidade, a sua vontade, a sua coragem, para agarrar com responsabilidade a vida que tinha em si e torná-la um deslumbramento — um fascínio. Mostrou-me, a mim e ao mundo, como se pode aprender, engrandecer e amar, não-se perdendo ou se corrompendo pelas emoções, pela realidade. Deu à vida a sua luminosidade, importância e riqueza. Deu-me a conhecer o que é a honestidade, a vontade, o saber, a ponderação, a seriedade, a reflexão e a amizade. Estou-lhe profundamente grato. Permitti-me neste artigo a olhar para o lado menos positivo, como reflexo do equilíbrio do todo e quis transmitir tal conhecimento na estrutura do texto.

O Yoga é o entendimento da toxicidade, da doença, como reflexo da harmonização do ser, com o todo.

E como a alma é aquilo que não aparece,
A alma mais perfeita é aquela que não apareça nunca —
A alma que está feita com o corpo
O absoluto corpo das coisas,
A existência absolutamente real sem sombras nem erros
A coincidência exata (e inteira) de uma coisa consigo mesma.

Fernando Pessoa 12-4-1919

A harmonia, o equilíbrio, a saúde e o bem-estar são a ligação entre o corpo psíquico e o corpo emocional. O corpo físico é que faz a ligação. Yoga significa unir, juntar, ligar, despertar as camadas mais profundas do Ser, acordando ideias, pensamentos, conteúdos, sentimentos, aspirações e vontades. É um estado de absorção e de contemplação, onde no escuro, no interior, num mergulho na intimidade e profundidade, o Ser imerge na maior das riquezas — de vivenciar a sua maior grandeza. É durante a noite, no recolhimento, no encontro da pessoa com o seu “segredo” interior, ao mergulhar no seu inconsciente, na solidão da sua profundidade, que se revela o equilíbrio entre os dois lados. Quando o corpo emocional e o corpo mental se ligam, harmonizam-se e não colidem — amam-se, sem conflito ou ansiedade

— o ser reconhece no relaxamento a consciência de uma dimensão mais subtil e profunda de si e do que o rodeia.

A primeira iconografia sobre o yoga foi datada por um medalhão numa civilização onde hoje fica situada a Jordânia. Indu-Sarasvati ou Harappa é a maior civilização conhecida do mundo antigo. Estendendo-se sobre 1 milhão de km², atravessando o rio Indu e o Sarasvati ou Ghaggar-Hakra do Mar Negro ao Ganges. Com uma população estimada de 5 milhões de pessoas. Existem escavações arqueológicas que datam de 7000 A.C. até 3000 A.C. A civilização Harappeana nasceu na região mais fértil do Hindu-Kush, a cordilheira dos Himalaias. A “abóbada de neve”, tradução do sânscrito para Himalaias, nasceu da colisão das placas tectónicas do subcontinente indiano com o subcontinente asiático. A região estende-se por 3500 km e cobre oito países, do Afeganistão a Myamar. Dela nascem dez rios que cobrem a Ásia, germinando uma, senão a maior civilização do mundo antigo. A sua extinção deveu-se à seca dos rios Indus e Sarasvati, levando ao êxodo das populações para zonas contíguas, que detinham o comércio: Egípto, Índia, Paquistão, Síria, Turquia.

O Yoga nasceu da vontade do Ser em vivenciar o todo universal ou a realidade última, Turiya. Esta não é percecionável, relacionável, inaférível, pensável, descritível ou passível de compreensão, tem como finalidade um portal para a vivência desta realidade mais subtil. O praticante reclama a existência de uma dimensão que não se manifesta na realidade objectiva e material — no tempo e no espaço —, mas num mundo mais subtil que o subtil, absoluto. Na prática manifesta-se num estado de super-consciência, de interioridade, do conhecimento do espírito ou de um patamar último (denominado de samadhi), em que o Ser adquire o conhecimento do firmamento (o cosmos) e a alma se purifica.

O Sámkyá, uma das doutrinas filosóficas hindus, associada à experiência pratica do Yoga, é dualista. Vê o universo como tendo dois elementos primários: Purusha, o espírito, ou o Eu primordial, o oceano em que todas as almas, ou seres, residem. Tem a qualidade de ser infinito e em permanente mutação, o espírito num estado de movimento ou devir. E Prakriti, a natureza primordial, também infinita, é a força, activa, poderosa, penetrante, que se manifesta através de Zoe (energia), também num estado contínuo de fluxo e mudança, uma bolha de vazio no espaço cósmico, em contínua expansão.

Purusha e Prakriti são a causa inicial de todas as manifestações e eventos. São a fundação da criação. A causa básica sobre qual todos os outros efeitos repousam ou se sustentam, o ponto de partida para que o universo se manifeste.

Purusha é a realidade não manifestada e Prakriti a manifestada. A primeira é a consciência (o espírito) e a segunda é a manifestação da realidade da natureza. A raiz da palavra Sámkyá é formada pela união das sílabas “Sam”, que significa “corrigir, correcto, discriminativo” e “Khya” que significa “compreensão”— traduzido como “o conhecimento da discriminação”. Apresenta, de forma enumerativa, a teoria da manifestação ou da causação em vinte e quatro princípios ou Tattvas. Na qual Purusha e Prakriti constituem a fonte primordial, sendo o mundo manifesto (Bhur), criado a partir da interacção de ambos.

O Yoga é a prática de união de Purusha e de Prakriti, da fonte com o todo. Onde, na prática, o Ser submerge num corpo mais subtil, e a consciência do próprio reflecte uma dimensão para lá do tempo e do espaço. Prakriti é o princípio inconsciente que, quando em proximidade com Purusha, se dinamiza, dando início à experiência de um estado de absorção e integração da realidade última, não manifestada. Numa práxis, o yoguin incorpora o mais subtil e testemunha os dois elementos primários. Esta experiência não é quantificável ou mensurável, expressa-se numa linguagem, numa representação simbólica. É um mistério, porque, tal como tudo o que é precioso, liga o invisível ao visível e permite que a consciência, o Ser, mergulhe sobre a sua maior grandeza. A natureza deste estado de absorção, ou meditação, é determinada pelo objecto que o Ser vivencia. Em prática, o yoguin dissocia, desidentifica-se das flutuações, da ressonância que o objecto produz em si, aproximando-o da fonte primordial, ou criadora, do objecto. Tal conhecimento é intuitivo, não está sujeito à validação de uma ortodoxia, de uma escola do saber, é uma experiência subjectiva do Ser, da sua Verdade ou verdadeira identidade, da consciência na sua forma mais pura.

Consiste num conjunto de técnicas/práticas de concentração da mente sobre o corpo interior. Dividindo-se em oito grupos: Yama, a prática da virtude; Nyama, a prática da observação interior;

Asana, a colocação postural do corpo sobre o objecto interior;

Pranayama, a condução da vitalidade para o interior;
Pratyahara, introversão ou canalização dos sentidos para o interior;
Dharana, concentração sobre a imersão no interior;
Dhyana absorção ou meditação desse interior;
Samadhi, a transcendência do sofrimento, do que impede a realização da consciência da realidade última.

Dos níveis mais subtis e elevados da existência.

O corpo é um templo, um cristal, aonde o ser, pratica, como que a brincar, com a concentração do físico, da mente, das emoções e do espírito na consciência. O objecto da prática do yoga é a consciência, o corpo (como um todo) é o livro onde, sobre diferentes níveis, esta é reflectida, a consciência pura, a Verdade é espelhada sobre o Ser, sobre as forças internas do indivíduo. Ao conhecer tais manifestações irá ser capaz de entender também as do universo que o rodeia. A parte reflecte o todo.

Esta realidade, ou verdade primordial, manifesta-se sobre dois princípios que os antigos chamavam de soli-lunar. O Sol e a Lua são representações da consciência no corpo: O Sol é o reflexo de Purusha, do espírito, da Verdade do Ser. A Lua reflecte Prakriti, a Natureza, a Grande Mãe, ou Virgem Santa, da água que corre da nascente e espelha o Eu nas diferentes dimensões da existência. Os dois são o princípio catabólico e anabólico, o Pai e a Mãe. O lado direito e o lado esquerdo do corpo físico. O lado direito está associado ao pai e o lado esquerdo à mãe, tal como os órgãos internos, entre órgãos Yang e órgãos Ying. O Sol é o centro da pessoa, o espelho da sua vontade, da necessidade deste de inclusão num todo universal e social. Representa o movimento da terra sobre o eixo central do universo. É o princípio de crescimento, do movimento para a harmonia, de purificação, de eliminar o que é tóxico ou negativo, da dor, ou sofrimento. É a actividade psíquica e emocional fruto de um acto químico de excreção glandular. O Sol, a sua luz é o reflexo do interior, do não manifestado. É o princípio de individuação e libertação de padrões condicionados, que diluem o Ser no inconsciente.

O Eu, ao reflectir sobre si a luz do Sol, cria a aprendizagem do sentir, de se relacionar, de se ligar. O Yoga é o acto de ligar para sentir. Nos sentimentos, o Ser reflecte e manifesta

consciência. Constrói um mapa, um padrão de um determinado objecto e, ao sentir, relaciona-o com outros objectos similares, criando um padrão de afinidade. A função do padrão é a de manter a continuidade e estabilidade do Eu, construindo mapas que lhe proporcionem harmonia, saúde ou um reflexo de si. Quando emerge deste processo é provida a sua existência.

A consciência última manifesta-se ao permitir que o corpo seja um receptáculo do sentir, para que a vida, a existência, a consciência se reflecta na sua maior grandeza. Ao criar mapas cerebrais de diferentes partes e sentires do corpo, o Ser traz a si um espelho, um reflexo da sua relação com a consciência última. Nas posturas do Yoga cria um mapa de sensações que lhe darão competências e ferramentas para adquirir em si harmonia, equilíbrio e serenidade para reconhecer essa consciência. As posturas reflectem a ressonância de um determinado órgão interno. Quando na postura, o yogui focaliza-se na harmonia do corpo, o cérebro irá se regular, transferindo para si imagens mentais e emocionais funcionais que lhe darão uma maior funcionalidade, adaptabilidade e bem estar. A regulação do nosso corpo dentro do cérebro está intimamente ligada as reflexos que o corpo produz. Cada órgão interno vincula-se à coluna vertebral a partir de padrões psíquico-químicos específicos, que se reflectem na psique em imagens e sensações e é na espinal medula que a consciência une-se ao corpo, que o liga ao que o rodeia.

O Sol é o princípio da criação de vínculos saudáveis, de harmonia. De um crescimento sem padrões degenerativos, que levam o Ser a se fechar, ou a isolar-se do mundo. É o adquirir de competências e ferramentas para que a pessoa vivencie o mundo na sua maior grandeza e riqueza. Numa relação causa-efeito, se o Eu reflecte para o mundo o seu melhor, o efeito será o de o mundo retribuir de volta a sua maior riqueza e grandeza para o Eu. Os ciclos da terra, das estações, da geração da vida, da morte, da ressurreição criaram a necessidade de comunicação, da fala, escrita, religião, justiça, comércio, arte, ciência, cultura, tecnologia, como expressão da superação da morte e ligação da civilização à sua maior expressão. O Sol reflecte o escuro, o entendimento do Ser ao se ligar ao inconsciente, às profundezas da psique, ao mundo anímico, instintivo, identificando e superando os padrões degenerativos que levam este à compulsividade.

“Quem sou Eu?” é a pergunta que exprime o Sol. O princípio do sentir em si mesmo, da sua inclusão e aceitação no Mundo. No reconhecimento e admiração dos seres humanos. O Eu, ao permitir que o outro o possa reconhecer, torna-se amado, integrado e aceite incondicionalmente. É a manifestação do princípio da Liberdade que a relação causa-efeito do Sol leva ao Ser. O Amor nasce quando um espírito reconhece e admira a maior grandeza do outro. O Amor não é uma idealização ou o consumo do outro, mas a manifestação do Sol, do mais elevado entre dois espíritos.

Compreender e sintetizar a actividade mental como reflexo do corpo emocional. Pensar sobre o Sentir e Sentir sobre o Pensar eram na ancestralidade atribuídas ao coração e ao fígado. O fígado representa o lugar da pessoa no mundo, como esta se projecta, cria e realiza. Quando o Ser integra as suas necessidades e as reflecte no exterior. Ele define a relação da pessoa com o todo, social e universal, confrontando-o com a necessidade de verdade, de equilíbrio do Ser. O Coração representa a harmonia, equilíbrio, interior e exterior. Ambos sintetizam, organizam a actividade mental como reflexo da necessidade de satisfação emocional.

Sim: existo dentro do meu corpo.
Não trago o sol nem a lua na algibeira.
Não quero conquistar mundos porque dormi mal,
Nem almoçar a terra por causa do estômago.
Indiferente?
Não: natural da terra, que se der um salto, está em falso,
Um momento no ar que não é para nós,
E só contente quando os pés lhe batem outra vez na terra,
Traz! na realidade que não falta!

Fernando Pessoa 20-6-1919

Quando intoxicado ou doente o fígado manifesta-se no Ser revelando uma mente deturpada por pensamentos, imagens ou representações negativas e desarmoniosas. Por detrás da prepotência, arrogância, manipulação e da necessidade de impor o seu lugar no mundo está a fragilidade de um Ser que deseja incluir-se e ter o seu lugar, ser aceite e, na manipulação e prepotência, foge dos seus sentimentos e emoções; esconde a sua fragilidade e estabelece aquilo que lhe é vital, sobre objectos ou valores que adquire. O que garante o seu equilíbrio

não provém da sua verdade interior, mas do que é validado por algo exterior a si mesmo. O seu sentir e pensar são toldados por estruturas externas e a sua regulação é feita pela satisfação das necessidades, que essas estruturas lhe criaram. A imagem que detém de si e do mundo aliena-o da sua verdade interior. Reclamando o seu poder de possuir aquilo que acredita ser do seu direito, impondo e abusando do outro. É compulsivo e manipula para que as suas necessidades sejam satisfeitas.

Criando um fosso relacional entre si, o outro e o mundo, vive em zanga, pelo facto da realidade não ser um reflexo das representações e idealizações que constrói. Cria uma tensão muscular e ansiedade mental. Restringe a sua autenticidade e espontaneidade, abdicando de um pensamento e sentimento intuitivo.

O dever mata o amor. A liberdade, ao ser conjugada com a experiência do amor, dá ao Ser a consciência do que verdadeiramente é. Isto é o princípio solar. A sensação de pertença, de inclusão, de aceitação do indivíduo no mundo produz um coração e fígado harmoniosos e saudáveis. Criando criando prosperidade, riqueza e bem-estar ao seu redor. Tais atributos estão vinculados na tradição do Yoga, com a capacidade de transcender o plano mental e emocional e aprender a usar um pensamento intuitivo. “Pingala” (o Sol) é a luz que reflecte o amor do Ser ao divino, à harmonia.

Podias ensinar a mão

*outra arte,
essa de atravessar o vidro;*

*podias ensiná-la
a escavar a terra
em que sufocas sílaba a sílaba;*

*ou então a ser água,
onde de tanto olhá-las
as estrelas caíam.*

Eugénio de Andrade

A Lua é a luminária que revela a necessidade de o Ser de se fundir e desenvolver relações, estabelecer laços, alteridade — de sentir.

Quando a Lua se manifesta, o Ser une o consciente ao inconsciente pela intuição, para que daí consiga expressar harmonia, equilíbrio e saúde. Ao fazê-lo o inconsciente torna-se consciente e o indivíduo manifesta crescimento e vitalidade. A Lua é a porta para o interior, mergulha o corpo numa dimensão subjectiva, dando-lhe a capacidade de promover equilíbrio com o que produz desequilíbrio, degeneração e morte. É a figura da Mãe ou da Grande Deusa, a capacidade da pessoa de sentir, de abraçar, de criar ligações, vínculos saudáveis e de produzir bem-estar em si e no mundo.

É no tronco vertebral que se produz a ligação do corpo físico ao psíquico, é a partir dele que o indivíduo cria mapas cerebrais dos diferentes aspectos do seu corpo. Ele reflecte a acção dos diferentes órgãos quando desenha esses mapas cerebrais — sentimentos autobiográficos que vinculam o corpo ao que o rodeia, padrões específicos que mantêm a continuidade e estabilidade da pessoa. É na pluralidade, neste mapa, que a pessoa vai adquirir competências e ferramentas para encontrar harmonia, crescer e vivificar. Permitindo-lhe regular-se perante factores degenerativos, de desequilíbrio ou o desconhecido. Por exemplo, o sistema endócrino é no corpo físico o espelho das emoções. Os sentimentos são a expressão da sua ligação ao que o rodeia. Quando sente, quando ouve os sentimentos, respira, reflecte, adquire consciência e cria vínculos saudáveis que produzem bem-estar em si e nos outros. Não se sentindo avassalado pelo seu lado instintivo, pelas emoções, o Ser abre-se ao mundo e espera dele o seu melhor.

A ciência, a ciência, a ciência...

Ah, como tudo é nulo e vão!

A pobreza da inteligência

Ante a riqueza da emoção!

Aquela mulher que trabalha

Como uma santa em sacrifício,

Com quanto esforço dado ralha!

Contra o pensar, que é o meu vício!

A ciência! Como é pobre e nada!

Rico é o que alma dá e tem.
[...]
Fernando Pessoa, 4-10-1934

O indivíduo que nega reconhecer as emoções, os sentimentos, bloqueia os rins, não consegue descontraír e relaxar, criando ansiedade emocional, porque sente uma realidade deturpada em que o mundo é um lugar hostil que não o ama (o quer) e onde não existem experiências gratificantes e positivas. Vive de imagens negativas, de si e dos outros, que lhe diminuem o ânimo, a vitalidade e criam cansaço ou fadiga crónica. Este medo actua na alma e no corpo, retira a vontade, o poder e a verdade da pessoa, impossibilita o próprio de ser verdadeiro e autêntico, não se assumindo eticamente perante o mundo.

Ao se ligar aos sentimentos, observar a ansiedade e reformular a dor que os sentimentos lhe produzem, o espírito, o Ser, nasce para a sua maior grandeza. Sente a dor sem reverberar na mesma, filtrando-a. Independente do veneno que o mundo anímico lhe infere, a pessoa mantém-se na sua verdade, no seu centro, em si mesma.

A doença ocorre quando o organismo não consegue se harmonizar com o todo. A Lua traz a aprendizagem dos sentimentos, sentir o outro e reconhecer as emoções. Quando sente reflecte, revê e avalia, com base no sistema de valores que previamente assimilou, adquire consciência quando emerge deste processo instintivo. Quando reconhece a sua existência/verdade constrói saúde (ou consciência) porque direcciona o Ser para o interior, a luz revela-se e apreende a acção condicionada que esse sistema produz em si criando liberdade, independência.

O organismo que vivencia uma relação com o universo torna a luz um factor existencial. O Sol tem a sua contraparte na Lua, ela é o agente interior que se manifesta em todos os seres.

Cada espírito brilha dentro de si vida, imortalidade, intemporalidade e toda a forma do reino vegetal é virada para conter esta luz que reside no interior. A luz, o Sol é o factor que permite à planta absorver o que vem de dentro. Não é da luz solar que ela tem necessidade, mas da fome, da vontade, do desejo de vivificar. Para assimilar o agente interior, a planta cresce para o sol, para a harmonia com o todo, unindo o exterior ao interior, contendo em si o agente de força vital, a Lua, a vida, a liberdade, a necessidade de Ser, a Verdade interior, o Divino.

O universo, a realidade física, tudo o que existe, tem uma contrapartida espiritual, invisível,

subtil, que reflecte a verdade ou a vontade do Ser em existir na sua maior grandeza. O conhecimento desta realidade última, não manifestada, é a finalidade do Yoga. O yoguin liga na sua prática o universo manifestado e o não manifestado, trazendo para a sua consciência o agente vivificador, o interior, para aprimorar, refinar, trabalhar esta consciência.

O mundo interior para que possa ser deslumbrado e contemplado há que submergir na Lua, na serenidade, receptividade, tranquilidade e descontração que ela manifesta. Na cessação da actividade mental e emocional o Ser experiencia uma realidade última, uma fonte de onde a vida brota, um Sol interior, que irradia o mais precioso ou sublime. Reconhece em si a existência de uma dimensão mais profunda e subtil. A transcendência das actividades mental e emocional (da dimensão soli-lunar) da acção que estas produzem na consciência, traz ao sujeito um estado de maior quietude. Em que, na sua mente ou emoções, são reflectidas, não as impressões criadas pelos sentidos externos, mas uma dimensão intemporal, ou a fonte da existência.

O firmamento, os astros são os transmissores deste conhecimento e professores do corpo do Yoga. A absorção da consciência do Ser na dimensão universal é passada para o corpo através de um conjunto de práticas em que a consciência do praticante transcende a acção condicionada da mente (Sol) e das emoções (Lua), libertando-o dos padrões que o levam ao sofrimento, degeneração e destruição.

Quando a consciência mergulha no universal, o sujeito não reverbera com o que lhe produz dor e sofrimento (com o movimento causa-efeito, soli-lunar) e liga o seu corpo consciente ao inconsciente.

A coluna vertebral desperta e o Ser reconhece a separação da consciência da fonte primordial. O eixo da coluna é a ligação física entre os dois mundos, manifestado (físico)/não-manifestado (psíquico), em que o Eu reconhece em si a acção do invisível, do Criador.

O corpo do praticante é um cristal, um receptáculo, que contém em si a reconstrução do universo da consciência pela acção primordial, pelo início de todas as coisas. Na prática, a união do Sol e da Lua, permite que a consciência do sujeito possa conhecer e separar o criador do objecto da criação.

O corpo físico é o livro sobre o qual o praticante imprime na consciência, a acção primordial, inicial de todas as coisas. Ao unir o Sol e a Lua este manifesta o sagrado num acto de purificação, onde o fluxo entre os dois é a base, o “chão” fundamental do universo.

O entendimento de que toda a substância é a manifestação do todo, permite ao sujeito separar o objecto do criador. É o nascimento do Eu, porque este vê, consciencializa, entende a criação última.

A prática do yoga foi criada para que o corpo físico, mental e emocional reflectam o corpo astral/espiritual através da consciência (intuitiva) as ondas magnéticas do centro da galáxia são reconhecidas pelo sistema nervoso e distribuídas pelos diferentes órgãos internos. Cada órgão manifesta uma relação de equilíbrio com diferentes ressonâncias ou frequências que o universo emite.

O yoga é o estudo, o conhecimento do Ser e da comunicação deste com o universo não manifestado. Da transformação do mundo solar visível e material manifesta-se uma multiplicidade e variedade aonde a parte reflecte o todo e, o todo reflecte a parte.

O yoguin transporta-se para o mundo não manifestado ao se virar para o seu interior e questionar a sua consciência. Ao interiorizar, absorve e contém dentro de si mesmo, o conhecimento da existência, do agente de força vital, que lhe permite absorver, tal como uma planta, não a luz exterior, mas a luz do *Self*, do mais precioso, o corpo inconsciente da psique, o interior, a base primordial do universo, o divino.

**CAMOENS DE HENRY ST. GEORGE TUCKER –
UMA TRAGÉDIA À MEDIDA**

Vitor Amaral de Oliveira
Universidade Católica Portuguesa

Com o sentido prático de financeiro e militar que o levou a servir Lord Wellesley como secretário militar em 1799, e *general accouter* em 1801, tendo exercido de novo estas mesmas últimas funções em 1805, sob Lord Cornwallis, depois nomeado secretário-chefe da Receita e do Departamento Judicial do governo em Calcutá e, mais tarde, director da Companhia das Índias Orientais, mas imbuído do espírito romântico, Henry St. George Tucker (1771–1851) não descurou as letras, embora só se lhe conheçam duas composições dramáticas, *The Tragedies of Harold and Camoens*, publicadas em Londres, em 1835¹.

Segundo o seu biógrafo John William Kaye,² o seco estudo de Finanças, em que, durante os primeiros anos da sua vida adulta, esteve continuamente envolvido, nunca empanou a vivacidade da sua fantasia ou embotou a agudeza da sua sensibilidade.

No entanto, a actividade profissional, ao exigir-lhe rigor, precisão e, ao mesmo tempo, sentido prático e utilitário, não deixou de pesar na inspiração para as suas duas tragédias.³ Acrescido o facto de Tucker ser um conservador (*robust Tory*, na expressão pitoresca de Kaye), as suas duas únicas peças têm objectivos claros, que, aliás, ele próprio explicita. Com a tragédia de *Harold*, escrita na altura do Bloqueio Continental imposto por Napoleão em 1806, visava inculcar a virtude do patriotismo, por isso a dedica a *His Grace Arthur, Duke of Wellington, the Warrior who never lost a battle; the Statesman whose wisdom secured what his valor won*, no momento, afirma, em que a

¹ Henry St. George Tucker, “Camoens”, *The tragedies of Harold, and Camoens*. Londres: Parbury, Allen, 1835, pp. 85-198. Inocêncio aventa a publicação de uma segunda edição que não existiu.

² *The life and correspondence of Henry St. George Tucker, Esq.* Londres: Richard Bentley, 1854, p. 14.

³ Nas Notas Introdutórias à edição das duas peças, ele próprio traça a sua teoria teatral: The object of the Drama is to exhibit the passions, the feelings, and the weakness of our nature—to expose to view those peculiarities, or elements, which constitute individual character; and in the course of this delineation, to instruct and amuse; to instill noble and generous sentiments; to inculcate loyalty and patriotism; and, in fine, to render vice odious and virtue attractive.

devoção ao rei e ao país, a nobre estrutura até então orgulho e jactância da Inglaterra, e por muito tempo a admiração das nações vizinhas, fora abalada em seus próprios alicerces. E o herói medieval Harold incorporava esse apelo, a quem a Inglaterra devia muito da sua glória e o primeiro a defender o trono, o altar e as respeitáveis instituições do país (*will be foremost to defend the throne, the altar, and the cherished institutions of our country*).

É outro o caso de *Camoens*. Sem perder o sentido prático e objectivo que Tucker imprimiu nas suas duas composições literárias, aqui é diferente no estilo, na linguagem, na acção e nas personagens, e, como ele afirma, porque as quis mais próximas do corrente da vida real (*approach nearer to the standard of real life*). Por isso, recusou usar heróis e príncipes e pôs em cena personagens, a quem deu nomes de pessoas comuns. Mas só isso. Foi buscar o nome a *Camões*, porque lhe interessava um poeta, aproximou-se do nome de Gama (*António Vasquez De Gama*), vice-rei, porque lhe convinha situar a acção, estando ele na Índia e sabendo que ambas estas figuras históricas por aí tinham passado, localizando-as historicamente em Goa. Atribuiu ao Inquisidor o nome *Ignatio Lopez*, por contaminação evidente. Os outros nomes são aleatórios, bem como as personagens que encarnam, excepção feita a *Fidelio*, nome conveniente para designar o discípulo (*pupil*) de Camões. Do vate luso e das atribuídas vivências que o acompanham aproveitou a veia lírica, o pendor amoroso, os amores contrariados, o valor guerreiro e patriótico, e, em última análise, a desgraça que se abateu sobre si. Por isso podemos dizer que esta peça, embora se inclua na temática camoniana romântica do século XIX, terá de fazer parte do conjunto de peças em que Camões deixa de ser tema, para ser quase só nome de personagem.

Mas também outra coisa lhe interessou e vale a pena deixar as palavras do autor:

This play is addressed more particularly to that sex, whom Nature has formed gentle, benevolent, and humane; and whose errors, when they deviate from their natural course, are generally produced by external influences, or the intensity of passion. The simple moral of my Drama has been to trace out and expose the tendency of that excess of feeling, that intemperance of passion, which so often leads to the most fatal results. Against the open approaches of vice we are more on our guard; but we are not always on our

guard against impulses, which are dangerous only when they are allowed an uncontrolled ascendancy. And in proposing to guard against itself that fairest portion of creation, which is most exposed to danger from its own generous feelings, I satisfy myself that I have pursued one of the legitimate objects of the Drama.

Talvez este desiderato e dedicatória, assim tão esclarecidamente delineados, tivessem tido como inspiração longínqua a paixão que teve pela jovem mulher de George Simpson, facto que o levou a um extremo que lhe valeu a condenação pelo Supremo Tribunal de Bengala, em julgamento realizado nos dias 9 e 10 de Setembro, a uma multa de quatro mil rupias e a seis meses de prisão efectiva, por estupro tentado na pessoa de Mrs. Dorothea Simpson. Esta penalização não lhe prejudicou a carreira (Kaye nem refere o caso), mas obrigou-o a deixar a firma Trail & Palmer, em Calcutá, de que também era sócio o marido da vítima.⁴

E, por isso, talvez seja lícito afirmar que a personagem principal da tragédia é *Theodora*, pois à volta dela, e por causa dela, se desenrola a trama dramática, embora Camões seja o motor, ou, mais propriamente, o motivo da acção. Tucker parte dos *topos* tradicional da temática dramática de Camões, o dos amores contrariados. Mas aqui inverte o problema, é *Theodora* que vai sofrer com o desígnio do pai. Camões, por dever de fidelidade e de deferência para com o opositor, aceita a situação, embora não esconda o seu sentimento e se lamente, não sendo desta vez a vítima do final.

No entanto, para além disso, há outro factor não expresso pelo autor, que se liga à sua própria posição conservadora e àquilo de que Kaye também fala, o seu gosto pela *polite literature*, especialmente as obras dos grandes mestres da poesia inglesa. Não é, pois, exagerado pensar-se que Wordsworth tivesse sido uma das suas leituras. Leitura crítica, bem entendido, pois a obra e, sobretudo o *Prefácio às Lyrical Ballads* do poeta consensualmente apontado como introdutor do Romantismo inglês, não devem ter

⁴ *The Bermudian heritage*, 4 de Abril de 2018 (<https://www.thebermudian.com/heritage/heritage-heritage/india-henry/>).

Este acontecimento deu lugar a publicação, por ser um caso inusitado entre gente de classe social elevada e com cargos oficiais: *The Trial of Henry St. George Tucker, Esq: For an Assault, with Intent to Commit a Rape, on the Person of Mrs. Dorothea Simpson, Held in the Supreme Court of Judicature, at Fort William, in Bengal Before the Lord Chief Justice, Sir Henry Russell, Sir John Royds, and Sir William Burroughs*. Londres: John Fairburn, 1806. 80 p.

quadrado bem na sua perspectiva Tory. Por isso, um dos momentos a reter na tragédia *Camoens* é a discussão sobre “arte poética” entre Camões e Don Francisco Lopez, comandante militar em Goa, a propósito da jovem Theodora, por quem estão ambos apaixonados, embora Francisco com paixão serôdia. É a cena III do I acto, na altura em que já sabemos que Camões e Theodora se amam, mas ele deve renunciar, porque Gama, pai dela, e vice-rei em Goa, apesar da consideração que tem pelo poeta, destina-a a Ferdinand, filho de Francisco, porque, por via do pai, lhe poderia garantir melhor futuro. Entretanto, designa a sua sobrinha Clara como noiva para Camões. Ora este, embora amando Theodora, por consideração e respeito para com o Vice-rei, aceita a decisão e tenta conquistar, sem grande ânimo, a sua prometida, mandando-lhe mesmo um poema através de Fidelio, pupilo e fiel servidor. Na cena III, então, Francisco encontra Camões e fala-lhe num poema (*'tis bare ten thousand lines*) que fizera para Theodora. Embora a contragosto por aquele encontro inusitado, perante a insistência de Francisco, Camões acaba por ver o poema. E é aqui que Tucker aproveita para criticar a nova tendência, tal como Wordsworth a definira. Evidentemente que o faz em caricatura. Aquilo que Wordsworth preconizava como as paixões do homem incorporadas na beleza e nas formas permanentes da Natureza (*the passions of men are incorporated with the beautiful and permanent forms of nature*), quando escrevia que a poesia é a imagem do homem e da Natureza (*Poetry is the image of man and nature*) ou quando diz que o poeta conversa com a natureza em geral (*the Poet converses with general nature*) é também assumido por Francisco, contrapondo a Camões o facto de este falar em essência etérea, uma emanção celestial, uma atmosfera pura, envolvendo objectos de alta excelência moral, transmitindo brilho, elevação! (*an ætherial essence - a heavenly emanation, / pure atmosphere, surrounding / objects of high moral excellence, / imparting lustre, elevation!*). E atalha: *Amigo Camões, tu pairas acima do céu, eu não pinto uma atmosfera, eu sigo a Natureza*. Ufano, lança com jactância: *A ideia é nova e original*. E por isso, na sua poesia finge que a Natureza formou uma donzela inigualável (*I feign that Nature formed a peerless maid*). Mas na realidade, o manuscrito dos versos que entrega a Camões para que ele os aprecie e saboreie, é uma verborreia neo-clássica, de que se orgulha: *puros alexandrinos, suaves e majestosos como o cisne prateado, que, sereno, desce a vítrea corrente*. A sua conversa com a natureza explica-a ele: *Three kingdoms*

we exhaust in metaphor, / and motion, feeling, and expression / give to things inanimate. E quer utilizar no poema todo o seu saber e conhecimento: a política, falando de Drácon, Sólon e Licurgo (contrapondo aos nomes de poetas que Wordsworth citara, (Catulo, Terêncio e Lucrecio) e para dar a nota moderna da revolução *por uma poética que permitisse ao homem novo formado pelos ideais revolucionários exprimir livremente os seus sentimentos e esses ideais de liberdade, igualdade e fraternidade* (Maria Leonor Machado de Sousa),⁵ com uma *cáustica ironia*, estigmatiza a Santa Inquisição: *And when I satirize the knave in power, / I would assert a bold and manly freedom.* E ainda não satisfeito com a sua descoberta, remata que dirigiu o seu poema para Theodora, é certo, mas na realidade, escreveu *para todo o universo.*

Ora tudo isto é escrito por Tucker em negativo de fotografia. O que pretende, na verdade, é, com as suas ideias conservadoras, satirizar uma literatura que se inscrevia numa nova perspectiva de conceber a sociedade, que não lhe agradava. Podemos, talvez, deduzir que no contexto da sua visão matemática e objectiva de homem de números, a cena III do acto I da tragédia *Camoens* é a negação do *Prefácio* que Wordsworth antepusera às *Lyrical Ballads*, em 1800.

Tanto mais que, logo no início do segundo acto, a pedido insistente de Theodora, Fidelio recitará o poema escrito por Camões em intenção de Clara, que ocuparia no coração do poeta o lugar que Theodora já não podia ter, impedida pelo pai. Camões faz um esforço para tentar esquecer a sua paixão e dirigir o seu afecto para Clara, por dever de gratidão para com Gama. O poema não quadra de modo algum com Camões, mas, embora mau, ainda respira laivos de um romantismo vigente, bem diferente do poema de dez mil linhas escrito por Francisco.⁶

⁵ *Romantismo inglês: uma interpretação.*
(file:///C:/Users/User/Downloads/RFCSH1_7_23.pdf)

⁶ The self-consuming lamp declines
As night slow-wasting glides away;
And yet at morn's approach repines,
It dies amid the glare of day.

So in thy absence, lovely maid,
Consuming cares my heart oppress;
Pensive I seek the silent glade,
And to the groves my plaints address.

Vale a pena transcrever uma boa parte do diálogo entre os dois na cena III do primeiro acto:

FRAN. But come, peruse my verse (Gives the ms.)

My scheme runs briefly thus

I feign that Nature formed a peerless maid

T' expose for once before our mortal eyes

The beauty of Immortals.

CAM. The poet doubtless may assign

To his fair mistress, tho' of mortal birth,

An origin divine.

FRAN. The thought is novel and original.

Read on - read on.

CAM. These words and images, methinks,

Are somewhat too familiar.

The Gods should speak and act like Gods,

And our stern critics will expect from them

A loftier carriage - a dignity sustained.

FRAN. Psha! — What is dignity?

'Tis but a dress at best,

A rich embroidered buskin!

CAM. 'Tis an ætherial essence - a heavenly emanation,

A pure atmosphere, surrounding

Objects of high moral excellence,

Imparting lustre - elevation!

FRAN. Friend Camoens, thou dost ascend above the sky!

Why, man, I do not paint an atmosphere

I follow Nature.

Yet when that lovely form appears,
And blushing charms successive rise,
My heart betrays a thousand fears:
I dread the dart from Clara's eyes.

CAM. But the chaste Muse forbids a tone of levity.

FRAN. How now? I do protest 'tis good to laugh;

All pleasurable feeling stirs the blood,

And gives a healthy temper to the soul.

Read — read! See how I paint fair Theodora

The picture will delight thee, Camoens.

(Camoens reads.)

“Her eye more bright than streams of light

Descending from the moon at night;

“More bright than sparkling diamonds, set

“In rings of ebony or jet;

“Her ivory teeth a silver lustre shed,

“Like pearls reposing in a coral bed;

“While playful rubies form the mouth divine,

“Where smiles and gentle thoughts their tender shoots.

entwine.”

FRAN. True Alexandrine, by my faith!

Smooth and majestic as the silver swan,

Which courses down the glassy stream serene.

Three kingdoms we exhaust in metaphor,

And motion, feeling, and expression give

To things inanimate.

How now! What sayest thou, Camoens?

CAM. Thy verse would need some large reform

T'approve it worthy of the muse,

But that thou couldst with one most simple fancy

Engross some thousand lines, must needs excite

Our admiration,

FRAN. Not so — not so. I have a fund of matter;

For genius, working like the skilful worm,

Converts the worthless leaf into a silken thread.

This fiction wrought to its just end,

*I then discourse of Draca's cruel law,
Of Solon and Lycurgus, famed of old,
And tell how I, with better skill, could mend
Their faulty institutes.*

*I next on politics descant - on history and logic
And to conclude, with a concealed and caustic irony,
I stigmatise the Holy Inquisition.*

*CAM. Were it not rash to brave the holy office?
Can stately science aptly be enrolled
To swell the pageant in a love song?*

*FRAN. Psha! psha! Thou hast not craft to penetrate
The deep contrivance of my muse;
'Tis fit I shew the various learning I possess.*

*And when I satirize the knave in power,
I would assert a bold and manly freedom.
Teach but unthinking woman to admire
Thy wit, thy gallantry, and spirit,
And thou shalt melt the winter's snow
On chaste Diana's bosom.*

*CAM. This is most credible — but yet thy satire
May breed some present danger.*

*FRAN. Regard it not. Why, man, I am a soldier!
The lash, I say, must be applied.*

*We must have satire-- pungent, biting satire
Such is the vile condition of our nature,
Such our depraved and vicious appetites,
No other food will suit our palsied taste.*

*'Tis true, I have addressed my verse
To Theodore, by special application:
But still I write for the whole universe.
I tell thee, friend, this poem was conceived
Ere Theodora saw the light of Heaven.*

Este manuscrito está, aliás, na base da tragédia, por causa da ousadia de Francisco ao satirizar a Inquisição. Num primeiro momento da peça, que corresponde às duas cenas iniciais do Acto I, ficam delineadas as relações entre as personagens e o conflito que elas geram: Camões envia um poema a Clara (soneto, diz Tucker, embora só tenha 12 versos, divididos em três quadras) por intermédio de Fidelio, para perceber a sua reacção, mas não deixa de comentar para o seu pupilo, na Cena III: *'Tis plain I do not love fair Clara! / 'Tis scarcely doubtful that I still love Theodora! / But now she shuns - perhaps despises me! / I cannot bear her hate - still less contempt.* Isto acontece por causa da interferência de Gama. Por sua vez, o mesmo Francisco pretende a todo o custo insinuar-se junto de Theodora. Esta, sentindo que Camões a evita, quer saber o motivo desse afastamento. Camões acha que deve assumir uma frieza estudada para se conformar à decisão do pai, mas num violento diálogo com Theodora, ela denuncia o estatuto da sua personagem, em frases que vão determinar o seu percurso até à tragédia final:

*Love is the paradise of my existence
I live but to obey his heavenly law.*

Camões tem noção disso, ele próprio caracterizara esse desígnio, em conversa com Ferdinand, seu amigo:

*With Theodora love is a rude storm
Which hurries on the light unsteady bark.*

E é também nesta cena que ficamos a saber a pretensão de Francisco, pai de Ferdinand. Todos estes dados da narrativa dramática levam ao diálogo de Camões e Francisco na Cena III, que podemos considerar o segundo momento da peça, como fazendo a ponte entre a apresentação inicial da trama dramática e o que vai desenrolar-se nos actos subsequentes, que precipitarão o desenlace.

É o que vai acontecer logo a partir do início do Acto II, quando Theodora encontra Fidelio e o suborna com uma bolsa de ouro para que ele lhe recite o poema de Camões

que entregara a Clara. Fidelio não aceita, mas concede receber um anel, que terá lugar na dramaturgia mais adiante. É o ponto de ruptura. Theodora enuncia aqui o primeiro passo da sua nova personagem:

*Revenge inspire my just resolve!
Come deadly hate, and from this injured heart
Tear the false idol of its worship!*

Mais à frente, num diálogo com Ferdinand, este, que a corteja, sabendo que ela lhe está destinada, acaba por declarar o seu amor, numa das boas passagens do texto em que Tucker deixou correr a sua veia romântica, aquilo a que chamei o poema do IF:

*If to adore the object of my wishes
To have no thought, which bears not her loved image;
No taste of joy where she is not the source
If envying e'en the dull and senseless clod,
On which a transient smile unconscious beams
If to endure the anguish of despair,
The cheerless gloom of hope extinct,
When banished from her presence,
To feel the bliss of angels, when allowed
To breathe the pure soft air which she respire;
T' approach the living form , to catch the genial glow
Oh! painful ecstasy!
If to feel thus be any proof of love,
Then have I known the heavenly inspiration!⁷*

Aproveitando a ocasião, Theodora faz o mesmo avanço de suborno que fizera com Fidelio, mas agora jogando com o orgulho do seu interlocutor. O que faria ele pela sua

⁷ Embora por contiguidade, não forçosamente descabida, vale aqui juntar o nome de Rudyard Kipling e o seu poema *If*, pela mera circunstância de o autor britânico ter nascido em Bombaim, estar intimamente ligado à Índia e, quem sabe, ter tido alguma inspiração, pelo menos formal, do seu compatriota Tucker. Fique a nota despretensiosa.

amada? Aventurar-se-ia a tudo, mesmo que isso fosse a destruição, responde. Então ela lança-lhe o repto, de rompante: *Then quick destroy the hated Camoens!* Perante o espanto e a recusa de Ferdinand em fazer mal ao amigo, a quem mais está ligado na terra, Theodora reafirma: *Odeio o monstro!* No diálogo de confronto, Ferdinand perde para Theodora. Esta, ameaça: *Fear never wants some specious argument/ to palliate its weakness. [...] If man might dare avenge his injuries, / the world would know no outrage.* E ainda para reafirmar a sua postura: *Might Theodora claim your sex's privilegie/ She ne'er had sought another champion.* Tocado pelo orgulho, Ferdinand prontifica-se: *Command my ready sword.* E é neste momento que entra em cena outro elemento simbólico importante da peça que é palavra e objecto: *sword* (15 vezes), que tem a variante *dagger* (5 vezes). Estes dois adereços individualizam as diferentes personagens e, mais uma vez, marcam o percurso de Theodora que considero protagonista. Assim, *sword* serve a honra militar para Camões (*I go to serve my country with my sword*) ou ainda, como único atributo do seu valor (*My sword is all the fortune I may boast*) e também para Francisco, antigo combatente e comandante militar de Goa, que ao morrer, a manda entregar a Ferdinand, seu filho. Este lamenta-se por ainda não ter tido oportunidade de a usar (*I blush to think my sword is yet unstained!*), e, de novo (*It shames me much that I, a soldier's son, / ne'er yet have drawn my sluggish 'sword*), o que leva o pai a deixar em testamento a sua *good and trusty sword*. Mas, apesar do seu lamento envergonhado, Ferdinand não hesita, quando Theodora, depois de veementemente lhe ter chamado medroso, como vimos, o incita ao assassinio do seu melhor amigo: *Command my ready sword!* Aparece igualmente como símbolo de poder na pessoa de De Gama, quando este quer libertar Camões das masmorras da Inquisição (*Shall feel the vengeance of De Gama's sword*). Surge-nos assim a *espada* como elemento de libertação, instrumento de afirmação, de honra, de poder, de valor, características que enformam as diferentes personagens, à excepção de Theodora, em que o *punhal* é igualmente libertação, mas instrumento de ódio e de vingança: *Enter Theodora, with a dagger in her hand*, anuncia a didascália no clímax da tragédia, depois de esta já ter afirmado antes: *Enough - the sword waits but the hand!*, desafiando Ferdinand para a vingar. E é mesmo assim o desenlace: Theodora, louca por julgar morto o seu amado, atinge Ferdinand mortalmente, crendo ter sido ele a incriminar Camões e lamenta a sua prima Clara, que amava Ferdinand: *This dagger,*

too, has pierced thy bleeding heart, e apunhala-se. Ela morre de desgosto, ele agradece a morte pelos remorsos que sente (*I bless the hand that gave the wound! / Thou hast redeemed me from a deadly sin, / Or mortal suffering!*).

Camões é, pois, mais objecto do que sujeito. Cumprindo o que anuncia na introdução, Tucker deu mais atenção aos sentimentos femininos do que propriamente ao que inculca no título como protagonista. Aliás, na narrativa dramática, Camões está bem longe de representar o épico, cumprindo o seu estatuto de personagem. Do que conhecemos dele resta apenas o ter um carácter amoroso, mostrar-se heróico nas suas atitudes, o facto da acção se passar em Goa, o que é irrelevante para a personagem, mas útil para o autor, que tinha uma ligação à Índia pela sua actividade. Até a sátira, que Tucker tomou de dado biográfico de Camões, não se aplica ao poeta e sim ao seu suposto rival, embora na realidade seja ele a vítima da circunstância.

É tempo de rever toda a história e dar razão, do princípio para o fim da intriga da peça de Tucker: Camões e Theodora amam-se, esta é impedida pelo pai, António Vasquez de Gama, Vice-rei, que a prometeu a Ferdinand, filho de Francisco Lopez, comandante militar de Goa. O mesmo Gama destinou a sua sobrinha, Clara, para preencher o lugar deixado por Theodora junto de Camões. Este esforça-se por fazer-lhe a vontade, por fidelidade e respeito, mas a sua paixão é efectivamente Theodora. Em diálogo com ela, tenta explicar-lhe que não é por já não lhe ter amor que se esquiva de a encontrar, mas por dever de gratidão a seu pai, o que Theodora não aceita e, mais tarde, sentindo-se traída ao ter conhecimento do poema que Camões dedicou a Clara, jura vingar-se, tarefa que, depois de muito instado, Ferdinand se propõe levar a cabo.

Entretanto, a Francisco, pai de Ferdinand, meteu-se-lhe na cabeça conquistar a mesma Theodora. Para isso fez-lhe um poema que mostra a Camões. Este aconselha-o a reformulá-lo e Francisco entrega-o ao poeta para ele dar uns retoques. Gama oferece uma grande festa em honra dos 20 anos da filha. Com todos presentes, o pai de Theodora lamenta o silêncio da musa de Camões que outrora lhe louvava a filha. O poeta desculpa-se, Theodora percebe-lhe alguma hesitação, o que ainda mais a irrita, e a mãe, Ambrosia, insinua que a inspiração de Camões deve vir de outro lado. Ao saírem, Francisco fica só com Theodora e declara-se, dizendo que fizera um poema em sua honra, que entregara a Camões e receava não o ter de volta, porque, além do

mais, continha uma sátira contra a Inquisição. Theodora promete-lhe descobrir um estratagema para recuperar o poema, ao mesmo tempo que se lembra de que Camões já tinha sido incomodado pela Inquisição e fora o pai que intercedera por ele. Camões tem um encontro com Ferdinand, no qual confessa não poder aceitar Clara para ser totalmente honesto no seu procedimento, anuncia-lhe que se vai alistar de novo e pede ao amigo que a avise de que quer despedir-se dela.

A partir daqui, começa a desenrolar-se a trama que levará ao climax e ao desenlace da tragédia. Estamos no terceiro acto. Da conversa entre Theodora e a mãe Ambrosia, ficamos a saber a posição firme da filha face ao casamento com Ferdinand, que revela ao mesmo tempo o seu sentimento para com Camões, o seu verdadeiro amor, agora transformado em ódio: *A widow doomed ere yet a wife! / And then again to pledge a hand despised! / Oh no! This were too much!* E é neste momento que toma a decisão que vai precipitar toda a acção: *Or quickly kindle a destructive flame, / whose rage shall equal the consuming fire / which burns within me!* Tira do seio um manuscrito (que não é dito como o obteve) e, quando, a propósito, entra Ferdinand, entrega-lho para que, rapidamente, o leve a Ignatio Lopez, o inquisidor, o que não consegue sem alguma hesitação dele. Imediatamente retrocede: se não vais tu, vou eu! Mas Ferdinand acaba por aceitar a tarefa e sai com o manuscrito, o que arrasta imediatamente Theodora para a dúvida fatal: *The arrow once discharged from this rash hand, / can I arrest its flight in the free air?* E se Camões estiver inocente? Camões despede-se de Clara e a seguir encontra Ferdinand, que acabara de entregar o manuscrito a Ignatio, e que, sozinho, se debatia com o remorso fatal: *'Tis done! and would it were not done! / Those omens do portend some fatal issue. / A speckled snake lay basking in the sun, / and crossed my path!* No diálogo entre os dois, numa bem urdida dramaturgia, Camões introduz sempre uma nota de desconfiança, em que se refere ao seu amor perdido e ganho por outro, como se de rival se tratasse e deixa no interlocutor a angústia de ver desmascarada a sua traição. É neste diálogo que Tucker se centra mais em Camões fazendo-o ter um discurso apropriado à personagem que deu o nome à tragédia. Sem se poder afirmar que Tucker tenha lido a tradução de *Os Lusíadas* de Julius Mickle, patrocinada pela Companhia das Índias, descreve nele o homem do Renascimento, mas com a intenção dramaturgicamente de contrapor aquilo em que o

querem enredar, assacando-lhe a autoria do poema de Francisco em que satiriza a Inquisição:

*In act I cannot charge myself with aught
Which might offend against our blessed religion.
Our thoughts are not our slavish prisoners,
And mine have oft-times wandered.
From early youth I loved the paths of knowledge,
And to the shrine of science undertook
A weary pilgrimage. In every study,
Truth was the haven sought—reason the star
I wished to steer by, when those heavenly lights,
To man revealed, shone dimly, or denied
Their guiding influence.
The man who in those circling worlds around us
Those vast stupendous works of fair creation,
With all its exquisite machinery
Sees not a God, all-wise, omnipotent,
Is dead to sense! And he who will not see
In all the fitness of created things
Their aptitude for use — their just proportion
Beauty— order — wonderful design,
All formed to charm and elevate the soul!
In these who will not see the source divine
Of infinite beneficence and love,
Is sunk in hopeless ignorance!
That Providence, with reverential awe,
With love and gratitude I have adored!
His sacred ministers I hold revered;
But zeal intolerant - religious hate
Hypocrisy that wears the mask of holiness
Dark superstition — and fanatic rage,*

*Which quench the charities of human life,
I hold abhorrent, and have freely censured.*

Na cena IV, diálogo entre Theodora e Clara. É uma espécie de acareação. Theodora castigando Camões por aquilo que ela crê ser uma traição e Clara dizendo exactamente o contrário, que ela é amada por Camões, de tal modo que a relação que começara com ela própria nunca teria podido existir por ser desaprovada por Theodora. Sabe igualmente pela prima, que Camões vai embarcar para ir combater. Imediatamente se arrepende de ter mandado entregar o manuscrito a Ignatio. Entretanto, Ferdinand tem uma conversa com o pai, e conta-lhe que vai embarcar também com o amigo para enobrecer a sua espada. Francisco, que pretendia mandá-lo viajar, para o afastar de Theodora, fica contente por saber o seu desígnio e por se ver igualmente livre de Camões, embora *the rogue, I do believe, will steal away / And carry off my poem!* Acaba o acto III, com a exaltação da guerra por parte de ambos.

O acto IV começa com a chegada de dois esbirros da Inquisição- à porta da casa de Camões para o levarem preso. Na cena seguinte, Theodora vai falar com Ignatio, invocando que o manuscrito que acusa Camões é falso e injusto e pede-lhe que a livre da agonia em que se encontra, já que é ela a única culpada. A resposta que obtém é a de que a ofensa é grave. Com a chegada dos dois homens naquele momento, sabe que Camões ficará preso e a decisão sobre o seu destino só será tomada no dia seguinte. Ajoelha-se e pede clemência perante um firme e obstinado Ignatio. Desesperada, brande um punhal, afirmando que será ele a sua libertação:

*Hark! hark! I hear the distant groan
I must be prompt - I feel the burning flame!
I fly to rescue thee, oh Camoens,
Or plunge into the ruin which unites us.*

Entretanto, Francisco e Ferdinand dialogam e este pede insistentemente ao pai que interceda junto de Ignatio: *If Camoens, our country's pride, should fall, / the star of Lusitania sets for ever.* Francisco desculpa-se por ser impossível chamar a Inquisição à razão. Ferdinand contrapõe, astuciosamente: Theodora afirmou-lhe que se libertasse

Camões, *would be bound to thee for ever*. Isto desperta o velho Francisco que promete então fazer qualquer coisa, embora Ignatio seja difícil de demover. Na cena IV, Fidelio vai à prisão para ver e falar com Camões que está incomunicável e é informado que pode suceder-lhe uma de duas coisas: se confessar, será purificado pela fogueira, se se obstinar, espera-o a tortura. Em desespero, Fidelio suborna o carcereiro com o anel que Theodora lhe dera, também como suborno, funcionando assim este adereço como elo de ligação entre os dois amantes. Deste modo, consegue ganho de causa e a promessa de poder falar com Camões, o que realmente acontece. Fidelio exorta-o a que faça tudo para sair da prisão, mas Camões insiste que deve cumprir o que for decidido.

Francisco, comprometido, vai falar com Ignatio, que sabemos agora ser seu primo, que continua inflexível. Francisco diz-lhe que tem uma armada pronta onde Camões pode embarcar e ser mandado para combater até morrer na luta contra os corsários, mas Ignatio retorque que se perderá o proveito do exemplo. Ignatio sai da sala e Francisco alegra-se cinicamente por se sentir seguro, sabendo que não é o alvo da acusação.

No início do acto V espalha-se a notícia de que Camões está preso, ao mesmo tempo que se sabe que Theodora está fora de si, doente. Há preocupação com a sua saúde. Francisco enviou uma carta a Theodora, que, por causa da doença não pôde ter-lhe sido entregue. Isso mesmo vem dizer um criado ao autor da carta. À pergunta ansiosa de Francisco, responde-lhe o servo que a entregara ao pai, António De Gama, que, ao lê-la a fizera em pedaços, indignado com as pretensões de um velho, dizendo que *his daughter should not wed / with rampant age, which forfeits its own dignity / in mimicking the foolery of youth!* Sente-se humilhado, mas recebe uma carta do próprio António, que o perturba, julgando que é por causa da sua leviandade, mas na realidade é para que a mande a Ignatio e interceda junto dele em favor de Camões. Tucker aproveita para fazer aqui uma pausa na economia da tragédia, antes do trágico desenlace, com um diálogo algo pícaro entre Francisco e Pereira, um dos esbirros de Ignatio, que lhe vem trazer a notícia, da parte do inquisidor, de que deverá dar mil piastras aos pobres, mil para o colégio que necessita de reparações, mil para missas pela salvação da sua alma, mil pela libertação de Camões, porque o seduzira afastando-o dos caminhos da verdade. Francisco contrapõe dizendo que não pode ser

assim, pois até fora seu aluno na arte da poesia. E à afirmação do interlocutor dizendo que o poeta é pobre e não pode pagar, Francisco acrescenta que aquilo é uma falácia notória, pois as leis do país declaram que *who with his purse / his debt cannot atone, / must pay it with his person*. Francisco, desolado, desabafa: *This world was made not for the wise and honest!* As cenas III e IV anunciam a precipitação do desenlace e dão conta da preocupação com o estado de alma de Theodora, que piora por causa da situação de Camões. Fala-se da febre, do delírio frenético, da raiva, da exaustão da jovem, da sua mãe, que já admite que ela volte para Camões para terminar com aquela angústia. Ferdinand, em diálogo com Clara, fica a saber que Theodora está quase louca por causa da paixão por Camões que não pode consumir e que fala de traição por parte daquele que o pai designou como seu marido. Na cena seguinte, Ignatio, a sós, hesita entre libertar Camões, por achar que o seu delito não é suficientemente forte e culpar a heresia que considera grave, ao mesmo tempo que está tentado a fazer a vontade a Theodora, cuja visão o tenta e perturba.

Vai libertá-lo, mas proclamando a sua morte, para que não se perceba a decisão perniciosa para a instituição. Chega, entretanto, António de Gama, que vem exigir pela força a libertação de Camões. Ignatio não se intimida e é só ao ouvir da boca de António que a prisão de Camões é como uma facada no peito de Theodora, que o inquisidor declara que o poeta está intacto, sem que lhe tenham tocado *num só cabelo* e, apesar do grande crime que cometera, será libertado. António juntamente com Fidelio vão ver o preso e o pai anuncia que Camões deverá casar o mais rapidamente possível com a filha para, com a sua presença, fazê-la recuperar a saúde mental. Ferdinand vai ao palácio do vice-rei para visitar Theodora. Clara diz-lhe que ela dorme e parece estar melhor. Espera-se a visita de Camões libertado e Ferdinand está ansioso para lhe pedir perdão pela traição que fizera ao amigo. Entretanto, chega um criado para lhe entregar a espada de Francisco e anunciar-lhe que o pai morrerá. Neste entretanto, chega Theodora, em desalinho, com um punhal na mão, invocando a ira dos céus para que caia sobre si. Ferdinand chama-a, ela fica perturbada e tem um discurso feroz de ódio, entremeado de loucura:

Who speaks? Who calls on Theodora?

Who dares profane the place?

What bold intruder thus insults our presence?

Avaunt, presumptuous man!

[...]

Who art thou? Slave, take off thy hands.

Dost thou not see I am a bride

Dost thou not see this spotless robe?

Where is my husband?

Oh! Camoens!

No seu desvario, reconhece Ferdinand apenas quando este declara o seu nome e, num acesso de fúria, lembrando a traição a que o obrigara e que, julga ela, levou Camões à morte, apunhala-o. Dando-se conta do acto, em um discurso emocionado (*Pray for my soul! 'Twas madness gave the wound!*), apunhala-se a si própria e já a desfalecer, acusa-se do que fez àquele que a amava, mas a sua última palavra é para Camões: *I die! Farewell! Oh, Camoens!* Aparece Camões, e, com o desgosto, ainda faz o gesto de querer matar-se. Mas, ao ver o destroçado António lançar-se sobre o cadáver, e pedir-lhe a espada para seguir o caminho da filha, ele próprio a lança para longe para evitar nova cena sangrenta, e ganha forças para suportar o desgosto proferindo as últimas palavras que fecham a tragédia.

Tucker cumpre assim o que dissera na introdução, querendo que a moralidade, ou antes a utilidade da sua peça, que, apesar disso, nunca passou do papel, seja prevenir contra os sentimentos excessivos e as paixões que conduzem a resultados fatais. Ou, noutra perspectiva mais condizente com o seu sentido prático, se o caso com Mrs. Dorothea Simpson ainda o perturbava, pela criação literária, a sua vingança libertava-se com uma boa alegoria. E ao lançar-se a dúvida metódica, se repararmos que o anagrama de Dorothea é Theodora, a resposta torna-se evidente.⁸ Nenhum dos nomes

⁸ O julgamento publicado em 1806, cuja referência se pode ler atrás, e que tinha duas matérias de acusação, agressão e tentativa de estupro, depois de transcrever os depoimentos no tribunal, reproduz as deliberações dos jurados e do juiz. Os primeiros, de acordo com as alegações produzidas pelo advogado, consideram que a acusação de tentativa de violação é exagerada, por encontrarem algumas incongruências nas respostas da vítima, mas acham que a agressão merece a deliberação de *guilty generally*. O juiz, em desacordo com os jurados, e tomando como unicamente válidas as alegações e as perguntas da acusação à queixosa e as intervenções das testemunhas, delibera a multa e a prisão. Nas alegações refere-se a idade

da amada de Camões nos diferentes textos dramáticos do tema refere este nome, embora haja outras alternativas. E se pensarmos que Natércia é Caterina, aí está, ao menos, esse ponto de encontro do autor com a sua personagem. Podemos acrescentar mais: Camões sobrevive, o que não é novidade na temática camoniana romântica, mas nesta peça, as suas últimas palavras espelham, afinal, o que o autor quis transmitir de si próprio:

*O! let thy spirit elevete my soul;
And in the effort to support and soothe
A wretched father's grief, I'll hope to find
The strength and fortitude to bear my own.*

As palavras que propositadamente grafei em redondo são a sua declaração: de amor? De arrependimento? De vingança? De desalento? Fique o final em aberto, sabendo-se, no entanto, que toda a peça é igualmente um hino à beleza de Theodora, a quem nem sequer o soturno inquisidor Ignatio resistiu, tendo pecado três vezes por pensamentos e palavras sussurradas em aparte: *My eyes have ne'er beheld so fair a creature!; I would once more just look upon that countenance; This heavenly vision haunts me in my dreams!*, que podem muito bem ser a manifestação dos próprios sentimentos do autor. Aliás, mais evidentes são as palavras de Francisco: *What is dignity? / 'Tis but a dress at best, / a rich embroidered buskin!*, em alusão insidiosa e malévola.

Por todos estes aspectos, a tragédia do funcionário administrador financeiro Henry St. George Tucker se revela diferente no conjunto das peças que têm Camões no título e que transformaram o poeta homem em personagem dramática e mesmo em temática do teatro romântico. E do mesmo modo que fez com *Harold* um manifesto político, Tucker fez com *Camoens* um texto de ajuste de contas. E a isso se resume a sua veia literária.

“avançada” do réu (com 34 anos na altura), já não própria para tais exaltações, face à idade da vítima, que o autor indica na sua peça ser de 20 anos, provavelmente a idade de Dorothea Simpson.

NOTA BIOGRÁFICA

Filologia Românica e Doutoramento em Estudos Portugueses (Universidade Paul-Valéry – Montpellier). Foi docente da FCH – UCP. Participante da linha de investigação orientada pela Professora Maria Laura Pires, *Nova Iorque - de Topos a Utopos*. Lisboa: FCH, 2009. Publicações: *Sebástica – Bibliografia Geral sobre D. Sebastião* (Coimbra: BGUC, 2002), Jeronimo Franchi Conestaggio, *História da União de Portugal à Coroa de Castela*. Tradução, Introdução e Notas. Lisboa: Althum, 2017. Mariana Alcoforado, *Cartas Portuguesas*. Amadora: Canto Redondo, 2019. (Tradução e comentário das versões anteriores).

Este artigo insere-se num estudo mais alargado sobre os quarenta e um autores que escreveram peças com os temas *Camões* e *D. Sebastião*, no século XIX, suscitado pelas comemorações dos 450 anos da publicação de *Os Lusíadas*.

RESUMO

Henry St. George Tucker (1771–1851), autor inglês da época romântica, escreveu uma tragédia com o título *Camoens* e ver-se-á que o tema da peça, embora de carácter romântico, não é ditada por um sentimento de escola nem, no limite, tem a ver com o poeta Camões.

PALAVRAS-CHAVE:

Teatro, Romantismo, Camões

ABSTRACT

Henry St. George Tucker (1771–1851), English author of the romantic period, wrote a tragedy with the title *Camoens* and it will be seen that the theme of the play although of a romantic character, is not dictated by a feeling of school or, ultimately, as to do with the poet Camões.

Portuguese Women Para-Troop Nurses (1961-1980)¹

Américo Pereira
Universidade Católica Portuguesa

Against all odds, there is a *history* of the Portuguese Women Para-Troop Nurses. It's not a *story*, for it is not a product of human imagination, perhaps an outcome of some kind of ideological fabrication, even a myth. They, these women, existed. The group existed. Each one of these more than forty women existed, acted, suffered, triumphed, failed, i.e., left a personal and collective path, sometimes carved with «blood, toil, tears, and sweat».²

The coming into being of this military 'group' of very few, but formidable women, is in itself a succession of events that seem to be drawn out of a book of tales. Though real, the history of such a «band of sisters» (sisters who, sometimes, 'more than mothers' to many of the wounded and dying men in the various fields of battle), exceeds all that one would accept as conceivable within the framework of common Portuguese historical events in the 21st century, quite mediocre. But it happened in the twentieth.

Normally, when winds or, at least, breezes of war blow, the wise thing to do is to prepare oneself in order to face – or, to run away from it, if this is even possible – the

¹ 1980 is the year when the group was officially extinct (see TORRÃO Ana, *Anjos na guerra. A aventura das enfermeiras paraquedistas portuguesas*, Alfragide, Oficina do Livro, 2011, p. 13. Nevertheless, the year 2002, the year of retirement of the last Woman Para-Troop Nurse, is the date of the real demise of such experience; or was it really, a mere 'experiment', a disposable one, using disposable human beings?

² We use, as a form of homage, the famous expression uttered by the then newly appointed British Prime Minister, when addressing the House of Commons: a promise, the only he could *honestly* offer in the days when the West was being steam-rolled by the cunning forces of the Third Reich. It was with the invoked notions that resistance and resilience were put into act, and, ultimately, with the help of others, permitted a final victory, *the 'final victory'*. Of course, as is well known, there is and there can be no such thing as a 'final victory' against tyranny and tyrants. Their reiterated existence demands a perpetual attention and struggle, i.e., the constant use of «blood, toil, tears, and sweat»; see CHURCHILL Winston Spencer, *The Second World War. Volume II. Their Finest Hour*, New York, Houghton Mifflin Company, 1949, p. 24.

foreboding events that necessarily succeed when war comes, when war sets foot on the land. «Normally», of course, does not mean «usually» or «commonly»; it should mean «as a logic necessary response».

When such winds of war started to blow strongly in the European Empires of yore, such as the British and the French, as the most evident candidates – among others, among which, the Portuguese Empire was, had to be, under the light of the new sense of nationality of the colonized peoples –, lighting independence fires across the world, the Portuguese, and not just the Portuguese Government, generally – though not universally –, did nearly nothing to confront such menace, or, as another possibility, extreme but possible, to not confront it actively, for example, simply abandoning the colonies (which ultimately happened at the end of the Colonial War, as a very sad rotten cherry on top of a crumbled cake).

The history of the Portuguese Women Para-Troops, though a glorious one, is – it had to be, for it could not escape the global historic movement of which it was part – affected by the irrational action towards the existence and possible maintenance of the Empire. An aristocracy of thought and ethics does not float over the historic movement to which it necessarily belongs; not outside a mythic framework. Nursing in battle field conditions is not a matter of myth, but a matter of material, carnal, existence: the existence of *the ones who serve in order to mitigate the nefarious effects of carnage*.

Under rational conditions, one would think that, such winds of war blowing in multiple places in the world, a military force – big or small, but professional –, such as the Para-Rescuers, would be thought of and put into existence by the people responsible for the defence of the Empire, acting either in the Military or in the Political capacity.

Nevertheless, this rational enterprise did not occur. The rationality and the initiative came from another source, a civilian one, and, quite ahead of 'its' «Portuguese Times», from a woman, a very young girl, but one with an unquenchable passion for action and the unheard of, the not yet undertaken.³

³ One can find, in a large, 632 pages, book, this almost insignificant reference to the Women Para-Troop Nurses, as if their presence was, if not irrelevant, at least unimportant or unnoticed: «Em 1956, a primeira mulher pára-queda portuguesa, Isabel Rilvas Mathias, lançou a ideia de

The lady in question, a member of the Portuguese traditional aristocracy, was Isabel Rilvas (Isabel Bandeira de Melo), the daughter of the Earl of Rilvas. The saga begun thus, as one can see in her own words:⁴

«I was, for a long period of my life, rather known within the aeronautical community because, since my youth, I have always been passionate with the ‘aerial things’. This passion of mine lead me to be, though being a woman and very young, a PPA pilot [PAP (Private Aeroplane Pilot)], bearing the number 945 / August the 24th / 1954, and, then, also a parachutist, having graduated in France. I was, indeed, the first woman in the Iberian Peninsula to jump under a deployed canopy.».

As a pioneer, this young lady, young *woman*, would have had a ‘place in history’, her place in history. Her action proved, beyond any and all rhetoric argument, that

formar um corpo de enfermeiras pára-quedistas e este alvitre conduziu à criação de um curso e, posteriormente, de um corpo dessa especialidade, as primeiras mulheres integradas como militares nas Forças Armadas Portuguesas. Estas enfermeiras dependiam dos comandos das unidades de pára-quedistas em que estavam integradas e realizaram inúmeras acções de apoio a evacuações de feridos nos teatros de operações e em situações de combate.» / «In 1956, the first Portuguese parachutist woman, Isabel Rilvas Mathias, launched the idea of forming a ‘corps’ of Para-Troop nurses, and this suggestion led to the creation of a course and, afterwards, of a ‘corps’ of that specialty, the first women integrated as military in the Portuguese Armed Forces. These women nurses were under the command of the Para-Troop units in which they were integrated and they performed innumerable actions in support of the evacuation of wounded personnel in the combat theatres and in combat situations.» in AFONSO Aniceto, GOMES Carlos de Matos, *Guerra colonial. Angola. Guiné. Moçambique*, [Lisboa], Diário de Notícias, s. d., p. 179. And that is all. One could also write about all of this same long war something like this: ‘It was a long war, with many people involved and many casualties.’ All true, but perhaps all too short. Not a word about the military value of these women and of their action. Were they and their action so unimportant? If not, why, then, this thunderous silence? Mere stupidity; envy?

⁴ SERRA Rosa (coord.), *Nós, Enfermeiras Paraquedistas*, «Prefácio» de Adriano Moreira, «Introdução» (coord.), «Mensagem» de Isabel Rilvas, s. l., Fronteira do Caos Editores, Lda., 2014, p. 23: «Fui, durante um longo período da minha vida, bastante conhecida nos meios aeronáuticos porque desde a minha juventude sempre fui uma apaixonada pelas coisas do ar. Esta minha paixão levou-me a que, apesar de ser mulher e muito jovem, tivesse sido piloto PPA (Piloto Particular de Avião) com o nº 945 de 24 / Agosto / 1954, e depois também paraquedista, com curso tirado em França. Fui mesmo a primeira mulher da Península Ibérica a saltar em paraquedas.».

women, i.e., Portuguese women were capable of being parachutists. This no longer was or could ever more be a matter for rhetoric, having been proven, as it was, through concrete action. All the necessary virtues needed to rationally jump from an aeroplane were present in the feminine gender.

Isabel Rilvas was not competing with anyone, man or woman, but herself. This is not an act of marking one's position relatively to another person's or persons', but an act of personal fulfilment of a desire, undertaken by sheer will power. She proved in Portugal and the Iberian Peninsula that women were able to be parachutists, beyond any reductive comparisons. These women were not inferior in relation to other women, per example, the French, with whom Rilvas trained and graduated. This is not only a feminine victory, but it is an *anthropological victory*, for it is humanity that is manifested as greater, because all of its components have not a defect that diminishes its greatness.

Logically, if «women can jump», they can also do it both as pleasure and as service. Having had her triumph as jumper for pleasure, Isabel Rilvas had the intuition of the possibility of parachute jumping as a form of helping people who could only be helped by someone with the capacity of being transported to places otherwise inaccessible and act there in the benefit of the needed. Se knew there existed such a group in France. She began to wish such a group – or something similar to such group – also existed in Portugal, serving principles akin. Again, in her own words:⁵

«When, in France, I was graduating as a parachutist, it came to my knowledge the existence of a group of female Doctors [MDs] and female Nurses specialized in parachuting, destined to succour injured people at locations with very difficult access. They were specialized groups of the French Red Cross, denominated “air Medics”, having had action in the conflicts in Indochina and Algeria.».

⁵ *Ibidem*: «Quando em França tirava o curso de paraquedismo, tive conhecimento da existência de um grupo de médicas e enfermeiras com a especialização de paraquedismo, que se destinavam a socorrer feridos em locais de muito difícil acesso. Eram grupos especializados da Cruz Vermelha Francesa, denominados de “Socorristas do ar”, e tinham atuado nos conflitos da Indochina e da Argélia.».

Having had the notice of such an existence did not have to mean that Isabel Rilvas had to be interested. But she was. And not only was she interested in a theoretical/contemplative form, but she was practically interested. Would it not be possible to have such an enterprise in Portugal?

Again, this passionate woman's words:⁶

«After having taken my parachutist course, and after some practice in parachute jumping, I went, also in France, to an instructor's course, which enabled me to teach courses, thus forming other parachutists. From then on, I assumed as an objective to create a school in Portugal, and to form in it a group of female Doctors [MD] and female Nurses that could succour injured people or sick people in more isolated zones of our country, in the way of what existed in France.».

The goal of the action initiated by Isabel Rilvas was not, at the beginning, of a military character, or to that character restricted. The purpose was to enable Portugal to possess an effective institution that could, in reality, work as a means of rescue for people caught up in dire situations within the geographical framework of otherwise inaccessible territories. This great scope was the motor of Rilvas' enterprise.

The movement of what is usually called «history», i.e., the sum of all the acts put forward by Humanity along with the blind steps of Nature, inflected the direction of the young lady's path. It was war, its ever-growing sense of vicinity, that created the political conditions favourable to the realization of the lady pioneer's intent.

The grim possibility of war carried the bright possibility of a humane service, the more humane the grimmer the context, civilian – catastrophes, in various modes, natural or not – or military. That what was to become the Portuguese Colonial War

⁶ *Ibidem*, p. 23: «Depois de ter tirado o meu curso de paraquedismo, e após alguma prática de saltos em paraquedas, frequentei também em França um curso de instrutora, que me habilitava a ministrar cursos, formando outros paraquedistas. Desde logo tracei como objectivo criar em Portugal uma escola, e nela formar um grupo de médicas e enfermeiras que pudessem socorrer feridos ou doentes em zonas de maior isolamento no nosso país, no género do que existia em França.».

menaced coming to existence; within the ambiance of that menace, the possibility – remote it may have been thought to be at the time by not so intelligent leaders – of having a swift and effective means of rescue dedicated to wounded or sick military personnel glinted, in the minds of more intelligent people, as a good perspective.

It would be the military that would be the ones to welcome the idea, for no-one in the civilian world paid any proper attention. The words that follow are quite significant. In what concerns the civilians:⁷

«[...] I went about divulging my idea on the parachute school and, as a practical and useful deployment, I talked about the creation of a group of female parachutist Doctors and Nurses, giving France as an example. I partook that desire of mine in many places [...], including in Africa. [...] I contacted some Nursing Schools – Cruz Vermelha and Artur Ravara –, but none of them was interested in my project.»

The civilian world having failed, there was the possibility of the military having the intelligence or the need or both that would allow them to understand the virtue of the idea:⁸

«I perceived, then, that the Air Force, where I parachuted along the military parachutists, in Tancos, and where, meanwhile, I was enlarging my circle of friendships, was where my idea had the best possibility of being supported.»

Isabel Rilvas, though a civilian and very young, manifested, unlike the civilian and military leaderships, an acute sense of duty, social engagement, and even strategic military intelligence. Her ideas proved themselves far more advanced and intelligent than the ones – or total absence of them – present – or absent – in the minds of the

⁷ *Ibidem*, p. 24: «[...] eu ia difundindo a minha ideia da escola de paraquedismo e, como aplicação prática e útil, falava na criação de um grupo de médicas e enfermeiras paraquedistas, dando o exemplo da França. Fui dando a conhecer esse meu desejo em muitos locais [...], incluindo em África. [...] contactei algumas escolas de enfermagem – Cruz Vermelha e Artur Ravara –, mas nenhuma delas se interessou pelo meu projeto.»

⁸ *Ibidem*.

people the Nation nurtured and paid for, in order to receive back that which is known as «government» at its differentiated levels.

Intelligence wise and strategy wise, it was Rilvas who dwelt in governmental heights, not the people to whom the care of common good of Portugal, including its then Colonies, was committed. Fortunately, due to the persistence of the young parachutist lady and the strategic intelligence of one of the members of Cabinet, Rilvas' persistence brought about the birth of the movement that had as its blossoming the group of Portuguese Women Para-Troop Nurses.

The memory of the indefatigable lady kept:⁹

«I talked about my project to everyone who wanted to hear me. One of the persons with whom I insisted the most, for I thought he was the one who could help me the most, was the then Under Secretary of State for the Aeronautics, Lieutenant-Colonel Kaúlza de Arriaga, who, most sympathetically, went on hearing what I had to say. I explained to him several times the advantage of the specialization in parachuting both of women Doctors [MD] and Nurses, who could swiftly rush to isolated places or ones of difficult access, in order to assist ill people, accident or catastrophe victims, and I even furnished him the French legislation that created the group of women jumpers in France. He smiled, listened to me in a very attentive and nice way, but proceeded not.».

Being not passive, Rilvas decided to marry in herself the two skills which virtuous combination she persistently announced: she decided to become, already being a parachutist, a Nurse, thus becoming some sort of a 'one woman rescue regiment'. It is worthwhile to read:¹⁰

«[...] Nevertheless, I did not remain idle! I enrolled myself, then, in a Nursing School, for, at least, I would be a Woman Para-Troop Nurse!».

⁹ *Ibidem*, pp. 24-25.

¹⁰ *Ibidem*, p. 25.

She did enrol herself and started studying, though she never finished the course, having opted for another life project. It was during the period within which she studied Nursing that her 'parachute-Nursing gospel' was poured enthusiastically upon all the colleagues who wanted to pay attention to such a novelty, in fact, a great good-news in terms of humane personal interaction: *humane politics*.

The old 'jumping-Nursing prophet', remembering the reaction of her Nursing school friends when the 'gospel' was announced: ¹¹

«[...] triggering in them a great will to experiment the exertion of that profession in a very different form from what was the usual common practice.».

The historical times were ripening and the unfortunate winds of war brought about the evidence of the necessity for what the until then seemingly absurd Rilvas 'gospel' meant and could bring in the form of a help in warfare that no other means of action could. The dream was about to be fulfilled, though in nightmarish times. Reality always has the last word, light or heavy. This time, both weighs pondered.

This is the way Rilvas recollects the events that finally permitted her dream to become true, in concrete woman flesh: ¹²

«The future proved that my talks with the Under-Secretary of State, Lieutenant-Colonel Kaúlza de Arriaga had not been useless... The 'seed' –, the idea of the creation of Women Parachute Nurses – had been cast and went on 'germinating' in his head. He did not forget about it, and, when the fear about the eruption of conflicts in our Overseas Provinces came about, he presented it [the idea] to the President of the Ministry Council [the Prime Minister], Dr Oliveira Salazar. The latter agreed to the forming of the first group of women ever to enter the military ranks, as Nurses.».

¹¹ *Ibidem*.

¹² *Ibidem*.

Lieutenant-Colonel Káulza's own recollection is slightly different, but concurs generally with the lady pioneer:¹³

«President Salazar, a ultra-conservative man, who, nevertheless and simultaneously, foresaw the future, after two not easy work sessions, ended up accepting the existence of women in the Armed Forces, especially in the Air Force, at least as Nurses, and, foremost, being parachutists”, Káulza de Arriaga recalls.».

The old dictator could have said *no* and could have maintained that *no* indefinitely. He did not. Somehow, he was able to understand the usefulness of the employment of women in the actions conducive to the evacuation, rescue and care of the sick and wounded service men. Implicitly, he believed in the due respect these women would need (and would raise). On the other hand, his authorization and the iron authority that went with it were a mark that would make many people think twice before doing something that would go against that authority. This perhaps unexpected step climbed by Salazar is one of the few capable of being considered really in harmony with the world ambiance post WWII.

Of course, it was not Salazar's personal task to build such a military edifice, such a new 'corps'. The work had to be done, and very competent people were set in motion in order to create something from almost nothing. The teachers were available and were, if not many, at least of good quality. Nevertheless, there were no pupils, for there were no other 'Rilvas' about. They had to be sought and brought.

It was also through the work of Rilvas that the crop started. Her words, still provide an important information: of the first group of six graduate «Para-Nurses», out of eleven initial candidates, five came from the Nursing School Isabel belonged to, the

¹³ TORRÃO Susana, *Anjos na guerra. A aventura das enfermeiras paraquedistas portuguesas*, Alfragide, Oficina do Livro, 2011, pp. 23-24: «“O presidente Salazar, homem ultraconservador mas que, simultaneamente, previa o futuro, após duas não fáceis sessões de trabalho, acabou por aceitar a existência de mulheres nas Forças Armadas, no caso vertente na Força Aérea, pelo menos como enfermeiras, e com o cúmulo de serem paraquedistas”, recorda Káulza de Arriaga.».

«Franciscanas Missionárias de Maria» («Franciscan Missionary of Mary); the sixth belonged to a School called «S. Vicente de Paulo» (Saint Vincent of Paulo).¹⁴

Isabel Rilvas had spent some of her time and effort catechising the girls who studied Nursing about the merits of para-jumping and para-Nursing. The effort was duly rewarded.

A testimony, that can be found in the book *Nós, Enfermeiras Paraquedistas*, reads: «We, nurses, were very fortunate, for we were part of a minority that had the possibility of studying beyond the obligatory minimum of time».¹⁵ This is quite true. Non the less, the ‘fortune’ cannot be accepted as a privilege, though its mention reflects the greatness of soul of the writer, thus diminishing the grandeur of the accomplishments the people who created the ‘fortune’ made. What it does not do is emphasize the greatness involved in many cases, when and where many people had to make extraordinary sacrifices to endow their children or relatives with the possibility of further education, for which they worked, which they deserved, and that the country urgently and existentially needed, without officially helping or helping much.

This privilege of fortune should have never existed. It should have been a goal of the Portuguese and of the Portuguese Governments – or the people who occupied the positions that should be of and for governing – to promote that which is evidently the greatest richness of any group of persons, i.e., themselves. Education never was a privilege – the point is not historical, for in History one can find almost anything, any gold or any trash –, but the utmost effective and promising tool of self-enriching humanity possesses.

The same dictator who was intelligent enough to permit the creation of the Women Para-Nurses, was never intelligent enough to perceive that a country with low education levels is a country of general human low level, destined to poverty, possibly misery, and, through these, to annihilation.

¹⁴ Cfr., SERRA Rosa (coord.), *Nós, Enfermeiras Paraquedistas*, «Prefácio» de Adriano Moreira, «Introdução» (coord.), «Mensagem» de Isabel Rilvas, s. l., Fronteira do Caos Editores, Lda., 2014, p. 25.

¹⁵ *Ibidem*, p. 29.

It was amidst this country of low education level and the people that it generated, that the women who not only managed to get a rare education beyond the strict minimum level, but had the courage to become Nurses, had to have the supplementary courage to suffer what was then considered by many as a kind of metamorphosis, becoming parachutists, and committing the 'folly' of «jumping out of a perfectly good aeroplane», as the saying goes.

Let us not allow the inversion of justice: it is not a privilege for the Para-Nurses having been how and who they were in the service of Portugal: *it is the privilege of Portugal to have had these young women serving it.*

The honour along with the sacrifice and suffering goes to the ones who acted, not to the recipients. Without the action carried out by these women – some more, some less, as always everywhere, even at war –, many more soldiers would have died and many more would have suffered far worse consequences of their non-lethal wounds. Theirs was the privilege of being nursed by these women.

Saving soldiers on the battlefield, in battle. No Minister did that, no General did that; the Para-Nurses did that; the field Medics did that, the Doctors and Nurses at the hospitals did that. A service the country can never enough acknowledge, even less pay or repay.

The young ladies, having worked to become trained Nurses, having been alerted to the necessity of Military Nursing done by women with parachutist training, *volunteered*, manifesting a most advanced ethical and political-social attitude, defying almost everyone and every cultural paradigm of Portuguese society.

The «Six Marys», for all were named «Maria», started to prove, and ended up by proving, to the rest of the society, that women could, in fact, not only do the same tasks usually performed by men, but, in their case, perform a task that was not performed by men, for, although being jumpers as war fighters, they did not do that as professional rescuers. Women were about to do so. Women, for a fact, did so.

To really understand the greatness of the rescue personnel under war conditions, one has to comprehend that a bullet or a piece of shrapnel or any other missile are stupid objects. They do not choose the people they wound. A Commando armed with a

knife to silently cut the throat of a sentry can choose not to do so, or to simply null that sentry operatively, instead of annihilating him/her. *It is not the knife that chooses*, it is, really, the man or the woman. Confronted with a rescuer, a Medic, a Para-Nurse, the Commando – or any other soldier –, can choose not to kill, just to make a prisoner or to impede the action. The stupid missile cannot do so. It follows strict physical principles, and, if these make it tear the flesh of the best rescuer in the world, it will tear that flesh.

This logic of the physics of missiles (even the so-called ‘smart ones’) follow the logic of war that is *a logic of killing*. Without this logic, there is no war, but a simple act of non-lethal violence. Sometimes these disparate realities are confused. They are not confused in the cruel reality of, precisely, *reality*.

Or when people go to war, they go to war to die, even if expected and expecting to live; some even surviving. Many do not, in fact, live. This principle – for it is a principle, it depends on no opinion – applies to military rescuers as it applies to special troops: the striking missile does not ‘know how to tell the difference’.

After what has just been written, it is, now, easy to understand, beyond any mythic or ideological irrationality, that this was the ambiance to which the Portuguese Para-Nurses were destined. It does not matter that someone thought or even said or even wrote or even legislated that they were not to undergo such possibilities, such «perils» (if this word serves a better understanding). It does not matter, for reality cares not about what people say about it. And this is no metaphor here, no personification of reality as a whole. This is how ‘stupid’ and lawless reality is. The reality to which the Portuguese Para-Nurses were sent was in no way different from any other reality of war: they were sent to the making of death, in order to help some of those under this condition to escape the grip of death. Having thus been exposed, they shared the exact same possible destiny as their – now the term is mandatory – comrades.

It is rather unsoldierly – perhaps it is military, in the most bureaucratic sense of the term, alas – to say that these women were the first women military: they were the first *women comrades* that the men in arms in Portugal ever had. *Comrades*: sisters in arms and in blood, and blood they dealt with, many litres of it. It is in *the sharing of the*

blood that dwells the military belonging of these women, not in some dull piece of legislative paper.

There are rather remarkable depositions made by the surviving Para-Nurses recalling the experiences of their military training and soldierly learning. Too long to be presented her. Nevertheless, the introductory text to the chapter dedicated to the military training of the book *Nós, Enfermeiras Paraquedistas* is quite rich in information pertaining to this theme. About the general idea of women's capacities, one can read, p. 79:

«There was, then, the general conviction that women did not possess the force, or the energy, or the courage, enough to face the toughness, the rusticity, and the perils inherent to military exercises, and mostly to get near a battle field! And, thus, in the case of war, women could only perform support functions.»¹⁶

In other western countries – and elsewhere –, many women had already fought under military circumstances, which was known, internationally known. For example, during WWII, thousands of women undertook military functions both performing non first line of combat tasks, and, as when members of the various groups either of secret agents or of «partisans», many fought in battles, many were wounded, many died.

So, this «general conviction» is best attributed to Portugal and its cultural development state. Objectively, apart from objective prejudices, there is nothing that, as a principle, defines women as less capable for war than men. Objectively, one would have to make the experiment to find out if reality of action manifested universal – general is not sufficient, for there may be a grand exception that undermines the general results – ‘febleness’ of women compared to men, and in precisely what fields of action. The same problem arises when comparing men with men, for they do not act the same, and action varies according not just to the subjects, but also to the types of acting.

¹⁶ «Havia então a convicção generalizada de que as mulheres não tinham força, nem energia, nem coragem suficientes para enfrentar a dureza, a rusticidade e os perigos inerentes a exercícios militares, e muito menos de se aproximarem de um campo de batalha! E assim, em caso de guerra, as mulheres apenas poderiam desempenhar funções de apoio.»

What the author of the text is telling is that *there was a prejudice against women's capacities*. It was, then, up to these few women to demonstrate beyond any doubt that those prejudices were no more than, precisely, prejudices. Which they did. Not all of them. The failure of some of them, immediately failing the first jump from the training tower, does not make these women lesser women or lesser human beings, but common human beings, independently from gender, for the 'normal' attitude towards the eminence of such a jump is denial. They did not fail because they were women, as the men who indeed also failed did not fail because they were men, or lesser men, but because it is the common attitude. Whoever does not want to give credit to this utterance, please, just go to one of those towers now and perform the jump.

However, the women who, indeed, managed to jump not just from the training tower, but from the aeroplanes, they also did not do so for they were women, as the men who did the same did not do it for they were men, but they did it for they were objectively capable of doing so. Both women and men. This is objective and undeniable.

If one wants, one can call these people, men and women, «special», as many others were «special» in their fields of action. Nevertheless, it is just an adjective. The material greatness lies elsewhere, in the greatness of the action, in all fields, so, also, in the field of Women Para-Troop Nurses.

Having all the breveted women passed the first complex ordeal of military training, it is in the memories of active war rescue that the greatness of these women can be duly found. Some memoirs suffice to hint at such greatness. Let us begin with this contribution offered by Para-Nurse Eugénia Sousa:¹⁷

«Many were the experiences that there [in war zones] I had, and that only in that environment – the one of war – are passible of being experienced. They occurred in an environment full of difficulties,

¹⁷ SERRA Rosa (coord.), *Nós, Enfermeiras Paraquedistas*, «Prefácio» de Adriano Moreira, «Introdução», Fronteira do Caos Editores, Lda., s. l., 2014, p. 391: «Foram muitas as experiências que ali [em zonas de guerra] tive, e que apenas naquele ambiente – o da guerra – são passíveis de ser[em] experimentadas. Elas ocorriam num ambiente cheio de dificuldades, [estando nós] quase sempre isoladas, e tudo tinha de ser ultrapassado para podermos cumprir as nossas missões – tratar dos feridos que nos confiavam. Mas aquelas provações permitiram-me melhorar como pessoa, e melhorar em todos os sentido[s].».

[us being] almost all the time isolated, and all had to be overcome in order to being able to fulfil our missions – to take care of the wounded that were entrusted to us. But those ordeals allowed me to get better as a person, and to get better in every sense.».

No moaning. No bitterness, just the objective facts and the effects, also objective, undergone by the subject of the action. Difficulties, missions; difficulties that preceded the missions, difficulties during the missions. Here is a person – who serves as a paragon, for these words are applicable to many others of her comrades – capable of surpassing the difficulties, carrying to the end the mission. Sometimes, it was not possible to deliver the best possible result, a living soldier, but, less than a miracle, the task, the mission went to the end, delivering what non-miraculous work can do. No more can be done, no more can be asked. This is the height to which these women rose themselves. Great, even when miracles were not available, because miracles were not available. For instance, in the words of Para-Nurse Eugénia Sousa:¹⁸

«Once, I was swimming at the Railway Workers swimming-pool [Mozambique], and they went and called me urging me to get back to the barracks. When I arrived, there were six or seven [wounded soldiers] and they were so blackened, so blackened from the mine that had exploded, that I wasn't sure if they were white or if they were black. I fought until I could no more, you don't want to know, in order to save them. Only you have to imagine is a white man completely burned. For 48 hours, I did not eat, did not sleep, I had to take them to Beira, afterwards to Lourenço Marques, use the same plane and go again to Beira. Later I asked about them, and they said that one or another were saved, but I doubt.».

¹⁸ ANTUNES José Freire, *A guerra de África (1961-1974)*, vol. II, p. 680: «Uma vez estava na piscina dos ferroviários a nadar, foram-me chamar para eu ir para o quartel. Quando lá cheguei, eram uns seis ou sete e estavam tão pretos, tão pretos da mina que tinha explodido, que eu não tinha a certeza se eles eram pretos ou se eram brancos. Lutei até não poder, nem queiram saber, para os salvar. Basta imaginar um branco completamente queimado. Foram 48 horas em que não comi, não dormi, tive de levá-los até à Beira, depois para Lourenço Marques, aproveitar o mesmo avião e ir novamente para a Beira. Mais tarde perguntei por eles, disseram-me que um ou outro se salvou, mas duvido.».

Terrible words. Nevertheless, one has to understand that, as in any field of battle, what is required of the rescuers is not – really – the *salvation* of the wounded, but the *care of* the wounded, thus making possible even their salvation later, when that is possible. *It is the presence and the care that are paramount*, without which there is no possible help, companionship in times of agony, and, as possible, the happy result: salvation from death. No wonder, soldiers named these comrades «angels in war». The Women Para-Troop Nurses were «angels from the sky».

The inhuman brutality of war touches everyone in the field of battle, i.e., the space and time where war is in act. Within that space, no one is safe, «friend or enemy». For the rescuer, both friend and enemy are object of exercise: when wounded, the soldier – or the civilian caught by the act of war – needs the rescuers' intervention. It is a very strong experience, the one where one is called to help both your comrades and the ones who are there to destroy your comrades, the ones who are your *enemy*, not a gaming adversary, but an existential enemy. The act of rescue, at least momentarily, transforms your enemy into someone who needs your help, just another wounded person in need. It is then that real humanity reveals itself, as we can see in the words of Para-Nurse Giselda Antunes Pessoa:¹⁹

«It happened even with PAIGC's²⁰ personnel. Once I went to fetch one from the bush who had lost a leg, and only spoke French. [... at the hospital in Bissau] he called for me again, there was a creole interpreter there, to explain to me that it had been I who had fetched him from the combat zone. He had recognized me. Back then, when I went to fetch him, there was no space in the helicopter and they wanted, for that reason, that he stayed back a little longer in the bush because the space lacked. I said no, that if the wounded man stayed in the bush, I would also stay. We had two wounded men, one ours and that one. There was a gentleman who was there at the front of the operations and who wanted to come in the helicopter, and because of that there was no space for the wounded man. That is why I said that if the wounded man stayed, I too stayed, if the Lieutenant-Colonel

¹⁹ *Ibidem*, pp. 682-683.

²⁰ The movement that fought for the independence both of Portuguese colony «Guiné» and for the Portuguese colony «Cabo Verde».

went and the wounded man didn't go, because there was no space, I too would not go. In the end, we all came back.».

The sense of justice is evident; also evident is the sense of duty and of humanity. Hierarchy means nothing when that which is at stake is the life and health of a human being. A «*human being*», not an «*enemy*». Health care *principles* overrule any *values*, either military or political.

To be duly noticed that this woman officer – one of the beings who supposedly perhaps could not endure the harshness of military life in combat – made her position good, obliging the other officers to follow the path of human decency, of humanity, of the humane mode of being, mostly needed precisely in times and acts of war. These strong, just and humane attitudes *make the difference*. They, then, *made* the difference.

It was a difference also made of constant anguish, with heights that reached the almost humanly impossible to endure, not just when rescue failed to save, not only when seeing your comrades torn to pieces, but mainly when one of your kind, a comrade Para-Nurse, paid the ultimate price in a tragic way, as one can perceive through the words of Para-Nurse Maria da Piedade Gouveia:²¹

«Another thing that marked me the most was the death of our colleague Celeste. She was on first alert and I in second. We were at the Officers' Mess having lunch, there was an alert, and Celeste went by jeep to the runway. Not even five minutes had elapsed, when I was told to go to the runway, to go and do an evacuation. I said that Celeste had already gone, but I was told there had been an accident. I went, running, to the runway and, when I arrived, she was already covered with the cloth used to cover the aeroplanes. I uncovered her and saw the brain all scattered around. Later, I was told that, at the moment in

²¹ *Ibidem*, p. 679: «Outra coisa que me marcou muito foi a morte da nossa colega Celeste. Ela estava em primeiro alerta e eu em segundo. Estávamos na messe dos oficiais a almoçar, houve um alerta, e a Celeste seguiu de jipe para a pista. Nem cinco minutos tinham passado quando me mandaram ir para a pista para ir fazer uma evacuação. Eu disse que a Celeste já tinha saído, mas responderam-me que tinha havido um acidente. Fui a correr para a pista e, quando lá cheguei, ela já estava coberta com o pano de tapar os aviões. Destapei-a e vi o cérebro dela todo espalhado. Mais tarde contaram-me que, no momento em que a hélice lhe cortou a cabeça, ela tinha dado um grito que se ouviu em toda a pista, que ainda era grande.».

which the propeller cut her head off, she had cried so loud that she was heard all over the runway, that was rather big.».

And helplessness settles in. All seems in vain. Non the less, the unity between job to do and force of will, though unsettled, does not wither or fail, when human extreme need presents itself. This unity is the Woman Para-Troop Nurse herself.

Para-Nurse Maria Zulmira André summarizes:²²

«I did all the treatments that had been taught me as fit for those emergency situations, the fastest possible, in order that the [wounded military] went to the hospital, where he would receive the adequate treatment. It was anguishing to desire that all went as fast as possible, that the plane went faster... We even had no time for fears. There is a life there and we must do everything in order that such life is not lost.».

«No time for fears.» Common sense – not always compatible with “good sense” – ‘says’ that in war everyone is afraid. One may even wonder if it is not acceptable – socially, at least – to think that there may exist someone who is not, effectively, afraid at war, under the conditions of war, moreover, under the conditions of an intense battle. It seems that it is forbidden not to be afraid.

Well, it is not. There is nothing in the known structure of the universe that impedes not being afraid, and statistics are just what they are, they don't define possibilities, they merely describe, under the aegis of the parameters to which they obey, a certain 'state of fact'. Nothing more. So, it is possible that some person, any person, in principle, may not be afraid under the considered conditions; as it is evident that, under the same principles, there may be someone who may be afraid, under the

²² *Ibidem*, p. 673: «Eu fazia todos os tratamentos que me tinham ensinado a fazer para aquelas situações de emergência, o mais depressa possível, para que fosse [o militar ferido] para o hospital onde receberia o tratamento adequado. Era uma angústia desejar que tudo se passasse o mais rápido possível, que o avião andasse o mais depressa... Nem tempo temos para medos. Está ali uma vida e temos que fazer tudo para que essa vida não se perca.».

same conditions; as is evident that everyone may not be afraid or everyone may be afraid under the same conditions. What is not necessary is that all of them *must* be one way or the other. Facts and logic matter; ideology does not, when reality is at stake. Sooner or later, ideological trash shall always sink to the bottom, leaving both facts and logic on top. Scientific patience is paramount in order to perceive what really reality is or was.

When Para-Nurse Zulmira says that there was no time for fears, she does not mean that psychologically she had no fear – which is meaningless under the circumstances –, but, there was no time, i.e., no margin for not acting in order to save the wounded, regardless of what she and her comrades felt, be it either fear, anguish, elation, or whatever feelings: *feelings do not save wounded soldiers*, action, appropriate action, may, appropriate action often does; not as often as the rescuers would like. Nevertheless, their finality was properly served, their «duty» discharged, their contribution to and for the possible common good made. Feelings were kept in the medical bag, and let open when ‘job’ was done.

This anthropological greatness is not compatible with psychological distractions or reductions. It is purely ethical, depending only on the person’s desire to help and on the realization of that desire.

On the other hand, «fear» is sometimes mistaken for other types of passions, as being scared with the noises or sights of battle, etc., or, worse, with ethic attitudes – that are actions, not passions –, as prudence and courage, absolute necessities for the soldier under battle situation; the direr the battle conditions, the more needed are both courage and prudence. A prudent soldier is not to be mistaken for a coward one, but for an intelligent one. Imprudence may win a combat, randomly, but it shall not win a war, which final result always depends on *intelligent governing of acts*.

Such were the generality of the acts of these Women Para-Troops. With unavoidable mistakes, due to imprudence, but generally governed by prudence.

A testimony, by Para-Nurse Maria do Céu Pedro, exemplifies what differentiates fear from temerity and from the courageous use of action, being as prudent as possible,

but not accepting leaving a wounded comrade behind; a difficult complex balance that leaves every time the agent on the cutting edge of the knife:²³

«One other time, the helicopter landed and I stayed at the edge of the bush, I could not get out of the helicopter. They entered deep in the bush and the Corporal didn't come back for a long time. I decided, then, to penetrate in the bush, and there I found them. They were taking more time because a Second Lieu-Tenant had stepped on a mine, had lost a leg; and they were applying him a compressive dressing in order to stop him losing blood. When they saw me, they said: "You, here?! You are mad, Lady!". It was really prohibited to get out; all of that was booby-trapped, I stepped on no mine for it was not due. But I must say that I never felt fear.».

Quite impressive, and impossible to be negated, except by the ones who lived not such facts. Of course, the «not due» means a factor that one can designate as «luck», never knowing how to properly define «luck». In reality, there is always an immense possibility of events that may occur, all pertaining to an intricate net of dynamic relations. If one is situated in a theatre of war, one must know that there is the possibility – the greater or lesser probability – of there being mines, anywhere; really anywhere. Formal prohibitions serve the purpose of helping to avoid casualties, fatal or not. Nevertheless, if one follows strictly all the rules and ponders profoundly on all the possibilities, one does not act in war, or acts too late, situations which are difficultly to discern.

One does act bearing in mind possibilities and rules, but having as main principle the need to serve one's aim, be it whatever it is (this is not the point, here). The aim of the Portuguese Women Para-Troop Nurses was to rescue their wounded or ill comrades.

²³ *Ibidem*, pp. 675-676: «De outra vez, o helicóptero desceu e eu fiquei na orla da mata, não podia sair do helicóptero. Eles entraram pelo mato dentro e o cabo nunca mais aparecia. Decidi então entrar pelo mato e lá os encontrei. Estavam a demorar porque um alferes tinha pisado uma mina, tinha ficado sem a perna e estavam-lhe a fazer um penso compressivo, para que ele não perdesse sangue. Quando me viram disseram: "A senhora aqui?! A senhora é doida!" Era realmente proibido sair, aquilo estava tudo armadilhado, só não pisei uma mina porque não calhou. Mas devo dizer que nunca senti medo.».

What Nurse Maria do Céu did was to put her aim in front of her safety. Was this not the common bread of the life of a soldier at war?

The same *war* which unique goodness is to never be.

Non the less, there are wars. Within their actuality, the only goodness is found precisely in the acts of care, the acts of mercy, the common or exceptional acts of human goodness, wherever they come to being, whoever realizes them.

The last words, left without comment, pertain, for they can only pertain to them, to some of the Portuguese Women Para-Troop Nurses. The first testimony is given by Nurse Zulmira:²⁴

«As a Para-Troop Nurse, what did I do before the wounded, the dead and the suffering of their relatives? What we all did: I took care of the wounds and the pains, consoling, giving hope, soothing, being present. This was our mission, and on it we put in it all our effort, physical and emotional, always respecting each person as deign of all respect, consideration and dedication. / No one of us was spared from difficult situations, but I am sure that our presence was effective and rather promoter of humanity.».

²⁴ SERRA Rosa (coord.), *Nós, Enfermeiras Paraquedistas*, «Prefácio» de Adriano Moreira, «Introdução» (coord.), «Mensagem» de Isabel Rilvas, s. l., Fronteira do Caos Editores, Lda., 2014, pp. 381-382: «Como enfermeira paraquedista, o que fiz perante os feridos, os mortos e o sofrimento dos seus familiares? O que todas nós fazíamos: cuidava das feridas e das dores, consolando, dando esperança, acalmando, estando presente. Foi esta a nossa missão, e nela pusemos todo o nosso esforço, físico e emocional, respeitando sempre cada pessoa como digna de todo o respeito, consideração e dedicação. / Nenhuma de nós foi poupada a situações difíceis, mas tenho a certeza de que a nossa presença foi eficaz e muito humanizadora.»). On the subject of the respect due to each person, the words of Para-Nurse Maria Ivone Reis are quite significant: «As more troops were going to Africa for the defence of the populations, black or white – there, there were no whites and no blacks –, the mission that was proposed to us was to accompany all the wounded at the combat front, in order not to diminish the number of the qualified people present there [at the rear hospitals] to receive the wounded.», («Como iriam mais militares para África em defesa das populações, negras ou brancas – ali não havia brancos nem pretos, mas portugueses – a missão que nos era proposta era acompanhar todos os feridos que surgissem na frente de combate, de maneira a não desfaltar as pessoas qualificadas que estariam lá para receber os feridos.»).

Para-Nurse Maria de Lourdes Gomes recalls:²⁵

«My service time in the Air Force is, as I remember, peopled with various kinds of feelings, all of them contradictory. Summarizing, I can affirm that it constituted, simultaneously, the best and the worst period of my life. / It was the worst because of all that I went through, felt and suffered. In spite of, as any other Nurse, being prepared to face unpleasant situations regarding the physical condition of the patients, I confess that I was not psychologically prepared to face the state of many of the wounded who were delivered to me for me to treat and keep alive until [arriving at] the hospital. It had never occurred to me that there could have been so much human destruction, so much pain, so much unhappiness! What I suffered during those minutes in which I fought, alone, to keep the wounded alive! Today, I'm admired at having resisted to so much pain and suffering. Living a mixt of feelings, I was there, yet almost a lass, trying to minimize the suffering of the others, and, simultaneously, trying to balance myself. / Today, I remember all of this with much more serenity, but the most dramatic cases I still remember them, with tears in my eyes. / But, on the other hand, that period was the best of my life, if I consider other factors. / For example, I feel pride for having lived that experience, because there all my physical and psychic

²⁵ *Ibidem*, p. 425: «A minha passagem pela Força Aérea é por mim recordada com vários tipos de sentimentos, todos eles contraditórios. Sumarizando, posso afirmar que ela constituiu, simultaneamente, o melhor e o pior período da minha vida. / Foi o pior por tudo aquilo que passei, senti e sofri. Apesar de, como qualquer enfermeira, ter sido preparada para enfrentar situações desagradáveis relativamente à condição física dos pacientes, confesso que não estava preparada psicologicamente para enfrentar o estado de muitos dos feridos que me entregavam para tratar e manter com vida até ao hospital. Nunca me tinha ocorrido que pudesse haver tanta destruição humana, tanta dor, tanta infelicidade! O que eu sofria durante aqueles minutos em que lutava, sozinha, para manter os feridos com vida! Hoje, admiro-me de ter resistido a tanta dor e sofrimento. Vivendo uma amálgama de sentimentos, eu estava lá, ainda quase menina, tentando minimizar o sofrimento dos outros e, simultaneamente, tentando equilibrar-me a mim própria. / Hoje relembro tudo isto com bastante mais serenidade, mas os casos mais dramáticos ainda os recordo, com lágrimas nos olhos. / Mas, por outro lado, aquele período foi o melhor da minha vida se considerar outros factores. / Por exemplo, sinto orgulho por ter vivido aquela experiência, pois ali forma postas à prova todas as minhas capacidades físicas e psíquicas e as minhas qualidades morais. Tive experiências extraordinárias, observando o que de pior o homem pode provocar ao seu semelhante, mas também testemunhei situações onde a mais nobre faceta humana tinha o seu brilho. Enfrentei tremendas dificuldades, medos, dúvidas, por vezes quase que desesperei, mas, com maior ou menor dificuldade, sempre consegui ultrapassar todas essas barreiras.».

capacities along with my moral qualities were put to the test. I had extraordinary experiences, observing the worst man can provoke to his fellow human being, but I also witnessed situations in which the noblest human facet had its glow. I faced tremendous difficulties, fears, doubts, sometimes I almost despaired, but, with more or less difficulty, I always managed to overcome all of those barriers.».

Para-Nurse Cristina had a bullet for a friend, a very ‘intimate’ one:²⁶

«On the eve of leaving Mueda definitely, because I was going to be discharged, departing next day for Lisbon, my colleague Marina insisted on her doing all the evacuations that day, while I packed my suitcases in order to travel the next day. When the first evacuation call arrived, she went on, and when she returned, she said: “... I’m going to the Chinaman (small, and, I think, unique shop that existed in Mueda and which owners were Chinese) to do some shopping and I won’t be long!”. In this short period of time, another call for evacuation came, for Nangololo, and, then, I went on, not informing her. / When returning with the wounded man on board, the plane was shot and I was hit. Suddenly, I had the sensation that I had been hit with a horse kick on my head, coming from I didn’t know where! [...] The pilot managed to take the plane to the runway at Mueda. After having landed, the wounded man we had gone to Nangololo to

²⁶ *Ibidem*, pp. 289-290: «Na véspera de deixar Mueda definitivamente, porque ia passar à disponibilidade, embarcando no dia seguinte para Lisboa, a minha colega Mariana fez questão em ser ela a fazer todas as evacuações desse dia enquanto eu fazia as minhas malas para embarcar no dia seguinte. Ao primeiro pedido de evacuação ela avançou e no regresso disse “... vou ali ao China (pequena, e penso que única, loja que havia em Mueda, cujos proprietários eram chineses) fazer umas compras, não me demoro!”. Neste curto intervalo, surgiu novo pedido de evacuação para Nangololo, e então eu avancei, não lhe dando conhecimento. / No regresso com o ferido a bordo, o avião foi alvejado, sendo eu atingida. De repente tive a sensação de que levava um coice na cabeça, vindo não sei de onde! [...] / O piloto conseguiu levar o avião até à pista de Mueda. Após aterrarmos, o ferido que tínhamos ido buscar a Nangololo ficou em terra e eu embarquei num helicóptero rumo à enfermaria do sector [...] Aqui, fiz uma radiografia para ver onde se encontrava o possível estilhaço. Após o Raio-X verificou-se, para espanto de todos e de mim própria, que tinha uma bala na cabeça, que entrara junto do lobo inferior da orelha direita, ficando alojada na nuca. Todos os médicos ficaram surpreendidos, quase incrédulos, a olhar a radiografia – e eu também! Não sei o que pensei, só me lembro que pedi um cigarro e fumei-o ali mesmo, antes de ser operada para extração do dito que, no fundo, foi meu “amigo”. Ela entrou, fez o seu caminho, e instalou-se “confortavelmente” num local onde não desse muito trabalho, se o proprietário do seu novo alojamento resolvesse desinstalá-la... Não fez estragos nenhuns na sua trajetória. O cirurgião operou, retirou-a com cuidado e, no fim da operação, ofereceu-ma. Até hoje a minha “amiga” bala faz parte do meu espólio.».

fetch stayed on ground and I boarded a helicopter to be transported to the sector Infirmary [...]. Here, I had an X Ray, to see where the possible piece of shrapnel was at. After the X Ray, it was established, to the amazement of all, including myself, that I had a bullet inside my head, that penetrated near the inferior lobe of the right ear, ending up being lodged at the back of the head. All the Doctors were surprised, almost incredulous, looking at the radiography – and so was I! I do not know what I thought, I just remember that I asked for a cigarette and smoked it right there, before being operated to extract the said object, that, after all, was my “friend”. It entered, made its way, and settled “comfortably” in a place where it would not cause a lot of trouble, if the proprietor of its new diggings resolved to uninstall it... It caused no damage at all in its trajectory. The Surgeon operated, withdrew it carefully, and, in the end, gave it to me. Up until today, my “friend” the bullet is part of my spoils.».

Para-Nurse Maria de Lourdes Gravato²⁷ remembers:²⁸

«It is impossible to describe that which I underwent in that period of my life. Many of those events still inhabit my memory, for they are unforgettable. Some, being so painful, I never uttered a word about them to anyone, and they will forever stay with me, also due to the respect for those who were their victims. But there were also extraordinary moments of joy, of pure conviviality, of Friendship. And, always, of Dedication to our fellow human beings, to those who needed our help. In the lines here written, I want to engrave a vote of praise to all the young and less young, from one side or from the other, who fought the war. They, indeed, were and are heroes, they did not have a choice, they did not have an option. I was a volunteer.».

These last testimonies presented here manifest both grief and joy. Nevertheless, though grief was sometimes so profound that it never came to speech, joy seems to

²⁷ Formerly Maria de Lourdes Cobra, maiden name.

²⁸ *Ibidem*, pp. 407-408: «É inenarrável o que comigo aconteceu naquele período da minha vida. Muitos daqueles acontecimentos ainda hoje povoam a minha memória, pois são inesquecíveis. Alguns, por muito dolorosos, nunca os narrei a ninguém, e ficarão para sempre comigo, até por respeito por aqueles que foram suas vítimas. Mas havia também momentos extraordinários de alegria, de são convívio, de Amizade. E, sempre, de Dedicação ao próximo, àqueles que necessitavam da nossa ajuda. Nestas minhas linhas, quero que fique gravado um voto de louvor a todos os jovens e menos jovens, de um lado ou do outro, que fizeram a guerra. Eles, sim, foram e são heróis, não tiveram escolha, não tiveram opção. Eu, fui voluntária.».

have surpassed everything else, exalting these women to an anthropological height that is most uncommon, certainly much, much higher than the lamentable mediocrity of the ones who create wars and never lay their feet on the bloody fields they are the makers of.

Bibliography:

AFONSO Aniceto, GOMES Carlos de Matos, *Guerra colonial. Angola. Guiné. Moçambique*, [Lisboa], Diário de Notícias, s. d.

CHURCHILL Winston Spencer, *The Second World War. Volume II. Their Finest Hour*, New York, Houghton Mifflin Company, 1949.

SERRA Rosa (coord.), *Nós, Enfermeiras Paraquedistas*, «Prefácio» de Adriano Moreira, «Introdução» (coord.), «Mensagem» de Isabel Rilvas, s. l., Fronteira do Caos Editores, Lda., 2014.

TORRÃO Ana, *Anjos na guerra. A aventura das enfermeiras paraquedistas portuguesas*, Alfragide, Oficina do Livro, 2011.

ABSTRACT:

Portugal had a group of military Para-Troop women composed by trained Nurses, whose main mission was to respond to evacuation calls for wounded soldiers, nursing them, keeping them alive until they could reach military hospitals in the rear. The idea, the path to convincing the men in power, the creation and development of this very small but very significant and effective force, along with the service it delivered, constitute a dramatic historical and noble part of the Portuguese Colonial War. The action of these paradigmatic women proved, beyond any honest doubt, the capacity of apparently common women to perform even the harshest and most difficult tasks, never losing, in their case, the profound sense of humane action that had been the ethic core of their formation as Nurses.

KEYWORDS:

Portuguese Women Para-Troop Nurses, war, wounded soldiers, evacuation, comrade, greatness.

**A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA LITERATURA
PARA A INFÂNCIA NA ACADEMIA:
UM CONTRIBUTO CENTRAL E CORDIAL DE
MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES**

Cláudia Sousa Pereira
CIDEHUS.UÉ – Universidade de Évora

Sem poder furtar-me à tristeza própria de momentos de despedida para um inevitável não-retorno, o tom menos académico, sem densas notas de rodapé, nem longas invocações de bibliografias incontornáveis, numa revista conceituada de uma Universidade prestigiada, como são a *Gaudium Sciendi* e a Universidade Católica Portuguesa, obrigou-me, neste breve texto, a não sair de questões académicas, lugar onde conheci, por lê-la, a nossa homenageada, que não o lerá já. Mais: nele encontrei a oportunidade de realçar a ousadia durante largos anos recompensada de, na Universidade Católica de Lisboa, terem coincido a dedicação da Professora Maria Laura Bettencourt Pires à divulgação da investigação em Literatura e Cultura e uma das formações mais prestigiadas sobre o livro infantil, a Pós-Graduação em Livro Infantil, investimento que, quem a concluiu, tem revertido numa real, e desejavelmente multiplicável, melhor promoção e mediação da leitura junto dos leitores mais jovens.

Persistindo num campo dos estudos literários que está, felizmente, já longe da realidade de 1983, quando Maria Laura Bettencourt Pires publicou, no catálogo da editora lisboeta Vega, a sua *História da Literatura Infantil Portuguesa*, dedicar-me-ei a esta obra, comprada nos finais dos anos 90, cuja capa (figura 1) me fez então desconfiar do conteúdo, mas que encaro agora com uma ponta de nostalgia que me dá alguma tolerância e até a oportunidade de lhe acrescentar mais sentido. A par da recensão da obra, serviço mínimo da apresentação do objeto sobre o qual se fala, concentrar-me-ei, demorando mais, no “Prefácio” assinado por Adolfo Simões Müller (1909-1989) e na “Nota Final” da autora.

São três as mulheres que, dedicando-se à investigação, passo inaugural na sistematização e valorização de qualquer campo de estudos, publicam as primeiras

obras onde, criticamente, expõem no friso cronológico o *corpus* que materializa a literatura com destinatário infantil privilegiado. Esther de Lemos, em 1972, publicava numa edição do Estado (MEN-DGEP) *A Literatura Infantil em Portugal*, um texto corrido com cerca de 30 páginas. Natércia Rocha publicaria depois, respetivamente em 1987 e 1992, *Bibliografia Geral da Literatura Portuguesa para Crianças e Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*, em edições de iniciativa pública. Entre uma e outra, Maria Laura Bettencourt Pires ousaria entrar no meio da edição comercial, com a sua *História* o que não deixa de ser revelador de uma intenção, importante, em ir para lá dos limites dos “profissionais da educação”. Para ser justa, também não será de esquecer outra mulher, Alice Gomes, cujo trabalho de responsável de uma importante coletânea intitulada *Poesia para a Infância* (1955), a par do legado de autora, deixou um ensaio relativamente pouco conhecido, intitulado “O Autor e a Comunicação no Livro Infantil”, resultado de uma intervenção no âmbito da exposição de livros infantis realizada em Lisboa, entre 16 e 31 de outubro de 1972, e do *Ciclo de Conferências sobre Literatura Infantil*, opúsculo publicado também em 1972 pelo MEN-DGEP, com as mesmas dimensões e características do de Esther de Lemos. Mas concentremo-nos na *História* de Maria Laura Bettencourt Pires.

Na “Introdução”, para definir opções de metodologia e de seleção de marcos indispensáveis, a autora não descarta três perspetivas que, aliás, denotam uma posição de certa forma progressista perante o fenómeno literário: a própria eterna questão de definição do que é ou não literatura, sem perder muito tempo com a questão do destinatário, questão que, de resto, se resolve quando distingue livros infantis com características que não se definem pelo aspeto estético do texto; o facto de as produções estéticas em livro dependerem de um sistema mais vasto que implica outras instituições, como as do ensino e a do mercado; e, finalmente, a importância dos diálogos entre culturas várias, o que não reduz o adjetivo “portuguesa” desta literatura.

Assim, a investigadora começa o seu estudo prevenindo desde logo:

(...) para fazer a história da literatura infantil teremos que procurar as suas origens na literatura tradicional.

Embora as fontes tradicionais não tivessem sido consideradas literárias, apesar do seu interesse para a história da cultura e da antropologia, constituíram o substracto temático de muitas obras escritas. (Pires, 1983:19)

Consciente do sistema mais vasto em que a literatura, dentro da sua própria engrenagem, se insere, explica-nos:

“(…) do ponto de vista comercial, a literatura vem logo a seguir às obras de ficção científica, nas listas dos editores. As livrarias são praticamente “inundadas” por obras para crianças e chegam a organizar-se feiras anuais especializadas, como a de Leipzig, muito concorridas por editores e livreiros.

Estudos recentes sobre antropologia e psicologia e o aprofundamento das investigações sobre contos tradicionais orais vieram pôr em relevo a importância da literatura infantil.” (Pires, 1983: 20)

E, antes de resumir o percurso que a sua *História* tomará, Maria Laura Bettencourt Pires ultrapassa assim a questão do destinatário privilegiado:

“Ao pensar em escrever uma história da literatura infantil logo surge uma questão – o que é realmente essa literatura?

Levanta-se o problema de saber se as obras para crianças constituem um ramo da literatura em geral ou, se devido às suas origens e evolução, se têm de considerar totalmente à parte.

Atualmente sabe-se que tem que se recuar no tempo para determinar as origens desse tipo de literatura e que no início havia uma coincidência entre o que era escrito para as crianças e para os adultos.

Ao elaborar esta história da literatura infantil portuguesa irei seguindo a evolução cronológica não apenas do que foi escrito mais recentemente – quando se decidiu que a finalidade primordial era distrair-se as crianças – mas também de tudo o que elas pudessem ter ouvido e conhecido e que tenha, de algum modo, contribuído para a sua formação.” (Pires, 1983: 21).

Ao que nos apetece, hoje, acrescentar perguntando se isso não continua a acontecer ao longo da vida, pensando primeiro em literatura e, só depois, na segmentação por interesses de quem a lê. Mais adiante veremos como Adolfo Simões Müller também não se poupa a criticar a forma como se seccionam públicos leitores.

O trabalho segue, pois, um friso cronológico em que, para cada segmento temporal, se tratam as diferentes produções em função dos géneros – lírico, narrativo e dramático – e suas derivações. Os segmentos começam com o de uma pré-história que não destringia destinatários, em “Origem e evolução da literatura infantil portuguesa”

que trata desde os contos populares ao teatro medieval, passando, por exemplo, por catecismos, relatos de viagens ou literatura de cordel. Segue-se o tratamento, com capítulos individuais, sequencial e especificamente desde o século XVII ao século XX.

Diga-se, em abono da verdade e em facto completamente alheio à responsabilidade da autora, que o tratamento editorial da obra não é cuidado. Mesmo quando parece facilitar-se a vida ao leitor que revisita, com fins específicos, esta *História*, incluindo um índice onomástico, o que me parece ter sido uma intenção da investigadora e académica, as páginas frequentemente não acertam com o que se procura. Ainda a propósito de opções editoriais, volto à escolha da capa, esta presumo que em concordância com a autora, para a declarar, opinião pessoal que argumento, tão infantilizante como os mais preconceituosos textos icónicos que, durante décadas e ainda em algumas (sempre demasiadas) estantes, não estiveram nem estão ao nível estético dos textos verbais. Não sendo este um livro para crianças, se a ilustração da capa já nos pode servir para falar exatamente dessas discordâncias, chamemos-lhe assim, a opção dos tipos gráficos do título da *História* continuam a não fazer sentido e a não ser coerentes com a importância e qualidade do miolo deste trabalho académico. Dito isto, mais sentido nos faz, e é realmente importante, que esta obra de Maria Laura Bettencourt Pires seja, hoje, (re)lida pelos destinatários que merece: quem estuda literatura e se interessa por literatura para a infância. Mas concentremo-nos, sem mais delongas, no texto que Adolfo Simões Müller escreveu para prefaciá-la nossa *História*.

Adolfo Simões Müller foi conhecido pela sua preocupação em que a formação de jovens passasse pelo adjetivo “cultural” no sentido de erudição, informação acumulada de episódios e factos. Adaptar textos em função de um leitor é apenas um passo, muito importante, para despertar o gosto pelo conhecimento, o que resulta de informação sustentada, discutida, argumentada e predisposta a criar e defender opinião. É precisamente sobre uma intenção partilhada por prefaciador e autora - que os leitores de *História da Literatura Infantil Portuguesa* possam contribuir para a formação do “gosto pelo literário” - que todo o texto de Simões Müller se constrói.

Na senda de Eça de Queirós e da famosa crónica transformada em carta de Inglaterra, datada de 1881 e intitulada “Literatura de Natal”, que cita de cor, as farpas nas elites literárias dão o tom. Sendo também jornalista, Adolfo Simões Müller é

implacável com a comunicação social, em particular a que tinha responsabilidades no setor cultural. Veja-se este parágrafo:

“É, de facto, pitoresco o aspecto de certa imprensa, consagrando, com regularidade pendular, páginas inteiras ao rock, ao toureio, à telenovela, não sei a que mais, e deixando passar semanas e semanas sem dizer sequer ao estimado leitor que “foi posto à venda um livro de Fulano, com ilustrações de Beltrano e que se destina a crianças de tantos e tantos anos”. E digo “aspecto pitoresco”, incompreensível seria mais correcto, tanto mais que esses jornais são feitos, não por cantores ou músicos de jazz, não por toureiros ou desportistas, mas, na sua quase totalidade, por es-cri-to-res. Seria, assim, natural que todos eles pugnassem pela defesa e pela propaganda de uma actividade de que compartilham. É evidente que aludem, oportunamente, a alguns livros. De autores já consagrados, de amigos de casa – o que não fica mal a ninguém. Mas o registo, puro e simples, dos livros para crianças que dão entrada na redacção, quem é que o viu já, feito com oportunidade?” (Müller, 1983: 12)

Volvidas quatro décadas sobre estas palavras, é certo que o mercado do livro e, especialmente, as duas etapas do Plano Nacional de Leitura (2006-2016 e 2017-2027), acabaram por modificar este panorama tão criticado. Caiu-se até noutra extremo, o de anunciar tudo, ou quase tudo, como “literatura” para os mais novos. Como já afirmei noutra lugar (Pereira, 2007), perante o *boom* da publicação de livros infantojuvenis na transição de século em Portugal, impunha-se que a (in)formação disponibilizada aos adultos, que são quem escolhe o que as crianças vão ler, passasse por essa destrição entre livro e literatura. Parece-nos que estamos perante um caso que assenta muito mais na responsabilidade das “pessoas do livro”, do que na das “pessoas da criança”, designações de Peter Hollindale. Sendo que estas são imprescindíveis e centrais no gesto final da cadeia de produção do livro, enquanto aquelas são fundamentais na primeira leitura do objeto estético que se deseja que o livro seja.

Esta primeira *História da Literatura Infantil Portuguesa* de Maria Laura Bettencourt Pires foi o primeiro gesto neste sentido e Adolfo Simões Müller reconhece-o. Um gesto consciente e intencional, em perfeita sintonia com o caminho que viria a ser percorrido, e ainda não terminou, na legitimação da importância do estudo deste subsistema da literatura infantojuvenil como parte do sistema literário, sendo este uma

constelação de uma galáctica organização das ciências que estudam o ser humano, os seus ambientes e as suas “pegadas”, como ouvimos hoje dizer.

Na sua “Nota Final”, a nossa Professora menciona a existência da *International Youth Library* de Munique, fundada por Jella Lepman em 1954, e assinala a importância de, no *International Board on Books for Young People*, o IBBY que institucionalmente comemora o dia 2 de abril como o do livro infantil, existir desde 1968 uma delegação portuguesa. Também refere a situação do mercado destes livros no nosso país, nesses idos anos 80, e releva as reuniões e eventos de cariz científico que começavam a surgir, “vários cursos e ciclos de conferências” que correspondem a um “maior interesse pelo estudo propriamente dito da literatura infantil” (pág. 143).

Mas, para irmos terminando este testemunho de gratidão, importa não esquecermos que neste gesto de académica e investigadora em literatura e cultura, a Professora Maria Laura Bettencourt Pires não esqueceu que académicos e investigadores, antes de ganharem a distância necessária do seu objeto de estudo, têm motivações que não se desligam da intimidade e dos afetos. E neste texto final, confessa com a cordialidade de quem tem o coração nas mãos:

“Creio que, desde que ouvi a primeira canção de embalar ou o primeiro conto de fadas, o meu interesse pela literatura infantil nunca esmoreceu e aumentou, sem dúvida, quando inventei as primeiras histórias sobre Sinu, o bicho da maçã, para contar a meus filhos. A eles devo, portanto, as primeiras investigações práticas e a consciencialização da importância da literatura oral e escrita para as crianças que me levaria à investigação de que resultou o presente trabalho.

Muito me alegraria se, além do que significou para mim, esta História da Literatura Infantil pudesse, eventualmente, servir de instrumento de trabalho, de indicação de pistas de investigação ou até apenas de satisfação de curiosidade de alguns leitores.” (Pires, 1983: 143)

Se o sucesso dos resultados de uma investigação motivada sofre amiúde com circunstâncias que estão muito para além da qualidade desse trabalho, e que não são aqui ainda assunto,¹ à qualidade literária dos textos que se querem lidos por crianças e

¹ José Jorge Letria (Letria, 1994) e José António Gomes (Gomes, 1998) quando referem Adolfo Simões Müller nas visões históricas panorâmicas da edição de livros para crianças não esquecem que este autor foi sempre “do regime”, mesmo reconhecendo justamente a sua importância.

jovens não são alheias as motivações dos autores. Mas este é assunto que Adolfo Simões Müller desenvolve, na apreciação que faz das escolhas feitas, nesta História que prefacia, para os nomes que se constituam como marcos, *mainstream* ou, com todo o peso conceptual que o termo carrega, cânone. E Müller continua sem ser meigo, antes de enaltecer o escritor que toma como modelo ambivalente de criação e estudo, Antero de Quental, criticando:

“(...) os *escritores de nomeada* – os romancistas, os novelistas, os poetas, os dramaturgos, os ensaístas – tão ocupados andam com as suas altas lucubrações, que lá da estratosfera onde pairam mal divisam os pequenotes que, cá em baixo, se debatem, com as suas pobres asas de frango, para ver se alguém dá por eles, lhes estende a mão, pelo menos de “camarada”, e os chama ao seu convívio de associações e academias... Mas qual! Se não fogem deles como de sarmentos, acenam-lhes, de longe, com dois dedos generosos, e que passem muito bem, mais as suas histórias patetas.

Pobres ingénuos! Esquecem-se, lamentavelmente, de que (não tenham dúvidas) no dia em que faltarem esses escritores tontinhos, para meninos, para os seus filhos, quando estes perderem então o gosto de ler e amar o livro que lhes é destinado, bem podem, mais tarde, os papás continuar a escrever ensaios magistrais e profundos, poemas tão belos como incompreensíveis, romances tão longos como “originalmente” obedientes às mais modernas regras chegadas a Lisboa por telex, que ninguém os lerá. (Müller, 1983:12)

Não podendo discordar de muito do que é dito, não conseguimos concordar com visão tão apocalíptica como a de Adolfo Simões Müller que, simultaneamente, tanto se preocupava em escrever versões de clássicos contando-os às crianças e explicando-os ao Povo. E não podemos deixar de aconselhar que quem queira enveredar pelo estudo do subsistema da literatura infantojuvenil comece por esta obra pioneira. Maria Laura Bettencourt Pires, iluminada pelas obras da famosa investigadora espanhola Carmo Bravo Villasante, em especial *Historia y Antologia de la Literatura Infantil Ibero-Americana* (1966) e *Historia de la Literatura Infantil Universal* (1977), deu em 1983 a

Na constelação das ciências sociais e humanas, literatura e política condicionam-se mutuamente e condicionam sucessos, não apenas de obras literárias, mas de trabalhos de investigação, em função do estatuto sociopolítico dos seus autores. Atualmente, chama-se a este fenómeno “cancelamento”.

quem frequentasse livrarias e tinha interesse em perceber a quem pedir conselhos sobre a qualidade das obras literárias dadas a ler aos mais novos, procurando nos antecessores a matriz dinâmica de tradições, inovações, revoluções. Sempre partindo do princípio de que não se fazem leitores de literatura sem se saber escolher literatura, e explicar essa escolha. Sem isso, é ficar à espera de “milagres” que, como sabemos, por serem raros, só acontecem, se acontecerem, quando menos se espera. E o inesperado não traz nada de novo, apanha cada um como está, e estará mais bem preparado quem saiba o que aconteceu antes. Esta obra de Maria Laura Bettencourt Pires é agora, força do destino de quem conquistou o direito a permanecer vivo na Memória, uma voz do Passado, guardiã de outras vozes ancestrais, e que, em cada leitura, se fará Presente.

É com a voz de Maria Laura Bettencourt Pires de há 40 anos, e tão atual ainda, que terminamos, lendo estas linhas da sua “Nota Final” que, como vimos, não será nunca final para nós, mas sempre uma oportunidade de a recomeçar, anualmente, em cada semestre letivo:

“A atualidade é de certo modo condicionada pelo que se passou anteriormente e por isso procurei quase sempre dar relevo às origens e à evolução dos diversos tipos de narrativas.

Perante a tendência dos nossos dias para a estandardização e o internacionalismo, é, até certo ponto, reconfortante verificar que a nossa literatura infantil tem raízes no passado e tem seguido uma evolução dos diversos tipos de narrativas.” (Pires, 1983:143).

Bem-haja, Senhora Professora.

Referências bibliográficas:

Gomes, Alice. *O Autor a Comunicação no Livro Infantil*, Lisboa: Dir. Geral da Educação Permanente, 1972.

Gomes, José António. *Para Uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude*. Lisboa: IPLB, 1998.

Hollindale, Peter. *The Hidden Teacher: Ideology and Children's Reading*. Jackson, USA: Thimble Press, 2011.

Lemos, Esther. *A Literatura Infantil em Portugal*, Lisboa: Dir. Geral da Educação Permanente, 1972.

Letria, José Jorge. *O Sentimento Mágico da Vida*. Lisboa: Escritor, 1994.

Müller, Adolfo Simões. «Prefácio» in Pires, Maria Laura Bettencourt. *História da Literatura Infantil Portuguesa*. Lisboa: Vega, 1983, pp. 11-14.

Pereira, Cláudia Sousa. «Plano e Listas». Casa da Leitura: 2007. Disponível em <http://www.casadaleitura.org/>

Pires, Maria Laura Bettencourt. *História da Literatura Infantil Portuguesa*. Lisboa: Vega, 1983.

Queirós, Eça de. *Cartas de Inglaterra*. Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1905.

Rocha, Natércia. *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*. Lisboa: Biblioteca Breve ICALP, 1992.

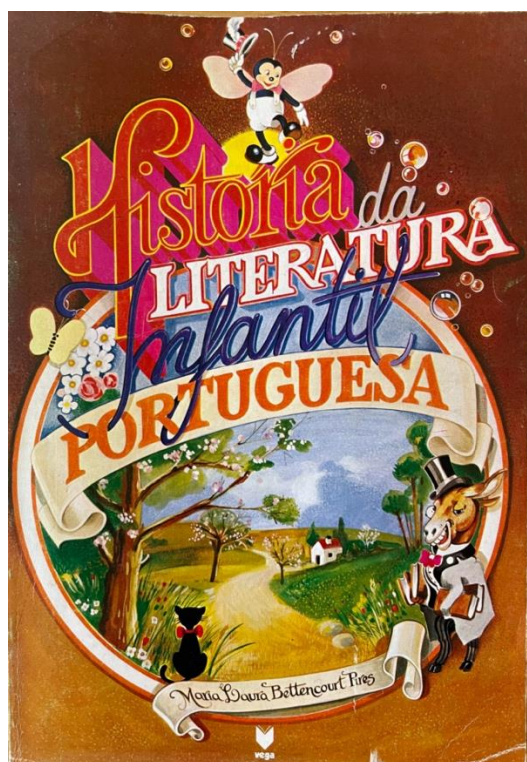


Figura 1

Cláudia Sousa Pereira é Professora Auxiliar com Agregação na Universidade de Évora e investigadora do CIDEHUS.UÉ ; cpereira@uevora.pt

BIONOTA

Licenciada e Mestre pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (1990 e 1994), respetivamente em Línguas e Literaturas Modernas e em Literatura Comparada – época medieval, variante de Português e Francês. Doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade de Évora (2000), onde é professora auxiliar com agregação em Literatura (2021) e investigadora no CIDEHUS (Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades). Tendo iniciado o seu percurso na Crítica Textual (edição do Iluminado nº 4 da Biblioteca Nacional), passou pelo romance de cavalaria do século XVI português (Jorge Ferreira de Vasconcelos), género menor e em “segunda mão”, tem, nos últimos 20 anos, publicado e formado nas áreas da Literatura e Cultura para a Infância e Juventude e da Promoção da Leitura e Educação Literárias. É membro de redes internacionais, como a Associação Galego-Portuguesa de Investigação em Literatura Infantil e Juvenil – ELOS, a LITER21 e a LIJMI (*Red Temática de Literaturas Infantiles y Juveniles en el Marco Ibérico*), que promovem investigação nestas áreas. Muito do seu trabalho de laboratório, bem como o de extensão à comunidade, é feito junto de comunidades de leitura, onde observa e participa, ao lado de leitores que se juntam para discutir obras literárias, oportunidade para os convencer de que a literatura, para além do prazer de ler, tem um papel fundamental na sociedade e um lugar relevante nas ciências sociais. Nos últimos cinco anos, a sua produção científica tem também pugnado por uma maior relevância dos estudos literários nas abordagens a objetos de estudo que visam uma maior e melhor compreensão de fenómenos e produtos culturais que ocorrem em sociedade.

RESUMO

O presente texto é uma revisitação da importante obra da Professora Maria Laura Bettencourt Pires, incontornável para quem se dedica ao estudo consistente e persistente do subsistema da literatura e cultura infantojuvenil em Portugal. Trata-se da *História da Literatura Infantil em Portugal*, publicada na editora Vega em 1983 (ou 1982, já que as várias referências que encontrámos não concordam na data e a ausência desta na única edição não nos permitiu desambiguar a questão, pelo que optámos por 1983), e é a primeira sistematização, no panorama académico e editorial, etapa inaugural que se reclama quando se constitui um campo de estudos - a sua história – para prosseguir na teorização e aplicação nas abordagens mais consistentes de obras, autores e contextos. A obra é prefaciada por um dos vultos mais importantes do século XX no que respeita à divulgação de obras e figuras históricas, Adolfo Simões Müller, jornalista e autor que adaptou, em versões de leitura facilitada, obras clássicas e nos deixou relatos das vidas de grandes figuras universais, numa preocupação em disseminar, por um maior número possível de leitores, cultura no sentido de erudição por conhecimento de factos. O nosso texto tem em particular conta esse prefácio, ao mesmo tempo provocador e crítico de uma certa situação que vigorava à data da publicação da *História*, mas também a Nota Final da autora. A opção pela incidência do nosso foco nestes dois textos, prende-se com a relevância do pioneirismo do trabalho da professora Maria Laura Bettencourt Pires e com a sua elevada consciência da importância de se trabalhar uma literatura que, tendo em conta, no momento da sua criação, as competências limitadas dos leitores mais jovens, não cede um milímetro na qualidade literária. Mesmo quando, aos olhos de hoje, essa qualidade não se

desliga de certos preconceitos e de práticas e formas de pensar anacrônicas, sobretudo quando comparamos os livros publicados para crianças então, com os que são publicados nos dias de hoje. A esta qualidade da obra, a Professora e Investigadora acrescenta uma perspectiva que tem em conta fenómenos internacionais que conferem ao panorama português quer uma especificidade, quer uma integração que continuam a contribuir para a relevância do estudo da literatura e cultura para a infância e a juventude na academia e, acrescentamos, para além da preocupação com a formação de profissionais do ensino básico e secundário.

PALAVRAS-CHAVE:

história da literatura infantil em Portugal; Adolfo Simões Müller; leitura literária

Abstract

The present text is a revisitation of the important book by Professor Maria Laura Bettencourt Pires, indispensable for anyone dedicated to the consistent and persistent study of the subsystem of children's literature and culture in Portugal. It is *História da Literatura Infantil em Portugal*, published by Vega in 1983 (or 1982, as the several references we found do not agree on the date and the absence of this date in the only edition did not allow us to disambiguate the issue, so we opted for 1983). It is the first systematization, in the academic and editorial panorama, an inaugural stage that is required when a field of study - its history - is established in order to proceed in theorization and application in more consistent approaches to works, authors, and contexts. The work is prefaced by one of the most important figures of the 20th century as regards the dissemination of historical works and figures, Adolfo Simões Müller, a journalist and author who adapted, in easy-to-read versions, classic works and left us accounts of the lives of great universal figures, in a concern to disseminate, to the greatest possible number of readers, culture in the sense of erudition through knowledge of facts. Our text takes particular account of this preface, at the same time provocative and critical of a certain situation that existed at the time of the *História's* publication, as well as the author's final note. Our choice to focus on these two texts has to do with the relevance of the pioneering work of Professor Maria Laura Bettencourt Pires and her high awareness of the importance of working with a literature that, taking into account, at the time of its creation, the limited skills of younger readers, does not give an inch in literary quality. Even when, in today's eyes, this quality is not detached from certain prejudices and anachronistic practices and ways of thinking, especially when we compare the books published for children then with those published today. To this quality of the work, the professor and researcher adds a perspective that considers international phenomena that give the Portuguese panorama both a specificity and an integration that continue to contribute to the relevance of the study of literature and culture for children and young people in the academy and, we would add, beyond the concern with the training of professionals in primary and secondary education.

KEYWORDS:

history of children's literature in Portugal; Adolfo Simões Müller; literary reading

**“ENCERRAR” E “DESENCERRAR” OU A ARTE DA CAPEIA EM
“UMA CORRIDA DE TOIROS NO SABUGAL”, DE ABEL BOTELHO
(1854-1917)**

Margarida Esperança Pina¹
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa

Palavras sem pensamentos nunca chegam ao céu.

William Shakespeare²

Militar de carreira, estudante da Escola Politécnica e escritor dos finais do século XIX, Abel Botelho (1856-1917) adota o pensamento científico que paira sobre o pensamento intelectual desse fim de século tão particular e publica uma obra literária extensa e exemplar, em boa parte, reconhecida pela estética naturalista. Não se sujeitando às regras de uma só escola (como o Naturalismo, que não assume por completo), anuncia nos seus romances, a influência romântica, em particular através de Camilo Castelo Branco. A maior parte da sua obra é constituída por romances, ao lado dos quais aparece um pequeníssimo livro de contos, *Mulheres da Beira* (Botelho, 2007),

¹ Professora Auxiliar na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa onde tem lecionado nas áreas dos Estudos Literários e da Tradução. É investigadora doutorada do IELT/NOVA e do CEAUL- Universidade de Lisboa. As suas áreas de interesse incidem na Literatura Francesa e na Literatura e Outras Artes (Literatura e Ciência / Humanidades Médicas / História da Alimentação). Algumas publicações: *Saber e Sabor Medieval*, Lisboa, Caleidoscópio (2010); *Representações do Mito na História e na Literatura* (org.) Évora, Centro de Estudos em Letras (2014); *O Riso. Teorizações. Leituras. Realizações* (org.), Lisboa, Caleidoscópio (2015); *(Re)lire Albert Camus. Etudes Interdisciplinaires*, Paris, Editions Le Manuscrit (2016); *Diálogo e Ciência. Limite. Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía. (2017)*; *O Medievalismo no século XXI*, Isabel Barros Dias; Margarida Santos Alpalhão, Margarida Esperança Pina (introdução e organização), Berlim, Peter Lang, 2020; “Vinho e Medicina no Renascimento: uma (re)leitura do património cultural”, in *Y cantó el alma del vino. Ensayos sobre literatura, historia, identidad y patrimonio*, Berlim, Peter Lang, 2021.

² Com Shakespeare, presto a minha homenagem sentida à nossa querida Professora Doutora Maria Laura Pires, amiga que sempre admirei. Mulher dedicada à família, aos amigos e à vida académica, à cultura, deixa uma enorme saudade. Que o seu sorriso, a sua serenidade, o seu humor continuem a pautar as nossas vidas.

que acaba por ser possivelmente um dos seus melhores exemplos narratológicos. Esta obra inclui um total de sete histórias, todas escritas entre 1885 e 1896: “ A Frexa frecha de Mizarela”, “Uma Corrida De Touros no Sabugal” (calcado da *Última Corrida de Touros em Salvaterra* de Rebelo Gonçalves), “A Fritada”, “A Consoada”, “O Serro”, “A Ponte do Cunhedo” e “O Solar de Longroiva”.

No conto em análise, Abel Botelho, fazendo jus à escrita realista e naturalista, foca o lado dramático, o lado conflituoso do toureio e descreve as relações das personagens que libertam, nesse espetáculo popular, as suas mais íntimas emoções. Contemplando *Mulheres da Beira*, e em particular “Uma Corrida De Touros no Sabugal”, percebemos que o escritor Abel Botelho se terá deixado maravilhar pelo valor psicológico destas personagens que carregam um ceticismo latente quanto à sua condição humana. Este conto, cujo desfecho é dramático, evidencia uma escrita naturalista face a determinadas temáticas: o peso hereditário de determinados costumes, a avaliação do meio cultural, da educação e das circunstâncias para melhor entender o comportamento das suas personagens. Muitas das vezes, as personagens parecem ser vítimas de uma condição que é muito difícil de vencer num quotidiano que se mostra tão frágil.

Na verdade, em Abel Botelho, verifica-se a tendência para uma escrita chocante sobre uma realidade beirã, na qual o que conta é descrever o objeto real, sem rodeios. Notámos, contudo, em alguns momentos, o gosto pelos indícios subjetivos que traduzem a luta de consciência entre o bem e o mal, colocando o leitor em contacto com o drama moral. Em termos narratológicos, este rol de descrições poderá comprometer *Mulheres da Beira*, pois o escritor perde algum tempo a anunciar as personagens e naturalmente a introduzir os elementos dramáticos do enredo. No que diz respeito às personagens, Botelho parece assumir uma enorme preocupação com a observação das figuras femininas, destacando a sensualidade e o comportamento moral destas:

“As saias de uma rapariga que escalava uma árvore, enfunadas pelo vento, deixara escarninhamente ver à praça, num relance, aquelas duas flores de que na D. Branca fala o Garrett. Grande troça abrejeirada fustigando a agilidade da moça, numa orgia de alusões obscenas e a animação redobrava,

estimulada pela subitânea reparação do toiro, a pique de dar seu desastre.” (Botelho, 2007: 44)

De facto, estes são os elementos mais relevantes no levantamento de qualidades e vícios da mulher beirã recriada pela ficção de Abel Botelho. Assim, embora seja um escritor naturalista, em *Mulheres da Beira*, Botelho observa e caracteriza situações particulares que encenam um desequilíbrio entre a honra e o instinto:

Tudo vozeando, praguejando, guinchando, arrotando, bramindo numa assuada inferna. (Botelho. 2007: 39)

No que toca os costumes beirões, de um modo geral, o escritor estuda os movimentos das personagens, não procurando comportamentos de grupo mas sim procedimentos individuais. Em geral, os contos de *Mulheres da Beira* apresentam diferentes facetas dos costumes beirões, especialmente aqueles relacionados com a vindima, o pastoreio, o jantar em família, as corridas de touros. E em contos como "A Corrida de Touros no Sabugal", por exemplo, destacam-se os costumes da região da Beira. Depois de apresentar as personagens que vão originar o drama, Abel Botelho concentra a narrativa na dinâmica das ações, dando a conhecer a realidade das suas personagens – normalmente atingidas por taras hereditárias e condicionadas pela educação e pelo momento.

Vejamos, então, como “Uma corrida de touros no Sabugal”, para além de refletir a escrita de Botelho, explana adequadamente o ambiente de uma capeia arraiana, por terras de Riba Côa.

A capeia arraiana é uma corrida de touros originária das terras de Riba Côa, nas aldeias da raia (nas suas fronteiras com Espanha), constituindo-se como o primeiro registo a ser apontado no catálogo nacional do património cultural imaterial. Considerado património etnográfico, a capeia arraiana ganha fama por ser uma corrida com características únicas em todo o mundo. Com raízes ancestrais, é

ansiosamente aguardada³ pelos habitantes em algumas das aldeias, como nos diz António Cabanas, um aficionado deste espetáculo:

Porém, a capeia arraiana não é uma tauromaquia qualquer. Como uma espécie de religião em que se acredita, não basta assistir, é preciso participar, ir ao encerro, comer a bucha, beber uns goles da borratcha?? e voltar com os touros, subir para as calampeiras, ser mordomo (...) corre na massa do sangue, provoca um nervoso miudinho, levanta os pelos do peito, atarracha a garganta e perturba o sono. É um desassossego coletivo. (Cabanas, 2011: 11)

Não é fácil recuperar a origem da capeia arraiana pois esta não está bem definida no tempo, sendo conhecida pela tradição oral e pela memória coletiva das populações do concelho. A referência escrita mais antiga remonta, de facto, a 1886 no conto de Abel Botelho e, em 1893, há já referências à capeia, com a utilização do forcão⁴.

Segundo se narra, a capeia terá tido origem no "pagamento" que os ganadeiros da província espanhola de Salamanca faziam, anualmente, às aldeias de Riba Côa, cedendo por um dia algumas vacas bravas, pelos prejuízos causados pelo gado que atravessava a raia, invadindo os lameiros e hortas. A própria palavra virá do castelhano *capea*, aludindo o toureio com capa. Os rituais que envolvem a capeia arraiana estão, de resto, muito presentes no conto de Botelho.

O dia da festa arraiana começa cedo, no campo. De manhã, a população entusiasta espalha-se pelos lameiros, a partir de onde os touros serão encaminhados para a praça. Dá-se, então, um verdadeiro alvoroço por terras de Riba Côa, do lado de cá e do lado de lá, com as gentes a correr de um lado para o outro, buscando cercar os bichos. Neste momento, não há terra de Portugal e de Espanha, não há duas nacionalidades distintas, há sim, uma força conjunta procurando encurralar os toiros, cedidos ou alugados para o evento. Os cavaleiros experientes demonstram as suas

³ Durante a Pandemia, os aficionados passaram mal pois este tipo de compromisso cultural, de certa forma, alimenta a alma popular, ao longo do ano.

⁴ O forcão é um instrumento triangular de madeira, com cerca de 300 quilos, que auxilia na lide dos toiros.

habilidades na arte da cavalaria e na escolta dos touros, levando-os até à praça da aldeia. O tempo da escolta varia, de acordo com a habilidade dos cavaleiros e a reação dos touros. Empoleirados nas bancadas improvisadas, os espectadores aguardam, impacientes, para ver passar o tropel, com medo e confiantes de que nenhum touro virá a escapar para marrar num qualquer transeunte distraído.

Chegado o momento, dá-se o **encerro**. A entrada de cavaleiros e touros faz-se na praça - ou no largo do corro improvisado - acompanhada dos gritos desvairados dos espectadores. Estes são verdadeiros momentos de grande confusão, pois o público precipita-se anarquicamente sobre as pesadas portas que se fecham logo após a entrada dos touros. Um coro de palmas e gritos de encorajamento soa, não só para os cavaleiros mas também para os bichos que vão sacudindo a cabeça de uma maneira provocante, desafiando o homem. Abrem-se, então, as portas dos *curros*, alguns aficionados precipitam-se, munidos de grandes varas encimadas de aguilhões. Aos gritos, entram na arena, obrigando os toiros a entrar nos currais. Esta *mise en scène* pode demorar, em muitas ocasiões, mais de uma hora e, uma vez terminada, anunciam-se, de novo, fortes palmas.

Oficialmente, o *encerro* chega ao fim. Acalmam-se os ânimos, embora por pouco tempo pois logo dá lugar à *prova*, no decorrer da qual será avaliada a valentia dos touros, através da lide de um exemplar. Escreve Abel Botelho:

“Sai finalmente o toro.

Numa arremetida furiosa e cega, ardente de liberdade, partiu logo várias garrochas em quatro saltos soberbos, estimulado, ébrio das vaias da multidão. Depois parou a meio da praça, os olhos injectados, o couro todo fremente, a considerar.....” (Botelho, 2007: 40)

É, então, que se segue o **Boi da Prova**. Assim que a porta do curro é aberta, o touro entra na arena, em fúria, e corre desvairado, tentando cornar alguma das muitas pessoas que tentam a sua sorte, provocando-o. De seguida, o forcão é-lhe apresentado. O touro revela a sua casta, sendo necessários poucos minutos para demonstrar toda a sua garra. O *forcão* é encostado ao muro da arena, há lugar a mais alguns minutos de

folia e o touro é devolvido ao curro. A multidão aplaude efusivamente pois é a partir da *performance* deste touro que se pode adivinhar como vai decorrer a *capeia*:

De toiros, não digo bem. De um toiro. Era um só a vítima, naquela saturnal sertaneja de rascoas frandunas e arraianos vinolentos. Custara sessenta duros, em Espanha; e alugado de domingo em domingo pelas diferentes aldeias do concelho, para ser corrido, a quinze tostões por tarde, ia à custa dos seus brios e do seu sangue rendendo ao dono uns lucrozinhos bem bonitos. (Botelho, 2007: 39)

Depois de toda a agitação matinal, em torno da lide, chega o tão esperado almoço que faz da *capeia arraiana* uma verdadeira festa dos portugueses e dos espanhóis. Vendedores ambulantes instalam-se junto à praça e ao longo da estrada, os fumos e odores das carnes assadas, misturam-se com os provenientes das casas da aldeia.

Já no pós-prandial, é *pedida a praça*. Um tamborileiro entra na arena, seguido por cinco cavaleiros (apenas nalgumas aldeias), montando cavalos ornamentados para a ocasião. São eles os mordomos, que se anunciam com acessórios característicos (lenço bordado e insígnia respetiva. No seu encalço, perfila-se um aglomerado de pessoas que, acompanhando os mordomos, dá voltas de apresentação à arena. Em fila indiana, dirigem-se a um local da tribuna para fazer o pedido da praça a uma personalidade da aldeia. Um mordomo avança e formaliza a intenção para que a *capeia* comece (***pedido da praça***). A personalidade de honra, normalmente o presidente da junta de freguesia, ou outro habitante ilustre, levanta-se e improvisa um discurso para que o espetáculo decorra da melhor maneira, orientando os mordomos para que respeitem o touro. E, antes de se sentar, aprova a *capeia*. A multidão manifesta o seu contentamento, são lançados foguetes e os cavaleiros, cavalgando, dão várias voltas à arena, em agradecimento.

Vem, então o momento alto do dia, a *capeia*. Numa abordagem realista, escreve Botelho:

“O boi era formoso. Preto retinto, alto, grande, cernelha erecta, «arrancando» bem. Mal-empregado!... Parado e desdenhoso, pedia adversários dignos para ali.” (Botelho, 2007: 40)

Cerca de trinta homens entram na praça e pegam no *forcão*. Dois homens (habituaados e com habilidade) os *rabejadores* coordenam os movimentos do grupo. São eles que impedem o touro de contornar o *forcão* e pôr em perigo os que o pegam nos flancos. Os homens de maior agilidade pegam à frente (*à galha*), no primeiro plano, fazendo frente ao touro e apenas protegidos por umas quantas galhas de árvore, dispostas astuciosamente em forquilha. É neste preciso momento que homens e touro rivalizam em coragem e astúcia, para saírem vencedores do *mano a mano*.

Quando os pegadores avaliam se o touro deu o seu melhor, e num momento de desatenção do touro, retiram o *forcão* e colocam-no no seu lugar. Alguns homens (os mais corajosos) desafiam o touro, obrigando-o a correr em todos os sentidos, com o objetivo de o cansarem e confundirem para o conseguirem agarrar. Das bancadas só se ouvem as palavras de encorajamento. Algumas vezes, um homem atira-se à cabeça do touro. Em poucos segundos, surgem homens de todos os lados paralisando, no imediato, o touro. Depois de alguns segundos nesta postura, o touro é libertado e os homens apressam-se a fugir para as barreiras, a fim de evitar ser vítimas de uma cornada. Fica apenas um homem que agarra firmemente o rabo do touro para que os outros se possam libertar, esperando o momento certo para que ele possa fazer o mesmo. Terminado este momento, o touro é conduzido aos currais, saindo da praça **sem qualquer ferimento**. Logo de seguida, mais cinco outros touros são corridos, sendo introduzida na arena uma bezerra para que os mais pequenos possam mostrar também as suas habilidades na lide, com um *forcão* da sua dimensão. O efeito nos espectadores é o mesmo que para os adultos. As mães, nervosas, gritam para os encorajar:

Quando, do alto de um dos patins, consegui dominar a praça, estava a toirada prestes a principiar. Tudo apinhado de gente. Homens tisonados e feios, a cara toda rapada, - à espanhola, vestidos de saragoça, camisa alva de grande colarinho sem goma, polaina ou meia até ao joelho, sapatos ferrados, chapéu grande de aba e roseta ao lado. (Botelho, 2007: 39)

Para terminar o dia de festa brava que já vai longo, num derradeiro momento, dá-se o **desencerro**: os touros voltam para o campo, escoltados pelos mesmos cavaleiros que participaram no *encerro*.

Respeitando o tom naturalista, neste conto, a festa brava remete, contudo, para um fim trágico. Não pelo touro, cujo espetáculo deixa a assistência em êxtase, mas pelo desfecho em si. Numa agitação imprevisível, uma criança de colo acaba morta. Há algures, neste episódio realista, uma humanização do touro, num mugido lancinante que lança quando vê a criança morta. Confundindo-a com uma sua cria, liberta um apoteótico grito, hiperbolizando a dor da mãe enlutada:

Neste instante as nuvens abriam, e um comovido jorro de luz ensanguentava o recinto. Enquanto o boi se abeirava do cadáver pequenino, lambia-o docemente, e depois de dominar toda a praça silenciosa com um demorado olhar de exprobração, soltava um alto mugido plangente para o céu..... Hei-de ouvi-lo toda a vida, esse mugido lancinante! (Botelho, 2007: 45)

Em suma, este conto de Abel Botelho, escrito à luz da corrente estética naturalista, tem como pano de fundo a agonia e a decadência da sociedade do seu tempo. É, sem dúvida, um excelente retrato social e pode, inclusivamente, funcionar como fonte histórica já que a realidade por ele tão argutamente observada traduz uma tradição arraiana secular. Assim, não existindo muita informação sobre este património imaterial, Botelho acaba por imortalizar, numa narrativa naturalista, muito dessa tradição de terras de Riba Côa, na vila do Sabugal.

Referências Bibliográficas⁵

Botelho, Abel. *Mulheres da Beira*. Porto: Lello Editores. 2004.

Cabanas, António; Tomé, Joaquim. *Forcão. Capeia Arraiana*. Gráfitime: Amadora. 2011.

⁵ A parca consulta bibliográfica deve-se ao facto de a capeia arraiana não se encontrar documentada.

RESUMO:

São muitos os testemunhos (de tradição oral, entre outros) que procuram dizer a cultura arraiana. Mas o que se pretende é tentar avaliar o património cultural em torno da capeia arraiana, a partir do conto “Uma corrida de toiros no Sabugal”, publicado por Abel Botelho em *Mulheres da Beira* (1898). A capeia arraiana é uma corrida de touros típica das terras de Riba Côa, nas aldeias da raia e pensa-se que tenha tido origem num acordo entre os ganadeiros da província espanhola de Salamanca e as aldeias portuguesas. Uma vez por ano, cediam algumas vacas bravas para, de alguma forma, compensar os estragos causados pelo gado espanhol que atravessava a raia para pastar nas hortas e lameiros portugueses. Pretendemos, deste modo, revisitarmos o primeiro conto que se assume como verdadeiro testemunho semântico e poético desse acervo arraiano. E, sob este olhar, acreditamos que a partir de um código literário, a linguagem dos toiros se transforma num diálogo vivo entre a simbólica e o imaginário do património cultural imaterial dos povos da raia.

PALAVRAS-CHAVE:

Literatura, Memória, Cultura, Paisagem, Raia.

ABSTRACT:

There are many testimonies (from oral tradition, among others) that try to express the Arraiana culture. But what is intended is to try to assess the cultural heritage around the capeia arraiana, based on the short story “Uma corri de toiros no Sabugal”, published by Abel Botelho in *Mulheres da Beira* (1898). The capeia arraiana is a typical bullfight of the lands of Riba Côa, in the villages of the raia and is thought to have originated in an agreement between the cattle ranchers of the Spanish province of Salamanca and the Portuguese villages. Once a year, they used to give up some wild cows to, in some way, compensate for the damage caused by the Spanish cattle that crossed the lane to graze

in the Portuguese gardens and marshes. In this way, we intend to revisit the first short story that is assumed as a true semantic and poetic testimony of this arraiano collection. And, under this view, we believe that from a literary code, the language of the bulls becomes a lively dialogue between the symbolic and the imaginary of the intangible cultural heritage of the peoples of the border.

KEYWORDS:

Literature, Memory, Culture, Landscape, Raia.

BALLOONS OVER THE VOLCANO: ECOCRITICISM, VENGEFUL NATURE AND APOCALYPTIC ANXIETIES

Iolanda Freitas Ramos
NOVA FCSH / CETAPS

A need to transmit knowledge and skills, a desire to acquire them, are constants of the human condition. (...) The charismatic aura of the inspired teacher, the romance of the persona in the pedagogic act will surely endure.¹

1. Introductory remarks

The 1883 eruption of Krakatoa – a small volcanic island in Indonesia, in the Sunda Strait between the islands of Java and Sumatra² – was a major natural disaster that had a profound impact on the global climate for at least five years. Seismic activity, several tsunamis and a worldwide increase in sulphur dioxide gas that caused acid rain were responsible for the death of approximately 40,000 people, the official death toll recorded by the Dutch authorities being 36,417.

The eruptions were sporadic and lasted for three months. In fact, seismic activity around the volcano began on 20 May 1883 and culminated on 27 August with four violent explosions and the destruction of two-thirds of the island of Krakatoa, also called Krakatau in Indonesian, another variant being *Krakatao*, in an older Portuguese-based spelling. Maps of Krakatoa after the 1883 eruption show the change in geography, the northern part of the island having collapsed beneath the

¹George Steiner, *Lessons of the Masters* (Cambridge, Mass. and London: Harvard University Press, 2003), pp. 179, 181. Professor Laura Pires was responsible for developing my interest in British culture, my main field of study to this day, when she taught the then optional curricular unit "Cultura Inglesa" at Nova University of Lisbon in the 1980s. I am grateful to her also for having supervised my Master's dissertation and for the knowledge she shared in her books over the years, namely *Teorias da Cultura*, that I use in the curricular unit "Introdução aos Estudos de Cultura" since 2006.

² See "Krakatoa: Location, Eruption, & Facts" (<https://www.britannica.com/place/Krakatoa>) and "World: Major Volcanoes" (<http://www.mapsofworld.com/images/world-volcanoes.jpg>).

sea.³ The Royal Society Krakatoa Committee published its report in 1888, in a volume that included not only lithographs but analyses both of the local and the wider outcomes of the eruption.

Eruptions at the volcano since 1927 have built a new island in the same location, named Anak Krakatau, which is Indonesian for “Child of Krakatoa”.⁴ It may be useful to know that the island is still active, with a relevant eruptive episode having been recorded on 1 November 2010. Actually, similarities between the worldwide effects of the 1883 eruption and the consequences of the volcanic eruption in southern Iceland in April 2010 have been highlighted by the media – it was even said that Iceland was taking revenge for its economic crisis covering Europe with an ash cloud.⁵ Eruptive activity has been reported from March 2011 to April 2022.⁶

Around a thousand people were killed by Krakatoa itself, for most victims were caused by the after-effects that combined pyroclastic flows, volcanic ashes and tsunamis in the region. Besides the heavy casualties – for instance, the bodies of victims were found floating in the ocean for weeks after the event – ships as far away as South Africa rocked as tsunamis hit them. This obviously brings to our mind the tragedy of the Indian Ocean earthquake that occurred on 26 December 2004 in Sumatra and the resulting tsunami, that killed over 230,000 people in fourteen countries, especially in Indonesia, Sri Lanka, Thailand and India.⁷ As far as Krakatoa was concerned, huge waves were seen all over the Indian Ocean, in the Pacific, on the west coast of the USA, in South America and even in the English Channel.

The explosions were actually heard across the world, with reports of the third explosion, which was the most violent, being heard in Western Australia, about 3,200 km away in the East, and throughout the Indian Ocean, in the West, in the vicinity of the Mauritius Islands and Sri Lanka, nearly 4,800 km away from its point of origin. The shockwave from the explosion was indeed recorded on barographs around the globe.

³ See “Krakatau 1883: Chromolithographs by R. Verbeek and other graphical reports” for some illustrations and the famous 1888 lithograph of the 1883 eruption (<https://tectoldies.mystrikingly.com/blog/krakatau-1883>).

⁴ See “Aftermath: The Child of Krakatau” (http://sci.sdsu.edu/how_volcanoes_work/Krakatau.html).

⁵ Simon Winchester, “A Tale of Two Volcanoes”, April 15, 2010 (<https://www.nytimes.com/2010/04/16/opinion/16winchester.html>).

⁶ “Global Volcanism Program: Krakatau” (<https://volcano.si.edu/volcano.cfm?vn=262000>).

⁷ This natural disaster was also recreated, for instance, in the film *Hereafter* (2010), directed by Clint Eastwood.

The sound of the eruption was considered to be the loudest sound ever heard in modern history – it was so loud it was said that if one was within 16 km, one would go deaf, and it has been estimated that the intense volcanic activity released a million times the energy of an H-bomb. As a matter of fact, Simon Winchester chose the title *The Day the World Exploded* for his book, published in 2003.

The consequent volcanic winter reduced temperatures worldwide by an average of 1.2 degrees Celsius in the year following the eruption. Weather patterns continued to be affected for several years of poor summers and harsh winters, with temperatures returning to normal only in 1888.

2. Victorian reactions to apocalyptic weather

In Britain, the geographic effects were recorded by the Royal Society, and the optical phenomena inspired the arts, as far as many sketches and paintings of a darkened sky and beautiful sunsets were concerned. There are also records of the moon turning blue, or sometimes green. For instance, the British illustrator William Ascroft has left a remarkable legacy of more than 500 paintings of the nightly light along the Thames, of vivid ash-tinged sunsets and of post-sunset horizon rainbows of purple and red, such as “On the Banks of the River Thames”, painted in London, on 26 November 1883, as an aftermath of the eruption of Krakatoa.⁸ Moreover, it has been suggested that, a decade later, Edvard Munch painted the blazing red sunset in “The Scream” (1893) as a result of his own remembrance of a night in Oslo when he witnessed the volcanic dust caused by the eruption: “I was walking down the road with two friends when the sun set; suddenly, the sky turned as red as blood. I stopped and leaned against the fence, feeling unspeakably tired. (...) Then I heard the enormous, infinite scream of nature”.⁹

⁸ Isaac Schultz, “See the Soft Aquarelle Watercolors That Resulted From Krakatoa's Big Bang”, April 13, 2020 (<https://www.atlasobscura.com/articles/painting-krakatoa-sunsets>). See “Science & Society Picture Library” (<https://www.scienceandsociety.co.uk/results.asp?image=10316150>) and also “Unusual sunsets” for not only sketches and watercolours, but articles and letters published in the newspapers at the time (<https://artsandculture.google.com/story/DwUBJU5K7L6PJQ>)

⁹ José María Faerna, *Munch* (New York: Harry N. Abrams, 1995), p. 17. See the painting “The Scream” and respective commentary (<https://www.edvardmunch.org/the-scream.jsp>).

The implicit meaning of apocalyptic weather as nature's response to man's abuse could not escape the attention of one of the leading Victorian opinion makers. In fact, climatic change lay at the heart of cultural discussion in Ruskin's *The Storm-Cloud of the Nineteenth Century* (1884), a text that not only embodied civilisational anxieties but foresaw ecocritical discourses.

John Ruskin was both the most respected and feared art critic of his generation, besides being a visionary and therefore often misunderstood critic of society. Accused by the press of growing insane, he wrote in the preface of the text, when he published it: "I am indeed, every day of my yet spared life, more and more grateful that my mind is capable of imaginative vision, and liable to the noble dangers of delusion which separate the speculative intellect of humanity from the dreamless instinct of brutes (...)"¹⁰ He was among the earliest environmentalists, he stood for the "truth to nature" principle,¹¹ and he claimed that one should trust one's own eyes, so that one could see the world – and the natural world in particular – as it was. As Dinah Birch points out, accurate looking was the foundation of his critical thought,¹² because if one could bring oneself to see facts as they were, one "should soon make it a different world", as Ruskin stated in 1858 in his Inaugural Address at the Cambridge School of Art.¹³ Therefore, both the physical vision and the spiritual one had "the power to shape action, and to motivate reform".¹⁴

Approximately thirty years later, on 4 February 1884, Ruskin gave one of his most pessimistic lectures.¹⁵ His reelection as Slade Professor of Fine Art in the University of Oxford, in March 1883, had given the old sage the opportunity to make himself be heard by younger generations. In *The Storm-Cloud of the Nineteenth Century*, he began by assuring the audience that the title meant simply what it said,

¹⁰ John Ruskin, *The Storm-Cloud of the Nineteenth Century*, in *The Works of John Ruskin, Library Edition*, ed. by E.T. Cook and Alexander Wedderburn, 39 vols (London: George Allen, 1903-1912), vol. XXXIV, p. 7. Further references to the *Library Edition* will be made as *Works*, volume number, page. The *Library Edition* is online: "Ruskin Library and Research Centre Lancaster University, Library Edition The Works of John Ruskin", <http://www.lancs.ac.uk/users/ruskinlib/Pages/Works.html>.

¹¹ John Ruskin, *Modern Painters* (1860), in *Works*, vol. V, part VIII, chapter I, paragraph 2.

¹² Dinah Birch, "Introduction", in *John Ruskin, Selected Writings*, ed. by Dinah Birch (Oxford: Oxford University Press, 2004), pp. ix-xxvi (p. x).

¹³ John Ruskin, "Cambridge School of Art: Inaugural Address", in *Works*, vol. XVI, pp. 177-90, 198-201.

¹⁴ Birch, *John Ruskin*, p. x.

¹⁵ They were two lectures as a matter of fact, but the second one, on 11 February, was a repetition of Lecture I.

and he insisted that he only wanted “to bring to your notice a series of cloud phenomena, which (...) are peculiar to our own times”.¹⁶ He argued that:

In those old days, when weather was fine, it was luxuriously fine; when it was bad – it was abominably bad, but it had its fit of temper and was done with it – it didn’t sulk for three months without letting you see the sun, (...). In wet weather, there were two different species of clouds (...). The beneficent rain-cloud was indeed often extremely dull and grey for days together, but gracious nevertheless, felt to be doing good, and often to be delightful after drought; (...) – and, secondly, the storm-cloud, always majestic, often dazzlingly beautiful, and felt also to be beneficent in its own way, affecting the mass of the air with vital agitation, and purging it from the impurity of all morbid elements.¹⁷

Ruskin was a follower of the Humboldtian methodology of close observation of individual phenomena, and the entries in his 1835 diary show that as a young man he combined precise empirical observation of geological, botanical and meteorological phenomena with personal response to them.¹⁸ The same happened as he grew older with his close watch on the industrialisation of Europe, and of England in particular. As Dinah Birch points out, “[a] sense of contrast between a lost paradise of innocence and order and the degraded existence of the modern world had shaped his thought over many years”.¹⁹ Thus, he reacted to the effects at a national scale of the destruction of the rural landscapes, the uncontrolled expansion of cities and the smoke of railways as a personal failure of his own mission because “[the] values that he had lived by, and worked for, seemed to him defeated”.²⁰ According to him, the beauty of pastoral landscapes had been destroyed by modern city life, and indeed not only was the land devastated but the sky was no longer pure.

The high levels of atmospheric pollution were accompanied by long periods of bad weather in the early 1880s, probably as a consequence of the eruption of Krakatoa. To Ruskin, however, the “plague-wind” and the menacing skies of Europe seemed to have a symbolic power and be related to tragedies in his private life,

¹⁶ Ruskin, *Storm-Cloud*, p. 84.

¹⁷ Ruskin, *Storm-Cloud*, pp. 84-86.

¹⁸ Paul Wilson, “‘Over yonder are the Andes’: Reading Ruskin reading Humboldt”, in *Time & Tide: Ruskin and Science*, ed. by Michael Wheeler (London: Pilkington Press, 1996), pp. 65-84 (pp. 67, 69).

¹⁹ Birch, *John Ruskin*, p. xxiv.

²⁰ Birch, *John Ruskin*, p. xxiv.

especially the deaths of both his mother in 1871 and Rose La Touche four years later, besides Carlyle's death in 1881 – the man whom he considered his Master for having inspired his social and political thought – and his own mental breakdowns and physical disturbance at the time. He had already written about Athena and mythic expressions of natural phenomena in *The Queen of the Air: Being A Study of the Greek Myths of Cloud and Storm*, published in 1869, where he significantly remarked:

The light, the air, the waters, all defiled! How of the earth itself? (...) Ah, masters of modern science, give me back my Athena out of your vials, and seal, if it may be, once more, Asmodeus therein. You have divided the elements, and united them; enslaved them upon the earth, and discerned them in the stars. Teach us, now, but this of them, which is all that man need know, – that the Air is given to him for his life; and the Rain to his thirst, and for his baptism; and the Fire for warmth; and the Sun for sight; and the Earth for his meat – and his Rest.²¹

To that extent, his interpretation of the whole process of human interference in Nature drew on his belief that a benevolent Nature also had a vengeful capacity to destroy. Man had betrayed both the natural world and his own moral nature, therefore, nature would inevitably betray man.

The first time, Ruskin tells us,²² he recognised the clouds brought by the “plague-wind” as distinct in character was in the early spring of 1871. He recorded the evolution of the phenomenon in his diary as a malignant wind that darkened the sky instantly and blanched the sun instead of reddening it. In his 1884 lecture, he characterised the signs of the “plague-wind” and the plague-cloud in detail, and showed a plate of one of the last pure sunsets he saw and sketched, in 1876, above London smoke. That “old-fashioned sunset”, as he pointed out, was the sort of thing he and Turner were used to look at constantly. He did not sketch a plague-cloud to put beside the beautiful gold and vermilion sunset because, in his own words, “Heaven knows, you can see enough of it nowadays without any trouble of mine”.²³

²¹ John Ruskin, *The Queen of the Air: Being A Study of the Greek Myths of Cloud and Storm*, in *Works*, vol. XIX, p. 227.

²² Ruskin, *Storm-Cloud*, pp. 269-275.

²³ Ruskin, *Storm-Cloud*, p. 277. See the “old-fashioned sunset”, ie, “Sunset at Herne Hill through the Smoke of London, 1876” (http://www.wikigallery.org/wiki/painting_233517/John-Ruskin/Sunset-at-Herne-Hill-through-the-Smoke-of-London,-1876).

The storm-cloud and plague-wind thus work as vivid metaphors for Ruskin to express his civilisational and apocalyptic anxieties, transmitting them as a warning both to his audience and his readers. There was no doubt in his mind that England had abandoned “the paths of rectitude and piety”.²⁴ A waste land and the darkening sky could be regarded as the result of moral gloom and physical conflict, as in wars. In fact, Ruskin recalled that fourteen days before his lecture, a newspaper had declared that “the Empire of England, on which formerly the sun never set, has become one on which he never rises”.²⁵ He was referring himself to the satirical poem in the *Pall Mall Gazette*, 23 January 1884, that responded to a prolonged period of sunless weather in the winter of 1883-84: “Old England is afraid of none/ She fears no foemen’s threats,/ For on her mighty empire/ The sun it never sets./ He who retails this axiom in/ His generation wise is;/ The sun it never sets because/ The sun it never rises.”²⁶

In accordance with the biblical image of the sun becoming black and the moon becoming as blood,²⁷ Ruskin prophetically attributed to the weather the apocalyptic power to destroy mankind, the symptoms of which being “Blanched Sun,— blighted grass,— blinded man”.²⁸

3. Natural disasters and the dystopian / utopian imagination

Natural disasters as leitmotifs of the literary and filmic imagination are commonly used in the science-fiction genre for the purpose of setting up a dystopian situation.²⁹ There is an extensive tradition of catastrophic fiction as Gregory Claeys, for instance, examines in *Searching for Utopia*.³⁰ Compared to the post-nuclear holocaust setting that followed World War II, as he underlines, “the ecological disaster gained in popularity”³¹ in the early 21st century, as demonstrated by *The Day After Tomorrow* (2004), *Snowpiercer* (2013), *Geostorm* (2017) and many other narratives in the film

²⁴ Ruskin, *Storm-Cloud*, p. 277.

²⁵ Ruskin, *Storm-Cloud*, p. 277.

²⁶ Birch, *John Ruskin*, p. 321.

²⁷ *Book of Revelation*, 6:12.

²⁸ Ruskin, *Storm-Cloud*, p. 277.

²⁹ The theme of alien invasion, although very common, is not the object of this analysis.

³⁰ Gregory Claeys, “Utopia, Science Fiction and Film: The Final Frontier”, in *Searching for Utopia: The History of An Idea* (London: Thames & Hudson, 2011), pp. 189-199.

³¹ Claeys, *Searching for Utopia*, p. 196.

industry. Disease, most of the times spread globally by mortal viruses, has also been a key element in dystopian representations.³²

With these arguments in mind, it must be added that atmospheric pollution was what caused global human infertility in, for example, *The Children of Men*, both in P. D. James's 1992 novel and in the 2006 film. Set in the United Kingdom of 2027, no children had been born for 18 years, but the film switched the infertility from male to female.

Resuming the natural disaster of Krakatoa, the event itself has inspired the BBC Television docudrama *Krakatoa: The Last Days* (2006), directed by Sam Miller, with Kevin McMonagle portraying the Dutch geologist and natural scientist Rogier Verbeek and Rupert Penry-Jones as the Dutch Controller of the District, both of them actually witnesses to the eruption.³³ A film entitled *Krakatoa, East of Java* (1968), directed by Bernard L. Kowalski, featured Maximilian Schell as the captain of a ship that defied tsunamis and the eruption of a volcano near the island of Krakatoa, in the 19th century, in search of a treasure. As a matter of fact, it can be added that there are countless stories where the destruction of a place is a consequence of ambition and greed getting punished, implicitly seeming to evoke the mythical example of Icarus.

Although it is not one of the most well-known texts, William Pène du Bois's *The Twenty-One Balloons* (1947) makes an interesting case study because it recreates the Krakatoa catastrophe as a background to what can be regarded as a utopian story and illustrates how a fictional representation distorts a non-fictional cataclysm. The author himself emphasises the true part of his narrative:

Half of this story is true and the other half might very well have happened. Some of the balloon inventions in this book were actually built with success (...). The others might easily have happened too.

The part about the Pacific Island of Krakatoa is true. There is a volcanic island of that name in the Pacific and it did blow up with the biggest explosion of all time so that it is now half as big as it was in 1883. (...) The sound of the explosion was heard as far as three thousand miles away, which is the greatest distance sound has ever been known to travel. (...) The black

³² The SARS-CoV-2 virus that started the global COVID-19 pandemic in 2020 will probably inspire fictional representations in the years to come.

³³ "Krakatoa: The Last Days - full-length documentary" (<https://www.youtube.com/watch?v=10FZUyprfKM>).

cloud of ejected material darkened an area with a radius of one hundred and fifty miles from the eruption. Waves generated by the explosion reached a height of fifty feet, (...) causing thousands of casualties.³⁴

The text was awarded the Newbery Medal for excellence in American children's literature in 1948. The story is about a retired sixty-six-year-old schoolteacher called William Waterman Sherman whose circumnavigation balloon trip, because of an accident, leads him to crash land on the volcanic island of Krakatoa. He thought the place was unfit to live in, but it turns out that the island is populated. In fact, he is very well received by the twenty families – eighty people on the whole, all Americans – that live there and that share the great wealth of a secret diamond mine, but he is warned that he could never leave the island.

Wealth is used to build elaborate houses which also serve as restaurants. Krakatoa has a calendar with a 20-day month, and on A day everyone eats in Mr. and Mrs. A's American restaurant, on B day, in Mr. and Mrs. B's British chop house, on C day, in Mr. and Mrs. C's Chinese restaurant, and so forth. Food is thus central to this community, and chapter VI, entitled "The Gourmet Government", is preceded in the book by the illustration of the coat of arms of Krakatoa, the caption of which reads: "Diamond-shaped emblem in tropical setting representing frying pan heated over volcano, symbolic of the Island's *Gourmet Government*. Motto: "*Non Nova, sed Nove*" – "Not New Things, but New Ways."³⁵ Professor Sherman thus becomes familiar with fantastic inventions and with a community of inventors, artists and musicians, that can in fact be considered a Utopian society.

This peaceful way of life was actually the result of a natural disaster. A young sailor, afterwards known as Mr. M., had been shipwrecked off the Island of Krakatoa due to a hurricane caused by the volcanic action of the mountain. He was the only survivor, he swam to shore, eventually found the diamond mines, built himself a raft, set out to sea, was picked up by a ship, arrived in San Francisco, sold some diamonds and convinced twenty families to take a trip with him back to the fabulous island.³⁶ The members of this original and privileged community were indeed the chosen ones.

³⁴ William Pène du Bois, "Introduction", in *The Twenty-One Balloons* (New York: Puffin Books, 1997), pp. 3-7 (p. 6).

³⁵ Pène du Bois, *The Twenty-One Balloons*, p. 76.

³⁶ Pène du Bois, *The Twenty-One Balloons*, pp. 81-83.

The inhabitants of Krakatoa were not local people, but were invited by Mr. M. to join him there. Moreover, only families with “inventive minds were selected because they would be less apt to be bored on a small island”³⁷ and could “more easily cope with unusual situations and form a stronger foundation for a cultured heredity”, as we are told.³⁸

This said, and always having in mind that the intended public for the text were children, it is important to stress that Krakatoans had an “unusual Constitution”³⁹ that made it a law that no family had to work more than once every twenty days. As stated in the text, “Keeping busy in other countries is usually interpreted as earning a living. Earning a living means in its simplest form providing food and shelter”.⁴⁰ Although it is not stated in the text, it can be inferred that Krakatoa was a happy place for people to live in.

Pastoral peace then gives way to catastrophic destruction. When Krakatoa erupts with the loudest explosion the world had ever heard, on “D” Day of the Month of Lamb,⁴¹ that is, on 26 August 1883, the families and the protagonist escape on a flying platform lofted by twenty-one balloons. After spending seventeen hours over the volcano, a wind cleared them of the “dreadful crater”.⁴² When they were a mile over Java, “with stunning suddenness, the Island of Krakatoa in seven rapid earsplitting explosions blew up straight into the air”⁴³ and they “were soon enveloped by the thick black dust cloud which was so dense that it was almost impossible to see through”.⁴⁴ The wind generated by the explosion was tremendous and helped them to escape the location.

The descriptions of the process of destruction and escape are accompanied by several illustrations⁴⁵ by du Bois, who was indeed an illustrator besides being a writer. The visual component of the book is very important, with illustrations throughout the

³⁷ Pène du Bois, *The Twenty-One Balloons*, p. 95.

³⁸ Pène du Bois, *The Twenty-One Balloons*, p. 84.

³⁹ Pène du Bois, *The Twenty-One Balloons*, p. 87.

⁴⁰ Pène du Bois, *The Twenty-One Balloons*, p. 95.

⁴¹ Pène du Bois, *The Twenty-One Balloons*, p. 155. See pp. 159-161 for Professor Sherman’s description of the event.

⁴² Pène du Bois, *The Twenty-One Balloons*, p. 166.

⁴³ Pène du Bois, *The Twenty-One Balloons*, p. 166.

⁴⁴ Pène du Bois, *The Twenty-One Balloons*, p. 168.

⁴⁵ See Pène du Bois, *The Twenty-One Balloons*, pp. 167, 169, 173, 176-77.

text, and there is also a flash storyboard created in 2009 by Jeanne Meyers and Antonio Mendoza, from the illustrations by du Bois.⁴⁶

4. Final remarks

In conclusion, and to quote Greg Garrard's words, ecocriticism "explores the ways in which the relationship between humans and the environment are imagined and portrayed".⁴⁷ The fear of civilisation collapse runs through much of the literature, cinema, and other media of the nineteenth, twentieth and twenty-first century.⁴⁸ Narratives of apocalyptic ends of the world combine moral critique, social decline, self-destruction and both environmental and climatic change.

Krakatoa had always been dreaded for the violent shaking in the earth, and the noisy volcano had frightened men away from the island for centuries. It can be thus concluded that the dangerous and fearful mountain played a bening role, protecting man from himself and from the greed that could bring Krakatoan civilisation to an end. As Mr. F. explained, "That's the peculiar thing about nature, it guards its rarest treasures with greatest care"⁴⁹ and, very significantly, sailing and ballooning were and will continue to be, as demonstrated in *The Twenty-One Balloons*, two of the activities that most depend on nature.

Works Cited

Birch, Dinah, 2004. ed. *John Ruskin, Selected Writings*. Oxford: Oxford University Press.

Claeys, Gregory. 2011. "Utopia, Science Fiction and Film: The Final Frontier", in *Searching for Utopia: The History of An Idea*. London: Thames & Hudson, pp. 189-199.

Faerna, José María. 1995. *Munch*. New York: Harry N. Abrams.

Garrard, Greg. 2012. *Ecocriticism*. London and New York: Routledge.

⁴⁶ See "Big View Pictures Inc. The Twenty-One Balloons" (<http://www.the21balloons.com>).

⁴⁷ Greg Garrard, *Ecocriticism* (London and New York: Routledge, 2012), p. 1.

⁴⁸ For a discussion of these topics, see "Civilizational Collapse: Dystopian Imaginings of the Past, Present, and Future (1880-Present)- conference page (<https://archive.org/details/bb-civilizational-collapse-dystopian-imaginings-of-the-past-present-and-future-1880>).

⁴⁹ Pène du Bois, *The Twenty-One Balloons*, p. 67.

Pène du Bois, William. 1997. *The Twenty-One Balloons*. New York: Puffin Books.

Ruskin, John. 1903-1912. *The Works of John Ruskin, Library Edition*, ed. E.T. Cook and Alexander Wedderburn, 39 vols. London: George Allen, Online <https://www.lancaster.ac.uk/the-ruskin/the-complete-works-of-ruskin/> Accessed 19 September 2022.

Ruskin, John. *Modern Painters*, in *Works*, vol. V.

Ruskin, John. *The Queen of the Air: Being A Study of the Greek Myths of Cloud and Storm*, in *Works*, vol. XIX.

Ruskin, John. *The Storm-Cloud of the Nineteenth Century*, in *Works*, vol. XXXIV.

Steiner, George. 2003. *Lessons of the Masters*. Cambridge, Mass. and London: Harvard University Press.

Wilson, Paul. 1996. “‘Over yonder are the Andes’: Reading Ruskin reading Humboldt”, in *Time & Tide: Ruskin and Science*, ed. Michael Wheeler. London: Pilkington Press, pp. 65-84.

NOTA BIOGRÁFICA

Iolanda Freitas Ramos is Associate Professor of English Studies at NOVA FCSH and a researcher at CETAPS. Her research interests cover nineteenth- to twenty-first-century culture within cultural studies, utopian studies, food studies, Victorian studies and neo-Victorianism, speculative fiction, identity, gender, visual and cross-cultural issues. Her doctoral thesis on John Ruskin's social and political thought was published by the Gulbenkian Foundation in 2002. Recent publications include 'Alternate World Building: Retrofuturism and Retrophilia in Steampunk and Dieselpunk Narratives' (*Anglo Saxonica*, 2020), 'R. F. Burton Revisited: Alternate History, Steampunk and the Neo-Victorian Imagination' (*Open Cultural Studies*, 2017).

ABSTRACT:

The 1883 eruption of Krakatoa was a major natural disaster that had a profound impact on the global climate for at least five years. Drawing on the consequences of the volcanic eruption, this essay begins by approaching how the geographic effects and the optical phenomena inspired the arts, as far as sketches and paintings of a darkened sky and beautiful sunsets were concerned. It then looks at how the implicit meaning of apocalyptic weather as nature's response to man's abuse was discussed in Ruskin's *The Storm-Cloud of the Nineteenth Century* (1884), a text that not only embodied civilisational anxieties but foresaw ecocritical discourses. The essay proceeds to briefly address natural disasters as leitmotifs of the literary and filmic imagination used in the science-fiction genre for the purpose of setting up a dystopian situation. Finally, it focuses on William Pène du Bois's *The Twenty-One Balloons*

(1947) in order to examine how the novel recreates the Krakatoa catastrophe as a background to what can be regarded as a utopian story for children and to illustrate how a fictional representation distorts a non-fictional cataclysm.

KEYWORDS:

Krakatoa, Ruskin, ecocriticism, William Pène du Bois, utopia.

RESUMO:

A erupção do vulcão Krakatoa, em 1883, constituiu um desastre natural que causou um impacto profundo no clima global, pelo menos durante cinco anos. Partindo das consequências da erupção vulcânica, este artigo começa por abordar o modo como os efeitos geográficos e os fenómenos ópticos inspiraram as artes, no tocante a esboços e quadros de um céu escurecido e de belos ocasos. De seguida, examina o significado implícito do clima apocalíptico como resposta da natureza à acção abusiva humana, debatido por Ruskin em *The Storm-Cloud of the Nineteenth Century* (1884), um texto que não só corporizou ansiedades civilizacionais, mas também foi precursor de discursos ecocríticos. O artigo evoca também os desastres naturais como temática da imaginação literária e fílmica utilizada na ficção científica com o propósito de apresentar uma situação distópica. Por último, centra-se na obra de William Pène du Bois, *The Twenty-One Balloons* (1947), para analisar a catástrofe de Krakatoa recriada como cenário do que pode ser considerado uma utopia literária dirigida a crianças e para ilustrar uma representação ficcional que distorce um cataclismo não-ficcional.

PALAVRAS-CHAVE:

Krakatoa, Ruskin, ecocrítica, William Pène du Bois, utopia.

REPRESENTAÇÃO TRANSNACIONAL DE «SÍMBOLOS DE PERTENÇA» EM CONTEXTO MIGRATÓRIO

Maria Beatriz Rocha-Trindade¹

O tema a abordar incide sobre o fenómeno mobilidade, característica própria da natureza humana, lançando um breve olhar através dos tempos sobre a translação física de homens e de mulheres que, atravessando espaços continentais e marítimos, se foram instalando temporária ou definitivamente em múltiplos territórios. Sem pretensões de uma abordagem exaustiva, a análise incidirá sobre dois exemplos - Portugal e Cabo Verde - para tal intencionalmente escolhidos, pela partilha de história comum que detêm e possível comparabilidade das características que oferecem nesse âmbito.

Sendo por demais conhecido o carácter diaspórico dos países selecionados, pelos percursos percorridos pelas migrações de qualquer de um deles para atingir os lugares onde se vieram a estabelecer, os que partiram continuam em regra a manter de maneira significativa não só uma permanente ligação entre si, como foram capazes de desenvolver formas de relacionamento transnacional alimentadas, uma e outra, pelo visível sentido de identificação e pertença que mantêm com a origem.

Transportando os migrantes no quadro dos movimentos que realizam para além das respetivas fronteiras formas de viver herdadas dos seus ascendentes ou recebidas ao longo da socialização que encetaram (em âmbito da convivência que estabeleceram e mantêm), também, por sua vez, por eles tem vindo a ser adquiridos e transmitidos elementos culturais, embora com intensidade e ritmo desigual, a todos aqueles com quem interagem.

As variáveis implicadas nestes longos percursos, marcados pela dinâmica de processos de interação social diversificados, conduzem a novas vivências que combinam elementos de uma ou demais experiências, conduzindo a formas sincréticas que espelham

¹ Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais/CEMRI – Universidade Aberta (Portugal); Comissão de Migrações da Sociedade de Geografia de Lisboa.

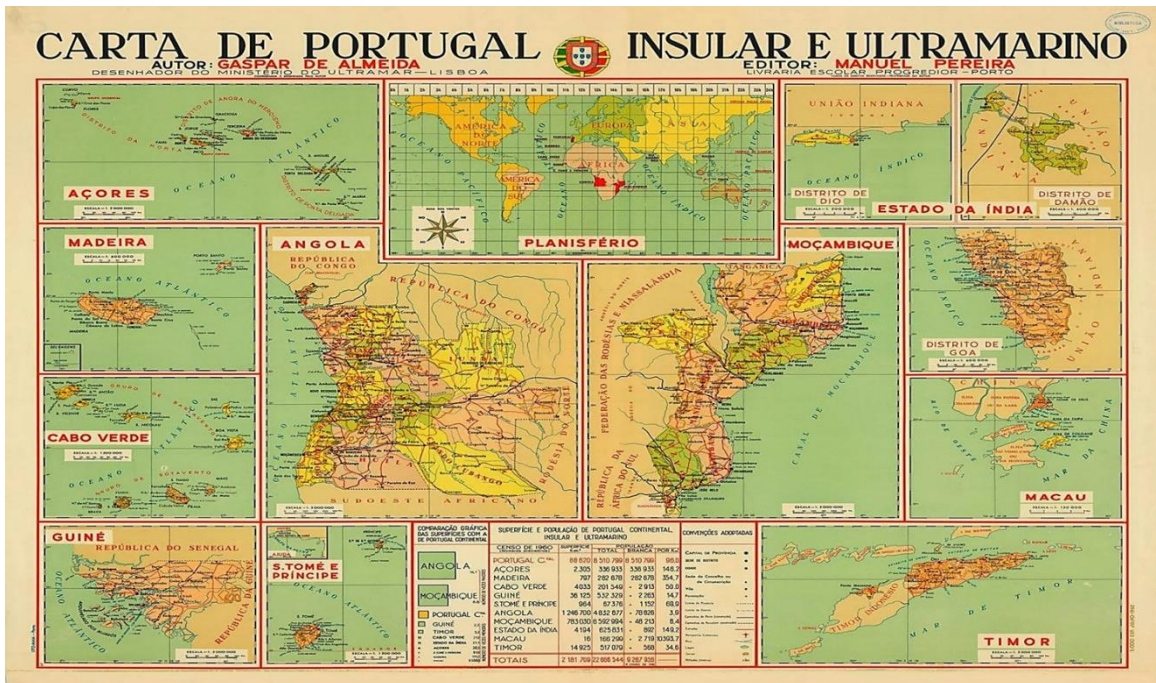
a soma, a articulação e recombinação de parcelas culturais que se adicionam e se entretecem.

O espaço público em que têm lugar tanto comportamentos e manifestações individuais ou realizadas em grupo, como as formas que revestem os relacionamentos emocionais ao nível social e privado, no âmbito do viver de micro sociedades provenientes de variadas origens, permite não só levantar hipóteses relacionadas com as formas de interação e relacionamento, como registar o desenrolar dos processos que lhes vieram a dar lugar.

A seleção de representações próprias que se encontram ligadas ao viver quotidiano, ao desempenho de trabalhos de natureza profissional, ao preenchimento dos tempos livres ou à prática de credos e de devoções religiosas, constituem características que configuram o "sentido de pertença" comum, distinguindo-se pela forma peculiar que assumem em cada caso. Enumeração de situações e apresentação de imagens ilustram as reflexões realizadas a este propósito.

Portugal e Cabo-Verde, seleccionados enquanto exemplo, que sob a ótica apontada constituem terreno de estudo, permite uma visão analítica comparativa, que incide sobre a partilha de uma mesma característica – o "movimento de gentes" que procuraram se não sobreviver, pelo menos, melhorar e modificar a qualidade de vida fora do país que as viu nascer.

Figura 1 - Representação Emblemática do Espaço Territorial de um País Colonial



Fonte: Observador.PT



Portugal

Figura 2 – Portugal Continental e Arquipélagos

Área Territorial

Continental	89.015 km ²
R.A. da Madeira	801 km ²
R. A. dos Açores	2.322 km ²

Iniciando a análise por Portugal, país situado no extremo ocidental do continente europeu, território que já foi grande em extensão nos tempos de exercício da matriz colonial, cuja dimensão diminuiu considerável e progressivamente após a mudança de regime operada em 1974, a sua História caracteriza-se pela permanente deslocação de populações que nele se foram instalando ou dele foram continuamente saindo. A representação cartográfica acima constitui indicador emblemático da referida visão colonialista.

Percorrendo a história da formação do território que constitui o Portugal de hoje, um país verdadeiramente multicultural - que tem sido atravessada pela deslocação de gentes que aí foram chegando, nele se instalaram e daí foram saindo - torna-se necessário constatar que a população residente resulta da sedimentação de sucessivas levas migratórias que se foram estabelecendo, por negociação e conquista.

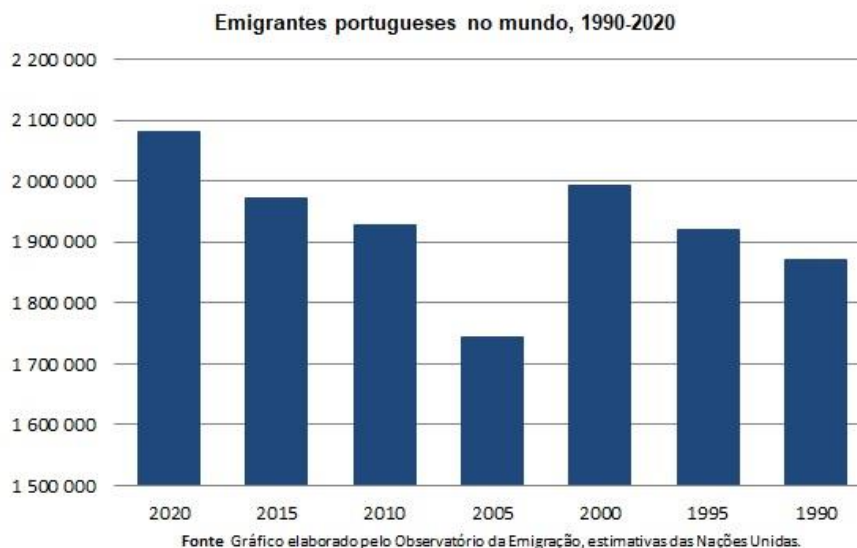
Atendendo ao valor relativo que representa o número de nacionais que reside fora dele em relação aos que nunca partiram, encontra-se plenamente justificada que a expressão de sentimentos no relacionamento, por seu intermédio, se mantenha com uma continuidade tão intensa.

A potencialidade das formas simbólicas encontradas para expressar a ligação existente, visível através de uma atenta observação realizada ao longo de um continuado trabalho de campo, merecedora de especial atenção, constituiu objeto do interesse que se reflete na exposição que se segue.

O tempo corre e a miscigenação de gentes que, entretanto, foi ocorrendo como continua a ocorrer, com a conseqüente aculturação que obrigatoriamente foi tendo lugar, processou-se em regra sem incidentes, de forma quase natural.

Segundo os últimos dados fornecidos, enquanto estimativa realizada pelas Nações Unidas, havia cerca de dois milhões de portugueses emigrados, a residir fora do país. Com maior precisão, 2 081 419, representando 0.7% do total de emigrantes em todo o mundo.

Gráfico 1: Estimativas das Nações Unidas - elaborado pelo Observatório da Emigração (2022)



Tanto em Portugal Continental como nas Ilhas (Regiões Autónomas da Madeira e Açores) que, no seu conjunto populacional, sempre integraram pessoas oriundas de muito diversificadas origens, residem agora cerca de 800 mil habitantes, de naturalidade estrangeira, o equivalente a cerca de 5% da população total.

Um olhar retrospectivo lançado sobre a evolução da mobilidade portuguesa leva a identificar etapas temporais, que podendo ser denominadas «ciclos», enquanto instrumento funcional de análise, agregam características idênticas. Tanto as condições proporcionadas pela própria deslocação, as modalidades de transporte e tempo despendido para realizar a viagem como as situações relacionadas com a vontade, persistência e resiliência dos atores que se movem nestes itinerários, podem ser consideradas variáveis intervenientes no encaminhamento e frequência dos fluxos migratórios.

Acima referidos os Ciclos - Expansão, conceito mais alargado e menos circunscrito, dá cobertura à Descoberta ou Achatamento (duas designações que referem o mesmo fenómeno); Colonização, realizada em muitos dos territórios sobre os quais o poder

político exterior passou a ser exercido; Emigração traduz o movimento de saída do espaço de origem; e Migrações, que na dupla vertente que contempla, pode assumir a variabilidade das deslocações efetuadas, qualquer que seja o sentido que tomem, associa os dois movimentos – tanto o de saída como o de entrada e consequente instalação no destino.

Figura 3 – Portugal, etapas da mobilidade



Por razões imperativas, de natureza política, a conceção de «nação peregrina», assim apelidada por Adriano Moreira² ao referir Portugal, constituiu estratégia para a perpetuação de uma ideologia tradicional, que valorizava o país pelo constante movimento da população e pela grandeza de um território. Como é conhecido e só depois de 1974 foi valorizada a presença portuguesa em terra alheia, reconhecendo o volume e diversidade de locais em que se encontrava instalada.

Ao longo do tempo foram-se, entretanto, escolhendo os lugares de fixação no estrangeiro, que não só atraíram candidatos por inspirar a esperança de aí poder vir a atingir um melhor nível de vida como, se ultrapassado, chegar a invejáveis patamares de sucesso tal qual alguns haviam conseguido.

Se os registos numéricos coordenados pelos aparelhos estatísticos dos organismos oficiais, tanto a nível internacional como nacional, tivessem colhido os dados numéricos ou

² Adriano Moreira, personalidade de grande evidência no âmbito do mundo académico, que se distinguiu também pela ação no mundo político, profere em 1977 no «Liceu Literário Português» do Rio de Janeiro uma conferência subordinada a este tema

registado da mesma forma, tanto a nível nacional como internacional, em regulares espaços de tempo, teriam transformado a informação que fornecem numa fonte credível, conducente a uma avaliação quantitativa que pudesse oferecer confiança e certeza.

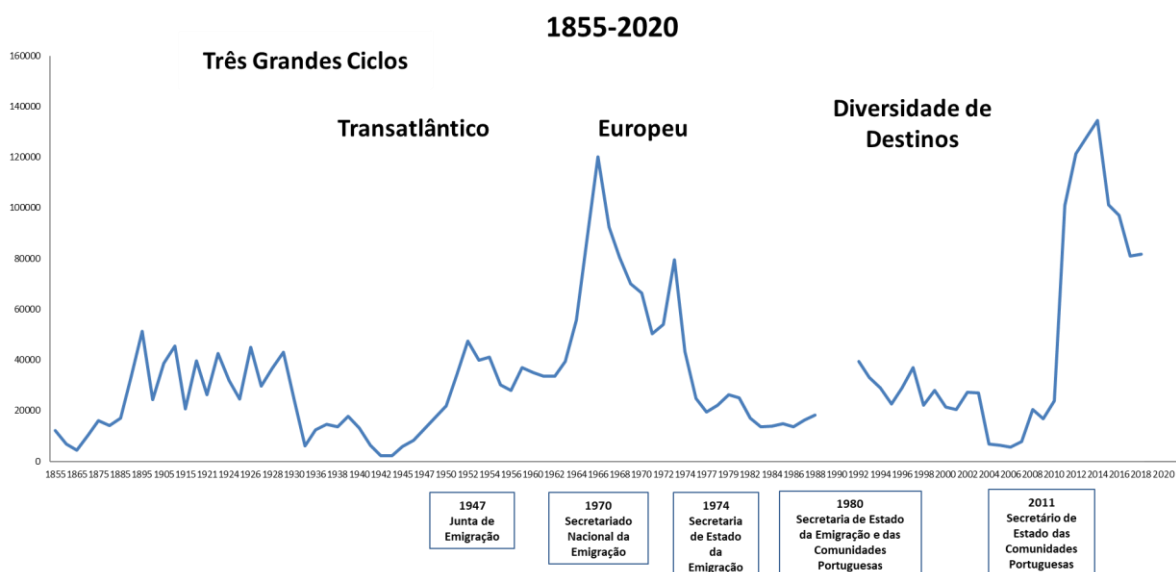
Se assim tivesse sido ou fosse, um acesso disponível, permitindo uma consulta relativamente fácil, o que continua a nem sempre acontecer, dada a diversidade de fontes existentes, tem tornado difícil chegar a resultados comparáveis e fiáveis. Muitas questões sociais, avolumadas ou diminuídas através da forma como foram sendo interpretadas e apresentadas ao público pelos «números» que, como indicadores as descreviam, atenuaram situações de conjuntura, cuja realidade se tornava útil justificar.

Portugueses que assim se «sentem» por ascendência ou os que deles descendem, já nascidos no estrangeiro, encontram-se disseminados por todo o mundo e cerca de cem países registam atualmente, a título oficial, a sua presença.

A orientação da seleção do destino de emigração, realizada individualmente ou integrando fluxos de vária natureza e volume, que decorre de uma negociação estabelecida entre o "país emissor" e o "país recetor" encontra-se, em regra, condicionada por pressões, interesses e vantagens exteriores à própria vontade do emigrante, que raramente disso tem consciência.

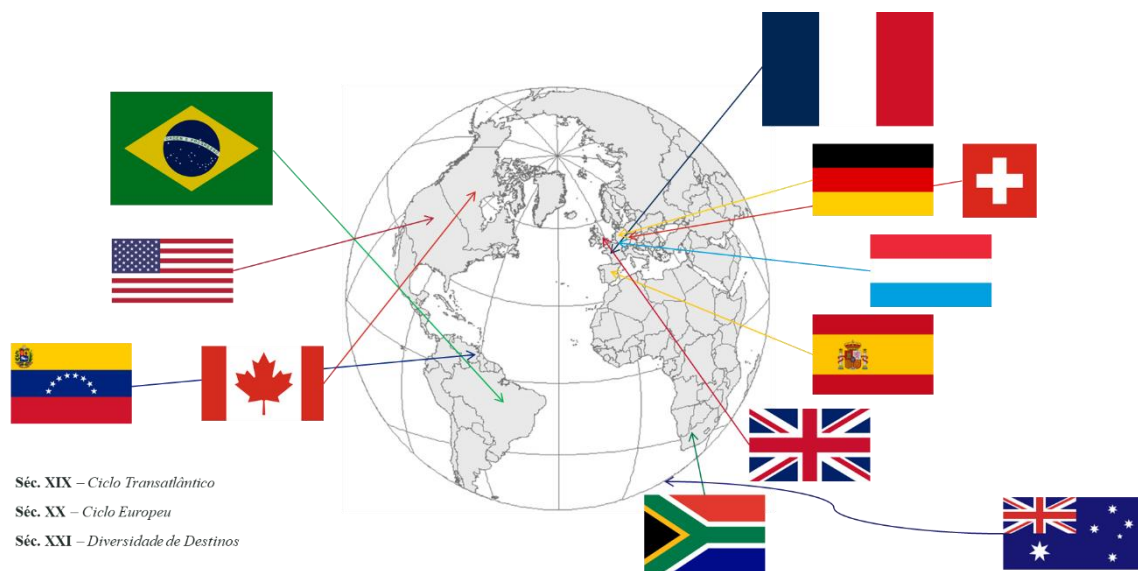
A orientação geográfica tomada em cada tempo traduz direções e espaços de destino diferentes e a atração sentida pelos candidatos, que decorre das condições propostas, viabilidade de deslocação e apoios existentes (na origem e no destino) é muitas vezes influenciada pela experiência de vida transmitida pelos que primeiro se deslocaram.

Gráfico 2 – Evolução temporal da emigração portuguesa



Fonte: Instituto Nacional de Estatística/INE

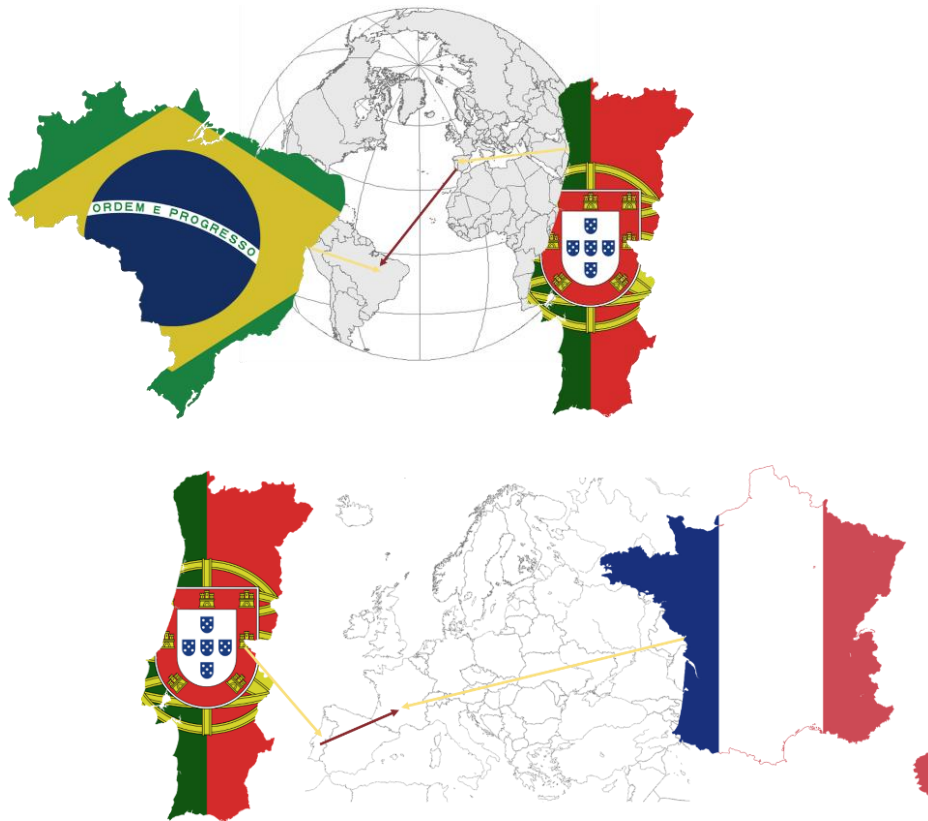
Figura 4 - Principais Destinos da Emigração Portuguesa³



³ A construção da imagem teve como intenção permitir visualizar de modo imediato a presença alargada de portugueses no mundo, assinalando os principais países onde se encontram, por intermédio da representação gráfica das bandeiras correspondentes. A fixação no continente americano, destaca o Brasil e os Estados Unidos e, em data posterior e em muito menor escala, a Venezuela e o Canadá (anos cinquenta do século passado). No continente europeu, que exerce uma função subsequente enquanto pólo de atração, França ocupa a grande distância um lugar predominante. Seguem-se outros países, que a partir daí, e em paralelo, foram escolhidos como destino – Alemanha, Luxemburgo, Reino Unido, Espanha e Suíça.

Tendo constituído o Brasil o principal destino dos portugueses a partir da segunda metade do século XIX, período que se estendeu até aos inícios do século XX (1850-1930), a França distingue-se, por sua vez, nos meados do século XX, como aquele que toma uma posição distinta na corrente migratória que então se encaminhara para a Europa a partir dos finais da década de cinquenta. A população de origem portuguesa nela residente, (que ultrapassa o milhão de pessoas) representa cerca de dez por cento dos que atualmente habitam em Portugal.

Figura 5 - Principais Destinos da Emigração Portuguesa – Séc. XIX e Séc. XX



Constituindo estes os principais destinos, não poderá ser esquecida a numerosa e visível presença que os emigrantes portugueses ocupam em todos os continentes. O tempo de permanência permitiu que, em muitos dos países onde se encontram instalados, se tivessem organizado verdadeiras comunidades que, mantendo vida própria, não deixaram

de percorrer o seu processo de inserção e, em muitos casos, estar verdadeiramente integrados nos novos espaços de residência

A totalidade da numerosa presença de mulheres e de homens de origem portuguesa emigrados, que assim passaram a residir em permanência no estrangeiro, não sendo sobejamente conhecida, não permite que um conhecimento alargado permita generalizações de carácter exaustivo. A continuidade que a caracteriza, independentemente da motivação que antecedeu a situação presente e características que são próprias de cada um dos conjuntos, conduz a que movimentos (...) precedentes e natural reprodução que lhes dá continuidade, permita no estrangeiro uma vivência paralela de mais que uma geração.

Compartilhar as mesmas zonas e locais de fixação, tanto no território do país de origem, como no de destino, e interagir durante o desempenho de atividades diárias, propicia a frequência dos relacionamentos e a constante troca de impressões. Nesse âmbito, evocar factos históricos, trazer à lembrança recordações, reproduzir hábitos anteriormente adquiridos na atividade do dia a dia conduzem, de maneira quase inconsciente, a novas formas de vida, que naturalmente integram elementos das duas culturas implicadas, na elaboração de uma outra, que se foi formatando de maneira quase impercetível.

O tempo de estadia, as diferentes formas de ocupação e funções desempenhadas pelos portugueses residentes no Brasil e em França, países considerados para exemplificação, deu lugar a que fosse construída uma estrutura piramidal, em que se distribuem idades e também se manifestam capacidades variadas na área da intelectualidade, do poder industrial e comercial, na afirmação em atividades ligadas ao comércio de grande e pequena escala e, sobretudo, em campos ocupados por quem no desempenho de trabalho assalariado por conta de outrem, assegura um lugar de grande destaque.

Muitos desses espaços e lugares, albergando indicadores de processos de inserção e continuidade de pertenças, permitem que ainda hoje seja visível, por observação direta ou reprodução de imagem fixa ou móvel a emblemática que os reproduz.

Figura 6 - Inauguração do edifício do Real Gabinete Português de Leitura (1887), Rio de Janeiro – Brasil



A continuidade da ligação ao país e à «santa terrinha», expressão muito utilizada pelos portugueses residentes no Brasil, ou o regresso ao país, mais utilizado por quem se encontra em França, fá-los assumir publicamente essa condição pelo recurso a símbolos identificadores como ilustrado pelas imagens apresentadas.



Figura 7 – Capa da revista Ilustração Portuguesa (1922) Centenário da Independência do Brasil

Figura 8 - Festas da Senhora da Agonia, Viana do Castelo, 2014





Figura 9 – Porta da entrada da igreja de Queiriga, «a aldeia francesa»



Figura 10 – Cemitério de Queiriga, Vila Nova de Paiva, Viseu

Figura 11 - Pastelaria Paris – Rua Dr. João Pinto, Fundão



Figura 12 - Oferta dos Emigrantes residentes em França a Montemor-o-Novo, Évora, 1983

Figura 13. - Lisboa,
Elétrico “28”



Figura 14 - Paris,
“Aloma” Galeries
Lafayette - França



Figura 16. – Casa de português emigrado em França



Figura 17 – Presença portuguesa em França



Cabo Verde

Figura 18 – Arquipélago de Cabo Verde



Fonte: Alta Autoridade Para a Imigração, I.P – Governo de Cabo Verde

Descoberto na segunda metade do séc. XV (1456-1462), o Arquipélago de Cabo Verde torna-se independente em 5 de julho de 1975.

Há que localizar, ainda que de forma muito breve, as suas estruturas físicas e geográficas e lançar um olhar retrospectivo sobre as marcas históricas que referem o quadro político onde se situa e a dinâmica que caracteriza a sociedade local.

As dez ilhas e os oito ilhéus que constituem este país insular, pertencendo à Macaronésia,⁴ situado na Costa Ocidental de África, em pleno Oceano Atlântico Norte, a cerca de 500 Km da faixa costeira, integra dois conjuntos: o de Barlavento, ao norte e o de Sotavento ao sul, assim dispostos em relação à orientação dos ventos alísios que sopram de nordeste. A sua superfície totaliza 4 033Km².

O território árido, frequentemente assolado por tremores de terra e o clima subtropical de natureza muito instável que o caracterizam, condicionam o ritmo e qualidade

⁴ A Macaronésia integra os Arquipélagos da Madeira e Açores, o das Canárias e o de Cabo Verde.

de vida, podendo ser atribuídas essencialmente às condições climatéricas as sérias dificuldades sentidas pelos que o habitam.

As permanentes levas de população que desde sempre têm saído, e continuam a sair, de forma regular, e cuja fixação no estrangeiro se faz continuamente, por longos períodos ou mesmo de forma definitiva, constitui característica permanente da sua história.

Primeiro em direção aos Estados Unidos, enquanto local de trabalho e já na segunda metade do século XX em direção à Europa, onde atualmente se encontram em vários países, Portugal continua a ser aquele que regista maior número de estrangeiros provenientes deste Arquipélago.

A relação indissociável entre os que residem no país, e os que se encontram fora dele, manifesta-se por representações públicas, de grande visibilidade, cujo potencial simbólico traduz, mais uma vez, o relacionamento emocional existente.

Para além da partilha das mesmas áreas para fixação, escolhidas muitas vezes no início, que correspondem a zonas habitacionais mais degradadas do espaço urbano ou a zonas limítrofes que proporcionam menores encargos e uma convivência que favorece a entreatajuda, os espaços de tempo livre e a recuperação de datas a que se encontra associado um especial significado são, em regra, aproveitadas para restabelecer convívios e recompor a sociabilidade.

Datas associadas a factos históricos que merecem ser assinalados por tradição são merecedoras de especial preito, ou que são introduzidas a partir de eventos que decorrem das novas experiências de vida, conduzem à evocação de qualquer dos países implicados – origem e destino. Por si mesmas constituindo fato, que pode ser considerado como justificada motivação para materializar um qualquer tipo de reunião, tanto o reconhecimento oficial e ajuda prestada, que sempre ajudam a concretizar a sua materialização, como a iniciativa privada que impõe estabelecer diálogos para o planeamento de projetos e formas de organização encontram-se associadas ao encontro e à interação permanente, que intensifica e reforça todo o tipo de ligações.

A escolha do nome de estabelecimentos de venda e de consumo, que assumem a designação de países, regiões e cidades evocados como destinos de fixação de migrantes de origem caboverdiana, constituem disso claro exemplo.

Ilha de São Vicente (Barlavento) - Estabelecimentos a que foram atribuídos nomes comerciais relacionados com destinos de emigração

*Figura 19 -
Esplanada
«Algarve»*



Figura 20 - Café Portugal

Figura 21 - Café Lisboa



Figura 22 - Bar Argentina

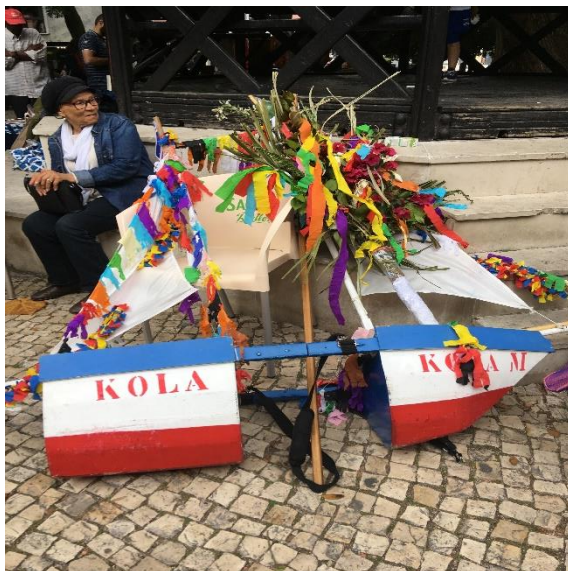


Figura 23 - Boston's Pizza

Muitas das festas e celebrações que vão decorrendo ao longo do ano, tanto no Arquipélago (Carnaval e Festas de Verão) como as que procurando reproduzi-las nos países de fixação de caboverdianos no estrangeiro, nomeadamente o *Colá S. Jon*,⁵ atuam enquanto instrumentos catalisadores, que não só operam no sentido de motivar uma numerosa participação de frequentadores, como são responsáveis por regressos pontuais ao país de origem e por reuniões de imigrantes quando se encontram fora dele. Possibilitados assim reencontros no âmbito de programas que se estendem por vários dias, o convívio estabelecido mata saudades e reativa relacionamentos.

⁵ A este propósito merece especial referência a investigação realizada por José da Silva Ribeiro que, na preparação de uma tese de Doutoramento, apresentada e defendida na Universidade Aberta, veio a publicar o livro *Colá S Jon, Oh Que Sabe – As Imagens, as Palavras Ditas e a Escrita de uma Experiência Ritual e Social*. A riqueza do conteúdo etnográfico que detém, complementada pela qualidade das imagens que, em complemento, ilustram o tema, constitui paradigma do potencial que reveste a Antropologia Visual, utilizada como metodologia de investigação científica e instrumento pedagógico.

Figuras 24 e 25 - Celebrações do Colá S. Jon em Lisboa/2018 – Jardim da Parada

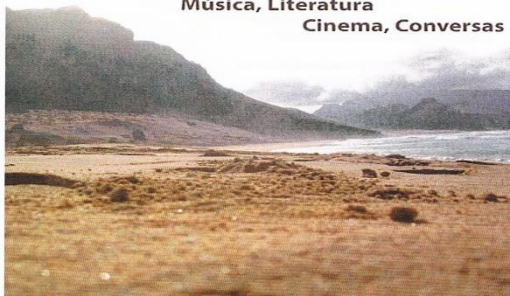


CABO VERDE NO BAIRRO

CAMPO DE OURIQUE de 1 a 7 Julho

Mercadinho, Cachupa

Música, Literatura
Cinema, Conversas



organização:
apoios:



PROGRAMA CABO VERDE NO BAIRRO

Campo de Ourique

DOMINGO 1 Julho | JARDIM DA PARADA

10h-18h Mercadinho – Cabo Verde/África
17h-18h Cortejo Kola San Jon

SEGUNDA 2 Julho | PADARIA DO POVO

21h Cine Padaria – *Kolá San Jon é Festa di Kau Berdi*, Rui Simões, 2011 (com a presença do realizador e outros intervenientes do filme)

TERÇA 3 Julho | PADARIA DO POVO

20h Jantar – Cozinha de Cabo Verde*

QUARTA 4 Julho | PADARIA DO POVO

21:30h Noite Cabo Verdiana - Tocatina

QUINTA 5 Julho | PADARIA DO POVO

20h Jantar – Cozinha de Cabo Verde*
21:30h Comemoração do Dia da Independência de Cabo Verde

SEXTA 6 Julho | PADARIA DO POVO

21h Mesa Redonda "Preocupações dos cabo-verdianos em Portugal e medidas para as resolver" **

SÁBADO 7 Julho

15h Workshop Danças de Cabo Verde | PADARIA DO POVO
20h Jantar – Cozinha de Cabo Verde* | PADARIA DO POVO
21:30h Espectáculo "Do Fado à Morna" | ESPAÇO CULTURAL CINEMA EUROPA

* É necessária a inscrição prévia no restaurante da Padaria do Povo (213620464)

** Frei Bento Domingues, Associação de Cabo Verde de Lisboa, Asso. Cultural Moinho da Juventude, António Neves (advogado) e Celeste Correia ex-deputada (moderadora)

/campovivo.lisboa/ | /Apadariadopovo/ | cinepadaria/

Figura 26 – Programa Cabo Verde no Bairro

O Carnaval, enquanto celebração catalisadora de uma relação intercontinental no âmbito do espaço alargado da diáspora cabo-verdiana, está diretamente associado às Ilhas que lhe prestam maior atenção e o expressam de forma glamorosa. No Mindelo, capital de São Vicente, seguido pela Praia, capital da ilha de Santiago, sem deixar de referir o que ocorre na Ilha de São Nicolau, a preparação dos desfiles sujeitos a uma indústria e engenharia financeira que obrigam a um significativo investimento, permite fazer entrar

vultuosos rendimentos através dos que de fora se deslocam expressamente para nele participar. Essencialmente, vindos de Portugal, dos Estados Unidos (região de Boston) e dos Países Baixos, a sua presença é assegurada por voos para tal especialmente fretados.

Figura 27 – Celebração do Carnaval no Mindelo, Ilha de São Vicente⁶



Em síntese, nos países onde a primeira geração se encontra instalada na situação de imigrada; em que muitos dos que dela descendem já tendo nascido no local de nova residência adquiriram oficialmente, por opção, o estatuto de nacionais desse novo país que também passou a ser «seu»; que, em alguns casos, quando possível, adquiriram a dupla nacionalidade não deixando de partilhar a vivência do grupo que integram, as ligações e apegos afetivos estendem-se para lá das distâncias ao longo de uma extensa plataforma imaginária.

⁶ Os desfiles carnavalescos incluem decorações simbólicas, relacionadas com a história do arquipélago e populações que o habitaram e habitam. Merece referência especial a inclusão da embarcação Ernestina - barco histórico construído nos Estados Unidos em 1893-94, por encomenda de William E. Morrissey. Destinado à pesca do atum, veio a ser utilizado como transporte de emigrantes clandestinos que tinham como destino aquele país. Nele tendo vindo a ser restaurado em data posterior, integra atualmente a coleção do Museu da Baleia em New Bedford, por doação do Governo de Cabo Verde.

Neste contexto, a organização das festas civis ou religiosas que evocam memórias e proporcionam convivência, constitui uma etapa importante que se estende em espaços de mobilidade ao longo de toda a vivência anual.

Realizá-las, implica um longo período de imaginação e de criatividade, que se alonga desde o início da sua preparação até à data em que realmente se concretizam. A sequência dos estádios anteriormente planeados, necessariamente ocupando um considerável período de tempo, possibilita encontros e reuniões permanentes para a confeção dos "instrumentos de ação" a utilizar como decoração e enfeite, que intervêm como indicadores simbólicos dos sentimentos que assim são transmitidos.

A compreensão dos movimentos próprios da vida humana, que desde sempre tiveram lugar, ao nível físico e social, implica que sejam tidos em conta o espaço e o tempo em que ocorrem, a motivação que os despoletou ou a orientação que veio a ser tomada. A relação transnacional, característica própria dos contextos em que a migração existe e os migrantes atuam, tanto nos espaços de origem como naqueles em que se vieram a inserir, configura novas formas de relacionamento.

O percurso de análise sobre o potencial que encerra o simbolismo das marcas emblemáticas adotadas, cuja existência importa conhecer e reconhecer, traduz o grau de intensidade da ligação a dois ou mais espaços de pertença. Revelando a permanência de um sentimento de identificação cultural que, em lugar de desaparecer ou ser substituído antes se modifica, se reforça e se intensifica. Espelho do grau de distanciamento ou de aproximação a qualquer dos países implicados – o de ascendência e o de destino, onde se passou a residir – constitui indicador precioso do estado em que se encontra a inserção e o grau de integração dos que se encontram fora do seu próprio país e passaram a residir no estrangeiro.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Jorge Fernandes (1994) - *Os Brasileiros: Emigração e Retorno no Porto Oitocentista*, Porto, Gráficos Reunidos

ARROTEIA, Jorge Carvalho (1983) – *A Emigração Portuguesa. Suas Origens e Distribuição*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa

ARROTEIA, Jorge de Carvalho (1985) – *Atlas da Emigração Portuguesa*, Porto, Secretaria de Estado da Emigração

BARRETO, António e ALMEIDA, Carlos (1974) - *Capitalismo e Emigração em Portugal*, Lisboa, Prelo (Cadernos de Hoje – 10)

MONTEIRO, Miguel (2000) – *Migrantes, Emigrantes e Brasileiros; Fafe, Edição do autor*

MOREIRA, Adriano (1977) - *A Nação Abandonada*, Braga, Intervenção.

VIDIGAL, Inês (2022) - Dois Milhões de Emigrantes Portugueses no Mundo
<http://observatorioemigracao.pt/np4/8821.html>

RIBEIRO, José da Silva (2001) - *COLÁ S. JON, OH QUE SABE! AS imagens, as palavras ditas e a escrita de uma experiência ritual e social*, Porto, Edições Afrontamento (Biblioteca das Ciências do Homem), Ministério da Informação e Cultura de Cabo Verde

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz (1990) – *Le Appartenenza Multiple negli Spazi Migratori in Emigrazione e Política Migratoria negli Anni Ottanta*, Università degli Studi di Salerno

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz; CAEIRO, Domingos (2000) – *Portugal - Brasil. Migrações e Migrantes 1885-1930*, Lisboa, Edições INAPA

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz (2013) – *Festas de Migrantes. Transnacionalidade das Celebrações*, in Portugal pelo Mundo Disperso, Lisboa, Tinta da China

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz (2019) - *Em Honra dos Migrantes. Sagrado e Profano nas Celebrações Anuais*, CHAM Centro de Humanidades, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, Santa Casa da Misericórdia de Velas, S. Jorge

VAZ, Manuel Dias/Direction (2014) – *La Communauté Silencieuse. Histoire de L'Immigration Portugaise en France, Bordeaux, ELYTIS*

PARA UMA MUSEOLOGIA DA RELIGIÃO ANÁLISE DA CARTA-CIRCULAR “A FUNÇÃO PASTORAL DOS MUSEUS ECLESIAÍSTICOS” VINTE ANOS DEPOIS¹

Maria Isabel Roque
Universidade Católica Portuguesa
CIDEHUS-UÉ

1. Introdução

Em 2001, a Pontifícia Comissão para os Bens Culturais da Igreja (PCBCI) enviou aos bispos católicos a Carta-Circular "A função pastoral dos museus eclesiásticos" (doravante referida como Carta). O museu eclesiástico era aí definido como "um lugar que documenta o desenvolvimento da vida cultural e religiosa, para além do génio do homem, com o fim de garantir o presente" (PCBCI 2001, sec. Introdução), sublinhando a sua responsabilidade na salvaguarda, valorização e promoção das coleções. A relevância deste documento prende-se com o elevado peso destes acervos no âmbito do património cultural mundial e, em particular, com a proeminência do património católico nos países do Sul da Europa.

Ao longo dos séculos, o mecenato artístico da Igreja Católica desempenhou um papel crucial no desenvolvimento das artes ao definir formas, conteúdos e significados. Por seu turno, o patrocínio às artes funcionava como prova de riqueza e estatuto social e como instrumento de poder e propaganda. Contudo, o papel da Igreja na encomenda de obras de arte e no colecionismo abrandou a partir de finais do século XVIII, face ao emergente conceito de estado-nação, à consequente criação dos primeiros museus como repositório dos patrimónios nacionais, à ascensão da burguesia e do capitalismo, à secularização da vida quotidiana e ao crescimento do mercado de arte.

Durante o Concílio Vaticano II e ao longo da segunda metade do século XX, a Igreja Católica aconselhava a simplificação da arte e da arquitetura e o despojamento decorativo dos espaços religiosos. Por seu turno, as orientações conciliares no âmbito da liturgia implicaram a desafetação de parte dos acervos de obras de arte e artefactos existentes nos espaços eclesiais. O destino museológico surgiu como a solução mais adequada à sua proteção, evitando o risco de danificação, destruição ou desaparecimento. Considerando que a missão da Igreja não é a preservação e a mediação cultural, mas sim a evangelização, a Carta-Circular propunha o museu

¹ Este artigo é a versão em português do original publicada no número especial "Material culture and religion: Perspectives over time" da revista *Religions*: Roque, M. I. (2023). Ecclesiastical museums and the Pontifical Letter on its pastoral functions. *Religions*, 14(1), 96. <https://doi.org/10.3390/rel14010096>

eclesiástico como recurso para a valorização e utilização do património religioso com um propósito pastoral.

Duas décadas após a publicação da Carta-Circular, impõe-se uma reflexão acerca da sua pertinência e do impacto obtido, avaliando a forma como o texto se articula com a teoria e as práticas museológicas atuais. Pretende-se analisar a Carta-Circular à luz da museologia contemporânea, descrevendo os conceitos essenciais, identificando as orientações pioneiras e verificando eventuais lacunas. Embora os estudos centrados na Carta-Circular sejam escassos, destaca-se o texto de Marta Tigano (2021) com uma análise do impacto dos princípios enunciados no texto e do papel dos museus eclesiásticos na sociedade contemporânea, e o de Domenica Primerano (2020), antiga Presidente da Associação dos Museus Eclesiásticos Italianos (AMEI) (2015-2020), que analisa a missão do museu a partir deste documento e da mensagem do Papa Francisco proferida durante a audiência privada concedida à AMEI a 24 de maio de 2019.

A análise interna do documento é complementada com pesquisa bibliográfica no domínio da museologia. O referencial teórico sobre museus de religião é baseado nas obras de Crispin Paine (Buggeln, Paine, e Plate 2017; Paine 1999; 2013; 2019), François Mairesse (Mairesse 2003; 2014) e Maria Isabel Roque (Roque 2011; 2013; 2020), bem como os atas do 41º Simpósio organizado pelo ICOFOM (Teerão, 15-19 de outubro de 2018), sob o tema geral "Museologia e o Sagrado" (Mairesse 2018) e o número especial da ICOFOM Study Series "Museology and the sacred" (Mairesse 2019). Numa visão mais alargada sobre a missão, a gestão, a fruição e a ligação ao território dos museus eclesiásticos e com o benefício de incluir casos de estudos, regista-se a obra editada por Barbara Sibilio e Antonio Maticena (2021).

Este estudo está estruturado em três pontos: o primeiro, de cariz preambular, visa apresentar uma síntese histórica do património eclesiástico e do colecionismo na Igreja Católica; o segundo abre com uma nota relativa ao Concílio Ecumênico II do Vaticano para contextualizar a análise da Carta-Circular "A função pastoral dos museus eclesiásticos", desenvolvida de acordo com a estrutura do documento; o terceiro discute as diretrizes da Carta em função da museologia atual.

2. Contexto histórico do património eclesiástico e do colecionismo na Igreja Católica

O reconhecimento do cristianismo como *religio licita*, pelo Édito de Milão, em 313, permitiu a exteriorização pública e triunfante do culto (Drake 2012). O imperador Constantino iniciou um vasto programa de construção de templos em Roma e na Terra Santa, dotando-os, desde logo, de alfaias condignas, como cálices e patenas em metais preciosos e ricos paramentos para a ornamentação do altar. Ao mesmo tempo, Santa Helena, mãe de Constantino, convertida ao cristianismo, iniciou uma peregrinação aos lugares santos da Palestina, onde a tradição lhe atribui a *inventio* (Jensen 2017), ou descoberta, do lugar da crucificação, cujas relíquias remeteu a Roma. Ambos, alfaias preciosas e relíquias, constituem o ponto de partida para a constituição dos tesouros eclesiásticos anexos a catedrais ou abadias. Dado que a sua principal função era servir

de custódia às relíquias dos santos e mártires, o seu valor dominante era de ordem espiritual, como *thesaurus gratiarum*. Porém, aliado a este, estava o valor patrimonial e artístico dos relicários e do conjunto de alfaias e paramentaria da igreja, constituindo um tesouro em sentido literal (Cordez 2005, 57). À condição de funcionalidade dos objetos usados no culto, associava-se uma progressiva exigência de atributos de excelência, desde a riqueza dos materiais à qualidade artística, a qual aumentava o valor substantivo das alfaias e paramentos. O valor patrimonial e artístico atribuído a este património contribuiu para consolidar o conceito de interdição devida às alfaias litúrgicas. As breves aparições, quer no uso litúrgico, quer na apresentação esporádica à admiração e veneração dos fiéis, contribuía para exaltar essa valia e sublinhar a condição intrínseca da separação devida às coisas sagradas (Guereau-Jalabert e Bon 2006). Por seu turno, os tesouros eclesiásticos cumpriam incumbências de inventário, reserva, preservação, exposição que hoje dizemos inerentes à atividade museológica (Roque 2011). São, por isso, não só uma referência obrigatória na proto-história da museologia como precursores dos museus eclesiásticos.

O Renascimento viveu uma profunda transformação intelectual e cultural, marcada pela eclosão de uma nova mentalidade centrada no homem em detrimento da visão teocêntrica da época medieval. A influência clássica, veiculada pela corrente humanista, estimulou o gosto pelo colecionismo de peças genuínas ou réplicas da Antiguidade que, nos gabinetes de curiosidades, ombreavam com pinturas, esculturas e materiais exóticos provenientes dos novos mundos descobertos por via marítima.

Em 1471, o Papa Sisto IV fundou, no Capitólio de Roma, o *Antiquarium* com uma preciosa coleção de esculturas antigas que o Papa ofereceu ao povo da cidade (Jacks 1993). O Papa Júlio II continuou a sua ação mecénica e doou à Santa Sé a coleção pessoal de algumas das mais relevantes obras da arte clássica, que expôs no pátio do palácio Belvedere (Piana 2020). O colecionismo papal estimulou o desenvolvimento de outras coleções eclesiásticas que funcionavam como um sinal de dignidade e prestígio, mas também como um instrumento privilegiado na busca de conhecimento. Porém, estes acervos artísticos não se distinguem das coleções reais ou aristocráticas coevas, onde à exceção da iconografia, não há objetos de matriz religiosa (Roque 2011).

No século XVIII, o Papa Clemente XIV, sob a influência direta de Joaquim Winckelmann, considerado o fundador da historiografia da arte e bibliotecário no Vaticano, deu início à construção de um museu onde as preciosíssimas coleções de arte conservadas pelos Papas ao longo dos séculos pudessem ser expostas ao público (Valeri 2020). O museu foi concluído no papado de Pio IV, recebendo a designação de Museu Pio-Clementino, e inclui-se no grupo dos museus universalistas que marcam o início da história da museologia.

A instituição do museu, como conceito e como estrutura organizativa, nos finais do século XVIII, coincidiu com a progressiva laicização da sociedade que provocou a desamortização de um largo conjunto de acervos de raiz religiosa. O reconhecimento de que os objetos litúrgicos exprimiam a excelência da produção artística ao longo dos

tempos levou a que sejam considerados como documentos inequívocos da evolução da história da arte, ou seja, como peças de valor museológico.

A museologia de objetos religiosos conheceu aqui o seu primeiro enquadramento. Apesar de surgirem de forma indiferenciada na globalidade do património exposto, os museus passam a integrar, nas suas coleções, objetos litúrgicos e devocionais, ainda que recrutados na qualidade de obras de arte. Esta ocorrência marca a pioneira conversão do objeto sagrado ou religioso em objeto museológico.

3. Carta-Circular "A função pastoral dos museus eclesiásticos"

3.1. Concílio Ecuménico Vaticano II

O Concílio Vaticano II (1962-1965), na *Constituição conciliar "Sacrosanctum Concilium" sobre a sagrada liturgia* (Concílio Vaticano II 1963), nomeadamente no capítulo VII intitulado "A arte sacra e as alfaías litúrgicas", assumiu a inevitabilidade do comportamento humano em reservar ao culto o mais insigne das suas criações e afirmou a importância da criação artística ao serviço do culto e expressou o objetivo de se abrir ao mundo multifacetado da arte contemporânea e das culturas do mundo. Com esse propósito, o Papa Paulo VI criou o Secretariado para os Não-Crentes², em abril de 1965, e, em dezembro desse ano, coincidindo com o final do Concílio, promulgou a *Constituição pastoral "Gaudium et spes" sobre a Igreja atual* (Papa Paulo VI 1965). Este documento reconhecia que a literatura e as artes são "de grande importância para a vida da Igreja" e "conseguem assim elevar a vida humana, que exprimem sob muito diferentes formas, segundo os tempos e lugares" (Papa Paulo VI 1965, art. 62). Com base neste documento, em 1982, o Papa João Paulo II fundou o Pontifício Conselho da Cultura,³ com o objetivo de estabelecer o diálogo entre a Igreja Católica e outras culturas contemporâneas.

Enquanto promovia a abertura a outras culturas e expressões estéticas, o Concílio também estabelecia a simplificação do cerimonial litúrgico (Concílio Vaticano II 1963, art. 34). Embora reconhecesse que "a Igreja preocupou-se com muita solicitude em que as alfaías sagradas contribuíssem para a dignidade e beleza do culto, aceitando no decorrer do tempo, na matéria, na forma e na ornamentação, as mudanças que o progresso técnico foi introduzindo" (Concílio Vaticano II 1963, art. 122), determinava que se preferisse "à mera sumptuosidade uma beleza que seja nobre" (Concílio Vaticano II 1963, art. 124), aplicado este princípio às vestes e ornamentos sagrados, e que houvesse "todo o cuidado em retirar da casa de Deus e de outros lugares sagrados aquelas obras de arte que não se coadunam com a fé e os costumes e com a piedade

² O Secretariado para os Não-Crentes foi posteriormente renomeado como Pontifício Conselho para o Diálogo com os Não-crentes, o qual, em 1993, foi incorporado no Pontifício Conselho para a Cultura.

³ O Pontifício Conselho da Cultura foi renomeado em 1993 como Pontifícia Comissão para o Património Cultural da Igreja. A Comissão era um organismo autónomo, cujo Presidente deveria ser membro do Pontifício Conselho para a Cultura para assegurar a sua coordenação. Em 30 de julho de 2012, o Papa Bento XVI fundiu os dois órgãos, suprimindo a Comissão e transferindo seus antigos objetivos e atividades para o Pontifício Conselho para a Cultura.

cristã” (Concílio Vaticano II 1963, art. 124). Estas determinações provocaram a desafetação de um vasto conjunto de alfaias e paramentos.

No catolicismo, a busca da excelência material e artística, dentro dos parâmetros sempre recorrentes da dignidade, justifica-se, não apenas como testemunho de fé e devoção, mas porque os lugares e os objetos do culto participam da sacralidade como intermediários materiais no decurso do serviço divino. Por esse motivo, edifícios, alfaias e paramentos destinados ao culto são sujeitos a rituais específicos de consagração ou bênção. Para evitar utilizações abusivas dos objetos desafetos ao culto e tal como está prescrito para os lugares sagrados (Igreja Católica 1995, Cân. 1212), a execração ou a perda da dedicação ou da bênção, torna-se implícita logo que o objeto, seja danificado ou considerado inapropriado ou se tiver sido convertido de modo permanente a uso profano (Coelho 1927, 256). Isto significa que os objetos desafetos do ritual se encontram destituídos, imediata e inequivocamente, do conteúdo sacro que lhes esteve intrínseco, o que os liberta para a função museológica. No entanto, é comum que estes objetos sejam remetidos para espaços secundários ou marginais às igrejas, sem medidas de conservação e segurança, tornando-os propícios ao esquecimento e ao desaparecimento.

Ao constatar os riscos desta situação, a Igreja demonstrou uma crescente preocupação em garantir aos objetos desafetos um destino digno da sua inicial condição litúrgica, defendendo que ainda lhes está reservado um importante papel ao serviço da catequese e da cultura cristã. É esse o sentido da Mensagem do Papa João Paulo II aos participantes na II Assembleia da Pontifícia Comissão para os Bens Culturais da Igreja (Papa João Paulo II 1997) e das várias cartas-circulares da Comissão Pontifícia dos Bens Culturais da Igreja.

3.2. Descrição e análise da Carta Circular

Entre os documentos da Comissão, ganha particular importância a Carta Circular "A função pastoral dos museus eclesiais" que continua a ser um documento de referência obrigatória no âmbito da museologia da religião, ainda que tenham passado duas décadas sobre a sua publicação.

Para além das notas introdutórias e conclusivas, a Carta-Circular está estruturada em cinco pontos principais relativos à conservação do património religioso, à natureza do museu eclesial, à sua organização e à fruição e formação de agentes e públicos.

Na **introdução**, são enunciados a definição e os objetivos do museu eclesial. De forma sucinta, o museu é apresentado como “lugar que documenta o desenvolvimento da vida cultural e religiosa” (PCBCI 2001, sec. Introdução), assente no pilar da Tradição, mas cuja atuação se orienta para o momento presente. Porém, depreende-se ao longo do texto que, além de documentar, se atribui ao museu as funções de estudo, interpretação e mediação do património, para tornar efetiva aquela que, apresentada logo no título, é o eixo da sua atuação e a distingue dos museus de tutela não eclesial: a função pastoral. Através da preservação, do estudo e da interpretação do património, o museu eclesial tem a missão de comunicar o sagrado.

O museu eclesiástico torna-se, por conseguinte, um destino adequado para os objetos que já não se encontram ao culto religioso. O museu assegura a dignidade que lhes é devida na continuidade do uso litúrgico, bem como a correção do discurso expositivo, transmitindo o sentido teológico e os significados inerentes à função do objeto no ritual.

Além de manter os objetos na esfera religiosa, o museu eclesiástico, em regra, também os mantém no território, na proximidade do grupo cultural de origem. Esta ligação é benéfica no sentido em que a comunidade se identifica com o património e, assim, tende a comprometer-se com a sua salvaguarda e conhecimento. Esses aspetos têm sido amplamente defendidos pela teoria museológica, acentuando a importância do envolvimento das comunidades locais nas atividades do museu (Golding e Modest 2016; Munro 2014; Taylor 2020; Waterton e Watson 2013; 2010) do papel deste no desenvolvimento dos sentimentos de pertença e de identidade coletiva (Dervin 2012; Dunn e Wyver 2019; Lowenthal 2015). No mesmo sentido, a Carta já afirmava explicitamente a necessidade de a comunidade cristã “ser consciente do sentido de pertença ao território onde vive” a fim de “criar uma consciência crítica que valorize o património histórico-artístico” (PCBCI 2001, sec. Introdução).

No **ponto 1**, a importância deste património é definida através do seu valor artístico, mas também pelo seu conteúdo cultural e pelo seu significado litúrgico, a que acrescenta um destino universal, ou seja, a possibilidade de fruição coletiva, sem posse exclusiva e em correspondência com a missão do museu. Por conseguinte, a musealização dos objetos desafetos, além de adequada, é recomendável ou, mesmo, imperiosa, evitando o abandono, a dispersão, ou a destruição.

Cabe ao museu desempenhar as funções de inventariação e estudo, de preservação e restauro, como é dito na Carta e a que acrescentaríamos as funções de exposição, interpretação e comunicação ou mediação cultural. Do cumprimento das funções e competências conferidas ao museu, depende o conhecimento do património e, por conseguinte, a sua valorização, bem como a sua utilização adequada, quer em contexto litúrgico, quer no contexto do discurso museológico.

A exposição dos objetos religiosos no museu e a narrativa que lhe é subjacente depende do reconhecimento das particularidades deste património. A primeira particularidade deriva da função litúrgica que confere sentido ao objeto, mas a Carta aponta uma outra, nem sempre considerada, e que resulta da disseminação da cultura católica noutras regiões, civilizações e culturas. Decorrente do processo de inculturação, em que há um recíprocas apropriações e recriações, a liturgia, as devoções e os objetos que as servem têm formulações distintas em função dos contextos culturais em diferentes épocas e geografias. Porém, subjacente à pluralidade de formalizações, existe um carácter comum e identitário que lhe advém da religião, ou, como é dito na Carta, do “uso eclesial”, defendendo a criação de “estratégias de avaliação global e contextual do património [...] de modo que se possa desfrutá-lo em toda a sua complexidade” (PCBCI 2001, sec. 1.1).

Apesar de ser referido como património histórico-artístico, o objeto é valorizado enquanto documento (Robinson 2018), no sentido em que todo o tipo de artefacto,

resultante da criação e da ação humana, fornece dados acerca do seu contexto cultural e, por conseguinte, contribui para o esclarecimento das comunidades que o produziram e das que se lhes sucederam. Este conceito promove os objetos, sem assinalável valor histórico ou artístico, a património etnográfico, portador de significados que os justificam no discurso museológico.

Confirmando o valor destes objetos, a Carta salienta a importância da conservação, referindo-a em relação ao património material e imaterial. Este é um dos aspetos pioneiros da Carta, atendendo a que a *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial* (UNESCO 2003) apenas foi aprovada em 2003 e entrou em vigor em 2006. Ao defender que mesmo uma “peça considerada sob o ponto de vista do valor estético não seja totalmente separada da sua função pastoral, assim como do seu contexto histórico, social, ambiental e devocional” (PCBCI 2001, sec. 1.2) foca as componentes intangíveis do património material e sublinha o valor do objeto como documento.

Nesse sentido, os programas de conservação e valorização do património, para lá das ações de prevenção, segurança e restauro, devem integrar o conhecimento da função e do historial dos objetos, dos contextos em que estiveram envolvidos, da forma como a liturgia e as práticas devocionais evoluíram, comparando os usos anteriores com os atuais, a fim de estabelecer a lógica que orientou o seu desenvolvimento e lhe confere sentido. Se todas estas práticas podem, e devem, ser comuns a todos os museus em nome do rigor científico e da transparência da comunicação, o museu eclesiástico assume a utilização destes objetos numa dimensão pastoral, catequética, e eventualmente, na liturgia.

Após a fixação destes conceitos gerais, a Carta elabora uma resenha histórica dos tesouros e do colecionismo eclesiástico, confirmando a autoridade da Igreja neste domínio (PCBCI 2001, sec. 1.3). O colecionismo privado desenvolvido por Papas e Cardeais concentrava-se em obras de arte e materiais exóticos, não em objetos religiosos que se mantiveram circunscritos aos tesouros eclesiásticos. Da mesma forma, também o Museu Capitolino e os Museus do Vaticano, ambos de iniciativa papal, são museus de arte e não museus de religião. No entanto, a Igreja detém um papel crucial no mundo da museologia e em todas as suas fases de desenvolvimento, da proto-história à atualidade, bem como na definição de políticas de proteção do património e nas medidas legislativas relativas aos museus eclesiásticos, com especial incidência após o Concílio Vaticano II.

O **ponto 2** é sobre a natureza, finalidade e tipologia do museu eclesiástico.

A **natureza** (PCBCI 2001, sec. 2.1) do museu eclesiástico é descrita em termos de conservação e valorização do património religioso em contexto eclesial, aplicando os conceitos enunciados no ponto anterior. Depreende-se da Carta que o património à guarda do museu eclesiástico não é recolhido apenas em conformidade com o discurso expositivo, mas como estratégia para a sua preservação e como prevenção contra as intervenções ilícitas. Porém, o património exposto, através das referências ao uso e ao

contexto de origem, preserva a função original ao serviço da pastoral e, em determinadas circunstâncias, também da liturgia.

Aquilo que define o museu eclesial e o distingue dos restantes é, precisamente, a missão pastoral, assumindo-se como “um instrumento de evangelização cristã” (PCBCI 2001, sec. 2.1.1), fortemente ligado ao território e à comunidade em que se insere, e, por conseguinte, é definido como um lugar eclesial, na medida em que fazem parte da missão da Igreja, testemunham o devir histórico e as diferentes circunstâncias de atuação. Além disso, recuperando um conceito ancestral que sempre esteve presente na ligação da Igreja à arte, estimula a compreensão do sagrado através da beleza.

Subjacente à natureza particular do museu eclesial está o conceito de objeto implícito na Carta e que se aproxima do conceito de *musealium* (Desvallées e Mairesse 2013, 68–72), ou *musealia* como é comumente referido, considerando que o processo de musealização provoca uma alteração de estatuto de objeto para signo. No museu, o objeto é exposto e observado nos seus atributos materiais e visuais, mas integra o discurso museológico em representação de algo que o transcende. Tal como qualquer outro objeto de museu, também os

objetos expostos nos museus eclesiais não foram concebidos e produzidos para esta funcionalidade. Porém, aquilo que distingue os *musealia* no museu eclesial, é que este, por natureza, prolonga aquela que foi a funcionalidade original do objeto, no culto, na catequese ou na devoção.

A **finalidade** (PCBCI 2001, sec. 2.2) do museu eclesial centra-se na salvaguarda da memória, para a qual se convergem as funções museológicas. Segundo a definição do termo consignada pelo ICOM (Conselho Internacional de Museus) na Assembleia Geral Extraordinária, em agosto de 2022, “A museum is a not-for-profit, permanent institution in the service of society that researches, collects, conserves, interprets and exhibits tangible and intangible heritage” (ICOM 2022).⁴ Para lá destas funções, a Carta acrescenta a representação da “memória estável” da comunidade cristã” (PCBCI 2001, sec. 2.2.1) até ao presente e o “encontro com as expressões culturais do território” (PCBCI 2001, sec. 2.2.1). O museu é apresentado como ‘lugar de memória’ (Black 2011; Willis 2015), a partir do conceito desenvolvido por Pierre Nora: “um *lieu de mémoire* é qualquer entidade significativa, seja material ou não -material na natureza, que por força da vontade humana ou do trabalho do tempo se tornou um elemento simbólico do património memorial de qualquer comunidade” (Nora 1996, XVII), o que engloba o museu numa rede de relações com outras instituições culturais, lugares, tradições e experiências no território. Depreende-se, assim, que o conjunto de obras no museu, “apesar da sua diversidade, fazem referência a um único ‘sistema cultural’ e ajudam a

⁴ A versão portuguesa, divulgada pelo Comité Nacional do ICOM logo após a votação, apresenta erros de sintaxe e pontuação, pelo que optámos pela versão original, em inglês.

Esta parte da definição do museu é similar à anterior, adotada na 22.ª Assembleia Geral do ICOM, em 24 de agosto de 2007, a qual definia o museu como “a non-profit, permanent institution in the service of society and its development, open to the public, which acquires, conserves, researches, communicates and exhibits the tangible and intangible heritage of humanity and its environment [...]” (ICOM 2007).

reconstituir o sentido teológico, litúrgico e devocional da comunidade” (PCBCI 2001, sec. 2.2.2). Nesse sentido, o conceito de *musealia* nos museus eclesiásticos ganha um significado particular: mesmo quando perde a função de uso inicial e se torna obsoleto, o objeto é visto como relíquia do passado histórico e permite a "ação pastoral pela memória " (PCBCI 2001, sec. 2.2.2).

A Igreja confirma, aqui, a tendência já enunciada pela prática dos museus de arte religiosa: assume-se como um domínio do conhecimento integrado no universo mais vasto da museologia de território (Rivière 1989), da qual recupera, ainda, uma forte intenção social e de inserção na comunidade, embora segundo uma perspectiva doutrinal e catequética.

No que concerne à **tipologia** (PCBCI 2001, sec. 2.3), a Carta estabelece-a em torno das tutelas e dos acervos.

Destacando o modelo histórico dos tesouros e museus de catedrais, na atualidade, distingue as seguintes tipologias de museus (PCBCI 2001, sec. 2.3.1): os museus diocesanos e, à semelhança destes, os museus paroquiais; os museus monásticos, conventuais ou de institutos religiosos; e os museus de confrarias ou de outras instituições culturais. Ainda que tenham uma matriz comum, cada uma destas tipologias tem uma natureza específica e objetivos diferenciados: os museus diocesanos, interparoquiais e paroquiais definem-se pela sua ligação ao território em que se inserem, refletindo a cultura e a identidade do lugar; os museus de institutos religiosos referem os marcos históricos e espaciais em que o instituto atuou e os parâmetros desta ação; os missionários centram-se na inculturação, testemunhando as culturas com que foram confrontados, oferecendo um contributo relevante para os estudos de antropologia cultural.

No que respeita aos acervos (PCBCI 2001, sec. 2.3.2), distingue as peças de uso litúrgico ou paralitúrgico, as quais, por sua vez se agrupam noutra outra ordem de categorias: obras de arte; vasos sagrados; adornos; relicários e ex-votos; paramentos litúrgicos, vestes eclesiásticas e outros têxteis; instrumentos musicais; manuscritos, livros litúrgicos, livros de coro e impressos. Refere, ainda, que à guarda do museu eclesiástico se encontra outro tipo de materiais arquivísticos e de biblioteca. Excluem-se, assim, as coleções artísticas, arqueológicas e científicas, de carácter não cristão, ainda que sejam de propriedade eclesiástica. Em contrapartida e de forma pioneira, incentivava à recolha e preservação “da memória dos usos, tradições e costumes próprios da comunidade eclesial e da sociedade civil” (PCBCI 2001, sec. 2.3.2). Subentende-se, portanto, que toda a vivência do religioso se encontra em estreita conexão com o objeto material usado na liturgia ou na devoção privada: os gestos que o usaram; as litanias e as preces que lhe estiveram associados; as manifestações de fé que suscitara e que lhe fundamentam o sentido. Isto conduz à noção de que a eficácia da apresentação museológica depende de uma adequada referência a estes dados subjetivos e de que é nisto que consiste a correta contextualização do objeto religioso no museu.

Este ponto termina com um conjunto de normativas relativas à **instituição** do museu (PCBCI 2001, sec. 2.4), definindo as responsabilidades e competências dos vários órgãos a quem incumbe a responsabilidade pelo património eclesiástico. Estabelece a obrigatoriedade da aprovação episcopal e determina que o Bispo seja coadjuvado por uma Comissão diocesana e por um departamento para a arte sacra e os bens culturais.

O **ponto 3**, relativo à organização do museu eclesiástico, configura-se como um breve tratado de museografia, no sentido em que apresenta um conjunto de técnicas e práticas aplicadas ao museu, em particular, no que concerne à organização do espaço expositivo e áreas adjacentes, à segurança das instalações e respetiva vigilância e à administração.

No que respeita organização do espaço, introduz algumas indicações relativas à arquitetura do edifício. Em sintonia com a perceção de que o espaço determina a individualidade do museu e a experiência do visitante (Tzortzi 2015), a Carta mostra uma preferência por edifícios históricos de propriedade eclesiástica, como “antigos mosteiros, conventos, seminários, palácios episcopais e ambientes curiais” (PCBCI 2001, sec. 3.1), pela afinidade com os objetos religiosos expostos e com o sentido do discurso museológico, o que atenua o efeito de descontextualização inerente ao processo de musealização.

Indica, porém, que o arranjo do espaço, adequando-o à função museológica, deve ser da competência de um arquiteto, com a colaboração de outros especialistas, quer no plano teórico do tema da exposição, quer no plano técnico da montagem da exposição. Neste elenco pluridisciplinar, regista-se a ausência da museologia, crucial neste domínio para a adequação do espaço ao discurso expositivo (Rusnak 2021). Por outro lado, nas últimas duas, a experiência alerta para o risco de entregar o projeto do espaço museológico apenas ao arquiteto: “As dificuldades atuais da arquitetura museal repousam sobre o conflito lógico existente entre, de um lado, os interesses do arquiteto (que hoje é valorizado pela visibilidade internacional deste tipo de construções), e, de outro, aqueles que estão ligados à preservação e à valorização da coleção” (Desvallées e Mairesse 2013, 31). Este conflito é exponenciado em construções de raiz entregues a *starchitects* que impõem espaços de grande impacto visual em detrimento da funcionalidade (Cominelli e Jacquot 2020; Klimek 2014), mas é igualmente premente na adequação de edifícios e na conceção dos espaços interiores, pela manifesta tendência pelo predomínio do contentor sobre o conteúdo, isto é, do espaço expositivo e equipamento museográfico sobre os objetos expostos. A par do arquiteto, a presença de um museólogo é imprescindível, competindo-lhe garantir que a construção do espaço expositivo serve e se adequa à elaboração do discurso expositivo, e não esta a conformar-se às contingências do espaço, sobretudo sendo este uma pré-existência, cuja identidade deve ser preservada (PCBCI 2001, sec. 3.1.1).

A Carta refere também a necessidade de tornar o espaço acessível às pessoas portadoras de deficiência “em conformidade com as indicações legislativas internacionais ou nacionais” (PCBCI 2001, sec. 3.1.1). Atualmente, a construção de um espaço inclusivo ultrapassa o conceito de espaço acessível ligado a fatores físico-

espaciais, para envolver outros aspetos sociais e culturais. A nova definição de museu, aprovada pelo ICOM, introduz esta alteração: “Open to the public, accessible and inclusive, museums foster diversity and sustainability” (ICOM 2022). A inclusão compreende a acessibilidade, mas não se restringe a esta, referindo-se também à integração e à participação de todos e à eliminação das barreiras intelectuais (Galla 2016). Entre estas, estão as iliteracias e, no caso particular do museu eclesiástico, a iliteracia religiosa no âmbito do catolicismo.

A **entrada** (PCBCI 2001, sec. 3.1.2) é vista como apresentação e síntese da exposição, de forma a “destacar a identidade do museu” (PCBCI 2001, sec. 3.1.2) e de “apreender os critérios que conduzem a uma leitura global do museu” (PCBCI 2001, sec. 3.1.2), sob o signo da sobriedade e da clareza. Trata-se de uma zona de acolhimento, mas também de transição entre o espaço exterior e o interior que, desta forma, reflete espelha a organização espacial da igreja antecedida pelo átrio ou adro, criando uma faixa intermédia entre o profano e o sagrado, o que acentua o cariz religioso do ambiente expositivo. A sacralização do espaço museológico tem sido assinalada por diversos autores (Buggeln, Paine, e Plate 2017; Duncan 1995; Mairesse 2014), mas numa perspectiva de tentar eliminá-la por poder confundir a perceção das narrativas do museu, enquanto, aqui, ela é naturalmente valorizada como fator de contextualização.

As **salas** de exposição (PCBCI 2001, sec. 3.1.3) são descritas na continuidade da zona de entrada, também como espaços sóbrios, que apresentem o discurso de forma simples e clara. Assim, a disposição dos objetos expostos deve ser feita em função da lógica do discurso museológico, pelo que “a estrutura das salas, o seu percurso e tudo quanto nelas se expõe devem expressar uma proposta única e orgânica, cujos critérios gerais se adaptarão às situações e às intenções particulares” (PCBCI 2001, sec. 3.1.3).

No conjunto de objetos expostos, além das peças originais, está prevista a introdução de reproduções, textos, mapas e materiais multimédia, sendo estes, atualmente, sobretudo conteúdos digitais. Depreende-se, assim, a preferência por um modelo expositivo sistemático, segundo a classificação proposta por Georges-Henri Rivière (1989), no qual a exposição dos objetos é complementada com o recurso a elementos textuais, sejam explicações relativas ao uso ou reproduções do contexto original. Este modelo cria um protótipo artificial e ilustrativo da função e uso original do objeto.

Apesar da preferência pela museologia sistemática, as questões de segurança e conservação exigem uma articulação com o modelo expositivo *in vitro*, ainda segundo a terminologia de Rivière (1989), para se referir ao recurso às **vitruinas** (PCBCI 2001, sec. 3.1.4). Em conformidade com o princípio de sobriedade a vitruina, além de preservar os objetos, deve valorizá-los, permitindo a sua total visualização. Indica, ainda, que os objetos sejam corretamente iluminados, de forma que a luz não deteriore os materiais, nem lhes altere a fisionomia e as cores. Tal referiu o risco de prevalência da arquitetura sobre a exposição, a Carta assinala o efeito nefasto de conceder aos expositores uma evidência que se sobrepõe ao objeto, em vez de os utilizar como suporte e instrumento para acentuar os seus aspetos formais. Ou seja, a vitruina é um “elemento de serviço” (PCBCI 2001, sec. 3.1.4) para a conservação e contemplação do objeto.

Ainda neste ponto, são referidas as **legendas** (PCBCI 2001, sec. 3.1.4), ou tabelas, cujo papel é crucial na exposição. Como características formais, estabelece que as legendas sejam escritas em duas ou três línguas, em caracteres legíveis e colocadas em sítio acessível à leitura, o que, sendo óbvio, nem sempre é cumprido. Distingue, ainda, entre a ficha identificativa da peça, onde consta a designação, a autoria, a datação, os dados técnicos, como a técnica e o material, e a proveniência, a qual é a mais comum na maioria dos museus de arte, da ficha interpretativa, o que, à época da publicação da Carta, podia ser considerado inédito. Na ficha, deveria constar “o destino litúrgico ou paralitúrgico, o significado do nome, o contexto espaço-temporal de onde é originária, a simbologia e, eventualmente [...] algumas explicações iconográficas e breves referências bibliográficas” (PCBCI 2001, sec. 3.1.4). Embora este último dado não seja comum e a sua importância numa legenda seja contestável, todos os restantes contribuem para a leitura e a compreensão da peça, esclarecendo o seu sentido original e justificando a sua função no âmbito do discurso expositivo. Este modelo de legenda começou a ser utilizado nos museus de antropologia, estendendo-se, posteriormente, aos museus de arte, onde ainda é muito incipiente e esporádico, tendo vindo a ser analisado no âmbito mais amplo do debate acerca da interpretação em contexto museológico (Fritsch 2021).

Em complemento à exposição permanente, as **exposições temporárias** (PCBCI 2001, sec. 3.1.5) supõem a existência de um espaço próprio e que, embora a Carta não o refira, deve ser modular, permitindo a adaptação a diferentes projetos expositivos e outros eventos culturais. As exposições temporárias são, em regra, sujeitas a um tema particular que complementa ou amplia a exposição permanente. O seu carácter ocasional pode reforçar a ligação ao território, no sentido em que pode corresponder a circunstâncias particulares da sociedade e justifica visitas sucessivas ao museu. Além disso, constituem um pretexto para restaurar e apresentar peças que estejam em reserva.

Para lá dos espaços axiais do museu, a Carta refere salas destinadas à formação e à investigação: uma **sala didática** (PCBCI 2001, sec. 3.1.6), destinada ao Serviço Educativo que, neste caso, se prolonga aos catequistas e agentes da pastoral; uma **sala de formação cultural** (PCBCI 2001, sec. 3.1.7), que se formaliza como um espaço de ensino mais formal destinado aos funcionários e colaboradores do museu, mas aberto, igualmente, a investigadores e estudantes; uma **biblioteca** (PCBCI 2001, sec. 3.1.8) especializada e atualizada em matérias afins do museu e onde já se previa um setor para conteúdos em suporte multimédia e que, hoje, seriam conteúdos em suporte digital; o **arquivo** corrente e histórico (PCBCI 2001, sec. 3.1.9) para a preservação do conjunto de documentos relativos à coleção e ao historial de cada uma das peças.

A propósito do arquivo histórico, a Carta adverte para o risco de desaparecimento dos documentos oficiais de depósito ou de empréstimo temporário, importantes, não só para o esclarecimento de questões relativas à tutela jurídica, como, também, para o “conhecimento do contexto do património histórico-artístico” (PCBCI 2001, sec. 3.1.9). A estes acervos documentais, seria pertinente incluir os documentos vinculados ao

planeamento e execução das exposições permanentes e temporárias, incluindo as pesquisas e seleções efetuadas, os textos produzidos, os projetos arquitetónicos e museográficos, os procedimentos administrativos de empréstimo, seguros e transporte, geralmente descuidados e perdidos, mas que constituem um material relevante para a história do museu e da museologia.

A última das zonas públicas é a **saída** (PCBCI 2001, sec. 3.1.10), que a Carta aconselha em área diferente da entrada, defendendo que não seja descuidada. Esta deve ser, efetivamente, o epílogo da visita ao museu e é, tal como a entrada, uma zona intermédia e de transição, a separar a exposição do exterior. Inclui, aqui, a livraria, com os catálogos e roteiros das exposições presentes e passadas e outras publicações relacionadas com as temáticas do museu, bem como, subentende-se, uma loja onde o visitante possa adquirir objetos que memorizem a exposição, constituindo um prolongamento da visita.

A Carta refere, ainda, um aspeto que não deve ser considerado despiciendo: a introdução de áreas de descanso (PCBCI 2001, sec. 3.1.11), como estratégia para incentivar a permanência e prolongamento da visita. Numa altura em que a maioria dos grandes museus tende a eliminar os assentos ao longo do percurso expositivo para favorecer a movimentação dos grupos de turistas, a introdução de espaços apropriados à contemplação do exposto é um elemento a sublinhar nos museus eclesiásticos, atendendo a que a museologia de religião deve ser contemplativa (Duarte 2021).

As áreas privadas são as instalações destinadas à direção e outros funcionários e serviços (PCBCI 2001, sec. 3.1.12) e as zonas técnicas como as reservas, ou salas de depósito, e o laboratório de restauro.

Nas **reservas** técnicas (PCBCI 2001, sec. 3.1.13), são colocadas as obras que fazem parte do museu, mas que não se encontram expostas. O acondicionamento das obras em reservas técnicas faz parte das atividades inerentes à gestão das coleções. O valor das peças colocadas na reserva não é necessariamente menor das que estão expostas, uma vez que a seleção é feita em função da lógica do discurso expositivo. Por outro lado, a Carta sublinha a importância da circulação das obras quer dentro do próprio museu, na reformulação da exposição permanente ou para as exposições temporárias, quer para o exterior, através de empréstimos a outras instituições. Também por isso, as peças em reserva devem estar dispostas de forma ordenada e acessível, em bom estado de conservação e devidamente inventariadas e estudadas.

Neste ponto, a Carta aborda o inventário (PCBCI 2001, sec. 3.1.13). Fá-lo de forma breve e discreta, o que se justificará pelo facto de, à época, o inventário em base de dados era recente e não estava implantado na maioria dos museus, embora se começasse a perceber que a informatização era um caminho inevitável. Por isso, aconselha a existência de dois inventários: o catálogo geral das peças expostas; e outro para as peças em reserva. Atualmente, o catálogo em base de dados é único, permitindo seriar os objetos por campos de informação e com diferentes perfis de utilizadores, o que permite navegar em cada um dos catálogos como se estivessem separados e

disponibilizá-los a utilizadores externos, ocultando os campos com informação confidencial.

A implementação de um laboratório de restauro (PCBCI 2001, sec. 3.1.14) junto às reservas é considerada oportuna. Porém, atualmente, mais do que um laboratório de restauro em cada museu, é aconselhável que se mantenham ativas as atividades de conservação preventiva, ou seja, um conjunto de medidas e ações que têm por objetivo garantir que o objeto mantenha a sua integridade material e que o seu estado não seja alterado. Porém, a conservação dita curativa, com o objetivo de interromper um processo ativo de deterioração ativa ou de introduzir um reforço estrutural, bem como o restauro, que procura recuperar o significado e função perdidos por alterações ou deteriorações anteriores, envolvem competências e procedimentos especializados. Por isso, estas atividades tendem a tornar-se independentes e a requerer espaços autónomos, colocando-se ao serviço de vários museus (Desvallées e Mairesse 2013, 30). De resto, com a criação de redes, agrupando vários museus do mesmo território, também as reservas técnicas têm vindo a ser centralizadas, com o objetivo de otimizar e rentabilizar o investimento em equipamentos controlo e de segurança.

No seguimento das diretrizes relativas às instalações, a Carta aborda a sua manutenção. A **segurança** (PCBCI 2001, sec. 3.2) envolve ações de proteção contra roubo ou vandalismo, incêndios ou inundações, terremotos ou tumultos, embora remeta para as leis locais nestas matérias. Em contrapartida, fornece orientações práticas em termos da conservação do edifício (PCBCI 2001, sec. 3.2.1) e da coleção e da vigilância no espaço expositivo (PCBCI 2001, sec. 3.2.2).

Em seguida e finalizando este ponto, a Carta trata questões de ordem administrativa, como a **gestão** (PCBCI 2001, sec. 3.3), onde apresenta indicações de cariz financeiro, jurídico e de comunicação, o **peçoal** (PCBCI 2001, sec. 3.4) as **normas** (PCBCI 2001, sec. 3.5) e a regulamentação interna e as **relações com outras instituições** (PCBCI 2001, sec. 3.6).

O **ponto 4** é relativo à fruição do museu eclesiástico, apresentada sobretudo em sentido eclesial. Ao longo deste ponto, confirma e desenvolve o conceito axial da função pastoral do museu, cujo caráter diferenciador está na forma como conserva e evidencia a memória histórica da vivência eclesial e, também, na forma como esta se desenvolve nas comunidades cristãs do lugar em que se insere. Assim, a fruição acontece no contexto do território, ao promover o seu património e cultura. Ou seja, o museu eclesiástico é definido como “lugar eclesial” e “lugar territorial” (PCBCI 2001, sec. 4.3), tornando-se “um prolongamento físico e cultural do ambiente circunstante” (PCBCI 2001, sec. 3.6). Ao identificar a proveniência do objeto e ao relacioná-lo com o contexto cultural de origem, o museu enfatiza o sentimento de pertença na comunidade e o caráter identitário da vivência eclesial no território.

O **ponto 5** aborda a formação dos agentes para os museus eclesiásticos. Assumindo a função cultural do museu, reconhece a importância da formação de todos os agentes do museu, preparando-os para valorizar o património e promover a criação artística na

tradição do patrocínio da Igreja às artes. Enuncia algumas competências genéricas como a responsabilidade, o espírito de iniciativa e conhecimentos básicos no âmbito da história, da arte, da pedagogia e da pastoral, mas defende uma formação especializada de cada um dos agentes consoante a função que ocupa no museu. Não refere, porém, algumas disciplinas atualmente consideradas imprescindíveis, como a museologia, a gestão cultural e a comunicação. Embora brevemente referida, na colaboração institucional, já prevê a ligação a centros académicos. Esta via colaborativa com as universidades e centros de estudos tem vindo a ser implementada para adquirir conhecimentos interdisciplinares e fomentar a investigação em temáticas relacionadas com as coleções.

A função cultural do museu implica um conjunto de ações e estratégias centradas nos seus utentes. Atualmente, o termo ‘mediação’ prevalece na literatura (Bordeaux e Caillet 2013; Chiovatto 2020; Fraysse 2015) para designar as várias intervenções realizadas em contexto museal para estabelecer pontos de contacto entre a exposição e os públicos, fornecendo-lhes os significados inerentes às diversas componentes do discurso expositivo. A mediação envolve uma "dialectical notion that requires us to address the processes of communication as both institutionally and technologically driven and embedded" (Silverstone 2006, 186). Ao favorecer o compartilhamento das experiências e ao suscitar o aparecimento de referências comuns, a mediação contribui para ampliar o conhecimento e criar uma experiência mais rica do ponto de vista intelectual e emocional. Isto implica a planificação de uma mediação segmentada, com diferentes níveis de informação e modelos de comunicação, em função da diversidade dos públicos ou destinatários, a qual já é reconhecida na Carta (PCBCI 2001, sec. 5.4.2).

Na **Conclusão**, é reforçada a função pastoral como marca identitária do museu eclesial, ao afirmar que “os museus eclesiais, como lugares de animação dos fiéis e de valorização do património histórico-artístico, unem o valor da memória ao da profecia, salvaguardando os sinais tangíveis da *Traditio Ecclesiae*” (PCBCI 2001, sec. Conclusão). Isto permite que o museu eclesial seja um “novo e eficaz instrumento de evangelização cristã e de promoção cultural”.

O objetivo axial do museu eclesial é realizar um projeto global em torno do património cultural, conjugando-o com o projeto pastoral diocesano ou local. No elenco das estratégias para o atingir, são focados a experiência da visita, a preservação e a valorização do património, o inventário e a investigação em torno das coleções, a formação e a preparação dos agentes, a função cultural e a comunicação baseada na interpretação e explicação, a participação do público e o prolongamento da visita “reintroduzindo o indivíduo na própria cultura e despertando-lhe o desejo de salvaguardar os bens históricos e artísticos” (PCBCI 2001, sec. Conclusão) que o circundam.

O aspeto mais inovador da Carta— aliás, na linha de atuação da Igreja ao longo do último quartel do século XX e de que a criação da Comissão Pontifícia, em 1988, é um dos indícios —, face a atitudes anteriores, reside precisamente no reconhecimento da museologia como atividade pastoral, prevendo-se o benefício que daí ocorra para a

preservação do património religioso. É indicador da uma nova mentalidade: se, até tempos muito recentes, os padres responsáveis pelas pequenas coleções paroquiais justificavam a falta de atenção que lhes prestavam como fundo patrimonial pelo facto de a sua ação ser de índole pastoral, a partir de agora as questões de conservação, estudo, interpretação e mediação do património que lhe está sujeito é encarado como fator integrante da atividade presbiteral.

4. Discussão: a Carta-Circular à luz da museologia atual

Analisando o texto da Carta, importa destacar o carácter pioneiro no que se refere à importância dada ao património imaterial e a sua consonância com a teoria museológica e as melhores práticas da época, nomeadamente no que se refere à recuperação da função e do sentido original do objeto no discurso museológico, à ligação ao território e à cultura do lugar, numa perspetiva global e diacrónica e à interação com os públicos, assumidamente plurais e heterogéneos e, na organização do espaço, à importância dada às zonas de acolhimento e às áreas multiuso para atividades de carácter cultural e pedagógico.

4.1. Musealização e recontextualização do objeto religioso no museu eclesiástico

O processo de musealização de um objeto religioso apenas acontece na sequência de um desvio em relação ao contexto e funcionalidade originais. É, em regra, a solução menos abusiva face ao valor real do objeto, nas suas variadas vertentes materiais, históricas, artísticas e simbólicas, como salvaguarda de um património em risco de abandono, dispersão, uso abusivo ou perda irremediável. A eficácia do processo museológico depende da capacidade da curadoria em identificar os significados dos objetos e torná-los intelectualmente acessíveis aos destinatários do discurso.

Um tema nuclear da museologia atual prende-se com a investigação acerca da criação de conhecimento a partir dos objetos, (Dudley 2010; Fritsch 2021; Hooper-Greenhill 2001; Pearce 1994; Thompson 1994; Whitehead 2012), reconhecendo que a interpretação e os significados do objeto não são objetivos ou inerentes, mas subjetivos, "situated and contextual" "situados e contextuais"(Macdonald 2006, 2). O museu eclesiástico distingue-se dos restantes, na medida em que é confessional e assume uma função catequética, invertendo a norma de isenção que assiste à prática museológica.

A mensagem veiculada pelo museu eclesiástico (isto é, dependente de organismos ligados à Igreja) não é, nem pretende ser, independente. De facto, o programa de um museu eclesiástico é unívoco, sem duplicidades na leitura e na interpretação dos factos e conceitos que apresenta, na medida em que a Igreja assume a sua doutrina como uma verdade única e universal. Arroga-se, por isso, a capacidade de propor vivências religiosas no percurso museológico, transformando a rotina do museu numa experiência evangelizadora. Isto significa que à tradicional função cultural do museu, a Igreja justapõe, nos seus museus, uma vertente espiritual. A vantagem do museu eclesiástico advém da sua proximidade material e simbólica do contexto original. A ocorrência de

supervisão compartilhada dentro do mesmo quadro institucional e a proximidade geográfica entre a igreja e o museu permitem que alguns dos objetos interrompam o funcionamento museológico e sirvam temporariamente na liturgia, mantendo ativa a função que lhes dá sentido.

O objeto é tomado como signo, no sentido semiológico do termo, considerando que a função litúrgica ou devocional lhe acarreta um sentido. Assim, inerente à musealização, ocorre um processo de semantização do objeto, recuperando o significado que lhe advém da funcionalidade ou utilização originais. Tal como os signos linguísticos, os objetos, enquanto signos semiológicos, segundo Roland Barthes (2009), apresentam duas ordens de significação: a denotação e a conotação. Durante muito tempo, os museus centraram-se na denotação, ou seja, no sentido literal do objeto. Porém, acompanhando a valorização das componentes intangíveis do património, regista-se uma crescente preocupação com a conotação, associando ao objeto um sentido simbólico e expressivo, dependente do contexto em que é utilizado. O museu eclesialístico centra-se precisamente nesta segunda ordem de significação, com um propósito pastoral.

A utilização catequética da memória veiculada no museu não contraria a pragmática museológica, desde que a sua execução seja rigorosa no cumprimento da conservação e divulgação das coleções, tal como determina o *Código deontológico do ICOM para os museus*, adotado em 1986 e revisto em 2004: “As informações publicadas por museus, por qualquer meio, devem ser bem fundamentadas, precisas e considerar as disciplinas científicas, as sociedades ou as crenças apresentadas de maneira responsável” (ICOM 2009, n. 4.6). O conceito de rigor na informação tem vindo a substituir o ideal de neutralidade associado ao discurso museológico museus (Rein 2009; Savenije e Bruijn 2017). Na Conferência Anual do International Committee for Museums and Collections of Modern Art (CIMAM), organização afiliada ao ICOM “The 21st Century Art Museum: Is Context Everything?”, realizada em Sydney em 2018, Suay Aksoy, então presidente do ICOM, defendia que “museums are not neutral. They never have, and never will. They are not separate from their social and historical context. [...] To accomplish their missions and serve to the betterment of societies, museums do not need to be neutral” (Aksoy 2018). Este argumento valida a proposta da Carta acerca da função evangelizadora dos museus eclesialísticos. De facto, no que concerne, quer à preservação dos objetos desafetos ou em desuso permanente ou temporário, quer à apresentação dos respetivos fundamentos teóricos, a Igreja afirma-se como a autoridade de maior competência, enquanto principal detentora do conhecimento teológico e litúrgico que informa a existência do espólio religioso. Esta circunstância, para lá da intenção confessional, acaba, assim, por funcionar como um fator positivo na recontextualização do objeto no museu eclesialístico.

Outra vantagem decorre da proximidade material e simbólica ao contexto original. Os objetos são mantidos num espaço anexo ao perímetro do sagrado. Mesmo aqueles que se encontram subtraídos ao uso litúrgico, conservam os laços da memória junto ao espaço em que intervieram, pelo que o registo dessa função e respetivo significado

podem ser evocados de forma mais direta e natural. Ou seja, a igreja e o museu eclesiástico, inseridos numa estrutura religiosa única, reclamam objetivos complementares, mas sintonizados na mesma lógica de vivência espiritual.

Os objetos que melhor usufruem desta situação particular são aqueles que, continuando a servir no culto, exigem, por uma excecional condição de património histórico ou artístico, especiais cuidados de conservação, segurança e exposição pública. O valor patrimonial retira-os do serviço quotidiano, mas a Igreja promove a sua utilização em festas solenes. A ocorrência de uma tutela comum ou, pelo menos, dentro do mesmo quadro institucional, bem como a situação de proximidade geográfica entre o templo e o museu permitem que este tipo de objetos possa interromper o seu desempenho museológico, ingressando temporariamente na liturgia. As catedrais mantiveram durante séculos a tradição de utilizar nas cerimónias mais solenes as alfaias e os paramentos preciosos guardados nos tesouros; esta prática foi revitalizada nos últimos anos, aplicando-se à globalidade dos museus eclesiásticos, sempre que as condições materiais o permitam.

Ao definir os pressupostos do museu eclesiástico, a Igreja acrescenta a função pastoral ao conjunto das funções museais, defendendo que a recontextualização dos objetos se tornará mais completa ao anexar a catequese à informação. O sentido religioso é inerente ao espaço e programa do museu eclesiástico, o qual se assume como um prolongamento do templo e uma extensão da ação pastoral aí desenvolvida. Nesse sentido, o objeto religioso tem aqui o ambiente mais propício à sua inteligibilidade, remetendo para o público a capacidade crítica que lhe permita destringir, entre os dados que o informam, o programa museológico e a confissão de fé que este veicula.

4.2. O papel do museu na relação com o território, a comunidade e o público

Ao longo da Carta, são várias as referências à articulação entre o museu eclesiástico e o território, no quadro referencial dos conceitos de “museu integrado e difundido” (PCBCI 2001, sec. 4.3). A ligação do museu integrado ao território processa-se num modelo de coordenação vertical, em que os museus locais se submetem à autoridade de um principal. Porém, este modelo pode restringir a participação ou a colaboração da comunidade na produção de conhecimento, discursos e atividades institucionais, enquanto o museu integral se estrutura como um espaço aberto ao território, num processo dialógico com a comunidade (Ippoliti et al. 2019). Porém, estes modelos têm vindo a revelar-se como híbridos, apontando para uma perspetiva integradora do território e das comunidades nos seus ambientes, mais coincidente com o espírito da Carta.

O museu difuso procura, precisamente, agregar diferentes lugares e instituições culturais com funções complementares, testemunhos da cultura material local e qualquer outro tipo de recurso relevante para a identidade do território (Minucciani 2005). A ação museológica ultrapassa o espaço físico do museu, envolvendo e interagindo com a comunidade e recriando a ligação entre as coleções e os seus

contextos culturais de origem. O território torna-se, desta forma, uma extensão do museu, numa complexa rede de interações: o museu valoriza a herança cultural do território e atua como agente de construção identitária do lugar; o território fornece a memória da cultura através das pessoas que integram a comunidade, do património histórico e cultural, nas suas componentes tangíveis e intangível, das expressões, crenças e tradições.

A valorização do objeto enquanto signo e a maior interação com a comunidade coincidem com a emergência da museologia centrada nos públicos e na experiência do visitante (Packer e Ballantyne 2016). O público dos museus deixou de ser uma massa indiferenciada, para ser entendido na sua pluralidade, composto por indivíduos ativos, intérpretes e participantes na elaboração do discurso museológico e no planeamento de ações museológicas. O cariz monológico dos primeiros museus enunciadores exclusivos do discurso é substituído por modelos dialógicos e interativos.

Ao centrar-se nos públicos, o museu tende a optar por um modelo relacional mais participativo e tendencialmente cocriativo. A cocriação, em museus, implica o envolvimento da comunidade em todas as fases do projeto, conferindo-lhe mais poder de decisão do que no modelo participativo. A comunidade é convocada a reinterpretar as práticas e os procedimentos convencionalmente atribuídos ao museu. O conhecimento é produzido através de discursos mistos e heterogéneos, eventualmente, contraditórios, integrando as narrativas e vivências da comunidade, promovida a autoridade, ainda que possa implicar a validação por parte do museu. As tensões e os conflitos inerentes ao processo não invalidam os benefícios do método para a relação entre o museu e a comunidade.

Os modelos de interação entre o museu e comunidade, sejam participativos ou cocriativos (Antón, Camarero, e Garrido 2018; Long et al. 2019; Ross 2020; Simon 2010), ainda não estão devidamente estabelecidos na teoria museológica, mas apontam para uma via de atuação já implícita na Carta. Isto não significa que todas as ações museológicas sigam estes métodos, mas sim que cabe ao museu desenvolver iniciativas que envolvam a comunidade e os seus públicos, incrementando, neles, o sentido de pertença do património e o compromisso com a sua preservação. Por seu turno, a comunidade, a partir das memórias que associa ao património, produz conteúdos que o museu compartilha, estimulando novos contributos e, desta forma, ampliando o seu campo epistemológico.

O reconhecimento da pluralidade de públicos tem impacto na comunicação e mediação cultural. O museu tende a configurar-se como um centro interpretativo, adaptando a informação a diferentes públicos, de acordo com os diferentes níveis de conhecimento, habilidades, sensibilidades e desejos. Para se adequar a essa realidade, têm sido preconizadas modalidades de comunicação segmentada, com diversos níveis e padrões de informação.

O recurso às tecnologias de informação e comunicação permitem uma variedade de estratégias de transmissão de conhecimento adequadas a diferentes perfis de público,

incluindo os virtuais. Enquanto a maioria dos museus mantém estratégias de mediação limitadas a soluções analógicas tradicionais, como legendas interpretativas, painéis e folhas de sala, complementadas com visitas guiadas que formalizam um discurso museológico direto com grupos de interesse semelhantes, a tecnologia digital permite criar, no espaço museológico, um ambiente interativo, com maior eficácia na aquisição de conhecimento e compreensão do exposto.

O conhecimento também deixa de ser recebido passivamente, implicando que o recetor se esforce na experiência de aprendizagem, sem prejuízo de seu caráter lúdico, e dando-lhe a primazia na escolha do método e dos instrumentos de pesquisa. Por outro lado, o uso de tecnologias possibilita o envio de informações adicionais para ambientes virtuais, sem alterar o espaço museológico. Sendo minimamente intrusiva, a integração de conectores entre o visitante e as informações, como códigos de barras, códigos QR ou RFID, permite o acesso a informações textuais e multimídia aprimoradas remotamente. Outras estratégias, como modelagem 3D, *web mapping*, *storytelling*, realidade aumentada e virtual, não invasivas da materialidade do espaço, personalizáveis e interativas, propõem novas formas de relação cognitiva, emocional e lúdica com a exposição. A utilização da tecnologia no processo de mediação, antes, durante ou depois da visita ao museu, é a lacuna mais relevante na Carta, plenamente justificada pelo facto de a tecnologia digital se ter implantado no museu sobretudo ao longo das últimas duas décadas. Este aspeto deve, por isso, ser aprofundado em futuras orientações para o funcionamento dos museus eclesiais.

5. Conclusões

A musealização dos espólios religiosos é considerada um procedimento adequado para garantir a sua preservação e divulgação. Em complemento à liturgia ou, no caso de objetos desafetos, sobrepondo-se a ela, o museu eclesial mantém a função pastoral desse património, interpretando-lhe o sentido e justificando o seu papel no ritual.

A Carta-Circular propunha o museu eclesial como instrumento de preservação e salvaguarda dos objetos litúrgicos e devocionais desafetos do culto, mantendo-os próximos do grupo cultural de origem e atribuindo-lhes um papel primordial de evangelização. Esta conceptualização contrariava o princípio da neutralidade. No entanto, este tem sido questionado, considerando que o discurso museológico dificilmente é neutro e apenas apresentar uma perspetiva de fatos e fenómenos, o que corrobora a proposta da Carta acerca da função evangelizadora dos museus eclesiais. Assumindo uma ideologia religiosa que visa educar, informar, dialogar e cocriar narrativas com a comunidade, impõe-se que o museu veicule uma informação objetiva, rigorosa e validada.

O museu eclesial contribui, desta forma, para que a Igreja mantenha o papel ancestral de agente cultural. A par de uma crescente consciencialização das problemáticas que envolvem o património, o clero tem vindo a assumir que, embora o

ministério sacerdotal seja de ordem espiritual e catequética, esta função não dispensa a correta preservação e interpretação dos bens materiais à sua guarda.

A análise da Carta e a sua discussão no quadro teórico dos museológicos confirmam a sua sintonia com o estado da questão e as melhores práticas à época, nomeadamente, no que se refere à recontextualização do objeto religioso no museu eclesiástico, abrangendo a sua materialidade e significados intangíveis, e o papel do museu na relação com o território, a comunidade e os públicos.

O intervalo de tempo decorrido desde a publicação da Carta não compromete a sua relevância, adequação e utilidade, acompanhando (e, por vezes, antecipando) os avanços da museologia. Assim, duas décadas depois, mais do que uma atualização, enuncia-se como vantajoso o alargamento das normas e procedimentos, aplicando-os aos espaços religiosos. Tendo em conta a crescente iliteracia religiosa dos públicos que frequentam e visitam igrejas e santuários com finalidade cultural ou turística, a musealização destes espaços, de forma discreta e não invasiva, recorrendo à comunicação digital, surge como uma estratégia adequada para o conhecimento e a interpretação do lugar.

Para dar continuidade aos postulados e objetivos da Carta-Circular, também se sugere um processo colaborativo entre instituições eclesiais e universidades para formalizar a pesquisa acadêmica neste domínio, contribuindo para um *corpus* teórico de suporte à museologia da religião.

Referências bibliográficas

- Aksoy, Suay. 2018. "[Opening speech]". Apresentado na The 21st Century Art Museum: Is Context Everything?, Museum of Contemporary Art, Sydney, Australia, novembro 15. <https://icom.museum/en/news/museums-do-not-need-to-be-neutral-they-need-to-be-independent/>.
- Antón, Carmen, Carmen Camarero, e María-José Garrido. 2018. "Exploring the experience value of museum visitors as a co-creation process". *Current Issues in Tourism* 21 (12): 1406–25. <https://doi.org/10.1080/13683500.2017.1373753>.
- Barthes, Roland. 2009. *Elements of semiology*. New York: Hill and Wang.
- Black, Graham. 2011. "Museums, memory and history". *Cultural and Social History* 8 (3): 415–27. <https://doi.org/10.2752/147800411X13026260433275>.
- Bordeaux, Marie-Christine, e Élisabeth Caillet. 2013. "La médiation culturelle: pratiques et enjeux théoriques". *Culture & Musées*, n. Hors-série: 139–63. <https://doi.org/10.4000/culturemusees.749>.
- Buggeln, Gretchen, Crispin Paine, e S. Brent Plate. 2017. *Religion in museums: global and multidisciplinary perspectives*. London: Bloomsbury.
- Chiovatto, Milene. 2020. "In defense of museum education". *ICOFOM Study Series* 48 (2): 70–84. <https://doi.org/10.4000/iss.2337>.
- Coelho, António. 1927. *Curso de liturgia romana (vol. 2, t. 1): Liturgia sacrificial: Noções gerais, rúbricas*. Braga: Rev. "Opus Dei".
- Cominelli, Francesca, e Sébastien Jacquot. 2020. "Star architecture landing in UNESCO sites: local frictions and regulations". In: *About star architecture: reflecting on*

- cities in Europe*, editado por Nadia Alaily-Mattar, Davide Ponzini, e Alain Thierstein, 247–66. Cham: Springer.
- Concílio Vaticano II. 1963. "Constituição conciliar "Sacrosanctum Concilium" sobre a sagrada liturgia". https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/va_ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html.
- Cordez, Philippe. 2005. "Les usages du trésor des grâces: L'économie idéelle et matérielle des indulgences au Moyen Âge". Em *Le trésor au Moyen Âge: Questions et perspectives de recherche*, editado por Lucas Burkart, Philippe Cordez, Pierre-Alain Mariaux, e Yann Potin, 55–88. Neuchâtel: Institut d'histoire de l'art et de muséologie.
- Dervin, Fred. 2012. "Cultural identity, representing and the other". In: *The Routledge handbook of language and intercultural communication*, editado por Jane Jackson. Abingdon, Oxon: Taylor & Francis.
- Desvallées, André, e François Mairesse. 2013. *Conceitos-chave de museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus; Pinacoteca do Estado de São Paulo; Secretaria de Estado da Cultura.
- Drake, Harold A. 2012. "The impact of Constantine on Christianity". Em *Cambridge companion to the Age of Constantine*, editado por Noel Lenski, 111–38. Cambridge, MA; New York, NY: Cambridge University Press.
- Duarte, Marco Daniel. 2021. "Para uma museologia «contemplativa»: o papel dos museus da Igreja na contemplação do ser humano". Em *Arte e Igreja em Portugal: histórias e protagonistas de diálogos recentes*, editado por Maria João Neto e João Alves Cunha, 137–53. Lisboa: Caleidoscópio.
- Dudley, Sandra, ed. 2010. *Museum materialities: objects, engagements, interpretations*. London; New York, NY: Routledge.
- Duncan, Carol. 1995. *Civilising rituals: inside public art museums*. London, New York: Routledge.
- Dunn, Rosemary, e Shirley Wyver. 2019. "Before 'us' and now': Developing a sense of historical consciousness and identity at the museum". *International Journal of Early Years Education* 27 (4): 360–73. <https://doi.org/10.1080/09669760.2019.1628009>.
- Frayse, Patrick. 2015. "La médiation numérique du patrimoine: quels savoirs au musée?" *Distances et médiations des savoirs* 3 (12). <https://doi.org/10.4000/dms.1219>.
- Fritsch, Juliette. 2021. *Museum gallery interpretation and material culture*. New York, NY: Routledge.
- Galla, Amareswar. 2016. "In search of the inclusive museum". In: *Museums, ethics and cultural heritage*, editado por Bernice L. Murphy, 304–16. London; New York, NY: Routledge.
- Golding, Viv, e Wayne Modest, eds. 2016. *Museums and communities: curators, collections, and collaboration*. London: Bloomsbury Academic.
- Guerreau-Jalabert, Anita, e Bruno Bon. 2006. "Le trésor au Moyen Âge: Étude lexicale". Em *Le trésor au Moyen Âge: Pratiques, discours, images*, editado por Lucas Burkart, Philippe Cordez, Pierre-Alain Mariaux, e Yann Potin, 11–31. Firenze: SISMELE, Ed. del Galluzzo.

- Hooper-Greenhill, Eilean. 2001. "Education, communication and interpretation: Towards a critical pedagogy in museums". In: *The educational role of the museum*, 2nd ed., 3–27. London; New York, NY: Routledge.
- ICOM. 2007. "Museum definition". <https://icom.museum/en/resources/standards-guidelines/museum-definition/>.
- . 2009. "Código Deontológico do ICOM para Museus". https://icom-portugal.org/wp-content/uploads/2015/03/CodigoICOM_PT-2009.pdf.
- . 2022. "Museum definition". <https://icom.museum/en/resources/standards-guidelines/museum-definition/>.
- Igreja Católica. 1995. *Código de direito canónico promulgado por S.S. de João Paulo II: Versão portuguesa*. 4.a rev. Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa.
- Ippoliti, Elena, Andrea Casale, Michele Calvano, e Francesca Guadagnoli. 2019. "Giving form to absence: experiences in representation, communication, and narration for the places and community of Amatrice". In: *Analysis, conservation, and restoration of tangible and intangible cultural heritage*, editado por Carlo Inglese e Alfonso Ippolito, 329–65. Hershey, PA: IGI Global.
- Jacks, Philip. 1993. *The Antiquarian and the myth of Antiquity: The origins of Rome in Renaissance thought*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Jensen, Robin M. 2017. *The Cross: History, art, and controversy*. Cambridge, MA; London: Harvard University Press.
- Klimek, Andrzej. 2014. "Museum projects of the star-architects". *Challenges of Modern Technology* 5 (4): 44–48.
- Long, Duri, Tom McKlin, Anna Weisling, William Martin, Hannah Guthrie, e Brian Magerko. 2019. "Trajectories of physical engagement and expression in a co-creative museum installation". In: *Proceedings of the 2019 on Creativity and Cognition (C&C' 19)*, 246–57. San Diego, CA: ACM DL. <https://doi.org/10.1145/3325480.3325505>.
- Lowenthal, David. 2015. *The past is a foreign country: Revisited*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Macdonald, Sharon. 2006. "Expanding museum studies: an introduction". Em *A companion to museum studies*, editado por Sharon Macdonald, 1–12. Oxford: Blackwell.
- Mairesse, François. 2003. *Le musée, temple spectaculaire: une histoire du projet muséal*. Lyon: Presses universitaires de Lyon.
- . 2014. *Le culte des musées*. Bruxelles: Académie royale de Belgique.
- , ed. 2018. *Museology and the sacred: materials for a discussion = La muséologie et le sacré: matériaux pour une discussion = La museologia y lo sagrado: materiales para una discusión: Papers from the ICOFOM 41th symposium held in Tehran (Iran), 15-19 October 2018*. Paris: ICOFOM.
- . 2019. "Museology and the sacred [Special Issue]". *ICOFOM Study Series* 47 (1–2): 1–205. <https://doi.org/10.4000/iss.1244>.
- Minucciani, Valeria. 2005. *Il museo fuori dal museo: il territorio e la comunicazione museale*. Milano: Lybra Immagine.
- Munro, Ealasaid. 2014. "Doing emotion work in museums: reconceptualising the role of community engagement practitioners". *Museum and Society* 12 (44–60): 44–60. <https://journals.le.ac.uk/ojs1/index.php/mas/article/view/246>.

- Nora, Pierre. 1996. "Preface to English language edition". Em *Realms of memory: rethinking the French past: conflicts and divisions*, editado por Pierre Nora e Lawrence D. Kritzman, traduzido por Arthur Goldhammer, 1:XV–XXIV. New York, NY: Columbia University Press.
- Packer, Jan, e Roy Ballantyne. 2016. "Conceptualising the visitor experience: a review of literature and development of a multifaceted model". *Visitor Studies* 19 (2): 128–43. <https://doi.org/10.1080/10645578.2016.1144023>.
- Paine, Crispin. 1999. *Godly things: museums, objects and religion*. London: Leicester University Press.
- . 2013. *Religious objects in museums: private lives and public duties*. London; New York, NY: Bloomsbury.
- . 2019. "Beyond museums: religion in other visitor attractions". *ICOFOM Study Series* 47 (1–2): 157–69. <https://doi.org/10.4000/iss.1753>.
- Papa João Paulo II. 1997. "Mensagem do Papa João Paulo II aos participantes na II Assembleia da Pontifícia Comissão para os Bens Culturais da Igreja". https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/pont_messages/1997/documents/hf_jp-ii_mes_19970925_beni-culturali.html.
- Papa Paulo VI. 1965. "Constituição pastoral "Gaudium et spes" sobre a Igreja atual". https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/va-at-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html.
- Pearce, Susan. 1994. "Thinking about things". In: *Interpreting objects and collections*, editado por Susan Pearce, 125–32. London: Routledge.
- Piana, Marco. 2020. "Gods in the garden: Visions of the pagan other in the Rome of Julius II". *Journal of Religion in Europe* 12 (3): 285–309. <https://doi.org/10.1163/18748929-01203003>.
- Pontifícia Comissão para os Bens Culturais da Igreja. 2001. "A função pastoral dos museus eclesiásticos". https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_commissions/pcchc/document_s/rc_com_pcchc_20010815_funzione-musei_po.html.
- Primerano, Domenica. 2020. "Creare comunità nel tempo sospeso della pandemia". *Il capitale culturale: Per una migliore normalità e una rinnovata prossimità*, n. suppl. 11: 213–29. <https://doi.org/10.13138/2039-2362/2530>.
- Rein, Anette. 2009. "One object, many stories: The museum is no 'neutral' space". *Museum Aktuel*, n. 165: 9–18.
- Rivière, Georges Henri. 1989. *La muséologie selon Georges Henri Rivière: cours de muséologie: textes et témoignages*. Paris: Dunod.
- Robinson, Helena. 2018. "Curating convergence: interpreting museum objects in integrated collecting institutions". *International Journal of Cultural Policy* 24 (4): 520–38. <https://doi.org/10.1080/10286632.2016.1218859>.
- Roque, Maria Isabel. 2011. *O sagrado no museu: musealização de objectos do culto católico em contexto português*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- . 2013. "Exposer croyances et cultes: les singularités de la muséologie de religion". Em *Religion and museums: immaterial and material heritage*, editado por Valeria Minucciani, 24–36. Turim: Umberto Allemandi.

- . 2020. "Museologia da religião: exposições temporárias do Museu do Santuário de Fátima". *Transinformação* 32: e200029. <https://doi.org/10.1590/2318-0889202032e200029>.
- Ross, David. 2020. "Towards meaningful co-creation: a study of creative heritage tourism in Alentejo, Portugal". *Current Issues in Tourism* 23 (22): 2811–24. <https://doi.org/10.1080/13683500.2020.1782355>.
- Rusnak, Marta. 2021. "Eye-tracking support for architects, conservators, and museologists: anastylosis as pretext for research and discussion". *Heritage Science* 9 (81): 1–19. <https://doi.org/10.1186/s40494-021-00548-7>.
- Savenije, Geerte M., e Pieter de Bruijn. 2017. "Historical empathy in a museum: Uniting contextualisation and emotional engagement". *International Journal of Heritage Studies* 23 (9): 832–45. <https://doi.org/10.1080/13527258.2017.1339108>.
- Sibilio, Barbara, e Antonio Maticena, eds. 2021. *I musei ecclesiastici: Proposte di valorizzazione*. Milano: Franco Angeli.
- Silverstone, Roger. 2006. "The sociology of mediation and communication". In: *The SAGE handbook of sociology*, editado por Craig Calhoun, Chris Rojek, e Bryan S Turner, 188–207. London: SAGE Publications.
- Simon, Nina. 2010. *The participatory museum*. Santa Cruz, CA: Museum 2.0.
- Taylor, Johanna K., ed. 2020. *The art museum redefined: power, opportunity, and community engagement*. Cham: Springer International Publishing.
- Thompson, Colin. 1994. "The role of the museum in interpretation: the problem of context". *International Journal of Heritage Studies* 1 (1): 40–51. <https://doi.org/10.1080/13527259408722129>.
- Tigano, Marta. 2021. "I musei ecclesiastici tra salvaguardia della memoria e funzione pastorale". *Il Diritto ecclesiastico* 132 (1–2): 49–73. <https://doi.org/10.19272/202130802005>.
- Tzortzi, Kali. 2015. *Museum space: Where architecture meets museology*. London, New York: Routledge.
- UNESCO. 2003. "Convention for the safeguarding of the intangible cultural heritage". <https://ich.unesco.org/en/convention>.
- Valeri, Claudia. 2020. "L'eredità di Winckelmann nella percezione dell'Antico e il trionfo del classicismo nel Museo Pio Clementino in Vaticano". *Studi e ricerche del Parco archeologico di Pompei*, n. 43: 73–86.
- Waterton, Emma, e Steve Watson. 2010. "Heritage and community engagement: collaboration or contestation?" *International Journal of Heritage Studies* 16 (1–2): 1–3. <https://doi.org/10.1080/13527250903441655>.
- , eds. 2013. *Heritage and community engagement: collaboration or contestation?* London: Routledge.
- Whitehead, Christopher. 2012. *Interpreting art in museums and galleries*. London: Routledge.
- Willis, Michael. 2015. "Detritus to treasure: memory, metonymy, and the museum". In: *Sacred objects in secular spaces: exhibiting Asian religions*, editado por Bruce M. Sullivan, 145–52. London: Bloomsbury.

NOTA BIOGRÁFICA:

Doutora em História, especialização em Museologia da Religião. Professora na Universidade Católica Portuguesa, membro integrado do Centro Interdisciplinar de História, Cultura e Sociedades da Universidade de Évora (CIDEHUS.UÉ) e membro da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa. É coeditora e coautora de catálogos de exposições de arte religiosa e autora de livros e artigos no âmbito da arte religiosa, da história da museologia, da comunicação no museu e do turismo cultural e religioso.

ORCID iD: 0000-0002-2258-8904

RESUMO

A Igreja Católica assume uma longa tradição na salvaguarda do seu património cultural, histórico e artístico. Os tesouros eclesiásticos medievais, cumprindo as funções de depósito, inventariação, conservação e exposição, são os antecedentes históricos dos museus eclesiásticos e constituem uma referência obrigatória na proto-história da museologia. No entanto, apenas em finais do século XVIII, com a instituição dos museus e a conexas incorporação de bens eclesiásticos, se assinala a conversão do objeto sagrado ou religioso em objeto museológico. Desde então e, em particular, após o Concílio Vaticano II, a Igreja tem demonstrado uma crescente preocupação em garantir, aos objetos retirados do culto, um destino digno de sua condição litúrgica original. Nesse sentido, a Carta-Circular Função pastoral dos museus eclesiásticos, publicada em 2001, determinava que o museu eclesiástico fosse considerado como um recurso válido e adequado à preservação desses objetos, mantendo-os na proximidade do grupo cultural de origem e dando continuidade à sua função catequética original. Assim, o museu eclesiástico diferencia-se dos restantes por ser confessional, vinculando uma perspetiva espiritual e pastoral à função cultural dos museus, o que, garantindo o rigor da informação, se torna um fator positivo na recontextualização e inteligibilidade do objeto religioso. Além disso, ao referir a interação entre o museu eclesiástico e o território, no quadro referencial dos conceitos de museu integrado e difuso, a Carta propunha uma via de atuação que coincide com o desenvolvimento da museologia atual centrada no público e na experiência do visitante. Passadas duas décadas sobre a sua publicação, propõe-se uma análise crítica da Carta no quadro teórico dos estudos museológicos, a fim de confirmar o seu caráter atualizado, se não pioneiro, no que respeita à recuperação da função e do sentido original do objeto no discurso museológico, à ligação ao território e à cultura do lugar numa perspetiva global e diacrónica, e à interação com o público plural e heterogéneo.

PALAVAS-CHAVE:

estudos de museu; Igreja Católica; museologia da religião; museus eclesiásticos; património religioso

ABSTRACT

The Catholic Church has a long tradition of safeguarding its cultural, historical and artistic heritage. Medieval ecclesiastical treasures, fulfilling the functions of deposit, inventory, conservation and exhibition, are the historical antecedents of ecclesiastical museums and

constitute an obligatory reference in the proto-history of museology. At the end of the 18th century, the institution of museums and the related incorporation of ecclesiastical goods marked the conversion of the sacred or religious object into a museological object. Since then and, in particular, after the Second Vatican Council, the Church has shown a growing concern to guarantee a destination worthy of the original liturgical status for objects removed from worship. In this sense, the circular letter "The pastoral function of ecclesiastical museums", published in 2001, determined that the ecclesiastical museum should be considered a valid and adequate resource for preserving these objects, keeping them close to the cultural group of origin and giving continuity to their original catechetical function. Thus, the ecclesiastical museum differs from the others for being confessional, linking a spiritual and pastoral perspective to the museum's cultural function. If the information accuracy is assured, this particularity becomes a positive factor in the recontextualisation and intelligibility of the religious object. The Charter proposes an interaction between the ecclesiastical museum and the territory within the integrated and diffuse museum context, which coincides with the development of current museology centred on the public and the visitor's experience. Two decades after its publication, a critical analysis of the Letter is proposed within the theoretical framework of museological studies. Considering the recovery object's original meaning in the museum discourse, the connection to the territory, and the interaction with the plural and heterogeneous audience, the updated and, in some way, pioneer character of the Letter is underlined. So, it is aimed to evaluate how the Letter remains actualised and adapted to contemporaneity, and the challenges and transformations museums face now.

KEYWORDS:

Catholic Church; ecclesiastical museums; museology of religion; museum studies; religious heritage

NOTAS SOBRE A GRAVAÇÃO TÉCNICA DO SOM

Rogério Santos¹
Universidade Católica Portuguesa

A gravação da voz e da música em disco e a radiodifusão foram quase simultâneos – do final do século XIX às primeiras décadas do seguinte. Após o registo musical em cilindro e disco de gramofone, tecnologias mecânicas, a gravação elétrica em 1925 permitiu um passo à frente, a que se seguiu o disco em acetato, introduzido em 1934, impresso a baixo preço. No outono de 1948, as grandes empresas americanas lançaram formatos distintos: 33 rpm ou LP pela Columbia; 45 rpm ou *single*, pela RCA-Victor. Nesta concorrência “das velocidades”, os dois formatos de discos tiveram sucesso. As gravações musicais eram feitas em programas de auditório, estúdios das estações de rádio e estúdios privados criados para gravar discos. Surgiriam profissões ligadas à gravação, responsáveis pelo registo e montagem de programas e pela gravação de vozes e ambientes sonoros.

Se a rádio conheceu uma grande expansão, falando-se de época de ouro nas décadas de 1930 a 1950, a indústria fonográfica também cresceu e desenvolveu um duplo objetivo: promoção de cantores e músicos na rádio, venda de discos ao público interessado. Já em 1962, as editoras europeias retiravam dos seus catálogos as referências a discos de 78 rpm.

Na história do registo discográfico em Portugal, detetam-se vários períodos, o primeiro com a gravação de músicas locais realizadas por técnicos estrangeiros, que percorriam o país com os seus equipamentos. Depois, representantes locais de companhias de gramofones e discos instalaram-se, com vista a uma maior produção de registos de música local, ainda com recurso a técnicos estrangeiros. No final da década de 1950, a gravação de música urbana popular passou a contar com técnicos e estúdios nacionais, como Valentim de Carvalho e Fábrica Portuguesa de Discos Rádio Triunfo. Esta última estabeleceu um acordo com a Emissora Nacional para produção de discos de interesse

¹ Texto a partir do meu livro *Estudos da Rádio em Portugal*, Universidade Católica Editora, 2017.

exclusivo da estação pública. O acordo era reflexo da fileira de artistas fonográficos depois conhecida por nacional-cançonetismo, com a produção do Centro de Preparação de Artistas da Rádio (Emissora Nacional).

Ao disco de vinil, juntou-se a gravação magnética. Durante a II Guerra Mundial, acompanhando a ocupação dos países europeus pela Alemanha, os seus militares levaram magnetofones (gravadores de fita magnética) para difundir programas radiofónicos. Dada a proximidade política ao regime alemão, a estação pública portuguesa recebeu alguns magnetofones. A Suécia comprou o primeiro magnetofone aos nazis no final da década de 1930. Nos Estados Unidos, a tecnologia recorria a fita de aço, mas atualizou-se no final do conflito, com a apropriação das patentes industriais alemãs. A gravação e montagem exigiram outro tipo de profissional, o sonoplasta. Face ao disco, o registo magnético possui uma vantagem fundamental (regravar e fazer cortes no registo) e uma perda considerável (o gravado no magnetofone é mais volátil que no disco, devido à facilidade de regravar por cima).

A gravação em fita magnética permitiu, lentamente, acrescentar pistas de gravação e introduzir novos sons e repetir peças musicais ou parcelas de peças, sem necessidade de voltar ao começo da gravação. Se músicos, bandas e orquestras ensaiavam as canções até as considerarem prontas a gravar no estúdio, depois, na década de 1960, os músicos podiam chegar ao estúdio sem qualquer ensaio. Num registo, gravavam-se primeiro os instrumentos musicais, a que se seguiam as vozes em fitas diferentes. O registo multipista e o trabalho posterior de mistura levaram os músicos a criar efeitos nas canções, caso de distorções de som, que as tornaram quase impossível de tocar fielmente ao vivo, na rádio e em concertos. *Pet Sounds*, dos Beach Boys (1966), com a música *Good Vibrations*, e *Sgt Pepper's Lonely Hearts Band*, dos Beatles (1966-1967), seriam discos de grande sofisticação na gravação em estúdio. Ao registo raro, pelo seu preço nas décadas de 1940 e 1950, onde um grupo reduzido de artistas gravava após longo processo de seleção, sucediam-se múltiplos estúdios abertos ao experimentalismo de jovens bandas sem formação e experiência musical a partir da década de 1960.

Neste período, desenvolveu-se a designada idade de ouro da música pop, em que emergiu um *som britânico* distinto. A sonoridade dos discos dos estúdios situados na

Grande Londres soava diferentemente, por exemplo, dos estúdios americanos. Para isso, enunciam-se explicações culturais e técnicas. Os sons de jazz e dos *blues* – este vindo dos campos de algodão do sul dos Estados Unidos, que evoluiu para o *rock'n'roll* dos anos de 1950 – são americanos. O *punk* saiu mais ácido no Reino Unido que do outro lado do Atlântico. No pós-II Guerra Mundial, se empresas como Ampex e RCA desenvolveram tecnologias de gravação e equiparam os estúdios americanos, no Reino Unido, as dificuldades financeiras impediram a importação de equipamento americano e obrigaram os estúdios ingleses a construir mesas de mistura. A mesa de mistura de um estúdio inglês possuía, assim, um som próprio. Depois, na década de 1960, veio a prática de gravar em oito e dezasseis pistas.

Os cantores, quando entravam no estúdio, ficavam a certa distância do microfone. Cantar em público, antes do aparecimento do microfone amplificador, exigia vozes capazes de alcançar um largo auditório – na ópera e no teatro musical. O microfone transformou o espaço social da música. Ainda na década de 1930, o cantor descobriu que, ao estar perto do microfone, podia baixar a voz e cantar com a sua voz natural, em vez da sonoridade operática artificial que a projetava. Agora, cantava intimamente, relação proxémica que resultou em maior simpatia e sensualidade. Equalizadores e compressores enquanto tecnologias possibilitariam maior controlo do cantado e registado. Pela primeira vez na relação entre rádio e música gravada, o controlo da cadeia de valor pendeu para a música. Embora a promoção do disco na rádio se mantivesse fundamental, a liderança do negócio passou para a indústria discográfica. O conceito de cadeia de valor, proveniente da economia, significa a desagregação de atividades que contribuem para o produto final, incluindo conceção e desenvolvimento, estratégias editoriais, identidade de marca e promoção, com cada atividade a produzir valor e lucro.

O maior consumo de discos por aquisição individual acabou com o quase monopólio da audição da rádio. Na passagem da década de 1960 para a seguinte, a popularização de pequenos gravadores de som domésticos permitiu à primeira geração de piratas gravar a partir de discos (e de programas de rádio). O posterior desaparecimento de programas de autor, realizador-locutor que seleciona a música para o seu programa, por troca com programas de música mais vendida, significou o controlo definitivo da indústria

discográfica nas atividades musicais, definindo doravante os gostos coletivos, e mantido até à revolução provocada pela internet.

NOTA BIOGRÁFICA

Rogério Santos, licenciado em História e mestre e doutor em Ciências da Comunicação, foi responsável de comunicação nas empresas Telefones de Lisboa e Porto e Portugal Telecom (1983-2001) e docente na Universidade Católica Portuguesa (2002-2016). Aqui, foi professor associado e coordenador da área científica de Ciências da Comunicação. Lecionou nomeadamente Teorias da Comunicação, Públicos e Audiências, Sociologia dos Media e História dos Media. No presente, é investigador do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, da mesma universidade. Tem escrito sobre jornalismo, media e história das telecomunicações e da rádio. Últimos livros mais destacados: “Queria Dedicar Este Disco à Minha Namorada”. Cultura, Política e Programação Radiofónica (Lisboa: Colibri. 2022) e A Rádio Colonial em Angola. Festas e Rifas para Comprar o Emissor (Lisboa: Universidade Católica Editora. 2020).

RESUMO

O registo sonoro, nomeadamente música e voz, iniciou-se no final do século XIX. Primeiro, foram registos puramente mecânicos (há registos mecânicos mais antigos, como em brinquedos, mas sem capacidade de gravar sons da natureza, da voz humana e da música em concerto). A eletrificação das máquinas de gravação simplificou o registo sonoro. Uma florescente indústria discográfica alargou-se a todo o mundo, após o seu arranque nos Estados Unidos. De acordo com o gosto musical da época, os primeiros discos contemplavam a música clássica, mas, já na década de 1930, surgiam discos de música ligeira. A rádio, com emissoras potentes em todos os continentes, além da informação, tinha a programação baseada na música, estimulando a indústria fonográfica e impondo gostos musicais. Em meados da década de 1940, apareceu o magnetofone, um gravador de fita magnética, de origem alemã, mais fiável que o gravador de fita de aço americano. Após a II Guerra Mundial, a rádio e os gira-discos tornaram os lares burgueses em verdadeiras pistas de dança, com músicas alegres. As tecnologias de registo sonoro evoluíram tanto que se adicionaram pistas de gravação e se manipularam sons que os registos iniciais não comportavam. Seriam os casos dos discos Pet Sounds, dos Beach Boys (1966), com a música Good Vibrations, e Sgt Pepper’s Lonely Hearts Band, dos Beatles

(1966-1967), cuja reprodução num concerto ao vivo se tornou impossível. A indústria fonográfica ganhava à rádio, até aí a grande produtora dos gostos estéticos.

PALAVRAS-CHAVE:

Música, Rádio, Registo Sonoro

ABSTRACT

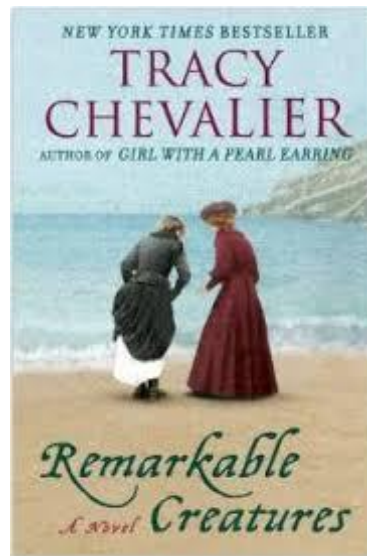
Sound recording, namely music and voice, began at the end of the 19th century. First, they were purely mechanical recordings (there are older mechanical recordings, as in toys, but without the ability to record sounds of nature, the human voice and music in concert). The electrification of recording machines has simplified sound recording. A thriving recording industry spread across the world after its start in the United States. According to the musical taste of the time, the first records contemplated classical music, but in the 1930s, light music records appeared. Radio, with powerful stations on all continents, in addition to information, had music-based programming, stimulating the phonographic industry, and imposing musical tastes. In the mid-1940s, the magnetophon appeared, a magnetic tape recorder, of German origin, more reliable than the American steel tape recorder. After World War II, radio and record players turned bourgeois homes into real dance floors, with happy music played. Sound recording technologies have evolved so much that recording tracks have been added and sounds have been manipulated that the initial recordings did not support. Such would be the cases of the Beach Boys' *Pet Sounds* (1966), with the song *Good Vibrations*, and *Sgt Pepper's Lonely Hearts Band*, by the Beatles (1966-1967), whose reproduction in a live concert became impossible. The phonographic industry won over radio, until then the great producer of aesthetic tastes.

KEYWORDS:

Music, Radio, Sound Recording

REMARKABLE CREATURES: FICTIONALISING THE ROLE OF WOMEN IN THE ADVANCEMENT OF EARLY-NINETEENTH-CENTURY SCIENCE

Gabriela Gândara Terenas
Universidade Nova de Lisboa



“If it can’t happen in fiction, surely it won’t happen in life”
(Chevalier 210)

Foreword

Contrary to what one might think, my encounter with these “remarkable creatures” was due neither to the success of the novel (“a *Sunday Times*’ bestseller”), nor to the visibility of its author (Tracy Chevalier) and much less to the recent film version (*Ammonite*, starring Kate Winslet and Saoirse Ronan),¹ but rather to my interest

¹ Although the action of the film begins after the end of the plot of Tracy Chevalier’s novel and the portrayal of Lyme and especially that of Mary Anning are excellent, the romantic relationship between Mary (already a mature woman) and a young woman who has been sent by her husband to Lyme for the sea air, due to her symptoms of melancholy, is highly improbable, and the fruit of a desire to introduce a homosexual relationship into the film between two characters portrayed by well-known actresses. It should be noted that this is not the first film about Mary Anning. A short film by Natasha Maddox entitled *Mary Anning*,

in a particular kind of literary form, the historical novel. In one of the case studies included in *Narrative Strategies in the Reconstruction of History* (2018), I found an analysis of gender reconstruction in the historical novel *Remarkable Creatures*, which focussed upon the fact that the characters in the story, Mary Anning (1799-1847) and Elizabeth Philpot (1780-1857) had merely served as an excuse for the author to make their fictional lives much more interesting than they actually were, conferring upon them an importance that they never had, nor indeed could have aspired to in English society during the first decades of the nineteenth century. Thus, in this article, from the point of view of the fictionalisation of Science in Literature, I would like to discuss how the practice of palaeontology and geological studies is represented in British historical fiction of our own times, through two female characters, who were contemporaries of Jane Austen. After a few considerations of a general nature regarding the construction of the contemporary historical novel and some observations concerning the true state of paleontological and geological studies in the first decades of the nineteenth century I will move on to deal with the way the choice of these two areas of Earth Science fulfilled the author's objectives.

1. Historical Fiction Today

As well as providing entertainment, the principal aim of the nineteenth-century historical novel, according to Sir Walter Scott's model, was to instruct the reader about the principal events and the leading figures of History, whilst respecting certain clearly defined rules, a concept which, nowadays, no longer applies. For a start, today's historical novelists tend to give voice to those who, for one reason or another, were silenced by History, such as women unknown to the general public, like those in the novel I am dealing with now, endeavouring, in this way, to promote a critical reflection on pressing issues such as the status of women, through the fictionalisation of History.

produced for Channel 4 in 2017, does greater justice to a figure who is considered today as the "Mother of Palaeontology".

The notion of History, itself, is being redefined by contemporary novelists and critics such as A.S. Byatt, who considers that historiography does not restrict itself to what allegedly took place or what historians tell us but is rather a “moving tapestry”, an expanding, complex narrative or a set of narrative strategies, to which the authors of historical novels confer more importance than to the story itself.² How, then, should “historical fiction” or the historical novel be defined today?

Gillian Polack, in *History and Fiction* (2016), proposes four key factors which should be observed by a writer of historical fiction: research, interpretation, responsibility and transparency, all of which can be found in Tracy Chevalier’s novel. In effect, the narrative provides evidence of the author’s thorough historical research into both the status of women and the study of Earth Sciences in early nineteenth-century England, based on the work of a number of different experts, as Chevalier recognises in her “Postscript” (346-350).³ Given the author’s aims, her interpretation of the gathered data and the description of the characters is carried out within the limits of credibility, revealing, in this fictional recreation, both responsibility and transparency, particularly in the listing of consulted sources at the end of the book.

This new historical fiction or neo-fiction is clearly distinct from the post-modern novel, as it relies upon the narrative, verisimilitude and a new approach to realism, not the realism of the eighteenth century, but rather a strategy of confronting the real which embraces fresh possibilities, namely the introduction of post-modern aesthetic features, which in *Remarkable Creatures* is manifested by a two-voiced discourse. The narrative develops through the voice of Mary Anning, displaying all the signs of a working-class woman, and that of Elizabeth Philpot, the other main character.

On the other hand, Tracy Chevalier tends to perceive the process of (re)construction of the past in a recuperative rather than revisionist way, at the same time as proposing new ways of looking at the women of yesteryear and revealing an inclination to focus

² Cf. Terenas 2019.

⁴ Outstanding amongst these is a brief biographical sketch of May Anning, by Hugh Torrens, as well as several studies in the fields of Geology and Palaeontology, especially those concerning the discovery of the first dinosaurs.

on situations in which her female characters are confronted by unfamiliar experiences, which find a parallel in our own day.

Whilst adopting a recuperative and feminist viewpoint, mainly through her focus on the previously untold stories of women who are little-known today, Chevalier establishes an intrinsic dialogue with Science, more specifically with Palaeontology and Geology, so that it would be opportune, at this juncture, to recall the “state of the art” in these two disciplinary areas at the beginning of the nineteenth century, which leads me to the second part of this article.

2. Geology and Palaeontology in the Early Decades of the Nineteenth Century

The action of the novel takes place, essentially, between 1804 and 1825, a period in which the study of the Earth, its origins, nature and transformation were fashionable in scientific circles, not just in England but all over Europe, as was the study of fossils, to provide evidence of the geological past of the planet. It was a time in which gigantic skeletons began to be discovered which had no relation to creatures previously seen or described, and though revealing certain similarities to fish or reptiles, they were of a size which greatly exceeded anything known to Man. They were given the name Saurians and were thought to be similar to the creatures shown in the following illustration:



Fig.1 – Jurassic Marine Animals

This was also the time in which the works of the following authors were beginning to have a great impact on the Earth Sciences: Jean-Baptiste de Lamarck (1744-1829) – *Philosophie zoologique* (1809) –; Georges Cuvier (1769-1832) – *Le règne animal distribué d’après son organisation* (1816-1829) –; William Buckland (1784-1856) – *Reliquiae Diluvianae* (1823); – William Whewell (1794-1866) – *Astronomy and General Physics Considered with Reference to Natural Theology* (1833); Louis-Constant Prévost (1787-1856) – *Traité de géographie physique* (1836); – and Charles Lyell (1797-1875) – *Principles of Geology* (1830-1833), amongst many others.⁴

It was at about this time that the age of the Earth was beginning to be questioned, or rather the estimate of around six thousand years made by Bishop James Ussher (1581-1656) – a figure who is mentioned on numerous occasions in the book (110, 122-123, 214 e 294) –, as well as the literal interpretation of the biblical chapter “Genesis”, in particular the time attributed to the creation of the World – seven days – which began to appear manifestly insufficient in view of the existence in the distant past of now-extinct species. Elizabeth Philpot, a student of the work of Georges Cuvier,⁵ found it difficult to find an explanation for herself and for others:

(...) the fossils I was finding were so puzzling and filled me with questions I wanted to air. Ammonites, for instance, the most visible and striking of the fossils found at Lyme: what exactly were they? (...) It was very peculiar that I could find so many fossils of them on the beach, and yet not see them alive. This did not seem to bother others, however. (...) “How can you be so fond of mere stones?” a new friend [of] Margaret (...) once asked. “They’re not just stones,” I tried to explain. “They are bodies that have become stone, of creatures that lived long ago. When one finds them, that is the first time they have been seen for thousands of years.” “How horrible!” she cried, and turned to listen to Margaret play (42).

⁵ Cf. Furtado 2012. A celebrated French naturalist and zoologist of the first half of the nineteenth century, Georges Cuvier has sometimes been termed the “Father of Palaeontology”. A prominent figure in his day in Natural History research, Cuvier compared fossils with living animals and established comparative anatomy as a method of acquiring further knowledge of living beings. Miss Philpot’s “bible” may well have been *Tableau élémentaire de l’histoire naturelle des animaux* (1797-1798), *Leçons d’anatomie comparée* (1800-1805) or *Le Règne animal* (1817).

3. Fictionalisations of a Fossil Collector and a Fossil Hunter

During the nineteenth century it was perfectly acceptable and indeed desirable for a spinster to collect plants, insects, or shells. As Hippolyte Taine (1828-1893) remarked in his account of his journey to England, published under the title *Notes sur l'Angleterre* (1872), unlike futile French women, English women and particularly those who were unmarried had a strong inclination towards “things of nature” and devoted themselves to learning “natural history, botany, mineralogy and geology”. According to Taine, they often travelled to the countryside or the seashore in search of minerals and plants to add to their own collections (1883, 45). However, the French philosopher makes no reference to collections of fossils nor to the fact that some women discovered them and removed them from the rocks.

In fact, whereas plants, shells or butterflies might have been appropriate specimens for a lady's taste, there was nothing in a fossil which ought to attract her interest, all the more so as the strength of a man was required to remove them from their rocky resting places. The two women in History and fiction were, therefore, exceptions to the rule and perhaps for this reason their work was underestimated by the scientists of their time. Be that as it may, it was for precisely this reason that Tracy Chevalier made them the leading characters of her novel.

The three unmarried sisters, Elizabeth, Margaret and Louise Philpot, not being known for their looks, were sent to live at Lyme Regis after the death of their parents and upon the marriage of their elder brother, John, heir to the fine town house in London where they had always lived. I quote the words of Elizabeth on the unhappy event: “In bed that night I wept, as I suspected my sisters did as well, for our London lives as we know them were over. Once our brother married there would be neither the place nor the money for us all to live at Red Lion Square.” (15).

Elizabeth Philpot collected the fossils of fish, a hobby which was incomprehensible even to her sisters, especially Margaret, who continued to keep her hopes alive of finding a husband. To Elizabeth, as an unmarried woman, fossil-collecting gave a sense of purpose to her life, as she, herself, recognises: “I grew certain that fossils were to be my passion.

For I had to find passion: I was twenty-five years old, unlikely ever to marry, and in need of a hobby to fill my days. It is too tedious to be a lady sometimes.” (26)

In Lyme, a seaside resort situated on the south-east coast of England (Fig. 2), the three spinsters set up house at Morley Cottage, “a lady’s home, the size of a lady’s character and expectations”. (24). It was then that Elizabeth met the diminutive and somewhat peculiar Mary Anning, of only eleven years of age, who contributed to the meagre income of her family by collecting small fossils on the rocks along the seashore (“curies” as she called them), later to be cleaned and carefully prepared to be put on sale on a stall pitched in front of her house.



Fig.2 – Lyme Regis

Elizabeth began to accompany her on her fossil hunts, exchanging her bookish knowledge for Mary’s empirical know-how, in a relationship which brought mutual benefit:

Soon Mary had found her way into our lives, cleaning fossils for me, (...) [and] accompanied me to the beach when I went out hunting for fossils (...). I was more at ease when she was with me, for I worried about the tide cutting me off. Mary had no fear of that, for she had a natural feel for the tides that I never really learned. (...) While I consulted tide tables in our almanac before going out on the beach, Mary always knew what the tide was doing. (...) she taught me many things: how the sea sorts stones of similar sizes into bands along the shore, and which band you might find what fossils in; how to spot vertical cracks in the cliff face the warn of a possible landslip; [and] where to access the cliff walks we could use if the tide cut us off. (38).

When Mary discovers the first fossil of a hitherto-unknown animal, Elizabeth recognises the importance of the find taking into account its size and the outline of the skeleton, the head and the jaws, and offers to pay for some men to take on the heavy job of

removing the specimen from the rock and carrying it home to be cleaned and prepared by Mary (Fig.3). Note Elizabeth's reaction when she sees the enormous fossil on Mary's working table:



Fig.3 – Mary Anning's Ichthyosaurus (discovered in 1810-11)

I looked for a long time in silence, circling the table to inspect the skull from every angle. It was still entrapped in stone, and would need much attention from Mary's blades, needles and brushes – and a good bit of hammering too. (...) "I've brought you Cuvier as a guide, though I am not sure how much it will help." I opened the book to the page with the drawing of a crocodile. I had studied it earlier, but now, standing next to the skull with the picture in hand, it was clear to me that this could be no crocodile – or not a species we were aware of. (97-98).

And then when she sees the second one:

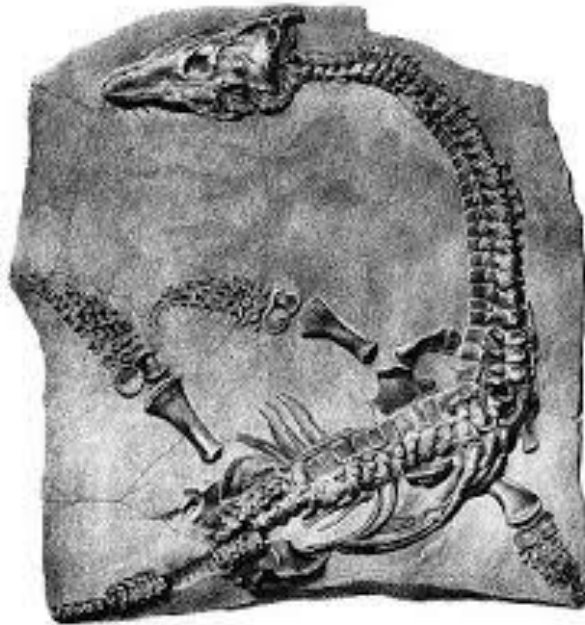


Fig.4 – Mary Anning’s Plesiosaurus (discovered in 1823)

(...) the creature (...) was an impressive, eighteen-foot monster unlike anything we had ever heard of. (...) It was not just the huge eyes, the long smooth snout and even teeth. It also had paddles rather than legs, and its torso was an elongated barrel woven of ribs along a strong spine. It ended in a long tail, with a kink partway along vertebrae. It made me think a bit of a dolphin, of a turtle, or a lizard, and yet none of these was quite right. (...) it was the body of a creature that no longer existed in the world. (114).

In fact, the first specimen was of an ichthyosaurus, a species of marine reptile of the Jurassic era, unknown until then, which would be bought and exhibited in the Natural History section of the British Museum, with the name of its purchaser attached to it. Up to this point, as improbable as it might seem, Fiction goes hand in hand with the History of Science in England. But Tracy Chevalier wanted to give her characters greater importance in their own day, as recognition of their contribution to the advancement of Science only came much later.

What then were the strategies employed by the author to magnify the role played by these two women in the England of the first decades of the nineteenth century? The answer lies in the way they are portrayed, as well as the secondary characters.

Let us begin with the way Elizabeth Philpot is portrayed (Fig.5). From the start Elizabeth cultivates a close relationship with some of the better-known geologists of the day, particularly William Buckland,⁶ Henry de la Beche⁷ and even Charles Lyell.⁸ Although her collection was known to the first two and she corresponded with both, the degree of proximity she is given in the novel to these leading figures in the History of Science cannot totally correspond to reality. It is worth recalling that women were not permitted to frequent the circles in which such men freely moved: gentleman's clubs, private auctions, the Universities of Oxford and Cambridge and, of course, the Geological Society.

⁶The work of the Anglican clergyman William Buckland, Professor of Theology at Oxford and a well-known scientific writer, is one of the best examples of the continuing predominance of Natural Theology and it would still be studied at Universities until the final years of the century. Buckland argued that these unknown species had lived before the Biblical flood and had disappeared as a result of it, Man having been created some time afterwards. In this way Buckland encouraged the study of Geology in the academic world, whilst making it acceptable to the Church of England to which he belonged.

⁷The British geologist and palaeontologist Sir Henry Thomas De la Beche (1796-1855), was the first director of the Geological Survey of Great Britain, a pioneering institution in survey methods, and also the first Chairman of the Palaeontological Society. During his childhood De la Beche lived with his mother for a time in Lyme Regis, where he became friends with Mary Anning and began to take an interest in palaeontology. He later followed a military career, returning to London, at the end of the Napoleonic Wars, to become a keen fossil-hunter, illustrator and member of the Geological Society. De La Beche collaborated with William Conybeare (1787-1857) in an important article on the anatomy of the ichthyosaur and the plesiosaur found by Mary Anning. Outstanding amongst the principal studies he published during the period under study were *Geological Notes* (1830), *Sections and Views of Geological Phenomena* (1830) and *Geological Manual* (1831).

⁸Charles Lyell, a student of Buckland's, postulated a new theory, uniformatism, which was counter to his teacher's ideas. One of the great popularisers of Geology in Britain, Lyell published a three-volume treatise entitled *Principles of Geology* in which he argued that the alterations to the Earth's crust were not the work of colossal catastrophes but rather to causes which continued to operate in an identical fashion in the nineteenth century, such as water and wind erosion, earthquakes or volcanic activity. Such processes operated in a uniform way, not continuously but in long-lasting cycles. As far as living beings were concerned and the transformations that they underwent Lyell rejected the theories of Lamarck and evolutionism. In his view the first species had been created immutable and susceptible only to small variations, some of them having become extinct, and others appeared to replace them.



Fig.5 – Elizabeth Philpot (1780-1857)

However, Elizabeth manages to intimidate a collector, with whom Mary Anning has become enamoured and to whom she gives all her finds, obliging him to recognise in public that Mary was responsible for the discovery of all the fossils (including a second ichthyosaurus) which he had acquired. Note the way Elizabeth confronts him publicly accusing him of fraud in one of the wings of the British Museum, something which was highly improbable in early nineteenth-century English Society:

“You may think you found all of those (...) fragments (...), but it was Mary who directed you to them. (...) You are no hunter. You are a gatherer, a collector. There is a difference. You didn’t find the ichthyosaurus. Mary did, and dropped her hammer by it so that you would pick it up (...). I saw you. It is her ichthyosaurus, and you have taken it from her. I am ashamed of you. (...) Did you pay her for any of the specimens? (...) you must understand that you have robbed (...) Mary and her reputation.

Colonel Birch frowned. “What would you have me to do, Miss Philpot?”

“Give her back what she found – at least the ichthyosaurus. (...) (218-221).

Birch does not return the specimen, which is sold at auction to Cuvier, but as Elizabeth succeeds in entering a private salon, frequented only by men, (equally improbable in the real world), in which Mary’s fossils are being sold at high prices, Birch not only feels obliged to return the money to the Annings, but also to recognise that the discoveries had been made by Mary:

Colonel Birch kept his eyes on my face, as if to calm me [and said]:

“What I did not tell you before (...) is that it was (...) Mary Anning who discovered (...) the specimens that make up my collection, including the fine ichthyosaurus just sold. She is (...) the most remarkable young woman I have had the privilege to meet in the fossil world. (...)” (235-236).

When William Buckland recognises that another fossil discovered by Mary belongs to a new species, which he names the plesiosaur, Elizabeth realises that Mary would, once again, be excluded from the meetings at which the experts would discuss and write about the creature. Elizabeth then decides to travel alone to London, with the aim of finding a way into these restricted chambers, to assure that, in fairness, when the plesiosaur is presented to the Geological Society, the name of her friend is at least mentioned.

Her elder brother tries to dissuade her, reminding her sensibly that “they would not let her in, for she was a lady, and their charter does not allow it.” “Even if they let you in [he said to Elizabeth] they would not listen to you. (...) They will not discuss Mary. She is only the hunter”. (290-291) But Elizabeth does not give up and accompanied by her eldest nephew, she succeeds in convincing the doorman of the Geological Society to summon William Buckland, who, though unable to allow her to enter the room of scientists to whom the plesiosaur was to be presented for the first time, decides to hide her in a kind of closet where Elizabeth can witness the proceedings without being seen.

The exaggeration of Elizabeth’s courage, together with the closeness of her relationship with Buckland, allows the fictional character to confirm that the members of the Geological Society acknowledge that the discovery was of a previously-unknown creature and that the person responsible for this extraordinary find was Mary Anning of Lyme. Elizabeth clearly hears the speaker’s words of gratitude and recognition: “I should just like to express my thanks to Miss Anning, (...) who discovered and extracted this magnificent specimen. (...) You will be amazed and delighted by this ground-breaking discovery”. (308)

I would now like to look more closely at the portrayal of Mary Anning. In figure 4 we can see a painting made a few years after her death at the side of a photo of Kate Winslet playing the role of Mary in the movie *Ammonite*:



Fig.4 – Mary Anning (c. 1850)/Kate Winslet (2020)

Mary, who had begun to take an interest in fossils from an early age on her walks along the seashore, is described in the novel in the following way: “Mary Anning leads with her eyes. That was clear even (...) when she was a girl (...), and she has a fossil hunter’s tendency always to be looking for something (...)”. (13)

Mary Anning’s gender, social class and religion (Congregationalist and dissenter) were unsurmountable obstacles to her membership of the British Scientific community which was dominated by erudite, upper-class male Anglicans. However, Mary receives correspondence from the greatest geologists of her day, including Buckland, De La Beche and König,⁹ who are anxious to meet her, consult her or purchase fossils:

She [Mary] (...) received letters, from William Buckland asking after a specimen, or Henry De La Beche (...) who wanted something from [her] (...). Anning was

¹⁰The German naturalist Charles Dietrich Eberhard König (1774-1851) moved to England around the year 1800 to organise Queen Charlotte’s collections. He was later invited to work at the British Museum and in 1813 or thereabouts, he was appointed to be the head of the geology and mineralogy sections, having devoted special attention to the mineral and fossil collections. He remained in the post until his sudden death in 1851.

even corresponding with Charles Konig at the British Museum, who had bought Mary's first ichthyosaurus (...) and was interested in buying others. All of these letters continued to arrive (...) (201).

In the novel, Mary Anning even receives a reply to a letter accompanied by a drawing of her latest discovery, the plesiosaur, from Paris, from the famous French geologist Georges Cuvier. Although Cuvier doubted the authenticity of the fossil, suggesting that Mary had joined together parts of different animals, Mary was totally convinced that it was a new species, hitherto unknown, even to the great expert Cuvier (280-281).

Mary was also visited and consulted by some of the great names of Science of the time including Buckland, Lyell and even the French expert Constant Prévost.¹⁰ Buckland travels to Lyme to talk to her about her discoveries and asks to accompany her on her walks along the seashore and across the rocks at Lyme Bay. The close friendship, and above all, the measure of intimacy between the already famous Oxford geologist, member of the Geological Society, and the working-class girl, places Mary on a level of social parity which would have been virtually impossible at the time:

Mr Buckland got down from his horse and stumbled across the pebbles. "I heard you found a monster, and I've come all the way from Oxford to see it," he declared, his eyes already scanning the landslip. "I cancelled my lectures just to come early". (...) He [Mr Buckland] entertained me with stories of his travels to the Continent (...), and with his antics at Oxford. He begun talking to me about things we'd found over the years that didn't seem to belong to the ichie: verteberries wider and chunkier, paddle bones flatter than they should be. One day he showed me a verteberry with a piece of rib that was attached lower than on an ichie's verteberry. "Do you know, Mary, I think there may be another creature out there," he said. "(...) Wouldn't that be something, to find another of God's creatures?" For a moment my mind went clear, and I almost said "Yes, I think so too. I been wondering about a new monster for years." (147, 240).

Accompanied by Constant Prévost, Charles Lyell also pays Mary a visit, and expresses great interest in her work, asking to examine the specimens she has collected. In the

¹¹ The French geologist Louis-Constant Prévost (1787-1856) collaborated closely with Charles Lyell, whose theory he subscribed to, was one of the founders of the Société Géologique de France (1830) and Professor of Geology at the Sorbonne. Amongst his best-known works is *De la Chronologie des terrains et du synchronisme des formations* (1845).

fictional account of this meeting, Mary is completely at ease in her conversations with the eminent geologists who accompany her, listen carefully to her explanations and learn from them:

The next two days I was busy with Mr Lyell and Monsieur Prévost, taking them upon beach to show them where the beasts had come from and teach them how to find other curios. Neither had the eye (...). [I]n front of them I found yet another itchie (...). With my hammer I chipped off slices of rock to expose the eye, the vertebrae and ribs. I confess it were a pleasure to wield my hammer and bring the creature into sight before their eyes. "Miss Anning, you are truly a conjurer!" Mr Lyell exclaimed. Monsieur Prévost too was impressed (...). The men wanted to see more (...) (334).

Both Buckland and Elizabeth (who belongs to a much loftier social class than the Annings) unequivocally recognise Mary's huge contribution to the advancement of Science, especially as far as the extinction of the species was concerned, long before Darwin's far-reaching conclusions, as Elizabeth clearly affirms:

(...) she [Mary] was contributing to a new way of thinking about the world. (...) [She discovered] a creature that had never been seen before, that did not exist any longer, but was extinct (...). Such a phenomenon made people think that perhaps the world is changing, however slowly, rather than being a constant, as had previously thought. (293).

A third narrative device consists of the construction of several male secondary characters such as Lord Henley¹¹ or Colonel Birch,¹² who also collect fossils, not because they have a genuine interest in them but due to the fact it enhances their cultural status, makes them appear worldly and intelligent and is a profitable pursuit:

There are several people I have met throughout my life whom I have regarded with disdain, but none has angered me more than Henry Hoste Henley. (...) He had a collection of fossils too (...) [but] [he] knew nothing about (...) [them] other

¹² Henry Hoste Henley (?-1833) purchased the first ichthyosaur discovered by Mary Anning. The specimen would later become part of the collection of William Buckley who endowed it to the Natural History Museum in London. In 1819 the collection was sold to the British Museum, where it can still be found today.

¹³ Lt. Col. Thomas James Birch (1768-1829) dabbled in the fossil world, buying and selling fossils merely for profit.

than that they were collectible and made him appear worldly and intelligent. (43, 89).

And the following disparaging comment is made regarding Col. Birch:

Colonel Birch was to stay for several weeks to build up his collection (...). [But] I discovered (...) he did not find fossils himself. He did not keep his eyes on the ground as Mary and I did, but (...) reached out and picked up what we were looking at before we had time to do so ourselves. (...) [his] amateurism appalled me. Like Lord Henley (...), he was a collector rather than a hunter, buying his knowledge rather than seeking it with his own eyes and hands (188-190).

The depreciation and even ridicularisation of these male characters is, therefore, one more of Chevalier's strategies to underline the merits of the two women, who, by way of contrast, are passionate about fossils and devote their lives to fossil hunting and collecting.

Final Thoughts

What then is the true contribution of this novel, this fictionalisation of History, at the meeting point between Science and Literature? From the outset it makes the work of fossil hunter and collector extremely attractive and even feminine.

By placing the lives of these two women in the context of the development of Palaeontology and Geology in the first decades of the nineteenth century, the novel transports the reader to Science Museums and to the Geological Society and takes him/her into auctions of recently-discovered specimens or into private chambers where lectures are given to invited audiences about the fossils of hitherto-unknown animals.

Furthermore, the novel leads the reader to discover the lives of two women, contemporaries of Jane Austen,¹³ who made a significant contribution to the

¹⁴ As a matter of curiosity, Jane Austen visited Lyme in 1804, and was mentioned by Elizabeth Philpot, with reference to books about young unmarried women who were looking for husbands, which her sister Margaret enjoyed so much: "This was the sort of situation that she [Margaret] read about in the novels she favoured by authors such as Miss Jane Austen (...), but I did not read fiction and could not be persuaded to try it. (...) We Philpot sisters were

advancement of Palaeontology, and who were not duly recognised in their own time. Today there is a museum in Lyme Regis with Elizabeth Philpot's private collection, Mary Anning's saurian fossils can be seen at the Natural History Museum, in London, duly identified with the name of their discoverer, and the house where Mary Anning lived now bears a plaque with her name. But, in truth of fact, what made them known to the world, was the novel *Remarkable Creatures*. Remarkable indeed.

WORKS CITED

- Austen, Jane. 1995 (1818). *Persuasion*. London/New York: W.W. Norton.
- Byatt, A. S.. 2001 (2000). *On Histories and Stories. Selected Essays*. London: Vintage.
- Chevalier, Tracy. 2009. *Remarkable Creatures*. London: Harper.
- Fernandes, Ana Raquel (ed.) 2018. *Narrative Strategies in the Reconstruction of History*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Press.
- Furtado, Filipe. 2012. "“Extraneous Fossils”: Polémicas nas Origens da Paleontologia Britânica". *Ciência e cultura. Ficcionalizações da ciência na Grã-Bretanha (Séculos XIX e XX)*. Coord. Filipe Furtado e Gabriela Gândara Terenas. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 183-194.
- Pollack, Gillian. 2016. *History and Fiction: Writers, their Research, Worlds and Stories*. Bern: Peter Lang.

the very embodiment of that frayed life. I did not need novels to remind me of what I had missed. (208). “

Lyme is described as follows in the eleventh chapter of the novel *Persuasion*: “as there is nothing to admire in the buildings themselves, the remarkable situation of the town, the principal street almost hurrying into the water, the walk to the Cobb, skirting round the pleasant little bay, which, in the season, is animated with bathing machines and company; the Cobb itself, the old wonders and new improvements, with the very beautiful line of cliffs stretching out to the east of the town, are what the stranger's eye will seek; and a very strange stranger it must be, who does not see charms in the immediate environs of Lyme, to make him wish to know it better. (Austen 1995, 64.

Taine, H. [Hippolyte] [anonymous translation]. [1883?] "A mulher inglesa". *A Mulher*. Lisboa, no 6, 45.

---. 1872, *Notes sur l' Angleterre*. Paris: Librairie Hachette.

Tickell, Crispin. 1996. *Mary Anning of Lyme Regis*. Lyme Regis: Lyme Regis Philpot Museum.

Terenas, Gabriela Gândara. 2019. "Ana Raquel Fernandes (ed.) *Narrative Strategies in the Reconstruction of History*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Press, 2018, 130 pp." *Op. Cit.: Revista de Estudos Anglo-Americanos / Journal of Anglo-American Studies*, 2nd Series, no 8, 123-127.

Torrens, Hugh. 1995. "Mary Anning (1799-1847) of Lyme; 'the Greatest Fossilist the World Ever Knew'". *British Journal for the History of Science*, vol. 28, 257-284.

NOTA BIOGRÁFICA

Gabriela Gândara Terenas is an Associate Professor with Aggregation in Languages, Literatures and Cultures (special area Studies of Culture and Anglo-Portuguese Studies) at the Faculty of Social Sciences and the Humanities, Universidade Nova de Lisboa, where she coordinates the Department of Modern Languages, Literatures and Cultures. She is a specialist in Anglo-Portuguese Studies and the Director of the Journal of Anglo-Portuguese Studies, a periodical indexed to SOCUPUS Scopus and published annually both on paper and electronically. She is a member of the Board of the Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies (CETAPS) where she is the leader of the Anglophone Cultures and History Area and the convenor of the research strand Science and Culture, which studies the relationship between Science and Culture in the Anglophone world. Within the scope of this strand, she has organised several series of public lectures and colloquia, as volume entitled Science and Culture. Fictionalisations of Science in Britain (19th and 20th centuries) (2012) and published many articles on the subject. She has recently launched the Project "Bridges between Fictional Narratives and Science (21st century)" (BFN21)

ABSTRACT:

From the point of view of the fictionalisation of Science in Literature and the contribution of women to the development of Science, the article discusses how the practice of palaeontology

and geological studies is represented in British historical fiction of our own times, through two female characters, who were contemporaries of Jane Austen. After a few considerations of a general nature regarding the construction of the contemporary historical novel and some observations concerning the true state of paleontological and geological studies in the first decades of the nineteenth century the article will move on to deal with the way the choice of these two areas of Earth Science fulfilled the author's objectives.

KEYWORDS:

Women, Earth Science, Historical Novel, Early-Nineteenth Century Britain

RESUMO:

Do ponto de vista da ficcionalização da ciência na literatura e do contributo das mulheres para o desenvolvimento científico, o artigo discute a forma como a prática da paleontologia e os estudos geológicos são representados, através de duas personagens femininas, contemporâneas de Jane Austen, na ficção histórica britânica da actualidade. Após algumas considerações gerais sobre a construção do romance histórico na contemporaneidade, bem como sobre a real condição dos estudos em paleontologia e geologia nas primeiras décadas do século XIX, o artigo centrar-se-á na análise do modo como a escolha destas duas áreas das Ciências da Terra, serviram os propósitos da autora.

PALAVAS-CHAVE:

Mulheres, Ciências da Terra, Romance Histórico, Grã-Bretanha, Primórdios do Século XIX

Taste it!: provar o mundo

(A propósito da viagem de Magalhães e Elcano)

Inês Espada Vieira
Universidade Católica Portuguesa

À Professora Laura Pires, que conheci em 2006, no âmbito de um colóquio sobre Nova Iorque, *De topos a utopos*, e com quem trabalhei ao longo de vários anos no Centro de Estudos de Comunicação e Cultura. Dedicada aos investigadores mais novos, dela recebi atenção, generosidade, conhecimento, sempre com uma elegância que era também uma maneira de estar Academia e na vida. Com saudade e gratidão.

Na cidade de Atlanta, capital do estado norte-americano da Geórgia, há um museu diferente e imperdível, um museu onde se pode mexer em (quase) tudo, onde nos pedem para fotografar e para partilhar essas fotografias e onde não é preciso falar baixinho. À entrada, o visitante escolhe uma das três bebidas que lhe oferecem. À saída, numa enorme sala, que é a última antes da loja, o visitante pode servir-se de uma ou de todas as mais de 100 bebidas disponíveis. É o museu da Coca-Cola, ou como lhe chamam *World of Coca-Cola* – mundo da Coca-Cola. Nessa última sala, sob o imperativo *Taste it!* (Prova-o!), os dispensadores estão organizados em cinco círculos, divididos por Europa, Ásia, África, América do Norte e América Latina. Além do divertimento inesperado – mesmo para quem não gosta de Coca-Cola e afins –, olhar este espaço e saborear estas bebidas é uma oportunidade para refletir sobre a nossa realidade: trata-se de um impressionante *mapa mundi* contemporâneo e, no simples gole de uma bebida açucarada, o indivíduo prova a estranheza ou a afinidade com o desconhecido, subitamente ali tão perto. O planeta reorganizado em cinco continentes, em que a América está dividida entre um ponto cardeal, o norte, e uma discutível identidade sintética, a latina.

Hoje, quando falamos em globalização é este o entendimento que genericamente temos: um mundo próximo, parecido, organizado, mercantilizado, ao alcance de todos, colorido, doce... Um mundo “exótico” q.b., o suficiente para ser atrativo, numa aparência de identidades plurais. Esta encenação comercial no museu em Atlanta é uma metáfora do mundo americanizado que, em qualquer parte do globo, consumimos diariamente, em doses mais ou menos intensas, de forma normalmente acrítica. É a ideia “arrumada” de um mundo ao alcance do dedo, uma realidade filtrada pelo ecrã tátil. O conceito de globalização, tal como o entendemos hoje em dia, deve mais à economia do que à cultura, mais ao mercado do que ao pensamento, mais ao futuro do que à memória.

A globalização faz-se atualmente em língua inglesa e só nos discursos hagiográficos da empresa dos descobrimentos dos séculos XV e XVI, vemos a certidão de nascimento do mundo contemporâneo em português e em espanhol, usada como argumento para sustentar o papel de Portugal e da Espanha no xadrez da política mundial.

A viagem que agora celebramos nasce de um equívoco (a localização das ilhas das especiarias) e conta-se cheia de derrotas e de morte, incluindo a do comandante da expedição, Fernão de Magalhães. É o espanhol Juan Sebastian Elcano que regressa à Península, com apenas 17 homens e uma das cinco naus que tinham partido. O objetivo não fora circum-navegar a terra, mas sim o de encontrar especiarias, fazer comércio, aumentar a riqueza, dominar povos e territórios. Esse objetivo foi alcançado, porém a viagem ultrapassou os limites da geografia e construiu-se como marco indelével de um mundo novo, que podemos continuar a descobrir se o soubermos olhar.

No adjetivo *novo* cabem muitos outros adjetivos e sobretudo o nome *mundo* tem tantas e tantas leituras. Saber habitar este mundo novo hoje será talvez o desafio mais difícil: conhecer a terra, olhar os homens, ter horizonte e os pés no chão, ser europeu, procurar a convivialidade, saber ser hóspede e hospedar...

Os desafios são muitos e o mundo (que mundo?) é sempre velho e sempre novo. No mundo *global*, não queremos um falso *local*.

Queremos mais do que a vida arrumada em dispensadores automáticos. Bem mais do que o simulacro de pluralidade que provamos nas doces bebidas do *World of Coca-Cola*.

(texto publicado inicialmente na revista *Mensageiro de Santo António*, ano XXXV, n. 2, fevereiro de 2019)

TESTEMUNHOS E POEMAS

RECORDAMOS UM DIA DE TRABALHO...

Leve, breve, suave,
Um canto de ave
Sobe no ar com que principia
O dia.
Escuto, e passou... (Fernando Pessoa)

A Professora Maria Laura Pires já tinha imaginado, concebido e editado há muitos anos, desde 2012, esta universitária revista digital, a *Gaudium Sciendi*. Pensou também no design da capa e, nessa altura, colocou a imagem de um quadro intitulado “A Porta” de uma pintora portuguesa, Ana Mandillo, a abrir simbolicamente todos os números desta publicação integrada no site da Universidade Católica, mais concretamente, na secção das Publicações da Sociedade Científica. A *Gaudium Sciendi* está destinada a um público académico nacional e internacional focando-se em diversas áreas de estudo.

O ritual do nosso trabalho foi idêntico para cada um dos layouts dos 18 números saídos da *Gaudium Sciendi*. Sentávamo-nos à frente do gigante monitor do computador da Apple onde se desenrolava mais um dos complexos processos de preparação final para a edição da nossa revista digital, disponível também em formato físico impresso. As nossas reuniões de trabalho eram invariavelmente longas, às vezes, de dias, pois havia sempre muito para fazer e a diversos níveis, mas nada disto, nos inquietava ou afadigava. Antes pelo contrário, a Professora Laura Bettencourt Pires tinha o condão de tornar tudo tão «leve, breve, suave [como] um canto de ave» ...

Na verdade, em cada número a ser publicado, começava tudo de novo, como se fosse a primeira vez, com uma lentidão e extrema atenção adequadas ao exercício em curso. Depois de cada uma de nós já ter realizado, antes deste encontro, uma primeira e segunda revisão dos artigos recebidos, abríamos novamente ficheiro a ficheiro, de modo colocá-los num arquivo, base definitiva da revista consoante o Índice já previamente debatido e pré-estabelecido; conversávamos detalhadamente sobre cada um deles e demorávamo-nos nos melhores. Havia sempre autores que nos surpreendiam muito positivamente e, às vezes, em vários números. Como apreciávamos esses comentários inteligentes e eruditos da Professora Laura Bettencourt Pires! A

seguir dávamos uma vista de olhos por tudo, outra vez, ... não fosse necessário fazer qualquer mudança, pois muito frequentemente, os textos e as imagens desalinhavam-se sem a nossa vontade. A nossa Amiga protestava, sempre de forma divertida e ligeira, com muito humor, pois todo aquele trabalho desconjuntado no momento e sabe-se lá a razão, era fruto de interminável pesquisa, de selecção de imagens para cada um dos artigos. Que azáfama esta a de encontrar as melhores e mais adequadas imagens! A Professora Laura Bettencourt Pires fazia toda a maquetização, a paginação editorial, a distribuição de elementos gráficos como as imagens, as cores, os textos pela página, a organização de tudo isto antes das nossas reuniões. E nós, ao olhar para isto tudo, ficávamos invariavelmente surpreendidas com a conjugação de diversas variáveis, de entre elas, a cultural e um forte sentido estético!

Laborava ela afanosa e ininterruptamente e nem a pandemia, nem as constantes doenças, alguma vez, a pararam. A Professora Laura Bettencourt Pires esmerava-se em tudo o que fazia, com gosto e empenho; entusiasmo e energia permanentes. Era uma pessoa muito inteligente, sem idade, muito humana e cordial, comprometida até ao fim do seu tempo com tudo o que fazia.

E de tal maneira era assim que, mesmo no fim da sua vida, já muito, muito doente, a pouco tempo de nos deixar, telefonou para nos lembrar de alguns aspectos da edição do número seguinte, o 22. Recordou-nos a urgência da entrega de todo o material, logo que pronto, à nossa colega, a Professora Dália Guerreiro, desde sempre prestável e diligente no complexo processo da edição *online*.

Às vezes, ainda pensamos mandar-lhe uma mensagem... Mas, de repente, retraem-se-nos as mãos e com os dedos desenhámos gestos vagos no vazio... sem saber onde os pousar para a seguir, sentir a forte presença da nossa Dearest Friend, aqui, hoje e para sempre.

Ana Costa Lopes
Marília dos Santos Lopes
Universidade Católica Portuguesa

AFINIDADE

RECORDANDO A PROFESSORA LAURA PIRES

Não tive a oportunidade de partilhar com a Professora Laura Pires, especialista em Estudos Americanos, que uma das minhas autoras favoritas é a norte-americana Lydia Davis. Será a forma despojada, quase frugal como escreve, ou talvez a precisão com que articula ideias e afetos que, na leitura, reconhecemos como sendo também os nossos.

Num *short short*, o seu género de eleição, Davis escreve sobre a afinidade, e este é já o texto completo:

Affinity

We feel an affinity with a certain thinker because we agree with him; or because he shows us what we were already thinking; or because he shows us in a more articulate form what we were already thinking; or because he shows us what we were on the point of thinking; or what we would sooner or later have thought; or what we would have thought much later if we hadn't read it now; or what we would have been likely to think but never would have thought if we hadn't read it now; or what we would have liked to think but never would have thought if we hadn't read it now.¹

Encontrei a Professora Laura Pires em diversas ocasiões, colóquios do CECC e encontros que organizou, outros eventos a que mostrava interesse em assistir. De todos estes encontros guardo a memória de uma pessoa muito presente e de uma gentileza que lhe era natural. Perguntava-me pelo meu trabalho e partilhava a alegria do seu. Percorríamos caminhos paralelos, mas afins. Ela, interessada na cultura de geografia anglo-saxónica. Eu, mais voltada para a cognição e em língua alemã. Ao despedirmo-nos nestas ocasiões, ficava-me sempre a impressão de uma generosa amabilidade.

Houve uma ocasião, porém, em que a sua investigação, mais ampla do que aqui dou conta, me inspirou, como o pensador do texto de Davis, porque nos mostra aquilo em que já pensávamos ou que estamos prestes a pensar. No colóquio *Recontextualizing Science from a Humanistic Perspective*, juntou especialistas das humanidades e das ciências para pensarem em conjunto “formas de ver o mundo”, o tema do projeto que conduziu no CECC sobre teorias epistemológicas.

¹ Lydia Davis. 2009. *The Collected Stories*. New York: Farrar, Straus and Giroux, p. 310.

A aproximação de humanidades e ciências era um tema para o qual vinha ganhando sensibilidade desde que ouvira o historiador da arte Dieter Wuttke proferir uma conferência no colóquio *O Mestre e a Arte. Um Encontro Interdisciplinar*, na Universidade Católica, em Viseu.² Partindo do diagnóstico de divisão entre os dois domínios, já descrita em 1959 por Charles Peirce Snow,³ Wuttke explorava pontos de convergência e a alternativa a uma institucionalização seccionada do conhecimento. Olhando, por exemplo, à arte produzida por algoritmos e à apreciação estética intencional desta causalidade numérica, o autor antecipava temas e questões que hoje dominam os debates sobre inteligência artificial. Wuttke trouxera a Viseu uma ideia que ali se experimentava em forma de metodologia de ensino e que inspirava a nossa atividade científica de então.⁴

Anos mais tarde, na Case Western Reserve University, a oportunidade de ouvir o biólogo E. O. Wilson no mesmo ano em que se celebravam os 150 anos da primeira publicação d’*A Origem das Espécies*, de Darwin, e os 50 anos da edição de *The Two Cultures*, de Snow, fez-me debruçar sobre o conceito de *consilience*, com que Wilson defendia a unidade do conhecimento.⁵ Trabalhando numa área de intersecção entre a linguagem, a literatura e as ciências cognitivas, cuja designação de “poética cognitiva” está longe de ser consensual,⁶ o debate sobre a interdisciplinaridade como resposta a questões complexas que nos ocupam na investigação e na vida continuou a interessar-me.

Em 2013, a Professora Laura Pires coordenou, com Maria Alexandre Bettencourt Pires, a publicação *As Humanidades e as Ciências. Dois Modos de Ver o Mundo*,⁷ resultado de um ciclo de conferências organizado no âmbito do projeto *Epistemological Theories - Ways of*

² Desta conferência, proferida em alemão, resultou a publicação *Para uma visão holística das ciências e das artes* (Viseu: passagem editores e cieq, 2002), um projeto de tradução levado a cabo pelos alunos de língua alemã.

³ Charles Peirce Snow. 2012[1959]. *The Two Cultures*. Cambridge: Cambridge University Press.

⁴ O ensino holístico era a abordagem metodológica que se adotava na fundação da Licenciatura em Medicina Dentária no Pólo de Viseu da Universidade Católica e que as outras áreas de estudo e investigação no *campus* acompanhavam com interesse.

⁵ Edward Osborne Wilson. 2019. *Consilience: The Unity of Knowledge*. New York: Vintage Books.

⁶ Ana Margarida Abrantes. 2022. Poética Cognitiva: Avanços e desafios da abordagem cognitiva à literatura. In: Hanna Batoréo (Coord.) *Linguagem – Cognição – Cultura. Teorias, Aplicações e diálogos com foco na Língua Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, Coleção Ciência e Cultura, <https://doi.org/10.34627/uab.cc.17>, 160-176.

⁷ Maria Laura Bettencourt Pires e Maria Alexandre Bettencourt Pires. 2013. *As Humanidades e as Ciências: dois modos de ver o mundo*. Lisboa: Universidade Católica Editora. [Col. Estudos de Comunicação e Cultura].

Seeing the World, e do colóquio *Recontextualizing Science from a Humanistic Perspective*. Estes foram eventos em que participei com enorme gosto e curiosidade por um tema que me vinha interessando desde que ouvira a palestra de Wuttke.

Dois ensaios, em particular, nesta publicação, despertaram-me grande interesse: *As Mãos na Arte e na Medicina*, de Maria Alexandre Bettencourt Pires, e *As Mãos e os Duplos*, de Gerald Bär. Tomando a mão como objeto de análise e ponto de partida, os textos pareciam complementar-se na abordagem humanista à medicina, num caso, e na investigação científica da arte, no outro. Tal como Maria Alexandre Bettencourt Pires, também eu lera o ensaio de João Lobo Antunes *Sobre a Mão*,⁸ e vira nele mais um exemplo a acrescentar aos que Dieter Wuttke nomeara para aproximar a ciência e as artes. A mão revela-se instrumento primordial da agencialidade humana, pragmática como artística, em muito responsável e potenciadora da evolução cognitiva e cultural única da espécie. A sua configuração é peculiar. O polegar oposto assume particular importância na evolução de um leque de ações. Também o indicador é usado num gesto particularmente humano: o apontar, que indica uma realidade na extensão do dedo, para a qual o sujeito chama a atenção do Outro e que, para Michael Tomasello é uma das especificidades dos humanos como espécie semiótica: “apes can’t point”,⁹ refere o autor, porque estas espécies próximas não parecem saber mostrar a outros um objeto de interesse potencial comum. Pelo contrário, o ser humano aponta desde muito cedo, mesmo antes da linguagem, como forma de partilhar a atenção e a intenção sobre uma realidade de relevância intersubjetiva.

Se em Cleveland este interesse pela mão me acompanhara, levando-me a participar em seminários sobre gestos e linguagem (em particular, gestos espontâneos que acompanham o discurso¹⁰ e que parecem cumprir a função de descarga cognitiva – ‘cognitive offload’), temas distantes do que então trabalhava no doutoramento, também nos momentos de apreciação estética começava a dar mais atenção à mão. Seguia-a atentamente na *performance* dos instrumentistas em concerto, olhava com mais atenção para as mãos na pintura ou na escultura. Como seria o *Pensador* de Rodin ou a *Melancolia* de Dürrer sem a mão em que a cabeça se apoia? E não seria menos angustiante *O Grito* de Munch sem as mãos que envolvem

⁸ João Lobo Antunes. 2005. *Sobre a Mão e Outros Ensaios*. Lisboa: Gradiva.

⁹ Michael Tomasello. 2006. Why don't apes point? In: N. J. Enfield & S. C. Levinson (Eds.), *Roots of Human Sociality: Culture, cognition and interaction*. Oxford & New York: Berg, pp.506-524.

¹⁰ No laboratório de gestos coordenado por Fay Parrill, tomei contacto com os trabalhos de Susan Goldin Meadow e David McNeill.

o rosto? A mão afigurava-se-me como objeto de estudo ideal para uma convocação de ciências e artes, como instrumento de ação ou como protagonista da expressão pragmática, afetiva ou estética.

Na palestra *As Mãos na Arte e na Medicina*, bem como no ensaio do volume que a seguiu, reencontrei muitas destas perspetivas sobre a mão e o gesto. A complementá-la, o texto de Gerald Bär acrescentava outro ângulo: o motivo do duplo na literatura e no cinema e a imagem das mãos com “instrumento divino que opera em pares”. A simetria anatómica revelada nesta formulação é sugestiva da bilateralidade do corpo humano, indiciadora da lateralização do cérebro e da complementaridade expressiva dos gestos a duas mãos.

Sem saber, a Professora Laura Pires criara com a conferência e depois com a publicação que dela resultou, uma ocasião de reencontro com o tema, que me era caro, da confluência de ciência e artes na busca de conhecimento. Também o tema da mão, um interesse vago que tinha e que reencontrei no colóquio e na publicação, continuou a interessar-me, levando-me a descobrir o ensaio filosófico de Raymond Tallis sobre a mão,¹¹ a voltar com gosto à coletânea *These Hands*, de Per Aage Brandt¹² ou, mais recentemente, a enquadrá-lo na proposta de Marco Caracciolo e Karin Kukkonen para um estudo da narrativa à luz da cognição corporealizada.¹³

Desta afinidade de interesses e de pensamento, creio ter dado conta à Professora Laura Pires nos momentos em que nos cruzámos. Este texto é apenas mais uma ocasião de recordar, de lembrar a afinidade e de expressar gratidão pelo encontro com a pessoa e com a obra que, como mão amiga, continua a apontar um caminho.

Lisboa, 8 de novembro de 2022

Ana Margarida Abrantes
Faculdade de Ciências Humanas
Universidade Católica Portuguesa

¹¹ Raymond Tallis. 2013. *The Hand. A Philosophical Enquiry into Human Being*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

¹² Per Aage Brandt. 2011. *These Hands*. New York: Host [translated by Thom Satterlee].

¹³ Marco Caracciolo e Karin Kukkonen. 2021. *With Bodies. Narrative Theory and Embodied Cognition*. Columbus: The Ohio State University Press.

POEMAS

Edward Loony

Adeus

Partiste.

E a luz demorou-se tão pouco na carta que nunca escreveste.

Partiste.

Partiste, deixando o rasto de um adeus definitivo e violento.

De ti só guardo hoje a lembrança da posse fugidia

E a voz, que esvaziei de som e sentido

Para nada sentir.

(Junho de 1981)

Eterno retorno

Perto da memória, mora um mar

Sem palavras.

Nele ciclicamente refluem as lembranças

Dos dias felizes.

(Maio de 1983)

Ícaro

Todo o sonho busca um sol.

(Março de 1983)

Poesia

O que é a Poesia?

Um sobressalto?

Um salto sobre?

(Março de 1983)

POEMAS

Yvette Centeno

A MÃE

o primeiro país
que a cada um é dado
corpo de terra
mapa desenhado

(a Laura Pires, *in memoriam*)

A Ucrânia Invadida - poemas inéditos

Palavras

Paremos com as palavras
cada palavra mata mais
do que uma bala
o refúgio é
entre as pedras caídas
um som de violino
um leve sopro
no meio dos escombros
de uma cave perdida
oiçamos o que diz:
ainda estamos vivos

8 de Março 2022

(*Jogos de Debussy na Ucrânia*)

As crianças da Ucrânia

Corram depressa, e
peguem com o maior cuidado
nesses pequenos corpos
que ninguém ousará mostrar
tragam mantas bem quentes
sem esquecer o peluche
o brinquedo guardado
que seguram na mão
olhar tão inocente

fixado num ponto vago
uma perplexidade
de quem ainda não sabe
quem o estará a levar

9 de Março, 2022

Perguntas do Amanhecer

-minha mãe, minha mãe
o pão é vermelho porquê?
-porque o trigo está sangrando,
filho meu
um sangue que não se vê...

10 de Março, 2022

Corações

Tinha um estendal no seu pátio
ali punha a roupa a secar
ali os gatos brincavam
nos dias de maior sol
de manhã estendia a roupa
à noite a ia buscar
em que tempo tinha sido
já não sabia dizer
estava tão velha agora,
a roupa estava queimada
os filhos tinham morrido
os corpos longe ficaram
e ao estendal só levava
o seu coração partido

Haiku

pela ponte não se sobe
cai-se no poço da morte

Haiku II

chegam de todos os lados
com marcas de ferro na testa:
refugiados

As Mães e os Anjos

O que dizer dessa mãe

a caminho numa estrada
onde caíam as bombas
onde ninguém a esperava
nem a ela nem ao filho
sequer uma gota de água
-filho põe-te a caminho
e não olhes para trás
segue em frente
sempre em frente
mais longe me encontrarás
eu estarei à tua espera
secarei as tuas lágrimas
quem sabe morta no chão
mas viva na mão do Anjo
que também irá contigo
e é a tua protecção

10 de Março, 2022

Dia a dia

Viver o dia a dia
mas de noite o que fazer?
sonhar com ninhos de estrelas
onde se possa nascer

11 de Março, 2022

Kiev

Uma cidade fantasma
aguarda os seus habitantes:
mortos-vivos
pois nada será como dantes

12 de Março, 2022

[TESTEMUNHO]

A Professora Maria Laura era uma presença constante nos encontros da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, sempre afável e interessada. Foi essa participação empenhada que veio a ganhar corpo no projecto de uma revista da Sociedade em formato digital, a ***Gaudium Sciendi***, ficando-se-lhe a dever o delinear dos princípios orientadores e dos procedimentos redactoriais, bem como o lançamento da revista, a sua direção editorial e a continuidade multifacetada do seu programa, do início, em 2012, até quando lhe foi possível, em 2021.

A revista foi pensada como ponto de encontro, em primeiro lugar, de uma perspectiva mais amplamente cultural e de outra mais estritamente científica no tratamento das temáticas a publicar e, ainda, como plataforma de comunicação entre investigadores, no âmbito da Sociedade e da comunidade científica em geral, tanto em Portugal como no estrangeiro. Aliás, um tecido muito denso e diversificado de contactos da Prof^a. Maria Laura no plano internacional permitiu desde logo a criação de um Conselho de Avaliação para a revista e o recurso à arbitragem dos artigos enviados para publicação por peritos nas diferentes matérias em causa. A preocupação estruturante de todo o seu labor académico era a da intersecção dos saberes, na convicção assumida de que a verdade é sempre, nos dinamismos do seu desvelamento, ***filia plurium***.

Um sustentáculo mais fundo, porém, possibilitava e animava continuamente o projecto: dois traços da personalidade da Prof^a. Maria Laura, uma firmeza suave e uma persistência serena, marcantes no trato pessoal e na condução do seu trabalho editorial, a que se associava um carácter extremamente escrupoloso, solícito no atendimento das pessoas, metuculoso nas decisões a tomar e respeitador das instituições em que se inscrevia a sua actividade.

O « *insta opportune et inopportune* » de São Paulo na Carta a Timóteo aplicar-se-ia com toda a pertinência à incansável e insistente convocação por parte da Prof^a. Maria Laura a um trabalho comum, num empenhamento justificado pela certeza de que o rigor e a esforçada responsabilidade da ciência são acompanhados de modo irrevogável pela ‘alegria de saber’.

Manuel J. do Carmo Ferreira
Universidade de Lisboa e
ex-Presidente da Sociedade Científica

EM JEITO DE HOMENAGEM

Conheci a Professora Maria Laura Bettencourt Pires num tempo distante, que não recordo, embora o situe num espaço, bem perto de ambas: a Universidade Católica Portuguesa.

Com formações académicas distintas e lecionando em Faculdades diferentes, cedo nasceram laços, e o respeito pelo seu muito saber e a admiração pela sua personalidade serena encarregaram-se de os fortalecer ao longo dos anos.

Na direção da Revista on line *Gaudium Sciendi*, da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, a Professora Maria Laura Pires por várias vezes me convidou a nela participar, convite que, por escassez de tempo, nem sempre pude aceitar. Porém, a Professora Maria Laura Pires insistia, afirmando não importar a extensão dos textos. Pretendia o desenho de um pensamento, o desenvolvimento breve de uma ideia, a apresentação de um argumento, uma história... E acrescentava que tão-pouco interessava a forma do texto, que podia ser em prosa, mas também em verso...O importante era o que viajava nas palavras e nos seus hiatos.

Em jeito de homenagem, respondo ao convite da Professora Maria Laura Pires escrevendo em verso. Não saberei se corresponde ao que de mim desejou, mas apazigua-me saber que tentei.

A casa de Laura tem janelas.

Na de Fernando Pessoa,

as nuvens esboroam-se contra a vidraça

e, despedaçadas, evoluem no interior do pensamento.

Da janela de Sophia de Mello Breyner

é o azul que se espraia, cálido... quente...,

temperado de liberdade,

enquanto para a de Frida Kahlo voa

a força de uma dor metamorfoseada...

Já na janela de Sir Walter Scott

palpita o romance, o poema...

a dama do lago,

e a de Jorge Luís Borges

caminha rumo ao labirinto do saber,

à limpidez do olhar recusado.

E, enquanto a fertilidade ecoa pela de Paulo Freire,

sensível aos múltiplos desabrochares,

a do Papa Francisco, aberta de par em par,

luta diariamente por amor... a rezar.

A casa de Laura tem janelas.

Cabo da Roca, 30 de outubro de 2022

Maria da Glória Garcia
Reitora da
Universidade Católica Portuguesa
entre 2012-2016

IN MEMORIAM MLBP

Peter Hanenberg

Ceguei tarde
para ver a Doutora Laura Pires
em ação no campo da sua primeira paixão:
de ser Professora em cada momento.

Ceguei a tempo para acompanhá-la
na sua paixão pela investigação
entre Literatura, Cultura e Ciência
com o cuidado em cada argumento.

Cegámos ao fim que um
início se diz. Fica, então,
in memoriam
o meu lamento.

DA AFABILIDADE E DOS ENCONTROS QUE NÃO TERMINAM.

A culture [...] is a continuity of feelings, perceptions, ideas, engagements, attitudes and so forth, pulling in different directions, often critical of one another and contingently related to one another so as to compose not a doctrine, but what I shall call a conversational encounter. (Michael Oakeshott)

Escrevo este pequeno testemunho numa dupla qualidade: a de investigadora e a de atual diretora do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura.

Embora sempre tivesse sabido do seu empenho como investigadora, foi apenas quando assumi funções no CECC que me apercebi de forma indubitável da imensa vitalidade e da inquebrantável vontade da Maria Laura Bettencourt Pires. Vontade de continuar a interrogar-se e ao mundo, propondo ideias e agregando outros investigadores, de diferentes origens e campos do saber e idades, em torno dos projetos que concebia – tudo fazendo com uma cordialidade única, a de quem está ao serviço de uma ideia maior: a de uma comunidade intelectual, de uma cultura, no sentido que lhe dá Michael Oakeshott.

Maria Laura Bettencourt Pires foi uma pessoa muito marcante na minha vida profissional, por diversas razões. Nesta ocasião, recordo apenas alguns dos nossos encontros.

Encontro #1.

Conheci a Maria Laura pessoalmente, no início dos anos 90, na Universidade Aberta. [Claro que já ouvira muito acerca dela, porque era impossível ser formada em Línguas e Literaturas Modernas, na variante de Inglês e Alemão, e não saber da existência de Maria Laura Bettencourt Pires.] Reuni com ela nessa altura porque havia uma vaga naquela Escola e tinham-me sondado para eventualmente a ir ocupar. Foi uma conversa agradável, em que a simpatia e a cortesia imperaram. Acabei por não aceitar o convite, apesar de o lugar ser melhor do que aquele que eu ocupava então, porque o apelo do contacto direto com os alunos se me impôs – naquele tempo como no presente.

Encontro #2.

Viria a reencontrar a Maria Laura na Católica já em 2001, quando, por voltas bizarras da vida académica, a professora catedrática veio substituir a assistente que eu era na leção da disciplina de Cultura Inglesa. Naquele tempo decidiu a coordenação do departamento de Línguas e Literaturas conceder-me redução de horário letivo, para poder avançar com o projeto de tese de doutoramento. No reencontro, a Maria Laura foi de uma gentileza inexcelsável e, claro, ocupou-se muito melhor do que eu da disciplina, granjeando a simpatia generalizada dos alunos.

Encontro #3.

Tive o privilégio de encontrar em Maria Laura uma interlocutora generosa durante os longos anos em que fui investigando e escrevendo a tese de doutoramento. Sendo ela a autora de um dos poucos estudos sobre Walter Scott em Portugal e tendo eu trabalhado nas traduções oitocentistas do autor escocês, tive a alegria de poder conversar com ela a propósito do autor e dos desafios que coloca à tradução e, mais tarde, de a ter como uma das arguentes da tese. Num tempo que foi longo e em circunstâncias diversas, pude conviver com uma investigadora atenta e disponível, que cultivava uma curiosidade ímpar, manifestando sempre uma imensa afabilidade.

De Maria Laura fica-nos um significativo legado de saber, mas também – e isto não é menos importante – a memória da delicadeza no trato, da suavidade do tom e do sorriso caloroso. Continuaremos a conversar com ela.

Alexandra Lopes
Universidade Católica Portuguesa
Centro de Estudos de Comunicação e Cultura

Alexandra Lopes é doutorada em Estudos de Tradução pela Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa. É professora associada na Faculdade de Ciências Humanas e é atualmente diretora do CECC e vice-diretora da Faculdade.

Entre os trabalhos mais recentes contam-se a coedição dos volumes *Mudam-se os Tempos, Mudam-se as Traduções?* (UCE 2022), *Translated Fears – Translated Fears. Understanding Fear across Languages and Cultures* (Peter Lang, 2021); *Era uma Vez a Tradução/Once upon a Time There was Translation* (UCE, 2020) e *Mediations of Disruption in Post-Conflict Cinema* (Palgrave Macmillan, 2016). Publicou também artigos em volumes e revistas nacionais e internacionais. Traduziu, entre outros, *Ensaio sobre o Dia Conseguido* de Peter Handke (1994, reedição revista: 2020), *A Terra das Ameixas Verdes* de Herta Müller (1999) e *Fúria* de Salman Rushdie (2002).

**EM HOMENAGEM À PROFESSORA
DOUTORA MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES**

Aurora Martins Madaleno

O Adeus

Sem adeus fica a saudade,
Com adeus saudade fica.
Ser de Existência e Bondade
Só Deus nos identifica.

Na vida, em qualquer idade,
Mesmo quando nós sofremos,
Ajuda-nos a saudade
E o amor que sempre temos.

Amiga que nos sorria
Era linda de verdade.
Foi pró Céu sua alegria,
Deixou em nós a saudade.

No Céu entrou nesse dia,
No Céu para descansar,
No Céu espera por nós,
No Céu tem o seu lugar.

O Tempo

Dizem que o tempo tudo traz.
Sorrisos que o amor releva

Nos enchem a vida de paz.
Dizem que o tempo tudo leva,

Leva a paz e leva os sorrisos,
Leva o amor de uma canção.
Vem a guerra, seus prejuízos,
Há gritos de alma e coração.

Em nós fica sempre a saudade
Do tempo de amor e de paz;
Porque o tempo faz nossa idade,
Dizem que o tempo tudo traz.

TESTEMUNHO

*Those faces which have charmed us the most
escape us the soonest.*

Walter Scott

Conheci a Professora Laura Pires na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, de quem recorro a sua paixão pelo ensino e pela investigação e o afincamento com que abraçava novos projetos. Não poderei esquecer o empenho que colocou na gestão do Mestrado em Ciências da Comunicação e Indústrias Culturais, que coordenou em meados dos anos 2000, quando foi chamada a desenvolver um curso que estava então a dar os seus primeiros passos. De igual modo, para sempre terei presente a dedicação que colocava na sua colaboração com o Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC). Aquando da visita de uma Comissão de Avaliação Externa, recorro as palavras que me dirigiu a propósito de como considerava o CECC um fórum intelectual singular, que merecia ser acarinhado por todos aqueles que, graças à sua existência, podiam desenvolver a sua atividade científica em liberdade, cruzando fronteiras disciplinares e agregando visões distintas, mas complementares, sobre questões centrais da sociedade contemporânea. Por último, não esquecerei o entusiasmo que sempre colocou na sua colaboração com a Sociedade Científica da UCP, quer como editora da *Gaudium Sciendi*, quer como membro muito interventivo sempre que, nas diversas reuniões, os sócios eram chamados a projetar novos caminhos para a Sociedade.

O seu exemplo, de alguém verdadeiramente dedicado à busca e à divulgação do conhecimento, ficará para sempre gravado na memória daqueles que com ela privaram. Ficarão igualmente inscrito na cultura da Faculdade de Ciências Humanas, que considerava a sua casa e onde deixou uma marca profunda por todo o trabalho que aqui desenvolveu, mas também pela sua personalidade sempre afável e disposta a escutar e a ajudar todos os que se lhe dirigiam.

Nelson Ribeiro

Faculdade de Ciências Humanas, 16 de janeiro de 2023

TESTEMUNHO SOBRE A PROF.ª MARIA LAURA PIRES

Conheci a Prof.ª Maria Laura Pires pouco tempo depois de ter iniciado a minha carreira docente na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, na década de 1990. Não pertencíamos à mesma área ou disciplina académica: eu sou historiador, a Prof.ª Laura Pires era de Literatura e de Cultura. Mas a interdisciplinaridade sempre facilitou um diálogo que, apesar da diferença de idades (eu era um júnior, e sempre me senti um júnior, até aos seus últimos dias, perante uma académica sénior de sabedoria - mas sempre jovem na curiosidade e no trato), foi crescendo e se cimentou.

Recordo-me de algumas conversas, sobretudo em torno da história norte-americana ou britânica, que são temas das minhas aulas, em que a Prof.ª Laura Pires contrapunha às minhas narrativas sobre política ou sociedade desses dois grandes povos e Estados as suas visões e sugestões, de autores literários (prosadores e poetas), de teatro ou de cinema, de exposições ou de imagens que falavam dessa História que eu ensinava. E com esses contributos pude, espero, enriquecer as minhas aulas.

Nos anos mais recentes, quando integrei a Sociedade Científica da UCP, onde a Prof.ª Laura Pires dirigia a revista *Gaudium Sciendi*, reforcei laços com esta nossa homenageada, colaborando com a revista, para a qual a Prof.ª Laura Pires fazia sempre questão de me convidar.

Nesta empresa académica, como em muitas outras, a Prof.ª Laura Pires pôs sempre o melhor de si, com empenho insuperável, com alegria e com um sentido de dádiva que era inspirador para todos. Era, para lá disso, uma pessoa de convivência muito afável, insuperavelmente bem-educada, muito generosa nos seus elogios - em suma, uma grande universitária, formadora de gerações de discípulos ao longo da sua longa vida. Acredito que em todos deixou a marca da sua gentil maneira de ser e o legado da sua enorme cultura e conhecimento.

José Miguel Sardica
Faculdade de Ciências Humanas
Universidade Católica Portuguesa

INFORMAÇÕES

INFORMAÇÕES SOBRE *GAUDIUM SCIENDI*

DIRECTORA: Maria Laura Bettencourt Pires

CONTACTOS:

Revista *Gaudium Sciendi*, Sociedade Científica, Palma de Cima 1649-023 Lisboa, Portugal

Telefone: +351 217 214 136; e-mail: gaudiumsciendi@ucp.pt

INTERNATIONAL STANDARD SERIAL NUMBER: ISSN 2182-7605

Gaudium Sciendi é uma revista electrónica da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa publicada desde 2012 com periodicidade semestral e acesso gratuito. Foi concebida para ser vista em formato digital num computador, num *tablet* ou outro dispositivo móvel. A publicação da *Gaudium Sciendi* através da Internet permite chegar a leitores em todo o mundo. Cria também novas oportunidades que incluem poder ser lida a qualquer hora e local e tanto em bibliotecas nacionais como estrangeiras.

Cada número poderá, obviamente, também - se o leitor assim preferir - ser impresso e encadernado e lido como um livro.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

A Revista *Gaudium Sciendi* oferece acesso livre e imediato ao seu conteúdo. Segue, assim, o princípio de que disponibilizar gratuitamente a informação científica ao público-leitor lhe proporciona a "alegria do saber" que está, aliás, implícita no seu título e contribui para uma maior democratização do conhecimento. Apesar disso, segue a directiva de privacidade em relação aos endereços e contactos dos autores.

OBJECTIVOS DA *GAUDIUM SCIENDI*

A actividade editorial da revista rege-se por princípios que visam assegurar a liberdade de iniciativa e de cooperação e, por isso, a *Gaudium Sciendi* aceita e incentiva a colaboração de todos os Associados da Sociedade Científica assim como a de académicos da Universidade Católica e de outras instituições, nacionais e estrangeiras, vocacionadas para a investigação, para o ensino e para a cultura, desde que pretendam servir os mesmos objectivos e valores que a norteiam, procurando assim motivar o intercâmbio interinstitucional.

A *Gaudium Sciendi* pretende ser um instrumento de divulgação dos objectivos e dos valores da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa (SCUCP). Segue uma política editorial que tem também como um dos seus objectivos actuar como um constante vector de promoção do encontro entre investigadores, autores, estudantes e leitores, nos diversos momentos da sua vida científica e de formação académica. Outro dos seus propósitos é promover oportunidades para uma reflexão crítica e um diálogo sobre os temas apresentados e proporcionar ocasiões de debate intelectual e de cooperação académica, numa perspectiva interdisciplinar, que contribuam para desenvolver a formação e o interesse pela investigação científica dos seus leitores, sobretudo dos mais jovens. Para atingir essa meta, gostaria de contar com contribuições regulares dos associados das diferentes "Secções" da SCUCP, que incluem áreas tão variadas como: Ciências das Artes, Filosofia, Direito, História, Economia, Ciências do Ambiente, Literatura e Linguística, Educação, Teologia, Ciências Exactas e Naturais, Ciências Aplicadas e Engenharia, Ciências e Tecnologia da Saúde, Ciências Sociais e Políticas e Ciências da Comunicação e Informação. A revista aceita igualmente - e acolhe com muito gosto - colaborações de académicos de outras instituições, desde que sigam as políticas directivas da *Gaudium Sciendi* e as normas de submissão de artigos.

Outra das missões da *Gaudium Sciendi* é contribuir para manter os seus leitores - quer sejam associados da SCUCP, professores, actuais ou antigos estudantes ou

investigadores da Universidade Católica - ligados à sua *alma mater*. Essa ligação pode fazer-se não apenas através da leitura regular mas também enviando artigos para a revista ou, de forma mais intervencionista, textos mais breves para as Secções "Debate", "Cartas à Directora" e "Entrevistas".

A revista pretende ainda, dentro das suas possibilidades, contribuir para demonstrar publicamente – através das colaborações que recebe - que todos os que estão associados tanto à Sociedade Científica como à Universidade Católica têm orgulho de pertencer a estas instituições. Ao manter os leitores informados sobre resultados de investigações científicas em curso ou sobre o sucesso profissional de antigos alunos ou investigadores, assim como com a publicação de textos relacionados com eventos organizados pela Sociedade Científica e pela Universidade Católica, a *Gaudium Sciendi* pretende também contribuir para demonstrar como ambas as instituições têm influência na academia tanto em Portugal como no estrangeiro.

NÚMEROS TEMÁTICOS

Embora a revista esteja direccionada para a divulgação de trabalhos académicos, sendo portanto, regra geral, os temas livres, têm havido também alguns números temáticos que focam um tópico central, como "A Transversalidade Linguístico-Cultural da Bíblia" (Janeiro 2013), "Direito"(Julho 2013) e "O Conceito de Alma – Do Antigo Egipto ao Mundo de *Matrix*" (Junho 2014).

SECÇÕES

No âmbito da *Gaudium Sciendi* há várias secções, tais como Editorial, Artigos, Debates, Poesia, Recensões críticas e Entrevista.

INFORMAÇÕES AOS LEITORES

Convidamos os nossos leitores a enviarem-nos comentários sobre a revista em geral ou sobre algum dos artigos publicados. Poderão também inscreverem-se no serviço de notificação de publicação da revista, bastando para tal que nos enviem um *e-mail* nesse sentido. Essa inscrição permitirá ao leitor receber via *e-mail* um aviso da publicação de um novo número da *Gaudium Sciendi* assim como o sumário de cada nova edição. De acordo com a Política de Privacidade, a revista assegura aos leitores que os seus nomes e endereços informáticos não serão utilizados para outros fins.

INFORMAÇÕES PARA OS COLABORADORES

A revista aceita propostas de artigos para publicação sobre um amplo leque de tópicos em diversas áreas científicas. Quanto à Norma Ortográfica, a Direcção respeita a decisão pessoal dos autores relativamente à regra ortográfica da língua portuguesa que seguem nos seus textos. Relativamente às ilustrações, todas as imagens incluídas nos artigos da *Gaudium Sciendi* são da responsabilidade da Direcção a menos que os autores as tenham escolhido, sendo, nesse caso, indicado em nota.

INFORMAÇÃO PARA BIBLIOTECÁRIOS

Convidamos as bibliotecas a incluir a *Gaudium Sciendi*, assim como outras revistas de acesso livre, nos seus catálogos de revistas electrónicas. Este sistema de publicação é desenvolvido também para ser operado por bibliotecas universitárias, como a Biblioteca Universitária João Paulo II da Universidade Católica, dando assim apoio ao trabalho de publicação das revistas do seu corpo académico.

NORMAS DE SUBMISSÃO DE ARTIGOS

- Os artigos devem ser submetidos à *Gaudium Sciendi*, Revista *on-line* da Sociedade Científica, em formato electrónico, para o seguinte endereço: gaudiumsciendi@ucp.pt
- Os textos devem incluir, em nota de rodapé, um C.V. do autor com aproximadamente 1.720 caracteres incluído os espaços.
- Os artigos podem ser submetidos em Português, Inglês, Francês e Espanhol.
- As publicações devem conter, obrigatoriamente, um resumo em português e em língua estrangeira com cerca de 2.620 caracteres com espaço, seguido de palavras-chave, no máximo de cinco.
- Os ensaios não deverão exceder 52.360 caracteres com espaço (c. 20 pp. A4), incluindo os resumos, palavras-chave e bibliografia.
- As resenhas críticas não deverão ter mais de 7.854 caracteres com espaço (c. 3 pp. A4). Os colaboradores devem conservar em seu poder um duplicado de todo o material enviado para a *Gaudium Sciendi*.

FORMATAÇÃO

- **FORMATAÇÃO:** Word ou RTF, letra Calibri 12, alinhamento justificado, espaçamento entre linhas 1,5. Citações com mais de 3 linhas—espaçamento entre linhas 1.
- **TÍTULO:** Além do título do artigo, deve incluir o nome e a universidade do autor.
- **EPÍGRAFE** ou citação inicial (se houver): alinhada à direita, seguida de uma linha em branco.
- **PARÁGRAFO NORMAL:** justificado, indentação: esquerda: 0 cm, direita: 0 cm, primeira linha: 0,7cm.
- **CITAÇÕES COM MAIS DE TRÊS LINHAS:** separadas do texto por uma linha em branco, indentação: esquerda e direita 1 cm.
- **ASPAS E PARÊNTESES:** Devem ser sempre usadas aspas rectas "" e não curvas como «» e "" e parênteses curvos (...) em vez de rectos [...], excepto na indicação da data da 1ª edição nas bibliografias.
- **NOTAS:** Devem ser usadas notas de rodapé e não notas no fim do artigo.
- **VÍRGULAS E PONTOS FINAIS NAS CITAÇÕES:** Devem ser incluídos depois das aspas. Dois pontos e ponto e vírgula também devem ser colocados depois das aspas.
- **NÚMERO SOBRE ELEVADO (SUPERSCRIPT) INDICATIVO DAS NOTAS:** deve ser colocado depois do ponto final ou vírgula, dois pontos ou ponto e vírgula.
- **USO DE MAIÚSCULAS NOS TÍTULOS:** Devem ser seguidas as normas internacionais, incluindo o uso de maiúscula na primeira palavra do subtítulo depois dos dois pontos. Exemplo: *As Humanidades e as Ciências: Dois Modos de Ver o Mundo*.
- **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:** Tanto no texto, como nas notas de rodapé assim como nas referências bibliográficas no final dos artigos, devem ser seguidas as normas internacionais de *The Chicago Manual Style*.
- **IMAGENS:** Se os autores incluírem nos seus textos ilustrações, tabelas ou longas citações que tenham sido previamente publicadas noutra local são responsáveis pela obtenção dos respectivos direitos de autor, devendo comprová-lo à Direcção.

CONSELHO EDITORIAL

Os Conselhos Editoriais são uma antiga tradição em todas as revistas. Actualmente, embora não detenham o poder decisório de outros tempos, têm ainda um papel importante nas análises críticas que fazem de todos os materiais, sendo de sua responsabilidade zelar pelo conteúdo científico e pela imagem das publicações.

O Conselho Editorial da *Gaudium Sciendi* é o sector responsável pela edição e publicação da Revista, que tem por objectivo ser um veículo de difusão científica semestral e interdisciplinar de artigos de autores da Sociedade Científica da Universidade Católica e de outras instituições académicas que queiram ter seus trabalhos publicados e difundidos no país e no estrangeiro. Tem também como objectivo contribuir para a divulgação do pensamento crítico e da pesquisa. Uma das competências do Conselho é estabelecer a política editorial da publicação relativamente às suas diferentes Secções de Artigos, Recensões Críticas, Poesia e Cartas à Directora, colaborando, assim, directamente, com a Directora, que, por sua vez, articula com a Presidência da Sociedade.

O Conselho Editorial da *Gaudium Sciendi* é composto por três membros da Sociedade Científica, que são professoras da Universidade Católica e especialistas em diferentes áreas científicas. Na sua constituição, procurou-se a diversidade tanto nas áreas de ensino como nos níveis de senioridade.

COMPOSIÇÃO

O Conselho Editorial é constituído por professores doutorados que representam várias áreas do conhecimento e, actualmente, é composto pelos seguintes membros:

- Prof. Doutora Maria Laura Bettencourt Pires, Directora da *Gaudium Sciendi* e Investigadora Sénior do CECC.
- Prof. Doutora Ana Costa Lopes, Docente e Investigadora Sénior do CEPCEP e do CECC.
- Prof. Doutora Marília Lopes dos Santos, Docente e Investigadora Sénior do CECC.

COMPETÊNCIAS

O Conselho Editorial tem por finalidade principal viabilizar a publicação da revista electrónica *Gaudium Sciendi*, onde serão difundidos textos originais resultantes de actividades de investigação e ensino e cujo valor técnico, científico, artístico e literário tenha sido assegurado pelo Conselho de Avaliação (*Blind Peer Review*) da revista. Além de promover e divulgar a produção científica multidisciplinar da comunidade universitária em que se integra, a revista edita também artigos de autores nacionais e estrangeiros de outras instituições, desde que se articulem com a sua política editorial. O Conselho deve igualmente ter o propósito de difundir novas ideias e, através da atenção prestada ao conteúdo e à técnica, apostar no desenvolvimento de um projecto editorial e de um *design* gráfico diferenciados, seguindo a tendência do actual mercado editorial universitário.

FUNCIONAMENTO

O Conselho Editorial reunirá, ordinariamente, de três em três meses, e extraordinariamente, quando convocado pelo Presidente da Sociedade Científica, pela Directora da revista ou pela maioria de seus membros.

CONSELHO CONSULTIVO

O Conselho Consultivo da *Gaudium Sciendi* é uma comissão externa permanente de aconselhamento científico que actua como órgão de consulta, apoio e participação na definição das linhas gerais de actuação da Directora da revista.

CONSTITUIÇÃO

O Conselho Consultivo é composto por académicos, investigadores e personalidades de reconhecido mérito e gabarito científico, tanto portugueses como estrangeiros, convidados pela Directora por serem especialistas nas matérias publicadas pela revista.

DECISÕES

As decisões do Conselho Consultivo são tomadas por maioria simples e não são vinculativas.

CANDIDATURAS

Os candidatos a membros do Conselho Consultivo são propostos pela Directora da *Gaudium Sciendi* ao Presidente da Direcção da Sociedade Científica, a quem cabe aceitar ou recusar a candidatura.

É uma honra e um aval científico para a *Gaudium Sciendi* que o seu Conselho Consultivo inclua nomes de académicos de tão grande prestígio internacional como os de:

- Luísa Leal de Faria (Universidade Católica Portuguesa), Portugal
- Molefi Asante (Temple University), EUA
- Pedro Louzada da Fonseca (Universidade Federal de Goiás), Brasil
- Ian Campbell (University of Edinburgh), UK
- Dália Guerreiro (Universidade de Évora), Portugal
- Leonídio Ferreira (Direcção Diário de Notícias) Portugal
- Georges Rousseau (Oxford University), UK
- Ana Paula Machado (Universidade Aberta), Portugal
- Catarina Burnay (Universidade Católica Portuguesa), Portugal
- Gerald Bär (Universidade Aberta), Portugal

CONSELHO DE AVALIAÇÃO

O êxito editorial da publicação depende da qualidade dos artigos publicados, que é, obviamente, assegurada pelos autores mas também pelo Conselho de Avaliação. Pertencendo, contudo, à Directora a última palavra no que se refere à edição pois é da sua responsabilidade assegurar a qualidade, a correcção e a variedade do conteúdo científico, que deverá, tanto quanto possível, ser interactivo.

Os textos enviados para a *Gaudium Sciendi*, desde que sejam adequados à linha editorial previamente estabelecida e não tenham sido publicados antes, serão avaliados pela Directora e revistos segundo o sistema de *Blind Peer Review* e submetidos, em regime de anonimato, ao parecer de especialistas da respectiva área científica, sendo o autor notificado da decisão do Conselho de Avaliação. O artigo não deverá conter qualquer indicação de autoria ou vínculo institucional, para que o material seja analisado de maneira absolutamente impessoal.

Nesse processo, os nomes dos avaliadores permanecem em sigilo, sendo também junto deles mantido o anonimato dos articulistas. Os dados relacionados à titulação e à afiliação institucional e profissional devem ser inseridos apenas num dos exemplares enviados. Caso sejam necessárias informações adicionais que vinculem o texto ao autor, as mesmas serão mencionadas na versão final para publicação.

Dos pareceres emitidos, podem constar sugestões de alterações, acréscimos ou adaptações necessárias ao aprimoramento do texto examinado, a serem efectuadas com a concordância do autor. Após a aprovação dos textos, os autores são informados e feitos os necessários ajustes dos trabalhos de acordo com as normas de submissão de artigos da *Gaudium Sciendi*. Ao contrário do que sucede em algumas revistas universitárias, trata-se de um método de revisão que deve funcionar como um estímulo e não como um ataque e cujo objectivo principal é assegurar a qualidade e o mérito científico da publicação para benefício tantos dos leitores como dos autores.

ABOUT US

ABOUT US

CONTACTS

EDITOR: Maria Laura Bettencourt Pires

ADDRESS: *Gaudium Sciendi*, Sociedade Científica, Universidade Católica, Palma de

Cima, 1649-023, Lisboa Portugal e-mail: gaudiumsciendi@ucp.pt

INTERNATIONAL STANDARD SERIAL NUMBER: ISSN 2182-7605

Gaudium Sciendi is a bi-annual, open and free access online magazine published since 2012 by the Scientific Society of the Portuguese Catholic University. It has been conceived to be read online on a computer, a tablet or any other mobile device. The publication of *Gaudium Sciendi* on the Net reaches readers all over the world and creates new opportunities that include being accessible at any time and place, in Portuguese as well as in foreign libraries. It can also, if the reader prefers, be printed and read as a book.

OPEN ACCESS POLICY

The magazine offers freely to its readers the type of scientific information that gives them "the joy of knowing", as implicit in its title *Gaudium Sciendi* thus contributing to a better democratization of knowledge. Although following a policy of open access, the contacts of the authors will be kept private.

OBJECTIVES OF GAUDIUM SCIENDI

The editorial activity of the magazine follows principles aimed at assuring the freedom of initiative and cooperation and, therefore, *Gaudium Sciendi* accepts and encourages the collaboration of all the members of Sociedade Científica as well as of academics of the Catholic University and other Portuguese and foreign institutions who are interested in research, tuition and culture, if they want to attain the same objectives and values, thus trying to motivate inter-institutional interchange.

Gaudium Sciendi follows an editorial policy that also aims at establishing contacts and providing occasions for meetings and debates of researchers, authors, students and readers, in the different moments of their scientific career and academic education. Another of its purposes is to promote opportunities for a critical reflection and for a dialogue about the themes presented in the magazine and to provide occasions for an intellectual debate and for academic cooperation, in an interdisciplinary perspective, that contribute to develop the formation and the interest for scientific research among its readers, primarily the younger ones. To attain this goal, it would be good to have regular contributions of the associates of all the different "Sections" of SCUCP. The magazine also gladly accepts collaborations of academics of other institutions, if they follow the directives of *Gaudium Sciendi* and the rules for the submission of articles. *Gaudium Sciendi* also wants to contribute to keep its readers – whether they are SCUCP associates or professors, actual or former students or researchers at Universidade Católica – connected to their *alma mater*. That connection can be made not only by regularly reading the magazine but also by sending articles or, in a more intervening way, by writing short texts to the Sections "Debate", "Letters to the Editor" and "Interviews".

The magazine also wants, within the scope of its possibilities, to contribute to publicly demonstrate, through all the collaborations that it gets, that all those who are connected

either to the Sociedade Científica or to Universidade Católica are proud to belong to those institutions. By keeping our readers informed about the results of undergoing scientific research or about the professional success of former students or researchers as well as with the publication of texts, which are related with events organized by Sociedade Científica and by Universidade Católica, *Gaudium Sciendi* also aims at contributing to demonstrate how both institutions are important in Portugal and abroad.

THEMATIC NUMBERS

Although one of the aims of *Gaudium Sciendi* is to publish of academic articles, whose themes are free, there are also some thematic numbers that focus a central topic, such as " The Linguistic-Cultural Transversability of the Bible" (January 2013), "The Law" (July 2013) and "The Concept of Soul – From Ancient Egypt to the World of Matrix" (June 2014).

INFORMATION FOR THE AUTHORS

We welcome contributions about a wide range of subjects from different research and scientific areas. The Editor is responsible for all the images included in the articles unless the authors have chosen the illustrations themselves and, in that case, it will be mentioned in a note.

BLIND PEER REVIEW

The articles will be anonymously submitted to blind peer-review by recognized scholarly experts on the theme.

SECTIONS

There are several sections in the magazine, such as the Editorial, Articles, Debates, Critical Reviews, Poetry, Interviews and Letters to the Editor.

RULES FOR PUBLICATION

1. The articles for publication, which should not have been printed previously, should be submitted to *Gaudium Sciendi*, the *on-line magazine* of Sociedade Científica, by e-mail to the following address: gaudiumsciendi@ucp.pt
2. The texts should include a footnote with a C. V. of the author of around 1720 characters including spaces.
3. The articles can be written either in Portuguese, English, French or Spanish.
4. The essays must include an abstract in Portuguese and in a foreign language with c. 2620 characters with spaces, followed by no more than five key-words.
5. The texts should not have more than 52.360 characters with spaces (20 pp. A4), including the abstracts, key-words and bibliography.
6. Book reviews should not have more than 7854 characters with spaces (3 pp. A4).
7. Format: Word or RTF, Size A4, font Calibri 12, Bold, justified, space between lines 1,5.
8. The authors should keep a duplicate of all the materials sent to *Gaudium Sciendi*.
9. Footnotes, bibliographical citations as well as bibliographical references at the end of the articles, should follow the international rules of *The Chicago Manual Style*.

EDITORIAL BOARD

Editorial Boards are a longstanding tradition in every newspaper. Nowadays, although they no longer have the deciding power they used to have, they still have an important role in the critical analysis they make of every material presented for publication, and it is their responsibility to watch over the scientific content and the public image of the publications.

The Editorial Board of *Gaudium Sciendi* is responsible for the edition and the publication of the magazine, which is published twice a year and whose objective is to be a means of transmission of scientific interdisciplinary articles written by members of Sociedade Científica of Universidade Católica and of other academic institutions who want to have their work published and acknowledged at home and abroad. It also has the objective of contributing to the knowledge and the disclosure of critical reflections and research. One of the capacities of the Board is the establishment of the editorial policy of the magazine regarding its different Sections such as Articles, Book Reviews, Poetry, and Interviews and, thus directly collaborating with the Director, who, on the other hand, is the link with the President of the Society.

The recently created Editorial Board of *Gaudium Sciendi* is composed by three members of Sociedade Científica, who are Professors at Universidade Católica Portuguesa and reknown scholars in different research areas. Both the diversity in the tuition fields and the levels of seniority were taken into account for the constitution of the Board.

ORGANIZATION

The Editorial Board is constituted by PhD Professors who represent several fields of knowledge and, nowadays, its members are:

- Professor Maria Laura Bettencourt Pires, Chief Editor of *Gaudium Sciendi* and Senior Researcher of the Research Center for Communication and Culture.
- Professor Ana Costa Lopes, Executive Editor and Senior Researcher of the Research Center for Portuguese Culture and of the Research Center for Communication and Culture.
- Professor Marília dos Santos Lopes, Executive Editor and Senior Researcher of the Research Center for Communication and Culture.
-

DUTIES AND OBLIGATIONS

The main objective of the Editorial Board is to assure the publication of the on-line magazine *Gaudium Sciendi*, thus making known original texts that result both from teaching and research activities and are mainly produced by members of Sociedade Científica of Universidade Católica Portuguesa – once their technical, scientific, artistic and literary value have been assured by the *Blind Peer Review*. Besides promoting and publicizing the multidisciplinary scientific production of the academic community in which it is integrated, the magazine also publishes articles written by Portuguese and foreign authors from other institutions, if they follow the editorial policy. The Board must also aim at diffusing new ideas and - due to its care for the content and technological aspects – contributing to the development of an editorial project and search for a graphical *design* that is distinct from others, thus following the tendencies of our days academic editorial market.

MEETINGS

The Editorial Board will meet, as a rule, every three months and extraordinarily, whenever convoked by the President of Sociedade Científica, by the Director of the magazine or by the majority of its members.

ADVISORY BOARD

The Advisory Board of *Gaudium Sciendi* is an external permanent committee that gives scientific advice and support to the Director and participates in the definition of general editorial directives. It is constituted by Portuguese and international academics, researchers and other personalities, who, being well known for their merit and scientific level, are considered experts on the topics published by *Gaudium Sciendi*. The members are invited by the Director, who proposes their names to the President of the Society. The decisions of the Advisory Board are not mandatory.

The Advisory Board of *Gaudium Sciendi* is currently constituted by:

- Luísa Leal de Faria (Universidade Católica Portuguesa), Portugal
- Molefi Asante (Temple University), EUA
- Pedro Louzada da Fonseca (Universidade Federal de Goiás), Brasil
- Ian Campbell (University of Edinburgh), UK
- Dália Guerreiro (Universidade de Évora), Portugal
- Leonídio Ferreira (Direcção Diário de Notícias) Portugal
- Georges Rousseau (Oxford University), UK
- Ana Paula Machado (Universidade Aberta), Portugal
- Catarina Burnay (Universidade Católica Portuguesa), Portugal
- Gerald Bär (Universidade Aberta), Portugal

BLIND PEER REVIEW

The editorial success of the magazine depends on the scientific quality of the articles, which is, obviously assured by the authors but it also depends on the Blind Peer Review Process of evaluation. The Editor, being responsible for the quality, the correction and the variety of the scientific material published in the magazine, has, however, the last word.

The texts sent to *Gaudium Sciendi*, which should not have been published previously, will be evaluated by the Editor and then reviewed according to the *Blind Peer Review* Process. The names of the members of the Blind Peer Review Board as well as those of the authors, whose texts they evaluate, are kept secret. The writers will be informed of the evaluation of their texts and also of any required correction.